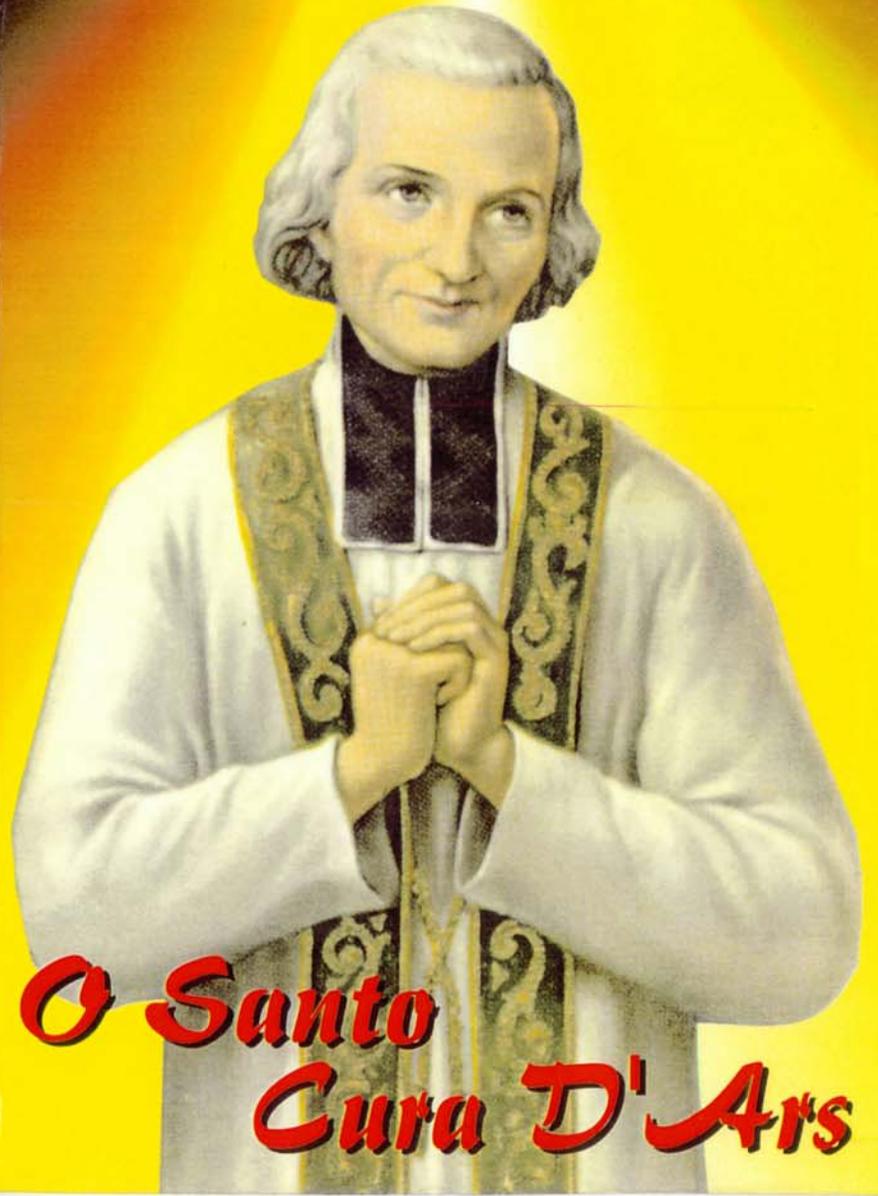


Francis Trochu



*O Santo  
Cura D'Ar's*

*O Santo Cura D'Ar's*

Francis Trochu

CÔNEGO FRANCIS TROCHU

Doutor em Letras

# O Santo Cura D'Ars

São João Batista Maria Vianney

Patrono Oficial dos Párocos

(1786-1859)

Obra premiada pela Academia Francesa

III EDIÇÃO

(Revista e melhorada)

1997

EDITORA LÍTTERA MACIEL LTDA.

CONTAGEM - MG

## Duas palavras

Não obstante o pouco ou nenhum interesse que tem para os leitores prólogos e prefácios, queremos, contudo, dizer duas palavras de informações sobre este notável livro que reaparece no Brasil.

A lembrança de sua publicação em nossa língua e em nossa Pátria nasceu, há mais de 20 anos, de um velho sacerdote Jesuíta e de dois jovens estudantes de Teologia, no saudoso Seminário Central da Imaculada Conceição, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O sacerdote atendia pelo nome de Padre Xavier, exímio Professor de Teologia Moral e do Direito Canônico; mas, nessa época, acabado pelos anos e pelos trabalhos, ocupava-se tão somente com a direção espiritual dos futuros empreiteiros do Dono da Masse. Tendo recebido de sua Pátria distante - a Suíça - um exemplar deste livro cuja leitura fizera-o admirador entusiasta do Santo Cura d' Ars, despertou, por isso, igual entusiasmo no coração daqueles dois jovens estudantes, para que traduzissem e dessem publicidade, no Brasil, a obra de tão alentado valor literário e hagiográfico. Pouco tempo depois falecia o P. Xavier, a cuja memória fica aqui comovedora homenagem de gratidão e de afeto. Os dois jovens estudantes, hoje sacerdotes, que as lidas da vida paroquial, mais do que o tempo, vão consumindo, querem passar sem nome para possuí-los na vida eterna.

O livro do ilustre Cônego Francis Trochu não precisa de favores para se apresentar. É o que de melhor até hoje se escreveu sobre o Santo Cura d' Ars. E dificilmente será superado; pois quem isso tentar terá que copiá-lo. Entre as suas grandes qualidades destaca-se o fato de ter sido o seu autor o primeiro que dispôs de todas as peças do Processo de Canonização e de numerosos documentos inéditos. Outra vantagem, não menor, do autor foi ter tido a suficiente humildade para calar-se muitas vezes, e deixar que falassem o biografado e numerosos contemporâneos seus. Assim temos uma biografia diferente e rara na literatura cristã, onde o Santo aparece como foi de fato e não como o autor imaginou que fosse... Livro que todos podem ler uma vez, sem receio de perder tempo, porque merece ser lido muitas vezes. Vida de herói autêntico que se fez santo, não só pela graça de Deus, mas também por heróicos esforços pessoais. É pois leitura apropriada para todas as classes de pessoas; sumamente agradável e cheia de interessantes pormenores. Compreendê-lo, porém, na sua extensão e profundidade poderão somente aqueles que, nas agruras da vida sacerdotal, já beijaram muitas vezes, longamente, dolorosamente, a Imagem crucificada do Divino Redentor...

Saiu a primeira edição, de 5 mil exemplares, numa modesta tipografia de Porto Alegre. Apesar de suas muitas imperfeições, esgotou-se em pouco tempo. E fez grande bem. Esperamos, pois, que esta Nova Edição, melhor cuidada e em melhores roupagens faça ainda maior bem, elevando e levando muitas almas para Deus.

T.T.

PARTE I

OS ANOS DE PREPARAÇÃO  
(1786-1818)

## Os Primeiros Anos (1786-1793)

*Bento Labre em casa de Pedro Vianney - Os agradecimentos do santo mendigo - Mateus Vianney e Maria Beluse - Nascimento de João Maria - Nos joelhos de uma mãe cristã - Um modelo de obediência - O rosário e a estatuazinha - Os primeiros passos fora da via comum - Ante o altar.*

Pedro Vianney e sua esposa Maria Charavay viviam em Darlly, pequena aldeia situada entre as montanhas circunvizinhas de Lião.

Agricultor remediado e bom cristão, acolhia hospitaleiramente a todos os pobres que lhe batessem à porta. Assim foi que em julho de 1770 a fama de sua caridade lhe atraíu um mendigo que era ao mesmo tempo um santo.

Bento Labre, atormentado de escrúpulos, acabava de deixar a Trapa de Sept-Fonts, onde havia começado o noviciado, com o nome de Irmão Urbano. Decidido na sua vocação de peregrino permanente, pôs-se a caminho de Roma.

O primeiro lugar onde parou mais tempo foi em Paray-le-Monial, visitando demoradamente a capela das Aparições. De Paray dirigiu-se a Lião. Sobrevindo a noite, porém, antes que chegasse à cidade, já bem próxima, resolveu pernoitar no povoado de Dardilly.

Os pobres costumavam recolher-se à casa de Pedro Vianney. Bento Labre foi com eles.

Labre tinha, então, um costume estranho. Andava vestido com a túnica de noviço que lhe fora deixada ao abandonar o convento. Levava alforje a tiracolo, rosário enrolado ao pescoço e um crucifixo de cobre brilhando-lhe sobre o peito. Por única bagagem: um *breviário*, a *Imitação* e os *Evangelhos*.

Com tais atavios penetrou no pátio que havia na frente da modesta casa dos Vianney. O dono da casa acolheu-o como costumava fazer com todos os pobres, e os filhos olhavam com pena para aquele deserdado da sorte, em quem viam o próprio Jesus Cristo, conforme os pais lhes haviam ensinado. Mateus, um dos cinco filhos, estava presente. Sem suspeitar que haveria de ser o pai de outro santo, contemplava o jovem mendigo tão pálido e de expressão tão suave, cujos dedos não cessavam de repassar as contas do rosário.

Na espaçosa cozinha perto do foção, onde, 16 anos mais tarde, o menino predestinado aqueceria, os pesinhos descalços, Bento Labre e os companheiros de

infortúnio, juntamente com os Vianney, sentaram-se em torno a escudela de sopa fumegante.

Foi-lhes servido depois o toucinho com legumes. E, recitada a ação de graças e a oração da noite, subiram a um quarto que havia por sobre o forno, a fim de repousarem em bom colchão de palha.

No dia seguinte, ao se despedirem, todos agradeceram, mas um deles, o jovem de 20 anos, de traços delicados e de maneiras polidas, manifestou sua gratidão em termos tais que denotara instrução esmerada e piedade profunda. Pouco depois, qual não foi a surpresa de Pedro Vianney, ao receber carta do pobre peregrino. Bento era mui parco em escrever. Muito grata lhe fora, portanto, a hospitalidade de Dardilly, e pode ser que, inspirado por Deus, tivesse pressentido o menino de bênçãos que haveria de tornar para sempre ilustre aquela casa.



Oito anos depois, a 11 de fevereiro de 1778, em Ecully, povoado distante de Dardilly apenas uma légua, Mateus Vianney desposava Maria Beluse. Se Mateus era cristão fervoroso, sua jovem esposa trazia como o melhor dos dotes uma fé operante e esclarecida.

Deus abençoou aquela união. Tiveram seis filhos que, segundo o piedoso costume da época, foram consagrados à Virgem SS. ainda mesmo antes de nascer: Catarina que, casando-se muito jovem, morreu santamente pouco depois; Joana Maria, que foi para o céu apenas com cinco anos; Francisco, futuro herdeiro da casa paterna; João Maria, mais tarde somente conhecido pelo nome de *Cura d'Arts*; Margarida, a única dos irmãos Vianney que sobreviveu, e por muito tempo, a seu santo irmão; enfim um segundo Francisco, apelidado *cadete*, que, assentando praça, deixou Dardilly para nunca mais voltar.

Vindo ao mundo por volta da meia noite, a 8 de maio de 1786, João Maria foi batizado no mesmo dia.

Foram-lhe padrinhos o tio paterno João Maria Vianney e Francisca Martinon, esposa do mesmo. O padrinho, sem mais delongas, contentou-se em dar ao afilhado o seu próprio nome.

Desde que o pequeno, pelo que parece, mais mimoso do que os outros, começou a distinguir os objetos exteriores, sua mãe comprazia-se em lhe mostrar o crucifixo ou as imagens piedosas que ornavam os compartimentos da casa. E quando os bracinhos se puderam mover com algum desembaraço fora das mantilhas, começou a lhe guiar a mão incerta, da frente ao peito e do peito aos ombros. Em pouco tempo o pequeno contraiu este hábito. Contava 15 meses, quando, certa ocasião, tendo-se a mãe esquecido de o ajudar a fazer o sinal da cruz, antes de lhe servir a sopa, o menino cerrou os lábios acenando com a cabeça, várias vezes, que *não*. Maria Vianney logo entendeu o que o filho desejava. Apenas tomou-lhe da mão e os lábios cerrados se abriram por si mesmos.

Será que João Maria Vianney “desde o berço deu sinais inequívocos de futura santidade”, como se conta de S. Raimundo Nonato, de S. Caetano, de S. Afonso de Ligório, de S. Rosa de Lima, e de tantos outros? Nenhum dos documentos que se conservam falam de semelhantes prodígios.

O certo, porém, é que, nas coisas de piedade, foi um menino precoce, correspondendo melhor que irmãos e irmãs aos cuidados de sua ótima mãe. Era uma dessas naturezas privilegiadas que se dirigem espontaneamente para Deus.

Na idade de 18 meses, quando a família se reunia para a oração da noite, ajoelhava-se de sua própria iniciativa entre os demais, juntando as mãozinhas com devoção. Depois a piedosa mãe deitava-o e antes de abraçá-lo pela última vez, inclinava-se sobre ele, falando-lhe do Menino Jesus, da Virgem SS. e do Anjo da Guarda... O menino adormecia ao suave murmúrio da voz materna.

Cresceu; deu os primeiros passos e começou a andar ligeiro e vacilante pelo interior e ao redor da casa, sem contudo afastar-se muito, pois mais abaixo, junto ao jardim, havia um poço cheio d'água onde bebiam os animais. Por esse motivo a solícita mãe não o podia perder de vista. Quando se desocupava dos afazeres domésticos, instruía o filho com palavras infantis e expressões apropriadas à sua idade. Foi assim que aprendeu o *Pai-Nosso*, a *Ave-Maria* e as noções fundamentais sobre Deus e a alma.

O menino, por sua vez, à medida que crescia em idade propunha à mãe novas questões. O que mais lhe interessava eram os mistérios da infância de Jesus, especialmente o Natal, o presépio e os pastores. Acontecia que esses inocentes colóquios se prolongavam até a noite. Para ouvir contar a História Sagrada João Maria passava horas e horas com a mãe e Catarina, a mais piedosa das irmãs. Às vezes, “ajoelhado no pavimento, juntava as mãos, ocultando-as entre as da mãe.

No verão, Mateus Vianney saía para o campo de manhã cedo. Mais tarde se lhe ajuntava a esposa com todo o bando infantil.

Catarina e Francisco, com uma vara na mão, iam um pouco adiante, tocando as vacas e ovelhas da granja. Seguiam João Maria e Margarida, apelidada de *Gothon*, montados num burrico. Chegadas ao campo, as crianças se atiravam sobre a relva ou vigiavam os animais na pastagem. João Maria, alegre e brincalhão, animava as brincadeiras. Não era, pois, como descreveu o seu primeiro biógrafo uma dessas crianças singulares que carecem da graça e esperteza próprias da idade. Naquele rapazito de olhos azuis, cabelo escuro, tez morena e olhar vivo, a piedade precoce não excluía de maneira alguma certa petulância natural. “Nasceu com um caráter impetuoso”; precisou mais tarde, para adquirir a perfeita doçura, de longos e meritórios esforços. Não obstante, já desde a tenra infância, aquele menino, tão sensível e nervoso, soube dominar-se. A ajuizada mãe que conhecia a eficácia do exemplo apresentava-o, muitas vezes, como modelo, aos irmãos e irmãs. “Vejam, costumava dizer-lhes quando não se submetiam prontamente às suas ordens, vejam João Maria, é mais obediente do que vocês; faz logo o que lhe mandam”.

Contudo, ao menos uma vez, chegou a derramar lágrimas. João Maria possuía um lindo rosário, que tinha em grande estima. *Gothon*, 18 meses mais moça, achou-o também do seu agrado. Naturalmente o quis logo para si. Deu-se uma cena violenta entre irmão e irmã: gritos, empurrões e ameaças de pugilato. O pobre menino, todo amargurado, correu para junto da mãe. “Meu filho, dá o teu rosário a *Gothon*, lhe disse ela com voz branda, mas firme... sim, dá-lhe por amor de Deus”. Imediatamente João Maria, soluçando, entregou o rosário, que assim mudou de dono.” Para uma criança de quatro anos era um belo sacrifício! A fim de enxugar-lhe as lágrimas, a mãe, em vez de carícias e mimos, deu-lhe uma pequena imagem de madeira que representava a Virgem Santíssima. Aquela tosca imagem havia-a contemplado, muitas vezes, sobre a estufa na cozinha, desejoso de a possuir.

Agora era dele, toda dele! Que felicidade! “Oh! quanto eu amava aquela imagem, nos dirá 70 anos mais tarde. Não podia separar-me dela, nem de dia, nem de noite e não dormia tranqüilo, sem tê-la na cama, ao meu lado... A Santíssima Virgem é a minha mais antiga afeição; amei-a mesmo antes de a conhecer”.

Algumas testemunhas dos anos de infância, particularmente a irmã Margarida, contam como, ao primeiro toque do *Angelus*, se ajoelhava antes que os outros. Às vezes retirava-se para um canto, punha sobre uma cadeira sua querida imagem e orava diante dela com grande recolhimento. As crianças desconhecem aquela necessidade que se chama respeito humano: onde quer que estivesse, em casa, no jardim, na rua, João Maria “bendizia a hora”, isto é, à imitação da mãe, cada vez que soava uma nova hora, persignava-se e rezava uma Ave-Maria. Ao terminar, persignava-se novamente. Assim deu ocasião a um lavrador, que trabalhava perto, de dizer a Mateus Vianney: “Creio que o seu *morenito* me toma pelo diabo”. O pai contou isto em casa.

– Por quê fazes isso? – perguntou-lhe a mãe.

– Eu não sabia, respondeu João Maria, que o vizinho estava me vendo. Mas não é antes e depois da prece que se deve fazer o sinal da cruz? As vizinhas ouviam-no rezar em voz alta e diziam aos pais:

“Sabe bem as ladainhas; será bom encaminhar o vosso João Maria para ser sacerdote ou religioso”.

Pode ser que Maria Vianney nada tivesse pressentido do maravilhoso futuro de seu filho predileto. Nem por isso deixava de ser preciosa a seus olhos a beleza daquela alma, da qual procurava afastar até mesmo a sombra do pecado. “Olha, meu João, lhe repetia, se tuas irmãs e irmãos ofendessem a Deus eu sentiria muito, porém, muito mais ainda se fosses tu.”



Certamente João Maria não era um menino vulgar. Aquele privilegiado da graça divina, antes mesmo de chegar ao uso da razão, deu os seus primeiros passos fora do

caminho ordinário. Nesse sentido parece que deve ser interpretado o seguinte acontecimento:

Uma tarde, quando contava uns 4 anos, João Maria saiu sem dizer nada a ninguém. A mãe deu pela falta. Chamou-o. Escutou. Nem resposta. Procurou ansiosa, no pátio, atrás dos montes de lenha e de feno. O menino não aparecia. Ele que sempre respondia à primeira chamada!

Enquanto se dirigia ao estábulo, onde se poderia ter escondido, a mãe pensava no poço escuro e profundo em que bebiam os animais.

Mas quem haveria de imaginá-lo num canto escuro, ajoelhado entre dois animais que ruminavam pavorosamente? O inocente rezava com fervor, de mãos postas, diante da imagem da Virgem. Maria Vianney tomou-o nos braços e o apertou ao coração. “Oh! meu filho, tu estavas aqui, lhe disse com voz trêmula pelo pranto. Por que te escondeste para rezar? Tu bem sabes que nós rezamos juntos”.

O menino sentia a mágoa causada à mãe. “Perdão, mamãe, eu não sabia... não farei mais.” gemia ele abandonando-se nos braços maternos.

Enquanto numa pequena aldeia desconhecida desenrolavam-se tais cenas de família, formidáveis acontecimentos sobrevieram na França. Mas nem o saque de S. Lázaro e a tomada da Bastilha (13 e 14 de julho de 1789), nem o decreto espoliador dos bens do clero (2 de novembro), nem a lei que suprimia os votos e os mosteiros (13 de fevereiro de 1790), causaram muita impressão à boa gente dos campos, que, ou estava mal informada ou ainda não compreendia o alcance dos acontecimentos. Permaneceram tranqüilos até o dia em que a Revolução pela *Constituição civil do clero* ameaçava os seus sacerdotes e altares (26 de novembro de 1790).

A sra. Vianney, “que era de uma piedade eminente”, assistia sempre que podia à missa pela manhã. Ia de ordinário com Catarina, a filha mais velha. Mas seu companheiro predileto tornou-se dentro em breve o pequeno de 4 anos, que, tão precoce para a piedade, já sentia fome de Deus. Quando na igreja, que ficava bem perto, uma badalada anunciava a missa, João Maria suplicava a mãe que o levasse. Ela não tardava em anuir aos seus rogos. Ajoelhava-o junto de si, e lhe ia explicando os diversos atos do celebrante. Assim foi que começou a criar gosto pelas santas cerimônias. Os seus olhares passavam do celebrante - a quem achava encantador com os paramentos bordados - ao coroinha, cujo roquete branco e sotaina encarnada o extasiavam.

Gostaria também ele de ajudar a Missa, porém seus bracinhos eram ainda mui débeis para trasladarem o grosso missal. De vez em quando se voltava para a mãe e aprendia a rezar vendo-a tão recolhida e como que transfigurada por uma luz interior.

– Mais tarde, quando o felicitavam por ter adquirido tão cedo o gosto pela oração e pelo altar, respondia com emoção e lágrimas: “Depois de Deus, devo à minha mãe. Era tão boa. A virtude passa facilmente do coração das mães para o coração dos filhos... Jamais um filho que teve a dita de ter uma boa mãe poderia vê-la, ou pensar nela sem chorar”.

## Um pastorzinho durante o terror (1793-1794)

*Os Vianney na missa do padre juramentado – A santa indignação de Maria Vianney – João Maria e os padres fiéis – A missa nas granjas – Os combates nos arredores de Lião Dardilly e Chante-Marle – Preces e procissões campestres – Jogos e sermões – João Maria Vianney e Marion Vincent – João Maria e os pobres errantes – A vida em família.*

Em janeiro de 1791, época em que a Constituição Civil entrou a vigorar na comarca de Lião, João Maria ainda não tinha completado cinco anos. O P. Jaques Rey, cura de Dardilly durante 39 anos, cometera a fraqueza de prestar o juramento cismático. Mas, a dar-se crédito as tradições locais, esclarecido pelo exemplo do coadjutor e dos colegas vizinhos, que haviam recusado o tal juramento, não tardou muito em compreender e detestar sua falta. Permaneceu ainda por algum tempo na paróquia celebrando a missa numa casa particular, retirando-se depois para Lião. Mais tarde teve que exilar-se na Itália.

Se a saída do P. Rey não passou despercebida, Dardilly contudo não foi perturbada ao ponto que se poderia esperar. A igreja continuou aberta, pois veio outro sacerdote, enviado pelo novo bispo de Lião, um certo Lamourette, amigo de Mirabeau, nomeado pela Constituição, sem mandato de Roma, em lugar do venerável Mons. Marbeuf. O novo cura como também o novo bispo haviam prestado o juramento; mas como poderia suspeitar a boa gente de Dardilly que a Constituição Civil, da qual ignoravam, talvez, o próprio nome, pudesse conduzi-los ao cisma e a heresia? Nenhuma mudança aparente se havia operado, quer nas cerimônias, quer nos costumes paroquiais. As pessoas simples de coração assistiram por algum tempo sem escrúpulos a missa do “padre juramentado”. Do mesmo modo procedeu com toda a boa fé Mateus Vianney, a esposa e seus filhos.

Entretanto abriram-se-lhes os olhos. Catarina, a mais velha das filhas, posto que naquela época não contasse mais de uma dúzia de anos, foi a primeira a pressentir o perigo. No púlpito, o novo pároco nem sempre tratava dos mesmos assuntos como o P. Rey. Os termos *cidadãos*, *civismo*, *constituição*, pontilhavam suas prédicas. As vezes descambava em ataque contra seus predecessores. ‘Cada vez mais a afluência à igreja era menos homogênea e apesar disso mais minguada do que outrora; pessoas

mui piedosas não compareciam mais aos ofícios divinos. Onde, pois, ouviam missa nos dias de festa? Pelo contrário iam outros que nunca haviam freqüentado o templo. Catarina sentiu certos receios e os manifestou à mãe. As coisas andavam nesse pé, quando os Vianney receberam a visita de um parente que residia em Ecully.

“Ah! meus amigos, que fazeis?” perguntou-lhes ao ver que assistiam a missa do padre “juramentado”. “Os bons sacerdotes recusaram o juramento, por isso são caçados, perseguidos, obrigados a fugir. Felizmente em Ecully, há alguns que ficaram entre nós. A estes é que vos deveis dirigir. O vosso novo cura separou-se da Igreja Católica com o seu juramento. Não é de modo algum vosso pastor e não o podeis seguir”.

Como que fora de si por essa revelação, a mãe de João Maria não trepidou em interpelar o infeliz sacerdote e censurar-lhe a apostasia da verdadeira Igreja. Ao citar-lhe o Evangelho, onde está escrito que o ramo separado da videira será lançado ao fogo, levou-o a seguinte confissão:

– “É verdade, senhora, a videira vale mais do que o sarmento”. Maria Vianney deve ter explicado aos seus a falta daquele padre, pois conta-se que o pequeno João Maria “mostrou horror por esse pecado, começando dali por diante a esquivar-se do cura juramentado”. Desde então a igreja paroquial, relicário de tão suaves recordações, onde os pais se haviam casado e os filhos recebido o batismo, deixou de ser para a família Vianney lugar predileto de oração. Não tardou muito a ser fechada.



Chegaram, porém, os dias da sangrenta perseguição. Todo sacerdote que não prestasse juramento se expunha a ser encarcerado e executado, sem recurso possível, dentro de 24 horas. Quem os denunciasse receberia cem libras de recompensa. Quem, ao contrário, lhes desse asilo, seria deportado. Assim rezavam as leis de 24 de abril, 17 de setembro e 20 de outubro de 1793.

Apesar dessas ameaças terríveis, os sacerdotes fiéis andavam escondidos pelos arredores de Dardilly, e a casa dos Vianney ocultou a todos, um após outro. Em algumas ocasiões celebravam nela a santa missa. Foi um milagre o dono da casa não ter caído na suspeita de alguns jacobinos, pagando com a cabeça a sua santa audácia.

Mas foi mesmo em Lião ou nos seus arrabaldes que os confessores da fé receberam, com mais freqüência, generoso abrigo.

Mensageiros de confiança, enviados de Ecully, passavam em certos dias pelas casas das famílias católicas e lhes indicavam o esconderijo, onde na noite seguinte haveriam de ser celebrados os divinos mistérios. Os Vianney partiam, sem ruído, e andavam, muitas vezes, por longo tempo na escuridão da noite. João Maria, todo feliz por ir àquela festa, valentemente meneava as perninhas. “Os irmãos murmuravam de vez em quando, achando a distância demasiada, mas a mãe lhes dizia: “Imitem a João Maria que nunca se cansa”.

Chegados ao lugar combinado, eram introduzidos num paiol ou quarto retirado,

quase às escuras. Ao pé de pobre mesa, rezava um desconhecido cujo semblante fatigado esboçava suave sorriso. Depois dos cumprimentos, no canto mais escuro, detrás duma cortina, em voz baixa, o bom padre aconselhava, tranquilizava e absolvía as consciências. Não raro jovens noivos pediam que lhes abençoasse o matrimônio. Enfim, chegava a hora da missa, a missa tão desejada por grandes e pequenos. O padre dispunha sobre a mesa a pedra d'ara que trouxera consigo, o missal, o cálice e numerosas hóstias, pois não seria só ele a comungar naquela noite. Revestia-se com paramentos amarrotados e desbotados. Depois, envolto por silêncio profundo, começava as preces litúrgicas, *Introibo ad altere Dei*. Que unção na voz, que recolhimento e que comoção a da assistência! Frequentemente misturavam-se às palavras santas os contínuos soluços do celebrante, Dir-se-ia uma missa nas catacumbas antes da prisão e do martírio. Como se comovia naqueles momentos inesquecíveis a alma do pequeno Vianney! De joelhos, entre a mãe e as irmãs, orava como um anjo e chorava por ouvir chorar. Além disso, com que atenção escutava, sem compreender nada, os graves ensinamentos daquele proscrito que arriscava a vida por amor às almas. Não teria sido naquelas reuniões noturnas que ouvira, pela primeira vez, o chamado ao sacerdócio?

1793. O Terror. Em Lião corria o sangue. Na Praça dos Terrors, a guilhotina não descansava. O proconsul Chalier havia inscrito 20 mil lionenses nas suas listas de proscricção. Uma revolta popular, chefiada por De Précy, fez subir ao cadafalso o próprio proscrito. Os católicos se limitavam a esperar, quando um exército da Convenção, sob o comando de Couthon e Dubois-Crance pôs sítio à cidade. De 8 de agosto a 9 de outubro, De Précy resistiu valentemente e só se rendeu pela fome. O pequeno de 7 anos não se podia dar conta exata de tais acontecimentos. Do campo da casa paterna, ouvia-se muito bem o ruído do combate. Dubois-Crance estava acampado nos arredores de Limonet, alguns quilômetros ao norte de Dardilly, e os soldados da Revolução passavam de contínuo pelo povoado.” Mas os ruídos da guerra inquietavam menos ao piedoso menino do que o obstinado silêncio dos sinos. A igreja continuava fechada. Pelos caminhos havia só os pedestais dos cruzeiros: de Lião vieram homens para derrubar as cruzes.” Em casa era necessário esconder cuidadosamente os crucifixos e as imagens religiosas. Somente nos verdadeiros fiéis, o santuário dos corações permanecia inviolado. João Maria não se desfez da sua pequena imagem da Virgem; guardou-a com mais precauções do que nunca, levando-a ao campo num bolsinho do casaco.



As crianças esquecem ou se consolam bem depressa. Contentam-se com pouca coisa!

A revolução ensanguentava a França. Nos campos de Dardilly, porém, os pássaros continuavam a cantar e os cordeiros, a balir. João Maria Vianney, durante aqueles meses terríveis, viveu horas de paz na quietude da natureza, onde o “homem inimigo” não havia apagado os vestígios de Deus. Os horizontes de Dardilly eram vastos e

belos. O povoado erguia-se no extremo de um planalto rochoso que se inclina para o lado de Lião. Dali Mont d'Or e as montanhas de Fourvière aparecem bem próximas. Mas os olhares e os pensamentos de João Maria não vagueavam sobre aquelas alturas. Preferia os campos do pai, cujo verdor vestia os outeiros ondulantes em Pré-Gusin, em Chene-Rond ou em Chante-Marle. Por ali se estendiam as pastagens da granja.

No dia 8 de maio de 1793 completava 7 anos. Era já bastante crescido para prestar algum serviço. Foi-lhe confiada a guarda do rebanho. Duas vezes por dia levava ao estábulo o burro, as vacas e as ovelhas. Conduzia pela mão a irmãzinha *Gothon*, pois os caminhos que davam para o vale eram tortuosos e semeados de seixos. Ambos prometiam andar com cuidado. Aliás, teriam com que se ocupar: levavam lã para tecer meias. Naqueles tempos, enquanto cuidavam dos animais, pastores e pastoras faziam meias.

Posto que o profundo vale de Chante-Marle tenha perdido, com as suas belas árvores de outrora, o recolhimento e a solidão, é ainda delicioso, com o riacho de *Planches* marginado de rosais silvestres.

As aves canoras ali são abundantes. João Maria Vianney sentia grande atrativo por aquele recanto da natureza e conservou dele saudosa recordação. No meio do entusiasmo e das aclamações da multidão, o ouviremos suspirar pelos campos paternos, onde era tão feliz, porque ali “encontrava tempo para orar a Deus e pensar na alma”.

Ao chegar ao campo, ambos se ajoelhavam conforme a recomendação materna, a fim de oferecer a Deus seus trabalhos de pequenos pastores; depois vigiavam o gado, cuidando bem que as vacas não causassem dano às plantações do vizinho.

Sem dúvida *Gothon* passava gostosamente o tempo a conversar com João Maria, porque ele sabia muitas histórias. Contava-lhe episódios do Antigo e do Novo Testamento; ensinava-a a rezar e dava-lhe conselhos sobre a piedade. “Olha, *Gothon*, dizia ele, quando estiveres na missa te debes portar bem piedosamente”, e mostrava como ela devia fazer.” Mas o menino, que fora surpreendido em oração no estábulo, não cessava de experimentar aquela fome de Deus, que é o tormento e a alegria das almas santas. “Faze tu a minha meia”, pedia à Margarida, “enquanto eu vou rezar na beira do regato”. Havia do outro lado um salso carcomido pelo caruncho. João Maria colocava a imagem no oco da velha árvore, rodeava-a de musgo, ramas e flores, depois, como um anjo, de joelhos sobre a relva, punha-se a desfiar o rosário. As margens do regato faziam as vezes de templo, onde só ele rezava. Algumas vezes João Vianney erguia à Virgem verdadeiro altar. Com a terra úmida da barranca construía pequenas capelas e modelava imagens de santos ou de padres.” Possuía certa destreza nos dedos, que, com a educação, se foi aperfeiçoando. Chegou a fazer uma imagem da Virgem Santíssima “que era sofrível: seu pai queimou-a no forno e foi conservada por muito tempo em casa”. Acabado o altar, *Gothon* e ele, fazendo reviver vagas recordações de procissões e festas do Corpo de Deus, que tinham sido abolidas, cantavam trechos de alguns hinos.

Por aqueles arredores andavam outros pastores. Nem sempre eram companhias dignas de crianças bem educadas. Mas João Maria não os podia impedir de virem ter

com ele. Em certos dias passavam muitos deles pelo campo dos Vianney e contemplavam com admiração o altar coberto de verdura. Às suas perguntas João Vianney respondia com toda clareza e sem constrangimento. Como era possível que aqueles meninos de sua idade ignorassem o que representavam aquelas imagens? Também eles tinham ido à igreja em melhores tempos, porém menos piedosos e observadores do que João Maria, esqueceram as belas cerimônias dos domingos e dias de festas. Assim foi que, sem pensar, o pequeno Vianney se convertera em apóstolo e catequista de seus companheiros. De pé ante o rústico altar repetia tudo quando tinha ouvido no silêncio inquieto daquelas noites memoráveis; ensinava-lhes as orações que aprendera com a mãe. “Um menino”, acrescentava ele, “não deve desobedecer aos pais nem irar-se, nem proferir blasfêmias e palavras grosseiras”. E concluía gravemente: “Ah! meninos, tende juízo e amai muito a Deus”. Sob as árvores de Chante-Marle acabava de desabrochar uma vocação sacerdotal. O auditório estando mal acomodado, os sermões tinham que ser muito curtos. Não obstante isto, o pequeno pregador sabia atraí-los. Enquanto em toda a França eram proibidas as cerimônias religiosas, naquele vale ignorado, crianças punham-se em procissão com a cruz à frente, feita de dois paus cruzados. Recitavam o terço e cantavam cânticos singelos.

“Quase sempre era eu que fazia de padre”, diria mais tarde ao ver realizados os seus sonhos dourados.

Fora dessas piedosas distrações, o pequeno pregador “gostava pouco de reunir-se com as outras crianças”. Os jogos agitados e barulhentos e algumas conversas o desagradavam. Entretanto, para lhes ser agradável, consentia uma ou outra vez em jogar com eles o jogo da malha.

“Era muito destro”, contava, 70 anos mais tarde, André Provin, seu companheiro de infância, dois anos mais moço do que ele, “e nos ganhava facilmente. Quando perdíamos, naturalmente ficávamos tristes. Ele, vendo a nossa tristeza, dizia: Pois bem, para isso não é que jogamos. E para nos consolar, entregava o que havia ganho, dando sempre um soldo a mais”.

Levava muitas vezes para Chante-Marle um grande pedaço de pão que repartia com as crianças mais pobres, e tal caridade dava-lhe certa ascendência para censurar os mais violentos que, em acessos de cólera, espancavam os companheiros ou os animais com o cajado. “Isso não se pode fazer”, dizia ele docemente, “é pecado”. De ordinário era ouvido. Não obstante, esses contínuos avisos desagradaram a um mau rapaz, mais crescido do que ele. Bateu nas pernas de João Maria, certo de que os golpes não seriam vingados.” Felizmente, entre aqueles meninos, havia-os também delicados e bem educados, tais como Francisco Duclos, André Provin João Dumond.” Nos dias em que *Gothon* não podia acompanhar o irmão, o pai permitia a João Maria levar consigo André, João ou Francisco. “Vem comigo, dizia um dia o pequeno Vianney ao menino Duclos, eu tenho uma boa merenda; vamos reparti-la”. Certa vez, chegados a Chante-Marle, João Maria ocultou-se para rezar, entre os prateados salgueiros que marginavam o regato de *Planches*. – “Onde está ele?”, perguntaram os pastores dos campos vizinhos. Francisco Duclos, apontando indiscretamente com o dedo a pequena

ermida, guiou-os até aos salgueiros e ali o encontraram ajoelhado.

Um dia, depois de almoçar, saiu de casa, com um burro carregado de trigo para levar ao moinho de Saint Didier. A filha do vizinho, Marion Vincent, que contava 7 anos, como ele, quis acompanhá-lo. Os pais de ambos não puseram obstáculo. E lá se foram as duas crianças estrada a fora. Fazia muito calor. Sentaram-se à sombra para descansar e foi a hora das confidências. Marion apreciava muito aquele menino tão bom e tão obediente, cujos olhos brilhavam com tanta doçura. “João Maria, disse ela candidamente, se nossos pais consentissem poderíamos casar-nos...”

“Oh! não, jamais, replicou prontamente, todo surpreso, não falemos mais nisso, Marion”. Levantou-se, puxou o burro pela rédea e os dois pequenos continuaram viagem em direção ao moinho. 60 anos mais tarde, Marion Vincent, sentada no umbral da porta, com a roca na mão, contava sem ressentimento e com voz comovida, aquele gracioso idílio, o mais risonho e talvez o único de sua vida. Em João Maria já se manifestava, aquela modéstia, aquela delicadeza inata que o levou a contrariar até os mais puros e mais legítimos afetos. “Eu bem sei que é coisa permitida, dizia confidencialmente mais tarde, mas algumas vezes me tenho recusado a abraçar minha boa mãe”.

A Convenção pensou destruir todo o culto divino, fechando as igrejas; mas não pode suprimir uma das manifestações mais tocantes da religião: a caridade. Na família Vianney ela continuava a florescer. Era uma virtude herdada dos avós. O apóstolo dessa virtude tão divina foi justamente o nosso santo jovem.

Um dos seus colegas de Dardilly, André Provin, viu-o levar para as casas dos pobres o burrico ruço, carregado de lenha. João Vianney ia radiante de alegria. “Leva duas ou três achas”, lhe dizia o pai, depois acrescentava: “Leva quantas, poderes”.

Quanto aos desventurados errantes, sem casa nem lar, achavam com facilidade agasalho em Dardilly. Os Vincent – pais, de Marion – e os Vianney, fizeram um convênio que bem mostra as suas boas relações e sobretudo os sentimentos altamente cristãos: Os Vincent acolheriam as mulheres indigentes; os homens iriam para a casa dos Vianney.” João Maria indicava aos mendigos a casa paterna. Alguns daqueles pobres, que sempre andavam a pé, levavam consigo crianças pequenas. Comovido até às lágrimas por vê-los tão infelizes, João Maria tomava os inocentes pela mão, e, da porta, os ia recomendando à mãe. A uns faltava o calçado ou o vestido, a outros as calças ou a camisa. A sra. Vianney deixava-se vencer e o filhinho, com o coração nadando em alegria, via saírem dum grande armário os presentes tão desejados. Os pobres se assentavam à mesa com os donos e eram os primeiros a serem servidos. Uma noite a Providência enviou aos Vianney 20 convivas dessa espécie. “Não há bastante sopa para todos”, disse a esposa ao marido. “Não importa, eu ficarei sem ela”, replicou o bravo campônio.” Entre aqueles caminhantes havia, quem sabe, sacerdotes proscritos, talvez também incrédulos imbuídos das idéias da época. Por uma proteção especial do céu a família Vianney não foi tráfda. Considerando bem, expunham-se a muitos perigos. Depois da sopa, as portas eram fechadas e os hóspedes, convidados a se porem de joelhos. Uma voz de união se elevava clara e pura: João

Maria recitava as orações da noite. Depois, juntamente com os irmãos, acompanhava os pobres ao celeiro ou junto ao forno, onde lhes arranjava um grande leito de palha. E a paz de Deus envolvia dentro em breve a caridosa morada.

Antes de se deitar João Vianney fazia o que vira o seu pai fazer, o que fez outrora o avô Pedro Vianney. Varria o lugar onde se tinham assentado os hóspedes; punha a secar ao fogo, que se ia apagando, as velhas capas molhadas pela chuva. Finalmente, em companhia da mãe ou da irmã mais velha, entretinha-se com práticas religiosas, e assim a sua piedade ia sempre aumentando. Toda a família recitava por fim alguns Pai-nossos e Ave-marias por seus defuntos ainda no purgatório – os mendigos do além-túmulo – e davam-se as boas noites.

Desde aqueles tempos João Maria era devoto das almas do purgatório. No correr de 1793 “morreu uma de nossas tias, contava Margarida Vianney. Dizíamos entre nós: “que maçada; temos agora que ajuntar outro Pai-Nosso e outra Ave-Maria, como se já não fossem bastantes”. João Maria, que contava então 7 anos, replicou: “Oh! meu Deus, que é mais um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, se os dizemos num instante”. Muito cedo, o nosso santo, que nunca fora menino mal comportado, foi, segundo o costume, entre a gente do campo, dormir no canto do estábulo, onde havia uma cama para ele e Francisco. “Sejamos bem comportados, dizia ao irmão mais velho, tenhamos juízo para não sermos surpreendidos como os pecadores”.

## A escola, a primeira confissão, a primeira comunhão (1794 – 1799)

*As lições do cidadão Dumas – Um aluno exemplar – Os padres missionários: Groboz e Balley – A primeira confissão de João Maria Vianney – Em Ecully, na granja de “Point-du-Jour” primeira comunhão de um santinho.*

A julgar por diversos acontecimentos de sua infância, João Maria chegou ao uso da razão muito cedo. Estava longe de ser um tardio. Apesar disso, fora das coisas de religião, com a idade de 9 anos, ignorava quase todas as disciplinas profanas. A irmã mais velha, Catarina, ensinou-lhe o que sabia, conseguindo ele desse modo soletrar um livro de orações. Era pois chegado o tempo de freqüentar a escola. Infelizmente, porém, não existia escola em Dardilly.

A lei de 19 de dezembro de 1793 (29 frimaire ano II) dispunha que todas as crianças de 6 a 10 anos deveriam freqüentar as escolas públicas durante três anos consecutivos, sob pena de os pais incorrerem numa multa equivalente à, quarta parte de seus haveres. A instrução seria comum para todos e para todos obrigatória. Dessa maneira julgavam os revolucionários que tal lei se estenderia até a última das mais ignoradas aldeias. Sonho irrealizável, pois a Revolução suprimiu as fontes de ensino. “O ensino é livre”, proclamava no primeiro artigo a lei de 29 do “frimário”. Mas ninguém podia ensinar a não ser que tivesse prestado o juramento e obtido o atestado de civismo. Nenhum membro das congregações religiosas, nenhum sacerdote, poderia ser escolhido como professor.

De mais a mais, havia insuficiência de professores jacobinos. A pequena escola de Dardilly, regida até 1791 por um bom cristão, foi fechada, não sendo mais reaberta. Até no domínio da instrução infantil, a queda de Robespierre (27 de julho de 1794, 9 termidor ano II), provocou uma forte reação. A Convenção, abolindo o juramento de civismo exigido dos professores, reconheceu o direito a todo o cidadão de ensinar (17 de novembro de 1794, 27 brumário, ano II). Graças a essa tolerância, no começo de 1795, o “cidadão” Dumas abriu uma escola em Dardilly. Era na estação invernos, época em que as crianças não estavam ocupadas nos serviços do campo; o novo professor, aliás um bom cristão, viu afluírem alunos em número regular. Ensinava,

além de ler e escrever, contos, história e geografia. João Maria começou a distinguir-se pelo comportamento e aplicação. “O sr. Dumas, dizia Margarida, estava muito satisfeito com o pequeno, dizendo muitas vezes aos outros: “Ah! se vocês se portassem como o Vianneyzinho!” Deveras, os progressos do pequeno deveriam ter sido muito notáveis, pois vê-lo-emos, nos serões de inverno, ler o catecismo, ensiná-lo à Gothon, à irmã menor, ou ainda ler em voz alta a vida dos santos, escutada religiosamente pela família e pelos pobres.

Infelizmente a igreja continuava fechada. Houve certo momento de esperança com a morte de Robespierre. A perseguição perdeu muito de sua violência. O *decreto do ventoso* (3 ventoso, ano III, 21 de fevereiro de 1795) ab-rogava o culto do Ser Supremo, inaugurado pela Convenção e suprimia a Constituição Civil do Clero. Mas, depois destes meses (11 prairial, 30 de maio), novo decreto dispunha “que ninguém poderia desempenhar o ministério de algum culto religioso (nas igrejas que ainda poderiam ser abertas) a não ser que antes fizesse ato de submissão às leis da república”.

O velho cura de Dardilly, P. Rey, não havia aparecido, nem outro sacerdote não juramentado para tomar conta da paróquia.

A família Vianney, que não simpatizava com nenhum padre sujeito ao decreto de 30 de maio, continuava a ouvir a missa em casas particulares.

Até o fim de 1794 os padres católicos que permaneceram na comarca de Lião não chegavam a trinta. Apesar da pena de morte, asseguravam o serviço religioso, ainda que sem ordem nem continuidade, ora aqui, ora acolá, por não lhes ser possível fixar residência. A França convertera-se em terra de missão e mesmo em algo pior. Não obstante, fazia-se sentir a necessidade duma ação organizada. Se Mons. de Marbeuf achou que era seu dever emigrar, o vigário geral, P. Linsolas, disfarçando-se, não abandonou a cidade. No começo de 1794, dividiu a paróquia em grupos paroquiais, e, para cada grupo, designou missionários, coadjuvados por catequistas leigos. Ecully ficou sendo um centro missionário, ao qual pertencia Dardilly. Conservam-se os nomes dos confessores da fé que exerceram naquela região tão heróico ministério. Foram, em primeiro lugar, dois sacerdotes sulpicianos, Pes. Royer e Chaillon, antigos dirigentes do seminário maior; depois, um religioso, arrancado do seu convento pela tempestade revolucionária, o P. Carlos Balley, a quem teremos ocasião de ir conhecendo no decurso deste livro. Enfim, o P. Groboz, cura da paróquia de Sainte-Croix, que tendo fugido para a Itália transpôs novamente os Alpes para substituir, de algum modo, a tantos colegas condenados à morte. Esses quatro padres viviam separados, dispersos em Ecully. Por motivo de precaução, adotaram um ofício que aliás exerciam bem pouco. Sabemos que o P. Balley trabalhava de marceneiro e o P. Groboz de cozinheiro... As ferramentas e utensílios que carregavam davam-lhes certa aparência diante do povo eram explicação suficiente de suas idas e vindas. Não saíam quase a não ser ao cair da tarde, indo por caminhos esquivos ao lugar combinado, onde diziam missa.

Com que respeito João Maria contemplava no altar aqueles homens envelhecidos antes do tempo, que traziam no semblante os sinais de tantas fadigas e de tantas privações suportadas pelas almas! A eles mesmos chamou a atenção aquele menino

de límpidos olhares que orava com tanto recolhimento e com tanto fervor. Certo dia, no ano de 1797, o Pe. Groboz passou por Dardilly e visitou a casa dos Vianney. Abençoou as crianças uma após outra. Perguntou a João Maria:

- Quantos anos tens?
- Onze anos.
- Desde quando não te confessas?
- Eu nunca me confessei, replicou todo admirado.
- Pois façamo-lo agora mesmo”.

João Maria ficou a sós com o padre e começou a sua primeira confissão. “Sempre me lembro dela, dizia mais tarde; foi em casa ao pé do relógio”. De que pecados se poderia ter acusado? É de crer que a perfeita candura daquela alma de criança maravilhou o sacerdote que Deus enviara para receber suas confidências. Foi para o sacerdote uma revelação. Era necessário para aquela criança instrução religiosa mais completa. Poderia encontrá-la com as damas catequistas instaladas secretamente em Ecully. Não custou muito ao P. Groboz convencer os pais. João Vianney não poderia, pois, ficar por alguns meses, em casa de Margarida Beluse, irmã de sua mãe, casada com Francisco Humbert?



Qualquer razão de força maior – provavelmente a obrigação de enviar ainda por algum tempo o menino a escola do Sr. Dumas, – fez com que fosse adiado para o ano seguinte a execução desse desejo. Finalmente, pelos meados de maio de 1798, Maria Vianney levou para Ecully o seu predileto. Ficou combinado que a tia Margarida hospedaria o sobrinho, mas que os pais dariam a roupa e o alimento. Graças a esse arranjo, João Maria pode ver freqüentemente na casa do *Point-du-Jour* – era esse o simpático nome da casa – o pai, a mãe, irmãos e irmãs.

Duas religiosas de S. Carlos, as irmãs Combes e Deville, cujo convento não existia mais, encontraram refúgio em Dardilly. Os missionários confiaram-lhes a delicada tarefa de prepararem as crianças para a primeira comunhão.

João Maria foi instruído por elas juntamente com outros quinze.

O grande dia foi precedido por um retiro. Durante esse tempo o jovem Vianney parecia todo abismado em Deus. “Já naquela idade, disse mais tarde Fleury Véricel, de Dardilly, nós o olhávamos como a um santinho. Rezava, rezava e não se comprazia em outra coisa. “Vede, diziam os colegas, dando-lhe um apelido que por certo provinha da família de Mateus Vianney, vede o pequeno “Gorducho” que faz concorrência ao seu anjo da guarda”.

Estamos no ano de 1799, “durante o segundo Terror” \*, no tempo em que se corta o feno. A indecisão, que havia seguido à queda de Robespierre, não durou muito; os católicos ainda continuavam a ser perseguidos; os padres morriam às centenas; eram deportados para as Guianas, internados nos porões de Rochefort, de Ré ou de Oléron.

O S. Padre Pio VI, ancião de 82 anos, estava prisioneiro da Revolução. O Calendário republicano continuava a vigorar e a “década” substituíra o domingo. As nossas belas festas religiosas, tão consoladoras para o povo, permaneciam proscritas e tentava-se substituí-las por ridículas cerimônias. Era, ainda necessário esconder-se para orar a Deus. Em Ecully, a casa daquela que daqui em diante chamaremos Pingon, possuía vastas dependências. Foi esse o lugar escolhido pelos P.P. Groboz e Balley, para celebrarem a festa das crianças, festa celestial e esplendorosa, radiante de luz em tempos pacíficos, mas que o povo ignorava naquele fim de primavera. De manhãzinha os 16 meninos de Dardilly, que iam comungar, foram conduzidos separadamente, em trajes ordinários, para uma grande sala, cujas portas e janelas estavam bem fechadas, pois os meninos tinham cada um sua modesta vela e não convinha que fossem vistos de fora. Para maior precaução, puseram diante das janelas algumas carretas cheias de capim, e durante a cerimônia, para dissimular melhor, vários homens se ocupavam em descarregá-las.” As mães levaram com muito cuidado, sob os chalés, os véus e os laços brancos. Cada qual aprontava o próprio filho para a visita divina. João Maria contava treze anos completos. Alma de um senso espiritual já mui apurado, podia bem apreciar o dom que acabava de receber. Tinha fome de Cristo e as tristes circunstâncias haviam tornado ainda mais distante aquele dia.

Recebeu a Eucaristia com o coração cheio de fé, desejo e grande amor: “Eu estava presente, contava Margarida Vianney. Meu irmão estava tão contente que não queria mais sair do lugar onde teve a felicidade de comungar pela primeira vez”. Sem dúvida, havia muito, viviam no seu interior aquelas palavras que haveriam de sair tão ardentes de seus lábios sacerdotais: “Quando a gente comunga, sente algo de extraordinário... um gozo... uma suavidade... um bem-estar que corre por todo o corpo e o faz estremecer... somos obrigados a dizer como São João: Eis o Senhor!... Oh! meu Deus, que alegria para um cristão que se levantando da mesa sagrada vai com todo o céu no coração”.

Mais tarde, não falava de sua primeira comunhão sem verter lágrimas de saudosa ternura.” Passados 50 anos, mostrava aos meninos de Ars o modesto rosário de neo-comungante, exortando-os a conservarem cuidadosamente os seus como lembrança preciosa.”

No mesmo dia voltou com os pais para Dardilly. Passara o tempo da infância e o tempo dos estudos. Ainda que crescesse lentamente, era forte para sua idade. Os trabalhos caseiros da granja e do campo já o reclamavam. Desde então embalsamou mais do que nunca a casa paterna com o perfume de suas virtudes. O aspecto franco, a atenciosa afabilidade que o levava a saudar cortesmente a todo mundo, acabaram por ganhar os corações de todos.

### Trabalhos do campo (1799-1805)

Trabalho santificado – As zombarias dos companheiros – A concordata de 1802 – A Restauração do culto em Dardilly – Ser padre – As primeiras confidências – Os primeiros obstáculos Recebido pelo Pe. Balley.

O golpe de força de 18 brumário, ano IV (9 de novembro de 1799), que pôs nas mãos do general Bonaparte os destinos de França, livrou praticamente a Igreja do jugo perseguidor, sem necessidade de novas leis. Imediatamente os sacerdotes, aproveitando-se da tolerância do primeiro consul, regressaram do exílio. As igrejas começaram a ser reabertas, particularmente a de Ecully, onde os P.P. Groboz e Balley celebraram publicamente a missa. Os católicos de Dardilly se apresentaram em massa; entre os primeiros estava a família Vianney. Enfim, podiam santificar o domingo! João Maria exultava de alegria ao ver brilhar diante do altar uma lamparina acesa indicando a presença de um ser que lhe era muito querido. Quando Dardilly terá o seu sacerdote?... Os corações enchiam-se de esperança.

Dali em diante os trabalhos do campo pareciam menos duros. Um olhar para a igreja distante dava coragem ao trabalhador fatigado! João Maria começava a manejar instrumentos pesados. Deixou à Gothon e ao Francisquinho, que andava pelos 9 anos, a guarda do rebanho. Entretanto, ele ajudava no amanho dos campos, ao pai, ao irmão mais velho e ao empregado da granja. Conforme as estações, lavrava a terra, cavava a vinha, recolhia as nozes, as maçãs, abria valetas, podava as árvores e empilhava a lenha. Ocupava-se ainda em cuidar dos animais no estábulo, em segar o feno, no paiol, na vindima e nos trabalhos do lagar. Ações essas, pequenas em si, mas que se tornam grandes conforme a intenção que as anima. Para João Maria foram de muito proveito, porque as oferecia a Deus de coração todos os dias. Mais tarde ouvi-lo-emos explicar o segredo da vida interior de sua juventude. “É mister, dirá numa de suas catequese, oferecer a Deus o nosso trabalho, o nosso repouso e os nossos passos. Oh! como é belo fazer tudo por Deus. Vamos, minha alma. Se tu trabalhas com Deus és tu que trabalhas, mas é Deus que abençoa o teu trabalho. De tudo tomará nota; a privação de um olhar, dum satisfação, tudo será anotado. Há pessoas que sabem aproveitar-se de tudo, mesmo do inverno. Faz frio; oferecem a Deus os pequenos sofrimentos. Como é bom oferecer-se a Deus toda as manhãs em sacrifício!”

Desse modo João Maria, no campo e em casa, santificava sua alma; tinha sempre presente um mundo invisível. Mas com isso não se tornava indolente e sonhador, era

de compleição robusta e o temperamento inclinava-o para a ação. Certo dia, pouco depois da primeira comunhão, foi com Francisco trabalhar na vinha. Quis emparelhar com o irmão, rapaz de 15 anos; à tarde voltou para casa extenuado, abatido. “Estou cansado, disse à mãe, porque quis acompanhar Francisco”.

– Francisco – disse à mãe magoada, não andes tão depressa, mas ajuda-o um pouco. Bem vêes que ele é mais fraco do que tu.

– Oh! – replicou Francisco calmamente, João Maria não está obrigado a fazer tanto como eu. Que diriam se o mais velho não adiantasse mais no trabalho? No dia seguinte – é Margarida Vianney que conservou tão interessantes recordações – uma irmã de *Antiquaille* de Lião veio à nossa casa. Deu a cada um de nós uma imagem. Trazia uma pequena estátua da Virgem Santíssima encerrada num estojo. todos a queríamos. Deu-a, porém, a João Maria. No dia seguinte foi trabalhar como de costume com Francisco. Antes de pegar no serviço, beijou devotamente os pés da imagem, colocando-a mais adiante, a certa distância. Quando chegou no lugar onde estava, tomou-a respeitosa e fez como na primeira vez... De regresso à casa, disse à mãe: “Terei sempre confiança na Virgem. Hoje invoquei-a e se dignou ajudar-me. Já posso acompanhar no trabalho a Francisco sem sentir cansaço algum”. João Maria e Francisco andaram parelhos por espaço de 8 dias. Trabalharam em silêncio como os trapistas. Para não incomodar a Francisco, João Maria rezava em voz baixa ou mentalmente. “Eia, pensava ele ao dar uma enxadada, é preciso que assim cultives a tua alma, é preciso arrancar a erva daninha, a fim de prepará-la para a boa semente”. Mas quando se achava só no campo, abria o coração a todas as efusões; misturando a sua voz com o gorjeio dos pássaros recitava preces e entoava piedosos cânticos. Costumava desde a infância saudar a Virgem a cada hora que soava, ajuntando à Ave-Maria a piedosa fórmula: *Deus seja Bendito! Coragem, minha alma! O tempo passa! A eternidade se aproxima. Vivamos tal como devamos morrer. Bendita seja a Imaculada Conceição de Maria, Mãe de Deus*”.

Depois da refeição, quando descansavam juntos, João estendia-se como os outros sobre a relva; “fingia dormir, mas orava a Deus, de todo o coração”.

Enquanto essa rude existência prepara-o para maiores austeridades, imagens mais concretas se lhe acumulam na memória. Chegará o dia em que, a exemplo de Cristo, vai inspirar-se nas cenas da natureza é da vida familiar para pregar a verdade. Contempla o vôo as alvas pombas que o fazem pensar no Espírito Santo. O grão de trigo lançado à terra, carecendo de chuva e sol para produzir espigas, é para ele imagem da alma fecundada pela graça. Os frutos mais sazonados e atraentes, picados por um verme, simbolizam aparentes boas obras inspiradas e contaminadas pelo orgulho. Respira o perfume da vinha em flor, menos suave do que o de uma alma que se acha em paz com Deus. O mel que corre dum racimo, maduro afigura-se-lhe a saborosa doçura da oração. O campo inculto lembra-lhe a consciência embrutecida do pecador. Olha para a fumaça que turbilhona sobre as fogueiras dos pastores no inverno; as cruzes atiradas às chamas do amor, diz, são como as ramas de espinho que o fogo consome; os espinhos são duros, mas a cinza é macia.

Ao findar o dia, os trabalhadores dum mesmo quarteirão costumavam, muitas vezes, ajuntar-se a outros, para voltarem ao povoado “ em amigável conversa. Falavam e cantavam; alguns chistes grosseiros, não raro, escapavam durante a conversação. Isso aborrecia muito ao pequeno Vianney. Por outra parte, ao chegar aquela hora em que a mesma natureza parecia recolher-se, experimentava grande desejo de solidão e silêncio. Eis por que resolutamente ficava a uma certa distância dos outros. Então, com o rosário na mão, rezava à vontade. “Os lábios se moviam sem cessar. Os companheiros voltavam-se para contemplá-lo tão modesto e tão bom; alguns também, contaminados pelas idéias daqueles maus tempos, riam-se de sua piedade. “Francisco, diziam com ironia, também não vais murmurar *pai-nossos* com o teu irmão?” Francisco não gostava que zombassem assim do maninho. Sem responder, contentava-se em corar um pouco. Aliás, João Maria bem poderia reduzir ao silêncio os zombeteiros. Grande observador, não desconhecia os defeitos alheios, e as suas réplicas eram sutis e prontas, mas, por... virtude, preferia calar-se. Ocultava o rosário na mão e continuava a prece. E os jovens nécios, envergonhados por tal proceder, mudavam de assunto.

Eram os mesmos camaradas, sem dúvida, que se divertiam em lhe esconder os utensílios. Tais farsas de mau gosto, tantas vezes repetidas, teriam exasperado outros menos pacientes. O pobre João parecia não ter nenhum ressentimento. Sem perder o bondoso sorriso, procurava entre os arbustos a pá ou a enxada e, encontrando o instrumento, voltava alegremente ao trabalho.”

Certo dia Francisco, “por um motivo muito fútil”, o repreendeu com palavras mui ásperas. João poderia ter-se desculpado. No entanto preferiu, calar-se. “Tais exemplos deveriam, cedo ou tarde, produzir seus efeitos. Os que o criticavam no caminho de Dardilly acabaram, sem dúvida, como aquele velho que dizia a Mons. Richard, bispo de Belley: “João Maria era um modelo. Alguns reprovavam seu proceder; no final de contas, tinha razão; era o verdadeiro prudente”.

### BOC

Começava, entretanto, uma nova aurora a iluminar o céu da Igreja em França. O primeiro consul, desejava de restabelecer na República a ordem perturbada, dando-lhe a paz interna, compreendeu que, sem religião, não faria nada de sério, nem de duradouro. Das negociações com o Papa para um acordo que foi assinado em Paris no dia 16 de julho de 1801, e ratificado em Roma a 15 de outubro. A 5 de abril de 1802 o Corpo Legislativo declarou-o lei de Estado.

Que emoção em Paris quando, no dia 18 de abril, ao raiar da aurora primaveril, o grande sino de Notre-Dame, que há dez anos havia emudecido, encheu os ares com repiques de triunfo, para anunciar com a festa de Páscoa a ressurreição da Igreja Católica em França! Foi com lágrimas de júbilo que a família Vianney e de modo especial João Maria recebeu a faustosa notícia. Passados alguns meses, o P. Jaques Rey, a quem o exílio não pudera roubar o título de cura nem o amor de seus paroquianos, voltou para Dardilly. Desde a primavera de 1802, as solenidades litúrgicas, das quais João Maria apenas conservava vaga recordação, foram celebradas como antes da

grande tormenta. Na festa de *Corpus Christi* colheu rosas no jardim para despetalá-las à passagem da procissão. Ajudou também aos irmãos e irmãs a tecerem grinaldas de azevinho e de louro... Que comoção em todo seu ser quando a porta da igreja se abriu de par em par, e quando ao canto do *Pange lingua*, brilhou na praça a custódia, acompanhada por uma multidão em prece!

Dali em diante, sempre que lhe foi possível, antes de ir para o trabalho, o jovem Vianney passava pela igreja a fim de buscar forças para todo o dia. Mas, na época em que o sol começa a luzir antes do Angelus, tinha que aproveitar o tempo para adiantar a colheita de feno ou do trigo. João Maria estava no campo antes da missa matinal. O piedoso trabalhador achava-se ali, onde o dever o reclamava, pois a sua devoção era obediente e isenta de vãos escrúpulos. De longe, unia-se ao sacerdote que celebrava, com a recitação de cinco Pai-nossos e de cinco Ave-marias. O desejo de receber o Corpo de Cristo enchia-lhe o coração de suavidade sobrenatural. Entretanto, às vezes, era-lhe difícil conter-se. Em certas ocasiões, pela tarde, o repique do sino anunciava a *bênção*. Como o pai sofresse de reumatismo: “Meu pai, dizia João Maria, para obter a licença de ir à igreja, deixe-me ir à igreja por uma meia hora. Vou pedir para que desapareça o seu mal”.

A família Vianney, até mesmo nos anos de perseguição, quando a *década* era o dia oficial de descanso, não deixara de “santificar o Dia do Senhor”.

Em a noite de sábado para domingo, assistiam à missa do padre proscrito e o resto do dia passavam em oração, lendo bons livros ou visitando os parentes e amigos. Restaurado o culto, pouco tiveram que mudar nos costumes, não havendo dúvida que a fé se ia cada vez mais avivando, pois o exemplo de João Maria levava-os a uma vida cristã mais perfeita. Aos domingos, vestia-se às pressas, ia para a igreja; e ali passava a maior parte do tempo ajoelhado, com olhos fixos no sacrário, como um anjo em oração, edificando a todos que o viam.



Desde aquela época, procurava aprofundar-se melhor na religião cristã. Fora do domingo, porém, só podia dispor de alguns momentos à noite. “Acima de sua cama, no quarto de dormir, havia uma estante que ainda se conserva, na qual colocava os livros de oração”. Tomava o *Evangelho* ou a *Imitação de Cristo* e à fraca luz de uma candeia à cera, punha-se a ler. Francisco, que dormia com ele na mesma cama, preferia repousar. A princípio, mostrou-se paciente, mas terminou queixando-se à mãe, a qual prudentemente proibiu a João Maria de velar até tarde, ordenando-lhe “que tomasse o repouso de que tanto precisava”.

João Maria obedeceu sem um murmúrio, mas na escuridão da noite, enquanto Francisco dormia, continuava a velar, pensando em Deus e no futuro. Quais poderiam ser os seus pensamentos? Escutava como no fundo da alma ia despertando aquele “segue-me” que, pronunciado nas margens do mar da Galiléia, arrastou Pedro, André, Tiago e João em seguimento de Cristo. João Maria Vianney queria ser sacerdote e

esse desejo tão íntimo era que o fazia tão bom. Mas como conseguí-lo? Já andava pelos 17 anos e só havia feito os estudos primários. Impunha-se-lhe o estudo do latim e que pensariam a respeito de seu ardente desejo? No que dependesse da mãe estava seguro; ela se apressaria em dar ao Senhor o seu predileto. Mas o pai? Posto que muito caridoso, era de uma piedade mais comum e o rude trabalho do campo o absorvia por completo. Demais, Francisco fora recrutado para o exército, sendo preciso resgatá-lo. E a Catarina, já noiva, era necessário dar-lhe algo em dote, pela ocasião do casamento... As esperanças de João Maria flutuavam num mar de angústia. Mas... e as almas a salvar. Todas aquelas paróquias sem padre, tantas crianças abandonadas, sem instrução religiosa, sem sacramentos, sem Eucaristia. Tanta messe em desperdício por falta de obreiro para recolhê-la! Não valeria a pena desprezar todos os dissabores e superar todos os obstáculos?

Receberam as suas primeiras confidências a mãe e depois a tia Humbert. Sem rodeios, lhes expôs o verdadeiro motivo de sua vocação: “Se eu fosse sacerdote desejaria ganhar para Cristo muitas almas”. Não foram necessários circunlóquios, nem discussões ‘para obter o consentimento desejado. Bastou lançar-se aos braços da piedosa mãe, que chorava de alegria. Faltava conquistar o rude pai. João Maria hesitou por algum tempo em lhe confiar o segredo. Enfim, encorajado pela mãe, animou-se a lhe falar à hora do descanso, depois do trabalho. As dificuldades ele já as havia previsto. Mateus Vianney mostrou-se inflexível. Pagar os estudos de João Maria depois do dote de Catarina, casada havia pouco tempo com o Sr. Melin, de Ecully, depois do resgate de Francisco – pois havia tirado “mau número” e era necessário achar quem o substituísse. Verdadeiramente isso seria a ruína. Não convinha pois pensar mais nisso. De mais a mais, em dias em que a situação dos sacerdotes era tão precária... Quem se encarregaria de ensinar a um moço de 18 anos? João Maria guardou um doloroso silêncio. Mateus Vianney comunicou à esposa as confidências do filho e o acolhimento que lhes tinha dado.

Em vão a esposa cristã lhe fez ver que se tratava do mais virtuoso dos filhos, do mais trabalhador e do mais ajuizado. Todos esses argumentos se voltaram contra a causa que ela queria defender. João Maria era um bom trabalhador e um camponês experimentado; mais uma razão para que ficasse em casa. Doutra lado o chefe da família estava envelhecendo: teria pois que contratar um segundo empregado. Numa palavra: o lavrador de Dardilly não se conformava em ceder a Deus tão grande tesouro.

Longa e porfiada foi a luta durante dois anos. João Maria sempre calava, mas o desejo se lhe refletia nos olhos. A conduta exemplar continuava a dizer ao pai obstinado na sua recusa a realidade de uma vocação imperiosa que tanto menos haveria de ceder, quando já possuía a aprovação do confessor. É muito provável que João Maria Vianney tenha confiado ao Pe. Rey seus desejos e seus desgostos. Infelizmente esse padre contraíra no exílio dolorosas enfermidades. Nos princípios de 1803, a autoridade diocesana confirmou-lhe o título de cura de Dardilly, mas poucos meses depois, demitiu-se do cargo, retirando-se para Lião.” O Pe. Jaques Tournier, que o substituiu a 7 de julho, somente pouco a pouco travou relações com a família Vianney. Entretanto Deus

não abandonava, como parecia, o seu humilde servo. A Providência preparava-lhe os caminhos por onde chegaria ao cume do sacerdócio e da santidade. Ao mesmo tempo que o P. Rey fora confirmado no curato de Dardilly, "Mons. de Merinville, encarregado pelo cardeal Fesch de reorganizar a diocese de Lião", nomeou cura de Ecully um outro confessor da fé, o P. Carlos Balley. O P. Balley era o filho mais moço duma família de 16 irmãos. Nasceu em Lião a 30 de setembro de 1751. Irmão de um cartucho, d. Estevão, entrou jovem, com um outro de seus irmãos, João Alexandre, para os cônegos regulares de Sta. Genoveva. Ao rebentar a Revolução era cura em S. Clemerite de Chou, diocese de Blois. Expulso da paróquia, refugiou-se em Lião, e ali viveu ora numa casinha que herdara da família, ora em esconderijos mais seguros, e muitas vezes em casa do Sr. Loras. Isso deu-lhe ensejo de assistir, desolado, a apostasia do irmão Alexandre. A 14 de janeiro de 1794, D. Estevão era guilhotinado na Praça dos Terrores. Suportou com sorriso nos lábios o glorioso martírio. Três meses depois o P. Balley ajuntou-se aos heróicos missionários que tantas vezes arriscaram a vida para conservar a fé, em Ecully e seus arredores. Quando em 1803 foi nomeado cura titular, levou consigo a sua irmã Margarida, antiga religiosa da Anunciada Celeste, 18 anos mais velha do que ele.

Uma das primeiras ocupações do P. Balley ao se estabelecer em Ecully foi a de recrutar vocações sacerdotais. Teve bom êxito, e, dentro em breve, fundou uma escola presbiterial. O marido de Catarina Vianney, excelente cristão, informou tudo isto ao jovem cunhado. João Vianney já conhecia o P. Balley por ter assistido a missa dele no tempo do Terror.

O trabalho do novo cura de Dardilly era imenso, esmagador. Tinha que acudir a todas as necessidades religiosas de uma extensa paróquia, bem próxima de Lião, na qual a Revolução fizera grandes estragos. Contava apenas 52 anos e já se achava acabado pelas privações de uma vida errante, em contínuo perigo. Não importa. Para deixar substitutos nos trabalhos apostólicos iria à casa dos pobres bem como a dos ricos recrutar meninos e jovens em cujas frentes descobrisse o sinal do chamamento divino. Foi assim que se abrigou sob seu teto um futuro jesuíta, o jovem Dechamps, depois Matias e Jacob Loras, filhos daquele homem de bem, morto no cadafalso, de quem tantas vezes recebera hospitalidade nos dias mais sombrios.

Desde que João Maria Vianney conheceu a existência de tal escola presbiterial, sentiu o coração encher-se de esperanças. Não seria aquela a ocasião oportuna para fazer ao pai uma outra tentativa com maiores probabilidades de vitória! A mãe, que não cessava de encorajar o filho na santa resolução, desta vez entrou de advogado. Fez ver a Mateus Vianney que não se tratava mais de mandar João Maria para um seminário longínquo. O filho ficaria bem perto deles em Ecully, onde fizera a 1ª comunhão e onde tornaria a encontrar o teto de Humbert. Além disso, a despesa não seria tanta: João ia ficar em casa do P. Balley somente durante as aulas. Tia Margarida lhe prepararia as refeições... Afinal de contas, que desejava o filho senão a vontade de Deus? Mateus Vianney foi conquistado. "Pois bem, disse ele, já que João Maria está tão firme no seu propósito, não quero mais contrariá-lo".

A essa feliz nova, o nosso aspirante apressou a mãe a ir ter com o P. Balley. Maria Vianney, acompanhada da irmã Margarida Humbert apresentou-se no presbitério de Ecully, O P. Balley, magro e de alta estatura, tinha "um perfil romano", era de aspecto grave e impressionante à primeira vista. Armando-se de coragem, as duas senhoras expuseram ao pároco o objetivo da visita. Informaram-no como se havia manifestado a vocação em João Maria, sobre a idade e os estudos primários incompletos feitos já havia tempo. O P. Balley escutava indeciso.

"Tenho muito trabalho, respondeu finalmente, não me é possível receber mais um aluno". As duas senhoras insistiram.

"Não; não posso. Não posso". Tal foi o desfecho desanimador da primeira entrevista.

Desoladas, as mensageiras foram levar a triste nova ao marido de Catarina. Instado por elas, consentiu Melin em pleitear novamente uma causa de tanto compromisso. A princípio o P. Balley renovou as recusas.

"Mas, insistiu, ao menos consinta em ver o meu cunhado; estou certo que se o conhecer haverá de aceitá-lo".

"Pois bem, que venha!"

E o humilde cultivador dos trigais e vinhedos apresentou-se, em companhia da mãe, diante daquele que haveria de introduzi-lo "no campo do Pai de Família". O austero P. Balley fixou os olhos perscrutadores no moço de 19 anos, magro, recolhido e discreto. Fez-lhe algumas perguntas, achando-o muito instruído em religião. Agradou-lhe o sorriso franco e confiante do candidato ao sacerdócio, abraçando-o com afetuosa afabilidade. "Oh! por esta vez, pensou no seu interior, aceito-o. Depois, dirigindo-se a João Maria: "Fica tranqüilo, meu amigo, eu me sacrificarei por ti, se preciso for".

## Uma vocação tardia (1805-1809)

João Merm aos 20 anos – O grandalhão no meio dos pequenos – Crises da vocação – Peregrinação a Louvesc – Voto embaraçoso – A idade do serviço militar – Viagem, do Cardeal Arcebispo – Confirmação de João Maria “Batista” Vianney. A ordem de marchar.

Pela segunda vez João Maria deixou os campos de Dardilly e a casa paterna. Ainda que tivesse crescido depois da primeira comunhão, os moradores de Point-du-Jour encontraram no moço de 20 anos o amável e cândido menino de outrora.

Sem ser ainda perfeito, o futuro santo mostrou bem depressa a que grau de santidade poderia elevar-se. Em cada refeição, contentava-se com a sopa, sem provar outra coisa, ainda que insistissem com ele. E isso naquela idade de desenvolvimento, quando o apetite possui imperiosas exigências. João Maria, que traçara um plano de penitência e se impusera segui-lo, desejava mortificar-se ainda mais. Para atrair sobre os estudos as bênçãos do céu, suplicava a tia “de separar a sopa para ele antes de por a manteiga”. Fosse por esquecimento ou comodidade, Margarida Humbert servia-o algumas vezes como aos demais. Mas o sobrinho, cuja vivacidade natural ainda o dominava por alguns instantes, ao tomar as primeiras colheradas, fazia cara feia, como se a sopa lhe provocasse vômitos. Virá o dia em que, transformado pela graça, conservará o sorriso em circunstâncias ainda mais desagradáveis.

Sempre grande amigo dos pobres, levava quantos mendigos encontrava na rua para passarem a noite na casa dos Humbert; muitas vezes chegou a encher a casa. Certo dia em que foi visitar a família em Dardilly, deu a um pobre os sapatos novos que o pai lhe comprara. Podia considerar-se dono legítimo, tendo-os adquirido com o ganho de seu trabalho. Não obstante foi severamente repreendido ao chegar em casa descalço. Mas não se corrigiu. Em outra ocasião encontrou no caminho um pobre rodeado de filhos pequenos. Compadecido, deu-lhe a quantia de 7 francos que levava consigo.

Os estudos de seminarista estavam pois começados. As manhãs e as tardes, passava-as ordinariamente no presbitério de Ecully. Ao entrar era recebido prazentemente pela Srta. Margarida Balley, que, sob a veste do século, conservava a alma e as maneiras da irmã Maria Josefa Dorotéia. Seu irmão Carlos passava por bom teólogo. Várias vezes havia recusado a cadeira de moral do Seminário Maior de Lião.

Se era de trato grave e voz rija, o olhar em compensação era doce e benévolo. Em pouco tempo João Maria conquistou-lhe a simpatia.

Mas, infelizmente, a gramática latina pareceu-lhe horrível. O jovem estudante era pronto e sutil nas respostas. Gostavam de ouvi-lo falar. Mas tinha muita dificuldade no que se referia aos estudos. Tornava-se, embaraçado, desde que sentia uma pena entre os dedos. Devido ao pouco uso da inteligência durante muitos anos, esta tornara-se como que entorpecida. Em João Maria essa faculdade enferrujara-se, por assim dizer, durante o tempo em que manejava a enxada. Esquecera as poucas noções gramaticais recebidas na escola do *cidadão* Dumas. E não era possível empreender o conhecimento da sintaxe latina sem conhecer a da francesa! Que trabalho esmagador! O pequeno Dechamps e os irmãos Loras, muito bem educados, que retinham com facilidade as declinações e conjugações, riam à socapa ao ouvirem tropeçar o grandalhão naquilo que eles aprenderam brincando. O P. Balley certamente não tinha vontade de rir. Aquele moço já ajuizado e de profunda piedade iria capitular diante do primeiro obstáculo? Terrível trabalho, mais duro do que o do campo. Chegando à noite, o aluno de 20 anos, à débil luz de uma lamparina, se debruçava obstinadamente sobre os livros. Depois, numa prece fervorosa, suplicava ao Espírito Santo que lhe gravasse os vocábulos na sua “pobre cabeça”. E no dia seguinte notava que as palavras rebeldes, haviam fugido da memória. Exercitava-se na tradução das *Histórias escolhidas do Antigo Testamento*, o manual clássico para os principiantes daquela época. O padre Dechamps conta como ajudava o antigo colega de estudos a procurar as palavras no dicionário e a traduzi-las convenientemente. ‘Um dos Loras, Matias, talvez o mais inteligente dos discípulos do P. Balley, prestava a João Maria o mesmo serviço. Mas Matias era um tanto irritadiço e de mão muito leve. Certo dia, cansado com as incompreensões do “grande”, deu-lhe uma bofetada em presença dos outros. Ofendido, dotado de uma natureza violenta, ajoelhou-se diante daquele menino de 12 anos que acabava de batê-lo, pedindo-lhe perdão humildemente. Matias ocultava um coração de ouro. Arrependido até às lágrimas de sua má ação, atirou-se aos braços de João Maria Vianney, que ainda se conservava de joelhos. ‘Deste modo foi firmada uma profunda amizade. Nunca Matias Loras, mais tarde missionário nos Estados Unidos e depois bispo de Dubuque, esqueceu as palavras e o gesto do colega.



Os progressos de João Maria nos estudos foram quase nulos, durante os primeiros meses. Não obstante, estudava com uma tenacidade admirável. A languidez do semblante, devido a parca alimentação, deixava transparecer o enfraquecimento de suas forças. Tia Humbert, que não podia com ele neste assunto, julgou de seu dever chamar a atenção do Padre Balley. O Cura de Ecully, muito austero para consigo mesmo, não fez grande caso. “João Maria era, como já referimos, um moço perfeitamente sadio mas precisava para se sustentar de mais alimento que qualquer outra pessoa. Não obstante isso, jejuava rigorosamente”. “Olha, meu filho, disse-lhe

finalmente, é bom orar e fazer penitência, mas é também preciso alimentar-se para não estragar a saúde”.

Aproximava-se, entretanto, uma crise de espírito cujo desenlace poderia ter sido fatal. O trabalho, de fato, era demasiado duro e ingrato. A tentação se desencadeava como tormenta sobre aquela alma desolada. Apoderou-se do pobre estudante grande desgosto por tudo quanto havia sonhado.

Começou a rever em pensamento o lar e os campos paternos, em cujo cultivo, graças à sua robustez, conseguira êxitos mais fáceis. “Vou voltar para casa”, disse com tristeza ao P. Balley, que muito se apiedava dele. Com um olhar penetrante o velho mestre sondou a grande mágoa do querido discípulo. Mas, sabendo que tesouro fora confiado à sua guarda, perguntou-lhe: “Aonde vais, meu filho? Só irás aumentar tuas penas... Bem sabes que teu pai nada mais deseja do que ter-te a seu lado; e em te vendo arrependido e triste não te deixará mais voltar. Ah!, então, adeus todos os teus planos, João Maria! Adeus, sacerdócio! Adeus, almas!... “Oh! não; não pode ser. Deus não permitirá. Uma vocação tão sublime – o sacerdócio, o altar, a salvação dos pecadores, a messe tão abundante e os operários tão poucos – conjurou a dolorosa crise. O demônio do desalento deixou de inquietar aquela alma pura. Mas nem por isso a memória do estudante tornou-se menos rebelde; conforme o que ele próprio confessa: “não podia reter nada na ingrata cabeça”. Côncio do perigo, para comover o céu e obter o auxílio necessário, recorreu explicitamente a um herói. Fez voto de peregrinar a pé, mendigando o pão, tanto na ida como na volta, até ao santuário de Louvesc, e visitar o túmulo de S. Francisco Regis, o apóstolo de Velay e de Vivarais.

Era no ano de 1806 durante o verão. A distância que separa Ecully de Louvesc é de uma boa centena de quilômetros. Não obstante sua magreza de asceta, João Maria Vianney conservava-se animado e bem disposto. Resoluto no projeto, não se lembrou que as forças lhe poderiam falhar no caminho.

Pela manhã, após ouvir missa e comungar, partiu levando nas mãos bastão e rosário.

Depois de longa caminhada a fome e a sede se fizeram sentir; era necessário render-se. Aproximou-se da porta de uma vivenda.

“Que quer esse vagabundo com ares de santinho? Não estará projetando algum assalto? De outro lado, que história inverossímil! Seus estudos ... S. Francisco Regis?... Quem será tão tolo para lhe dar crédito? Não acontece tantas vezes estar sob a aparência de pacífico peregrino um soldado desertor, refratário, em caminho para as fronteiras de Savóia ou Piemonte?” Assim o jovem viajante foi tratado de vagabundo, de meliante e enxotado de todas as portas, chegando até a ser ameaçado com a polícia.” Poderia ter conseguido muito bem os víveres necessários, porque para caso extremo trazia algum dinheiro; mas, fiel ao voto, nada quis comprar.

Continuou, pois, o caminho, comendo ervas e bebendo água das fontes. A força de cansaços, porém, ficou como que aturdido, e, devorado pela fome, animou-se a

entrar numa casa. Encontrava-se nela uma mulher que desenrolava um novelo de barbante. Esperava que lhe desse alguma coisa para comer. Ela pediu-lhe que puxasse ponta do fio porta afora. Acreditou prestar um favor, mas, quando se achava fora, a mulher fechou a porta.” Naquela noite não pode encontrar lugar para dormir, passou-a ao relento.

Por felicidade encontrou mais adiante corações menos duros. Alguns pedaços de pão, recebidos de esmola, permitiram-lhe chegar, por caminhos quase intransitáveis, ao célebre santuário de Louvesc, situado a 1.100 metros de altitude, entre as montanhas de Haut-Vivarais.

Estava extenuado, mas feliz.

João Maria Vianney teve o pensamento em chegando àquele lugar de se ajoelhar ante o sepulcro do santo e expor-lhe o motivo da viagem: “alcançar a graça de aprender o latim necessário para cursar a teologia”.

Esta graça absolutamente indispensável para conseguir o fim almejado foi-lhe concedida com muita parcimônia. Deus, que tem seus desígnios sobre cada alma em particular, pondo à prova a fé de seu servo, queria aguerri-la para combates mais rijos.

O piedoso peregrino venerou os lugares, santificados pela presença de S. Francisco Regis. Percorreu em oração a velha Igreja cuja abóbada estava em ruínas. Viu o lugar onde o apóstolo de Vivarais, já ardendo em febre, pregou uma missão pelo Natal de 1640, e cujo zelo era tanto maior quanto mais perto se sentia da morte. Em 26 de dezembro, devorado de sede, o intrépido apóstolo, depois de ter pregado e ouvido confissões desde a manhã até alta noite, celebrou a missa e tornou a confessar perto de uma janela sem vidros. Ao terminar caiu desmaiado. Levado para junto da estufa, só voltou a si para ouvir mais confissões. Atacado de tísica galopante, faleceu à meia-noite de trinta e um de dezembro. Contava então 43 anos. Que exemplos, que encorajamento para João Vianney! Enquanto percorria a igreja, ia-se embecendo daquelas sublimes lições, sem pensar que também um dia o povo afluirá em peregrinação à sua igreja e à sua casa para receber dele iguais ensinamentos.

Em Louvesc confessou-se e comungou. Ao mesmo padre jesuíta que o ouvira em confissão contou o voto que fizera de mendigar, e que a viagem se lhe tornara muito perigosa. “Estarei obrigado, por ser promessa feita a Deus, a correr de volta os mesmos perigos e a sofrer as mesmas afrontas?” O confessor, sem hesitar, “comutou-lhe o voto, de modo que, regressando para Ecully, desse esmola em vez de pedir”. Voltou a pé e pagando do próprio bolso os gastos de comida e hospedagem. Além disso, deu esmola a quantos lhe pediram, – prova evidente de que não tinha aspecto de mendigo, – sendo-lhe esta nova maneira de santificar a viagem muito agradável, conforme dizia mais tarde. “Tive ocasião de experimentar a verdade daquelas palavras da sagrada Escritura: “é melhor dar que receber”. E acrescentava; “Nunca aconselharei pessoa alguma a fazer o voto de mendigar”.

As privações de uma tal viagem fizeram-no conhecer de perto as misérias da pobreza sem abrigo, tornando-o deste modo mais indulgente e mais compadecido para com os miseráveis que levam vida nômade.



Como é de crer, em Ecully, o P. Bailey recebeu de braços abertos o seu “querido Vianney”.

“Dali em diante o moço fez bastante progresso para não mais desanimar”.

Os livros de estudo já não lhe causavam mais tanto desgosto. O trabalho menos árido tornou-se mais proveitoso. Foi para ele uma alegria reconfortante ver diante de si aplinar-se a estrada do sacerdócio. O P. Vianney começou a encarar o futuro com mais fé. Por fim, a doce esperança de seu velho mestre era poder assistir o seu discípulo mais velho no altar do Senhor. Entretanto, atingia a idade do serviço militar. A classe de 1807, a que pertencia, em parte tinha-se adiantado consideravelmente. Em novembro de 1806, Napoleão I, depois da sangrenta batalha do Sena, apesar de vencedor, viu-se obrigado a lançar mão de 20 mil homens dentre os jovens recrutas! João Maria Vianney, por já ter começado os estudos eclesiásticos para ser padre e padre da diocese de Lião, estava por isso isento do serviço militar. O cardeal, que então gozava de grande prestígio, obteve do seu sobrinho imperador que todos os estudantes, eclesiásticos, inscritos nas listas oficiais do arcebispado, ficassem livres do serviço militar, bem como os clérigos que já tivessem recebido as ordens sacras.” Em vista disso, o Cura de Ecully pediu ao P. Groboz, antigo companheiro de apostolado durante a revolução, e agora secretário do Cardeal, que inscrevesse o estudante Vianney entre os aspirantes ao sacerdócio. O que foi feito.

Durante a quaresma de 1807, João Maria recebeu na mesma igreja de Dardilly o sacramento da Confirmação. Ia completar 21 anos. O Cardeal Fesch, prelado muito cumpridor de seus deveres, mas sobrecarregado de trabalhos, visto ser a sua diocese formada de três departamentos – Ródano, Ain e Loire – não pudera fazer a visita pastoral mais do que uma vez, em 1803. A segunda foi, na verdade, um notável acontecimento. Anunciou-a solenemente um despacho de 22 de janeiro de 1807. O inverno era rigoroso. Mau grado as intempéries, diz um relato da época:

“Depois que Monsenhor visitou as paróquias de Lião, percorreu as dos arredores da cidade”. Assim é que Ecully foi uma das primeiras a receber o intrépido prelado.

O Cardeal Arcebispo de Lião, conforme o mesmo relato, continua a série de visitas pastorais... No lugar onde estivemos, S. Eminência distribuiu a sagrada comunhão até às três e meia da tarde, continuando a crismar até às cinco. O número de homens que comungaram igualou ao das mulheres. Todos o faziam com grande espírito de fé e recolhimento.

O dia estava muito frio. A neve caía em abundância. Muitos paroquianos gastaram três ou quatro horas para chegar ao lugar onde se administrava a confirmação. A igreja era muito pequena, e a maior parte teve que esperar fora. Expostos ao frio e à

## O Refratário de Noës (1809-1811)

O recrutamento de 1809 – A incorporação do isento – No hospital militar de Lião – No hospital geral de Roanne caminho de Renaison, – Acompanhando a Guy, outro refratário – Em casa do burgomestre de Noës – “Jerônimo Vincent” em casa de Claudina Fayot – Penas e consolo do desterro – Os sobressaltos do refratário – A Senhora Fayot em Dardilly – A anistia – Adeus a Noës – A alegria do regresso – Morte de sua mãe – O que o santo pensava de sua estada em Noës – O que nós devemos pensar.

Eis-nos chegados na história de nosso herói a um episódio obscuro e controverso, o qual, graças a documentos irrefutáveis, esperamos esclarecer o melhor possível.

O Cura de Ecully havia, conseguido a inscrição do seu discípulo entre os isentos do serviço militar. Acabamos de ver a lei dispensando somente os clérigos que receberam as ordens maiores. A isenção não existia para os simples seminaristas lioneses, a não ser por uma graça ou favor temporário do imperador.

Naquele ano de 1809, Napoleão achava-se cada vez mais em apuros. Estava premido ao mesmo tempo por dois lados. A Áustria e a Espanha, ameaçadas de desaparecer, recorriam às armas. Os espanhóis não aceitavam o reinado de José Bonaparte; os marechais franceses, à força, iam impô-lo aos revoltosos. O imperador, tinha que se haver com o inimigo mais terrível, como pensava. Mais uma vez o seu gênio triunfava em Eckmühl (22 de abril) e depois em Wagram (16 de julho). A águia, portanto, sentia-se cansada. Sua estrela começava a empalidecer. Chegavam notícias dos primeiros reveses. A Espanha não se queria dar por vencida e ia prolongar a luta até 1814.

Era preciso, para novos combates novas tropas. E a França estava esgotada. Antes de 1807, a lei de recrutamento era severa, porém nesta época “tornou-se monstruosa, e assim ia piorando de ano para ano, até chegar a converter em carne de canhão os jovens que ainda não tinham a idade legal, os anciãos já livres de toda obrigação militar e até os que pagaram o resgate. Assim fala, com indignação, um historiador filósofo que escrevera essas linhas antes de ter conhecido a lei do serviço obrigatório, e que morreu sem ter assistido à mais terrível de todas as hecatombes. Em 1809 foram recrutadas duas classes, antecipadamente. Por sua vez foram incorporados todos aqueles que escaparam do serviço militar desde o ano de 1806.

neve, não se queixavam... Grande número deles, sobretudo jovens, acompanhavam o carro de S. Eminência desde quase uma légua. Outros ao avistá-lo, de longe, se ajoelhavam e esperavam que passasse para dar-lhes a bênção. O número dos que comungavam ordinariamente chegava a 2 mil por dia e a 3 mil as pessoas que recebiam a confirmação.

A maneira curiosa e prática, adotada pelo Cardeal Fesch para administrar a sagrada Eucaristia, merece citação. Mandou fazer um vaso de forma alongada, uma espécie de corbelha dourada com capacidade para mais de 3 mil hóstias. Dali as tirava para encher o cibório, com o qual percorria a igreja. Os comungantes ou confirmandos colocavam-se em duas fileiras no meio da nave e a afluência por vezes era tanta, que transpunham a porta e chegavam até à praça.

No fim da Missa S. Eminência, assinalava com o santo Crisma os fiéis que se apresentavam para serem crismados. Os que se crismaram, em 1807, eram nada menos de 30 mil. Entre eles contavam-se muitos jovens, homens feitos, velhos revolucionários que retornavam à religião de seus antepassados.

João Maria Vianney foi confirmado no mesmo dia que a sua irmã Margarida, a qual ia completar 20 anos. Conhecedores da sua profunda piedade, podemos imaginá-lo recolhido e abismado em Deus. É muito provável que não fosse dos que precediam o Cardeal, mas que tenha ficado com o P. Ballely para ajudá-lo nos preparativos da festa. É também provável que tenha sido confirmado entre os primeiros e dentro da igreja. A púrpura que revestia o tio do imperador e que atraía tantos olhares não lhe perturbou o recolhimento, como tão pouco a novidade das cerimônias e o ruído que inevitavelmente irrompia da multidão. O Arcebispo deteve-se diante dele, leu o nome escrito no talão que apresentava e ungindo-lhe a fronte, pronunciou as palavras litúrgicas: *Joco Batista, em te assinalo com o sinal de cruz e te confirmo com o crisma da salvação, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.* O jovem Vianney escolheu como patrono de confirmação o Santo Precursor. Daí em diante começou a assinar indistintamente *João Maria Batista Vianney e João Batista Maria.* Por toda a vida esse segundo padroeiro seria um dos seus santos prediletos! “O Espírito Santo pode repousar sobre aquela alma justa como a pomba sobre seu ninho”, e infundindo-lhe os bons desejos, preparou-lhe as maravilhas da graça que um dia haveria de conduzi-lo às honras dos altares.

Durante dois anos João Maria Batista gozou na intimidade da alma uma paz infável. Não tardou, porém, um trovão surdo, a ribombar naquele céu tranqüilo. Era o outono de 1809. Um agente do marechalato de Lião levou à casa de Dardilly uma *convocação militar* com o nome de João Maria Vianney.

Na diocese de Lião, o privilégio que isentava os estudantes eclesiásticos não ficou sem efeito.

Por uma exceção inesperada, somente João Maria e outros três seminaristas foram chamados ao exército.

Que teria acontecido, então? Seria porque o P. Balley, não achando necessário, deixou de lembrar, naquele ano, ao Arcebispo de Lião que o jovem Vianney continuava a estudar? Ou porque os vigários gerais tivessem esquecido de inscrevê-lo entre os estudantes dos seminários? A junta de recrutamento convocou, juntamente com os jovens das classes de 1810 e 1811, a João Maria Vianney, que pertencia a de 1807. A ordem dizia que, destinado ao exército dos marechais, devia juntar-se sem demora aos demais recrutas no acampamento de Bayona.

O aviso foi enviado de Dardilly a Ecully. Surpreendido, o P. Balley correu até Lião para expor o caso do seu discípulo. As juntas de alistamento negaram-se a considerar como seminarista aquele estudante tardio que, morando em casa particular, recebia lições num presbitério. Além disso, o seu nome não figurava na lista oficial entregue pela autoridade diocesana.

A nota suplementar que o vigário geral redigiu em favor de João Maria, apresentada pelo P. Balley como último recurso, teve a desdita de chegar depois do ato consumado. Foram baldados todos os esforços.

Teve João Maria que se resignar e obedecer... Mas quão inesperada e desconcertante era aquela nova prova! Ia completar 24 anos e nos estudos apenas atingira as alturas de um estudante de 15... Jamais chegaria ao sacerdócio. Era na verdade a morte de todas as suas esperanças.

Conforme a lei, quem procurasse um suplente poderia livrar-se. João Maria suplicou ao pai lhe comprasse “um substituto”. Era o único meio de permanecer nos estudos.

Mateus Vianney, que até então só consentira na vocação do filho muito a contragosto, fez ouvidos moucos. Demais, já havia resgatado o filho mais velho, Francisco. Agora era-lhe impossível. Não obstante, a tristeza do pobre filho e as lágrimas da esposa o comoveram. Tomando o dinheiro que tinha à disposição, percorreu os 8 quilômetros que o separavam de Lião e foi em busca do suplente desejado. Um moço, diz Margarida Vianney, aceitou a proposta “mediante a soma de 3.000 francos”, 200 adiantados e um pequeno enxoval. Mas dois ou três dias depois veio devolver o pacote e os 200 francos que recebera. João Maria viu-se pois obrigado a partir.

A 26 de outubro entrava como recruta numa das corporações de Lião. Apenas teve ocasião de conhecer a vida de quartel, não guardando, porém, dela mui gratas recordações. “A má conduta dos companheiros e as blasfêmias o chocaram profundamente”. Além disso, o trabalho intelectual tão duro e as mortificações a que se havia entregue em Ecully tinham-lhe abalado a saúde e as forças. Uma febre pertinaz minava-lhe a vida, agravada por uma mudança brusca de costumes. Em vinte e oito de outubro não se pode levantar. O médico da guarnição achou o seu estado grave, e mandou que o transportassem para o hospital geral da cidade, onde foi acamado

na sala de S. Roque, reservada para os militares. “Não comi do governo, no exército, mais do que um pão de etapa”, dirá mais tarde, referindo-se aos dois únicos dias que viveu num quartel.

Durante a quinzena que passou no hospital de Lião, o P. Balley e depois todos os seus parentes foram visitá-lo. “Fui eu do número deles, contava Margarida Humbert, sua prima-irmã, então de 17 anos de idade; tive a felicidade de passar uma parte da noite e participar da sua frugal refeição. Não falou de outra coisa senão de Deus e da necessidade de nos submettermos à sua vontade.”

A 12 de novembro um contingente destinado ao exército da Espanha partiu de Lião para Roanne, onde os recrutas deviam continuar os exercícios militares; João Maria, embora convalescente, tomou parte na expedição. Achando-se, porém, demasiado fraco para acompanhar a marcha, seguiu o destacamento num carro. Ainda não podia de todo equipar-se. Apenas levava da bagagem militar a grande mochila de ordenança. Teve uma grave recaída. Devorado pela febre, foi conduzido ao hospital de Roanne, e entregue aos cuidados das religiosas augustinianas, onde permaneceu 6 semanas.

Pedi que escrevessem à sua família. Foi visitá-lo o querido irmão Francisco, cuja presença ele reclamava. Os pais, extremamente inquietos, não puderam conter-se por mais tempo. Empreenderam também aquela longa e penosa viagem. João Maria sentiu-se sumamente feliz em poder consolá-los e lhes dar um terno adeus. Regressaram a Dardilly com o coração ferido pela impressão de que o filho estava perdido para sempre. A mãe pediu às religiosas que a substituíssem junto ao filho. Súplica desnecessária. As irmãs haviam distinguido entre os demais recrutas aquele jovem tão delicado, tão paciente e tão resignado. Desde que o viram rezar o terço com tanta devoção, instintivamente, começaram a tratá-lo como a um filho.

Temos sobre este particular o seu próprio testemunho:

“Nunca esquecerei os delicados desvelos de que fui alvo da parte de todas as religiosas de Roanne”. “Este jovem, comentavam elas entre si, jamais poderá ser um militar”. E mais caritativas do que prudentes diziam-lhe compadecidas que voltasse. Mas ele lhes respondia: “É necessário, boas irmãs, que me submeta à lei”.

– Melhor serviria você à França com suas orações do que na guerra.

– Muito agradeço as vossas palavras, queridas Irmãs. Peço-vos somente que vos lembreis de mim”.

No dia 5 de janeiro de 1810, uma ordem do capitão dos recrutas, Blanchard, notificava ao soldado de infantaria, Vianney, que ele pertencia ao destacamento que no dia seguinte ia partir para a fronteira de Espanha. Devia, portanto, apresentar-se de tarde, à hora determinada, no escritório para receber a guia de marcha. João Maria, inquieto e meditando, saiu do hospital um pouco antes da hora marcada. Mas, encontrando uma Igreja no caminho, o seminarista-soldado entrou para fazer as suas orações. Que cuidados e desejos confiou a Nosso Senhor! “Ali, dizia ele, todas as minhas penas se fundiram como a neve aos raios do sol”. O santo jovem naquele

Tabor não se deu conta do tempo que passava. Quando se apresentou a porta do gabinete estava fechada.”

No dia seguinte às 6 horas, dia da Epifania, João Vianney ainda não restabelecido de todo, se aprontou para a partida. Já com a mochila às costas despediu-se das abnegadas enfermeiras. “Acompanharam-no até à grade exterior do hospital e dele se despediram com lágrimas”.

Dirigiu-se novamente ao escritório de recrutamento.

Os soldados que estavam de serviço cientificaram-no de que a coluna havia partido sem o esperar. E, naturalmente, lhe expuseram, em “termos escolhidos”, todos os encantos da sua situação. Aberto o escritório, foi pior ainda. O capitão Blanchard, encolerizado, falou logo em prisão e em policiais. Ante essas ameaças o pobre estremeceu. “Tinha compaixão dos infelizes jovens que haviam desertado e foram conduzidos à guilhotina, blasfemando e cheios de angústia”. Um subalterno, entretanto, ousou intervir. Acaso aquele jovem pensara em escapar? Apenas saído do hospital viera se apresentar aos seus chefes... Blanchard não insistiu mais. Foi despachada a guia de marcha e o soldado Vianney recebeu ordem de, ao menos, se unir aos da retaguarda.

Sozinho dirigiu-se para Clermont. O pálido convalescente não demonstrou nenhum sinal de aborrecimento. A mochila pesava-lhe sobre os ombros. O andar era vagaroso e vacilante. Que fazer para se juntar aos outros no primeiro dia? Uma angústia indizível apoderou-se de sua alma. Elevou o coração a Deus e se pôs a passar as contas do rosário.

“Talvez nunca o recitasse com tanto ardor”, dizia mais tarde a algumas pessoas de Ars.”

Naquele mesmo dia sua irmã *Gothon*, que fizera sozinha a viagem de Ecully a Roanne, acabava de perguntar por ele no hospital. Grande foi a decepção ao saber da partida do pobre irmão.

Entretanto João, que já havia passado Villemontais, aproximava-se das montanhas de Forez, sucessivamente, áridas e sorridentes e aos viajantes sempre agradáveis. O jovem soldado pensava em coisas muito alheias a essas belezas. O cansaço chegou ao extremo. Já sem força arrastava-se sobre as pernas. Avistando pequeno bosque em que se poderia abrigar do frio e do vento, “afastou-se uns cem passos do caminho imperial”. “Atravessou um campo lavrado” e descansou um momento. Achou-se junto a uma vereda, que ia dar na montanha. Lá, assentado sobre a mochila, para distrair-se dos sombrios pensamentos, pôs-se novamente a recitar o rosário, recorrendo à S. Virgem, seu refúgio ordinário, pedindo-lhe confiantemente que não o abandonasse”.

“De repente, contava ele mesmo, apareceu um desconhecido que me perguntou: “Que fazes aqui?... Vem comigo”. Agarrou a minha sacola que era muito pesada e mandou que o seguisse. Caminhamos longo tempo dentro da noite por entre as árvores da montanha. Estava tão cansado que só a muito custo podia acompanhá-lo”. Aquele desconhecido era um tal Guy, de Saint-Priest-la-Prugne, aldeia situada entre os montes,

de Bois-Noir. Para escapar à conscrição, escondera-se com muitos outros refratários nos matos das montanhas de Forez.” Guy levava o solitário recruta a um destino semelhante ao seu. João Maria, confiante, nada disso suspeitava. A única coisa que sabia era que estava morto de cansado e ardendo em febre, que precisava de um leito para passar a noite..., e que o seu destacamento já estava muito longe!

Os dois aventureiros se atiraram por entre montes sombrios gargantas sinuosas em cujo fundo corria uma torrente, o arroio de *Crèches*, engrossado pelas chuvas do inverno. Assim passaram a altura da Vila de Noës, que deixaram à direita. Achavam-se nas florestas da Madalena, nos confins de Allier e de Loire. Hoje somente há vegetação naqueles cumes. Naquele tempo Noës era como uma ilhota perdida num oceano de verdura.

Os dois caminhavam conversando. Guy, porém, sem que se desse a conhecer, ganhara contudo a simpatia e confiança de João Maria Vianney, levando-lhe a mochila. Por isso não receou em se abrir ao companheiro e dizer-lhe quem era. “Parece que não tens jeito de soldado, replicou”.

– Oh! sim, isso é verdade, mas tenho de obedecer.

– Se quiseres seguir-me esconder-te-ei neste povoado, rodeado de bosques por todos os lados.

– Não, de nenhuma maneira; os meus pais já tiveram bastantes aborrecimentos.

Fica tranqüilo! Muitos estão escondidos por aqui... Que fazer então? Outra coisa não podia fazer o infeliz prófugo senão segui-lo ao menos durante aquela noite. No dia seguinte, colocar-se-ia nas mãos da Divina Providência.

A vila de Noës estava situada a 660 metros de altura. Guy conhecia muito bem os atalhos.” Os dois errantes subiram ainda mais alto até chegarem à casa de um tamanheiro conhecido nos arredores pelo apelido de *Gustin*, cujo nome verdadeiro era Agostinho Chambonier. Morava com a jovem esposa naquela solidão. Guy bateu; deu-se a conhecer e a porta da humilde vivenda se abriu.

O jovem soldado estava morto de fome e de fadiga. Gustin deu-lhe algo para comer enquanto sua mulher ajeitava os trapos da única cama que havia em casa. João Vianney em seguida adormeceu profundamente, enquanto os outros três se foram deitar sobre palhas.

No dia seguinte, sendo preciso ganhar o pão, Guy conduziu o companheiro à casinha de Cláudio Tormaire, que os empregou por dois dias a serrar troncos de faia. Ofereceram-se para ficar mais tempo, mas, apesar de haver muito trabalho, só quis ficar com o mais robusto. “Guy continuou pois a trabalhar na casa e João Maria Vianney teve que procurar colocação em outra parte. “Dirigiu-se a Pont, na Comuna de Noës, e pediu para abrir uma escola na aldeia. Visitou Antonia Miviere, viúva de Préfolle, a qual sentiu não poder aceitar-lhe os serviços, pois já dispunha de um professor”.

As coisas se complicavam. O conscrito Vianney, perdido, abandonado naquelas montanhas, tornou-se, sem querer, desertor. Apresentou-se ao burgomestre” da comuna,

Sr. Paulo Fayot. Este, simples orador, morava fora de Noës, a 2 quilômetros mais acima, na montanha, no lugarejo denominado Robins que, além de alguns campestres, tem um pico de rocha encimando rápidos declives.

Paulo Fayot deixou em Noës a fama de homem excelente. Depois dele os eleitores daquele município escolheram a maior parte dos sucessores dentre seus parentes ou descendentes. Possuía ele uma maneira especial de aplicar as leis do império. No mês de janeiro de 1810, data em que João Maria se entregou nas suas mãos, havia ocultado dois desertores nas dependências da sua própria casa.

A chegada de mais um refratário não lhe pareceu muito agradável. Tinha numerosa família para sustentar e principalmente porque a junta militar dava uma busca de vez em quando naqueles bosques, onde pululavam os fugitivos. Essas montanhas tornaram-se lugar preferido para eles... Era precisamente em casa de Paulo Fayot, burgomestre de Noës, que os policiais vinham repousar e beber alegremente.

Deixar, então, aquele pobre moço vaguar sem asilo? Não pensava em entregá-lo, pois participava das mesmas idéias de muitos de seus contemporâneos sobre o serviço militar. Tranqüilizou o jovem cuja sorte tinha nas mãos. Deu-lhe a compreender que já era demasiado tarde para se juntar ao seu destacamento e que, sem dúvida, já teria sido declarado desertor. Em vista disso, o melhor que podia fazer era ocultar-se dos policiais. Afinal, pecando mais uma vez por excesso de audácia, Paulo Fayot indicou-lhe para residência a casa de sua prima Claudina Fayot, que ficava em frente. Esta viúva, com 4 filhos, sendo que o mais velho contava apenas 14 anos. Tinha fama de boa e caritativa.

Dernais, não lhe faltariam meios para manter o protegido. Dali em diante, para despistar, combinaram dar a João Maria Vianney o nome de *Jerônimo Vicente*.



Claudina Bouffaron, viúva de Pedro Fayot, possuía com efeito coração de ouro. Contava 38 anos. Forte para o trabalho, cuidava ativamente de sua vivenda. Caridosa, socorria sempre os pobres, separando para eles um pão de cada fornada. É supérfluo dizer que acolheu com benevolência o peregrino que lhe fora confiado numa maneira tão estranha. Depois de haver assegurado a discrição dos filhos, fazendo passar o recém-chegado por um primo refugiado na granja, Claudina mesma usou numa extrema prudência. O refratário escondia-se durante o dia. Passou os dois primeiros meses no paiol ou na estrebaria, contíguos à casa do burgomestre. Quando alguma patrulha percorria a aldeia, nem sequer podia suspeitar da sua presença naquele sítio. Para maior dissimulação, durante 8 semanas *amãe Fayot*, assim a chamavam de ordinário, levava-lhe a comida dentro numa vasilha de madeira, como se fosse para os animais. Somente ao chegar a noite o pobre seqüestrado se atrevia a tomar um pouco de ar e a juntar-se com os da família." Lia-lhes o Evangelho ou a Vida dos Santos, contava as belas histórias que aprendera do P. Bailey ou da mãe. Ganhou-os pela brandura, edificando a todos com sua piedade. Jerônimo Fayot, 15 anos mais moço do que ele, recordava

na sua velhice as pancadinhas discretas que o "primo" lhe dava com o chapéu, quando o traquinas não se portava bem na oração da noite.

Num canto do estábulo, junto a uma janela, improvisaram, graças a um longo tabique de madeira, o que chamavam de um quarto. Naquele reduto, João Vianney dormia na mesma cama com Luís, o mais velho da família. Mas não durou muito essa companhia. O pobre Luís disse, chorando, ao cabo de três noites: "Mãe, o meu primo passa a noite rezando. Não me deixa dormir. Não quero ficar mais com ele". A Sra. Fayot teve que arranjar outra cama no estábulo para o filho. O nosso refratário, "mau agrado seu", não queria permanecer de todo inativo. Mas o inverno fizera suspender os trabalhos do campo. Naquelas alturas do Forez a neve costumava cair em abundância e cobrir a terra por muito tempo. Em Robins, *Jerônimo Vicente* voltou a acariciar uma idéia que já havia tentado por em prática: fazer-se mestre-escola. Muitos eram os analfabetos, sendo necessário que ao menos soubessem ler a missa. As crianças da viúva Fayot e algumas outras, até mesmo homens, vinham para aprender a ler, escrever e o catecismo. Aparentemente ninguém suspeitava da presença daquele jovem em Robins, cujo exterior era verdadeiramente de um civil. Doutra lado, Guy, o desertor, continuava escondido na floresta de faias. Somente Paulo Fayot e sua prima conheciam o verdadeiro nome do estranho. Entretanto João Maria esperou algum tempo antes de baixar ao povoado de Noës, onde cada manhã se celebrava a missa. Partia-se-lhe o coração ao ouvir o toque do sino chamando à missa, sem poder acudir ao chamamento. Por fim, como em dia de semana o cura, P. Jaques, um antigo confessor da fé, exilado durante a Revolução, celebrasse de manhã cedo, João Maria Vianney atreveu-se pela primeira vez, ocultando-se nas trevas, a penetrar na igreja quase deserta. Confessou-se e comungou. É costume, naquelas vilas perdidas entre as montanhas, ficar alguém em casa nas manhãs de domingo. Tal pessoa deve unir-se em intenção aos parentes que, mais felizes, assistem a missa. A voz do sino, que ecoa pelas solidões, indica aos que ficaram em casa a parte da missa, em que se acha o sacerdote. João Maria Vianney por muito tempo foi escalado guardião do domingo. De Robins a Noës a descida era muito íngreme, o caminho éspere e cheio de pedras. Por isso a Sra. Fayot nunca levava sua pequena Claudina, que apenas contava três anos. João Maria, que já contava 24 anos, cuidava da inocente menina como faria o melhor e mais terno dos irmãos. Divertia-se com sua conversa e brincava com ela. Mas, durante o tempo da missa solene, punha-se em atitude de recolhimento, fazendo com que a criança se ajoelhasse ao seu lado quando tocava para a consagração; depois se ocupava em entretê-la. Um dia, ao chegar da igreja, disse a criada, rindo para a menina: "Claudina, abraça o teu primo e agradece-lhe por ter cuidado tão bem de ti".

João Maria, impelido por um sentimento de delicado pudor, desviou os tenros bracinhos que se estendiam para ele. A mãe censurou a criada, admoestando-a para que tal cena não se repetisse mais.

O discípulo do P. Bailey – oh! seu velho mestre, os livros de estudo, o sacerdócio – ia-se resignando pouco a pouco a tão dura prova. Mas até quando se prolongaria

isso? Nem ousava pensar. Punha-se, mais resignado do que nunca, nas mãos da Providência e o seu único refúgio era a oração. Por todos os lados oprimia-o um secreto mal-estar. Que seria feito dos seus em Dardilly? Pensavam que estivesse na guerra... Pior ainda! O capitão Blanchard não se teria dado por satisfeito e a esta hora sob que ameaças não se acharia o seu pai, e que angústia não sofreria a sua mãe!...

Mesmo em Noës não lhe faltavam motivos de desgostos. A boa viúva Fayot, convertida para João Maria em mãe, pois o tratava como aos filhos, ia-se debilitando por causa duma pobreza de sangue. Para ajudá-la e também para se distrair, entregou-se ao trabalho manual de corpo e alma.

Em meio aos trabalhadores de Robins, parecia um deles. Mas já então, apesar das admoestações da Sra. Fayot, ele comia muito pouco. Contraindo um resfriado. À noite a febre o assaltou. Declarou-se um defluxo no peito, para curá-lo empregaram o melhor que puderam. A sua constituição robusta salvou-o.

Dá por diante, apesar de não descuidar das devidas precauções, andava menos solícito com a possível vinda dos soldados e nos domingos não temia muito em assistir aos ofícios divinos. Muitos cristãos fervorosos o contemplavam e diziam: "Nunca vimos um moço tão perfeito". A casa paroquial de Noës distava pouco da igreja. Sobre o declive logo mais abaixo, do lado que dá para os bosques da Madalena, "havia uma casinha habitada por duas irmãs, as senhoritas Dadolle. Ao sair da missa matinal a que assistia todos os dias para cumprir as suas devoções, João Maria gostava de visitar brevemente aquelas boas mulheres para falar de religião com elas".

Quando se derretia a neve e os caminhos tornavam-se menos impraticáveis, eram vistos novamente os policiais na região. Várias vezes os temidos uniformes se apresentaram subitamente em Robins, ora em pleno dia, ora de noite. Segundo uma tradição que se conserva na família Fayot, todas as vezes que de Pacaudiere, de Saint-Haon-le-Chatel ou de Renaison, os policiais chegavam de noite a Robins e entravam no estábulo da viúva, nunca encontraram ali o conscrito desertor. Advertido, não se sabe por que pressentimento, João Maria ocultava-se no mato.

Um dia, entretanto, pouco faltou para que o prendessem. Numa tarde de verão de 1810, enquanto trabalhava perto da casa, os policiais apareceram na estrada sem ruído. O sinal convencionalmente advertiu o fugitivo, pois havia muito tempo que os filhos maiores de Paulo Fayot andavam de atalaia. Tal episódio era coisa esperada. Para isso já haviam serrado duas tábuas junto ao paiol do feno e feito um buraco bastante largo por onde pudesse passar um homem. Ágil e sobreexcitado, lançou-se João Maria paiol adentro; saltou de um pulo para o esconderijo e sumiu-se por entre o montão de feno e ali ficou encomendando-se a Deus. Viram-no os policiais? Pode ser. Seja como for, eles fizeram uma busca rigorosa, que deveria ter feito tremer as testemunhas daquela cena rápida. João Vianney continha a respiração. Sentia-se asfíxiado debaixo do feno em fermentação, aquecido ainda pelas emanações do estábulo e pelo sol abrasador que vinha do teto.

Um soldado, examinando o montão de feno, sob o qual se ocultava o pobre João Maria, picou-o com a ponta do sabre. Apesar da dor que sentiu, não se moveu.

Mais tarde, ao rememorar sua vida de Noës, confessará que em nenhum momento da vida sofrera tanto, e que então fez promessa a Deus de nunca se queixar. "Ainda guardo a minha palavra", dizia candidamente. Alguns minutos mais naquele verdadeiro forno e teria morrido asfíxiado. Os policiais julgaram suficiente as buscas e foram tomar refresco na casa do burgomestre que morava defronte.

Foi por este mesmo tempo que houve outra batida dos enviados do marechalato, o que deu lugar a um acontecimento que viemos saber, graças a uma testemunha das mais inesperadas e suspeitas, mas que nesse dia disse a verdade. Em 1850 levaram a Ars uma mulher que manifestava todas as aparências de uma verdadeira possessa: pulava, dançava e falava de uma maneira extraordinária. Os curiosos a cercavam e ela punha-se a contar a vida de cada um. Então chegou o P. Vianney. "Em ti, disse aquela mulher, por cuja boca falava o demônio, nada tenho que censurar". Mas no mesmo instante, retratando-se, acrescentou: "Sim... certa ocasião roubaste um cacho de uvas".

- É verdade, mas pus debaixo da cerca uma moeda para pagá-lo.

- Pouco importa; o proprietário não a encontrou.

Com efeito, o Cura d' Ars nos conta ter colhido aquelas uvas num dia em que fora obrigado a se esconder, estando devorado de sede.

No meado de 1810, João Maria recebeu notícias de sua família. Um médico prescreveu à Sra. Fayot o uso das águas minerais de Charbonieres-les-Bains. Aquela estação termal achava-se a 9 quilômetros a oeste de Lião e por isso bem próxima de Dardilly. A enferma vacilou. Era penoso e lhe exigia muitos gastos. João Maria instou com ela que obedecesse ao médico. Lá refaria suas forças e, além disso, poderia trazer-lhe notícias dos seus. Não havia motivo de preocupação com as despesas da viagem: quem lhe devia a vida também lhe emprestaria algum dinheiro. E quanto à hospedagem, seria muito bem recebida em casa dos Vianney.

O infeliz exilado escreveu "uma carta para os seus, de pesar e de arrependimento". Contudo, nada dizia do lugar em que se achava escondido. Depois, de receber os cem francos, Claudina Fayot partiu para Charbonieres.

Conforme refere seu filho Jerônimo, hospedou-se em casa dos Vianney. Como fizessem dificuldade em recebê-la, apresentou a carta que levava para a mãe do servo de Deus. Esta ficou tão contente em saber notícias do filho que chorou de alegria e abraçou minha mãe. "Nós lhe daremos agasalho, exclamava ela, e a trataremos do melhor modo que pudermos". Então contou-lhe que um dia, estando muito atribulada, recorreu ao P. Balley, cura de Ecully, e ele lhe disse: "Senhora, fique tranqüila com o seu filho. Não está morto nem enfermo. Jamais será soldado, e sim sacerdote".

Ao rústico Mateus Vianney não agradou tal visita. Que desejaria aquela forasteira misteriosa em colóquios com sua esposa?

A leitura da carta não o tornou menos carrancudo. Já estava cansado de tantas multas e ameaças, e prestes a aboletar soldados em sua casa. "Eu vos farei gastar até o último soldo", dissera-lhe o capitão Blanchard, quando estive em Dardilly para

investigar sobre o desaparecimento do conscrito Vianney. “João Maria, repetiu o pai, só tinha que marchar com os outros”. Ao saber notícias de João todos se tranqüilizaram. “Parece, replicou-lhe Claudina, que o Sr. não está muito satisfeito em saber que seu filho está em minha casa...

– Onde você mora, que eu vou buscá-lo?

– Mesmo se o Sr. soubesse onde moro, eu o iria esconder mais longe: ele vale mais do que todos os seus bens!”

Ao cabo de 18 dias a Sra. Fayot voltou para Noës. Mateus Vianney acompanhou-a até Tararé.

Muito se alegrou João Maria com as notícias da família, sentindo, porém, grande pesar “ao saber da tribulação em que, por sua causa, vivia o pai”. Jamais intentara fazer tudo aquilo: seguia o seu destino! E não sabia como sair daqueles apuros.

Entretanto, a forte inclinação para o sacerdócio não arrefecera.

Pelos meados de setembro resolveu mandar trazer os livros de estudo. “Fico por demais atrasado, disse à boa mãe de Noës, se permitir, estudarei no meu quarto e depois lhe pagarei”. Desculpou-se por não poder tomar parte nos grandes trabalhos do outono. Uma carta chegou a Dardilly sem contratempo e a viúva Bibost, pessoa de confiança, vizinha da casa paroquial e que conhecera Claudina Fayot durante sua estada em casa dos Vianney, levou a Robins o pacote de livros, deixado por João Maria em casa do cunhado Melin. E o estudante de 24 anos tornou a abrir a gramática latina.

O tempo que teve para estudar na sua cela, mais do que monástica, foi muito pouco. Em fins de outubro chegou uma notícia por meio de uma mensageira... Que nova e que transportes de alegria! O aluno do P. Balley não seria mais perseguido. Estava livre. Ecully e Dardilly o esperavam.” Qual a causa deste acontecimento tão Providencial? Melhoraram os tempos. A paz, ainda que por um momento, reinava em quase toda a Europa. Napoleão, vencedor da Áustria, concedera uma anistia para celebrar as suas bodas nupciais com a arquiduquesa Maria Luísa (12 de abril). O capitão Blanchard, então mais benigno, informou aos Vianney de Dardilly que o seu filho poderia aproveitar-se daquele ato de clemência e ao mesmo tempo se livrar de toda a obrigação militar, caso pudesse achar um substituto. Dessa maneira, por um capricho da sorte, aquele oficial de Roanne, que no ano anterior ameaçava a João Maria de levá-lo algemado à guarnição de Bayona, tirava-o agora da difícil situação.”

O mais moço dos filhos Vianney, Francisco, chamado *Cadete*, nascido a 20 de outubro de 1790, contava 20 anos, tirara por sorte um número elevado e além disso a incorporação dos de sua classe havia sido diferida. O capitão Blanchard aconselhou o jovem recruta que se antecipasse ao chamamento. Dessa maneira poderia suprir o irmão e livrá-lo, conforme o que permitia a lei. O próprio pai aprovou a substituição que o livraria da praga dos soldados alojados em sua casa, os quais, quisesse ou não, teria de agüentar.” O *Cadete* aceitou o contrato, e por documento em cartório comprometeu-se a substituir o irmão mediante 3.000 francos, parte da herança que

mais tarde caberia a João Maria.” Incorporado ao 6º Regimento de Linha, pôs-se em marcha para Phalsbourg, onde chegou a 20 de outubro. “As últimas notícias de Francisco – que chegou a ser cabo – datam de Francfort-sur-le-Main, no começo da campanha de 1813. Os pais nunca mais o viram”. Creram, portanto, que tivesse perecido na guerra.”

Em casa da boa viúva Fayot choraram ao saber da próxima partida de *Jerônimo Vincent*. Em especial a pequena Claudina, que se afeiçoara a ele com muito afeto, chorou amargamente. Dizia ela a sua irmã: “Não teremos mais o nosso primo”. Todos aqueles “que tiveram a felicidade de o conhecer em Noës” se convenceram com pesar de que não o veriam mais, nem receberiam os bons exemplos daquele jovem tão perfeito. Deram-lhe sinceras provas de simpatia. Com toda a certeza, João Vianney chegaria a ser sacerdote; não ficaria bem ajudá-lo de antemão? A sra. Fayot obrigou-o a aceitar uns guardanapos que lhe haviam oferecido noutros tempos como presente de casamento. “As senhoritas Dadolle fizeram uma coleta por toda a paróquia”. De Renaison veio um alfaiate para fazer a batina do futuro padre Vianney, cujo verdadeiro nome já se sabia. Teve que vesti-la durante uma hora para mostrar aos amigos de Robins como ficaria mais tarde. “Voltareis aqui como padre” – diziam-lhe entre risos e lágrimas. Uma caridosa anciã deu-lhe trinta francos. “Minha boa senhora, disse-lhe João Maria, não o pedistes emprestado para me fazer tão bela oferta?”

– Oh!, não, é o preço da venda do meu porquinho. Ainda me fica a cabra, e esta me basta... Recebei, eu vo-lo peço; e vós vos lembrareis de mim quando fordes padre”. Um dos discípulos do ex-senhor Jerônimo – talvez um dos filhos do burgomestre – quis pagar as despesas da viagem. Numa manhã de inverno, provavelmente em princípios de janeiro de 1811, João Maria Vianney, depois de uma última despedida, entrecortada de soluços, deixava para sempre a casa de Robins. O “seu tempo de desterro, tempo de tristeza e abatimento”, chegara ao fim. A “boa mãe, a “sua querida benfeitora”, desejara ardentemente poder acompanhá-lo até entregar à verdadeira mãe aquele filho adotivo. Mas não se sentiu com forças, e filho mais velho, Luís, de quatorze anos, foi com seu grande amigo até à casa de Dardilly.

Maria Vianney abraçou freneticamente o filho querido que tanto sofrera. Mas ela apresentava também no seu semblante os sinais de prolongados sofrimentos. Silenciosamente havia derramado muitas lágrimas e muitas emoções ocultas dilaceraram-lhe o coração. O seu “padrezinho”, pois em sonhos sempre o via no altar, fora-lhe restituído. Gozaria dele por muito tempo?

Algumas semanas após a volta de João Maria à casa paterna, a 8 de fevereiro, sua mãe, sua santa mãe expirava com a idade de 58 anos. Até ao último dia de vida ele invocou-lhe comovido a memória e chorou ao falar dela. Dizia que, depois de tê-la perdido, a nada mais se achava apegado sobre a terra.”



João Maria Vianney não esqueceu jamais os dias que passou em Robins. Se lá

não voltou, apesar de o ter prometido e como era o seu desejo, pelo menos recebeu durante a vida a visita de algum velho amigo conhecido naqueles tempos críticos. Depois de sua morte, os habitantes de Noës gostavam de ir em peregrinação ao seu túmulo. “Uma pessoa daquele lugar que encontrei no ano passado, declarou em maio de 1864 o padre Dubouis, cura de Fareins, me dizia que a lembrança de sua piedade ainda se conservava viva”. E parecia que entre aquela boa gente nenhuma voz se levantava para acusar João Vianney de se ter esquivado voluntariamente ao serviço militar. Ele mesmo, “fosse por boa fé, fosse por intervenção divina, nunca sentiu a consciência sobrecarregada por aquela deserção”. Assim fala o padre Toccanier, um dos seus mais íntimos, amigos. “Jamais vi que se acusasse ou se justificasse. Somente o ouvi, nos seus catecismos, servir-se da própria história para comparações: “Quando era refratário parecia-me sempre ver os soldados aproximarem-se de mim. Dessa maneira o pecador com seus remorsos, teme, a cada momento, cair nas mãos da justiça divina”. “Não manifestava arrependimento na sua conversa” – diz a condessa de Garets.

E, com efeito, não é segundô o modo atual de pensar, mas com o daqueles tempos que se deve julgar um acontecimento de 1810. O conde Garets, burgomestre de Ars, diz muito bem, quando explica: “O Padre Vianney foi levado por circunstâncias, sem premeditação alguma de sua parte, ao estado de deserção”.

Se o capitão do recrutamento Blanchard não o tivesse deixado partir sozinho a caminho de Renaison, convalescente, mas lhe tivesse facilitado os meios de juntar-se ao seu destacamento; se o burgomestre de Noës, a quem se confiou, o tivesse ajudado a resolver sua escabrosa situação, sem dúvida o jovem teria tomado parte na guerra da Espanha.

“Foi desviado por causas que parecem Providências”.

## O Curso de Filosofia em Verrières (1812-1813)

*No presbitério de Ecully – Primeira tonsura – Lições e exemplos do P. Balley – A casa de Verrières – Um filósofo de 25 anos – Antipatias e amizades – Marcelino Champagnat – As características do futuro santo.*

João Maria Vianney perdera sua mãe quando dela mais precisava. Ah! quem o consolaria em novas tribulações? A primeira confidente de sua vocação, a doce advogada junto ao pai irritado, já não existia. Entretanto, Mateus Vianney, graças, talvez, às últimas recomendações da moribunda, em nada se opôs quanto ao regresso do filho para a casa do P. Balley.

No presbitério de Ecully, apesar do luto que sobre ele pesava, grande foi a alegria ao vê-lo. O P. Balley jamais duvidara desse retorno Providencial. E por dezesseis meses, cada noite, durante a oração, recomendava a Deus o seu querido discípulo. Uma paroquiana, “sem dúvida não muito fervorosa”, ao vê-lo, exclamou: – “Enfim teremos um *Pai-Nosso* e uma *Ave-Maria* a menos todos os dias”. Dali em diante o nosso seminarista não se hospedava mais em casa da tia Humbert e sim na casa paroquial.” Os irmãos Loras e o jovem Dechamps já haviam entrado para o Seminário Menor.

O P. Balley quis que João Maria ficasse com ele, a fim de mais de perto cuidar de seus estudos até ali tão pouco e interrompidos. Em paga disso poderia prestar ao velho mestre alguns serviços: “fazendo as vezes de criado”. ‘Cuidaria do jardim nas horas de folga. Na igreja serviria de sacristão e coroinha, acompanhando-o também nas excursões apostólicas pela paróquia, visto serem tais viagens para ele de grande proveito.

João Maria estava para completar 25 anos. O tempo urgia. O P. Balley ansiava por vê-lo chegar às ordens sacras. Equiparou-o aos estudantes de retórica dos Seminários Menores, logrando deste modo apresentá-lo para a primeira tonsura. Era 28 de maio de 1811. A partir desta data o jovem Vianney, iniciado no clericalato, pertencia ao foro da Igreja. Já era um passo para o sacerdócio. Apesar do sentimento pela

morte da mãe, ainda recente, celebrou-se aquela festa na casa canônica de Ecully.

Sob a direção imediata do P. Balley, João Maria se encontrava numa escola muito boa, porém muito rígida. Um ancião da paróquia descreve o seu pastor do modo seguinte: “Era um homem que parecia ser feito de ossos. Levava-nos a crer que não comia nem o indispensável”. O discípulo começava a participar da vida penitente do mestre, cujo contacto lhe serviu de grande edificação. O austero P. Balley possuía uma piedade simples e terna. “Costumava chorar quando celebrava a santa missa”. O discípulo, que o ajudava, revestido de branca sobrepeliz, aprendeu com ele a tratar dignamente os divinos mistérios.

Quando não passava as horas de recreio no jardim ou na igreja, o jovem Vianney gostava de visitar a boa senhora Bibost, que com muito prazer cuidava de seu modesto enxoval e que, além disso tinha um filho no Seminário. Aquele sentia-se feliz ao encontrar nas férias o jovem amigo com quem conversava sobre o futuro ministério, em cujo céu via refulgir o seu único ideal – o sacerdócio

A obediência era perfeítíssima. “Em casa do P. Balley, dizia ele, jamais fiz a minha vontade”. As suas leituras prediletas eram as vidas dos santos. Conserva-se uma carta sua dirigida a Jacob Loras, antigo condiscípulo em Ecully, em que lhe pede por favor “que compre na casa do livreiro Ruzand um velho volume in-folio, intitulado *HISTORIA DOS PADRES DO “DESERTO”*”.



No último semestre de 1812, pareceu ao P. Balley que havia chegado o momento de seu velho discípulo de 25 anos seguir o plano de estudo regulamentar.

Exigia-se então dos aspirantes ao sacerdócio um ano de filosofia e dois de teologia. A má condição dos tempos inclinava à indulgência.

João Maria Vianney foi mandado para o Seminário Maior de Verrieres, perto de Montbrison. Aquele centro de estudos, fundado em 1803, era apenas uma simples escola paroquial como a do P. Balley em Ecully. O Cura, P. Perrier, arranhou como pode a sua velha casa e a granja para nela receber alunos inclinados à carreira eclesiástica. Deus abençoou visivelmente aquela obra. O número de alunos se elevou em pouco tempo a 50. Uma casa quase em ruínas estava bem próxima à casa paroquial para servir de habitação aos pensionistas. Aqueles meninos que pagavam 10 francos por mês recebiam casa e comida. O dormitório era um celeiro de telha, ao qual subiam por uma escada de madeira. À hora da chamada para as refeições, cada um ia à cozinha, onde recebia sua parte de toucinho e batatas. O tempo de recreio empregavam-no em ajuntar lenha seca e em reparar o arruinado edifício.

O Cardeal Fesch, ao transformar a casa paroquial em Seminário Menor, procurou para o P. Perrier uma casa um pouco mais confortável. Em 1807 o número de pensionistas chegou a 150. A casa estava em franco progresso. Tanto que em 1809 contava 313 alunos. Então o abnegado Cura de Verrieres, esgotado, teve que deixar tão santo labor, sendo substituído pelo P. Barou, professor de filosofia do Seminário

Maior de Argentiére. Em 1811 viu-se seriamente comprometido. Napoleão teve a ousadia de nomear os bispos sem a instituição do Papa. E para assegurar o apoio do Episcopado Francês, a 17 de junho tomou a liberdade de convocar um “concílio nacional”, no arcebispado de Paris. Contra o que havia calculado, declararam os prelados que não viam meio de prescindir das bulas pontifícias. As represálias não se fizeram esperar. No dia 10 de junho um decreto declarava dissolvido o concílio. No dia 12, às três horas, da manhã, foram presos em seus leitos os bispos de Tournai, de Gand, de Troyes, e logo encarcerados em Vincennes.

Os seminaristas de suas dioceses foram chamados às fileiras do exército. E para castigar o P. Emery, que fizera frente ao irascível imperador, um decreto de 20 de outubro declarou supressa a Companhia de S. Sulpício. Outro decreto prescreveu o fechamento de todos os seminários menores, cujos alunos, se quisessem, poderiam continuar os estudos nas escolas municipais.

O Cardeal de Lião, posto que sua influência estivesse abalada, pode conseguir do imperial sobrinho o prorrogamento por alguns meses. Mas, ao terminar o ano de 1812, todos os seminários menores das dioceses de Verrieres, e Roche, Saint Jodard, l'Argentiére, Alix, Meximieux, tiveram que fechar as portas. Duzentos alunos ficaram na rua. O incansável Mons. Courbon, encarregado especialmente das casas de educação, tentou organizar externatos nos povoados onde houvesse escolas públicas: “Bourg, Belley, Villefranche, Roanne e Saiy-Chamond”. Alguém propôs ao conselho do arcebispado colocar aqueles jovens em estabelecimento do Estado. “Não, não, exclamou o Cardeal. Não me quero condenar. Por nada deste mundo sujeitaria os meus jovens ao regime da universidade. A Universidade é como um grande quartel. Ali se educam soldados, e eu quero sacerdotes”.

Movido por tais sentimentos, o Cardeal Fesch tomou uma firme resolução: abrir novamente o Seminário de Verrieres. Entretanto o fez no maior segredo possível. Era coisa relativamente fácil, naquele rincão isolado, longe das grandes vias de comunicação. Demais, se a polícia viesse a descobri-lo, poderia responder sem mentir que a casa de Verrières senão era mais que uma sucursal do Seminário Maior de Santo Irineu, que naquele ano se tornara pequeno para os futuros ordinandos de Lião. Durante o mês de outubro de 1812, foram enviados a Verrieres os jovens seminaristas que já haviam terminado os seus estudos clássicos. Eram uns duzentos. Ali tinham que cursar mais de um ano de filosofia, antes de ingressar no Seminário Maior de Santo Irineu. João Maria Vianney, apesar de sua escassa bagagem literária, foi admitido a seguir aquele curso obrigatório. O P. Barou dividiu os “filósofos” em dois grupos, confiados ao P. Grange e ao P. Chazelles.

Seria necessário, pelo menos, dividir em quatro turnos, mas faltavam mestres. João Maria foi discípulo do P. Chazelles. Era o “decano” da classe, mais velho do que o próprio professor. Não se apoucava com isso, pois havia progredido mais na humildade, que é a ciência dos santos, do que nos conhecimentos humanos.

A primeira vez que foi chamado na aula não entendeu a pergunta e ficou calado. As risadas – “essa idade é sem compaixão” – ressoaram por toda parte. O professor,

como é costume nos seminários, perguntava em latim e o pobre filósofo passava apertado para traduzir linha por linha as páginas do livro. É certo que muitos dos condiscípulos não eram mais fortes naquela língua do que ele. Por isso, foi destacado um grupo de sete alunos da sessão do P. Chazelles, aos quais as aulas foram dadas em francês. Apesar da melhor boa vontade, o santo jovem entendia muito pouco da dialética: as “maiores” e as “menores” não o iniciaram certamente na lógica, da qual, graças a Deus, o seu bom-senso prático já o havia favorecido largamente.

Apesar disso, em 13 de junho de 1813, ou seja depois de 7 ou 8 meses passados em Verrieres, escrevia ao “querido pai”: “Quanto aos meus estudos, vão um pouco melhor do que eu pensava”. É que ele de certo temia não compreender nada, pois sempre fora “aluno duma fraqueza extrema”.

Querida Deus que fosse ele como São Paulo, um “ignorante da arte de bem dizer”. E se a sua modéstia lhe permitisse falar, haveria de responder aos primeiros da classe como o santo poeta italiano, Jacopone de Todì: “Deixo-vos o silogismo, as sutilezas de palavras e os cálculos mais sutis. Deixo-vos a arte, cujo segredo pertence a Aristóteles. Uma inteligência humilde e pura, sozinha, se eleva à presença de Deus, sem auxílio da Filosofia”.

Incompreendido dos homens, João Maria voltou-se para Deus, o eterno amigo que entende o silêncio e percebe as íntimas palpitações do coração. Pelo menos na capela podia expandir-se e chorar à vontade. A querida mãe, já morta, repousava naquela parte do cemitério que fica para o lado de Dardilly. Mas justamente sentia-a mais viva e mais próxima de sua alma e lhe confiava as suas amargas inquietações. Os condiscípulos jocosos convertiam-no em objeto de brincadeira e os mestres eram parcios em animá-lo. Diria mais tarde: “Em Verrieres, tive que sofrer um pouco”. É fácil de adivinhar o que esse *um pouco* encerrava, em seus lábios, de caridosa reticência.

As assíduas e prolongadas visitas à capela animavam-no. Dali por diante, ao sentir a falta do coração materno que nada na terra é capaz de substituir, a devoção a Maria Santíssima tornou-se mais filial e mais terna. A piedade para com a mãe de Deus o levava a fazer o voto de escravidão (de Grignon de Montfort), pelo qual à ela se entregava sem reservas.

Seria, porém, exagero afirmar que João Maria vivesse em Verrieres exilado e perseguido. “Os mais sérios e piedosos gostavam de tomá-lo como modelo”, disse um de seus antigos condiscípulos. Compraziam-se na sua companhia porque quase sempre só lhes falava de Deus e da Santíssima Virgem.” Desta maneira conquistou a simpatia de Marcelino Champagnat, o futuro fundador dos *Pequenos Irmãos de Maria*.

Marcelino não era tido por um luzeiro. Começara os estudos com 17 anos. Saindo do Seminário por incapacidade, ao recomeçar o curso, prometeu, como João Maria, uma peregrinação ao Santuário de Louvesc. Foi admitido novamente em Verrieres. Afinal, depois de nove anos de constantes trabalhos, pode chegar ao curso de retórica, o qual teve também que repetir. Ao começar o ano de 1812, encontrou-se na aula de filosofia com o aluno do P. Balley. Marcelino contava 23 anos, João Maria 26 e meio. A idade já avançada, a igualdade de sacrifícios; o mesmo ideal e virtudes os uniram

logo por uma estreita amizade.

Em Verrieres, conservaram-se os costumes dos tempos heróicos. Ainda que não estivessem tão mal estabelecidos como antes, o regime era duro, a comida frugal, o regulamento severo.

João Maria, longe de se queixar, mostrou-se sempre contente, nunca se viu que faltasse aos seus deveres. Contudo seu comportamento não chamou, especialmente a atenção. Amava tanto a obscuridade quanto o esquecimento! Nada nos leva a crer que fosse citado alguma vez publicamente como modelo.

O insucesso dos estudos teve como consequência uma certa desestima.

As suas notas finais foram as seguintes:

Trabalho .....	bom
Ciência .....	muito fraca
Comportamento .....	bom
Caráter .....	bom

Ainda que o P. Barou fosse bom educador, não tinha contudo a obrigação de ser profeta. Observando somente o exterior não soube apreciar o raro tesouro que a Providência havia posto em suas mãos.

## No Seminário de Lião (1813-1814)

As felizes férias de 1813 – No Seminário de Santo Irineu – Virtude admirável – Cérebro rebelde – Despedido! – Visita ao noviciado dos Irmãos – Exame no presbitério de Ecully – A decisão de Mons. Courbon, vigário geral.

João Maria não fora muito feliz em Verrieres Apenas chegou a entender aquela filosofia insípida e fria, inspirada em Descartes e explicada segundo o sistema da velha Sorbona. Em julho de 1813, grande foi sua alegria quando, ao voltar a Ecully, encontrou o antigo mestre. Recebeu-o ele com não menor satisfação. Uma vez juntos reavivaram-se suas esperanças: a subida do sacerdócio era muito áspera, mas o cume já estava mais próximo. Ao alcançá-lo como respiraria aliviado! O ministério das almas não teria tantas aridezes como as classes e os livros... Sem perda de tempo o P. Balley pensou em preparar o seu discípulo para ingressar no Seminário Maior de Lião. Aquelas férias foram, não resta dúvida, as melhores – e as últimas – que gozou durante toda a vida.

O Seminário Maior de Santo Irineu, edificado na praça Croix-Paquet de Lião, ao pé da Croix-Rousse, depois de ter servido durante a revolução para depósito de armas e hospital militar, voltou no dia 2 de novembro de 1805 ao seu primitivo destino. Era uma imensa casa de três andares, cujos jardins eram cruzados por “uma formosa alameda de tílias”.

Fazia dois anos que os Padres de S. Sulpício não cuidavam da direção do estabelecimento. O decreto de 26 de dezembro de 1811, pelo qual se tirava aos dignos filhos do Padre Olier a direção de todos os Seminários de França, afastara-os de Lião. O Cardeal protestou e suplicou a Napoleão, mas este foi inflexível para com ele e para com os demais prelados.

– Os Sulpicianos foram substituídos por alguns jovens sacerdotes da diocese, mas “os corações não lhes eram afetos”. Todos lamentavam que os diretores fossem muito jovens. Pelo menos tinham pouca experiência, e alguns dos alunos os haviam conhecido nos bancos escolares... A pouca idade porém não impedia que todos fossem homens de valor.

– O novo superior era o P. Gardette, que, ordenado sacerdote durante o Terror,

fora preso e encarcerado nos pontões de Rochefort possuía uma piedade profunda, mas, pelo muito que sofrera, havia-se, às vezes, com certos gestos de rudeza e severidade, exigindo com excessivo rigor a observância do regulamento. O Prefeito do Seminário era o bondoso, sábio e distinto Padre de la Croix d' Azolette, futuro arcebispo de Auch. O ecônomo, um modesto sacerdote, o P. Menaide. O professor de Sagrada Escritura e liturgia era o P. Mioland, jovem sacerdote de 25 anos, amável e simpático. Mais tarde veio a ser arcebispo de Toulouse. O P. Cholleton e P. Cattet, recém-saídos do Seminário de S. Sulpício de Paris, ensinavam respectivamente moral e dogma. Esses professores eram dotados dum saber verdadeiro e mesmo brilhante. Para formar os seminaristas lioneses, tanto na ciência como na virtude, esforçavam-se por continuar as tradições suplicianas.

João Maria, que chegou nos primeiros dias de outubro para se colocar sob a direção deles, ia ser-lhes discípulo por alguns meses. Ali encontrou Marcelino Champagnat, antigo colega em Santo Irineu, também a João Cláudio Colin, a quem a Igreja deveria mais tarde a *Companhia de Maria*; e a Fernando Donnet, que morreu aos 87 anos de idade, como Cardeal-arcebispo de Bordéus...

Certas prescrições do regulamento deviam ter embaraçado um pouco o nosso seminarista, e ninguém nos disse se ele sempre conseguiu sair-se bem. "Sua Eminência, diz o P. Lyonnet, quando ia ao Seminário não cessava de recomendar o porte eclesiástico. Queria que os seus sacerdotes se apresentassem com indumentária conveniente, e um exterior decentemente composto".

Com tais objetivos, ordenou o uso do cosmético no cabelo e fivelas nos sapatos. Desejava também que os seminaristas de Lião usassem capa comprida como os seminaristas de Paris, quando saíssem à cidade.

O ano escolar de 1813 a 1814 teve início depois dos tradicionais dias de retiro, pouco antes da festa de Todos os Santos. Um futuro cônego de Belley, P. João Agostinho Pansut, que naquele ano terminava a teologia, mais tarde na sua velhice conservava ainda a lembrança do *novato*, cuja fisionomia muito o impressionara. Porque, apesar de seu amor ao retiro e ao silêncio, João não podia passar despercebido. Aos 25 anos já tinha o aspecto dum asceta. "O recolhimento, a modéstia, a abnegação de si mesmo, a penitência levada até à maceração, refletiam-se em todo seu exterior. Se todos os 250 seminaristas que viviam em Santo Irineu fossem outros tantos Vianneys, durante os passeios e recreios, aquela casa seria a imagem fiel dum convento de trapistas".

Houve, porém, algumas testemunhas mais freqüentes de uma vida tão edificante. Santo Irineu, com dificuldade, abrigava todos os alunos. Tornou-se necessário acomodar vários nos quartos mais espaçosos. Foi desse modo que João Maria teve por companheiros, além do P. Bezacier, a quem ainda não conhecia, os P.P. Declas e Duplay, seus amigos em Verrieres. "Era de uma perfeita pontualidade, diz Bezacier. Do nosso quarto não precisávamos andar mais que dois passos para ver desfilar um regimento suíço que estava a serviço de França e ouvir a sua excelente banda de música. Muitos se deixavam vencer pela curiosidade. Quanto a João Maria, não me lembro que jamais se tenha movido".

Mais tarde o sr. Declas, que entrara para a Congregação dos maristas, dizia ao seu sobrinho Estevão Dubouis: "Tive ocasião de o conhecer bem, noutros tempos: É um santo".

Alguém poderia crer que Vianney se mostrasse um tanto singular. Muito pelo contrário: "Nada de extraordinário no modo de proceder. Sua modéstia era duma grande simplicidade".

Infelizmente, conforme o Sr. Bezacier, "o resultado nos estudos era nulo, pois bem pouco entendia da língua latina. Muitas vezes, eu mesmo lhe dei explicações, que aliás, não conseguia compreender... Apesar disso, a aplicação era contínua".

Todos sabiam, refere o Sr. Pansut, que João Maria Vianney não fizera regularmente os estudos, e por isso ninguém se admirava do pouco êxito obtido. Se mais tarde operou verdadeiros milagres na direção das almas, deveu-o ao perseverante trabalho e sobretudo às graças com que Deus o cumulou visivelmente. O superior, P. Gardette, se interessou certamente por aquele seminarista, cuja piedade e heróica aplicação eram conhecidas.

Deu-lhe como professor particular o Sr. João Duplay, um dos primeiros da aula. Menos tímido ao lado do condiscípulo que o interrogava em francês, João Maria, na mesma língua, dava respostas bem acertadas e cheias de muita ponderação.

Um dos professores, o P. Mioland, em o vendo tão atrasado, por compaixão dava-lhe algumas aulas. Explicava-lhe a Teologia num manual escrito em francês e redigido com muita clareza, chamado *Ritual de Toulon*. "Graças a essas explicações, melhor adaptadas à sua capacidade, o jovem Vianney poderia adquirir no Seminário os conhecimentos suficientes. Mas sendo o latim a língua oficial das aulas e dos exames, para o nosso estudante as preleções em comum eram pouca coisa mais do que letra morta." Feita a experiência, os professores não o interrogaram mais.

Quanto deveria sofrer ao ver a ineficácia de seus esforços! Ninguém como ele em Santo Irineu almejava tanto o sacerdócio, e como ele ninguém parecia estar mais distante... Mas que acervo de penas, que desalento, quando, depois de "cinco ou seis meses, os professores, julgando-o incapaz de ir mais adiante com os estudos, aconselharam-no a que se retirasse".

Estava despedido aquele, diante de cujas relíquias, um dia o Soberano Pontífice, prostrado, sob a cúpula de S. Pedro em Roma, as veneraria e as perfumaria de incenso! Foi essa a prova mais dura de toda a sua vida. Mais tarde o veremos falar com alegria de suas misérias e contratempos. Jamais, ao menos enquanto se tem lembrança, fez alusão àquela saída do Seminário Maior.

"Muitos de seus condiscípulos sentiram grande pesar ao vê-lo partir". Ele, pelo contrário, aceitou a sentença com resignação e sem queixas. Passados 50 anos, um dos confidentes de então, o Cardeal Donnet, no-lo dirá: "A recordação de sua humildade e de suas prudentes palavras ao falar com ele naquelas circunstâncias, ficou-me profundamente gravado no coração". "Que faria, então, dali em diante?... A porta do Santuário fora-lhe fechada! Voltaria para o mundo, ele cujo desejo íntimo era dar-se inteiramente a Deus?"

Lembrou-se então João Maria de seus companheiros de infância, João Dumond, que em 27 de novembro do ano anterior recebera o hábito de “Irmão” no noviciado de Lião, do *Pequeno Colégio*. Na alma do pobre seminarista despedido surgiu um novo plano. Trocaria a sua batina por outra de Irmão, com “quatro mangas”. Sem se entender com o P. Balley, nem pedir-lhe conselhos saiu de Santo Irineu para bater à porta do *Pequeno Colégio*, situado perto da igreja primacial de Lião.

o sei bastante latim para ser sacerdote, disse ao seu amigo João Dumond, agora Irmão Geraldo; virei aqui para ser Irmão”. E foi para a casa paroquial de Ecully, por alguns dias, como pensava.

O P. Balley, que o recebeu de braços abertos e sobre cujo peito chorou amargamente, ouviu-lhe as confidências. Depois, tomando a palavra, novamente assegurou a seu protegido que Deus o escolhera para o serviço do altar. “Escreve, acrescentou o P. Balley, escreve ao teu amigo de Lião que não fale nada, e que eu quero que continues os teus estudos”.

Era forçoso tentar mais uma vez.

Mestre e discípulo, depois de terem orado juntos, puseram mãos à obra. O estudo do *Ritual de Toulon* foi recommençado. O P. Balley alternativamente lançava mão do francês e do latim. Acaso Vianney não estava obrigado a entender na língua da Igreja ao menos as coisas mais necessárias?

O espírito de Deus., que habitava aquela alma, preencheria as lacunas e supriria as deficiências...

Mas como isto se faria? Ignorava-o o interessado, motivando-lhe isso grandes sofrimentos.

Felizmente, a piedade sustentava-o e o próprio Deus vinha em seu auxílio. “Quando estudava, dizia ele mais tarde, a angústia me oprimia. Não sabia o que fazer... Parece-me estar vendo aquele lugar em Ecully: Passava junto à casa da Sra. Bibost... Ali me foi dito como se me falassem ao ouvido: – Vai, fica tranqüilo. Um dia serás sacerdote”.

Aproximava-se entretanto o tempo das Ordenações. O exame canônico começava em fins de maio, e o P. Balley aventurou apresentar o seu discípulo. A diocese estava com falta de sacerdotes. O candidato já ia completar 29 anos. Fazia três que tinha recebido a tonsura. Já era tempo de ao menos receber as Ordens Menores, a não ser que de todo se esvaíssem as esperanças. Foram essas as razões que pareceram suficientes para que o tempo não se prolongasse mais.

Três meses apenas haviam passado após a saída do Seminário, quando João Maria Vianney apareceu novamente entre os antigos condiscípulos. Em o vendo, se alegraram. Sentado no último lugar esperava sua vez. Introduzido na sala dos exames viu aquele venerável tribunal presidido pelo Cônego Bochart, Vigário Geral, e composto do que mais sábio e mais digno possuía a diocese de Lião. Já muito impressionado, ouviu que o chamavam. Logo perdeu a calma, entendendo mal as perguntas que lhe fizeram em latim. Embaraçou-se e o que respondeu foi duma maneira incompleta...

O tribunal examinador ficou perplexo. Todos conheciam o reto juízo natural e o critério do P. Balley. Não ignoravam os elogios que tinha feito da piedade e constância de seu discípulo... Haveriam de recusar aquele seminarista de tão boa vontade ou ao menos fazê-lo esperar?

Acharam melhor declinar toda a responsabilidade daquele caso de dúvida. João Maria Vianney estava livre para solicitar admissão em outra diocese, se algum bispo o quisesse receber.

Na tarde daquele mesmo dia regressou ao presbitério de Ecully. O P. Balley percebeu o perigo e no dia seguinte foi a Lião. Primeiramente aconselhou-se com o sacerdote que ouvira a primeira confissão de João Maria, e que lhe dera a 1ª comunhão. O P. Groboz, que veio a ser mais tarde Secretário Geral do Arcebispado de Lião, acompanhou o P. Balley a fim de ir com o Vigário Geral que no dia antecedente havia interrogado a João Maria. O cura de Ecully nada mais fez do que repetir o que julgava de seu discípulo: o menos instruído talvez, mas o mais virtuoso dos seminaristas de Lião. O P. Groboz também referiu preciosas recordações. Mons. Bochart deixou-se convencer e prometeu que estudaria o assunto. Mas, ao mesmo tempo, a pedido do P. Balley, consentiu em ir no dia seguinte até Ecully e levar também em sua companhia o reitor do Seminário. Ambos examinariam em particular o desventurado candidato.

Tranqüilizado por tão benévola resolução, “João Maria respondeu muito bem às perguntas que se lhe fizeram, pelo que ficaram muito satisfeitos”. Assim se exprime o P. Betemps, Cônego de S. João de Lião, velho amigo do P. Balley, o qual, depois da morte deste, foi confessor de João Maria por algumas semanas.” O P. Bochart saiu de Ecully bem impressionado, mas não cabia a ele dar a decisão definitiva.

Depois da sangrenta batalha de Leipzig (20 de outubro de 1813), russos, austríacos, alemães, suecos, ingleses e espanhóis, coligados, haviam invadido a França. Em 11 de abril seguinte, Napoleão, vencido, assinava a sua abdicação. Sua mãe e seu tio acharam refúgio junto ao Papa Pio VII. Na ausência de S. Eminência, o P. Courbon, primeiro Vigário Geral, assumiu o governo da diocese. Era pois este quem haveria de decidir sobre a sorte de João Maria Vianney.

Não faltou quem o advertisse que o discípulo do P. Balley só entendia bem a língua materna, não havendo esperança de aprender o latim.

O Vigário Geral sentiu-se inclinado à indulgência. Demais, a situação do Arcebispado não era tão penosa? E não fazia dois anos apenas que pelo Natal de 1812 foram “admitidos em massa” os alunos do primeiro ano de Teologia e os restantes de outros cursos ainda não ordenados de Subdiáconos, para melhor livrá-los do serviço militar?”

O P. Courbon, simples e bondoso, limitou-se a perguntar: “Sabe rezar o Rosário”?

– Sim. É um modelo de piedade.

– Um modelo de piedade? – pois bem, eu o admito. A graça de Deus fará o resto”.

Jamais o P. Courbon foi tão inspirado.

## Do subdiaconato ao sacerdócio (1814-1815)

Elevação ao Subdiaconato – Os pressentimentos do P. Millon – A política no Seminário Maior – Ordenação de Diácono – O exame canônico para o Presbiterato – Os papéis de Ordenação Consagração Sacerdotal – As impressões de 13 de agosto de 1815.

Por meio da humilhação e do sofrimento, o Escultor divino tinha suficientemente modelado e embelezado aquela alma. Chegara a hora da consagração. O jovem Vianney soube, com reconhecimento infinito, que no dia 2 de julho, festa da Visitação de Nossa Senhora, receberia duma só vez as Ordens Menores e o Subdiaconato. A autoridade diocesana dispensava-o dos *interstícios* canônicos que *TE DEUM* no presbitério de Ecully!

João Maria voltou ao seminário um mês antes da Ordenação, a fim de se preparar com exercícios espirituais e ouvir as instruções necessárias sobre as cerimônias, e sobre os poderes que lhe iam ser conferidos.

Na manhã de 2 de julho, o futuro subdiácono, revestido de alva, deu o passo simbólico que o separava para sempre da vida secular e mundana. Depois, tocando o cálice destinado a conter o Sangue de Cristo, desposou a castidade.

Celebrou-se a cerimônia na igreja primacial de S. João. Marcelino Champagnat, seu primeiro condiscípulo de Verrieres, recebeu o subdiaconato em Grenoble, no dia 6 de janeiro daquele mesmo ano, das mãos de Mons. Simon.

Mas João Cláudio Colin, que, por causa de escrúpulos, tivera de esperar, achava-se desta vez entre os novos ordenados ao lado do P. Vianney. Mons. Simon, vindo expressamente de Grenoble, recebeu os seus juramentos.

– Tive a dita, narra o P. Pedro Millon, cura de Beny, de me achar bem junto a ele. Depois da cerimônia, conforme o costume, foram em procissão da igreja primacial até ao Seminário Maior. Maravilhou-nos o entusiasmo com que cantava o *Benedictus*, salmo de ação de graças. Seu rosto parecia resplandecente. Movido de não sei que pensamento, apliquei-lhe as palavras do versículo: *Tu, menino serás chamado Profeta do Altíssimo*. Dizia de mim para mim: Possui menos ciência que muitos outros, mas no ministério sacerdotal faria grandes coisas.

Como o P. Balley se responsabilizasse pelo seu protegido, foi-lhe permitido tê-lo consigo durante o ano escolar de 1814 a 1815. Mestre e discípulo tiveram sobejos

motivos para se felicitem, pois aquele ano fora para o Seminário de Santo Irineu de Lião um ano verdadeiramente deplorável. O recolhimento tornou-se quase impossível, e sem recolhimento há pouco proveito e menos ainda sólida formação.

Se dermos crédito a um contemporâneo, a “notícia da abdicação do Imperador foi recebida em Lião com verdadeira embriaguez de entusiasmo, chegando quase à loucura. Parecia que se ia passar da idade do ferro para a idade do ouro, tão decantada pelos poetas”.

Enquanto Napoleão desterrado partia para Elba, o infeliz Cardeal Fesch, digno certamente de melhor sorte, vivia errante de Nîmes para Montpellier, de Montpellier para Blois, de Blois para Bourges. Voltando a Lião por alguns dias, torna a partir em 27 de abril. A odisséia do prelado fugitivo foi terminar em Roma, onde o recebeu a benignidade paternal de Pio VII. No dia 14 de abril, em vista da notícia de que Luís XVIII tinha sido proclamado “rei de França e de Navarra”, o cabido de Lião, na ausência do Arcebispo e mesmo sem a sua autorização, ordenou um *TE DEUM* na igreja metropolitana e em todas as demais igrejas da arquidiocese. O P. Groboz, secretário geral do arcebispado e grande amigo do P. Balley, levado pela sua antiga crença monárquica, lembrando-se talvez de seu desterro, era um dos mais exaltados. Os seminaristas imitaram-no. Todos aqueles cérebros juvenis chegaram a extremos incríveis. Na alameda de tília, do Santo Irineu, por muito tempo falou-se mais em política do que em teologia...

O Cardeal Fesch, de Roma, continuava governando a diocese; os seus bens, porém, foram confiscados e a sua autoridade tida por nula.

Momento dramático! Em princípios de março de 1815, chegou repentinamente a notícia de que o Imperador destronado acabava de desembarcar em França, no golfo de Jouan. E logo, rápido como um raio, no dia dez fez a sua entrada triunfal em Lião. Foram encarcerados muitos sacerdotes por causa de suas opiniões legitimistas. A 26 de maio o Cardeal Fesch, ao repicar dos sinos, apareceu novamente na cidade. Ficou nela somente três dias, partindo depois para nunca mais voltar.

Um dia antes de ir para Paris, visitou os seminaristas do Santo Irineu. Agora deixemos que nos fale um contemporâneo e nos conte essa história no estilo pomposo próprio da época:

– Muitas eram as queixas que haviam chegado ao Cardeal, por causa do espírito ultra-realista que se havia infiltrado naquela casa. A polícia estava informada e queria agir rigorosamente. Provas havia que até comprometiam a existência do estabelecimento.

Muitos jovens seminaristas de cabeça leviana e imaginação exaltada, sem avaliar as conseqüências de seu proceder, se inscreveram numa federação legitimista organizada nas montanhas de Forez.. Todos se recusaram a cantar na capela o *DOMINE, SALVUM FAC IMPERATOREM NAPOLEONEM...*

Sua Eminência não estava disposto a sacrificar por causa de alguns imprudentes uma casa que lhe havia custado tantos desvelos e que era de tão urgente importância.

Pois que seria da diocese se a fonte que alimentava e continuava o sacerdócio se viesse a esgotar? Acompanhado pelos Mons. Courbon e Bochart, apresentou-se no Seminário para levar sua palavra de paz e de moderação aos jovens teólogos que se achavam sob uma influência estranha à vocação. Quando esses jovens viram de longe a púrpura do Cardeal, adivinharam o motivo da visita. Uns, como um bando espantado, debandaram para seus quartos, enquanto outros se esquivavam ou murmuravam em voz baixa. Não sem grande dificuldade, conseguiram reunir e apaziguar alguns jovens. Depois de o Cardeal lhes ter dirigido algumas palavras de prudência, convenceu-se de que era inútil arrazoar com aquelas cabeças exaltadas... Retirou-se mais desiludido ainda da causa de seu sobrinho...

Enquanto o Prelado subia ao coche (era um miserável carro de praça), um dos voluntários realistas de batina escreveu com giz atrás do carro a aclamação preferida de 1814: *Viva o Rei! O Cardeal* atravessou toda a cidade com essa singular inscrição sediciosa para um príncipe da família imperial, como ele, que só reconhecia a águia e os troféus.

Quando a 29 de maio o Cardeal tomou o caminho de Paris, nem tudo ainda lhe parecia perdido. Mas, pela tarde do dia de Waterloo (18 de junho), a águia caía ferida de morte. A notícia do desastre surpreendeu o Cardeal Fesch na capital, donde fugiu novamente para Roma, e onde morreu piedosamente, 25 anos mais tarde, a 13 de maio de 1839.

Não há mal que não traga algum bem. O humilde João Maria Vianney não se envolveu naquelas discussões. O P. Balley, sabendo do que se passava no Seminário, bendisse a Providência, por aquele rigoroso exame que no ano anterior fora causa de voltar para Ecully o último, porém o mais digno dos alunos do Santo Irineu.

Até fins de maio de 1815, João Maria, admitido ao Diaconato, entrou novamente para o Seminário. Ali soube manter-se à margem de toda discussão, e formou no seu interior uma tranqüila solidão de que jamais saiu um só instante.

A 23 de junho, véspera da festa de seu santo protetor, foi ordenado diácono, na igreja primacial de S. João de Lião, por Mons. Simon, bispo de Grenoble. E o espírito de fortaleza cada vez mais penetrou os refolhos de sua alma, já agora tão robustecida.

Na mesma manhã, por ocasião do canto das Ladainhas de Todos os Santos, prostraram-se ao seu lado João Cláudio Colin, o futuro fundador dos Maristas e Marcelino Champagnat, o futuro fundador dos Irmãos Menores de Maria. Esses dois voltaram ao Seminário para cursar o ano de preparatórios para o sacerdócio.

Por inesperado favor, devido, sem dúvida, às diligências de seu abnegado mestre, mas também à fama de suas virtudes, logo depois do diaconato, foi admitido à ordenação sacerdotal. Pela segunda vez foi submetido ao exame canônico em Ecully, em presença do Vigário Geral P. Bochart. Verificou este com grande satisfação que, depois de transcorrido um ano, o nosso “Teólogo tinha feito verdadeiros progressos.

O jovem Vianney foi interrogado pelo douto examinador sobre os pontos mais difíceis da teologia moral, e isto por espaço de mais de uma hora. Ficou satisfeito com as suas respostas e mesmo admirado pela clareza e precisão...

Decidiu-se que o nosso diácono, depois de alguns dias de retiro, iria a Grenoble receber o presbiterato.

Os de seu curso, entre eles o P. Pansut, Bezacier, Colin e Champagnat, só no ano seguinte foram admitidos ao sacerdócio.

Numa quarta-feira, nove de agosto, o P. Vianney apresentou-se na secretaria do Arcebispado, onde Mons. Courbon lhe entregou as cartas dimissórias. Estes papéis rezavam que S. Excia. o sr. Bispo de Grenoble podia ordenar a João Maria Vianney, encardinando-o na diocese de Lião, com a condição, porém, de que o neopresbítero só mais tarde pudesse receber a licença para ouvir confissões. “Os juízos dos homens são bem diferentes dos juízos de Deus”. O humilde diácono, que com tais condições partia para Grenoble, haveria de passar as três quartas partes de sua vida sentado no confessionário, “A Igreja, conclui Mons. Courbon, ao assinar as dimissórias, não necessita somente de padres sábios, mas também e sobretudo de padres piedosos”.

Sob um causticante sol de agosto, o P. Vianney partiu a pé, levando somente um embrulho com algumas provisões e a alva para as cerimônias.

A distância entre Lião e Grenoble é de cem quilômetros. O aspirante ao sacerdócio, parecendo ter asas, porque, finalmente, ia ver realizados seus sonhos, percorreu alegremente aquela distância, mas não sem perigos. A França fora invadida novamente e as estradas do Delfinado estavam cheias de inimigos armados. Que faria por caminhos tão pouco seguros aquele clérigo cansado, com sua pequena bagagem? Não passaria talvez por algum espia aos serviços da França? Os austríacos do corpo de Bubna insultaram-no na própria língua gutural – um dia se recordará desse idioma desconhecido, para compará-lo a um outro se possível mais bárbaro ainda – e várias vezes os soldados detiveram-no.

Finalmente, no sábado, dia 12, pela tarde, o ordinando lionês era recebido no Seminário Maior de Grenoble, situado à rua do Templo Velho. No dia seguinte, décima terceira domingo depois de Pentecostes, às primeiras horas da manhã, foi conduzido à capela que antes da revolução fora a Igreja dos Mínimos.

Mons. Simon ao mesmo tempo nela também penetrava, modestamente paramentado. Era um prelado profundamente piedoso, cheio de afeto e condescendência. Lastimaram que se tivesse incomodado com tão pouca coisa: uma só ordenação, e de um seminarista forasteiro!... O velho bispo contemplou por um momento aquele diácono de aspecto ascético, a quem não acompanhava nenhum parente, nem um só amigo, e replicou com grave sorriso: “Não é grande incômodo ordenar um bom sacerdote”.

Incapaz de poder expressar as emoções daquela manhã celestial, o P. Vianney não as revelou a ninguém. Mais tarde, porém, em suas catequeses, quando falava da sublimidade do sacerdócio, o que costumava frequentemente, fazia reviver em si as impressões indeléveis daquele 13 de agosto de 1815. “Oh, o Padre tem alguma coisa de grande! Não se compreenderá bem o sacerdócio senão no céu. Se o compreendêssemos na terra, morreríamos não de espanto, mas de amor!”

Com a idade de 29 anos, depois de tantas incertezas, de tantos fracassos e de

tantas lágrimas, João Maria Vianney via abertas as portas do santuário. Enfim, subia ao altar do Senhor. Desde aquele momento de sua ordenação se considerava, de corpo e alma, como um vaso sagrado, exclusivamente destinado ao divino ministério.

No tempo da meninice, quando vivia com sua santa mãe, dissera, um dia, entre suspiros: “Se eu fosse sacerdote, queria salvar muitas almas”. As almas já o aguardavam.

## Coadjutor de Ecully (1815-1818)

*Grande alegria em Ecully, Dardilly e Noës – O primeiro penitente do P. Vianney – Os cônegos do misnistério paroquial – Ele “dá tudo o que tem” – Na escola de santidade – A visita da viúva Fayot – Paulina Jaricot e Santa Filomena – Ao silêncio do Presbitério – Doença e morte do P. Balley – Heranças e recordações – O P. Tripiet e o sem coadjutor. A capelania de Ars.*

O P. Vianney celebrou sua primeira missa na capela do Seminário Maior, onde no dia anterior recebera a ordenação sacerdotal. Era pois 14 de agosto, segunda-feira, véspera da Assunção. Dois capelães do exército austríaco celebraram ao mesmo tempo em altares laterais. Está fora de dúvida que não regressou imediatamente a Ecully, mas ficou em Grenoble para a solenidade do dia seguinte. A delicadeza de sua consciência e a devoção para com Maria Santíssima não lhe teriam permitido viajar em tal dia. Tudo leva a crer que partiu do Seminário, no dia 16 depois de ter celebrado a sua terceira Missa.

Durante o regresso teve que passar pelos mesmos vexames que sofrera na ida. Finalmente pode chegar a Ecully, onde já o esperava ansioso seu velho mestre. Agradável surpresa lhe estava reservada: o padre Balley, depois de se ter ajoelhado a seus pés e recebido sua bênção, comunicou-lhe a alegre nova: Os Reverendíssimos Vigários Gerais se haviam dignado conceder um coadjutor à paróquia de Ecully, e o sacerdote designado para tal cargo não era outro senão Maria Vianney. Assim, o filho adotivo ficaria junto ao pai. Seria o seu auxiliar no meio de tantos trabalhos, e quem lhe fecharia os olhos.

Grande também foi a alegria na casa de Dardilly. Todo um passado cheio de angústias foi olvidado quando o neo-sacerdote reapareceu entre os seus. Ah!, se a mãe estivesse viva!... João Maria orou demoradamente junto à sepultura de sua querida mãe.

Uma carta foi anunciar aos de Noës e aos de Robins a ordenação sacerdotal de *Jerônimo Vincent*. No ano anterior, depois de recebido o subdiaconato havia escrito ao venerável P. Jacques, oferecendo-se-lhe como eventual coadjutor. Outros emolumentos não lhe pedia senão alimentação. Ele amava de tal modo a Noës, como dizia, que não podia afastá-la da memória. Que alegria para a viúva Fayot ao saber

que seu “filho mais velho” tinha visto os desejos realizados. Na verdade, a princípio ficaria em Ecully, porém, depois chegaria a ser cura. Então, quem sabe?... Combinou-se em Robins que iriam quanto antes saudar, na casa do P. Balley, o seu santo e amável coadjutor.

Os paroquianos de Ecully participaram da alegria de seu pastor. “O padre Vianney muito nos edificou quando esteve entre nós. Quanto mais agora que é sacerdote!” Com efeito, logo depositaram nele toda a confiança, apesar de no começo só poderem consultá-lo fora do tribunal da penitência. O padre Vianney recebeu as faculdades necessárias para ouvir confissões, depois de muitos meses após a nomeação de coadjutor.

Vimos antes que Monsenhor Courbon assim o havia determinado. O primeiro penitente que se lhe prostrou aos pés foi seu próprio confessor, o P. Balley em pessoa.

Ao procurar um novo diretor, o austero e sábio P. Balley não encontrou outro mais apto para receber os segredos de sua alma do que aquele antigo camponês, tido por incapaz durante muito tempo. O digno ancião constatara a obra da graça naquela natureza de escol. Levou ao conhecimento do Mons. Courbon que já era tempo de delegar os poderes a seu coadjutor. Imediatamente o Vigário Geral acedeu a tão justificado requerimento.

O primeiro ato ministerial do P. Vianney data de 27 de agosto de 1815 – um batizado. Desde que o souberam “aprovado” pela Cúria Arquiepiscopal, o seu confessor foi assediado pelos enfermos espirituais que não procuravam outro. “Isso lhe roubava muito tempo, fazendo-o negligenciar as próprias refeições”. Um pouco mais tarde essa negligência tornou-se habitual. Mas o campo de seus trabalhos estava longe de ser infrutuoso e sem consolações, pois “um grande número de pessoas, que até ali não eram a edificação da paróquia mudaram de vida após se terem dirigido ao P. Vianney”.

Preparava, e depois explicava cuidadosamente a lição de catecismo, fazendo-se pequeno com os pequenos. Levava os mais atrasados para o quarto, e, lembrado do que outros lhe fizeram durante a Revolução, instruí-los com uma paciência incansável.

“No púlpito de Ecully era breve, mas claro”. Desse modo dava começo a um ministério que lhe haveria de custar rudes esforços, mas, que teria êxitos surpreendentes.

“Ao meu ver, não pregava bem, disse sua irmã Margarida, que vinha de Dardilly para ouvi-lo; apesar disso, quando lhe tocava a vez de falar, todo mundo acorria à Igreja. Não receava dizer as verdades mais duras e fustigar certos vícios. Ecully, propriamente falando, não era nenhum oásis de perfeição. A Revolução deixara ali suas conseqüências e a vizinhança duma cidade não era o meio mais próprio de as atenuar. Corria-se atrás dos prazeres e dançava-se sempre que se oferecesse ocasião: “No lugar onde estive como coadjutor, diria mais tarde P. Vianney em suas aulas de catecieno, um jovem que se apresentava para ser padrinho de uma criança havia contratado um violinista para bailar. Na manhã do batizado foi esmagado por uma

viga. O músico não faltou. Quando, porém, ia chegando, os sinos dobravam a finados, anunciando os funerais daquele infeliz”.

Pregava a pureza dos costumes e a perfeição da vida cristã. O P. Vianney era o primeiro a dar o exemplo. Aquele padre de 30 anos já se conduzia a si mesmo com admirável reserva. Era muito simples e muito franco, mas “evitando toda familiaridade”. Possuía aquele dom particular dos santos de que fala S. Francisco de Sales, o qual consiste “em ver a todos sem olhar a ninguém”. Fizera esse pacto com seus olhos porque se sentia frágil como qualquer homem deste mundo. Orava e, se mortificava para dominar a carne, pois experimentava também na parte baixa da natureza os estímulos do pecado.

– No dia 3 de outubro de 1839, conta o P. Tailhades, de Montpellier, que o P. Vianney lhe fez confidências muito importantes. Perguntei-lhe como conseguira libertar-se das tentações contra a santa virtude. Ele me respondeu que era efeito de um voto. Consistia esse voto em rezar todos os dias uma *Regina Coeli* e seis vezes a seguinte invocação: “*SEJA PARA SEMPRE BENDITA A SANTA E IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-VENTURADA VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS. ASSIM SEJA.*”

O padre Balley não era rico. E sustentar um coadjutor seria para ele uma carga muito pesada. Assim pensavam os paroquianos e “por isso lhe ofereciam tudo de quanto precisava, pela metade do custo ou gratuitamente. Aquela boa gente fez disso uma necessidade, uma honra e um prazer”.

– Certo dia de inverno, conta Margarida, o P. Balley disse a meu irmão: “V. Revma. vá a Lião visitar a senhora F. É preciso que se arrume bem e ponha os sapatos que lhe deram”. Ao regressar trazia umas calças esmulambadas. Perguntou-lhe o P. Balley o que havia feito. Respondeu-lhe que tendo encontrado um pobre transido de frio trocara as suas calças pelas calças velhas do mendigo.

“Como vai o João Maria, perguntava uma ou outra vez André Provin, amigo de Dardilly, ao P. Balley. – O P. Vianney é sempre o mesmo, respondia o pároco de Ecully: dá tudo que tem”.

Quando Mons. Courbon nomeou a João Maria Vianney coadjutor de Ecully, o P. Balley manifestou grande contentamento pelo motivo de o reter a seu lado para ajudá-lo a prosseguir nos estudos da teologia. Assim aconteceu. Nos momentos livres era aberto novamente o *Ritual de Toulon* e o mestre lhe explicava, de uma maneira mais prática, o dogma, a moral e a liturgia católicas.

Quando saíam juntos o pároco propunha ao coadjutor casos de consciência mais ou menos difíceis. O jovem sacerdote procurava por si mesmo dar a solução com os motivos que o levavam a resolver deste ou daquele modo.

Deus, porém, não colocara o P. Vianney em Ecully somente para exercer o ministério paroquial; mandara-o para uma escola de santidade.

Conforme já temos observado, o P. Balley era um sacerdote muito mortificado.

Entre ele e o coadjutor estabeleceu-se logo uma aterradora emulação de austeridade.

“Era, no dizer do cônego Pelletier, cura de Treffort, um santo junto a outro santo!”

Algum tempo depois, o P. Vianney fez esta humilde declaração: “Terminaria sabendo um pouco mais se tivesse a dita de viver sempre com o P. Balley. Ninguém como ele fazia ver até que ponto a alma pode desvencilhar-se dos sentimentos terrenos e o homem assemelhar-se aos anjos. Para se ter desejo de amar a Deus bastava ouvi-lo dizer: Deus meu, eu vos amo de todo o coração”.

O P. Balley usava um cilício. O P. Vianney pediu também reservadamente à Claudina Bibost e à filha Colomba que lhe fizessem um *colete de crinas com o qual cobriria as carnes!* Quando a visita de algum colega não os tirava do regime habitual, era, como dizia o P. Vianney, uma santa emulação. Nada de vinho “Algumas batatas com pão escuro e um pedaço de carne cozida que, de tanto voltar à mesa, ficava denegrido. E foram tão longe nisso que alguns paroquianos julgaram-se na obrigação de informar Mons. Courbon a respeito do que se passava. “Felizes, de vós, povo de Ecully, replicou o Vigário Geral, por terdes padres que deste modo fazem penitência por vós”. Mas ao mesmo tempo o pároco denunciava à autoridade eclesiástica o coadjutor “por ultrapassar os limites da penitência” e este denunciava o pároco por excessos de mortificação. Mons. Courbon pôs-se a rir e despediu a todos.”

Entretanto, havia alguma trégua naquela austeridade. A mesa perdia algumas vezes aquele aspecto tão lúgubre. Quando havia hóspedes – o Vigário Geral e o P. Groboz foram algumas vezes – o cardápio era melhor e mais variado.

Numa dessas ocasiões, em formoso meio-dia do mês de outubro de 1815, apresentou-se na casa paroquial de Ecully uma mulher vestida à moda de Forez. Perguntou pelo P. Vianney. A criada respondeu-lhe que os padres estavam à mesa e na sala de jantar havia muita gente. Não importa! A viúva Fayot, de Noës – pois era ela a recém-chegada – na ânsia de ver a João Maria não se receou de penetrar na sala do festim. Entrou, mirou os comensais, entre os quais se achavam Mons. Courbon e o P. Bochart. Logo reconheceu o “seu querido filho”. O P. Vianney levantou-se radiante de alegria. E vendo que “sua boa mãe se encaminhava para ele, adiantou-se também. Ela apertou-o num abraço, dando-lhe em cada face um beijo mui sonoro.”

O P. Balley, com ser um padre penitente, não era, de modo algum, um misantropo, ou um incivil. Em Lião, jamais deixou de conservar suas amizades e relações. Continuava visitando a família Loras e era muito conhecido do Sr. Antônio Jaricot. Esse grande industrial havia comprado em Tassin, perto de Ecully, uma casa de campo, dando-a pouco depois à filha mais velha que, pelo casamento, se tornou a Sra. Perrin. A simpática Paulina Jaricot, de 17 anos de idade, irmã da Sra. Perrin, em 1817 foi veranejar em Tassin. Depois de ter vivido por algum tempo entregue às vaidades do mundo, cujos perigos ainda não podia medir, Paulina renunciou às suas tontices, tornando-se modelo de piedade.

Na antiga casa dos Jaricot reuniam-se algumas vezes o clero de Ecully, sacerdotes distintíssimos como o futuro Cardeal Villecourt, P Wertz, coadjutor de Saint-Nizier em

Lião e confessor de Paulina. Foi nessas reuniões de Tassin que, pela primeira vez, o P. Vianney sentado humildemente numa ponta de mesa com a jovem Paulina, ouvia falar numa virgem mártir – Santa Filomena, cujo corpo fora descoberto, fazia poucos anos, numa catacumba de Roma, e diante da qual, conforme diziam, se multiplicavam os milagres. Ignorava então que lugar iria ocupar na sua vida aquela santa martirizada no começo da Igreja.



Levando vida comum, tal como exigiam os estatutos da Igreja de Lião, nossos cenobitas viviam numa comunidade jamais perturbada. “Juntos faziam os exercícios de piedade e até mesmo peregrinações a Nossa Senhora de Fourviere, com tanta pobreza que ambos tinham que se abrigar sob o único guarda-chuva da casa paroquial de Ecully.”

De comum acordo, ambos copiavam orações a Santíssima Virgem para distribuí-las na paróquia.” Compuseram o “Rosário da Imaculada Conceição”, que ainda hoje se reza na Igreja de Ars, antes da oração da noite.

Assim decorreram o ano de 1816 e as primeiras semanas de 1817. O P. Balley não passava dos 65 anos, mas vivera proscrito durante o Terror e os anos de peregrinação contavam-se duplamente.

Envelhecido antes do tempo, caminhava para a eternidade. Em fevereiro prostrou-o no leito uma úlcera na perna, da qual não sarou mais. Apesar da sua atividade anterior, dali em diante não tomou quase parte no ministério paroquial. Uma única ata existe assinada por ele no registro de 1817. – Um enterro datado de 5 de junho. Durante esse período cada vez mais penoso, de dia e de noite, substituí-a em quase tudo o abnegado coadjutor. Sofria sem se queixar A ferida provocou a decomposição lenta do sangue. Veio a gangrena na perna arruinada e os médicos deram-no por desenganado.

A 17 de dezembro, depois de se ter confessado com seu filho predileto e depois de ter recebido o viático e a extrema-unção, cheio de méritos adormeceu no Senhor o venerado pastor de Ecully.

Conta-se que, depois de administrada a extrema-unção, os paroquianos se retiraram, ficando a sós cura e coadjutor. O moribundo deu ao “seu caro Vianney” os últimos conselhos, recomendando-se às suas orações. Depois, retirando de sob o travesseiro os instrumentos de penitência, murmurou-lhe ao ouvido: Toma, meu filho, esconde isso; se os encontrarem depois de minha morte, julgarão ter eu expiado suficientemente os meus pecados, deixando-me no purgatório até o fim do mundo. As disciplinas e os cilícios do P. Balley não ficaram sem uso.

O P. Vianney chorou-o como a um pai. Devia-lhe tudo! Conservou imperecível lembrança daquele santo varão. “Tenho visto almas muito belas, afirmava ele, nenhuma porém como aquela”. Os exemplos do antigo mestre ficaram gravados tão profundamente no seu espírito, que dizia ainda nos últimos anos da vida: “Se eu fosse

pintor poderia traçar o seu perfil”. Sempre que falava nele enchiam-se-lhe os olhos de lágrimas. “ Todos os dias pela manhã nomeava-o no *momento* da missa. Até à morte o Cura d’ Ars, que era tão desprendido de tudo, conservou sobre a estufa um pequeno espelho “porque nele se havia refletido o rosto do P. Balley”.

Guardou-se com veneração em toda a comarca de Ecully a memória daquele santo sacerdote.



Pouco depois da morte do P. Balley, os paroquianos de Ecully apresentaram à cúria de Lião um pedido que por si só bastaria para testemunhar a estima que lhes merecia o P. Vianney. Pediram que fosse nomeado pároco. A petição não logrou êxito. De mais a mais é provável que o interessado não tivesse querido aceitar.

“Não teria gostado de ser pároco de Ecully, dizia ele mais tarde. A paróquia era demasiado importante”. Fosse como fosse, o P. Tripier tomou o lugar do P. Balley, continuando o P. Vianney como coadjutor.

O P. Tripier não se achou obrigado em consciência a seguir as pegadas do antecessor. De modo algum pretendia transformar a casa paroquial numa trapa ou mosteiro de cartuchos. Pareceu-lhe dentro em breve que o seu coadjutor era muito exagerado. Pois se recusava acompanhá-lo às casas dos colegas ou dos paroquianos abastados, sob o pretexto de só ter uma batina, a qual não era decente para ir com aquela honrosa companhia?” O P. Tripier teria pedido outro coadjutor? É bem provável. Em todo caso a administração diocesana não tardou muito a transferir o P. João Maria Vianney.

Depois de 21 de janeiro – achamo-nos em 1818 – ficou vacante uma pequena capelania no departamento de Ain.” Antonio Deplace, o capelão, um jovem de 27 anos, acabava de falecer tuberculoso, apenas depois de 23 dias de trabalho no sagrado ministério.” Ars estava vacante. Era, porém, uma aldeia tão pequena e tão pobre – 230 habitantes. “ Valeria a pena mandar para lá um sacerdote “? O centro paroquial, Miserieux, distava 3 quilômetros... As autoridades eclesásticas pediram ao P. Durand, cura de Savignieux, que se encarregasse daquela capelania. Durante algumas semanas Ars parecia relegada ao esquecimento. Uma intervenção pessoal da casteã do lugar, a senhorita Ana de Garets, que se empenhava em considerar a sua aldeia como uma verdadeira paróquia, apressou os Vigários Gerais a se decidirem.” Nos princípios de fevereiro, o padre João Maria Vianney, coadjutor de Ecully, foi avisado que a capela e a aldeia de Ars estavam confiadas a seu zelo. O jovem sacerdote não se preocupou em saber se Mons. Courbon colocava ou não nas paróquias do departamento de Ain – “convertido numa espécie de Sibéria para o clero da diocese de Lião, – os que lhe pareciam apresentar menores garantias”.

Simplemente foi ter com Mons. Courbon, que ao assinar a provisão lhe disse: “Não há muito amor a Deus naquela paróquia. V. Revma procurará introduzi-lo”. O P. Vianney assegurou que não desejava outra coisa. Mons. Courbon procurou animá-

lo. Aquela aldeia era uma das mais humildes. Os recursos muito poucos e os próprios emolumentos dum coadjutor não passavam de 500 francos, dinheiro esse dado pelo município... Mas naquela longínqua paróquia não o abandonaria a Providência. Ars tinha a vantagem de possuir um castelo onde “morava uma boa senhora” que haveria de ajudar o pároco com seu dinheiro e sua influência... Assim falava Mons. Courbon àquele sacerdote de 33 anos.

Em 3 de fevereiro de 1818, o P. Vianney escreveu em Ecully o último ato de seu ministério. No dia 9, pela manhã, pôs-se a caminho para Ars.

PARTE II

O MINISTÉRIO  
SACERDOTAL EM ARS  
(1818-1859)

## A chegada e as primeiras relações

A aldeia de Ars – O P. Vianney e o pequeno Givre – Visão do futuro – Ars, paróquia cristã no século XVIII – Durante a Revolução: o apóstata e os sacerdotes fiéis – O despertar das almas – Ars de 1818 – A castelã – O programa do novo pároco – A cerimônia da tomada de posse – O mobiliário da casa paroquial – Visita a cada lar.

Ars – que se chamou sucessivamente *Artis vila*, *Artz*, *Arz* e por fim *Ars*, parece ser um lugar de origem muito antiga. Uma pedra druídica que se via ainda há poucos anos, a alguma distância do povoado, leva-nos a crer que houve habitantes naquela comarca desde épocas mui remotas. Entretanto, o nome de Ars aparece em documentos do século X. Uma carta de 980 confirma que então já havia naquele lugar uma igreja construída e uma paróquia organizada. Apesar de tudo isso, Ars nunca passou duma pequena aldeia. Está situada a 35 quilômetros ao norte de Lião, na comarca e distrito de Trévoux, onde começa o chapadão de Dombes. Dombes é no departamento de Ain – na sua quase totalidade montanhoso e coberto de florestas – uma planície argilosa, com águas estagnadas. Não tem vegetação, nem sítios ensombrados por carvalhos e ulmeiros, nem avenidas de álamos a beira dos caminhos, nem choupos, salgueiros e aveleiras nas margens dos regatos.

Os montes aprazíveis de Beaujolais limitam o horizonte de Ars. A campina que cerca o povoado forma extensas ondulações, onde emergem aqui e acolá pequenos grupos de árvores como ramalhetes. Já não é mais a planície lisa e monótona, semeada de charcos, mas tão pouco as ricas encostas que se inclinam para o Saona.

Ars está situada no declive dum pequeno vale por onde serpenteia o Fontblin, no inverno pequena torrente e no verão manso fio de água que desliza por sobre negros cascalhos. Em 1818 a aldeia parecia triste e miserável: umas quarenta casas de taipa, esparsas entre pomares. À meia encosta, a igreja, se é que assim se podia chamar aquela construção amarelenta, com simples janelas, e por remate quatro vigas e uma travessa que sustinha um sino rachado.

As cruzes do cemitério, segundo o antigo costume, se agrupavam ao lado da igreja. Na frente havia uma pracinha com vinte e duas copadas nogueiras. Ao lado da

igreja estava edificada a casa paroquial, uma casa de campo, com um pátio, na frente de alguns metros quadrados.

Ao fundo do vale, erguia-se solitário, no meio de grande arvoredo, o castelo dos Garets de Ars. Construído no século XI, fora defendido por uma torre, cercado por fossas e coroados de seteiras; mas todo esse aparelhamento guerreiro havia desaparecido. A antiga habitação não era mais do que uma espaçosa casa de campo, sossegada, melancólica e esquecida das caçadas e dos jogos barulhentos de outrora. Por causa do mau estado dos caminhos, Ars achava-se perdida numa inacessível solidão. Era um verdadeiro buraco em toda extensão da palavra. Os habitantes, por natureza indolentes, safam muito poucas vezes.

Ars dista 30 quilômetros de Ecully. O P. Vianney viajava a pé com pouca bagagem. Acompanhava-o a senhora Bibost, que outrora cuidava de seu enxoval. Algumas roupas, uma cama e os livros que herdara do P. Balley, vinham atrás numa carroça. Não sabemos quem era o carroceiro. O novo pároco apenas pode lobrugar a sua paróquia. Um lençol de neblina se havia estendido por sobre a campina, encobrendo os horizontes. Não tendo encontrado quem os guiasse, passada a aldeia de Trévoux, perderam-se os viajantes, e durante algum tempo andaram vagando.

Em prados abertos, meninos apascentavam ovelhas. O P. Vianney dirigiu-se a eles. Os jovens pastores, que falavam o dialeto da região, não o entenderam logo. Perguntou-lhes onde ficava o castelo de Ars, pensando que este se erguia no mesmo povoado. Teve que repetir várias vezes a mesma pergunta. Finalmente, o mais esperto, chamado Givre, levou-os novamente ao caminho certo. “Meu caro pequeno, disse-lhe o sacerdote, ao agradecer: – tu me mostraste o caminho de Ars, eu te mostrei o caminho do céu”.

Depois o jovem pastor explicou que no lugar onde se achavam passava o limite da paróquia. O Cura d’Ars ajoelhou-se e rezou. Pouco depois, a modesta caravana começou a descer pelo declive que vai dar no Fontblin. Dali o P. Vianney avistou “algumas chaminés espalhadas ao redor duma humilde capela. Ao divisar, à luz do crepúsculo, aquelas casas cobertas de palha: “Quão pequena és”, pensou, e logo movido por um sobrenatural pressentimento acrescentou: “Com o tempo esta paróquia não poderá comportar os que a ela virão”.

Então ajoelhou-se novamente e invocou o Anjo da Guarda daquela paróquia. Sua primeira visita foi à igreja.

Ars acabava de receber um “bom sacerdote em toda extensão da palavra”, verdadeiramente um santo sacerdote, mas do qual talvez ninguém prognosticasse ainda: este, um dia, será canonizado.

Na verdade, até ali o mundo desconhecia-lhe quase completamente as grandes virtudes. Mas altas virtudes não são forçosamente a santidade. Posto que já fosse em

extremo zeloso e mortificado, contudo o P. Vianney não tinha ainda conseguido naquela época de sua vida “aquela inefável doçura”, aquele grau maravilhoso de penitência e abnegação que em 1925 haveriam de o colocar entre os maiores e mais populares heróis que se chamam *Santos*.

Pela manhã de 10 de fevereiro, os sinos chamavam para a missa. Só então Ars ficou sabendo que já possuía um pároco. Algumas almas piedosas se alegraram. Na maioria o entusiasmo não foi considerável: “Admiraram-se, diz a sra. Garets ao ouvir tocar para a missa, e disseram: “Chegou-nos um novo cura”.



No século XVIII Ars era uma paróquia verdadeiramente cristã. Não é certo portanto, como se diz nalgumas narrações exageradas, que o P. Vianney em 1818 caiu inesperadamente numa “terra de missões”.

Já em 1724 Ars tivera por pároco “um jovem sacerdote, instruído, licenciado em teologia e direito canônico, dotado de grande atividade e de comprovado zelo pela salvação das almas”. Esse sacerdote, chamado Francisco Hescalle, deixou nos arquivos paroquiais de Ars uma estatística da vida religiosa dos paroquianos daquela época. Os fiéis, escreve ele, “pediram-me logo no começo e me levaram a fundar na paróquia as confrarias do Santíssimo Sacramento, do Rosário e do Escapulário”. No primeiro domingo de cada mês aqueles bons cristãos de Ars meditavam em comum sobre a morte. A festa do Sagrado Coração recentemente estabelecida na diocese era celebrada com grande fervor. No dia 24 de junho de 1734, toda a paróquia, com o vigário à frente, ia à cidade para ganhar o jubileu de S. João. Além disso, na região de Dombes gostava-se muito de procissões e romarias. Ia-se à capela dos Mínimos de Montmerle, no dia de S. Marcos; à Santa Eufêmia no dia de S. Jorge a Rance, terça-feira de páscoa. Mas já então os curas, a par do assunto, se mostravam inquietos com o incremento que iam tomando aquelas excursões de bandeiras desfraldadas pelas suas paróquias e se queixaram ao arcebispo. As festas, de piedosas que eram, convertiam-se em profanas; bebia-se e dançava-se. Quando foram publicadas as disposições de Mons. Neuville, as quais punham o clero de sentinela contra tais abusos, o P. Hescalle pode escrever com satisfação em seu “diário”: “Não digo que semelhantes excessos tenham sido cometidos por meus paroquianos”.

O sucessor do P. Hescalle foi o P. Cláudio Garnier (1740-1775) De 1762 a 1763 foi “levantado o campanário de pedra de cantaria em substituição a uma espécie de jaula de madeira que antes ali existia. Esse campanário já não existia quando chegou o P. Vianney. O revolucionário Albitte o mandara destruir. Depois do P. Cláudio Garnier a paróquia de Ars foi administrada pelo P. Sinforiano Aymard (1775-1788). De sua passagem em Ars restam muito poucos documentos. Registrou os batizados, os

casamentos e os enterros. Nada mais. Contudo, no fim do livro de 1780, refere que cinco de seus paroquianos haviam plantado cada um uma vinha. Com isso quis notar, sem dúvida – pois se interessava pelo bem material e moral de sua freguesia – que o cultivo das terras começava a dar apreciáveis resultados.

Em 31 de janeiro de 1788 foi nomeado cura de Ars o P. Estêvão Saunier, “sacerdote lionês de 28 anos de idade e bacharel pela Sorbona”. Esses os títulos que se dá a si mesmo nos livros paroquiais. Em 1791 prestou o juramento constitucional e continuou celebrando em Ars, pelo menos até princípios de 1793. Em março do ano seguinte, a igreja foi saqueada por um bando de energúmenos vindos de Trévoux – “Apesar de ser *sacerdote juramentado*, o P. Saunier foi detido, mas logo posto em liberdade. O infeliz, para salvar a cabeça, entregou os seus documentos de sacerdote. Em outubro de 1793 o apóstata ousou reaparecer como mercador na paróquia da qual fora legítimo pastor. A modesta igreja onde havia celebrado a missa se convertera num clube, no qual pontificavam os espíritos fortes da comarca. Serviu também como lugar de reunião para as festas da *década*. “Uma tradição local, ainda bem viva, refere que um antigo marinheiro de Trévoux, o sr. Rufo, se fez de ridículo missionário da *Deusa Razão* na região de Dombes”.

Entretanto, sacerdotes fiéis circulavam disfarçados pela comarca. As atas de batizados, lavradas conforme o testemunho dos padrinhos e madrinhas, indicam a passagem do P. João Batista, capuchinho (1794), do P. Blanc e do P. Condamin (1795). Segundo todas as probabilidades, esses sacerdotes celebravam a missa e administravam os sacramentos nos dois lugares assinalados por uma constante tradição: na casa dos Dutang, na granja de Epoux, e no castelo de Garets. Infelizmente, esses confessores da fé só visitaram Ars de passagem, em ocasiões marcadas, e exerciam o santo ministério entre poucas pessoas. A maior parte da população não os conhecia. Em 1801, quando a Igreja começou na França a reparar suas ruínas, a paróquia de Ars quanto a fé e aos costumes estava em plena decadência.

Apesar de tudo, as almas se iam afervorando. Em março de 1802, o P. João Lecourt, antigo cartucho, que se intitulava “Missionário nomeado pelo conselho”, foi pregar àquela pobre gente, abandonada por tanto tempo, os exercícios espirituais, próprios duma missão. Conforme atestam os registros paroquiais, batizou as crianças já crescidas e regularizou os casamentos. Terminada a missão, o P. Lecourt deixou a aldeia para evangelizar outros povoados. Em 30 de maio de 1803 o Conselho Municipal – Ars já não é mais paróquia, mas continua sendo comuna – votou uma soma de 1.800 libras para reformar a igreja, pagar o aluguel da casa paroquial, ter um capelão permanente e comprar paramentos e um sino.

A administração diocesana tomou em conta tão boa vontade. No começo de 1804, o P. Lecourt voltou para aquele lugarejo com o título de “sacerdote encarregado da paróquia”. Recomeçou seus trabalhos de verdadeiro missionário, correndo em busca das ovelhas desgarradas. Infelizmente não ficou muito tempo naquela paróquia. Transcorrido um ano foi enviado para Jassans e até março de 1806, Ars, dependendo diretamente de Mizerieux, teve ao seu dispor outro sacerdote o P. Amado Verrier, o

qual era ao mesmo tempo cura de Mizerieux, de Ars, de Toussieux, de Santa Eufêmia e de Saint Didier-de-Formans.

Finalmente foi concedido a Mizerieux um sacerdote auxiliar, o P. Berger. Este administrou a *capelania* de Ars com o título de coadjutor. No dia 22 de abril, o P. Berger conduziu oitenta e quatro habitantes de Ars, ou seja a terça parte da população, a Trévoux, onde o Cardeal Fesch se achava crismando. O P. Berger, a quem a castelã de Garets muito estimava e quereria retê-lo, pediu espontaneamente a sua transferência. E foi enviado como coadjutor para Sury-le-Comtal, em outubro de 1817.

Um jovem sacerdote de 26 anos, o P. Deplace, nomeado em dezembro, pelo que parece, só foi a Ars para morrer. Movidos de compaixão ao vê-lo chegar tão débil e em pleno inverno, “todos os habitantes de Ars, escrevia a castelã, se apressaram uns em lhe dar quatro feixes de lenha, outros, quinze, outros cinqüenta, o que prova a estima que têm para com o pároco e o desejo de que se sinta bem entre eles”.

Para dizer a verdade, durante aqueles 25 anos, a aldeia de Ars teve pouco desenvolvimento sob o ponto de vista religioso. O paganismo prático se havia infiltrado nas almas e em muitos enfraquecido, mas não extinguido de todo a fé. “Havia na paróquia uma grande decadência, uma certa negligência e indiferentismo, diz uma testemunha fidedigna. Não creio, porém, que tivesse havido grandes desordens... O que esta paróquia apresentava de mais deplorável era o esquecimento das práticas religiosas”.

“Por motivos de pouca monta não assistiam à missa nos dias de preceito. Trabalhavam aos domingos sem necessidade alguma, e isto principalmente quando o feno e o trigo exigiam ceifadores.. Os homens, os jovens e até os meninos tinham o abominável hábito de blasfemar. Ars possuía quatro tabernas, onde os pais de família iam esbanjar seu dinheiro”. A noite do sábado, sobretudo, os beberrões perturbavam a paz do povoado. As jovens estavam apaixonadas pelo baile. Os serões, fontes de graves pecados, se prolongavam até alta noite. A tudo isso juntava-se uma crassa ignorância. As crianças eram pouco assíduas ao catecismo, sendo muito poucas as que sabiam ler: Não havia escola permanente. Ocupados desde manhãzinha no trabalho, passavam o dia no campo, durante a época do estio. Chegado o inverno, um mestre improvisado abria uma aula para meninos e meninas, mas os pobres pequenos não recebiam nenhuma instrução, e alguns vagabundeavam pelas ruas. O quadro não era muito lisonjeiro; contudo Ars, apesar disso, se assemelhava às paróquias vizinhas, que não eram melhores nem piores do que ela. Nenhuma antipatia ao sacerdote. Em resumo: “certo fundo religioso, com muito pouca piedade”.

Além disso, para se fazer uma idéia exata do que era Ars naquele tempo, basta consultar os sermões do jovem pároco. O grande número dos que ainda se conservam foram compostos nos primeiros anos de seu ministério paroquial. Neles aparece retratada a mentalidade daquela gente para quem o principal eram as coisas terrenas. Graças a Deus em meio a cizânia estava a boa semente. A confraria do Santíssimo Sacramento, fundada pelo P. Hescalle, não morrerá de todo. Ars ainda possuía algumas

famílias de costumes genuinamente cristãos. Desde o primeiro momento o burgomestre Antônio e Miguel Cinier, conselheiro municipal, se aliaram ao P. Vianney para uma obra comum de regeneração. As suas famílias como também os Lassagnes, os Chaffangeon, os Verchere, freqüentavam regularmente os ofícios do domingo. Um seminarista natural de Ars, o futuro P. Renard, estudava no Seminário de Lião. No Castelo da Senhorita Maria Ana Colomba Garnier de Garets, conhecida por "Senhorita de Ars", distribuía-se o tempo no cuidado da casa, na visita aos pobres e no exercício duma piedade perfeita. Cada dia, conforme o costume herdado de sua mãe, rezava o breviário com um velho e fiel criado a quem a gente do lugar chamava, com uma certa reverência, *Senhor Saint-Phal*.

A Senhorita de Ars contava então 64 anos. Apesar de sua baixa estatura, era extremamente distinta. De sua primeira educação recebida na casa de Saint-Cyr, conservava os modos um pouco amaneirados da antiga civilidade, porém genuinamente francesa, os quais davam à sua conversação grande jovialidade e graça.

A Revolução não tirou à Senhorita de Ars os seus domínios – fato que só se pode explicar pela verdadeira simpatia que os Garets haviam conquistado em toda a comarca. Pode permanecer ali tranqüila na convivência de sua venerável mãe. No oratório do Castelo vários sacerdotes, às escondidas, celebraram a santa missa. Não há notícias de que as castelãs fossem molestadas por aquele delito antirrevolucionário. A Senhorita de Ars era muito querida pelos pobres. Dispensava-os dos alugueis; comprava-lhes vestidos e alimentos. Os seus "livros de contas" mostram com que cuidado anotava as menores esmolas. Apesar de ser tão caridosa até à chegada do P. Vianney, a sua influência sobre o povo parecia não ser muito grande. Vivia retirada na sua herdade, onde a visitavam as famílias nobres da região. Seu irmão, o visconde Francisco, cuja idade era 3 anos menos que a sua, morava em Paris, à rua de S. Germano. Só passava no castelo de Ars breves temporadas. Era antigo Capitão de Dragões no regimento de Penthièvre e cavaleiro de S. Luís. Casou-se com uma moça de Bondy, da qual não teve filhos.



No reduzido campo que lhe fora confiado, o P. Vianney viu a boa semente, mas a encontrou tão espalhada entre a cizânia que ficou espantado. Demais, foi através da delicada consciência e de seu horror ao pecado que o novo cura contemplou a paróquia. Isso lhe fez descobrir certas misérias que teriam escapado a outros olhos menos delicados. Sem perder o tempo em inúteis lamentações, pôs logo mãos à obra. Não tinha a pretensão de converter todo mundo, mas ao menos aquela pequeníssima aldeia, cujas almas Deus acabava de lhe confiar. Desse ponto de vista é que se devem julgar os ensinamentos e os atos do Cura d' Ars nos primeiros anos de sua vida apostólica. Falou ao povo de Ars e clamou contra seus abusos. Posto noutra ambiente, não há dúvida que seu zelo se teria desenvolvido doutra forma. Para as faltas e abusos, sempre os mesmos em toda parte, ainda que sob diferentes aspectos, não buscava remédios novos. Procurava aplicar os métodos tradicionais.

Seu programa meditado diante do sacrário era o de todo pastor inquieto com a salvação do rebanho; entrar em contacto com os paroquianos; assegurar a cooperação das famílias de mais destaque; melhorar os bons; reconduzir os indiferentes, converter os pecadores escandalosos e, sobretudo, orar a Deus, de Quem dimanam todos os dons; santificar-se a si mesmo para poder santificar os outros e fazer penitência pelos culpados.

Diante de semelhante empresa, sentia-se tão fraco e tão vazio! Mas o jovem pároco de aldeia possuía em si a força misteriosa da graça. Deus escolhera a humildade para abater o poder do orgulho. Um sacerdote santo ia realizar grandes coisas, com meios, na aparência, bem pequenos.

Ainda que o P. Vianney não fosse mais do que capelão de Ars, os seus paroquianos lhe davam, como a seu predecessor, o título de Cura. Com esse nome tomou posse no domingo, 13 de fevereiro. Toda a paróquia, com exceção duns poucos, se achava presente. A cerimônia simples, porém tocante, interessou vivamente aos assistentes. O velho cura de Mizerieux, o P. Ducreux, a quem o novo capelão não era desconhecido, foi buscá-lo na casa paroquial, seguido das autoridades municipais. No pórtico da igreja impôs-lhe a estola pastoral, símbolo de sua missão e autoridade. Acompanhou-o até o altar, onde o jovem sacerdote abriu o sacrário. Depois foi ao confessionário, deste ao púlpito e do púlpito à pia baptismal. Por fim falou o novo cura aos paroquianos, dizendo quanto os amava e quanto desejava o bem deles. Em seguida celebrou a primeira missa solene na intenção de todos eles. Sem dúvida, cânticos comoventes foram entoados no humilde santuário. Para Ars foi um dia de festa. Durante a cerimônia os fiéis examinavam curiosamente o recém-chegado. Muitos só o tinham visto atravessar a praça e deter-se no cemitério. Pareceu-lhes de estatura mediana e de porte um tanto rude com a sua batina de pano grosseiro e sapatos de camponês. Mas quando o contemplaram no altar, radioso, transfigurado, celebrando a missa com uma majestade inesperada, sentiram n'alma grande veneração por aquele padre. Um murmúrio favorável circulou entre os assistentes. "Temos uma igreja muito pobre, dizia o burgomestre, porta-voz natural dos habitantes de Ars, homem reto e de bom-senso, que dirigiu os destinos da comuna durante 20 anos, temos uma igreja pobre, mas possuímos um pároco santo".

O P. Vianney não se preocupou com o arranjo da casa paroquial. Confiou todo o cuidado à viúva Bibost, mais entendida do que ele em assuntos de ordem doméstica. "Levou-a para Ars a fim de servi-lo como criada, mas ela não ficou muito tempo, passando o Cura d' Ars de boa vontade a ser o cozinheiro".

A casa paroquial, ao todo, contava de 5 peças, cada qual com uma janela. No pavimento térreo ficava a cozinha e o refeitório; no superior, ao qual se subia por uma escada de pedra, havia um quarto para o pároco e outros dois para os hóspedes que ali pernoitassem. Em geral achava-se muito bem mobiliada. No inventário daquele tempo constava: "seis cadeiras forradas de veludo" com grandes espaldares, um sofá igualmente de veludo e outro de estofado verde e roxo; uma mesa para o refeitório com

4 aditamentos; duas camas com dossel azul e branco; um cobre-pés de tafetá amarelo, salpicado de branco; dois acolchoados novos, com almofadões brancos. Além disso, outros objetos mais ou menos ordinários. Tudo foi dado à casa canônica pelos castelões de Ars”.

O P. Vianney, muito satisfeito com a cama que lhe havia deixado o P. Balley, não quis conservar senão o necessário. Acaso não trazia o seu mestre sempre presente? Aproveitou-se duma visita que fez ao castelo para pedir à Senhorita de Garets que recebesse de volta aqueles objetos, dos quais não tinha nenhuma necessidade. Não precisava também dum “assador com o respectivo espeto” e outros utensílios de cozinha. Bem pouco complicado seria o seu modo de viver! Conservaria somente, e se lhe permitissem, uma cama ordinária, duas mesas velhas, um armário, algumas cadeiras de vime, uma marmitta de ferro, uma frigideira e outros objetos indispensáveis à vida doméstica.

Tanta simplicidade impressionou aquela boa gente. Os moradores mais abastados, proprietários ou ricos agricultores, para quem era coisa dura dar um centésimo aos pobres, ficaram estupefatos ao verem que seu pároco não guardava nada para si. Diante disso, viram-se obrigados a reconhecer nele um verdadeiro homem de Deus. Os mendigos, aos quais distribuía abundantes esmolas, logo espalharam a fama de sua caridade. “O P. Vianney viera de Ecully com a bolsa bem provida, mas não levou muito tempo para esvaziá-la”.

O P. Vianney não foi tão ingênuo em crer que poderia por termo a toda desordem só com a sua presença na paróquia. Uma vez instalado, empreendeu logo a campanha para a conquista das almas. Era necessário adquirir certa ascendência sobre aqueles caracteres rudes, nos quais havia mais ignorância do que maldícia, e ganhar os corações-

Visitar umas 60 casas não era grande coisa; o difícil estava no modo como fazê-lo. O P. Vianney, com seu grande chapéu debaixo do braço, – quase nunca o levava de outra maneira – por volta do meio-dia saía da igreja ou da casa paroquial. Estava certo de que a tais horas encontraria todos em casa. A primeira recepção, em toda a parte, não foi agradável. Apesar disso, conta Guilherme Velliers, jovem de Ars, que então contava 19 anos, “a todos pareceu cheio de bondade, de jovialidade e de doçura, porém, nunca cremos que fosse tão profundamente virtuoso”.

Nessas primeiras entrevistas quase unicamente falava dos interesses materiais, dos trabalhos do campo, da futura colheita... Procurava saber a situação das famílias o número e idade dos filhos; suas relações de parentesco e amizade. Uma palavra de religião proferida no fim da visita provocava a resposta que permitia conhecer o menor ou maior grau de fé existente em cada casa.

Neste ponto, quantas lacunas e quantas misérias! O P. Vianney constatou com grande pesar seu que certo número de paroquianos ignoravam as noções mais fundamentais do catecismo, principalmente os que tinham crescido durante a Revolução, ou seja, os jovens e as jovens, os homens e mulheres de 25 a 30 anos. Principalmente desses provinham os vícios e a corrupção. Muitos chegavam a vangloriar-se, dizendo

sem cerimônia que nos bailes, na profanação dos domingos e em outras faltas ainda piores, não viam nenhum mal.

Como trazer ao redil ovelhas tão cegas? O jovem pastor sentiu-se fraquejar, mas, não desanimou. Restava-lhe Deus e o tempo.

## Pela conversão de Ars

### I Orações e Penitências

*A oração do Cura d'Ars na Igreja – Através dos campos – O chão em vez da cama – Flagelações sangrentas – A primeira quaresma do P. Vianney – O pão dos pobres – A marmitta de batatas – O segredo das primeiras conquistas.*

O Cura d' Ars trazia como que entranhado no seu próprio sangue o amor de Deus e o amor das almas. Tinha, como se diz, o "instinto da conquista". De natural enérgico e empreendedor, sonhara com uma existência muito ocupada e proveitosa. Naquele reduzido campo de ação que lhe foi confiado e onde poderia desfrutar muitos momentos de ócio, nós o vamos ver sempre em plena atividade e desde as primeiras semanas, suas caminhadas haveriam de ser frutuosas e fecundas.

Muito antes do raiar da aurora, quando toda Ars ainda dormia, podia-se vislumbrar através do cemitério um vago clarão. Era o P. Vianney com uma lanterna que passava da casa paroquial para a igreja. O "bom soldado de Cristo" voltava para o seu posto de intercessão. Dirigia-se ao santuário, onde se punha de joelhos. Ali abria-se-lhe o coração cheio de desejos, e já cheio também de sofrimentos. No silêncio da noite pedia ao Senhor em voz alta que tivesse piedade do rebanho e do pastor. "Deus meu, dizia ele, concedei-me a conversão de minha paróquia. Consinto em sofrer quanto quiserdes, durante toda a minha vida... Sim, durante cem anos as dores mais atrozes, contanto que se convertam". E suas lágrimas regavam o pavimento. Quando o dia despontava ia encontrar ali o bom sacerdote. "A gente o percebia pela luz que escapava através dos vidros".

Assim passaria toda a manhã se o ministério sacerdotal não o reclamasse. Os que o chamavam para algum enfermo não tinham necessidade de buscá-lo na casa paroquial; sabiam muito bem onde o poderiam encontrar. Em alguns dias não saía da igreja senão depois do "angelus" da tarde.

Apesar disso, todos os dias, visitasse ou não as famílias do lugar, fazia, à tarde, uma pequena excursão pela campina. Aproveitava-se também dela para orar, quer elevando o coração a Deus, quer rezando o *terço*. Procurava sempre dizer algumas palavras aos que trabalhavam no campo e com o rosário na mão metia-se pelos sinuosos atalhos que se cruzam por entre os cerrados de fílias, Sua alma mística estava faminta de solidão e de paz no meio daquela encantadora natureza. Seus pulmões, acostumados

aos puros eflúvios das brisas, dilatavam-se a gosto. Fazia bem em desfrutar aqueles instantes. Aproximava-se o tempo em que não teria nem uma hora de repouso, vivendo entre paredes, sem a frescura do ar nem o calor do sol. “A maior satisfação deste novo Francisco de Assis era rezar no bosque. Só ali, com Deus, contemplava as suas grandezas servindo-se de tudo, mesmo do canto das aves para elevar-se a Ele”.

Tão agradáveis pensamentos, porém, iam misturados de outros mais austeros. Um dia o Sr. Mandy, quando atravessava o bosque da Papisa, encontrou o P. Vianney ajoelhado. O jovem cura não o percebeu. Chorava muito e sem cessar repetia: “Deus meu, convertei a minha paróquia”. O bom homem não ousou perturbar a comovedora oração e retirou-se silenciosamente.

O piedoso Cura tinha a predileção pelas deliciosas alamedas do castelo de Cibeiens. Seguindo-as pelas margens do Fontblin, ocultava-se debaixo dos copados carvalhos, e ali, julgando que ninguém o via, ajoelhava-se repetidas vezes, sem dúvida, a cada “Glória Patri das suas “Horas”. Rezava também o breviário enquanto caminhava; antes de começar e ao terminar, ajoelhava-se fosse qual fosse o tempo e o lugar em que se achava.



À oração, o Cura d’Ars acrescentou a penitência e, não resta dúvida, foi para praticá-la sem ser visto que ele quis viver sozinho na velha casa canônica durante toda a vida. Se houvesse quem expiasse pelos pobres pecadores seria mais fácil Deus perdoá-los: “era pois mister a todo custo salvar as almas”. Já no dia da chegada o P. Vianney dera o colchão a um pobre. Os outros dois ainda não distribuídos ficaram sobre uma cadeira no quarto dos hóspedes. Ele mesmo não precisava de cama. Por muitas semanas deitou-se sobre uns sarmentos colocados num canto do andar térreo. O pavimento e as paredes estavam úmidas e o austero penitente contraiu imediatamente uma nevralgia facial que o fez sofrer durante 15 anos. Então, em vez de ir para o quarto, foi para o sótão. Um morador de Ars, que à meia-noite foi buscá-lo para assistir um moribundo, viu-o baixar do incomodo poleiro. Lá, em cima, estendia-se sobre o assoalho nu, com a cabeça apoiada sobre um pedaço de madeira.

A viúva Renard e sua filha, que moravam parede e meia da casa paroquial, ouviam-no remover aquela nova espécie de travesseiro.

Quase sempre aquele deitar-se tão primitivo era precedido de uma penitência mais dura. Chegando ao quarto, o P. Vianney desnudava as espáduas e, armado duma disciplina com pontas de aço, açoitava desapiadadamente seu *cadáver*, o *velho Adão*, como chamava ao próprio corpo. Durante algumas noites, uma pessoa de Lião, que se hospedou na casa da viúva Renard, ouviu os golpes por espaço de uma hora. Interrompiam-se por momentos, mas depois começavam novamente. “Quando irá terminar? suspirava a vizinha, compadecida”. Ele mesmo fazia ou ao menos completava a seu gosto os instrumentos de penitência. Pela manhã, ao arrumar-se a casa, encontravam-se debaixo dos móveis pedaços de açoite, pequenos pregos, pedacinhos

de ferro e chumbo que tinham saltado das suas disciplinas. Espedaçava uma cadeia cada 15 dias. “Causava compaixão, dizia Catarina Lassagne, ver o lado esquerdo de suas camisas, completamente pufadas e manchadas de sangue”. Ele deve ter desmaiado mais de uma vez, sangrando contra as paredes. Num canto do quarto, oculto sob a cortina que baixa do dossel da cama, umas gotas bem visíveis manchavam o reboco amarelo.

Três manchas marcam bastante bem a impressão duma espádua e delas escorrem vários fiozinhos de sangue, até o assoalho. Outras são sinais dos dedos ou das palmas das mãos. O santo deixou-os marcados nas paredes ao apoiar-se para se levantar do chão.



Março. 1818. Estamos em plena quaresma. Excelente motivo para que o nosso asceta recomece aquele jejum rigoroso, que só terá fim com a própria vida. Tinha um cuidado a menos, pois vivia sem cozinha. Reduzia as necessidades materiais ao mínimo possível. “Nunca teve grande pontualidade para as refeições”. No primeiro ano, porém, de sua vida paroquial em Ars, ultrapassou todos os limites da mortificação. Mais tarde chamaria a tais excessos “loucuras da juventude”, – feliz quem não cometeu outras! – reconhecendo de certo modo que foi além dos justos limites. “Quando se é moço dizia ele a um sacerdote, cometem-se muitas imprudências”.

Somente 15 dias depois de ter tomado posse, chegou de Dardilly sua irmã Margarida, em companhia da viúva Bibost, cozinheira “honorária” da casa paroquial de Ars. O acolhimento que lhes dispensou o P. Vianney foi muito cordial; porém não passou disso: “Minhas filhas, lhes perguntou com familiaridade, que vos darei? Não tenho nada”. Após um momento de reflexão, lembrou-se que tinha guardado para si alguma coisa: umas batatas já meio bolorentas que ele mesmo cozinhou. “Não tivemos coragem de comê-las, dizia Margarida. Ele tomou duas ou três e comeu-as a nossa vista, dizendo: “Não estão podres, ainda as acho boas” Depois acrescentou: “Esperam-me na igreja: é preciso que vá. Tratem de se arranjar como puderem”.

Gothon e a senhora Bibost felizmente se haviam precavido, comprando pão ao passar por Trévoux. Descobriram finalmente um pouco de farinha, alguns ovos e manteiga. Tinha sido presente de uma pessoa caridosa que mandara ao P. Vianney, e que ele havia esquecido a um canto. Com isso fizeram uns pastéis “, dos quais elas sabiam que ele gostava muito. Mais, ainda: mataram dois pombinhos que andavam beliscando no capim do pátio e os meteram no forno. O jovem pároco chegou da igreja já pelo meio-dia. “Oh! pobres animais, exclamou ao ver sobre a mesa o prato inesperado. Mataram-nos... Eu queria desfazer-me deles porque prejudicavam os vizinhos, mas não era preciso assá-los”. Não quis prová-los e contentou-se com um dos pastéis.”

O irmão mais velho, Francisco, também o visitou. Menos previdente que a irmã, chegou sem provisão. Viu-se obrigado a arrancar algumas batatas na horta e cozinhá-

las, ele mesmo, numa panela da casa paroquial. Tempo virá, porém, como veremos, em que o P. Vianney se esforçará por tratar bem os seus.

Esse período do começo de sua vida paroquial foi o mais austero que passou. “Vivia quase só, entregue a si mesmo”, e disso se aproveitou. Na ânsia de penitência chegou a passar dois ou três dias sem tomar coisa alguma. Durante uma Semana Santa, talvez a de 1818, comeu somente duas vezes. Logo começou a prescindir de toda provisão, e “jamais se preocupou com o dia seguinte”.

“A viúva Bibost, antes de regressar para Ecully, quis deixar uma substituta na pessoa da viúva Renard. Esta, a princípio, tomando a coisa a sério, levava pão fresco para a casa paroquial. Logo, porém, notou que o P. Vianney, sem tê-lo provado, distribuía-a aos pobres. Recebendo em troca as códeas que eles haviam juntado nos seus alforjes”.

D. Renard preparava-lhe os pastéis e cozinhava-lhe as batatas. Comia só quando tinha tempo. Mais de uma vez aquela boa senhora “teve que voltar com o prato cheio, chorando de pena”. Sabendo que se achava na igreja, chamava-o da porta. A princípio não respondia. Ela insistia, e ele então, sem abrir, respondia: “Não preciso de nada... não quero nada”. E muitas vezes lhe dizia “não volte cá até tal dia” – às vezes o prazo era de vários dias. E, quando, apesar destas ordens, a cozinheira procurava jeito de violar a proibição, ele se mantinha inflexível. O mesmo sucedia a outras pessoas, uma das quais dizia entre suspiros: “Ah!, é bem difícil servir a um santo”.

Algumas vezes o P. Vianney cozinhava ele mesmo na sua marmita, que se tornou célebre, as batatas para toda a semana. Punha-as numa espécie de cesto de arame, que dependurava na parede, e quando a fome apertava comia uma ou duas; a terceira, conforme dizia, já era para “regalo”. Comia-as mesmo frias como estavam, e não raro, ao terminar a provisão, já se achavam cobertas de mofo. Acontecia ainda cozinhar um ovo na água fervendo, ou, munindo-se duma frigideira, amassar um pouco de farinha misturada com sal e água e fritar os seus indigestos pastéis.

Esse regime durou até o ano de 1827, ou seja, até que foi organizada a casa da *Providência*, onde começou a fazer as suas refeições. “Que feliz eu era, dizia ele lamentando-se, no tempo em que vivia só! Quando tinha necessidade de me alimentar, eu mesmo fazia três bolinhos. Enquanto comia o primeiro fritava o segundo, e enquanto comia o segundo fritava o terceiro, e comia o terceiro enquanto lavava a frigideira e arrumava o fogão; bebia um copo de água e com isso estava satisfeito para vários dias...”

No domingo, ao meio-dia, descuidando-se de si mesmo, se contentava em quebrar o jejum com três ou quatro gramas de pão bento. Somente à noite consentia em tomar alguma coisa, um pouco mais abundante. Certo dia, como a fome se fizesse sentir com mais veemência, o sublime despreocupado encontrou o cesto de pão vazio. Dirigiu-se à casa de um vizinho. O seu aspecto macilento traiu-o. “Que tem, senhor Cura? perguntou-lhe espantado o bom homem. Ah! meu amigo, há três dias que não como!” O paroquiano apressou-se em mandar-lhe meio pão. Um outro dia estava de visita na casa de João Cinier. Era a hora do almoço. Um batatas fumegavam sobre a mesa.

“Que boas parecem, disse o P. Vianney, tomando uma; contemplou-a um instante e tornou a colocá-la no prato. “Era, diz Antônio Cinier, filho de João Cinier, que presenciou a cena, uma mortificação que acabava de impor-se”

A viúva Renard conseguiu a licença para apascentar a vaca no quintal da Casa paroquial, que se achava abandonado. Numa dessas ocasiões surpreendeu o Sr. Cura colhendo azedinhas. Então V. Revma. come ervas?, perguntou-lhe D. Renard. – Sim, senhora, respondeu-lhe um pouco contrariado, por se ter deixado surpreender, tentei não comer outra coisa além disto, mas não tenho podido agüentar”.

Além daquela boa senhora, que sem dúvida alguma deve ter contado na aldeia o que tivera ocasião de presenciar, a sua fisionomia macilenta bem falava a todos os habitantes de Ars das constantes penitências que se impunha o seu pastor. Era um místico dotado da verdadeira intuição das coisas: O espírito do mal exerce um poder tirânico sobre as almas impuras. Tratava-se nada menos do que livrá-las dessa tirania; e o Fvangelho diz: “Essa espécie de demônios não se expulsa senão com jejuns e orações”. O Cura d’Ars recolhera essa sentença dos lábios do Divino Mestre. 20 anos depois, a 14 de outubro de 1839, num confidencial colóquio com o P. Taihades – jovem sacerdote de Montpellier, que viera a Ars para se formar junto dele no apostolado, durante algumas semanas, – disse o segredo de suas primeiras conquistas:

– Meu amigo, o demônio não faz muito caso da disciplina e de outros instrumentos de penitência. O que o põe em debandada são as privações no comer, no beber e no dormir. Nenhuma coisa o faz temer tanto como isso. por outro lado, nada é tão agradável a Deus como isso. Ah, como tenho experimentado essas coisas! Quando estava só por espaço de 8 ou 9 anos, pude entregar-me mais à vontade aos meus atrativos: chegava a passar três dias inteiros, sem comer... Então conseguia de Deus o que queria, para mim e para os outros. Ao dizer isso as lágrimas corriam-lhe dos olhos. Um instante depois prosseguia:

Agora já não acontece o mesmo não posso passar tanto tempo sem comer. Chego a tal ponto de não poder falar. Como era feliz quando estava só! Comprava dos pobres os pedaços de pão que lhes davam. Grande parte da noite passava na igreja. Não tinha que ouvir tantas confissões!... E Deus me cumulava de graças extraordinárias.

Vemos, pois, que para o jovem pároco a época das maiores penitências foi a época das maiores consolações.

## Pela Conversão de Ars

### II. A guerra contra a ignorância religiosa

*Para tornar mais atraente a velha igreja – O “pecado da ignorância” – A catequese das crianças – A instrução dos fiéis – Um pregador heróico – Os temas prediletos do Cura d’Ars – Diante de Jesus Eucaristia – As apóstrofes contra as grandes festas.*

O P. Vianney previu que ao seu zelo se oporia um inimigo irredutível: toda a força da inércia daquela gente aferrada a seus costumes. Nenhum dos paroquianos se tinha recusado a recebê-lo. Os que vinham à missa continuavam a vir, mas que ninguém exigisse mais!

Deu-se, porém, o contrário. O jovem cura, sentindo-se responsável por todas as almas de Ars, resolveu não as deixar em paz enquanto não tivessem desaparecido os abusos da paróquia.

A santificação do domingo, sem a qual não há vida cristã, foi o primeiro objetivo que se impôs. A casa do Senhor estava deserta; era pois mister conduzir a ela os que dela se distanciaram, e para isso, precisava torná-la mais atraente. A igreja de São Sisto, em Ars, era em 1818: “pobre tanto por dentro como por fora”. Tinha uma simples nave – 11 metros de comprimento por 5 de largura, – terminada por um coro de forma redonda, suficiente apenas para o único altar. A decoração mais ou menos modesta. As paredes caiadas; até à altura de um homem estavam guarnecidas de madeira, completamente desprovidas de pintura. Um altar-mor de madeira sem escultura alguma. Em vez de abóbada por sobre a nave, havia um forro de estuque apenas com 7 metros de altura, todo esburacado. Além disso, os ornamentos eram pobres, insuficientes e usados, não podendo assim dar o devido realce às solenidades do culto. T tamanha pobreza movia a compaixão dos sacerdotes forasteiros que às vezes chegavam ao povoado para celebrar a missa”.

O P. Viarniey começou logo a querer bem àquela velha igreja como se fosse sua casa paterna. Para embelezá-la, começou pelo principal – o altar – centro e razão de todo o santuário. Por respeito à Sagrada Eucaristia, quis que fizesse o melhor possível. Para essa aquisição não bateu a nenhuma porta. Pagou tudo com o seu próprio dinheiro. Foi com alegria expansiva que ajudou os trabalhadores a levantar o altar-mor. A fim

de enriquecê-lo mais, fez uma viagem a pé, de ida e volta a Lião, para trazer da cidade duas pequenas cabeças de anjo. Colocou uma em cada lado do sacrário. Finalmente, desejava de ver embelezado o altar, ele mesmo retocou os arabescos e as molduras. A igreja tornou-se um santuário mais alegre e atraente.

Depois, procurou aumentar *os trastes de Deus*, como dizia na sua linguagem rica e cheia de imagens. Visitou em Lião as casas de bordados e a joalheria. Comprou aquilo que lhe pareceu mais precioso. “No interior, diziam os industriais admirados, há um pároco, magro e mal arranjado, com ares de não ter um centavo no bolso, que compra para sua igreja tudo o que há de melhor”. Num dia de 1825, a castelã de Ars foi com ele à cidade, afim de comprar uns paramentos para a missa. Em cada casa que lhes mostravam os objetos dizia: “Não me parece muito bonito. É necessário ser melhor do que isso”.

Essas transformações materiais não foram de modo algum inúteis. Comprovaram o zelo do pastor, alegraram as almas fervorosas mesmo algumas novas figuras, mais curiosas, do que piedosas, apareceram aos domingos.

A ignorância e conseqüentemente a “indiferença em matéria de religião” – e não a incredulidade, pois tinham conservado a fé – era o grande mal daquela pobre gente. Ora, em tal ignorância, o cura austero, mas clarividente, via algo mais que uma lacuna: via “um pecado”. “Estou certo, dizia ele do púlpito, que só este pecado condenará mais almas do que todos os outros juntos, porque uma pessoa ignorante quando peca não conhece nem o mal que faz, nem o bem que perde”.

Dá o santo zelo com que se punha a instruí-los. Outrora havia regado a terra com o suor de seu rosto, mas aquele trabalho manual fora um descanso, comparado com a ingente tarefa que dali em diante ia impor-se.

A instrução religiosa dos jovens foi a sua primeira solicitude. Os meninos de Ars, desde cedo, eram ocupados nos trabalhos do campo. Com a idade de seis ou sete anos era-lhes confiada a guarda do gado. Chegando aos doze anos, o rapazinho devia ajudar ao pai, não só na plantação mas também na colheita. Na região de Dombes havia falta de trabalhadores agrícolas. Bem poucos eram os meninos que sabiam ler. Só iam ao catecismo nos dias chuvosos e não tinham interesse algum em aprendê-lo.

Assistiam à missa nos domingos? – Se não os mandavam para a lavoura ou outros trabalhos, os retinham em casa. Assim, no começo da vida, as más companhias e a ignorância religiosa arrastavam-nos à libertinagem, e materializados, voltados para as coisas da terra, muitos daqueles pobres rapazes viviam e cresciam como se não tivessem alma.

A primeira comunhão para aquela gente não passava dum acontecimento qualquer.

O jovem Cura d’Ars, desde o dia de Todos os Santos até o tempo da primeira comunhão, propôs-se reuní-los todos os dias às seis horas da manhã. O catecismo do domingo, que durava uma hora, era dado antes das Vésperas. O P. Vianney servia-se de piedosas estratégias para atrair a criançada à igreja. “Lembro-me quando era criança, diz Francisco Pertinand, dono dum hotel e cocheiro em Ars, que ele nos prometeu:

“Darei um santinho ao que chegar primeiro à igreja”. Para ganhá-lo havia quem chegasse antes das quatro da madrugada”. Isto acontecia no verão. É evidente.

O P. Vianney deu o catecismo até o dia em que recebeu um auxiliar, isto é, até 1845. Durante 27 anos, exerceu sozinho todas as funções do seu ministério pastoral. “Ele mesmo dava o sinal para o catecismo das crianças, afirma o P. Tailhades; depois rezava as orações de joelhos e sem jamais se apoiar. No começo esforçava-se por excitar a atenção dos pequenos, mediante longas reflexões por vezes tão ternas que os comoviam e os faziam chorar. Depois de dadas as lições, seguia a explicação, breve, fácil e cheia de unção”. Queria que os meninos estivessem atentos, vigiava-os continuamente e lhes impunha, quando necessário, pequenos e suaves castigos. Sobretudo, porém, sabia infundir-lhes ânimo e inspirar-lhes com os seus modos afáveis aquele afeto filial donde dimanava todo o respeito. Exigia que cada um tivesse seu rosário e sempre trazia alguns no bolso para dar a quem tivesse perdido o seu.

Os bons velhos, que já iam além dos 60 anos, gostavam de contar tão agradáveis recordações.

– Quando fomos ao catecismo, contava, em março de 1895, Drémieux a Mons. Convert, o P. Vianney, enquanto esperava que estivessemos todos reunidos, rezava de joelhos nos bancos do antigo coro, debaixo do campanário. Orava sem cessar e de vez em quando, sorridente, levantava os olhos ao céu... Creio que aquele santo varão via alguma coisa.

Interrogada, por sua vez, sobre a maneira como o santo Cura doutrinava os pequenos, a sra. Drémieux no-lo apresenta indo e vindo entre eles, dando freqüentes tapinhas, – delicados e suaves – nos que estavam inquietos. Costumava fazer isso com o catecismo, em cujas páginas introduzia um dedo. No domingo os demais fiéis eram admitidos a engrossar o número dos catequizandos. A senhora Verchere, que depois de qualquer refeição adormecia facilmente, algumas vezes foi chamada a ordem tal qual como as crianças. “O Senhor Cura ao passar junto dela despertava-a com uma ligeira pancadinha. Ela ficava muito contente e parecia até gabar-se de seu proceder”.

Graças aos infatigáveis cuidados do homem de Deus, os meninos de Ars chegaram a ser os mais bem instruídos da comarca. Foi Mons. Devie quem o proclamou bem alto num dia de crismas. Mais tarde os sacerdotes que sucederam ao P. Vianney na paróquia de Ars ficaram maravilhados e edificadas ante os conhecimentos religiosos que demonstravam os simples fiéis ao ser-lhes administrados os últimos sacramentos. É que desde a infância tinham recebido as lições dum santo. Mas, é bom que se diga francamente: nem todos aproveitavam igualmente as suas lições. O Cura d’Ars exigia o catecismo, palavra por palavra. Encontrou memórias rudes. Levado por um escrúpulo de consciência que o rigorismo excessivo de moralistas antigos e contemporâneos parecia legitimar, o P. Vianney impunha a certos jovens alguns anos preparatórios de catecismo. Com isso retardava-lhes a primeira comunhão dum modo incrível. Sobre tais acontecimentos possuímos dados da sra. Dremieux.

– Pedro Cinier, E.stevão Perroud e Cinier de Gardes só fizeram a primeira

comunhão depois de completos os 16 anos. Cinier de Gardes foi fazê-la em Ambérieux. A mim me mandaram a Mizérieux. Era-me coisa muito dura ir já tão grande ao catecismo.

Mais ardente ainda foi o zelo que o P. Vianney empregou para instruir os fiéis de sua paróquia por meio da pregação.

Instalou-se na sacristia – esta tinha uma porta que dava para igreja – e assim ele podia trabalhar sob os olhares do Divino Mestre. Fez da cômoda onde se guardavam os paramentos sagrados a sua mesa de trabalho. Ali manuseou a *Vida dos Santos*, o *Catecismo do Concílio de Trento*, o *Dicionário Teológico* de Bergier, os trabalhos espirituais de Rodriguez, os Sermonários de le Jeune, de Joly e de Bonardel. Seu descanso e sua consolação consistiam em olhar de vez enquanto para o tabernáculo. Ajoelhado sobre os degraus, meditava no que acabava de ler. Imaginava ter diante de si aquela pobre gente a quem ia falar. O Mestre, Aquele que soube exprimir as verdades mais sublimes de maneira que pescadores, camponeses e pastores fossem capazes de as compreender, estava presente. Pedia-Lhe com lágrimas que lhe inspirasse os pensamentos e as palavras que haveriam de comover e converter o seu povo.

Depois voltava à sacristia e recomeçava a escrever. Campeão da verdade, permanecia de pé como soldado que se dispõe para o combate. A pena corria sobre o papel, enchendo-o de traços finos, inclinados e rápidos. Oito ou dez grandes páginas numa só noite! Em certas ocasiões chegava a trabalhar sete horas consecutivas, até pela madrugada. Ainda hoje os borrões e as frases incompletas revelam suas ânsias e o ardor do seu zelo... O tempo é precioso. É preciso ir adiante, custe o que custar...

Entretanto, chegava a hora de confiar à memória o que escrevera. Essa a parte mais dura de toda a tarefa. Sua memória nunca fora muito feliz, e tratava-se de lhe confiar trinta e cinco ou quarenta páginas dum texto escrito às pressas, sem alíneas, nem divisão aparente. Durante a noite do sábado para domingo, ensaiava em voz alta. Os transeuntes retardatários que passavam na rua, ao longo do cemitério, ouviam-no declamar a prédica do dia seguinte.

Quando o sono era muito, o asceta sentava-se no assoalho limpo e dormia uns instantes... Aquelas horas terríveis bem podiam ser contadas entre as mais comoventes e meritórias de sua vida.

Restava apresentar-se ao auditório no dia seguinte. Fora do banco reservado aos castelães, onde se assentava a Senhorita de Ars, não havia na igreja senão camponeses. Era gente curiosa e disposta à crítica. Alguns, jovens sobretudo, naquele momento teriam preferido estar em outra parte... Pouco importava. Via tão somente almas a evangelizar. E, enfim, o sacerdote subindo ao púlpito cumpre uma obrigação necessária de seu sagrado ministério. O P. Vianney, mais do que ninguém estava convencido desta verdade e ela dava-lhe alento. Mas o pobre Cura tinha a cabeça zonga pelo estafante trabalho da noite precedente. Ia dar 11 horas da manhã e ainda estava em jejum – pois no domingo tinha que cantar a segunda missa e, mais ainda, proferir o sermão – e para completar a medida cada sermão durava uma hora inteira.

Pronunciava-os com voz gutural, na qual dominavam as notas altas. Apesar disso,

a entonação e os gestos eram espontâneos. Preocupada com o esforço que ele fazia no púlpito, um dia perguntou-lhe a castelã de Ars: “Por que V. Revma. se esforça tanto quando prega? – Tenha mais pena de si, Sr. Cura”. “Por que é que quando prega fala tão alto e quando reza, tão baixo?”, perguntou-lhe alguém. – “É que quando prega replicou o santo varão, falo a surdos e quando rezo, falo com Deus, que não o é”.

Não era de estranhar que depois de tal trabalho, às vezes, lhe falhasse a memória. “No púlpito, diz João Pertinand, ele se *perdia* vendo-se obrigado a descer sem haver terminado o sermão”.

Semelhante confusão na presença dos paroquianos, aos quais acabava de repreender, em lugar de o abater, reanimava-lhe o zelo. No domingo seguinte, o P. Vianney tornava a subir ao púlpito. Entretanto, preocupado com os insucessos que poderiam diminuir sua autoridade de pároco, orou e pediu orações. Desde então a memória tornou-se-lhe menos ingrata, sentindo-se até capaz de improvisar algumas palavras a mais, em caso de necessidade

Que pregava às suas ovelhas “aquele ignorante na arte da retórica?” - Os deveres de cada um. Dirigia-se ao auditório, com clareza, sem rodeios e sem louvores inúteis. Alguns dos sermões pareceram bem duros, mas o pregador, nos primeiros anos, batia de cheio para as palavras penetrarem mais. Frequentemente, porém, o tom se arnenizava, se enternecia e abrandava. O verdadeiro apóstolo não é somente pregador, é também pastor e pai. E porventura nos auditórios não há também corações aflitos e vontades a encorajar? Guilherme Villier, que tinha 19 anos quando o P. Vianney tomou posse da paróquia, refere que frequentemente ele dizia palavras como estas: “Oh!, meus queridos paroquianos, esforcemo-nos para ir ao céu. Lá havemos de ver Deus. Como seremos felizes! Se a paróquia se convertesse, todos nós iríamos em procissão para o céu e o vosso cura iria à vossa frente”. “É necessário que vamos ao céu”, e acrescentava ainda: “Que desgraça se algum de vós se perdesse eternamente!” Costumava dizer que a salvação para a gente do campo é muito fácil, porque podem rezar livremente durante o trabalho. Para os jovens e as jovens que renunciavam as desordens da vida rotineira e enveredavam resolutamente pelo caminho do bem tinha sempre felicitações cheias de tática e bom-senso.

A primeira coisa que desejava obter dos fiéis presentes, ausentes e recalcitrantes, era a devida compostura, a atitude própria de cristãos que assistem ao mais santo dos sacrifícios.

Mas infelizmente! havia em quase todos uma “displicência” que bem demonstrava o “enfado” que sentiam. Ouviam-se cochichos e às vezes ruidosos bocejos de aborrecimento. Os que chegavam atrasados deixavam bater pesadamente a porta. Os que tinham pressa saíam no meio da missa. O pessoal moço corria os olhos de alto a baixo, dum canto a outro da igreja... procurando ver como fulano estava vestido... que tal sua formosura. Os meninos não se comportavam melhor. “Vede os risos, os sinais que fazem uns aos outros esses pequenos ímpios, todos esses pequenos ignorantes”- Na verdade, aquelas almas eram rochas áridas e era preciso rudes golpes para abri-las. Falando a linguagem deles, o P. Vianney censurava-lhes a falta de fé em

termos por vezes tão vivos que só o zelo pode explicar e perdoar. Arriscando-se a ofender em público a muitos, repreendia-os oportunamente, mas sem “consideração”, com realismo e crueza. Suas repreensões eram “vivas, diretas e pessoais”.

“Repreende-os severamente para que tenham uma fé sã”, escrevia S. Paulo a seu discípulo Tito. O Cura d’Ars, a princípio, tomou este conselho ao pé da letra. Em certas passagens, é preciso confessar, manifestava-se o seu temperamento cáustico e sanguíneo, dominado mais tarde pela virtude. O nosso Santo ainda não tinha adquirido a perfeição da doçura. Tão pouco a sua experiência chegara à plena maturidade. Severo para consigo mesmo até ao heroísmo, era-o também, um tanto, para com os outros. Além disso, sofria a influência do seu tempo. A árvore do jansenismo jazia por terra, mas tinha lançado profundas raízes. semelhantes acentos ouviam-se também nos púlpitos cristãos dos arredores de Ars, embora não estivessem ocupados por grandes Santos.

No cultivo das almas não basta saber arrancar, é preciso saber plantar. Dócil às prescrições do Concílio Tridentino que prescreve como um dever dos párocos explica, conseqüentemente aos fiéis as cerimônias do santo sacrifício da missa, tão cheias de significação, o Cura d’Ars esforçava-se por comunicar-lhes a compreensão e o amor a tais cerimônias. Explicava-lhes sucessivamente a necessidade, a natureza, o valor e os efeitos da sagrada Eucaristia. Pode-se afirmar que a idéia-mater de sua vida sacerdotal foi desatar as almas das preocupações terrenas para levá-las ao altar da Eucaristia. Na paróquia não faltavam aqueles que, em lugar de irem à igreja, “iam em procura de alguns vizinhos para beberem juntos, aqueles que sem dificuldade, encontrando um amigo na rua, levavam-no para casa, deixando a missa para outra ocasião”: aqueles que, mesmo durante os officios divinos, passavam o tempo trabalhando, no jogo, na taberna ou no baile; “todos viviam como se já estivessem seguros ou não tivessem uma alma para salvar”.

A estes o Cura d’Ars ameaçava com os castigos da outra vida: “Pobre gente, como sois infelizes! Segui vosso caminho rotineiro; segui-o, que o inferno vos espera”. Tocava-lhes também no ponto fraco: os interesses materiais. “Em primeiro lugar, tudo que é visível perece quase totalmente... A fé abandona-lhes o coração, seus bens entram em decadência; por isso são duplamente desgraçados”. O pobre pregador bem o sabia: freqüentemente dirigia-se aos ausentes “e só falava às paredes”. Apesar de tudo isso, sem dúvida por tradição herdada dos antepassados mais cristãos, em certas festas solenes quase toda a paróquia reunia-se na igreja.

Excelente ocasião para o jovem Cura fustigar os vícios que perdiam tantas almas. No dia da Ascensão ataca-os todos de uma vez. O sermão do dia de *Corpus-Christi* começa como um tiro certo contra os pecadores que arrastam por toda parte as cadeias do inferno”. Mas de súbito detém-se e acrescenta: “Não, meus irmãos; não vamos mais longe. Este pensamento é por demais desesperador e esta linguagem não convém no dia de hoje. Deixemos nas trevas estes infelizes, pois eles querem permanecer nelas. Deixemo-los que se condenem, pois que não se querem salvar...”

E dito isso, exclamava, dirigindo-se à porção praticante de seu rebanho: “Vinde,

meus filhos... No dia da festa do padroeiro, aqueles que costumavam passar o dia e a noite seguinte bebendo e dançando, não ousavam mais perder a missa. O P. Vianney já os tem nas mãos e não os deixará sair sem lhes ter aplicado um bom “lembrete”. Ataca com violência os dançadores. “Que direi do baile? exclama ele. Falar do baile e do mal que ele nos causa é perder tempo. Não importa, continuava, fazendo assim, faço tudo que devo fazer. Não vos deveis incomodar, o vosso cura cumpre com o seu dever”. E continuava falando contra os moços e moças que se abeberavam nas fontes do mal... e contra os pais réprobos e cegos que lhes ensinavam o caminho”.

A luta estava começada e o Cura d’Ars resolvido, com o auxílio de Deus, a não depor as armas até que a vitória fosse completa.

## Pela Conversão de Ars

## III. A luta contra o trabalho nos domingos, as tabernas e as blasfêmias

*Os profanadores do dia do Senhor – Depois do trabalho proibido, bebida ou baile – As deliberações do jovem pároco – O anátema contra as tabernas – Seu desaparecimento – As hospedarias de Ars – A repressão da blasfêmia – Contra o trabalho no domingo – Nada de dispensas!*

No ano de 1818, antes de chegarem os dias em que o bom tempo favorece os mais duros e mais importantes trabalhos do campo, a igreja de Ars enchia-se aos domingos. O jovem Cura teve alguma ilusão sobre o estado religioso de sua paróquia. A Páscoa, é verdade, lhe trouxe muito pouca consolação. A maior parte dos homens se abstiveram da comunhão pascal. Havia 10, 15 ou 20 anos que muitos deles não cumpriam essa obrigação essencial!

Logo, porém, que chegou o mês de junho com os seus dias compridos de verão, o P. Vianney observou, duplamente penalizado, que a pequena nave ia ficando vazia. Quase não vinham mais homens, jovens, e mesmo as mulheres eram menos numerosas que de costume. Para onde foram os outros? Aos primeiros alhores do dia saíam para o campo, em trajes de trabalho, com a foice e o rastilho ao ombro.

Que tortura, naquelas manhãs tão agradáveis e dedicadas ao Senhor, ouvir os cavalos marcharem para o campo, e na ferraria retinir a bigorna sob o malho, pois o ferreiro tão pouco podia descansar, não descansando os instrumentos da lavoura. Que respostas mais irônicas aos apelos do pobre campanário de Ars!

Os profanadores do domingo trabalhavam durante longas horas e tantas quantas queriam. Depois que regressavam à casa, a maior parte começava as festas costumeiras. Uns iam à taberna. O povoado orgulhava-se de possuir quatro para 200 habitantes. Ali, depois de terem falado de seus negócios, de compras e vendas, bebiam até à embriaguez. Os restantes, moços e moças – que não tinham outra coisa na cabeça do que jogos e divertimentos – homens, mulheres e mesmo “velhos trôpegos, de óculos” se reuniam debaixo das nogueiras da praça, perto do cemitério, cuja parede não chegava a encobrir as cruces nem as sepulturas, e ao som dum violão, punham-se

a bailar- iam até meia-noite os cantos e modinhas levianas, acompanhadas de estrondosas gargalhadas e entrecortadas de blasfêmias.

O P. Vianney podia ver tudo isso. O seu jardim tinha apenas como cerca um sarçal de espinhos. Chorava de desgosto. A sua desolação chegou ao cume quando soube que tais procedimentos iriam repetindo até o outono, e que redobriariam por ocasião das festas de S. Sisto, o padroeiro de Ars. Nesta ocasião havia a feira anual com seus bazares, dançadores e música vindos de outros lugares. Para cúmulo dos males Ars, afamada por sua alegria, era o "lugar predileto dos dançarinos e dançarinas das vizinhanças". Donde, pois, vinha em toda aquela região tal febre de divertimentos?

– Ars acha-se situada quase a igual distância das margens do Saona e dos pântanos de Dombes. Naquela região o clima é mais enlouquecedor. Porventura o próprio P. Vianney não teria receado perder-se ali? – Os habitantes tem uma fala vagarosa que se assemelha a um canto, reveladora de vontade entorpecida. São ávidos de bem-estar e sedentos de prazer. Quando não há boa dose de fé se deixam facilmente seduzir pela vida dos sentidos.

Ora, já sabemos qual era a fé naqueles lugares no ano de 1818. Mesmo as pessoas dos castelos não se recatavam suficientemente. Os prazeres elegantes que se permitiam eram péssimo exemplo para a massa dos camponeses. A própria castelã de Ars, honesta ao extremo, não achava nenhum mal em permitir que se dançasse em sua casa quando recebia visitas da família, tais como os Cibeins ou os Gillet de Valbreuse...

Pobre P. Vianney! Mil ocasiões de pecados se ofereciam às almas e sob seus olhares! Como haveria de suportar aquilo? Tinha aquelas ânsias a salvar e a honra de Deus a reparar! Blasfêmias e trabalhos nos domingos, bailes, cabarés, serões nas vivendas e conversas obscenas, englobava tudo numa comum maldição. Simultaneamente declarou guerra sem quartel a todos esses inimigos. Por vários anos, conforme o conselho de S. Paulo, ele "insistirá, repreenderá. Ameaçará e exortará oportuna e inoportuna no púlpito, no confessionário, nas visitas. e nas conversações. Nada o fará retroceder.



Poderá ser guardado o dia do Senhor servindo-se a Deus devotamente enquanto a taberna fizer concorrência à igreja?

O P. Vianney achava que esvaziar uma equivalia a encher a outra. No século passado a taberna "foi considerada como lugar de dissolução". Tal foi também o parecer do P. Vianney. Acaso não era ali que se formavam os grupos para o baile e onde os homens se esqueciam de seus deveres? Investiu logo com mão firme contra o inimigo; e na sua indignação, sem reboços, não mediu expressões:

– A taberna, exclamava, usando os termos de S. João Clímaco, é a tenda do demônio, a escola onde o inferno prega e ensina a sua doutrina e o lugar onde se vendem as almas, onde as fortunas se arruínam, onde a saúde se perde, onde começam as rixas e onde se cometem os assassinatos!

Aos beberrões, como é de crer, não tratava melhor. Com um realismo que destilava cólera e uma verdadeira eloquência, o Cura d' Ars os apostrofava, fazendo ver a todos como se equiparavam aos irracionais. Mas se assim eram tratados os freqüentadores de tabernas, que seria dos taberneiros?

O P. Vianney atacava especialmente os comerciantes instalados no centro do povoado. Pouco se importava que tais proprietários tivessem ou não influência junto àquela gente camponesa. Condenava-os sem temor, nem consideração.

– Os taberneiros, dizia ele, roubam o pão das pobres esposas e de seus filhos, dando vinho a esses beberrões que gastam no domingo o que ganharam durante a semana...

O sacerdote não pode, nem deve dar a absolvição aos proprietários de tabernas que dão de beber a borrachos durante a noite ou durante a santa missa, sem se condenar a si mesmo...

– Ah! os taberneiros, o demônio não os importuna muito, pelo contrário, despreza-os e lhes cospe em cima.

Estas violentas palavras fizeram mais impressão nos fiéis presentes do que nos taberneiros, os quais sem dúvida pouco freqüentavam a igreja. Não importava. O pregador ia alcançando o seu fim. Os paroquianos se foram afastando das tabernas da praça. Um dos proprietários foi expor ao Sr. Cura que de fato aquilo era uma ruína.

O P. Vianney deu-lhe dinheiro e mandou que fechasse a casa. Aquele homem veio a ser um excelente paroquiano.

Quanto ao seu colega, desprezou por algum tempo os anátemas do Cura, mais tarde, porém, fechou igualmente a sua casa e mudou de profissão.

Desta maneira o P. Vianney "conseguiu que não houvesse mais tabernas nas vizinhanças da igreja". \*

Os dois últimos, estabelecidos em outros pontos do povoado, acabaram também por desaparecer. O P. Dubouis, o bom cura de Fareins, dizia que "isto fora uma das maiores vitórias do Cura d' Ars". Mas a sede do luero tornou-se tenaz. Sete taberneiros, um após outro, abriram novas bodegas. Todos os sete tiveram que fechar. A maldição dum santo pesava sobre eles "Vós vereis, profetizava o Santo de Deus, vereis arruinados todos aqueles que aqui abrirem tabernas". Esta luta sem tréguas produziu resultados inesperados. A praga do pauperismo diminuiu. "Em Ars, diz Pertinand, havia muitos indigentes. Ao suprimir as bodegas, o Sr. Cura suprimiu a causa principal da miséria".

Quando mais tarde os forasteiros afluíram à aldeia de Ars, construíram-se modestos hotéis para os hospedar. Em 1858 havia cinco, e o P. Vianney nunca se opôs. Ele mesmo convidou de Maccou um de seus jovens paroquianos, Francisco Pertinand, irmão mais moço do professor, e a quem o patrão, um confeiteiro, obrigava a trabalhar no domingo, para administração dum hotel que se tornou bem conhecido dos peregrinos.



Se as tabernas fossem lugar de reuniões honestas, onde a gente se pudesse divertir sem ofender a Deus, o P. Vianney as teria deixado sobreviver e prosperar em paz. Mas a blasfêmia, sempre má e culpável, era para alma tão zelosa do santo nome de Deus coisa absolutamente insuportável. Ora, naquela pequena aldeia “tinha o desgosto de ouvir blasfêmias até mesmo da boca de crianças que apenas sabiam o *Pai-Nosso*”. Jamais pode tratar de assunto tão doloroso sem chorar. Falava repetidas vezes sobre o mesmo assunto nos sermões e catequeses. Ameaçava os blasfemos com todos os males possíveis, nesta e na outra vida.

“Não é um milagre extraordinário, perguntava ele, que a casa onde se acha um blasfemo não seja destruída por um raio ou cumulada com toda sorte de desgraças? Tomai cuidado! Se a blasfêmia reinar em vossa casa tudo perecerá.

Assim ele reprimia a blasfêmia com uma corajosa severidade, e procurava por todos os meios possíveis fazê-la objeto de horror para as crianças e os jovens.

Lembro-me, diz Mons. Convert, ter ouvido um jovem sacerdote contar que, quando moço, tinha ido a Ars, acompanhado dum menino de 12 a 14 anos. Ambos se confessaram com o P. Vianney.

– Amanhã comungarás na minha missa, disse o padre ao menino.

– Não, respondeu este, não posso.

– Por quê?

– Porque o Sr. Cura desta vez me negou a absolvição por eu ter blasfemado contra o santo nome de Deus.

O Cura d’Ars soube fazer tão bem a guerra contra toda a espécie de blasfêmias, juramentos e imprecções e até mesmo expressões grosseiras – ele não receava nomeá-las do púlpito – que pouco a pouco desapareceram do vocabulário de Ars. Em lugar disso, começou-se a ouvir dos lábios daqueles camponeses o *Pai-Nosso*, a *Ave-Maria* ou palavras como estas: *Como Deus é bom! Deus seja bendito!*...



A luta contra o trabalho nos domingos exigiu do Cura d’Ars 8 anos de constantes esforços. Mesmo assim não o aboliu de todo. A primeira vez que do púlpito abordou este tema, fê-lo com tantas lágrimas, com tais acentos de indignação, com tal comoção de todo o seu ser que, passado meio século, os velhos que o ouviram ainda se lembravam com emoção. Durante toda a vida ao falar da profanação das festas, prorrompia nas mesmas exclamações de santa cólera.

– Vós trabalhai, mas o que ganhais é a ruína para a vossa alma e para o vosso corpo. Se perguntássemos aos que trabalham nos domingos: “Que acabais de fazer?” eles nem poderiam responder: “Acabamos de vender a nossa alma ao demônio e de crucificar a Nosso Senhor... Estamos no caminho do inferno”. Quando os vejo carroceando aos domingos, tenho a impressão de os ver carregando suas almas para o inferno!

O domingo é um dom de Deus, é o seu dia. É o *dia do Senhor*. Ele fez todos os dias da semana. Bem poderia tê-los reservado todos para si, mas deu-nos seis e ficou apenas com um. Com que direito vos apoderais do que não vos pertence? Sabeis que os bens roubados não trazem proveito. O dia que roubais ao Senhor tão pouco vos aproveitará. Conheço dois meios bem seguros para alguém empobrecer e chegar à miséria; trabalhar nos domingos e tirar o alheio.

Essas repreensões e maldições, repetidas de casa em casa, chegaram depressa aos ouvidos dos transgressores da Lei de Deus. Além disso, o P. Vianney, por si mesmo, buscava ocasião para se fazer ouvir. Nos domingos, depois das vésperas, saía contra o seu costume, tomando um caminho qualquer dos que levam para fora de Ars.

Certo domingo de junho encontrou um homem que carregava sua colheita. Envergonhado ao se ver diante do Cura d’Ars, quis esconder-se atrás da carroça. “Oh! meu amigo, disse-lhe o Cura, com um tom de profunda tristeza, está confundido por me ter encontrado... Mas, e Deus que o vê todos os dias?; é a Ele a quem deve temer”. À noite, “em lugar da homilia costumeira, pregou, com grande veemência, contra o trabalho no domingo”. “Ide, exclamava ele com mordaz ironia, ide pelos campos dos que trabalham durante os dias santos, sempre tem terras para vender”. Assim falava assiduamente e com tanto ardor que “chegava a enrouquecer”.

Depois do que fica dito, é fácil concluir que era inútil pedir-lhe dispensa do preceito. Neste ponto foi sempre intransigente e irredutível. Temia que a licença levasse ao abuso, mesmo entre os bons. É que sua confiança era ilimitada n’Aquele de quem dimanam todos os bens. Acaso Deus não terá cuidado dos cristãos que guardam sua Lei?

Em tais ocasiões o Cura d’Ars falava com o tom e a autoridade de um profeta.

Num domingo de junho, o trigo ceifado, havia pouco, ainda juncava a terra. Durante a segunda missa levantou-se um forte vendaval e pesadas nuvens surgiram ameaçadoras no horizonte. Não seria porventura necessário correr para recolher o trigo? No momento o Sr. Cura não disse nada, mas na ocasião do sermão prometeu aos bons cristãos que iam ter um belo tempo e o mais que necessário para recolherem o trigo em perigo. A borrasca passou sobre Ars sem desabar e depois daquele domingo seguiram-se quinze dias de sol e céu azul. Houve entretanto casos em que o P. Vianney deixou-os trabalhar. Assim, em certo domingo chegou a saber, sem protestar, que continuavam abrindo um poço. Do mesmo modo, quando o mau tempo persistia e a colheita perigava, não se opunha a que violassem o repouso dominical. O que não fez jamais foi autorizar diretamente a ninguém em público ou em particular. “Façam o que quiserem, dizia aos que o iam consultar. O negócio é vosso”. E às vezes acrescentava: “Sim, em outras paróquias os sacerdotes podem permitir; em Ars não o posso”.

Ao proceder deste modo, tinha a sua finalidade. Queria formar uma paróquia modelo. Em breve veremos como para a maior parte dos habitantes de Ars o “domingo chegou a ser verdadeiramente o *dia do Senhor*”.

## Pela Conversão de Ars

### IV. A luta contra as danças

*Uma questão de princípios: fugir da ocasião do pecado – Contra o vício impuro – Dez anos de pregação – A ação direta – As primeiras conversões – A absolvição negada aos que se entregam aos bailes – As mesmas medidas para grandes e pequenos – A responsabilidade dos pais – Uma vitória bem custosa – As invectivas contra as modas imodestas – O Cura d’Ars, árbitro da roda – Decotes e crinolinas.*

O modo como o P. Vianney fez desaparecer os bailes de sua paróquia tornou-se célebre. Neste ponto venceu em toda linha, mas o combate foi renhido. O baile estava tão arraigado nos costumes locais que foram precisos 25 anos para o Santo o extinguir completamente. “Em alguns, como se diz, era uma espécie de embriaguez ou loucura”. Como pagãos que não tinham mais consciência de sua miséria, os dançadores da aldeia proclamavam cinicamente que os seus prazeres eram inocentes e por conseguinte permitidos. Tratava-se de arrancar-lhes as vendas dos olhos.

Uma moça apaixonada pelo baile não poderá gostar dos gozos simples e puros. Não tem mais espírito cristão. Sua família, se a aprova, não pode ser uma família onde as práticas religiosas são tidas na devida estima. Essa jovem e os seus não terão uma religião séria enquanto não abandonarem as suas idéias e hábitos mundanos.

Quem quiser evitar o pecado deve fugir da ocasião... O Cura d’Ars era homem de princípios e ia reto à meta desejada. O doce S. Francisco de Sales, ao condenar os bailes por causa de seus perigos e perniciosas conseqüências, adotara certas medidas de brandura. São João Maria Vianney, que acabou por igualá-lo em suavidade, não as adotou porque achou inútil toda a precaução. Foi inexorável. Ajuntou sob um mesmo anátema o pecado e a ocasião,

O caso é que ele via longe e atacava ao mesmo tempo a dança e a paixão impura alimentada por ela. Daí os seus combates contra os serões tais como se praticavam em Ars, e contra a liberdade que se permitiam os jovens antes dos esponsais. Os habitantes de Ars, queremlo passar as longas noites de inverno com menos aborrecimento, reuniam-se, na falta de salões, nos estábulos onde a

temperatura era mais tépida. “E ali, à vista dos pais, calados ou cúmplices, renovavam-se práticas que teriam causado horror ao próprio paganismo”. A ignorância e a inconsciência desculpavam um pouco aquela pobre gente. Seja como for, tão vergonhosos escândalos começaram a ter fim quando o R. Vianney, do alto do púlpito, os verberou e declarou infames.

Neste ponto a resistência tornou-se muito forte e o terreno só palmo a palmo foi conquistado. Durante dez anos o Cura d’Ars repetiu sem cessar as mesmas instruções.

– Não há um só mandamento na Lei de Deus, dizia ele, que o baile não transgrida. As mães costumam dizer: “Ah!, eu cuido de minhas filhas”. Cuidais dos seus enfeites, porém não podeis velar por seus corações. Ide, mães e pais réprobos, ide para o inferno, onde vos espera a ira de Deus. Lá vos aguardam as boas obras que tendes feito, deixando à vontade vossos filhos. Ide, eles não tardarão muito a se juntarem a vós, pois tão bem lhes ensinastes o caminho... E não vereis se o vosso cura tinha ou não razão de vos proibir esses prazeres infernais...

Meu Deus, poderão ter olhos tão cegos a ponto de crerem que não há mal na dança, quando ela é a corda com que o demônio arrasta mais almas para o inferno?... O demônio rodeia um baile como um muro cerca um jardim... As pessoas que entram num salão de baile deixam na porta o seu anjo da guarda e o demônio o substitui, de sorte que há tantos demônios quanto são os dançadores.

Das palavras, porém, o Cura d’Ars passava a ação direta. Certo dia ele mesmo foi ao encontro do músico. Quem acaba com o violão, disse consigo mesmo, também acaba com o baile. O tocador já entrava no povoado com o instrumento debaixo do braço. “Quanto lhe pagam para tocar?” perguntou o P. Vianney. “Não sei, diz o Ir. Atanásio, que ouviu contar este episódio, se o músico respondeu que lhe davam 5 ou 10 francos; o Cura deu-lhe quantia duplicada. Ele retirou-se satisfeito e não houve baile”.

O mesmo fez em dia de feira com o taberneiro Bachelard. “Quanto calcula ganhar vendendo hoje?

– Tanto, Sr. Cura.

– Está bem, tome aqui a soma e não faça nada”. O taberneiro aceitou-a e voltou contente para casa.

Certo domingo, iam começar o baile na praça, ou para dizer melhor, preparavam o espetáculo muito em voga naquela região do *correr o asno*, porque uma mulher havia surrado o seu marido. De súbito o Sr. Cura saiu da casa paroquial e apenas atravessou o espaço entre a canônica e a igreja, todo o mundo debandou e a praça ficou vazia. “Escaparam como um bando de pombos”, contava rindo o P. Vianney. E assim acabou a festa.

BOB

Felizmente nem todas as moças de Ars viviam “loucas por bailes”. No povoado havia algumas muito bem educadas e ajuizadas, que por seu temperamento não foram atingidas pelo contágio. O P. Vianney esforçava-se por preservar do mal essa porção escolhida de sua grei. Outras já dominadas pelo prazer começavam a sentir certa vergonha. Devido às orações e mortificações de um santo a graça trabalhava ocultamente nos corações. Por outro lado a vida do Sr. Cura era para todos a pregação por excelência. Na sua pessoa resplandecia um que de evangélico.

– Nosso Cura, diziam nas conversas, faz tudo o que diz e pratica tudo o que ensina. Jamais o vimos tomar parte em diversão alguma. O seu único prazer é falar com Deus. Nisso deve ele encontrar algum gozo... Sigamos os seus conselhos. Ele só deseja o nosso bem.

O P. Vianney, enquanto combatia as desordens, compreendeu que para a regeneração das almas seria obra mais útil ainda a formação duma elite. A recitação das vésperas, antes tão pouco freqüentada, começou a se armar. Certas senhoras e jovens dedicavam, todos os domingos, alguns minutos mais, às suas devoções. Durante a semana, às 20 horas, começou-se a rezar as orações da noite com as poucas pessoas que naquela hora tardia visitavam o Santíssimo Sacramento. Pouco a pouco o número foi crescendo e outras se juntaram a estas.

Certo domingo, depois das vésperas, um reduzido grupo de moças ficou na igreja para se confessar. Sem dúvida eram almas boas, mas não se conheciam mutuamente. O P. Vianney- sentiu-se inspirado a lhes dirigir algumas palavras para uni-las num comum sentimento de piedade. “Minhas filhas, lhes disse, se quiserdes, podemos rezar juntos o rosário para que a Santíssima Virgem vos alcance a graça de fazerdes bem o que ides fazer”. Entre aquelas jovens havia uma mais travessa do que leviana. “Sentiu-se feliz por ver que todas sabiam responder ao *terço*. – Antes do Cura d’Ars só se rezava publicamente o rosário no dia da Anunciação”. – A palavra do santo sacerdote calou profundamente naquela alma pura. “Creio, assegurava ela, foi naquele dia que o Sr. Cura transformou o meu coração”. Fora uma das primeiras nos divertimentos e chegou a ser um modelo de piedade. O apóstolo tinha descoberto o bom fermento que haveria de levdar toda massa.

“Deu-se isto no mesmo ano de sua chegada, refere Catarina Lassagne, uma das almas que ele mais se esmerou em aperfeiçoar. Num domingo de feira, depois das vésperas, convidou as jovens penitentes para comerem frutas no pomar. Ele mesmo nunca ia. Eu tive a ousadia de acompanhá-las, apesar de ser ainda muito jovem – Catarina não passava dos 12. – O Sr. Cura nos reuniu por alguns momentos. Lembro-me que nos perguntou: “Não vos sentis mais felizes do que as que estão dançando na praça?” Fez-nos entrar na cozinha da casa paroquial, onde nos leu a vida de minha santa patrona, e depois nos falou das coisas de Deus. Aquelas jovens e muitas outras, que lhes seguiram o exemplo, constituíram na aldeia o primeiro sodalício de piedade sob o título de *Confraria do Santo Rosário*. Com as que permaneciam rebeldes aos seus conselhos o P. Vianney

mostrou-se excessivamente severo. Partindo do princípio de que não podiam ser absolvidos os pecadores sem que renunciassem à ocasião do pecado quando esta existia, o Cura d'Ars negava a absolvição, mesmo por uma única falta, até à conversão total.

Para isso tinha suas razões. Deste modo, bom número de paroquianos, apesar de não serem escandalosos, tiveram que esperar meses e até anos, antes de serem admitidos aos sacramentos. Uma prova disso é o seguinte diálogo:

– Passei 6 anos sem cumprir com o preceito pascal, dizia em março de 1895 a Mons. Convert venerável anciã, cujo marido presente ia confirmando a narração.

– Seis anos!

– Sim, dos 16 aos 22. Cada ano ia à casa dos meus parentes, por ocasião da feira de Mizérieux e ali dançava um pouco. Durante todo o ano só saía naquela ocasião. Em Ars já não se dançava havia muito tempo – era de 1835 a 1841. – Mas essa única saída, que se repetia todos os anos, era motivo para que eu não recebesse a absolvição.

– E apesar disso ia confessar-se?

Sim, por ocasiões das grandes festas. O Sr. Cura apenas me dava a bênção.

– E que lhe dizia ele – “Se não se corrigir de ir aos bailes, está condenada!... Era lacônico.

– Dançava, porém, noutras ocasiões!

– Nunca.

– Então por que ia confessar-se?

– Pensava eu: “Se Deus me chamar antes de receber a absolvição, espero que tomará em conta o meu desejo de a receber... Minha mãe perguntou ao Sr. Cura se eu podia confessar-me noutra parte. – “Como quiser, respondeu ele. Em todo o caso, acho melhor que não faça a páscoa e que não vá confessar-se noutra parte”.

A jovem Catarina Treve contava que no mês de fevereiro dançou uma vez num casamento. O Cura d'Ars adiou-lhe a absolvição até à festa de Ascensão.

Quando era moça, a senhora Butillon teve que esperar quinze dias, ou tres semanas para ser absolvida, só por ter ido à feira de Montmerle. Não tinha dançado, porém “foi ao lugar onde se dançava”.

Um pai de família, que ainda não conhecia bem o seu pastor, expôs-lhe o seguinte caso de consciência: “Posso acompanhar minha filha ao baile?”

– Não, meu amigo.

– Mas eu não a deixarei dançar.

E o Santo concluiu com esta reflexão, cheia de profundíssima psicologia: “Oh, se ela não dançar, dançará seu coração”.

O Cura d'Ars nalguns pontos se mostrou menos rígido com os forasteiros do que com os seus paroquianos; mas quanto aos bailes não variou jamais. Algumas pessoas do mundo ao se ajoelharem a seus pés gostavam de dizer-lhe que estavam seguras de si mesmas e imunes contra o pecado, mas o pecado perfumado não achava graça diante de seus olhos. – “Jamais ele permitiu que tomasse parte nos bailes de sociedade e nem sequer assistissem a eles como simples espectadores”. Pouco tempo depois de sua chegada à paróquia, os castelões de Ars organizaram um ou dois bailes entre famílias, mas logo se abstiveram disso “em respeito à sua proibição”. “Ele só conhecia o baile, diz Cristina de Cibeins com certa mágoa, através das desordens que produzia entre a gente do campo. Sei de uma pessoa piedosa que, forçada por sua condição social a tomar parte em algumas diversões mundanas, viu-se obrigada a deixar o confessorário do Cura d'Ars para não ter mais que contrariar suas decisões”.

Tais foram as normas do Cura d'Ars em matéria de danças e por toda a sua vida. Teve sobretudo grande cuidado em esclarecer os pais sobre tão grave assunto. Inculcou-lhes profundamente a convicção de que deviam a seus filhos um amor terno mas firme, o bom exemplo, a vigilância e a correção. Declarava-os além disso responsáveis pelas faltas dos filhos:

– “Vós respondereis por suas almas como pelas vossas próprias. Assim lhes falava... Não sei se fazeis quanto está em vosso poder. O que eu sei é que se vossos filhos se condenarem em vossas casas por falta de vigilância – como é de crer – vós também sereis condenados. Sei muito bem que não dareis um passo a mais para cumprirdes os deveres para com vossos filhos; que vós não vos inquietais com isso, e por certo tendes razão, pois não faltará tempo para serdes atormentados por toda a eternidade...”

Estas picantes ironias eram sem dúvida a linguagem que convinha àquela gente. Os pais tomaram ao pé da letra os conselhos do Sr. Cura. Certo domingo depois das vésperas, duas jovens irmãs foram, sem licença do pai, – acharam-no desnecessário – ver o baile numa festa de Savigneux – Savigneux dista dois quilômetros de Ars. Não dançaram, pois tinham pressa de regressar. Em casa, porém, a ausência delas não passou despercebida. O pai tomou o chicote e castigou-as severamente.

Antônio, um dos filhos da família Cinier, de vinte anos de idade, foi dançar num dos povoados vizinhos. Ao chegar em casa, já bastante tarde, saudou por duas vezes a mãe sem ser correspondido. Já suficientemente punido com aquela desusada frieza, meteu-se na cama. Mas isso não foi bastante para a mãe irritada. Tomou uma chibata e lhe “acariciou” as costas.

Desde o ano de 1830 os bailes haviam desaparecido completamente do centro de Ars. Uma ordem do Sr. Antônio Mandy não autorizava mais os bailes públicos a não ser na alta sociedade da aldeia. Para os organizadores da festa local foi grande humilhação. Aproximava-se justamente a festa de São Sisto. Alguns jovens de Ars,

que ainda não viam com bons olhos o pároco, recorreram resolutos ao Sr. Mandy, pedindo autorização para celebrarem a festa no lugar de costume. O velho senhor respondeu que, tendo dado sua palavra ao Sr. Cura, não a podia retirar- O assunto porém não acabou nisso. Os jovens buscaram recurso junto ao subprefeito de Trevoux. Este revogou a ordem do burgomestre de Ars o qual só teve que submeter-se à vontade do superior.

Chegou o dia da solenidade e por conseguinte da festa de S. Sisto. Na tarde daquele domingo, aos acordes da música, apareceram os bailadores cantando e saltando. Quantos chistes jocosos atirados contra o cura e o burgomestre! Mas eis que cessam os estribilhos e os rostos tornam-se sombrios. Onde se tinham escondido as moças? “Ali, debaixo das nogueiras achavam-se apenas duas ou três criadas vindas das granjas de Ars e algumas forasteiras”. As jovens da paróquia haviam entrado na igreja para as vésperas e a oração da tarde. O baile foi triste e desanimado.

Ao toque para a oração da noite, a primeira autoridade da aldeia, que se armara, temendo possíveis desordens, não teve necessidade de intervir; dispersou-se o pequeno grupo de folgazões. A igreja encheu-se de fiéis e o Cura d’Ars pregou como de costume a pequena homília. Chorou. Choraram com ele. E muitos jovens estouvados deram-se conta de sua estupidez ao verem como suas mães e irmãs voltavam da igreja com os olhos vermelhos de pranto. Pediram para serem inscritos nalguma das confrarias da paróquia e não pensaram mais em bailes.

Dali em diante nos domingos, à tarde, a praça da igreja só viu fiéis que iam as vésperas na igreja ou ao cemitério, e depois dos officios, alguns amadores de jogos inocentes. Os jovens, que ainda teimaram em dançar, não encontraram mais com quem entre as suas conterrâneas- Quanto muito conseguiram recrutar algumas pobres criadas.

– “Ide procurar, exclamará mais tarde triunfante o Cura d’Ars, ide procurar tal ou tal jovem nos bailes ou com outras más companhias. Que se vos responderá? “Não a tenho visto desde algum tempo. Creio que se a quiserdes encontrar, será necessário ir à igreja ou à casa de seus pais... Se não a encontrardes em casa, ide à igreja e lá a encontrareis agradecendo a Deus por ter operado nela uma mudança tão radical. Vereis a modéstia estampada em sua frente...”

Irritados ao verem como as moças deixavam os bailes pela igreja, os libertinos de Ars e dos povoados vizinhos vingaram-se do P. Vianney como adiante veremos. Que fazer sem ter com quem dançar. Organizaram reuniões secretas nos lugares mais afastados. Mas o Santo, chegando a saber, trovejou tão forte da cátedra da verdade que desde 1832 não se dançou mais em todo o território da paróquia.

Quem o creria? A vitória ainda não estava completa. Foram combinados encontros nas feiras ou nos bailes dos povoados vizinhos, onde, longe de qualquer vigilância, julgavam poder-se entregar impunemente à sua diversão predileta. Vários jovens de Ars se deixavam arrastar. Sem muita dificuldade, o P. Vianney chegou a descobri-los.

Decidido a não largar o machado antes de cortar a última raiz do mal, não lhes deu tréguas. “Deus inspira aos santos procedimentos que saem muitas vezes do caminho ordinário”.

Já que era necessário gritar alto para se fazer compreender, o Cura d’Ars tomou por princípio negar a absolvição a quem quer que fosse que, tendo dançado uma única vez, não promettesse seriamente emendar-se. O triunfo só foi completo e definitivo depois de uma grande missão pregada naquela paróquia no ano de 1847.

Se alguns teimosos “vindos de fora” ameaçaram uma ou duas vezes restabelecer os bailes de S. Sisto, não passou contudo de impotente fanfarronice. O conde Cláudio de Garets, eleito *prefeito* em 1839, tornou à sua conta aquele negócio, fazendo desaparecer para sempre tais maquinações.

Ainda mais tarde, por 1855, como os paroquianos de Ars se permitissem frequentar mais do que o razoável as feiras dos arredores, um jovem eclesiástico teve ocasião de observar “que força o P. Vianney sabia dar às suas palavras quando os abusos começavam a reaparecer. Uma tarde, conta o P. Peletier, ouvi-o falar com tal veemência contra a feira de Vilefranche, a qual costumava atrair grande número de povo para as diversões profanas, que o auditório ficou aterrado”.

Enfim, uma última e severa advertência pareceu-lhe conveniente por ocasião de certos divertimentos inofensivos, mas que o Santo julgava indignos de seus bons paroquianos. No dia 9 de fevereiro de 1858 – 40 anos depois e no mesmo dia da chegada do P. Vianney a Ars – João Batista Mandy desposou sua prima Daudina Treve. Algumas semanas antes, um grupo de homens, e por certo nem todos jovens, esquecidos talvez das velhas rixas entre seus pais, tentaram restabelecer o costume já abolido das *galinhadas*. Foram à casa dos Mandy e depois dos Treve, requisitaram alegremente o que havia de melhor nos galinheiros e, conforme o antigo uso local, fizeram, num sábado à noite, grande festa em honra do futuro casal. O banquete prolongou-se até alta noite... O P. Vianney, já ancião de 72 anos, esgotado pelas fadigas e pelos jejuns, na manhã seguinte, ainda soube achar aqueles acentos dos tempos de luta para dizer ao seu povo – e aos culpados já arrependidos – toda a mágoa que lhe haviam causado aquelas escandalosas leviandades. “Brevemente haverá um outro casamento na paróquia, concluiu o pregador indignado; recomeçai e vereis o que hei de fazer”. Mas eles não recomeçaram.

As modas indecentes correm parelhas com os prazeres corruptores. A julgar por alguns de seus sermões, quando o P. Vianney chegou a Ars, várias pessoas faltavam às leis mais elementares da modéstia. O Santo indignou-se contra elas e irritou-se contra os pais que idolatravam suas filhas e as expunham à conquista. Só vendo como ele os fustigava.

– Esta mãe não pensa em mais nada do que em sua filha e mais se preocupa em

reparar se ela está com o chapéu direito do que de perguntar-lhe se está na amizade de Deus. Ela lhe diz que não há de parecer uma selvagem; que há de procurar tornar-se agradável a todo o mundo para poder conquistar relações e colocar-se na sociedade. E a filha logo procurará atrair os olhares do mundo. Com seus atavios rebuscados e indecentes logo dará a entender que é um instrumento de que se serve o inferno para perder as almas. Só no tribunal de Deus saberá o número de pecados de que foi causa.

Geralmente as mães de família compreenderam bem depressa quais eram seus deveres. Além disso, o P. Vianney as ajudou a cumpri-los, quer negando a absolvição às pessoas escandalosas, quer convertendo-se ele mesmo em árbitro da moda. Não deixava de ser coisa delicada, mas até nisso o nosso Santo se propunha uma finalidade altíssima: aspirava para seus 'paroquianos um ideal de perfeição do qual os cria capazes. Por isso entrou em pormenores que à primeira vista poderiam parecer pueris.

“As senhoras e as moças usavam penteados muito elegantes”-para realçar as suas cabeleiras. O P. Vianney obrigou-as a deixá-los e substituí-los por toucas a fim de melhor ocultarem os cabelos”. Aconselhou a Marta Miard, a qual possuía um botequim junto à igreja, que simplificasse o seu penteado, porque não o achava bastante simples. “Tínhamos, simplesmente a aparência de velhas”, dizia Daudina Treve, que nunca foi uma vaidosa. “Certo dia, conta Marta Miard, ele encontrou-me um pouco mais bem vestida do que de costume – tinha um vestido de musselina de cor muito vistosa. Em lugar de me dizer como costumava: “Bom dia, minha filha”, fez-me uma vênha muito profunda e acrescentou: “Bom dia, *senhorita*. Fiquei muito envergonhada”.

A pequena Joana Lardet exibia vaidosamente um forrnoso colar novo. “Queres vender-me o teu colarzinho? perguntou-lhe sorrindo o P. Vianney. Dou-te cinco soldos.

– E.. que fará o Sr. Cura com ele?

– Vou botá-lo no meu gato”.

Na igreja jamais tolerou decotes, nem braços nus. Não os permitia nem aos grandes nem aos humildes deste mundo. Por ocasião duma visita ao castelo viu o retrato de uma senhora em trajes de baile. “Dir-se-ia que vai ser guilhotinada”, observou ele mostrando com o dedo aquele quadro de família. A castelã de Ars compreendeu a lição e retirou o quadro.

No fim da vida ainda troçava das crinolinas até mesmo durante os seus catecismos. “O imperador fez coisas muito boas, porém esqueceu-se de uma: mandar alargar as portas para poderem passar as saias-balão”. Apesar disso, as pessoas de Ars exibiam moda tão incomoda.

O P. Vianney não insistiu muito, pois apenas lhe pareciam ridículas. E. por outro lado as poucas paroquianas que usavam tais atavios, nos domingos e dias

de festa, desapareciam na massa dos peregrinos que em maior número e mais livremente se sacrificavam às exigências da moda da época.

Os peregrinos de Ars por 30 anos puderam admirar na igreja, nas ruas e nas estradas, as senhoras e as moças daquela aldeia, dignas e modestas como monjas.

## Restauração da Antiga Igreja de Ars

*Novos projetos – Nomeação sem efeito para a paróquia de Salles em Beaujolais – A "capelania" de Ars declarada "paróquia" – Reconstrução do campanário – Novos altares – Embelezamento do coro e da nave – A generosidade do visconde de Garets – O quadro da "peregrinação".*

O amor a Deus e o amor às almas impeliam o Cura d'Ars para a frente. Também o seu próprio temperamento incitava-o à ação. A ociosidade forçada teria sido para ele uma penitência insuportável. Ainda que debilitado desde cedo pelas sobre-humanas penitências e abrasado por uma febre intermitente devida à insalubridade do clima, próprio da região de Dombes, jamais consentiu em tomar uma hora de descanso.

O ministério paroquial não o trazia muito ocupado. Mas o P. Vianney buscava trabalho para satisfazer o seu zelo e as suas ânsias de atividade. Enquanto deixava o pomar ficar inculto, depois de ter mandado cortar todas as árvores por causa de alguns marotos que, forçando a cerca de espinhos, roubavam as frutas e "ofendiam a Deus"; enquanto a casa paroquial, pouco a pouco esvaziada em benefício dos pobres, não o abrigava senão à noite durante um breve sono, o jovem pároco empregava o tempo livre que lhe deixavam o estudo e a oração em transformar a modesta igreja. Já vimos como renovou o altar-mor e pintou o forro do coro. Tinha em mente ainda outros projetos.

Um acontecimento inesperado retardou tudo. Em princípios de abril de 1820, o P. Vianney recebeu do arcebispado de Lião – do qual ainda dependia – uma carta em que o nomeava cura da paróquia de Salles, situada em Beaujolais, no decanato de Villefranche-sur-Saone. Deste modo deixava o departamento do Ain pelo do Ródano.

Informada, não se sabe por quem, do estado de saúde do jovem pároco, a autoridade diocesana escolheu para ele o aprazível povoadozinho de Salles, situado nas encostas de verdes colinas, onde poderia respirar um ar mais clemente. A população de Salles elevava-se a pouco mais de 300 habitantes, gente muito cortês e com fama de bons católicos.

O P. Vianney amava a sua humilde aldeia de Ars, porém dócil à vontade de seus superiores, não apresentou nenhuma reclamação. Dispôs-se para partir. Mandou arrumar numa carroça os seus móveis e livros. Ao espalhar-se a nova, a emoção foi muito grande na porção crente e praticante. As mães de família já o tinham pressentido:

“Como seremos felizes, diziam, se nossos filhos fizerem a primeira comunhão sob a direção desse sacerdote... É um santo!... Mas, não o deixarão muito tempo entre nós... Quanto à castelã de Ars, a quem a autoridade não havia consultado, mostrou-se profundamente desgostosa. Numa carta íntima, em que a boa castelã deu largas aos seus sentimentos, fala nada menos do que de “estrangular” o Vigário Geral. Era, entenda-se bem, uma maneira de expressar a sua mágoa.

Com o conhecimento do P. Vianney, que se deixou comover “pelo profundo pesar” de muitos, foi mandada a Lião uma comissão com o *maire* à frente. “Ars reclamava o seu Cura”. Uma vez que é assim, respondeu Mons. Courbon, ficará ele lá por quanto tempo quiser. E entregou à comissão cheia de contentamento um pregão oficial em que estava a nomeação para Salles.

O P. Vianney ficou, portanto, no seu posto. Doutra lado, pelo que parece, o próprio Deus manifestou claramente sua vontade. No dia marcado para a partida, o cura nomeado de Salles chegou com a sua bagagem à margem do Saone. Devia atravessá-lo. Aconteceu, porém, encontrar o rio transbordando de tal maneira e agitado por vento tão forte que o bateleiro naquele dia não pôde transportar os passageiros. A grande ponte de Jassans ainda não existia. Depois de duas tentativas inúteis, a mobília e a biblioteca tiveram que voltar para a canônica de Ars.

Entretanto, a situação do P. Vianney era das mais precárias. Simples *capelão*, parecia achar-se ali naquele canto da paróquia de Mizérieux como que de passagem. Apenas transcorridos dois anos após sua chegada a Ars, quando justamente começava a ser estimado, tinha que se afastar. Durante aquele mês de reboliço (abril de 1820), os bons católicos do lugar interrogavam-se com legítima inquietação se o arcebispo de Lião lhe daria ou não um sucessor.

Desde longo tempo os castelães de Ars procuravam restituir àquele pequeno núcleo religioso a independência e o título de *paróquia*. Em 1806, por contrato celebrado com Francisco Cinier, convertido desde a Revolução em dono da casa paroquial, do jardim e do pomar que haviam desfrutado até então os curas de Ars, a condessa, viúva de Garets, alugou tudo com a esperança de um dia poder restituí-los ao seu primitivo destino. Antes de transcorrerem dois anos – sabemos por carta do visconde à sua mãe (18 de março de 1808) – a condessa comprou a casa paroquial com as respectivas dependências. Essa aquisição era no seu modo de ver “um meio de conservar em Ars a sucursal”. Finalmente no dia 19 de junho de 1821, sendo pároco o P. Vianney, o visconde, dono daqueles bens sagrados, por morte de sua mãe, doou-os à fábrica da igreja. Graças a essa generosa dádiva, tornou-se possível a elevação da *capelaria de Ars* à categoria de paróquia.

Os habitantes de Ars, por sua vez, haviam dirigido um pedido ao rei Luís XVIII, em que expunham suas legítimas queixas: a impossibilidade de os meninos assistirem ao catecismo, no inverno, por causa das enchentes do riacho e do mau estado dos caminhos; a grande distância de Mizérieux, centro paroquial; mas sobretudo o temor de que desaparecesse a capelania por falta de sacerdote, caso não fosse transformada em paróquia independente. E aquela boa gente acrescentava:

– Os habitantes, desejosos de conservarem a fé, os bons costumes e zelar pela religião, querem sustentar um sacerdote à própria custa. Este sacerdote, homem de grandes virtudes, faz um bem imenso na paróquia e arredores. Esse bem, infelizmente, pode ser destruído num momento com a retirada do pastor...

O visconde, que então se achava em Paris, apoiou a súplica de seus conterrâneos. E, posto que a aldeia não contasse as 500 almas exigidas pelo decreto de 25 de agosto de 1819 para a criação da paróquia, Ars, por disposição real de 20 de junho de 1821, foi declarada *paróquia*.

Desta maneira Mizérieux, sem poder avaliar por si mesma toda a extensão de tal perda, viu-se despojada do melhor florão que possuía. Igualmente o Vigário Geral, ao assinar a nomeação do P. Vianney para a paróquia de Salles, não podia prever que Ars, onde o deixou de boa vontade, seria dentro em breve arrebatada à arquidiocese de Lião.



Esses diversos acontecimentos, sem importância na história do mundo, mas de grandes conseqüências para uma humilde aldeia, tiveram lugar quando o Cura de Ars se ocupava com embelezar sua igreja. ✦

Em 1820 tornou-se necessário construir novo campanário, ainda que de pequenas dimensões. O campanário de madeira, sacudido por um sino muito grande, ameaçava ruir. Ainda bem que nunca o faziam dobrar, temendo que se fosse despedaçar sobre os sepulcros do cemitério!

No mês de agosto, à instância do Sr. Cura, o *maire* mandou que se desse começo aos trabalhos. O P. Vianney viu com grande satisfação erguer-se para o céu de Ars um sólido e possante campanário de ladrilhos quadrados com simétricas janelas, nas quais se enquadravam elegantes colunatas românicas. Apenas estava concluído, o próprio P. Vianney comprou um segundo sino, que ficou sendo chamado: *Sino do Santo Rosário*. Logo souu alegremente.

Enquanto fora erguíam-se os andaimes, trabalhava-se ativamente no interior. O P. Vianney achava muito pequena aquela igreja. Apesar disso, não pensava em demolí-la. Nas igrejas velhas também se pode rezar! Demais, a construção dum novo templo acarretaria despesas consideráveis.

Junto à mesa da comunhão, que naquele tempo ficava entre a porta da sacristia e a parte da igreja situada debaixo do campanário, havia um altar com uma imagem da SS. Virgem.

A madeira, porém, estava carcomida e o pobre altar, encaixado na parede, apresentava triste aspecto com seus quatro castiçais completamente sem douração. O Cura d’Ars queria honrar à Virgem, segundo os desejos de seu coração e concebeu a idéia de construir uma capela lateral à ela dedicada. Os trabalhos foram começados com grande atividade em janeiro de 1820. A 6 de agosto, festa do padroeiro do lugar, estavam terminados. A nova capela, com seu teto liso, a imagem policromada, as

molduras e os trabalhos de douração, obras de um gesso e de um pintor de Villefranche, eram conforme o gosto da época. O P. Vianney sentiu grande atrativo por aquele canto sossegado e quase escondido da igreja. Durante quarenta anos, cada sábado, celebrava ali a santa missa. Em 1822, o teto da nave ameaçava ruir e foi consertado à custa do município, "mediante um imposto extraordinário". Custou 459 francos.

No ano de 1824, para honrar de maneira mais digna o grande santo que tomara na confirmação como patrono, o Cura d'Ars fez levantar, à sua custa, uma segunda capela que dedicou a S. João Batista. Foi benta e inaugurada no dia da festa do titular, pelo P. Matias Loras, antigo condiscípulo do nosso Santo em Ecully, então superior do seminário de Maximieux. Constituiu grande festa e alegria para a maior parte dos paroquianos. Os que praticavam já eram em grande número. Apesar de tudo, os amantes dos prazeres profanos, no meio dos demais durante a cerimônia, não puderam ler sem despeito a inscrição, para eles bem clara, que o Cura d'Ars mandara esculpir no arco da capela: SUA CABEÇA FOI O PREÇO DUMA DANÇA.

Em seguida divulgou-se a notícia de que o P. Vianney durante a bênção da capela fora favorecido com uma visão do futuro.

"Não sei se Deus lhe dera a conhecer naquele dia, escreve Catarina Lassagne no seu *Petit mémoire*, o que haveria de suceder mais tarde, ou seja, a conversão de tantas almas. Mas eis o que nos disse ele num domingo, quando pregava: "Meus irmãos, se soubésseis o que se passou nesta capela, não ousaríeis mais entrar nela... Não vos falo demais... Repetiu o mesmo várias vezes como se disse estivesse cheio o seu espírito.

Supõe-se que lhe tenha aparecido o Santo Precursor mostrando-lhe no futuro o famoso confessor colocado naquela capela e a multidão de penitentes ajoelhada a seus pés.

A ereção do altar de S. João Batista trouxe ao Cura d'Ars não só alegria, mas causou-lhe também grave inquietação. Como tivesse que pagar pessoalmente" a construção da obra, ficou devendo 500 francos ao marceneiro e não possuía nem um centavo. Sua pequena pensão e renda anual sobre a parte de sua herança que lhe enviava o irmão Francisco já estava toda no bolso do arquiteto. O carpinteiro reclamou o pagamento. "O pobre do P. Vianney, todo perturbado, saiu de casa a fim de acalmar um pouco sua inquietação. No caminho, a certa distância da igreja, saiu-lhe ao encontro uma senhora desconhecida que lhe perguntou: "V. Revma. é o Cura d'Ars? Ao responder-lhe afirmativamente, entregou-lhe 600 francos para que os empregasse nas suas obras". Dessa intervenção, que lhe pareceu extraordinária, não ousou concluir que dali em diante o seu banqueiro seria a Providência. Ao contrário, prudente por virtude e por natureza, disse que a lição tinha sido boa e que não se meteria mais em semelhante embaraço. Acostumou-se, salvo em casos excepcionais, a pagar sempre adiantado.

Mais tarde, as paredes da pequena igreja foram mudadas para dar mais espaço e uma após outra foram levantadas 3 capelas: Em 1837, a que dedicou à S. Filomena e

em datas ignoradas, a do *Ecce Homo* e mais outra – a quinta – posta sob a invocação dos Santos Anjos.

Em 1845, o pequeno presbitério de forma arredondada, onde apenas cabia o altar-mor, deu lugar a um coro muito amplo e quase tão grande como o resto da nave. Uma segunda sacristia foi construída nesse coro, e o Santo colocou atrás do altar um terceiro confessor, destinado especialmente para ouvir as confissões dos sacerdotes.

A fim de satisfazer sua piedade pessoal, e porque tinha experimentado até que ponto as imagens impressionam e instruem as almas boas e simples, o P. Vianney multiplicou, na sua igreja, os quadros e as imagens. S. José e S. Pedro adornavam o santuário; S. Sisto, patrono da paróquia, e S. Brás estavam colocados na entrada do coro. Havia ali duas imagens deitadas: *Cristo no sepulcro* e *Santa Filomena*. Colocados em nichos ou simplesmente fixados a parede, viam-se *Nossa Senhora da Medalha Milagrosa*, uma *Virgem com o menino Jesus*, S. João Batista, S. Lourenço, S. Francisco de Assis., Santa Catarina de Sena, S. Bento Labre, o arcanjo S. Miguel, o arcanjo S. Gabriel, a *Virgem da Anunciação*, o arcanjo S. Rafael e o jovem Tobias. A sagrada Face e os instrumentos da Paixão viam-se em relevo na capela do *Ecce Homo*, onde sobressaía um grande *Cristo coroado de espinhos*. Tudo falava aos olhos dos cristãos naquela pequenina igreja.

– Muitas vezes, costumava dizer o P. Vianney, basta a vista de uma imagem para nos comover e converter. Não raro as imagens nos abalam tão fortemente como as próprias coisas que representam.

"As belas imagens arrebatavam-no" – dizia dele à condessa de Garets. – "Ah! se tivéssemos fé", exclamava chorando diante dum *Ecce Homo*.



Na sua obra de restauração e embelezamentos materiais, o P. Vianney foi poderosamente ajudado por certo cavalheiro daquela região, a quem o povo de Ars deve guardar eterna gratidão: o visconde Francisco, irmão da castelã de Ars, Ana Maria Garnier de Garets.

Foi por meio dela que o visconde, residindo em Paris, soube da chegada dum coadjutor de Ecully para a capelania de Ars, chamado Vianney. Na primavera de 1819, foi ao castelo de sua família, passar algumas semanas de repouso. Então conheceu o sacerdote de apenas 33 anos, macilento em consequência das vigílias, jejuns e trabalhos do apostolado. Já na primeira entrevista sentiu-se conquistado e, desde então, depositou nesse novo amigo uma confiança ilimitada. Nunca mais escreveu à irmã sem falar no "zeloso e respeitável Cura". A castelã de Ars punha o irmão ao corrente dos trabalhos empreendidos pelo P. Vianney. Sem dúvida lhe dizia que havia começado bem, mas que por falta de recursos via-se forçado a interromper o trabalho.

Que tristeza seria isso para um sacerdote tão santo! Numa palavra, a castelã soube expor e defender com tanta eloquência a causa de sua pequena e querida

paróquia, que o visconde se resolveu a continuar a obra do jovem pároco. "Jamais, dizia no seu estilo solene, a igreja de Ars será tão suntuosa e tão bela como é meu desejo". Imediatamente começou a fazer encomendas às melhores casas de Paris. A cinco de maio de 1823 sentiu-se feliz em anunciar a primeira remessa de três estandartes bordados à prata, "um do Santíssimo Sacramento, outro da Santíssima Virgem e o terceiro de nosso padroeiro S. Sisto..." "Tudo que V. Revma. faz pela igreja de Ars, acrescentava ele, dirigindo-se ao P. Vianney, me inspira a fazer o que faço por ela! Os seus paroquianos me têm escrito que as suas santas instruções e bons exemplos os edificam e levam a Deus". Depois enviou mais ornamentos, de seda ou de precioso estofado, bordado a ouro, para a missa, e "uns ornamentos de veludo preto com franjas roxas para as cerimônias da Semana Santa".

Para o mês de maio de 1824 "prometeu-lhe um pátio". O P. Vianney quis escolher pessoalmente a fazenda. "Como é em Lião que se fabricam os mais belos tecidos e também para que sejam do seu gosto, é a V. Revma., meu caro amigo e respeitável cura, a quem encarrego dessa compra".

O pátio veio bem, mas, sendo muito largo para a porta da igreja, só em 1828 pode sair em procissão, época em que o visconde mandou aumentar de 8 pés a humilde construção, dando-lhe uma nova fachada, que mais tarde foi rematada por uma estátua da Imaculada.

Se houve uma pessoa que se alegrou com a vinda dos donativos do generoso visconde foi o Cura d'Ars. Era um prazer vê-lo e ouvi-lo ao abrir as pesadas caixas que alguns paroquianos de boa vontade foram buscar em Lião. Ria e chorava ao mesmo tempo como uma criança. "Senhora, dizia ele a uma boa velha que passava naquele momento, venha ver uma coisa muito bonita antes de morrer". Dentro em breve um grupo de espectadores reuniu-se em torno daqueles tesouros.

"Ah! no céu, acrescentava, tudo será mais belo ainda".

Posto que os auxílios do generoso visconde tivessem permitido aumentar a entrada da igreja, contudo o acesso à mesma continuava ruim. Subia-se por uma péssima escadaria acaracolada. O cavalheiro tomou a iniciativa de a substituir por uma escada exterior com patamar, precedido de espaçosas rampas. De boa vontade teria feito ali algo de extraordinário.

Desejaria que a entrada da igreja fosse mais atraente, escreveu ao Sr. Mandy. Isso é absolutamente necessário. Se os palácios dos reis são embelezados pela magnificência das entradas, com maior razão as das igrejas devem ser suntuosas... Não quero poupar nada para isso.

Por fim, em 1828, graças ao concurso dos habitantes de Ars, que carregavam o material, construíram-se dois lanços e o patamar atual.

Durante a execução desse trabalho, o visconde não permanecia inativo. No dia 15 de março de 1827 o burgomestre de Ars recebeu nova carta do visconde em que "pedia dizer ao Sr. Cura e aos Srs. fabriqueiros que ele doava a igreja de Ars: 1º, uma custódia de prata dourada; 2º, um templete forrado de veludo, cuja cúpula, as colunas, o penacho e a base são de cobre dourado; 3º, um tabernáculo igualmente de cobre

dourado, proporcionado ao templete". O P. Vianney recebeu ainda de "seu querido benfeitor" grandes relicários que serviram para adornar as capelas da Santíssima Virgem e de S. João Batista.

A principal recompensa para o visconde foi ver sempre aplaudido o seu modo de proceder pela "terna irmã" – era assim que muitas vezes a tratava em suas cartas – e proporcionar algum prazer ao santo Cura d'Ars.

– Tu me falas, escreve o visconde à castelã de Garets, em nosso respeitável P. Vianney, donde concludo que estás bem satisfeita com o que tenho feito e farei por Ars, se Deus me der vida. Mas já que tua intenção é deixar-me agir quase só, vejo que tens predileção por outras boas obras... Peço-te por favor que me escrevas com franqueza o que o nosso Cura pensa de todos os meus presentes, pois se ele está de todo contente, da minha parte a alegria será perfeita.

Dessa maneira, em 1828, isto é, 10 anos após à chegada do Santo em Ars, a velha igreja era quase interior e exteriormente tal qual a vemos hoje. O humilde Cura d'Ars muito já havia trabalhado. Agora podia começar a famosa peregrinação de Ars – aquele desfile ininterrupto de estrangeiros de todas as nações. Justos e pecadores iam pedir àquele que, muito antes do infalível decreto da Santa Sé Apostólica, já chamavam *O Santo* a saúde, a luz e a conversão do coração.

## As grandes provações dos primeiros anos:

### Calúnias e tentações

*A provação inevitável do apostolado – “Ingrato” – Queixas e críticas – O P. Vianney disposto a deixar a paróquia – As calúnias dos libertinos – A investigação do cura de Trevoux – A atitude do Santo caluniado – Uma reputação invulnerável – A resposta das pessoas honradas – O fim da tempestade – O temor dos juízos de Deus – O amor da Cruz – Cansaço e desejo de remoção – Nomeação para a paróquia de Fareins.*

Não se pode praticar o bem sem sofrimento. “Não há redenção sem derramamento de sangue”. Os santos nada construíram de grande, que não fosse sobre a base do sacrifício. O Cura d’Ars, que se açoitava cruelmente, impondo-se os jejuns mais rigorosos para a conversão de sua amada grei, sabia-o de sobra. Mas, por desígnio especial de Deus, outras dores mais acerbadas ainda lhe vieram da malícia mais ou menos consciente dos homens.

Não se combatem desordens inveteradas e vícios arraigados sem provocar resistência. Estas resistências o P. Vianney pressentia e as aguardava.

– Se um pastor se quiser salvar, dizia ele, precisa, quando encontrar alguma desordem na paróquia, saber calcar aos pés o respeito humano, o temor de ser desprezado e o ódio dos paroquianos, ainda mesmo estando certo de que ao baixar do púlpito vai ser morto. Isso não o deve amedrontar. Um pároco que quiser cumprir o seu dever, deve estar sempre de espada em punho...

S. Paulo já havia escrito aos fiéis de Corinto: “De boa vontade me sacrificarei uma ou mais vezes por vossas almas, ainda mesmo que vos amando mais seja menos amado”.

O Cura d’Ars “não se queria condenar”. Os seus paroquianos bem cedo se convenceram disso. Por muitos meses os que freqüentavam a igreja, ouviram cair do púlpito sobre eles reprimendas, esconjurações e ameaças quase contínuas. O pregador, ao vê-los tão frouxos e distraídos, fazia questão de repetir: “Quando me acho entre vós não sinto nenhum aborrecimento”. Achavam-no *ingrato*, o que na linguagem deles significava: maçante, aborrecido.

– “Então o Sr. Cura era muito prolixo nos seus sermões? perguntou certa vez

Mons. Convert ao Sr. Drémieux. – Sim, pregava longo tempo e quase sempre sobre o inferno... Batia as mãos e dizia: “Meus filhos, estais perdidos”. Ou, batendo no peito, acrescentava: “Há quem diga que o inferno não existe. Ah! eles o hão de crer”.

Mais tarde, quando a paróquia ia melhorando sensivelmente, gostava mais de expor aos paroquianos o lado atraente da virtude do que a fealdade do vício. No começo esboçou para os seus ouvintes quadros bem terríveis. Sem dúvida que, inconscientemente, deixou-se arrebatado pelo caráter sensível, nervoso e impulsivo de que era dotado.

“Eu vos digo, procurava explicar mais vezes aos fiéis, que uma vida santa nasce do zelo que temos pelos interesses de Deus”. Não era amigo de meias medidas. Contudo, sempre se deixou guiar menos pelo temperamento que pelo dever. Se nunca foi brusco onde se devia manifestar conciliador e suave, tão pouco hesitou quando se impunham resoluções enérgicas. Através do pecador, por quem sentia grande compaixão, descobria o pecado para com o qual não tinha misericórdia.

Sem dúvida o seu modo de agir nem sempre foi o mesmo dos antecessores. Começou-se a murmurar contra ele no seio das famílias. Decididamente o Sr. Cura era muito severo. Tal menino não fora julgado digno da absolvição. Sua primeira comunhão fora adiada para o ano seguinte! É porque é meu filho”, lamentava a mãe, ferida no amor-próprio. Além disso, esse novo cura não se mostrava demasiado rigoroso para com os profanadores do domingo, contra os que freqüentavam as tabernas, e contra os curiosos e curiosas dos bailes?... Naturalmente o intrépido moralista se indispôs com todos os taberneiros. “Se este padre não quer viver como todos, é do seu ofício, mas ao menos que deixe os outros em paz!” Assim falavam, diante de dois copos, os “filósofos” do lugar.

E quem o creria? Até as pessoas verdadeiramente piedosas tiveram dificuldade em se acostumar com o P. Vianney. Durante quase dez anos, “dez anos de angústia”, a excelente Catarina Lassagne, que mais tarde se tornou uma das suas mais fervorosas admiradoras, sentiu por ele “tanto temor como veneração”. Ela mesma pedia a Deus que afastasse de Ars aquele sacerdote, cuja direção se lhe tornava insuportável. É que desejava vê-la perfeita, não deixando passar a mínima falta.

Tal foi, aliás, sua maneira constante de agir com as pessoas que lhe mostravam afeto. “Levou por caminhos extraordinariamente duros” a abnegada Pignaud, que apesar de gozar algum bem de fortuna, deixou sua casa em Lião para viver ao lado da pobre D. Renard. “Não perdia ocasião de mortificá-la e exercitá-la numa renúncia absoluta de todas as coisas assim grandes como pequenas, até ao ponto de lhe proibir a assistência aos seus catecismos”. Não recusava nas obras de zelo a cooperação das mulheres, mas exigia que fossem desinteressadas e sobrenaturalizadas.

As queixas e falatórios das pessoas a quem havia admoestado, e dos penitentes a quem negara a absolvição, chegavam aos ouvidos do austero confessor. Ele porém nunca usou de mistérios.

– Se um pastor, diz ele, depois de proferir violentas invectivas contra os maus

exemplos dos pais., quer fazer-lhes conhecer suas faltas e a de seus filhos, se enfurecem, vituperam-no, falam mal dele e o fazem objeto de mil contradições...

Se um paroquiano, prossegue, tem algo contra seu cura, porque lhe tem dito alguma coisa para o bem de sua alma, logo surge o rancor, fala mal dele, ouve com gosto que os outros procedam do mesmo modo e malícia tudo quanto lhe diz... Vede outro: faz ver-lhe que não é bom se aproximar assim da sagrada mesa da comunhão; logo responde grosseiramente, conservando rancor como se o cura fosse a causa de ele ter procedido mal... Uma outra vez é uma pessoa a quem negou a absolvição. Revolta-se contra o confessor, que aos seus olhos passa a ser pior do que o demônio.

A animosidade em certos lugares durou muito tempo. O P. Vianney teve ocasião de experimentá-la penosamente durante a Revolução de 1830. Causa estranheza que as *jornadas de julho* tivessem repercutido na pequena aldeia de Ars~ Não obstante assim aconteceu. “Sete de seus paroquianos achavam-no demasiado severo e deram-lhe a entender que devia deixar a paróquia”. Claro está que tais senhores não eram os mais edificantes da paróquia. Ainda que o Cura só falasse disso com doçura e entre os seus íntimos, contudo a prova foi para ele muito dolorosa.



Outro golpe não menos duro veio ainda ferir-lhe o coração. Já temos visto como todas as jovens de Ars, dóceis aos seus ensinamentos, terminaram por curvar-se sob o cajado do pastor. “Alguns indivíduos perversos, alheios à paróquia”, e muitos dentre os jovens que já não encontravam cúmplices para as suas desordens, insurgiram-se contra o pároco, tentando salpicá-lo com o lodo em que viviam atolados.

Tiveram a audácia de atribuir-lhe a palidez e fraqueza, não as terríveis macerações, mas a uma vida ocultamente licenciosa, pondo deste modo o nome do P. Vianney nas suas canções burlescas. Escreveram-lhe cartas anônimas, repletas de infâmias e injúrias. Colaram papeluchos do mesmo teor na porta da casa paroquial. À noite faziam algazarra e tocavam trombetas ao pé da janela de seu quarto.

Deus permite às vezes que as almas mais puras sejam vítimas das mais odiosas calúnias, e disto não isentou nem mesmo os ministros do altar. “Por ocasião dum fato escandaloso – uma infeliz moça que perdera a honra acabava de ficar mãe numa casa vizinha à do pároco – os miseráveis caluniadores tentaram manchar a reputação do servo de Deus... “Não passou dum rumor efêmero desvanecido por sua própria virtude, pois jamais alguém surpreendera em sua conduta, alguma coisa digna da menor censura ou que desse motivo à mínima suspeita”. Apesar disso, cobriram de imundícias a sua porta e não faltou quem “por espaço de 18 meses o insultasse durante a noite, ao pé da janela, como se tratasse dum homem de vida dissoluta”.

Parecia que nenhuma humilhação ou sofrimento moral lhe haveria de ser poupado. Em 1823 foi restaurada a diocese de Belley e Ars deixou de pertencer ao arcebispado de Lião. Monsenhor Devie, o seu novo bispo, não o conhecia. Começaram a chegar cartas anônimas às mãos do prelado, que achou de seu dever “enviar o cura de Trévoux,

deão do P. Vianney, a fim de colher informações sobre a conduta do Santo”. Ignorase de que maneira foi feito o inquérito, o certo porém é que as caluniosas imputações ficaram sem efeito. Não seria talvez ao recordar-se desses penosos incidentes que, quase no fim da vida, costumava dizer: “Se ao chegar em Ars tivesse sabido o que haveria de sofrer aqui, só com a notícia teria morrido”. Realmente, viveu horas de verdadeira agonia. “Certa ocasião, refere uma testemunha de sua vida, achou-se tão abatido pelos falsos boatos que alguns se atreveram a propalar contra sua fama que estava para deixar a paróquia. E o teria feito se uma pessoa de sua intimidade não o tivesse convencido de que sua retirada equivaleria a uma tácita confirmação das infames calúnias”.

“Então abandonou-se ainda mais nos braços da Providência”. E enquanto o seu coração se revoltava contra a ignomínia – pois tratava-se de sua honra de sacerdote – perdoava aos culpados. Mais ainda: tratava-os como amigos. “Se pudesse cumulá-los de benefícios o teria feito com gosto”. Foi assim que ajudou num revés de fortuna à uma família que o havia perseguido... Um de seus membros morreu num manicômio, mas o P. Vianney, apesar de saber de quem se tratava, jamais fez menção disso e procurou todas as oportunidades para ser-lhes útil”. “Devemos rezar por eles”, dizia ao Sr. Mandy, que estava indignado com o proceder daqueles infelizes. Aconselhou a um sacerdote que se queixava de ser vítima das calúnias dos maus: “Fizei como eu, deixei-os dizer quanto queriam e assim pararam de falar”.

As almas santas “convertem em suavidade todas as amarguras”. “Sei, conta outra testemunha, que o P. Vianney não somente suportou com paciência tão indignos tratos, mas até encontrou no sofrimento um prazer sobrenatural. Mais tarde chamava a essa época *o mais belo tempo de sua vida*. Ele teria desejado que o bispo, convencido de sua culpabilidade, o afastasse da paróquia para só assim ter tempo de chorar na solidão a sua *pobre vida*”. Em fevereiro de 1843 fez a muitas pessoas estas pasmosas confidências: “Pensava que havia de vir um tempo em que me botariam fora de Ars a pauladas, ou que o Monsenhor me interditaria, vindo eu, mais cedo ou mais tarde, acabar num cárcere”.

Depois das informações do cura de Trévoux, ao ver que Mons. Devie, longe de tirá-lo da paróquia, sentia-se feliz em conservá-lo, exclamou: “Deixaram-me aqui como um cãozinho amarrado à uma estaca. Conhecem-me demasiado bem”. Eis o Santo! O Cura d’Ars alcançou o grau mais perfeito de humildade. Não somente chegou a um completo desapego das honras, mas ao desprezo da própria honra e reputação. O sofrimento moral, longe de abatê-lo, foi-lhe um estímulo, e para sua alma o cinzel de Deus, que a moldou como o escultor modela a estátua ao esculpir o mármore.

O P. Vianney teria podido defender-se publicamente, já que publicamente o atacavam. Mais de uma vez foi aconselhado que assim o fizesse. Ele porém preferiu calar e chorar diante de Deus. Felizmente, sua vida, já admirável, falava muito alto em favor de sua virtude. A maior parte dos seus paroquianos – citaremos várias testemunhas – julgavam-no digno de todo o respeito. Era preciso que alguém fosse cego para

caluniá-lo assim tão odiosamente. Ele que na sua juventude se havia negado, num excesso de delicadeza, a “abraçar a própria mãe!” Era tão modesto e recatado a ponto de nem sequer tocar uma criança. Quando as meninas do castelo se aproximavam dele, em companhia dos irmãos, acariciava a estes uma ou outra vez, porém jamais a elas. “Sua escrupulosa atenção neste ponto era tal que repreendeu certa vez a umas meninas por se haverem permitido a liberdade de tocar a mão de um eclesiástico forasteiro”.

“Durante as suas enfermidades, somente quis ser cuidado por homens”. Com as mulheres que lhe prestavam algum serviço, “encontrava meios, como já vimos, para que elas fizessem unicamente por amor de Deus tudo o que faziam por ele”.

“Quase não me atrevia a olhá-lo nem a falar com ele. Quando lhe prestava algum serviço, fazia-o, conforme creio, tão somente por amor de Deus e sem afeição natural alguma. Ao levar-lhe qualquer coisa, dispunha-me de antemão a ser despedida”.

Assim se explica por que jamais teve criada. “As piedosas mulheres, que se ocupavam algumas vezes na arrumação da casa paroquial, tinham ordem de não fazê-lo a não ser na sua ausência”. Além disso, “a reputação dessas senhoras estava acima de toda a suspeita”.

Em presença das senhoras que o visitavam, “a julgar pela brevidade de suas palavras, a modéstia dos olhos, o grave do porte – nunca se sentava diante delas – haveríamos de tomá-lo por um anjo em corpo mortal”. Dele pôde dizer uma das mais assíduas penitentes: “Seus primeiros olhares penetravam até o fundo da alma, porém, depois já não nos olhava mais”. A individualidade nada era para ele. Só via almas para levá-las a Deus. Portanto, nada havia no P. Vianney de afeição, nem o que se poderia chamar afetação de prudência.

Finalmente ele mesmo assegura que se não fosse sacerdote e sacerdote confessor, não teria conhecido o mal, o que só chegou a conhecer pelas confissões dos penitentes.

Dito isso, não é para admirar que as calúnias propaladas contra ele, por pessoas de má fé e mal intencionadas, não tivessem encontrado o menor crédito na parte sã da população.

Os colegas de sacerdócio, ainda que dele nem sempre tivessem um justo conceito, pelo menos nunca se compraziam em ouvir tão detestáveis infâmias. Desde 1822 o P. Vianney começou a ter entre o clero reputação de santo. Os bons paroquianos não perdiam ocasião para defendê-lo. “Algumas vezes, conta Antônio Mandy, filho do *maire*, diziam-me os cretinos: “Oh! o vosso Cura... é como os demais”. Respondia-lhes: “Enganai-vos. Há muito tempo que o observo. O nosso cura é um Santo”.

Mais. O sacerdote tão indignamente caluniado encontrou mesmo entre os incrédulos defensores decididos. O Dr. Thiebaut, médico de Trévoux, que mais tarde se converteu, examinara o P. Vianney e não ignorava a causa de seu abatimento físico. Esse médico teve a lealdade de defendê-lo publicamente num café de Trévoux, contra uns espíritos fortes que o incriminavam.

A tempestade cessou para não mais voltar. O Cura d'Ars escolhera para si a humilhação; isso era o que lhe tocava. Mas Deus, que vinga o pobre das afrontas imerecidas, não permitiu que a calúnia enxovalhasse por mais tempo a reputação daquele sacerdote que havia de espargir melhor do que ninguém o bom odor de Cristo entre os homens. Jamais, desde *que* se estabeleceu aquela famosa corrente de peregrinos, ninguém se atreveu a por em dúvida sua perfeita virtude. Para alguém convencer-se disso bastava contemplar o puro candor de seus olhos azuis. E mesmo alguns acontecimentos de significação extraordinária começaram a atrair a atenção das multidões.

Um dia, era em 1853, a mãe dum sacerdote, a sra. Gauthey de Montchanin, em Saone-et-Loire, – conservamos essa narração – rezava na igreja de Ars, perto do confessionário do Santo. “Então viu comovida uma mulher que a muito tempo chegara à aldeia e ainda não conseguira aproximar-se do P. Vianney. Era, conforme lhe disseram, pessoa de má vida. Apesar dos rogos e lágrimas, não podia chegar ao confessionário”.

Vinte e cinco anos depois, ocorreu outro fato que teve todas as aparências duma coisa maravilhosa e que na ocasião tomou a forma de um símbolo.

“A castelã de Garets tinha o costume de oferecer cada ano ao Sr. Cura, por ocasião da festa de S. João Batista, um ramalhete de flores de lírios. Não podendo certa vez oferecer-lhe na véspera, como costumava, entregou-lhe na sacristia. O P. Vianney tomou o ramalhete, admirou-lhe a frescura e disposição, colocando-o na janela onde o sol ardente daquela estação devia crestá-lo dentro em breve. Passados oito dias, as flores conservavam ainda toda a frescura e perfume”.

Aquelas flores que por tanto tempo conservavam a brancura de sua corola e a rigidez de seus pestilos de ouro, sob aquele sol de verão, não eram o símbolo magnífico duma reputação imaculada que a malícia ignóbil jamais pode empanar?



As injúrias dos homens não foram as únicas provas que o P. Vianney teve de suportar durante os primeiros anos de sua vida apostólica. Enquanto de fora o assediava a maledicência, interiormente sofria angústias doutra espécie.

Apesar da grande fé na Providência, à vista do que ele chamava sua profunda miséria e das obrigações de seu cargo lhe inspirava um grande temor dos juízos divinos... Chegou a ponto de sentir tentações de desespero. “Deus meu, exclamava entre gemidos, fazei que eu sofra quanto vos aprouver, mas concedei-me a graça de não cair no inferno”. E passava do temor à esperança e da esperança ao temor. Ele conheceu aquelas situações terríveis “em que a alma não recebe consolação das coisas terrenas, às quais não mais se prende, nem do céu onde ainda não habita; nestas horas cruciantes a alma crê-se totalmente e para sempre abandonada por Deus”. Era então que ele desejava fugir, ir-se para qualquer solidão, a fim de “chorar a sua pobre vida”.

Na verdade, a cruz que suportava era pesada demais. Mas, depois que começou a amá-la, quão suave lhe pareceu!

– “Sofrer amando, dizia ele, não é sofrer... Fugir da cruz, pelo contrário, é querer ser esmagado. É necessário pedir o amor às cruzes; então tornam-se suaves. Eu o experimentei durante quatro ou cinco anos. Fui muito caluniado e objeto de contradições. Ah! tinha muitas cruzes; talvez mais do que podia carregar. Pus-me a pedir o amor da cruz e desde então sou feliz! Agora digo: verdadeiramente, só na cruz está a felicidade”.

Assim sendo, ainda que as mais violentas tempestades lhe tivessem assaltado a alma, não poderiam chegar àquele cume onde habita a confiança e a paz.

– Um dia, conta o P. Alfredo Monnin, então jovem missionário, perguntei-lhe se os seus sofrimentos algumas vezes lhe fizeram perder a paz. “A cruz, exclamou com celestial expressão, a cruz nos fazer perder a paz!... Mas é ela que nos há de infundí-la em nossos corações. Todos os nossos males provém de que a não amamos”.

À essa fé inquebrantável deveu o Cura d'Ars não só o não ter sucumbido, nem desalentado, mas também o ter realizado obras que outros sacerdotes, humanamente mais bem dotados do que ele, porém menos sobrenaturais, não se teriam atrevido a empreender, demonstrando com isso que grandeza moral – e que méritos – podem tirar-se das humilhações desta vida. O P. Vianney continuou trabalhando por Deus sem esperar dos homens recompensa alguma. “Quando se trabalha sem prazer e sem gosto, dizia ele, trabalha-se muito mais por Deus. É possível que me tirem daqui, entretanto procedo como se tivesse de ficar para sempre”.

Assim mesmo com respeito ao P. Vianney a espada, pouco a pouco, ia gastando a bainha. Gostava de triunfar à força de paciência, porém essas lutas internas o minavam. Durante o verão de 1827, consentiu em ir ao castelo para consultar o médico. O Dr. Timecourt mostrou-se severo. Prescreveu ao heróico penitente “um melhor regime a fim de se prevenir contra moléstias nervosas, às quais era propenso e que se poderiam tornar crônicas...”

– Além dos medicamentos que lhe receitei, acrescentava o médico nas suas meticulosas prescrições, convém que o Sr. Cura tome sopa com azeite, coma frango, vitela, frutas cruas ou cozidas, pão fresco, torradas com manteiga e mel; pode ainda tomar cerveja, chá com leite, adoçado, e muitas uvas bem maduras.

Ninguém de quantos rodeavam o P. Vianney soube dizer como cumpriu as prescrições médicas. É de crer que as não tomou muito em conta. Somente consentiu, depois desta consulta gratuita, em aceitar das mãos da castelã de Ars um pacote de chá em flor.

Não passava dos quarenta anos e já se sentia esgotado. Ele tinha febre continuamente. Fosse pelas fadigas físicas ou pelos sofrimentos morais, o fato é que pelo fim de 1827 ou no começo de 1828 pediu remoção para outro lugar. Os moradores do castelo se inquietaram vivamente. E para conservarem o seu cura fizeram várias diligências junto a Mons. Devie, cuja resposta se fez esperar.

– Não creio, escrevia a 1º de abril de 1828 o Sr. Gillet de Valbreuse à sua prima de Garets, que S. Excía. conceda licença ao P. Vianney para sair, sem antes se inteirar dos motivos, de semelhante proceder. E depois, que seria da escola?

A escola em questão era a “casa da *Providência*”, obra de grande vulto, à qual o jovem cura parecia ter afeiçoado de modo particular o seu coração. Por ela igualmente se interessava o castelo. A safda do fundador comprometia a própria existência daquele edifício.

Apesar disso, Mons. Devie não desatendeu à petição do P. Vianney, propondo-lhe a paróquia de Fareins. Em vista da situação era isso uma promoção e ao mesmo tempo uma resposta aos caluniadores de há pouco. Naquela paróquia vizinha de Ars, cinco vezes maior que esta, o santo varão poderia fazer maior bem e fundar uma outra *Providência* que recolhesse maior número de órfãs do que a primeira. Ao cônego hesitou, mas, depois achou preferível aceitar. Repentinamente porém, reparando na “sua miséria”, mudou de parecer. “Desgraçado que sou! disse às diretoras da escola. Ia consentindo em ir para uma grande paróquia, quando apenas posso resistir aos desalentos numa pequena”. E escreveu ao Monsenhor, pondo-o ao corrente de sua última decisão.

O bispo de Belley, que já conhecia o zelo do Cura d’Ars, tivera as suas razões para lhe oferecer a paróquia de Fareins. No século XVIII essa importante cidade do Ain havia passado por provas pouco comuns, e a fé de seus habitantes, até então bons católicos, fora profundamente abalada.

Pouco antes da Revolução, os irmãos Cláudio e Francisco Bonjour haviam formado ali uma seita sob a inspiração dos dois párocos sucessivos, ambos jansenistas. Essa seita chamava-se: *Fareinista*. Eram fanáticos, que, com mulheres à frente, sobrepujavam os excessos dos antigos *Flagelantes*. A sua felicidade consistia em se deixarem açoitar até verter sangue. A jovem Estefânia Thomasson, cedendo a fanáticas sugestões, consentiu em se deixar crucificar na própria igreja... Já se vê que semelhantes loucuras, só podiam conduzir à imoralidade e ao ceticismo.

Em 1828, a metade da paróquia de Fareins ainda aderira à doutrina dos irmãos Bonjour. Era precisamente para conduzir ao aprisco da Igreja aqueles filhos por tanto tempo desviados que Mons. Devie pensou no P. Vianney. Dar-lhe-ia um coadjutor e assim ele sentiria menos o peso do ministério. Não resta dúvida que em Fareins continuaria com seus jejuns e penitências, e que por isso a mudança de situação não lhe haveria de restabelecer a saúde.

Por que se julgou obrigado a recusar definitivamente o novo posto! Temia não poder cumprir com os encargos de sua missão. Os Fareinistas eram irredutíveis. Equivocadamente, mas de boa fé, pensou que outro qualquer, melhor do que ele, poderia arrancá-los da obstinação. Certo dia disse ao P. Dubouis, que foi nomeado cura de Fareins, em 1834, permanecendo ali 48 anos: “Mons. Devie queria por-me onde está V. Revma., porém tive medo da *seita*. Os pagãos se convertem mais facilmente que os jansenistas. Certa vez quatro pobres paroquianos de Fareins vieram

perguntar-me se podiam salvar-se sem ir à igreja, ficando a rezar em casa. “Meus amigos, respondi-lhes, que pensaríeis dum filho que dissesse: Eu amo muito a meu pai, porém, quanto a minha mãe, não quero vê-la.”

Mons. Devie não insistiu mais com o P. Vianney, e sem fazer-lhe novas propostas, deixou-o em sua pequena aldeia.

## As conquistas do bem e as obras de Apostolado

*A força da elite – O “jansenismo” da castelã de Ars – As adoradoras da primeira hora – O velho Chaffangeon – Para conquistar os jovens e os homens: A confraria do Santíssimo Sacramento – Para recristianizar as famílias: a oração em comum, as boas leituras e o exame de consciência – Os segredos da vida interior ensinados aos camponeses – Missões aos arredores – Na grande missão de Trevoux – Em Sant-Trivier: “Morreu o Sr. Cura” – O entusiasmo pelo jubileu de S. Bernardo – A “pega” do cura de Limas – O regresso através da neve – Ajuda aos colegas, substituindo-os: batismos, enterros, visitas a enfermos nas paróquias vizinhas.*

As injúrias que sofreu o P. Vianney nos primeiros anos de seu apostolado foram obra de alguns espíritos ignorantes, cegos ou perversos. Já temos visto que não eram só espinhos as plantas medradas no campo que Deus lhe confiara: também desabrochavam flores de inocência, flores de piedade, belas e perfumadas. O Cura d’Ars dedicou-se a cultivá-las e a multiplicá-las.

Em boa hora lembrou-se de organizar uma elite que, formando com o sacerdote o coração da paróquia, o ajudasse na obra de penetração e conquista. Este humilde Cura de aldeia teve a clara intuição muito antes que os de seu tempo e de sua vizinhança, que a devoção à Sagrada Eucaristia – cujo influxo de outro lado ele mesmo não deixava de sentir – é e será sempre o meio eficaz de renovação cristã entre os povos.

A castelã de Ars era uma católica muito caridosa e serviçal. Contudo não se podia dizer que fosse muito fervorosa. Sua piedade era austera e acanhada. Até então lhe havia faltado um diretor espiritual clarividente e seguro. Era, a darmos crédito ao seu primo João Félix de Garets, “uma daquelas almas que sob a influência do século precedente se endureciam e dessecavam nos rigores do jansenismo... Habituada a uma vida metódica, porém alheia aos sacramentos, foi levada pouco a pouco pelo P. Vianney à comunhão freqüente e à prática duma terna piedade”.

Dali por diante começou a ser vista assistindo à santa missa todas as manhãs. Ia a pé em qualquer estação do ano, mesmo no tempo de neve, pois preferia antes alimentar e vestir os pobres do que andar num coche.

Pela tarde voltava novamente ao povoado, onde sentia grande prazer em visitar o SS. Sacramento.

À castelã de Ars juntaram-se outras pessoas de mais humilde condição que, ao lado do P. Vianney, formaram os obreiros da primeira hora. Tais foram a viúva Claudina

Renard, mãe dum jovem sacerdote: Lacand, pessoa discretíssima de 60 anos, “da qual suspeitavam – diz Catarina Lassagne na sua linguagem nativa – que tivesse sido irmã religiosa, porque se vestia de preto, ou talvez porque vivera em comunidade”; a jovem Antonia Pignaud que, atraída pela fama de santidade do ex-coadjutor de Ecully, viera fixar residência em Ars para se edificar cada dia mais com o espetáculo de suas admiráveis virtudes... Essas poucas pessoas fervorosas conquistaram outras. Mais tarde se lhes juntaram as jovens que o P. Vianney congregara na *confraria do Rosário*, e depois as diretoras da casa da *Providência*, as quais logo veremos trabalhando. De sorte que desde 1825, “antes ainda das peregrinações, além do Sr. Cura, que, por assim dizer, passava a vida diante do Santíssimo Sacramento, na igreja sempre houve pessoas em oração... Não me lembro, diz o professor Pertinand, de jamais ter entrado ali sem encontrar alguém em oração”.

Muitas dessas excelentes cristãs, a quem o Cura d’ Ars, segundo frase de Marta de Garets, “havia inflamado no fogo de sua própria caridade”, morreram “como santas”.

Essas boas almas, sem que elas mesmas soubessem, começaram também a palmilhar os caminhos da mística.

Nas prolongadas visitas ao Santíssimo, poucas coisas diziam ao Senhor, porém sentiam-se tão felizes na sua presença!... “Eia, minha alma, pareciam dizer, usando as mesmas palavras do asceta que se achava ali ajoelhado, redobremos o fervor. Tu és somente para adorar o teu Deus, cujos olhares recaem sobre ti...”

Sem que a princípio o P. Vianney se desse conta, um bravo agricultor de Ars ia seguindo o exemplo daquelas piedosas senhoras. Luís Chaffangeon fazia parte da antiga *confraria do SS. Sacramento*, mas até então pouco se tinha distinguido dos outros, “contentando-se com levar uma tocha nos dias de bênçãos e procissões”. Homem de fé profunda, mas um tanto perdido entre os gentios como Job e Tobias, deixou-se conquistar pelas vivas exortações do pároco. Ouçamos como o P. Vianney nos narra essa emocionante história:

– Havia aqui na paróquia um homem que morreu há poucos anos. Pela manhã, entrando na igreja para rezar as suas orações antes de ir ao campo, deixou os utensílios na porta e se esqueceu de si mesmo diante de Deus. Um vizinho que trabalhava no mesmo lugar e que costumava vê-lo estranhou-lhe a ausência. Voltando resolveu entrar na igreja, julgando talvez encontrá-lo ali. De fato o encontrou. “Que fazes aqui tanto tempo?” perguntou-lhe. Ao que ele respondeu: “Olho para Deus e Deus olha para mim”.

A esta singela narração que gostava de repetir e que o fazia chorar cada vez, o Cura d’ Ars acrescentava: “Ele olhava para Deus e Deus olhava para ele. Tudo consiste nisso, meus filhos”.



O P. Vianney julgou muito acertadamente que a paróquia só se entregaria de um modo sério às práticas religiosas no dia em que ele tivesse conquistado para Deus os jovens e os homens.

Para levá-los ao culto da Eucaristia nada fez de novo, mas contentou-se apenas com infundir nova vida na *Confraria do SS. Sacramento* que já agonizava. “Os homens, dizia ele, têm, como as mulheres, uma alma a salvar. Em tudo costumam ser os primeiros, por que não o hão de ser também em servir a Deus e em render homenagem a Jesus Cristo no sacramento de seu amor? A devoção torna-se mais influente quando eles a praticam...” “E não vos enganeis, acrescentava, dirigindo-se aos membros da associação eucarística, vós como *confrades* que sois, estais obrigados a levar uma vida mais perfeita que o comum dos cristãos”.

É justo confessar que, com os jovens e os homens de Ars, o P. Vianney não obteve o êxito que desejava. Aliás, levado pelo ardente zelo, exigia demais. Compreende-se sem dificuldade que não pode conseguir deles, conforme o exigiam os estatutos da confraria, a visita diária ao SS. Sacramento. Os trabalhos do campo traziam-nos ocupados da manhã à noite. O bom Chaffangeon não encontrou, pelo que se sabe, perfeitos imitadores. Apesar disso, o fim da associação foi conseguido satisfatoriamente. Os homens começaram a comparecer mais regularmente aos officios dos domingos, com aquele porte irrepreensível que haveria de ser a admiração dos visitantes. Um bom número chegava a passar uma hora inteira depois das vésperas, diante do SS. Sacramento exposto.

Na festa de Corpus-Christi de 1818 nada houve de particular, pois o P. Vianney não teve tempo para organizá-la, mas em 1819 empregou nela “toda pompa possível”. Fez gastos consideráveis para vestir de branco os meninos da paróquia. “Vamos, lhes dizia – enquanto ele mesmo lhes punha a túnica – agora pensem que estão diante de Deus, e que fazem as vezes de anjos”.

Sem dúvida, os meninos do lugar ficaram encantados ao desempenharem semelhante papel. Os maiores, pelo contrário, pareciam menos satisfeitos em representar a Igreja militante, pois eram ainda escravos do respeito humano. Muitos fizeram dificuldade em receber uma tocha e levá-la atrás do pálio. Praticamente, conforme testemunham os registros da paróquia, de 1824 a 1839 só uns cinquenta *confrades* se mostravam fiéis aos compromissos assumidos. É verdade que o P. Vianney não os obrigava em consciência. A *confraria do SS. Sacramento*, a princípio destinada só para homens, mais tarde admitiu também senhoras e moças, que se mostraram muito mais solícitas. Doutra lado, e não deixa de ser curioso, vários homens e moços conseguiram inscrever-se na Confraria do S. Rosário, fundada unicamente para senhoras, onde as obrigações eram menos onerosas. Assim mesmo, quando, em 17 de dezembro de 1845, o P. Vianney filiou a paróquia à *arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias*, instituída em Paris para a conversão dos pecadores, 60 homens e jovens pediram para nela serem admitidos. Essa devoção não exigia mais que a recitação quotidiana duma *Ave-Maria*, e além disso, é bom notar, ela tornou-se

muito estimada do Cura d'Ars, cuja autoridade e renome se haviam tornado incomparáveis.

O P. Vianney muito bem previa que as obras chamadas paroquiais não chegariam nunca a reunir mais do que uma elite. Restavam-lhe porém outros meios para exercer sua benéfica influência. Tentou fazer penetrar em cada lar uma vida verdadeiramente cristã, intensa e sólida. Aqueles labregos que deviam ganhar o pão de cada dia não assistiam à missa durante a semana, mas não lhes seria possível rezar as orações da manhã e da noite e ao menos passar um momento na igreja antes do descanso noturno?...

Em 1818 não se rezava na paróquia. Sobre esse particular é preciso ouvir as lamentações do jovem sacerdote. As famílias haviam deixado o belo costume da oração em comum, e o P. Vianney trabalhou com todas as forças para restabelecer a antiga tradição. Depois, por uma transição natural, procuraria transformar essa oração privada em exercício público. Está próximo o tempo em que, ao cair da noite, o sino de Ars, todos os dias do ano, fará a chamada. Então veremos a grande família paroquial acorrer de todos os lados para a recitação do rosário e da oração da noite.

O P. Vianney ousaria mais ainda. Procuraria inspirar naqueles humildes trabalhadores algumas práticas de devoção menos comuns, porém que tornassem mais perfeita a piedade. Deste modo lhes aconselharia o exame de consciência diário e "uma breve leitura edificante antes de se deitarem, ao menos no inverno. Isso para que gravassem mais profundamente nos corações as verdades da salvação eterna".

O Cura d'Ars nunca pensou que as pessoas dedicadas aos trabalhos do campo ou aos ofícios manuais fossem incapazes de vida interior. Aos simples camponeses que sempre viviam em presença da natureza – esse livro de Deus – ele ensinava o segredo de orar e meditar:

– Meus irmãos, não são as longas e belas orações que Deus escuta, mas as que saem do fundo do coração... Nada é mais fácil e consolador do que orar a Deus.

Às almas mais delicadas que sabia distinguir dentre a multidão – os santos têm santas audácias – haveria de mostrar as alturas mais alcantiladas. O P. Vianney não tinha dois modos de conceber a vida sobrenatural: um para si e outro para os demais. Deste modo o Cura d'Ars derramava sobre certas almas privilegiadas o que transbordava do seu próprio coração.

– Quando amamos alguém, acaso temos necessidade de vê-lo para pensar nesse alguém? Sem dúvida que não. Assim, pois, se amarmos a Deus, a oração nos será tão familiar como a respiração... Oh! como me agradam essas palavras ditas pela manhã: Hoje quero fazer tudo e tudo sofrer para glorificar a Deus... Nada pelo mundo ou por interesse; tudo para agradar ao meu Salvador. Dessa maneira a alma se une com Deus, não vê senão a Ele. Digamos freqüentemente: Deus meu, tende piedade de mim, como uma criança diz à sua mãe: dai-me pão... dai-me a mão... Se nos sentimos carregados com algum fardo oneroso, pensemos logo que vamos seguindo as pegadas de Jesus Cristo, carregando a cruz. Unamos as nossas penas às do Divino Salvador.

Muitos dos seus paroquianos seguiam à letra esses ensinamentos. Os peregrinos podiam admirar pelas ruas de Ars a serenidade de certos semblantes, reflexo da paz perfeita, de almas que constantemente vivem unidas com Deus.



Muitas paróquias limítrofes aproveitaram-se de tais exortações. O dever e a caridade prendiam o P. Vianney à sua igreja; o dever e a caridade dela o afastavam de tempos em tempos.

Em 1820, as ruínas morais, acumuladas pela Revolução, estavam muito longe de terem sido reparadas. Quanta ignorância ainda, que estragos, que corrupção por toda a parte! Mas a região de Ain, pertencente à arquidiocese de Lião, pelo que parece, estava em piores condições do que todo o resto. Tristes símbolos de almas abandonadas, "os campanários destruídos no tempo do representante Albite, em nenhuma parte ainda haviam sido restaurados". Durante 30 anos o território compreendido na antiga diocese de Belley não tinha recebido mais do que uma vez a visita de seu chefe, o arcebispo de Lião. Por falta de sacerdotes, muitas paróquias pequenas daquela região continuavam sem pároco, e, provavelmente, sem a influência benfazeja da família de Garets, a pequena aldeia de Ars teria tido a mesma sorte.

A única maneira, portanto, de despertar aquelas almas do torpor em que jaziam, abandonadas por tanto tempo, não seria pregar freqüentes missões? Com este objetivo, os sacerdotes duma mesma comarca uniam seus esforços já que os missionários da Cartuxa de Lião, chamados ao mesmo tempo de todas as partes, não bastavam para tal obra. Foi por isso que o Cura d'Ars exerceu em muitas paróquias vizinhas as funções de confessor e pregador. Tomou parte nas missões e jubileus de Trévoux, Saint-Trivier-sur-Moignans, de Montmerle, de Chanais, de Limas e de Saint Bernard. Quer a convite, quer a mandado do bispo, o P. Vianney se entregava ao ministério das almas com toda a alegria e entusiasmo. Os sacerdotes que o viam trabalhar no começo puderam duvidar da sua ciência e do seu talento, mas não tardaram a tê-lo em grande estima. A austeridade de sua vida, sua devoção, e – quem o diria – sua própria eloquência, livre de todo o artifício, lhe ganharam a confiança e a admiração de todos.

Na grande missão de Trévoux, que durou de 9 de janeiro a 24 de fevereiro de 1823, obteve sucessos admiráveis. "A capela onde ouvia confissões nunca ficava vazia". Hospedava-se em casa de um antigo discípulo de Verrieres, chamado Morel, "que se tomara hoteleiro". À noite o bom amigo de balde o chamava para a ceia. Muitas vezes depois da meia-noite ia procurá-lo na igreja e o encontrava atendendo aos fiéis. Na noite que precedeu o encerramento da missão foi tal a afluência em torno do Cura d'Ars que pouco faltou para que a multidão, atropelando-se, arrastasse confessor e confessional. Esta cena de Trévoux era a única que gostava de contar, rindo-se a bom rir. De propósito evitava falar naquela concorrência de pessoas ávidas de sua direção e nas conversões devidas ao seu zelo. "Os funcionários da subprefeitura e do tribunal de justiça foram consultá-lo em questões de consciência". Cumpriu o seu delicado ministério com desinteresse inteiramente apostólico, sem distinção de pessoas.

Dali em diante o subprefeito só falava nele com admiração. Ainda que louvasse a sabedoria e a doce firmeza de seus conselhos, afirmava com um sentimento de mágoa submissa e resignada que "O Cura d'Ars fora implacável para com os serões e os bailes da subprefeitura", "Época privilegiada aquela em que os subprefeitos recebiam a direção de um santo!"

Naqueles tempos, ao terminar a missão celebrava-se diante dos fiéis reunidos uma cerimônia em que os sacerdotes renovavam as promessas da ordenação. Em Trévoux foi o P. Vianney quem apresentou os Evangelhos a cada um dos colegas pronunciando as palavras do ritual: *Crês nos santos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo*. "Fê-lo com tanta piedade e unção que seu semblante e o tom de sua voz produziram uma profunda emoção em todos os sacerdotes".

Quando o P. Vianney se ausentou de Ars durante 15 dias, por ocasião da missão de Saint-Trivier, uma terrível notícia foi alarmar os seus paroquianos. Correu o boato de que tinha morrido de fadiga no confessionário. O rumor, que não carecia de fundamento, foi logo desmentido. Provinha do fato de que, partindo muito cedo para Saint-Trivier e em jejum, se perdera na cerração, caindo desfalecido. A fim de se confessar com ele vinha gente mesmo das paróquias vizinhas. Ia de manhã para a igreja e ouvia confissões até ao meio-dia. A igreja era glacial. Ofereceram-lhe um esquentador para os pés. Aceitou-o por condescendência, colocando-o ao lado sem o usar. Em Montmerle, por ocasião do jubileu de 1826, como não houvesse lugar suficiente na casa paroquial, o P. Vianney hospedou-se na casa da senhora Mondesert, que morava na rua dos Mínimos, junto à igreja.

Apenas instalado na casa dessa sexagenária que exercia, sem nenhuma remuneração, as funções de sacristã, o Cura d'Ars pediu secretamente à criada que lhe cozinhasse uma panela de batatas e a colocasse no seu quarto. Findo o jubileu, o pároco de Montmerle foi agradecer à boa senhora e pagar os gastos que fizera com o hóspede.

– Ah, Sr. Cura, por um par de trapos, não vale a pena...

– Mas a alimentação? Ele não comeu na casa paroquial!

– Aqui tão pouco nada comeu, replicou-lhe a senhora Mondesert. Somente permanecia aqui 5 minutos ao meio-dia. Nesse momento interveio a criada e contou a história da panelada de batatas. Subiram ao quarto e encontraram atrás da estufa a panela completamente vazia".

O P. Vianney, durante os 10 dias que esteve em Montmerle, sem deixar a igreja, por assim dizer, não comera mais do que aquelas batatas. O cura de Montmerle fez uma investigação na paróquia. O santo colega não tinha comido nem uma vez em casa de pessoa alguma.

Por ocasião do jubileu de S. Bernardo só ele se apresentou para ajudar o pároco da respectiva paróquia. Todo mundo se dirigia ao Cura d'Ars e o outro não parecia ofender-se com semelhante preferência. A uns colegas, que então foram visitá-lo, dizia sorrindo: "Tenho um bom operário; trabalha bem e não come nada". O povo em

massa ia ouvi-lo. Os trabalhadores e as criadas das granjas, não querendo perder seus sermões, deixavam o trabalho e corriam à igreja.

"Se for preciso pagar o tempo perdido – diziam aos patrões atônitos – pagá-los-emos, mas também nós queremos ouvir o Cura d'Ars". "Em S. Bernardo fez um bem considerável e de longa duração.

Por aquele tempo foi convidado pelo pároco de Limas para pregar o exercício das Quarenta Horas. "Lá, contava ele, pregaram-me uma *pega*. Escusei-me porque me sentia incapaz de falar diante de um auditório tão seletivo; mas o Sr. Cura me disse que se tratava duma paróquia rural. Fui... Ao entrar na igreja vi o coro cheio de eclesiásticos e a igreja repleta de pessoas de todas as condições sociais. No início fiquei muito acanhado. Não obstante, comecei a pregar sobre o amor de Deus e *parece que aquilo ainda ia bem*: todos choravam". Antes de partir para esses trabalhos evangélicos tinha o cuidado de assegurar o serviço de sua paróquia, pedindo a algum colega vizinho, principalmente ao de Savigneux, que distava apenas 2 quilômetros de Ars, para o substituir em casos de necessidade. Demais, cada semana visitava sem falta a querida grei com a qual sempre passava o domingo. Durante a missão de Trévoux, em pleno mês de janeiro, o heróico pastor, terminadas as confissões, fazia a pé em noites escuras, por aqueles caminhos, as duas léguas que o separavam da paróquia. O Sr. Mandy, solícito por seu "santo Cura", costumava mandar aos sábados o filho Antônio para que o acompanhasse no regresso.

"Ainda mesmo nos dias de neve e frio, contava Antônio Mandy, raramente seguimos o caminho mais curto e melhor de transitar. O Sr. Cura sempre tinha que exercer o seu ministério junto a algum enfermo. Entretanto, o trajeto jamais me pareceu longo, pois o servo de Deus sabia abreviá-lo contando episódios interessantes da vida dos Santos. Se às vezes eu fazia algum comentário sobre a crueza do frio ou as dificuldades do caminho, sua resposta estava sempre pronta: "Os santos, meu amigo, sofreram muito mais. Ofereçamos isto a Deus". Quando parava de falar em coisas espirituais, rezava-se o rosário. Conservo ainda hoje edificante recordação daquelas santas conversações".

O Cura d'Ars, que em toda a sua vida de sacerdote jamais fez uma só viagem de puro recreio, sabia sair da vida ordinária para ajudar os colegas, e isso até nos últimos anos. Por sua sobrenatural bondade não se negava a nada, achando-se sempre disposto para tudo. Como santo que era, deixou-se explorar para o bem. "É verdade, foi dito por uma jovem santa, que a gente se sente menos constrangida em pedir auxílio aos que sempre se manifestam dispostos a ceder".

Se uma paróquia ficava vaga, como aconteceu com a de Rance, em Saint-Jean-de-Thurigneux, o P. Vianney encarregava-se dela interinamente. O colega de Ars punha-se espontaneamente à disposição de alguns pobres párocos, velhos e doentes, tais como os de Villeneuve e Mizérieux, que não podiam cumprir bem o seu ministério, pronto a acudir ao primeiro chamado, tanto de noite como de dia. À noite ia visitar os doentes de Rance, de Saint-Jean-de-Thurigneux, de Savigneux e de Ambérieux-en-Dombes. Se alguém o chamava num domingo, partia logo depois da missa, sem entrar

na canônica, voltando ainda em jejum para cantar as vésperas”.

O P. Julian Ducreux, antigo reitor do Seminário Menor de S. João de Lião e pároco desde 1808 de Mizérieux, Tousseux, Sainte-Euphème e Saint-Didier-de-Formans, estava esgotado pelo muito trabalho.

O P. Vianney, como parece, tinha boas relações de amizade para com aquele ancião, seu vizinho. Talvez o P. Ducreux tivesse sido um grande amigo do saudoso e pranteado P. Balley. Seja como for, o certo é que consta nos registros de Mizérieux ter o Cura d’Ars, de abril de 1820 a maio de 1821, percorrido muitas vezes os 3 quilômetros que separam os dois pequenos centros paroquiais, para batizar, casar ou enterrar os paroquianos do P. Ducreux. Num dia de frio terrível, ele foi fazer um enterro. “Ao regressar parecia estar gelado”. Outra ocasião, depois de ter exercido o ministério em idênticas circunstâncias, “meteu-se de noite por caminhos cheios d’água e lama. Chegou em casa num estado que fazia pena, mas não se queixou. Pelo contrário, parecia contente e satisfeito”.

Certo dia, “estando ele mesmo muito doente, foi a pé visitar certo enfermo em Savigneux para ouvi-lo em confissão. Estava tão fraco que teve de voltar num carro”. “O mesmo aconteceu num dia chuvoso de outono ao ser chamado para uma família de Rance, que reclamava os socorros de seu ministério. “Molhado até à medula dos ossos, ardendo em febre, quando chegou junto do doente viu-se obrigado a se recostar na mesma cama. Nessa posição ouviu-lhe a confissão”. “Estava mais doente do que o próprio doente”, disse ao regressar.

Outro fato que encontramos nos registros de Savigneux é o seguinte: No dia 15 de julho de 1823 o P. Vianney foi batizar uma criança, filha de Pedro Lassagne e de Francisca Thomas, da aldeia de Juys. Sem dúvida quis, nessa ocasião, honrar aquela família, parenta de uns bons católicos de sua paróquia. A madrinha era Catarina Lassagne, que neste tempo contava 17 anos e estudava para ser professora em sua terra natal.

Jamais recusou coisa alguma, a não ser que esta lhe fosse impossível, dispendendo toda a vida em bem dos outros, sem nenhum interesse próprio. A jovem Bernard, de Fareins, que sofria de cancer, queria ter a suprema consolação de ver pela última vez o Cura d’Ars, de quem ouvia narrar coisas maravilhosas. O P. Dubouis escreveu ao P. Vianney algumas palavras, comunicando-lhe o desejo da doente. Era quinta,-feira santa de 1837, e o servo de Deus, segundo o seu costume, haveria de passar toda a noite na igreja! Partiu em seguida para Fareins. Mas tendo-se perdido no caminho, chegou coberto de pó e morto de fadiga. Não quis aceitar nem um copo d’água. Já era tal a sua fama de santidade que a vizinhança acudiu em tropel para o ver. O humilde sacerdote, depois de ter abençoado e confortado a pobre cancerosa, apressou-se em regressar à sua paróquia, sem ao menos aceitar um carro que lhe ofereciam.

– Em 1852, diz o P. Beau, cura de Jassans e confessor ordinário do P. Vianney durante 13 anos, caí gravemente enfermo. O colega de Ars veio visitar-me. – Era pela tarde do dia do Corpo de Deus, 11 de junho. Fez toda a viagem a pé, sob um calor senegalesco. E isso, depois de ter feito a procissão do SS. Sacramento.

E quantos rasgos deste gênero ficaram no esquecimento! Ultrapassaram as forças humanas, e só se explicam pelo zelo levado até ao heroísmo.

“Assim foi, exclama Catarina Lassagne, como o nosso Cura se sacrificou pelas almas”.

## A “Providência” de Ars

*Projeto de escola para meninas – As jovens mestras – Instalações e começos – Criação duma “casa de Providência” – O Cura d’Ars esmoler e mendigo – As horas críticas – O milagre do celeiro – O milagre da amassadeira – A “Providência”, obra benemérita de primeira ordem – A boneca e a pequena – Algumas mortes admiráveis – Escola-modelo – “Modelo de educação popular” – A obra predileta do Santo – Os catecismos na “Providência” – Nova capela e anseios de solidão.*

Ars não possuía escolas dignas deste nome. “Não havia professores. No inverno chamava-se um professor de fora e todos juntos, meninos e meninas, iam para a mesma classe”: Isso desgostava muito o Sr. Cura”, pelo que tomou a resolução de criar duas escolas na aldeia. De comum acordo, o excelente Sr. Antônio Mandy pôs-se à procura de um “professor experimentado e apto”, que se instalasse provisoriamente no local posto à disposição pela comuna, para dar aulas somente aos meninos. Esforçou-se por encontrar na paróquia o professor segundo o seu desejo. Esse professor tão procurado só começou a lecionar, como veremos, em 1838. Era um forasteiro, bom cristão, chamado Gaillard. Encarregou-se da educação dos meninos. A não ser no inverno, teve muitas dificuldades nos primeiros anos em reunir seus alunos. Entretanto, que seria das meninas?

De 1820 a 1823, enquanto algumas boas pessoas de Ars se encarregavam delas e lhes ensinavam as primeiras letras, o P. Vianney amadureceu o seu projeto e arranjou alguns recursos. Procurou na própria paróquia as futuras professoras. Para cargo tão delicado escolheu duas jovens humildes e piedosas: Catarina’ Lassagne e Benita Lardet. Até então se dedicavam ao trabalho do campo. Não possuíam muita instrução, nem experiência, mas um espírito perspicaz e grande bom-senso, além dum caráter ao mesmo tempo enérgico e delicado. Nos princípios de 1823 o P. Vianney mandou-as a Fareins, para o colégio das religiosas de S. José. Os gastos da pensão correram por sua conta. Ali, não somente repetiram os estudos primários, mas também se iniciaram nas futuras ocupações, lecionando às alunas menores daquele colégio.

Em março do mesmo ano o Cura d’Ars adquiriu uma nova casa, chamada nos documentos *Maison Givre*, construída perto do cruzeiro da igreja. Para comprá-la recorreu à caridade dos fiéis, e sacrificou tudo quanto possuía de bens particulares. Era seu desejo “estabelecer ali um colégio”, como o faz notar Antônio Mandy nos registros municipais. A casa não era nem luxuosa, nem grande. Tinha uma única sala ao rés do chão, onde se davam as aulas, e no andar superior dois quartos menores. No

conjunto era suficiente para comportar umas 20 meninas, além das professoras. Demais, as outras escolas da aldeia não tinham maior capacidade. Essa casa agradou ao P. Vianney por se achar no centro de Ars e perto da igreja. Somente que ao fazer o pagamento ficou tão falto de dinheiro, a ponto de não ter com que “passar logo a escritura” junto ao notário. A escola, gratuita para meninas, foi aberta em 1824, sob a direção de Catarina Lassagne e de Benita Lardet. Joana Maria Chanay, de Jassans, de 26 anos de idade, a quem o P. Vianney com seus conselhos havia curado de certos ressaibos mundanos, desde os primeiros dias começou a ajudar as jovens diretoras. Menos instruída e menos delicada do que as companheiras, era apta para os trabalhos manuais. O Sr. Cura mandou ensiná-la a costurar. Joana Maria foi sucessivamente a cozinheira, a padeira e a lavadeira daquele pequeno mosteiro sem clausura.

A essas professoras o P. Vianney não prescreveu nenhum costume especial, nem impôs regras escritas. Não quis obrigá-las a votos, mas, sem convertê-las em religiosas, queria que praticassem as virtudes. Catarina Lassagne ficou 22 anos à frente da fundação. Sempre se mostrou digna da absoluta confiança, que nela depositara o Cura d’ Ars. Alma simples e de fé profunda, aprendeu dele a suportar sem queixas as privações, as angústias e as rudezas do trabalho. Joana Maria Chanay, ainda que muito abnegada, com o seu caráter impertinente, punha à prova todos os dias a paciência de Catarina. Em 1830 a jovem diretora sofreu a imensa dor de ver morrer a piedosa e querida amiga Benita Lardet. A substituta de Benita foi Maria Filliat, de Mizérieux, costureira profissional, mas que inconscientemente se tornou uma cruz pesada para a pobre Catarina, por causa de seu temperamento imperioso e propenso a tudo contradizer. Deus assim o permitira. E foi depois de ter orado que o Cura d’ Ars fez tal escolha. Era conveniente sobretudo que ao lado dessa jovem indulgente houvesse outras educadoras mais severas que tivessem mais cabeça do que coração. Digamos também em honra de todas as pessoas que o P. Vianney recrutou para as suas obras que, sem exceção, trabalharam com o mais absoluto desinteresse: Não tiveram outro salário que o alimento e o suficiente para os gastos ordinários da vida, nem outra recompensa neste mundo que a satisfação de fazerem o bem.

No dia de S. Martinho de 1824, Catarina e Benita se estabeleceram na escola, levando apenas os objetos indispensáveis. Tudo era muito pobre. O P. Vianney prometera às professoras que garantia a manutenção da casa. Nela, porém, nada encontraram com que fazer a primeira refeição. Arrumaram os móveis e depois lhes ocorreu a idéia de voltarem para comer em suas próprias casas. “Não, disseram elas. Fiquemos aqui!... E eis que as respectivas mães chegaram com a refeição para suas filhas. Desde o primeiro dia aquela casa mereceu o nome de *Providência*, nome que haveria de torná-la célebre.

No dia seguinte pela manhã, as meninas da aldeia reuniram-se ao redor das jovens professoras. “Mas, em breve, diz Catarina Lassagne, as paroquianas vizinhas, em sabendo que a escola era inteiramente gratuita, aproveitaram a oportunidade e nos enviaram meninas de Mizérieux, de Savigneux, de Villeneuve. Foi necessário transformar o salão em dormitório. No primeiro ano (de 1825 a 1826), abrigamos 16

alunas”. Assim, de uma maneira imprevista, acabava de ser fundado um pequeno pensionato. Não se exigia nenhum: a retribuição em dinheiro. – O Sr. Cura não o queria sob nenhum pretexto. – Os pais forneciam as camas e roupas. Também se acostumaram a levar as provisões.

Pouco a pouco tudo se foi regularizando.



Quando o P. Vianney viu que sua modesta escola se ia enchendo desse modo, veio-lhe uma nova inspiração. O bom pastor encontrara no povoado e em seus arredores várias pobres, infelizes criaturinhas órfãs sem casa, filhas de pais desnaturados ou indigentes que as deixavam mendigar ou as empregavam ainda muito jovens como criadas em casas sem religião. Nada sabiam das coisas de Deus, e quase não aprendiam mais do que o vício. O coração compassivo do Cura d’ Ars não podia sofrer isso e resolveu estabelecer na mesma escola um orfanato com o significativo nome de *Providência*. Na verdade, aquela casa não teria outro provedor que “o Pai que está nos céus”. Contudo o nosso Santo recebeu tentar a Deus com uma empresa tão temerária, e num domingo de 1827 pediu aos seus paroquianos que se unissem com ele numa novena à Santíssima Virgem para conhecer a *vontade de Deus*. Sua resolução tornou-se mais firme e ele pôs mãos à obra. Antes de mais nada era preciso aumentar a casa. Para esse fim o P. Vianney comprou um terreno. Ele mesmo traçou a planta do novo edifício; e depois, fazendo-se tudo para todos, com o intuito de animar e apressar os obreiros no trabalho, fez-se servente de pedreiro e ajudante de carpinteiro. Preparava as pedras, amassava a argamassa e transportava os materiais.

Uma vez terminadas as obras, exigiu que a casa só admitisse como pensionistas as pobres órfãs abandonadas. As meninas de Ars continuariam a ser recebidas, mas como externas. As abastadas dos povoados vizinhos não foram mais admitidas desde princípios de 1827. “Para começar, diz Catarina Lassagne, recolhemos duas ou três pequenas infelizes. Mas pouco a pouco o número foi aumentando de tal modo que algumas vezes a casa se tornava pequena para acomodar a todas. As *órfãs* – esse foi o nome com que o povo se habituou a chamar todas as pensionistas da *Providência* – “não eram de ordinário admitidas antes dos 8 anos, e só as deixavam sair depois da primeira comunhão. No caso em que se apresentasse alguma mocinha pobre de 15, de 18 e mesmo de 20 anos, o Sr. Cura, de boa vontade, a recolhia”. Essas *Madalenas*, talvez mais do que as outras, necessitavam de uma mãe e de um lar. “Não raro, conta Maria Chanay, vinham quase sem roupa e todas cobertas de piolhos... Nada igualava a ternura compaixão que o nosso Cura sentia por aquelas pobres abandonadas”.

Algumas “as encontrou pelo caminho”, outras, completamente desamparadas, tendo na cabeça asquerosas feridas. Jamais foi recusada uma dessas pobres infelizes, enquanto houve um cantinho disponível na *Providência*. Certo dia levou uma que encontrara perdida.

“Recebe esta menina, disse a Catarina Lassagne. – É Deus que te manda.

– Mas, Sr. Cura, não há nenhuma cama disponível! Ainda há a tua”.

A jovem diretora por um instante apenas duvidara da Providência divina. Com um súbito arrependimento abriu os braços para a infeliz, apertando-a ao coração.

Deste modo a compaixão do P. Vianney pela infância abandonada, longe de ser estéril e de pura lamentação, foi ativa e fecunda.

– Certo dia aconteceu, refere Joana Maria Chanay, encontrar na porta da igreja um menino recém-nascido. O Sr. Cura nos mandou que o recolhêssemos e que depois de lhe haver preparado um modesto enxoval, o entregássemos a uma ama...

Outra vez, sabendo que morreria numa paróquia vizinha certa mulher muito pobre, enviou-me com uma das minhas companheira fim de buscarmos o seu filhinho, que educamos.

O P. Vianney nunca consentiu em receber um vintém sequer pelas pensões das meninas internadas na *Providência*, apesar de algumas já crescidas terem trabalhado nas granjas e portanto ganho algum dinheiro. Outras até possuíam parentes abastados, de quem poderia exigir alguma coisa em retribuição. O P. Mermod, falecido como pároco de Gex, fez-lhe um dia esta observação:

“V. Revma. recebe gratuitamente na *Providência* algumas meninas que muito bem poderiam pagar.

– Ah! respondeu ele, isto não me preocupa. Toda minha ambição consiste em lhes proporcionar educação capaz de fazê-las boas cristãs”.

O orfanato custou ao seu fundador cuidados de toda sorte. Em primeiro lugar, gastou todos os seus bens particulares. Quando o seu irmão Francisco chegou de Dardilly para entregar-lhe a parte da herança deixada pelo pai, o burgomestre de Ars achava-se na casa paroquial. “Conta com isso o Sr. Mandy, disse João Maria ao irmão. E em seguida destinou aquela quantia em favor da sua *Providência*”.

Esperava que os paroquianos o ajudassem com gêneros alimentícios. Para isso fez uma coleta no povoado, que lhe rendeu ao todo um saco de batatas... Resolveu não usar mais deste meio. Dali em diante recorreu pessoalmente a certas benfeitoras ricas. “Dizia rindo que possuía o *bastão da Providência*. Quando a caixa estava vazia, dava uma volta para arranjar dinheiro”. Armandando-se de coragem ia bater a porta dos castelões. Chegou mesmo a fazer a pé; uma viagem a Lião, onde conhecia especialmente as famílias Laporte e Jaricot. Muitas vezes recorria à caridade daqueles penitentes, cuja generosidade ele conhecia.

– Minha boa senhora, escrevia ele à baronesa Alix de Belvey, venho pedir-lhe que se lembre, na sua caridade, das *minhas filhas*, pois sei que o seu coração é muito bom para com os pobres... Agradeço-lhe antecipadamente e, oferecendo-lhe os meus humildes respeitos, recomendo-me às suas orações.

Fixou na parede da igreja, junto à sacristia, um letreiro com esta promessa do Evangelho: *Dai e dar-se-vos-á*.

Ocorreu-lhe a passageira idéia de se fazer proprietário. Começou a ajuntar

recursos. Quando a quantia se tornou um tanto considerável, “comprou com ela alguns terrenos com matos, no intuito de dotar a sua *Providência*”. “Mas logo arrependido cedeu-os ao conde de Cibeins, o qual dali em diante lhe ficou pagando o arrendamento”. Essa renda “anual e perpétua” era de 500 francos. Além disso, o conde de Cibeins prometeu enviar ao orfanato a quantia necessária de lenha – 500 talhas no valor de 100 francos. – Todos os anos, sem falta, o P. Vianney mandava a Catarina Lassagne fazer a cobrança do pequeno aluguel e relembrar o bom costume que tinham adquirido no castelo, de fornecer a lenha para a *Providência*.

Realmente foi só depois dessa venda que o P. Vianney, achando-se um pouco mais rico, começou a aceitar o maior número possível de órfãs. Desde 1830, i. é, durante quase 20 anos, a casa nunca deixou de estar superlotada. Épocas havia em que nela se abrigavam 60 ou mais alunas. As diretoras, como as aves que não perdem tempo em contar os pintainhos, não se preocupavam com fazer estatísticas. “Perguntadas por uma pessoa muito distinta e amiga da obra sobre o número de órfãs, responderam com a maior simplicidade: “Não sabemos”.

– Como não sabeis?

– Nada sabemos. Deus sabe e isto nos basta.

– Mas, se alguma fugir?

Ah! nós as conhecemos muito bem e cuidamos muito delas para não darmos logo, pela falta”.

Com meios tão escassos era preciso prodígios de economia, de engenho e de fé para que a *Providência* de Ars subsistisse e prosperasse. O P. Vianney, que tomara sobre si toda a responsabilidade, havia de alimentar e vestir 60 meninas, cujo trabalho não rendia lucro para a casa. Ora, todas aquelas boquinhas tinham grande apetite, sendo necessário, pelo menos, garantir pão escuro para aqueles passarinhos caídos ou atirados de seus ninhos. Somente nisso gastavam-se mensalmente 100 alqueires de trigo. O pai adotivo daquelas pobres órfãs teria vivido em contínuas angústias se não confiasse na bondade de Deus, “com aquela sublime imprevisão, própria dos santos que nunca fracassa”.

Contudo, não faltaram momentos críticos. O Cura d’Ars teve que implorar a caridade, vender alguns móveis e utensílios domésticos. Em muitas ocasiões faltou o mais indispensável para as órfãs. Em tais horas, as diretoras, menos confiantes em Deus, sofreram angústias cruéis. O servo de Deus as repreendeu “severamente”, por tal falta de fé.

– Um dia, conta Catarina Lassagne com a sua costumeira simplicidade, estávamos descontentes por ele nos confiar tantas meninas. Parecia-nos que era trabalho superior às nossas forças. Foi a primeira vez que nos escaparam algumas palavras de murmuração. Joana Maria foi então à casa paroquial levar qualquer coisa ao Sr. Cura. Achou-o contrariado. Disse ele à Joana Maria que nós estávamos nas mesmas condições que no princípio; que não éramos bastante submissas à vontade de Deus. Joana Maria replicou: “Quanto a mim, vá lá, mas as outras não se queixam”.

– Vocês três são a mesma coisa, replicou o Sr. Cura. Joana Maria, ao voltar, contou-nos tudo. Fora justamente na sua ausência que Benedita e eu nos permitimos algumas palavras de queixa. Então tomamos a resolução de não nos queixar mais.

Mas ele mesmo – asceta de resignação silenciosa – não participaria de igual tormento? Na igreja, na quietude da casa paroquial ou a caminho, orava continuamente, e quando tardava a chegar a resposta do céu, conforme a sua pitoresca expressão, “quebrava a cabeça de seus bons santos”. Foi numa dessas circunstâncias que Deus interveio diretamente em seu favor com um milagre. A esse respeito só ouviremos testemunhas contemporâneas do P. Vianney e dignas de toda a fé. Provavelmente no decurso de 1829, a provisão de trigo que se guardava no celeiro da casa paroquial ficou reduzida a quatro punhados, espalhados sobre o pavimento.

Nada se podia esperar dos paroquianos, pois a colheita fora má. A caridosa castelã estava ali, porém os seus bens participavam da comum escassez. Doutro lado, a castelã de Ars já havia sido tantas vezes ocupada... Numa palavra, o P. Vianney pensou em despedir uma parte de suas órfazinhas.

Que tristeza para o seu coração tão afeiçoado àquela criançada. Pobres meninas! Voltariam a cair na miséria e nos perigos da alma e do corpo? O P. Vianney, nada esperando dos socorros humanos, apelou para um meio supremo. Pediu um verdadeiro milagre por intercessão do “bom santo que de um modo tão palpável já o havia tirado de apuros no tempo de seus estudos”. Juntou no meio do celeiro todo o trigo espalhado no assoalho e escondeu nele uma relíquia de S. Francisco Regis, o taumaturgo de Louvenc. Depois recomendou às órfãs que se unissem com ele para pedir a Deus “o pão de cada dia”. Pôs-se em oração. E já tranqüilizado esperou.

“Vai ao celeiro, disse à Joana Maria Chanay que se aproximava, e prepara o trigo que ainda nos resta. – Joana Maria era padeira da *Providência* e vinha avisá-lo que a amassadeira estava vazia. – Agradável surpresa! A porta apenas se abriu e da estreita fresta saiu um jorro de trigo. Joana Maria voltou para onde estava o Sr. Cura e lhe perguntou: “Então, quis V. Revma. provar a minha obediência?... O celeiro está cheio!”

– Como assim!... Está cheio?

– Sim; transborda. Venha ver!”

Ambos subiram. Notaram que o novo trigo tinha uma cor diferente do outro.

Nunca o celeiro estivera tão cheio. Maravilharam-se de que a viga mestra, bem como o pavimento já um tanto carcomidos, não desabassem com o peso. O montão de trigo tinha a forma de um cone e cobria toda a superfície do celeiro! Mons. Devie, visitando um dia aquele lugar com o P. Vianney, perguntou-lhe à queima roupa:

“O trigo chegou até aqui, não é verdade?” O Bispo apontava com o dedo para um ponto bastante alto da parede.

“Não, Excia., mais acima... Até aqui”. Mais tarde, em Ars, houve outro prodígio que tornou célebre a amassadeira da *Providência*. A seca desolava a comarca. A farinha era escassa e cara. Na casa restava apenas o suficiente para três pães.

– Nós nos achávamos em grande apuro por causa das nossas meninas, conta Joana Maria Chanay. Catarina e eu tínhamos fé de que se o P. Vianney pedisse a Deus, conseguiríamos que aquela farinha desse para uma formada de pão. Fomos procurá-lo para lhe expor a nossa situação. “É preciso amassar”, nos disse ele. Pus mãos a obra, mas com certa apreensão. Ao começar botei um pouco de farinha e água na gamela, mas notei que a farinha ia ficando muito espessa. Tornei a por água e farinha sem esgotar a pequena provisão. A gamela encheu-se de massa como nos dias em que se punha um saco cheio. Fizemos dez grandes pães; cada um pesava de 20 a 22 libras. O forno ficou cheio como de costume, com grande admiração de quantos foram testemunhas.

Contamos o fato ao Sr. Cura, o qual nos respondeu: “Deus é muito bondoso! Como cuida de seus pobres!”



A fundação da *Providência* de Ars foi um notável benefício. “Muitas vezes ouvi o Cura d’Ars dizer – refere Catarina Lassagne – que só no dia do juízo poderemos ver o bem operado nesta casa”. De fato, a obra do Santo salvaguardou a virtude de centenas de jovens que naquele asilo aprenderam a ganhar o sustento honestamente. Se algumas não perseveraram, “em compensação, um grande número aproveitou admiravelmente os conselhos do P. Vianney. Vieram a ser excelentes mães de família ou boas empregadas. Muitas abraçaram o estado religioso”. A delicadeza de consciência de cada uma tornou-se proverbial. Certo homem de nome Lacote, muito conhecido no povoado por sua avareza, possuía uma vinha. Todos os anos, por ocasião da vindima das quatro temporãs de setembro desejava que as órfãs fossem ajudá-lo, certo de que não comeriam nem um único bago de uva.

Aquelas meninas que o Cura d’Ars. “fizera sair como que de outro mundo”, associava-as à sua solicitude e às suas penitências pelos pecadores.

– Quando o Sr. Cura, refere Catarina Lassagne, nos dizia que Deus estava ofendido pelos escândalos cometidos nas festas e nos bailes, as mais crescidas pediam licença para passar a noite em oração a fim de alcançar o perdão para os culpados. Combinavam-se entre si, revezando-se de hora em hora. Tudo isso sem o menor barulho, de sorte que as que estavam dormindo nada percebiam.

Quando aquelas meninas iam passear arrancavam urtigas e com elas flagelavam o rosto.

O P. Vianney lhes houvera dito que era necessário sofrer pelos pecadores.

O Santo gozava no orfanato de um grande e maravilhoso prestígio. E delas conseguia tudo quanto desejava, Como prova disso citamos o seguinte fato: Uma pequena da *Providência* gostava muito de uma boneca, em si, informe e feia. Estava tão apegada à ela, a ponto de levá-la consigo para toda parte, até mesmo à igreja. O P. Vianney exigiu da menina um sacrifício, obrigando-a a botar a boneca no fogo. A cena desenvolveu-se na cozinha do orfanato. A pobre menina no momento parecia

desnorteada. De súbito, se decidiu, e resolutamente atirou seu querido ídolo às chamas. Isso é simplesmente heróico. Muitas jovens tiveram um fim admirável, tanto que se poderia escrever uma nova *lenda dourada*.

– Umás se alegravam de morrer porque iam para o céu. Outras cantavam ou pediam que cantassem hinos de ação de graças. Uma, que sempre tremera com a idéia da morte, exclamava antes de morrer: “Oh! como estou alegre! Quão grande é a felicidade que se encontra na religião! E, enquanto cantavam ao redor dela um hino de que muito gostava, unia sua voz às das companheiras”.

Umás das professoras – Benita Lardet, sepultada a 5 de outubro de 1830 – teve também uma morte muito edificante. Dizia à sua irmã, que chorava ao vê-la tão doente: “És muito tola. Querias acaso que eu ficasse neste mundo? Ainda não me acostumei a viver aqui”. Que alegria! exclamou, ao saber do médico que a enfermidade era mortal, que alegria! Vou ver o meu Deus!”



Certamente, o Cura d’Ars, vendo que as meninas da *Providência* chegavam a tal heroísmo na virtude, podia estar bem satisfeito por ver cumpridos os seus desejos e conseguido o fim almejado. De modo algum pretendia converter aquelas órfãs arrancadas à miséria em mulheres sábias. “Poderia talvez enganar-se sobre a capacidade das professoras! A fantasiada ortografia de Catarina não o escandalizava. Demais, para este asceta que vivia com o que a outros causaria a morte e cuja habitação, deixada ao abandono, mais se assemelhava à morada de um espírito, a questão de higiene sempre lhe pareceu de pouca importância. Na sua excessiva bondade consentiu em albergar 60 meninas, ali onde 30 não teriam podido viver sem incômodo. Por outro lado, a pequenez do lugar obrigava à todas as alunas, órfãs e meninas de Ars, a ficarem numa mesma aula. Enquanto as menores soletravam o abecedário, as médias repetiam as lições. Aquilo deveria ser uma alegre vozzeria. Acrescente-se a isso que havia aula durante todo o ano, sem outras férias que o dia livre das quintas-feiras. Catarina e suas colegas assumiram uma tarefa quase sobre-humana. Onde achariam tempo para se ocuparem da ordem e do asseio?”

Os que iam a Ars e visitavam a *Providência* levavam a impressão de que aquela casa não era como as demais.

– A existência do orfanato, fundado pelo P. Vianney, escreve um advogado de Lião, que em 1841 viu de perto aquela obra, pareceu-me por si mesma coisa maravilhosa. Aquele estabelecimento continha 50 ou 60 meninas de 12, 15 e 18 anos. Vindas de todas as partes e admitidas gratuitamente, ali permaneciam um tempo indeterminado. Depois eram empregadas nas granjas da comarca. Durante a estada na *Providência*, em primeiro lugar aprendiam a conhecer, amar e servir a Deus. Era uma espécie de família na qual as maiores davam exemplo, conselho e instrução. A instrução era pouco desenvolvida, porém, ali reinava uma fé, uma piedade e uma docilidade admiráveis. Não era pois uma instituição ordinária, e sim, uma emanção

da santidade de seu fundador. Sustento, vida, espírito, governo, tudo dimanava dele. Obra de caráter sobre-humano, só podia viver sob o influxo imediato da alma eminente que a fizera surgir.

Como se vê, a *educação*, aos olhos do Cura d’Ars, estava sempre acima da *instrução*. Entretanto, conforme testificam os seus contemporâneos, a maior parte das órfãs adquiriram na *Providência* a instrução elementar suficiente. Além disso, formavam-se em trabalho domésticos e práticos. Sabiam fazer meias, coser, lavar e engomar. Poderia exigir-se mais de meninas destinadas a viverem em qualquer povoado rural?

Além de tudo isso, adquiriam naquele modesto ambiente a virtude e a piedade necessárias para afrontar os perigos morais e provações de toda sorte que as esperavam. Foi sob este aspecto que Pio X, de santa memória, considerou a *Providência* de Ars, quando a proclamou “um modelo de educação popular”.

A *Providência* de Ars foi de fato a obra predileta do P. Vianney. “Ele amava esta casa, dizia a baronesa de Belvey, uma de suas benfeitoras, porque estava destinada às meninas pobres”.

Desde que a direção ficou suficientemente organizada, em 1827, o P. Vianney houve por bem desembaraçar-se de um trabalho que muito o atrapalhava: a preparação de suas refeições. Pai nutrício de uma numerosa família, durante vinte e dois anos, pedia em troca a esmola diária de uma tigela de leite. Era inútil querer serví-lo. Ele mesmo ia tomar o seu leite numa tigela de barro envernizado, a um canto da cozinha. Era isto a refeição de todo o dia. Cinco minutos lhe bastavam para despachar aquela ligeira merenda. E mais de uma vez quando tinha pressa, levava a pequena tigela, cujo conteúdo sorvia no trajeto da *Providência* à Igreja.

De ordinário, porém, o Cura d’Ars se comprazia em passar alguns instantes depois da refeição, no pátio, onde brincavam suas filhas adotivas. Lia-lhes nos olhos o candor da alma, e aquele espetáculo de inocência fazia-o esquecer por um momento a fealdade do pecado e a malícia dos homens. Conhecia a todas. Interessava-se por todas, fazia-lhes perguntas, consolando-as com seu delicioso sorriso. Dava-lhes lições de civilidade, chegando mesmo a lhes ensinar a maneira de se portarem à mesa. “Quando queria conseguir alguma graça punha-as a rezar, e em tais casos, dizia ele, sempre fora atendido”. Experimentava, conforme expressão sua, “Como as orações das crianças sobem ao céu, embalsamadas de inocência”.

Mandou fazer no jardim do orfanato um caramanchão de videira, que a ereção duma estátua da Virgem Imaculada logo transformou em oratório campestre. As meninas adornavam-no com flores, e, quando fazia bom tempo, todas as noites ali se reuniam para rezar a ladainha da Virgem e cantar um hino em seu louvor.

A maior parte das órfãs só deixavam a *Providência* dos 19 aos 20 anos. É verdade que algumas saíam antes dessa idade para se empregarem nas granjas vizinhas, mas somente durante os trabalhos do inverno. Quando partiam, nem por isso as abandonava o P. Vianney. Antes lhes procurava colocação conveniente. Mais tarde

aconselhava que se casassem, dando-lhes dinheiro e o enxoval de núpcias. De modo especial, seguia e encorajava com seus conselhos e orações a vida daquelas que se tornavam religiosas. Jamais pai algum se mostrou tão solícito e foi mais amado.



Foi na *Providência* e na sala das aulas que começaram os famosos *Catecismos* de Ars. O começo foi muito humilde. Com eles o P. Vianney não fez nenhuma inovação, pois todo o cura de almas, consciente de seus deveres, há de alimentar os pequenos de seu rebanho com o pão da doutrina.

Temos visto como de Todos os Santos ao tempo das primeiras comunhões o Cura d'Ars catequizava as crianças que se haviam reunido na igreja desde as seis horas. Também na mesma ocasião poderia instruir as meninas da *Providência*, mas preferiu fazê-lo à parte, por um tempo mais longo, e durante todos os dias do ano, para melhor compenetrá-las da vida cristã. A aula da manhã terminava com a recitação das *Ladainhas da Providência*. Depois de alguns minutos de recolhimento, abria-se suavemente a porta e entrava o Sr. Cura.

No começo só assistiam as professoras e as meninas. As idas e vindas do P. Vianney ao orfanato ainda passavam despercebidas. Mas começando os peregrinos a afluir e a procurá-lo naquela hora, foram até ao orfanato... A princípio ficavam fora, junto à janela. Depois se atreveram um pouco mais e chegaram até à porta. E um belo dia, restando um espaço desocupado, meteram-se na sala. Assim ficou sendo até 1845. Aliás, aquilo se passava como em família.

– Narra o cônego Champenois de Bourg, testemunha do fato em 1842 ou 1843: Ali se achavam as meninas da casa, mulheres que fiavam – as próprias professoras ocupavam desse modo os curtos momentos de descanso – e se não me falha a memória – uma galinha empoleirada sobre uma mesa. Nisto entra o Sr. Cura revestido de sabrepeliz. Toma um catecismo e apoiado na amassadeira começa assim: “Minhas filhas, ontem ficamos na lição sobre o matrimônio”. Lê em seguida esta pergunta: *Qual a causa ordinária dos matrimônios infelizes?* Segue a resposta, que ele se põe a explicar: Ah! minhas filhas, quando dois esposos estão de há pouco casados, não se deixam de olhar; acham-se tão simpáticos, tão cheios de boas qualidades! Admiram-se e se dispensam mil amabilidades. Mas a *lua de mel* não dura sempre... Chega o momento em que esquecem as boas qualidades que descobriram um no outro e eis que aparecem os defeitos que não tinham percebido. Agora já não se podem suportar. O marido diz a mulher: *Preguiçosa, rabugenta, nulidade!*... etc”.

Eu, prossegue o cônego Champenois, estava estupefato com essa familiaridade, com essa quase desenvoltura. Contemplei o auditório e todos o escutavam com religioso silêncio. Nem sequer um sorriso.

A partir de 1845, a afluência de peregrinos, cada dia mais crescente, obrigou o P. Vianney a explicar o catecismo na igreja. “Uma senhora de Bourg, que assistira ao catecismo quando era dado na *Providência*, conta o P. Dufour, falava-me nele com

entusiasmo, queixando-se, porém, de que tivesse sido mudado para a igreja, porque na sala das aulas se via melhor e mais de perto o servo de Deus. Compreende-se uma tal queixa. Não obstante, a mudança deu bons resultados. Um número maior de peregrinos podia ouvir o P. Vianney, e este sem perder o tom familiar, falava com alento, deixando escapar frequentemente aquelas chamas de amor que lhe abrasavam o coração. Para falar punha-se bem perto do tabernáculo.

Com a aprovação de Mons. Devie o P. Vianney projetou construir uma capela ao lado do orfanato. “Poderia perguntar-se que utilidade teria um oratório edificado a poucos metros da igreja. Mas o Santo tinha seus planos, e colocava no modesto santuário da *Providência* esperanças que felizmente não se realizaram. Atormentado pelo desejo de solidão, queria deixar a cura das almas. Em pensamento já se via enclausurado na *Providência*, onde estabeleceria uma adoração perpétua, se tal fosse a vontade de Deus”.

O município doou o terreno necessário, e a sonhada capela foi construída. Mas “a vontade de Deus se manifestou”. Não estava ainda terminada a capela quando a *Providência* deixou de existir na forma em que o P. Vianney a havia fundado. Permaneceu, pois, na casa paroquial e ali ficou até ao fim da vida como *Cura d'Ars*.

## “Ars não é mais a mesma!”

*Após 5 anos de ministério – Peregrinação a Fourvière – A missão de 1827: um brado de vitória – O trabalho santificado e os hábitos cristãos – Nas famílias regeneradas – Honestidade que se torna proverbial – As boas famílias de Ars – Um domingo na aldeia – O afeto do P. Vianney aos seus paroquianos – A trégua de Deus – As festas de devoção – A prática dos sacramentos – As belas cerimônias – O senso litúrgico dum santo – As célebres festas do Corpo de Deus em Ars – Algumas vidas edificantes e santas mortes – Ars protegida contra as calamidades – A saudade dos que partem.*

No dia 7 de maio de 1820, um mês após a nomeação do P. Vianney para o curato de Salles em Beaujolais, o P. Renard, então diácono em Santo Irineu de Lião, ignorando ainda que essa nomeação tivesse ficado sem efeito, escrevia à castelã de Ars, sua benfeitora:

– Soube com grande tristeza que perdeu inesperadamente o seu santo Cura. A Providência o havia dado à essa paróquia para que nela fizesse florescer a piedade. Desejo de coração que o substituam por um sacerdote capaz de conservar o fervor que reina em Ars.

Este testemunho é de grande valor. Ars já era considerada como uma paróquia *fervorosa*, e o P. Vianney estava nela havia apenas dois anos. Três anos e meio mais tarde, a 7 de novembro de 1823, numa carta dirigida “à Sra. viúva Fayot” de Noës, o Cura d’ Ars lança o primeiro brado de triunfo.

– Encontro-me, escrevia ele, numa paróquia de muito fervor religioso e que serve a Deus de todo o coração.

É evidente que ao traçar estas linhas para a sua “boa mãe” o P. Vianney não podia ter a intenção de lhe dar uma idéia absolutamente exata da situação, pois ao lado de grandes virtudes, em Ars havia ainda grandes misérias. Sem dúvida não se atreveria a fazer do púlpito, em presença dos fiéis, uma apreciação tão otimista. Seja como for, o certo é que esta frase demonstra já ter havido verdadeiros progressos. Ars mudara visivelmente de aspecto. Numa palavra, passara do vício à virtude e duma piedade rudimentar a um verdadeiro fervor.

Para isso muito contribuíra recente peregrinação à Nossa Senhora de Fourvière. Os nossos antepassados tinham grande afeição à tal classe de excursões piedosas a algum santuário mais ou menos célebre. Antes da Revolução, as pessoas de Ars iam a Lião todos os anos para venerar a Virgem na sua antiga capela. O P. Vianney

resolveu restaurar esse costume. Ouçamos como Guilherme Villier, excelente agricultor, que então contava 24 anos de idade, nos narra a edificante viagem:

– No dia 6 de setembro de 1823, dia do nosso padroeiro, o bom do Sr. Cura nos conduziu em procissão a Nossa Senhora de Fourvière. Posso falar dessa romaria, pois tomei parte nela. Com esse ato solene o P. Vianney quis manifestar à Santíssima Virgem nossa gratidão pelos magníficos ornamentos dados pelo Sr. Visconde de Ars. Acompanharam-nos os curas das paróquias vizinhas, P. Martin, de Savigneux e o P. Robert, de S. Eufêmia. Este último já contava uns 80 anos. Saímos de casa depois da meia-noite. Creio que dois terços dos paroquianos iam na peregrinação... Fomos em procissão até Trevoux, com os nossos três estandartes à frente, entoando hinos e recitando o rosário. Ao amanhecer o dia, estávamos em Trevoux. Aí passamos em duas grandes balsas puxadas por cavalos.

Desembarcamos em Lião um pouco acima de Vaise e dali nos dirigimos em procissão a Fourvière. O Cura d'Ars celebrou a santa missa a que assistimos com devoção, e muitos comungaram de suas mãos.

Logo depois descemos na mesma ordem em que subíramos. A gente se apinhava à nossa passagem, demonstrando admiração. Quando estavam atracados os dois botes, o P. Vianney foi um dos primeiros a embarcar com certo número de paroquianos. Mas como os outros tardassem a chegar, os bateleiros, homens rudes e mal educados, começaram a blasfemar. O P. Vianney logo desembarcou com alguns dos que o acompanhavam e foi andando a pé até Neuville. Lá nos reunimos horas mais tarde, tendo feito a nossa viagem pelo Saona. De Neuville voltamos a Ars em procissão. Quando passávamos diante de alguma igreja, tocavam os sinos. Era já noite fechada quando chegamos.

Dessa interessante narração, não concluamos apressadamente que todos os habitantes de Ars já fossem cristãos perfeitos. Alguns não praticavam regularmente, e, quando o trabalhourgia, ainda por muitos anos não tinham escrúpulo de remover o feno ou fazer colheita depois das vésperas do domingo. A paixão pelo baile, sobretudo, parecia estar inoculada no sangue daquela juventude campesina. Mas, graças a Deus, o jubileu de 1826 tocou muitos corações, e uma missão pregada em 1827 foi um acontecimento feliz para a gente daquela paróquia.

– Nunca se chegará a saber, diz Catarina Lassagne, as graças de conversões que o P. Vianney obteve com suas preces, e sobretudo com a celebração do santo sacrifício... Fez uma revolução nos corações...

A graça era tão forte que bem poucos podiam resistir... Quase todos faziam o máximo esforço para sair do pecado. O respeito humano foi invertido: tinham vergonha de não fazer o bem, e de não praticar a religião.

Os homens andavam sérios e pensativos; alguns deles, que havia muito tempo não se aproximavam do tribunal da penitência, diziam em voz alta pelas ruas: “Vou me confessar”. Todos se achavam nas mais santas disposições. O Sr. Cura numa de suas práticas disse-lhes estas palavras: “Meus irmãos, Ars não é mais a mesma!” Tenho

confessado e pregado em missões e jubileus. Nada encontrei como aqui”. Isso em 1827.

Contudo o mau espírito em certas famílias não se dera por vencido. Prova disso são os sete paroquianos que em 1830 disseram brutalmente ao Sr. Cura que ele havia de ir embora. O protesto destes, é verdade, não encontrou eco em parte alguma, e com isto ficou provado que o resto da população reprovava tão ridícula atitude. Ars não se podia resignar a ficar sem sacerdote e tudo fazia para conservar o P. Vianney.

Em 1833, quando João Picard abriu na aldeia sua oficina de ferreiro, encontrou, conforme expressão sua, o “aspecto de Ars completamente mudado”. Outrora conhecera “aquela paróquia semelhante às paróquias vizinhas”, e então, graças ao “seu cura, que já era tido como um santo”, Ars estava irreconhecível. Esta paróquia era, sem comparação alguma, superior a todas as outras. Era um oásis de santidade, onde tantas almas iam procurar a ressurreição ou o segredo duma vida mais perfeita.

### BOIS

O que agora nos dias úteis se podia ver era um moço passando com o rosário entre os dedos à frente de sua junta de bois.

À noite, o sino tocava para a oração. Todos os que podiam iam à igreja e os que tinham de ficar em casa se ajoelhavam diante das santas imagens. Os lares que não estavam desertos eram naquela hora de paz um prolongamento do altar.

No campo, pequenas cruces formadas por dois troncos atados um ao outro erguiam-se à entrada das vivendas ou rematavam as medas no tempo das colheitas. Os trabalhadores animavam-se nas suas fainas lançando ao ar sons de inocentes canções. Nem uma modinha chula, nem uma palavra menos conveniente, nem uma blasfêmia.

– Eu costumava passear pelos campos durante a colheita, refere Alix de Belvey, e jamais ouvi uma blasfêmia. Fi-lo notar, com certa admiração, a um camponês, que me respondeu: “Ah! nós não somos melhores do que os outros, mas sentimos grande vergonha de cometer tais pecados ao lado dum santo”.

Na primeira tarde que passei na vila de Ars, conta um viajante vindo de Lião, fui testemunha duma cena que me deu alta idéia da influência do pároco de Ars. Três homens, arrastavam com dois cavalos uma grande árvore cortada, chegando a um riacho (o Fontblin) ao mesmo tempo que eu. Tentaram fazê-los passar. Um dos cavalos recuando pisou em falso e caiu, ferindo-se. Os homens acudiram, tirando o animal da penosa situação. Fato interessante e que muito me surpreendeu: os três homens não deixaram transparecer nenhum sinal de cólera, nem altercaram um contra o outro, nem proferiram imprecizações, nem surraram o pobre animal. Tão grande domínio de si mesmos em homens do campo, ameaçados em seus interesses, era para mim coisa nunca vista”.

O Cura d'Ars recomendava aos seus paroquianos o “abençoi Senhor” e a ação de graças antes e depois das refeições, e a recitação do *Angelus* três vezes ao dia, onde quer que se achassem e sem respeito humano. Logo que as três badaladas

soavam pelo vale e transpunham as pequenas colinas, cessava o trabalho. Os homens se descobriam. As mulheres juntavam as mãos. Todos rezavam as orações prescritas. O mesmo se praticava nas estradas e nas ruas do povoado. Mais ainda. O P. Vianney mandara colocar um relógio no campanário com um mostrador bem visível. Quando dava horas, bom número de habitantes, conforme o exemplo do Cura, as *benziam*, i. é, interrompiam as suas ocupações com a recitação duma *Ave-Maria*.

– Na primavera costumavam plantar cruzeiras para obter, pelos méritos de Jesus Cristo, a preservação das pragas a que estão sujeitas as colheitas. No momento em que os ceifadores, fazendo cair as espigas sob a foice, descobriam uma dessas cruzeiras, todos os trabalhadores se ajoelhavam rezando um *Pai-Nosso* e uma *Ave-Maria* ou entoando o *Ave Cruz*.

Tal proceder lhes valia muitas vaias, dos aldeões vizinhos. “Se fordes atrás do vosso Cura, dizem zombando, ele vos converterá em *capuchinhos*”. Essas observações, porém, não abatiam o ânimo daquela boa gente, que respondia: “Nosso Cura é um santo e a ele devemos obedecer”.

Desta maneira, até o aspecto exterior de Ars estava transformado.

– O que mais me chamou a atenção, prossegue o peregrino lionês, há pouco citado, foi a calma e a paz daqueles lugares. Naquela terra respira-se um ar mais puro que em outras partes... Os moradores nos saúdam com afabilidade e solícitos nos indicam o caminho. As casas estão adornadas com estátuas da Virgem ou imagens de santos.

O P. Vianney continuava visitando de tempos em tempos as famílias a fim de melhor lhes consolidar os costumes religiosos. Chegava inesperadamente durante a refeição do meio-dia. Do lado de fora chamava pelo nome o chefe da casa. Venerado em vida como santo, era recebido por todos com alegre solicitude. De pé, sem outro apoio do que a parede ou o canto de algum móvel, dirigia a palavra ora a um ora a outro. Interessava-se pela saúde dos pais e dos filhos, por seus trabalhos e colheitas. Mas, imediatamente, sem perder o tom familiar, proferia palavras piedosas, palavras daquelas que dão asas e comunicam ideal até às nossas mínimas empresas terrestres. Assim, ele fazia discretamente um exame de consciência de toda a família. Eram fiéis à oração, ouviam missa, guardavam o descanso nos dias de preceito... Os filhos obedeciam aos pais... Aprendiam o catecismo... O P. Vianney tinha particular cuidado com as criadas. Velava por aquelas tímidas meninas empregadas, vindas das paróquias vizinhas, as quais queria que fossem tratadas como filhas da casa; os patrões deviam instruí-las nas coisas da religião, mandando-as à missa e às vésperas.

– Em nossa casa, diz Catarina Lassagne, era um prazer para todos, quando recebíamos sua visita... “Algumas vezes comeu em casa de meu pai, acrescenta Antônio Mandy, filho do velho burgo-mestre, mas nunca previamente convidado... Comparecia à mesa e nela tomava parte com grande jovialidade. Comia algumas batatas e não se recusava a tomar um pouco de vinho com o qual costumava brindar a saúde de toda a família.

Tais visitas, feitas desta maneira, traziam grandes vantagens. Depois de ter falado do púlpito a todos os fiéis reunidos, o Cura d’Ars, na intimidade de cada casa, dava avisos e mesmo repreensões apropriadas.

Quando o cuidado das almas absorveu todos os momentos do P. Vianney, aquelas visitas inesperadas aos lares escassearam cada vez mais e por fim cessaram completamente. “Isso foi motivo de grande pesar para todas as famílias de Ars”.

Mons. Convert, nomeado pároco da freguesia em julho de 1889, teve a felicidade de conhecer os últimos sobreviventes daquelas famílias honradas com a visita do Santo.

– Traziam gravado em seus semblantes o selo da Santidade, santidade que raras vezes temos visto em grau tão elevado. A calma, a serenidade e uma certa beatitude fulgente, permitiam distingui-los entre mil.

Porventura um santo não lhes convertera pais e mães em modelos de virtudes domésticas “? Aqueles agricultores – em sua maioria abastados, pois sem deixarem de ser caritativos para com os pobres eram trabalhadores e econômicos – causavam admiração aos forasteiros. Suas reflexões eram sensatas; corações enobrecidos pela graça e pela fé, tinham uma educação à sua maneira: simples, ingênua, porém misturada, como nos antigos patriarcas, duma distinção, duma delicadeza não comuns. Fôra a Religião sua grande mestra.

Catarina Lassagne, na idade de 80 anos, gostava de recordar cenas da infância. Sempre via reaparecerem duas figuras queridas entre as demais: a do santo Cura e a de sua mãe. Claudina Lassagne já era boa cristã quando em março de 1818 se colocou sob a direção do Cura d’Ars. Sua filha mais velha, nada tola, apesar de ter ido com mais frequência guardar os rebanhos no campo do que se instruir nos bancos da escola, notou uma mudança muito rápida nos costumes da mãe.

– Antes, contava Catarina, ela nunca terminava de me vestir e pentear. Perdia muito tempo com minha toalete; mas, transcorridas algumas semanas após a chegada do P. Vianney em Ars, tudo mudou. Num abrir e fechar de olhos eu estava pronta e logo seguíamos para a igreja.

Uma vez ali, Claudina “perdia-se na oração como o peixe n’água”. Parecia que o tempo não existia mais para ela. “Mamãe, vamos”, dizia impaciente a menor das filhas, puxando-lhe o vestido. Mas ela não se movia. Parecia não ouvir. Durante toda a quaresma nunca deixava que as filhas tomassem alguma coisa fora das refeições. Quando um indulto de Roma permitiu o uso da carne nos sábados, Claudina continuou a fazer com que toda a família guardasse abstinência neste dia. – “Mas não é permitido comer carne nos sábados? perguntou-lhe uma das filhas. – Porventura é obrigação? replicou a mãe. – Não, mamãe. – Pois bem, continua a fazer penitência”. À noite, aquela admirável cristã, que não havia cessado de orar enquanto trabalhava, fazia a todos rezar. Antes de se deitar a última, – ela inclinava-se sobre o berço de Catarina para docemente lhe perguntar: “Disseste o *Visitai*? *Visitai* é a primeira palavra com que terminam as completas, oração litúrgica da noite”.

A profunda honradez dos habitantes de Ars tornou-se proverbial, presidindo assim a todas as suas relações. Antes – os sermões fartamente realistas do P. Vianney o atestam – a virtude da justiça não os preocupava muito. Conforme eles mesmos diziam, “faziam como os demais”. Nos negócios, habilmente dissimulavam os defeitos dos animais. Vendiam, como fresca, a manteiga rançosa e também ovos velhos. “O tecelão guardava o fio bom e empregava o ordinário. A fiadeira metia o cânhamo em algum canto úmido para aumentar o peso. Voltava-se do campo com o avental cheio de hortaliças e frutas roubadas. Os pais, rindo-se, viam os filhos entrarem com as mãos cheias e, rindo, recebiam o que entrava em casa. “Ora, isso vai bem”, exclamavam. Mais tarde, na Ars transformada, tinham escrúpulo do mínimo latrocínio. Um dia o pequeno Benito Treve, quando já velho contava a Mons. Convert que, certa vez, tirou uma pêra do tabuleiro dum vendedor. Depois, sem pensar mais naquilo, foi comê-la em casa. Não teve, porém, esse gosto. A mãe quis saber a procedência da fruta. Benito confessou a falta. Ela atou-lhe as mãos às costas e surrando-o levou até à porta da quitandeira. Somente lá lhe soltou as mãos e o menino devolveu a pêra roubada, pedindo perdão.



Ainda que o P. Vianney acolhesse a todos com igual bondade, amava contudo os seus paroquianos com amor de predileção. Quando as confissões o prendiam o dia inteiro na igreja, não podia mais visitar os “seus queridos filhos”, como o fazia outrora. Enquanto os peregrinos tinham que esperar dias inteiros para lhe falar por alguns minutos, todos os sábados reservava algumas horas, especiais para os habitantes de Ars. Noutros dias chamava-os para junto de si, quando os via. Tanto que as pessoas do povoado que queriam prolongar mais a preparação para a confissão viam-se obrigadas a se ocultarem. Até o fim de sua vida deu-lhes provas “de um devotamento extraordinário”. Mesmo no meio da maior afluência de peregrinos, “deixava tudo” para atender aos enfermos. Dia e noite colocava-se sempre à disposição de cada um. Duma feita, pelas 11 horas da noite, Madalena Scipiot foi chamá-lo para a sua mãe que se achava gravemente enferma... Chamou duas ou três vezes do lado de fora. Ele acordou. Entreabriu a janela e respondeu: “Já vou. Agora mesmo, minha filha”. Foi. A senhora Scipiot pediu desculpa por o haver incomodado. “Oh!, não! Isso não é nada; e acrescentou: ainda não dei o meu sangue por vós”. No inverno de 1823, por ocasião do jubileu de Trevoux, certa noite ele voltou à paróquia, apesar do frio e da neve, para visitar uma senhora doente. Chegou abatido pelo cansaço, branco de neve e tiritando de frio.

Quando se tratava do bem das almas de seus paroquianos, nada o detinha. Que alegria para seu coração ver ao mesmo tempo a docilidade e o bom espírito de cada um deles. Em Ars, o P. Vianney, “querido como um pai”, era o rei. Sua influência estendia-se sobre todos e sobre todas as coisas.

Tanto no púlpito como no confessionário proclamava o rigor e as alegrias das santas leis do matrimônio. Foi ouvido e atendido. Sobre os lares de Ars desceu a

bênção de Deus. Como nos tempos bíblicos “a esposa aparecia como uma vinha fecundada no interior da casa” e “seus filhos como rebentos novos de oliveira em torno da mesa do pai”. Em frente à igreja viviam os Cinier, que tinham 10 filhos, o Sr. Mandy, de Tonneau, tinha 12. Igualmente 12 filhos formavam a preciosa coroa dos herdeiros do castelo, o conde e a condessa de Garets. As famílias Pertinand e Fleury Treve tinham 15. A população de Ars duplicou durante o curato do P. Vianney. Basta dizer que de 1818 a 1824, em tão pequena paróquia, houve 98 batizados, contra 40 encomendações. Pais e mães conservavam sobre os filhos já crescidos uma autoridade admirável. E não toleravam que em nada fosse menoscabada. Estava assim proibido aos meninos e às meninas andarem pelas ruas sem razão e em casa permanecerem inativos.

Quando as meninas voltavam da escola, conta Anita Scipiot, que foi educada nesse regime, em lugar de deixá-las jogar, ocupavam-nas em tecer meias ou fazer outros trabalhos domésticos. Se eram obrigadas a sair, ao voltarem lhes perguntavam como se tinham comportado e a quem haviam encontrado... No domingo, as moças somente saíam com as respectivas mães. Algumas vezes Joana Cinier, que não sentia vocação para monja enclausurada, dizia suspirando: “Hoje ao sair das vésperas vamos dar um passeio. Estou cansada de estar todo o dia encerrada!” E a mãe a levava pelos campos. Um dia, porém, enganando a vigilância materna, deixou-se levar por uma jovem, juntamente com as senhoritas Scipiot, até ao bosque da Papisa. Ali conversariam e colheriam avelãs. De repente começaram a ressoar gritos nas duas extremidades daquele bosque. Eram jovens de Mizerieux que vinham ao encontro dos de Ars. De parte a parte davam o sinal combinado. As que colhiam avelãs escaparam a toda pressa, “como se todas as serpentes do bosque, dizia Joana Cinier, às houvessem perseguido”. Não é preciso dizer que ficaram bem curadas de sua desobediência.

A intensidade com que então foram cultivadas as almas em Ars não parece, contudo, ter despertado de um modo notável vocações religiosas e sacerdotais. O P. Vianney antes de encaminhar alguém para o altar ou para o claustro, só se decidia diante de sinais, os mais seguros possíveis. Um dia, em 1824, ao encontrar na praça um dos jovens paroquianos, cuja piedade lhe parecera superior a piedade ordinária, perguntou: “Queres ir para o seminário, meu filho? – Oh!, Sr. Cura, tenho que ajudar meu pai; não é possível deixá-lo”.

Esta resposta esclareceu o Cura d’Ars sobre um futuro que ele esperava mais risonho. “Neste caso, fazes bem, respondeu ele. Fica”. Foi visto em outras circunstâncias aconselhar aos que titubeavam, a que entrassem imediatamente para o convento ou para o seminário.



Muitos peregrinos dispunham as coisas de maneira que pudessem passar o domingo em Ars.

– Lá, refere um dos penitentes, mais assíduos do nosso Santo, graças ao zelo do

P. Vianney, o domingo, tão profanado antes de sua chegada, veio a ser verdadeiramente o *dia do Senhor*. As comunhões eram muito numerosas. A igreja não ficava um momento vazia. A afluência do povo às funções religiosas, que se sucediam a curtos intervalos, era considerável. A uma hora da tarde o Cura d' Ars explicava o catecismo. A assistência era quase igual à da missa. Às vésperas seguiam as completas... Depois a recitação do terço, na qual todos tomavam parte. Ao cair da tarde, os sinos chamavam os fiéis pela terceira vez para a igreja, e pela terceira vez a paróquia correspondia ao chamado. O P. Vianney saía então do confessionário, rezava as orações da noite e encerrava os atos do domingo com uma daquelas emocionantes homilias, que tive a dita de ouvir... O porte daqueles bons cristãos muito me impressionou, principalmente a compostura que as mães exigiam dos pequenos.

A minha estada em Ars, diz outra testemunha, prolongou-se até o domingo. O ofício começou às 8 horas e durou até às 11. Antes da missa houve procissão, e sermão depois do Evangelho. A igreja estava completamente cheia. Nela reinava um recolhimento extraordinário.

Aquilo era uma cena da igreja primitiva. Uma reunião dos primeiros cristãos.

A única falta que o P. Vianney podia lançar em rosto de seus paroquianos era a de muitas vezes chegarem tarde aos ofícios divinos. Esse descuido era um defeito inveterado de todos os da região de Dombes. Em 1850 não tinha ainda podido obter nesse ponto uma vitória completa. "Encarregou ao Ir. Jerônimo, seu sacristão, de dar uma volta, antes da aspensão da missa paroquial, pelos arredores da igreja e praticar com toda a suavidade o *"vamos entrar"*. Ir. Jerônimo percorria a praça e pedia a cada um dos retardatários que entrasse logo. A princípio vacilaram em obedecer, porém pouco a pouco se acostumaram a entrar a tempo. E o Sr. Cura teve a satisfação de vê-los reunidos antes de começar o ofício.

Enquanto o homem louva a Deus tudo descansa: a lavoura e o campo. Se em tempo de colheita havia alguns que violavam o dia do Senhor, eram muito poucos. E isto só o faziam às furtadelas e o menor tempo possível. "Entre nós. dizia um bom cristão, o respeito humano está abolido".

Além do já mencionado, não se fazia na aldeia nenhuma compra nos dias de festa. O P. Vianney não permitia que os estabelecimentos fossem abertos, e se negava a benzer os objetos comprados clandestinamente naquele dia. Ainda no domingo, a não ser por uma razão muito séria, tal como um enterro ou uma visita a um enfermo grave, os paroquianos de Ars se abstinham de toda a viagem. Nenhum barulho estranho, nem sequer o rodar de um carro turbava a paz daquele dia.

— Jamais, refere Francisco Pertinand, hoteleiro de Ars, nosso santo Cura me autorizou a viajar em domingo ou dia de preceito. E os outros cocheiros tão pouco trabalhavam. Depois de estabelecida a estrada de ferro, a companhia, da qual eu tinha bilhetes combinados, exigiu-me que não se interrompesse o serviço. Então o P. Vianney não quis que os carros entrassem no povoado, nem que partissem deste, nos dias de festa. Apesar disso, sem o permitir diretamente, consentiu que os viajantes embarcassem nos carros ou desembarcassem destes além das primeiras casas.

Um fato extraordinário, que causou grande alarme, e que pareceu uma confirmação celestial das prescrições do Cura d' Ars foi o seguinte:

— Lembro-me, escreve o P. Monnin, que em 1556 no domingo *na oitava de Corpus-Christi*, durante a missa das dez, uma diligência avançou até à frente da igreja, cujas portas abertas deixavam ver o SS. Sacramento exposto. Os cavalos que iam a galope pararam de repente, e apesar da obstinação do cocheiro em fustigá-los, ficaram firmes sob o látigo, como a burra de Balaão, sob o bastão do profeta. Foi necessário retroceder e voltar ao hotel.

Deste modo, cada domingo a aldeia de Ars aparentava o recolhimento dum mosteiro, onde só o piedoso bimbalar dos sinos quebrava o silêncio. "Não se ouvia a algazarra das festas dos outros povoados", nem se viam homens ébrios, insolentes e barulhentos. Um senhor que detestava a rale dizia: "Sinto-me muito bem em Ars. onde nunca chego a encontrar bêbados".

Os momentos de descanso que as funções religiosas deixavam aos habitantes de Ars, eles os empregavam em amáveis visitas e em diversões cheias de cordialidade. Os homens entretinham-se com diversos jogos. Alguns bons anciãos permaneciam no umbral de suas casas, silenciosos, com os olhos derramados tranqüilamente sobre os horizontes da terra natal. Assim o fez por muito tempo Fleury Treve, pai duma família de 15 filhos. Sentado na soleira da porta rezava o rosário todos os domingos depois das vésperas.

O P. Vianney introduziu o costume de celebrar certas festas chamadas *de devoção*, à maneira dos domingos, tais como as segundas-feiras de Páscoa e Pentecostes, a quinta-feira do Corpo de Deus, os dias comemorativos de S. Pedro e S. Paulo, de S. João Batista, de S. Sisto, e "de sua querida Santa Filomena... Nestas festas, as pessoas de Ars enchem o templo durante a missa, as vésperas e o sermão da noite. E ninguém ficou mais pobre. Todavia, o santo Cura estava longe de proclamá-las obrigatórias. Quem tinha necessidade de trabalhar fazia-o sem obstáculo, mas não era costume. "Agradam-me muito essas festas, dizia o P. Vianney, pois a gente vem sem ser forçada, somente movida por um sentimento de amor mais perfeito".

Mesmo durante a semana, nos dias úteis, umas cinqüenta mulheres e uns quinze homens assistiam a missa matinal. Em muitas famílias se combinavam, de maneira que cada dia pudesse ouvir missa uma pessoa da casa. Os confrades do SS. Sacramento eram assíduos em levar os círios nas procissões e cumpriam muito bem cada domingo com a hora de adoração. Alguns imitadores do bom Chaffangeon, de santa memória, gostavam de saudar a Nosso Senhor antes ou depois do trabalho. Era coisa que impressionava ver os instrumentos de lavoura encostados na parede da velha igreja, durante a oração daqueles camponeses.

O Cura d' Ars não pôde obter igual êxito, quando depois de um longo período de severidade, talvez de 20 anos, quis induzir os paroquianos a uma maior freqüência dos sacramentos.

Neste ponto não pôde ver plenamente realizados os seus ideais, – a comunhão dominical ou mensal. – Pensou que um número reduzido de comunhões bem feitas bastaria não só para manter, mas ainda para fazer progredir na virtude os homens e moços de sua paróquia. “Fiz quanto pude, dizia quase no fim da vida, para levar os homens a comungar quatro vezes no ano; se me tivessem escutado seriam santos”. Para conseguir tal resultado, exortou, pregou e o seu zelo o tornou engenhoso. Aos mais bem dispostos sugeria que celebrassem com a recepção dos sacramentos os grandes aniversários de sua vida: o batismo, a primeira comunhão, o casamento. Desejava que comungassem antes de serem padrinhos ou madrinhas. Uma das grandes alegrias do P. Vianney, durante a sua vida de padre, foi distribuir as sagradas partículas. Teria passado os seus dias nesse consolador ministério, que não raro desempenhava com os olhos rasos de lágrimas.

Para atrair com mais eficácia o povo à Eucaristia, o Cura d’Ars se esforçou em comunicar-lhe o gosto pelas coisas santas. Ele próprio já o havia conseguido. Todos os domingos expunha à vista daquela boa gente os estandartes mais formosos e os ornamentos mais ricos.



Por muito tempo, o Santo em pessoa ensinou os meninos do coro e os preparou maravilhosamente. Ele mesmo “nas funções sacerdotais não mostrava cuidadosamente, só com sua atitude grave e digna”, todas as regras prescritas pelo ritual lionês e então vigentes na diocese de Belley? Quando o Ir. Atanásio, a partir de 1849, se encarregou de dirigir o cerimonial, a atitude dos coristas não foi menos admirável.

– O seu senso litúrgico era tão apurado e ensaiava os meninos com tanta precisão e bom gosto, que Mons. de Langalerie, num retiro de párcos, o propôs como modelo ao clero da diocese: “Quereis ver uma igreja onde se observam, à letra, todas as cerimônias? Ide a Ars. O Irmão Atanásio é um cerimonial vivo e impecável. Seu exemplo vos dirá o que podeis conseguir, se quiserdes”.

Em certos dias, a atitude dos fiéis de Ars edificava particularmente os peregrinos. Todos os anos pela solenidade da quinta-feira santa, para comemorar a instituição da Eucaristia no Cenáculo, “o P. Vianney, diz o cônego Pelletier, procurava que o trono do ostensório fosse esplêndido e se alegrava contemplando os adornos que realçavam a majestade do tabernáculo. O coro – que em 1845 ele mandara aumentar, de modo considerável, estava inteiramente coberto de estandartes. Uma iluminação muito bem distribuída resplandecia com mil luzes. Mas todas as medidas estavam tomadas para que o recolhimento dos fiéis fosse ajudado e não perturbado”. Efetivamente, naquele dia toda a paróquia passava em contínua adoração. À noite fazia-se o exercício da *Hora santa*. O Sr. Cura passava, de joelhos, a noite da quinta para sexta-feira santa, sem se assentar um só instante.

Naquele povoado, a festa do Corpo de Deus era deveras a festa das festas.

Constituíra espetáculo verdadeiramente único. Em outras partes, podia ter maior pompa, porém em nenhum lugar se fazia maior manifestação de fé e de amor. Essa solenidade arrebatava o Santo Cura e lhe comunicava uma expressão e uma cândida alegria de menino. “Já no modo de anunciá-la, deixava transparecer que era para ele uma festa especialmente querida”. Naquele dia dava gosto vê-lo. O confessorário podia descansar por algumas horas. O Santo respirava, dilatava-se e fazia suas férias!

Passava pela casa paroquial, onde se vestiam os coroinhas. – Nunca achava que estivessem bastante bem. – “Uma vez, contava o Sr. Lardet – eu tinha então 12 para 13 anos – esperava com os demais meninos no pátio da canônica. Chega o Sr. Cura. “Oh! meus filhos! – nos diz indo de um lado para outro – Oh! se tivésseis as almas tão brancas como essas sobrepelizes”. Ele sorria. “Animava as jovens a se vestirem de branco, escreve Catarina Lassagne, e as da *Providência* não eram as últimas”.

Pedia que no percurso da procissão se erguessem o maior número possível de altares, a fim de poder multiplicar as bênçãos na paróquia. Com o coração cheio de gozo e irradiante alegria atravessava as ruas, descia até ao castelo, alentava os trabalhadores, e ele mesmo punha mãos à obra. Antes da procissão ainda achava tempo para voltar à igreja, onde sempre o esperavam os peregrinos, e ali confessar algumas pessoas.

As cerimônias se desenrolavam no meio duma afluência enorme, pois em Ars a festa era feita no dia marcado pela liturgia, i. é, na quinta-feira depois da SS. Trindade, e os habitantes das paróquias vizinhas podiam, portanto, assistir à procissão. Nela nunca faltava. O P. Vianney não tolerava que os curiosos formassem filas ao longo do percurso, não havendo remédio senão entrar no cortejo.

O Cura d’Ars, que em tudo mais buscava sempre o último lugar entre os seus companheiros, não cedia a ninguém a honra de levar naquele dia o SS. Sacramento. Sob o pátio doado pelo visconde de Ars, caminhava, revestido de seus magníficos ornamentos, com uma majestade impressionante. Com os olhos fixos na sagrada hóstia, rezava e chorava. Uma espécie de pasmo impedia todo comentário nos lábios da multidão. Atrás do pátio seguia um mar de cabeças, do qual se elevavam cânticos ou murmúrios de preces. Era verdadeiramente a *FESTA DE DEUS!*

Certa testemunha daquelas esplêndidas manifestações deixou uma relação naquele estilo pomposo, posto então em voga pelo *Gênio do Cristianismo*.

– Era uma formosa tarde do mês de junho de 1847. Bem me lembro. O sol reclinava-se sobre nuvens de ouro e púrpura. O ar morno estava impregnado de inebriantes aromas... Vinha eu através dos campos, triste, abatido, em busca da solidão e, sem que me desse conta, encontrei-me no vale de Ars. Sentando-me sobre uma lombada à beira dos prados que se estendiam a meus pés como um mar de verdura, deixei cair a cabeça entre as mãos e fiquei abismado em profunda contemplação. Eis que de repente um disparo de artilharia retumbou ao norte do vale. Uma tríplice descarga respondeu ao sul. A esse sinal bimbilharam os sinos e os meus olhos voltados para Ars viram ao longe uma grande multidão que se movimentava em torno da igreja,

muito pequena para contê-la. Pelos caminhos dos arredores, cavalos ofegantes aceleravam a marcha para a festa. Vi que se agitavam bandeiras no alto do castelo, depois outras no campanário. Compreendi afinal ser a festa de *Corpus Christi*, que desde 20 anos se celebrava em nossa comarca. Desci ao vale e fui ao encontro das vozes que vibravam em coro. Que pompa se ofereceu aos meus olhos surpreendidos! Uma procissão imensa de pessoas de toda a paróquia avançava com diferentes estandartes, e se encaminhava para a campina...

A cada minuto as salvas do povoado retumbavam majestosas ao que respondiam do outro lado do vale as detonações vindas do castelo. A procissão avançava: O pátio de terciopelo e ouro, com hastes douradas e sanefas de brocado e o ostensório de prata dourada reluziam aos raios do sol que se coavam por entre as folhas das árvores. O ancião, o venerável cura do lugar, levava nas mãos o Deus de todos.

Entretanto, no limite do município com as terras do castelo, estava erguido um majestoso altar. O incenso fumegava nos turbulões... O pátio parou. Duas mil pessoas, prostradas em terra, inclinararn a fonte até o chão, e o sacerdote, com mão trêmula, levantou o ostensório lentamente...

A multidão pôs-se novamente de pé. Novas descargas responderam ao novo *aleluia*; mas o lugar da cena mudou. Já estávamos nos domínios do castelo e os sinos começaram a tanger apressados. Ecoam dez disparos de morteiros, e a procissão avançou pelo Prado.

Que aspecto medieval! Tinha-se que passar uma ponte. Estava esta ornada com bandeiras e festões de vivas cores. O brasão da casa de Ars lançava ao vento seus fanais triangulares. Cada árvore estava cingida por um ramallete. Enfim, a arcada de ferro do castelo apareceu entrelaçada com flores naturais e a avenida coberta de areia, cujos grãos eram menos numerosos do que as pétalas de rosas que uma mão piedosa espargira pelo chão. No pedestal da velha torre do castelo estava um altar ornado com antigas tapeçarias. A procissão, ladeada por duas fileiras de limoeiros, estendia-se pelo parque e avançava serpenteando até à capela do castelo...

Um hino entusiasta e sonoro, saído daqueles peitos robustos, elevou-se num formidável *crescendo* e se extinguiu de repente ao som argentino de uma campainha! Apenas ressoaram as últimas palavras do sacerdote, irrompeu da capela um *hosana*, correu rápido como a eletricidade ao longo daquela procissão ajoelhada no parque, misturando-se ao troar das salvas de festa; foi rolando de eco em eco até às profundidades do vale.

Ao ler esta entusiástica narração, poder-se-ia crer que a festa de *Corpus Christi* em Ars tomava certo aspecto guerreiro. Como eram felizes aqueles bons camponeses, sobretudo os anciãos que haviam conhecido as simples festas de outrora! Mais que todos, porém, era o Sr. Pároco que se achava extasiado ao ouvir aqueles "fervorosos cantos" da multidão e "o estampido geral dos disparos". Na festa de *Corpus Christi* de 1859, a última a que assistiu, – pois lhe restavam 40 dias de vida – o conde de Garets conseguiu, para a procissão, sem que ele soubesse, a banda do colégio de

Mongré. Quando os instrumentos ressoaram, o P. Vianney "exultou de alegria". Depois da procissão não sabia o que fazer para agradecer aos P. P. Jesuítas, diretores do pensionato que lhe haviam proporcionado aquela deliciosa surpresa. Naquele ano, por se achar muito fatigado, apesar do seu desejo, não pôde levar o SS. Sacramento, a não ser quando se aproximava do altar. No ano anterior, porém, sustivera por duas horas a pesada custódia, não obstante os seus 72 anos completos, e quando subia os degraus dos altares campestres, erguidos na rua, "parecia ter a agilidade de um jovem". Outras vezes, é verdade, vacilava-lhe o passo, "inclinando-se ora para a direita ora para a esquerda. Temia-se que caísse". Mas tais temores só podiam ter os forasteiros; seus paroquianos tinham confiança, pois estavam acostumados a contemplá-lo sempre firme, ainda mesmo no meio dos trabalhos mais extenuantes. "Um dia de *Corpus Christi*, conta o Ir. Atanásio, perguntaram-lhe ao vê-lo entrar na sacristia todo molhado de suor: "Sr. Cura, V. Revma. deve estar muito cansado? – Oh! como quereis que eu esteja cansado? Aquele a quem eu levava levava também a mim".

### RS

Ars se convertera, de fato, num centro irradiante de santidade. Para sentir tão saudável influência, muitas pessoas fervorosas se haviam estabelecido ali ou passavam longas temporadas: As jovens Pignaud, Lacand, Berger, de Belvey; as irmãs Ricotier e Marta Miard; os Srs. Faure de la Bastie, Pedro Oriol, Hipólito Pagés (de Beucarie), João Cláudio Viret (de Cousance no Jura), Sionnet (de Nantes), e Sánchez Ramón, oficial carlista, desterrado da Espanha. Muitos se tinham retirado para aquela humilde aldeia com a esperança de serem consolados pelo Cura d' Ars nos últimos momentos da vida. Com efeito, era agradável viver naquela paróquia privilegiada e mais doce ainda era nela morrer.

Durante o ministério paroquial do P. Vianney, houve mortes particularmente serenas e edificantes, como que aureoladas com a alegria divinal. No último dia de outubro de 1825, Luís Chaffangeon, ancião de 75 anos, o homem das orações silênciosas, cantava durante a agonia com os olhos radiantes de esperança: "Eu verei a Mãe querida!" Pelo natal de 1832 a castelã Ana Colomba de Garets, de 78 anos, morria com sinais de predestinação.

Já temos visto como se sabia morrer no orfanato da *Providência*. Assistidos pelo seu Cura muito amável, os bons paroquianos deixavam esta vida, de maneira que se dizia em tomo deles: "Oxalá pudesse eu ir também assim". É isto tão certo que nos arredores de Ars se desejava receber das suas mãos os últimos sacramentos, e uma pessoa se fez conduzir ali para ter essa dita. Gostava de dizer, referindo-se ao novo cemitério inaugurado em 1855, a 300 metros da igreja e bento por ele mesmo: "É um relicário". Tinha ajudado a bem morrer a quantos ali repousavam, entre eles alguns pecadores, dos quais, conforme testemunho dos antigos do lugar, nenhum lhe escapava naquele transe terrível; o Santo os cria a todos salvos. O diabo em pessoa q testemunhou a sua maneira. O perfume sobrenatural que se exalava da santa aldeia trazia-o furioso. "Que asquerosa terra é esta de Ars, gritava um dia por boca de um possesso a quem

agitava horrivelmente. Tudo cheira mal... Em Ars todos cheiram mal... Ah! falai-me da *Rotonda* (lugar de reuniões para certos bairros de Lião). A *Rotonda*, sim, que cheira bem...

Mesmo quanto ao ponto de vista material, Ars parecia estar sob uma singular proteção.

— Ouvi minha mãe dizer, conta Madalena Mandy Scipiot, que depois do ano de 1825, época em que ela chegou a Ars, até a morte do P. Vianney jamais saraivou, o que se atribua a intercessão do Santo, tanto mais que ele mesmo pedia orações para afastar o terrível flagelo. Convém notar, acrescenta Marta de Garets, que durante o seu ministério em Ars jamais temporal algum assolou aquela região. Minha mãe escrevia certo dia, após uma tempestade: “A tormenta não foi para nós senão uma voz que se vai extinguindo”. O Sr. Cura tinha passado a noite em oração.

Depois disto não é de estranhar que tantos forasteiros, permanecendo em Ars apenas breve tempo, ficassem tão afeiçoados àquela aldeia abençoada. Aqueles, sobretudo, que se puderam compenetrar do espírito que ali reinava, e haviam logrado gozar profundamente da verdadeira paz, gostavam de voltar, e dir-se-ia que a terra natal era para eles um desterro.

— Não foi sem grande mágoa que nós partimos de Ars, conta um daqueles peregrinos. Como nos ambientamos tão depressa?... É que naquela terra sem lustro tínhamos encontrado a paz que converte em pátria o lugar de que se gosta.

Voltando para o bulício e agitação da cidade não podíamos suportar o mal-estar e a tristeza. Os homens nos pareciam grosseiros e inimigos. As conversações, os gritos e mesmo o aspecto do trabalho recendiam a discórdia e evocavam a dor. A atmosfera de paz e harmonia cristãs que tínhamos acabado de perder nos faziam mais impressionáveis que as misérias humanas. Dali em diante teríamos que nos refugiar nas nossas recordações de Ars como num santuário, e reviver em nossa alma a santa figura do P. Vianney para sermos novamente alentados, e consolados.

O P. Toccanier, que desfrutava o insigne favor de ajudar a nosso Santo, recebeu de uma pessoa muito piedosa estas linhas banhadas de lágrimas:

— Oh! Ars, se eu pudesse transportar como o pensamento a minha pessoa, em ti eu estaria todos os dias. Apenas parti e minha alma já desejava voltar... Ainda sonho com a felicidade daqueles dias que já passaram; daqueles dias que estive em sua abençoada aldeia... Que feliz é V. Revma.

## O Cura D'Ars e o Demônio

*A finalidade das perseguições diabólicas – Os primeiros ataques noturnos – André Verchere e seu fazil – A identidade do misterioso assaltante – “Está furioso: tanto melhor” – As horas de insônia e de combate – As traças e as violências do demônio – Viagem infernal pela estrada de Saint-Trivier Testemunhas que viram e ouviram – O leito queimado – Noite de balbúrdia na casa paroquial de Monmerle – O atormentador atormentado – O poder do Cura d'Ars sobre os demônios – Algumas libertações de possessos – Cena fantástica – Contra o ocultismo e o espiritismo – Aventura do conde Júlio Mauboto – Em casa do capitão de Montluisant – O fim das obsessões diabólicas – A derrota de Satanás.*

Que há inferno e anjos decaídos condenados a ele é dogma da nossa fé católica. Conforme ela, o demônio é um ser pessoal e existente e não uma ficção da fantasia.

No mundo, é verdade, a sua ação permanece oculta, porém às vezes, com permissão de Deus, se manifesta exteriormente. É que sem dúvida vê ameaçada sua influência nesta ou naquela parte da terra, e como não pode atacar diretamente a Deus, o invisível malfetor se esforça em esterilizar os trabalhos dos seus obreiros.

Por espaço de 35 anos – de 1824 a 1858 – o Cura d'Ars foi alvo das perseguições exteriores do Maligno. Se Satanás tivesse conseguido roubar-lhe o sono e o repouso, tirar-lhe o gosto da oração, das austeridades e dos trabalhos apostólicos e o obrigasse enfim a deixar o ministério das almas!... Mas o inimigo da salvação foi descoberto e vencido. “As lutas com o demônio, diz Catarina Lassagne, tornaram o P. Vianney caritativo e desinteressado”. O péssimo astuto não contava com esse resultado.

As perseguições infernais começaram no tempo em que o santo Cura meditava no plano da *Providência*, para a qual acabava de adquirir uma casa, quer dizer, durante o inverno de 1824 a 1825.

Foram a continuação de violentas tentações interiores. Durante o curso de uma enfermidade bastante grave, devida talvez ao que ele chamava “loucuras da juventude”, o P. Vianney, tentado por pensamentos de desesperação, cria-se próximo à morte. Parecia-lhe ouvir repetidamente, dentro de si mesmo, uma voz que lhe dizia: “Agora cairás no inferno”. Mas o Santo recuperava a paz da alma avivando sua fé em Deus. Para turbar-lhe a paz exterior, começou o demônio com inquietações insignificantes. Cada noite o pobre Cura d'Ars ouvia rasgarem-se as cortinas do leito. Pensou que se tratasse de vulgares roedores. Deixou um pau na cabeceira, mas tudo em vão. Quanto mais sacudia as cortinas para pegar os ratos tanto maior era o ruído dos rasgões, e no dia seguinte, quando esperava ver as cortinas feitas em pedaços, encontrava-as intactas. Essas manobras duraram algum tempo.

O Cura d' Ars não pensou a princípio tratar-se do espírito das trevas. "Não era nada crédulo, e dificilmente dava fé aos fatos extraordinários", contanto que mais tarde, quando se lhe ofereciam casos de possessão diabólica, conduzia-se sempre com a maior prudência. "Perguntei-lhe um dia, diz o P. Dufour, missionário de Belley, que pensava de uma pessoa que se enfurecia em presença de um sacerdote, ou de um crucifixo. Respondeu-me: "Tem um pouco de nervos, um pouco de loucura e um pouco do *grappin*". - *Grappin* era o nome com que ele de ordinário designava o demônio. - Quanto a ele, conservando perfeito domínio de si mesmo em meio de um trabalho inaudito, não podia ser tido como um alucinado. Muito sério e inimigo da mentira para inventar comédias, jamais teria falado em obsessões do demônio se não fossem reais. Tal era, de outro lado, a convicção de quantos dele se aproximavam.

Ora, no silêncio duma noite ouviram-se pancadas e gritos no pátio da casa paroquial. Seriam acaso ladrões que cobiçavam os preciosos presentes do visconde de Ars, guardados num cofre no sótão? O P. Vianney desceu às pressas e não viu nada. Contudo, nas noites seguintes, receou ficar só.

- Depois de muitos dias contou André Verchere, carvoeiro da vila, jovem de 28 anos, robusto e galhardo, que o P. Vianney ouvia em sua casa um ruído extraordinário. Uma tarde veio ao meu encontro e me disse: "Não sei se são ladrões... Queres dormir na casa paroquial?"

- Com muito gosto, Sr. Cura. Vou carregar o meu fuzil". Chegada a noite, dirigime à casa canônica. Conversei com o Sr. Cura, junto ao fogão, até pela volta das dez. Então, me disse ele: "Vamos dormir". Cedeu-me seu quarto e ele ocupou o contíguo. Eu não podia dormir. A uma hora ouvi sacudir com violência o ferrolho e a tranca da porta que dava para o pátio. Simultaneamente contra a mesma porta ressoavam pancadas de maça, enquanto a casa se enchia de um ruído atordoador como de vários carros. Tomei o fuzil e me precipitei para a janela, que abri com violência. Olhei e não vi nada. A casa estremeceu por um quarto de hora. Minhas pernas fizeram o mesmo, e disso me resenti por espaço de 8 dias. Quando o estrépito começou, o Sr. Cura acendeu uma lâmpada e veio ter comigo.

- Ouviste alguma coisa? perguntou-me.

- Sim. Pois não vê V. Revma. que me levantei e estou com o fuzil?

A casa estremeceu como se a terra tremesse.

- Tens medo? perguntou-me ainda o Sr. Cura.

- Não; não tenho medo, porém sinto que me faltam as pernas

A casa vai desabar.

- Que pensas ser isso?

- Creio ser o diabo.

Quando cessou o barulho, voltamos para a cama. O Sr. Cura na noite seguinte pediu-me ficasse com ele novamente. "Sr. Cura, respondi-lhe, já levei susto que chega".

Mais tarde, na *Providência* de Ars, o P. Vianney, comentando o apuro de seu

primeiro guarda, "ria-se a bom rir do susto que levava". "Meu pobre Verchere, dizia ele às professoras, tremia dos pés a cabeça com seu fuzil... Nem sequer se dava conta que o tinha na mão".

Diante da negativa do carroceiro, o Sr. Cura dirigiu-se ao burgomestre, o qual mandou à casa paroquial seu filho Antônio, bom rapaz de 26 anos e a quem deu por companheiro de armas João Cotton, jardineiro do castelo de Ars, dois anos. mais moço do que ele. Depois da oração da noite foram para a casa paroquial, onde dormiram umas doze noites. "Não ouvimos nenhum ruído, diz João Cotton. Não assim o Sr. Cura, que dormia no quarto vizinho. Mais de uma vez o seu sono foi perturbado e então nos perguntava: - "Meninos, não ouvistes alguma coisa?" Não; respondíamos. Nenhum ruído chegou até nós. Apesar disso, por um momento, percebi um som semelhante ao que se produz na lâmina de uma faca cortando rapidamente a água numa vasilha. Tínhamos colocado os nossos relógios junto ao espelho do quarto. "Estou admirado, disse-nos o Sr. Cura, que os vossos relógios não estejam feitos em pedaços".

Muitos outros jovens, entre eles Edemo Scipiot, administrador do castelo, puseram-se de sentinela no campanário. Tão pouco eles ouviram ruído algum que lhes causasse suspeitas. Somente, conforme diz Madalena Scipiot, filha de Edemo, "eles viram, certa noite, uma como língua de fogo que se precipitava sobre a casa canônica".

Donde pois procediam os ruídos misteriosos? O P. Vianney intranquilo, porém prudente, ainda não ousava emitir a sua opinião. Uma noite em que a neve cobria o solo ressoaram gritos no pátio. "Era como um exército de Austríacos ou de Cossacos que confusamente falasse uma língua que não se entende". O Cura d' Ars abriu a porta. Ao pálido reflexo da neve que mesmo nas noites sem luar costuma alumiar fracamente, não viu rasto de ninguém. Não havia lugar para dúvidas. Não se tratava de vozes humanas; tão pouco era coisa angélica ou divina, mas qualquer coisa de horrível e de infernal. Além disso, os calafrios de medo que sentia não revelavam a presença do misterioso personagem? "Achei que era o demônio porque tive medo, dizia mais tarde a Mons. Devie: "Deus não assusta ninguém". Convencido pois que nem paus ou fuzis poderiam alguma coisa contra o inimigo, "despediu os guardas e ficou só no combate".

Com efeito, foi uma verdadeira batalha. E para sustentá-la, o P. Vianney não tinha mais recursos que a paciência e a oração. "Perguntei-lhe uma vez, refere seu confessor, como repelia tais ataques. Respondeu-me: "Volto-me para Deus, faço o sinal da cruz e digo algumas palavras de desprezo ao demônio. Além disso, noto que o barulho é muito maior e que os assaltos se multiplicam, quando no dia seguinte vem algum grande pecador". Essa averiguação muito o consolava nas suas insônias. "A princípio tinha medo, dizia confidencialmente ao Sr. Mermod, um de seus melhores amigos e mais afeiçoados penitentes, eu não sabia o que era aquilo, mas agora estou contente. É muito bom sinal; a pesca do dia seguinte é sempre excelente". O *grappin* é tolo. Ele mesmo anuncia a conversão de grandes pecadores. "Está furioso... Tanto melhor".

Chegamos ao tempo do trabalho sobre-humano, quando o P. Vianney passava a maior parte do dia no confessionário. Chegada a noite, apesar de sentir-se extenuado, não se deitava sem antes ler algumas páginas da *Vida dos Santos*. Essa era a hora que ele aproveitava para se flagelar de espaço em espaço com sangrentas disciplinas... Feito isso, estendia-se sobre a pobre enxerga e procurava dormir. Já ia querendo dormir quando subitamente era tirado de seu repouso por gritos lúgubres, vozes e golpes formidáveis. Dir-se-ia que o malho dum ferreiro fazia em pedaços a porta da casa. De repente, sem que se movesse um ferrolho, o Cura d'Ars percebia com horror que o demônio estava junto dele. "Eu não lhe dizia que entrasse – contava meio brincando, meio sério – mas ele entrava do mesmo modo". A festa ia começar. O espírito do mal permanecia invisível, porém sua presença se deixava sentir. Derrubava as cadeiras, sacudia os pesados móveis do quarto, e gritava com voz aterradora: "*Vianney, Vianney... Comilão de batatas... Ah! ainda não estás morto... Não me escaparás... Às vezes, imitando os animais, grunhia como um urso, uivava como um cachorro e airando-se sobre as cortinas as sacudia com furor. Outras vezes, conta o Irmão Atanásio, conforme suas próprias recordações e as relações de Catarina Lassagne, o demônio imitava o ruído que faz o martelo quando se cravam pregos na parede ou quando se rola um tonel com arcos de ferro; tocava tambor sobre a mesa, sobre a estufa e sobre o pote d'água...*"

"Cantava às vezes com voz áspera, e o Cura d'Ars nos dizia troçando: "*O grappin tem voz muito feia!*"

"Também sentia como se lhe passassem a mão pelo rosto ou como se ratos lhe corresse pelo corpo. Certa noite ouviu o ruído dum enxame de abelhas. Levantou-se e acendeu a vela. Foi correr a cortina para espantá-las, mas não viu mais nada. Outra vez o demônio experimentou tirá-lo do leito atirando-lhe a enxerga ao chão".

O P. Vianney, mais assustado do que nas outras vezes, fez o sinal da cruz e o demônio o deixou tranqüilo.

Certa noite, pouco depois de se ter deitado, notou que o leito, de ordinário tão duro, estava extraordinariamente macio, no qual se ia afundando como num divã. Ao mesmo tempo uma voz irônica repetia: "*Eia, Eia!... Vamos, Vamos*"; e com outras palavras irrisórias induzia-o a sensualidade. "O P. Vianney benzeu-se e tudo cessou".

Engenhoso em inventar trapaças lúgubres, o espírito das trevas parecia multiplicar-se ou correr por toda a casa. No quarto um bando horrendo de morcegos pousava nos vidros e se prendiam às cortinas da cama. No sótão, durante horas a fio, parecia passar um rebanho de ovelhas por sobre o quarto. No refeitório ouvia-se o ruído como que de um cavalo que tivesse subido ao teto para de lá cair com as quatro ferraduras sobre o pavimento.

As farsas infernais cansaram o pobre Cura d'Ars porém nunca o abateram. Apesar das terríveis insônias, quando no relógio da torre soavam as doze da noite, o P. Vianney pensava nos seus penitentes que se renovavam sem cessar e que o estavam esperando. Levantava-se imediatamente e dirigia-se à igreja. Mas à custa de que esforços!... "Costumava vir aos nossos ensaios de canto para nos animar, diz uma das

paroquianas. Algumas vezes chegava muito pálido. Perguntávamos se estava doente. Não, respondia, mas o *grappin* me fez tantas... que esta noite não dormi".

Às vezes, o sinistro companheiro fazia péssima companhia ao P. Vianney. "Um dia, conta um missionário de Pont d'Ain, o Sr. Cura fazendo-me subir a escada à sua frente me dizia: "Oh! meu amigo, isto agora não é como ontem; lá era o demônio que subia diante de mim; dir-se-ia que calçava botas".

Numa manhã de dezembro de 1826, muito antes de amanhecer o dia, o Cura d'Ars partiu a pé para Saint-Trivier-sur-Moignans onde ia pregar os exercícios do jubileu. Caminhava rezando o rosário. Em torno dele o ar estava cheio de luzes sinistras, a atmosfera como que abrasada e de cada lado do caminho os arbustos lhe pareciam de fogo. Era Satanás que, prevendo os frutos felizes, que o P. Vianney havia de produzir nas almas, seguia-lhe os passos, envolto no fluido ardente que o atormenta. Fazia isso para atemorizá-lo e desanimá-lo. Ele, porém, continuava o seu caminho.



O Cura d'Ars, que silenciava todas as coisas capazes de granjear-lhe elogios, referia com prazer até mesmo na igreja, durante o catecismo, as trapaças que o demônio lhe fazia. Sabemos que era incapaz da mais leve mentira e que, apesar de seu trabalho extenuante, conservou sempre o mais perfeito domínio de si mesmo. Entretanto, mais de um, mesmo entre os seus familiares, teria podido exigir outras provas além de suas palavras e do testemunho já longínquo do carroceiro Verchere.

O P. Raymond, que durante 8 anos foi seu auxiliar e o P. Toccamer, que o foi seis anos, não ouviram jamais os ruídos extraordinários. "Escute o *grappin*", dizia algumas vezes ao P. Raymond. – Mas ele em vão aguçava o ouvido. Por que só o Cura d'Ars percebia os ruídos? Era porque as vexações do demônio só visavam a ele. Contudo, em circunstâncias excepcionais, outras pessoas dignas de todo crédito puderam comprovar por si mesmas as *infestações* do inimigo.

Lá por 1820, o P. Vianney tinha levado, de sua igreja para a casa paroquial, um velho painel que representava a *Anunciação*. O quadro estava pendurado junto à escada. Então Satanás se encolerizou contra aquela simples imagem e cobriu-a de imundícies. Tiveram que tirá-la daquele lugar. "Muitos, afirma o P. Monnin, foram testemunhas de tão odiosas profanações ou ao menos puderam ver sensíveis sinais delas! O P. Renard diz ter visto aquela pintura indignamente manchada. A figura da Virgem não podia ser mais reconhecível".

Margarida Vianney, a *Gothon* dos tempos de infância, ia de vez em quando visitar o santo irmão. Durante uma das noites que passou na casa paroquial, ouviu o Cura d'Ars sair do quarto, antes da hora, para ir à igreja. "Poucos momentos depois, conta ela mesma, ouvi perto da minha cama um estrondo muito violento, como se quatro ou cinco homens despedaçassem com golpes fortíssimos a mesa e o armário... Tive medo, levantei-me, acendi a luz e vi que tudo estava em ordem. Pensei que talvez estivesse sonhando. Deitei-me novamente e apenas estava na cama quando o estrépito

se renovou. Desta vez o susto foi muito maior. Vesti-me à toda pressa e corri à igreja. Quando o meu irmão voltou para a canônica, contei-lhe o que se tinha passado. "Oh! minha filha, replicou, não há por que temer, é o demônio. Nada pode contra ti; a mim também me atormenta. Algumas vezes me agarra pelos pés e me arrasta pelo quarto. Faz isso porque converto almas para Deus".

A senhorita Maria Ricotier, de Gleizé, no Lionado, estabelecida em Ars, de sua casa ouviu certos ruídos que lhe parecia virem da casa paroquial. Uma vez de modo especial o barulho pareceu-lhe mais extraordinário. De manhãzinha foi falar com o P. Vianney. "Também ouvi, respondeu. Provavelmente são os pecadores que se encaminham para Ars".

O Sr. Aniel, escultor de Montmerle, contava certo dia ao conhecido hoteleiro Francisco Pertinand: "Não compreendo como se possa dormir numa casa onde se produzem ruídos tão aterradores. Fiquei nela várias noites quando fazia as imagens encomendadas pelo P. Vianney".

Dionísio Chaland, de Bouligneux, jovem estudante de filosofia, confessou-se com o Cura d'Ars num dia de junho de 1838. Foi recebido, por um favor especial, no quarto do próprio Santo. "Ajoelhei-me no seu genuflexório, conta o mesmo estudante. Quase pela metade da confissão um tremor geral agitou toda a peça; o genuflexório se moveu, bem como todo o resto. Levantei-me aterrorizado. O Sr. Cura agarrou-me por um braço. "Não é nada, disse ele; é o demônio". No fim dessa confissão o P. Vianney decidiu sobre o meu futuro. "É preciso que te tornes sacerdote". Minha emoção foi muito grande e devo dizer que não me tornei a confessar com o Cura d'Ars".

Esse mesmo Dionísio Chaland, mais tarde foi "hóspede na casa do mestre-escola de Ars". Em certas noites a curiosidade podia mais do que o medo e alguns de seus discípulos iam à porta da casa paroquial para escutar o estrépito que, conforme era fama, o demônio fazia. Pois bem, eles "ouviram mais de vinte vezes, geralmente por volta da meia-noite, uma voz gutural que repetia: *Vianney, Vianney!*"

Em 1842 um policial de Messimy chamado Napoly, que passava por grandes provas, quis consultar o Cura d'Ars. Chegou à aldeia já noite adiantada. Como estivesse esperando à porta da casa paroquial, ouviu, no silêncio da noite, o horripilante chamado, tantas vezes repetido. O quarto do Santo iluminou-se debilmente e este apareceu em seguida alumando o caminho com a lanterna. "Sr. Cura, parece que vos atacam, gritou o bom do Napoly... Mas eu estou aqui para vos defender!" – Ah! isso não é nada, meu amigo... é o *grappin!* Enquanto dizia isso, tomava a mão de Napoly que estava tremendo. "Vem comigo, acrescentou, e conduziu o defensor de ocasião a sacristia, onde, sem dúvida, como diz o Irmão Atanásio, as coisas terminaram do melhor modo possível. Soube mais tarde que aquele homem se tornou bom cristão. O Sr. Cura dizia-me depois que ele não era muito valente para ser um bom soldado".

Em março de 1852, uma jovem religiosa, da congregação do Menino Jesus, chamada Irmã Clotilde, no século Joana Coif fet, de Ligneux (Loire), quis confessar-se com o santo sacerdote. Passou um dia, e chegada a noite, como muitos outros penitentes, teve que acomodar-se no vestibulo, junto ao campanário. Por volta de uma

e meia da madrugada, o P. Vianney abriu a porta. Todos se precipitaram atrás dele. Mas, de repente, voltou-se e apontando com o dedo a religiosa desconhecida, que timidamente ficara no canto mais escuro, disse: "deixai vir aquela jovem". Irmã Clotilde seguiu-o. Apenas o Santo se adiantou para a nave, ouviram-se estranhos rumores, como uma alteração de homens encolerizados. "Não é nada, murmurou o Cura de Ars ao ouvido da pobre irmã assustada: é o demônio que faz isso".

Um fato que, a rigor, poderia explicar-se por causas naturais" mas, no qual o P. Vianney e a multidão viram uma agressão mais notável do demônio, comoveu os peregrinos e os confirmou na convicção de que o espírito maligno agredia exteriormente o Cura d'Ars. Era segunda ou terça-feira das Quarenta-Horas, – vinte e três ou vinte e quatro de fevereiro de 1857. – Naquela manhã o Santo se pusera a ouvir confissões, antes da hora de costume, pois era muito grande a multidão na igreja, onde estava exposto o SS. Sacramento. Pouco antes das 7, as pessoas que passavam diante da casa paroquial viram que safam chamas do quarto do P. Vianney. Correram a avisá-lo, no momento em que ele deixava o confessionário para celebrar a santa missa. "Sr. Cura, parece que há fogo no seu quarto". Enquanto lhes entregava a chave para que fossem apagá-lo, respondia sem muita preocupação: "Esse vilão do demônio, não podendo pegar o pássaro, queima-lhe a gaiola".

Saiu pois da igreja e entrando no pátio encontrou-se com uns homens que acabavam de tirar os restos fumegantes do seu pobre leito. Nada lhes perguntou. Voltou à igreja e entrou na sacristia. Naturalmente entre os penitentes que enchiam a nave produziu-se um certo movimento. O Ir. Jerônimo, o solícito sacristão, pensou que o Santo ignorasse o motivo. "Sr. Cura, a sua cama acaba de queimar-se". – "Pois sim", replicou o interessado em tom de indiferença, e tranqüilo, como de costume, foi celebrar a missa.

O P. Alfredo Monnin, jovem missionário de Pont d'Ain, substituto do P. Toccanier, que fora pregar missão em Massigneux, perto de Belley, entrou precipitadamente no quarto incendiado. Logo notou os característicos do misterioso incêndio.

– A cama, contou ele, o dossel, as cortinas, e quanto havia em derredor, estava tudo queimado. O fogo só se deteve ante o relicário de S. Filomena, posto sobre uma cômoda, e a partir justamente desse lugar, traçou com precisão geométrica uma linha reta de alto a baixo, destruindo tudo quanto estava além.

Assim como apareceu sem causa aparente, assim também se extinguiu por si mesmo. Coisa verdadeiramente notável e em qualquer hipótese prodigiosa é que não se tenha propagado nas espessas cortinas de sarja, nem incendiado o forro, "muito baixo, velho e ressequido", que teria queimado como palha...

Ao meio-dia, quando me visitou na *Providência*, falávamos no sucedido. Eu lhe disse que a opinião geral atribua o fato a uma peça de mau gosto do demônio e lhe perguntei se na verdade acreditava que o maligno espírito tivesse feito qualquer coisa. Respondeu-me positivamente com o maior sangue frio... "Está furioso; isso é bom sinal; virão pecadores". Com efeito, durante aqueles dias houve em Ars um movimento extraordinário.

Uns trinta anos antes, um outro acontecimento, sobre o qual não é possível duvidar, impressionara principalmente o clero dos arredores. Em 1826, durante uma missão em Montmerle, produziram-se ruídos misteriosos na casa paroquial. "Era o demônio que arrastava a cama do Cura d' Ars pelo meio do quarto em que ele dormia".

Riram-se disso e a história só achou incrédulos. Durante o inverno seguinte foi coisa bem diferente. — Pregava-se o jubileu em Saint-Trivier-sur-Moignans. O P. Vianney foi convidado para auxiliar, o que fez de muito boa vontade. Desde a primeira noite ouviram-se rumores na casa do pároco de Saint-Trivier, ordinariamente calma. Os sacerdotes que dormiam debaixo do quarto do P. Vianney o censuraram. Apenas se deitava, já os ruídos procediam de seu quarto. "É o demônio, respondeu o Cura d' Ars, ele está aborrecido com o bem que se faz aqui". Os colegas, porém, não lhe quiseram dar crédito. "V. Revma. não come, nem dorme, lhe diziam; é a cabeça que não o deixa descansar ou os ratos que lhe correm pelo cérebro". Noutro dia, as zombarias dos companheiros foram mais vivas e desta vez o servo de Deus nada sossegou.

Na noite seguinte, ouviu-se um barulho de carro que fazia estremecer o chão. Parecia que a casa vinha abaixo. O P. Grangier, cura de Saint-Trivier, o P. Benoit, coadjutor e o P. Chevalon, "antigo soldado da república e missionário da diocese" e até a criada, Dionísia Lanvis, se levantaram sobressaltados. Produziu-se no quarto do Cura d' Ars uma tal algazarra que o P. Benoit gritou: "Estão matando o P. Vianney". Todos correram para lá. Mas que viram? O Santo estava deitado tranquilamente no seu leito, que mãos invisíveis haviam arrastado para o meio do quarto. "Foi o demônio, disse ele sorrindo, que me arrastou até aqui e causou toda esta desordem. Não é nada... Sinto não vos ter prevenido. É bom sinal... Amanhã cairá um peixe graúdo". Quem seria este *peixe graúdo*?

Evidentemente com tal expressão, que lhe era familiar, queria indicar a conversão de um grande pecador. Apesar de tudo isso, os colegas de Saint-Trivier ainda duvidaram, "crendo fosse uma alucinação". Vigiaram então no dia seguinte o seu confessorário. Até à noite não ocorreu nada de extraordinário. "O P. Vianney tivera uma ilusão". Mas qual não foi a alegre surpresa do pároco e dos missionários, "quando viram depois do sermão o Sr. de Murs, nobre cavalheiro que, atravessando toda a igreja, foi pedir ao Cura d' Ars para que o ouvisse de confissão. Aquele cavalheiro tinha descuidado os deveres religiosos desde muito tempo. Seu exemplo causou profunda impressão nos habitantes de Saint-Trivier". Depois deste episódio, o P. Chevalon, que fora talvez um dos primeiros zombeteiros, "olhava para o Cura d' Ars como para um grande santo".

Em muitas ocasiões o diabo atacou também as obras da *Providência*. As professoras e as órfãs foram despertadas algumas noites por rumores estranhos. Outras vezes o demônio intentou também perturbar os espíritos.

— Um dia, conta Maria Filliat, depois de ter lavado bem a panela, deitei água para fazer a sopa. Vi que na água havia alguns pedacinhos de carne. Era dia de abstinência. Esvaziei bem a panela. Lavei-a de novo, e pus água novamente. Quando a sopa

estava já para ser servida, vi outra vez pedacinhos de carne. Contei ao P. Vianney e este me respondeu: "É o demônio que faz tudo isso. Sirva assim mesmo a sopa".



Deste modo o furor de Satanás esgotava-se inutilmente. Além disso o P. Vianney acabou por acostumar-se com as suas visitas. "V. Revcia. sem dúvida deve ter medo, lhe perguntou o P. Toccanier, de tão desagradáveis colóquios?

— A gente se habitua com tudo, meu amigo, replicou o amável Santo. O diabo e eu somos *quase camaradas*".

No dia 4 de dezembro de 1841, dizia às diretoras do orfanato: "Escutem aqui; o demônio esteve esta noite no meu quarto. Enquanto eu rezava o breviário ele soprava muito forte e parecia vomitar não sei que trigo ou outros grãos sobre os ladrilhos. Eu lhe disse: "Vou à *Providência* dizer o que fazes, para que te desprezem". E ele logo sossegou".

Certa noite em que o Cura d' Ars procurava conciliar o sono, o inimigo apresentou-se gritando: "*Vianney, Vianney, tu não me escaparás*". E o pobre Santo respondia do canto escuro onde estava sua cama: "Não tenho medo de ti".

Entende-se facilmente, depois disso, que certas pessoas se aproveitassem do domínio que o servo de Deus adquirira sobre o mau espírito para conseguir, por seu intermédio, livrar os possessos. Mons. Devie autorizara o Cura d' Ars a exercer o seu poder de exorcista, cada vez que as circunstâncias o exigissem. A este respeito existem muitas testemunhas. João Picard, ferreiro do povoado, presenciou várias cenas estranhas. "Uma infeliz mulher fôra trazida de longe pelo marido. Estava furiosa: soltava gritos desarticulados. Mandaram-na ao Sr. Cura, que, depois de tê-la examinado, declarou ser necessário levá-la ao bispo de sua diocese. "Bem, bem, respondeu a mulher que recobrou repentinamente a fala, ainda que o timbre da voz fosse trêmulo, a criatura voltará... Ah! se eu tivesse o poder de Jesus Cristo, disse ela, vos meteria a todos no inferno.

— Conheces a Jesus Cristo, replicou o P. Vianney! Pois bem! Levem esta senhora ao pé do altar-mor".

Quatro homens conduziram-na para lá, apesar de sua resistência. O P. Vianney pôs o seu relicário" sobre a cabeça da possessa e ela ficou como morta. Entretanto, logo depois levantou-se por si mesma e de um pulo rápido chegou à porta da igreja. Ao cabo de uma hora, voltou muito tranqüila, persignou-se com água benta e ajoelhou-se. Estava completamente curada. Durante três dias foi a edificação dos peregrinos.

Uma pobre velha dos arredores de Clermond-Ferrand despertou especialmente a compaixão de Pedro Oriol, um dos "guarda-corpo" do nosso Santo. A pobre infeliz, conta ele, passou todo o dia dançando e cantando na praça da igreja. Fizeram-lhe beber algumas gotas de água benta. Enfureceu-se e se pôs a morder as paredes da igreja. Seu filho estava com ela, mas não sabia o que fazer. Um sacerdote forasteiro colocou-a entre a igreja e a casa paroquial, por onde devia passar o P. Vianney. O

Santo logo apareceu. Abençoou simplesmente a infeliz, cuja boca sangrava e ela num momento ficou completamente calma. O seu filho contou que fazia 40 anos que ela se achava naquele triste estado e que nunca se tinha mostrado assim nem tão furiosa nem tão calma. Acreditava-se que estivesse possessa do demônio. É certo porém que as terríveis crises não voltaram mais.

Pela noite de 27 de dezembro de 1857, um coadjutor de S. Pedro de Avinhão e a superiora das Franciscanas de Orange acompanharam uma jovem professora que dava todos os sinais de possessão diabólica. O arcebispo de Avinhão tinha estudado o caso e aconselhou que a apresentassem ao P. Vianney. No dia seguinte, pela manhã, levaram-na à sacristia quando o Santo ia paramentar-se para celebrar o santo sacrifício. Mas, de repente, a possessa procurou a porta para escapar. "Há muita gente aqui", gritava. — Há muita gente? perguntou o servo de Deus. Pois bem, agora sairão. A um sinal seu, os assistentes se ocultaram e ele ficou só com a pobre vítima de Satanás. A princípio, não se ouvia mais no interior da igreja do que um murmúrio de palavras confusas. Depois o tom foi-se elevando.

O coadjutor de Avinhão, que ficara junto à porta da sacristia, ouviu uma parte do diálogo: "Queres pois sair de uma vez?" perguntou-lhe o Cura d' Ars.

— Sim.

— Por quê?

— Porque estou com um homem de quem não gosto.

E o P. Vianney ironicamente prosseguiu: "Não gostas de mim!" Um não estridente foi toda a resposta do espírito que habitava naquela pobre jovem.

Quase no mesmo instante, abriu-se a porta da sacristia. O poder do Santo triunfara. Recolhida e modesta, chorando de alegria, e com uma expressão de agradecimento infinito a jovem apareceu no umbral. Apesar disso e por uns instantes, o temor pintou-se-lhe no rosto. Voltou-se para o P. Vianney e lhe disse: "Temo que volte. — Não, não, minha filha, nunca mais". De fato, o demônio não voltou mais e a jovem pode reiniciar as suas ocupações de professora na cidade de Orange.

No dia 25 de julho de 1859, véspera do dia em que o Santo de Ars ia deitar-se para não mais se levantar, levaram-lhe com grande trabalho, às oito da noite, "uma mulher que passava por possessa". O marido acompanhava-a e entrou só com ela no pátio da casa paroquial, para onde os acompanhou o P. Vianney. Entretanto, Pedro Oriol e um grande número de forasteiros ficaram de pé junto à porta. No momento em que aquela mulher saiu livre e contente, "ouviu-se um ruído no pátio, semelhante ao de galhos de árvores violentamente quebrados. Foi tal o estrépito que os presentes ficaram aterrorizados. Ora, acrescenta o Sr. Oriol, quando entrei em casa, depois da oração da noite, vi que os sabugueiros estavam intactos".

Houve outra infeliz que não foi possível levar até à igreja, tal a resistência que opunha e a repulsa que mostrava pelo Cura d' Ars. Chamaram o Santo para que fosse a casa onde se hospedava, mas isso durante a ausência dela. Ele esperou que a trouxessem para uma sala contígua. Naturalmente a pessoa não estava inteirada de

coisa alguma. De repente, ao aproximar-se da casa, a mulher foi agitada por violentas convulsões. "O padrego não está longe", dizia uivando. Desta vez também o Santo desempenhou o seu papel libertador.

Em fevereiro de 1840, quase pelo meio-dia, aconteceu uma coisa fantástica no próprio confessionário do P. Vianney. Uma mulher vinda das imediações de Puy-en-Velay, na qual, a princípio, nada de estranho se podia notar, ajoelhou-se aos pés do Santo. Naquele momento, umas dez pessoas, entre elas Maria Boyat e Geneveva Filliat de Ars, estavam juntas, perto da capela de S. João Batista, aguardando a vez de se confessarem. Sem nada ver, ouviram tudo. Como a mulher estivesse calada, o Santo lhe dava pressa para que se acusasse de suas faltas. De repente ouviu-se uma voz acre:

— Não cometi senão um só pecado, e faço participantes deste fruto a todos quantos quiserem... Levanta a mão e absolve-me. Ah!

Tu a levantas muitas vezes para mim, pois estou freqüentemente junto de ti no confessionário.

— Tu quis es? (Quem és), perguntou o Santo.

— *Magister Caput* (Mestre Cabeça, quer dizer, um chefe), respondeu o demônio — e depois repetiu a resposta em francês.

— Ah! sapo negro, quanto me fazes sofrer. Sempre dizes que queres ir embora; por que não vais?... Há outros sapos negros que me fazem sofrer menos do que tu.

— Vou escrever a Monsenhor para que te faça sair. — Sim, mas eu farei que trema a tua mão para que não possas escrever... Eu te possuirei. Tenho ganho a outros mais fortes do que tu. Ainda não estás morto. Se não fosse esta... (Com uma palavra repugnante e grosseira se referia a Virgem) que está aqui em cima, já te possuiria: mas ela te protege com este *grande dragão* (S. Miguel) que está à porta da igreja... Dize-me por que te levantas tão cedo~ Desobedeces ao *veste roxa* (a teu bispo). Por que pregas com tanta simplicidade? Por isso és considerado como ignorante. Por que não pregas pomposamente, como se faz nas cidades?

As invectivas diabólicas continuaram por alguns minutos, referindo-se ele sucessivamente ao bispo de Belley, Mons. Devie, e ao bispo de Puy, Mons. Donald, que se achava em vésperas de ser nomeado arcebispo de Lião; a diversas categorias de sacerdotes e finalmente de novo ao Cura d' Ars. O Espírito do Mal, que sempre acha algo a repreender na vida de cada um, viu-se obrigado, mau grado seu, a proclamar a impoluta virtude do servo de Deus, como aconteceu com Cristo no Evangelho.

O Cura d' Ars, cujo olhar penetrava o mundo do mistério, mostrou grande severidade para com os que praticavam o espiritismo e o ocultismo. "Quem é que faz rodar ou falar as mesas? perguntava um dia a uma desventurada energúmena que injuriava os transeuntes na praça do povoado. "Sou eu, respondeu a mulher que o espírito atormentava... Tudo isso é obra minha". O Cura d' Ars achou que naquele dia o infernal enganador tinha dito a verdade.

O conde Júlio, de Maubou, que possuía uma propriedade em Beaujolais, perto de Villefranche, mas que passava em Paris uma parte do ano, gostava de visitar o P. Vianney. Era seu penitente e amigo.

Isso era pelo ano de 1850. Naquele tempo – a história é um perpétuo recomeçar – estavam muito em moda os espíritos, os médiuns e as mesas giratórias. Na alta sociedade parisiense, e até em famílias crentes e praticantes, entregavam-se a esses passatempos reputados de bom-tom. O conde Maubou, convidado para um serão em casa de uns parentes, não achou conveniente declinar o convite. E tomou parte em diversas experiências. Sob seus olhos desenrolaram-se os fenômenos habituais: A mesa levantou-se e respondeu batendo no assoalho. Dois dias depois, o nosso cavalheiro, retomando o caminho de Beaujolais, dirigiu-se para Ars, muito contente por ir ver o seu venerável e santo diretor. Precisamente no momento em que chegava, o P. Vianney aparecia no portal da igreja. Sorrindo, estendendo a mão, o Sr. Maubou dirigiu-se para ele. Dolorosa surpresa! Sem quase retribuir a saudação, detendo-o com um gesto, disse-lhe em tom triste e severo: “Júlio, alto lá. Anteontem V. teve comércio com o diabo. Venha confessar-se”.

Assim o fez docilmente o jovem conde e prometeu jamais tomar parte em uma diversão de tal modo qualificada e condenada.

Algum tempo depois, de volta a Paris, encontrou-se em outro salão. Pediram-lhe que os ajudasse a fazer girar uma mesa. Sem mais rodeios recusou e mostrou-se inflexível. Os convidados decidiram afastar-se um pouco e o escrupuloso conde ficou só no seu canto. Mas ao mesmo tempo no interior da alma protestava contra tal brincadeira. A resistência da mesa foi tal, e tão inesperada, que o médium só teve que dizer: “Não entendo nada. Deve haver aqui uma força superior que paralisa a nossa ação”.

Pela mesma época o Sr. Carlos de Montluisant, jovem capitão que morreu general de divisão retirado em seu castelo de Mansane (Drone), pode confirmar se de fato o P. Vianney conhecia ou não algo dos mistérios do além. Tendo ouvido falar das maravilhas de Ars, resolveu com outros três oficiais examinar minuciosamente o que lá se passava. Pelo caminho, os amigos combinaram que cada um faria uma pergunta ao P. Vianney. O capitão Montluisant manifestou sem rodeios que “não tendo nada a dizer, nada lhe diria”.

Chegada a hora da entrevista, entrou na sacristia atrás de seus companheiros e bem decidido a manter-se calado, quando um deles, apresentando-o ao Cura d’ Ars, disse: “Sr. Cura, eis aqui o Sr. Montluisant, jovem capitão, de futuro, que deseja fazer-lhe uma pergunta”. Pego desprevenido, manteve-se, assim mesmo, em atitude correta e com certo acento de mofa disse: “Vejam, Sr. Cura, estas histórias de diabruras que dizem a respeito de V. Revma., são irreais, não é verdade?... São coisas da imaginação?... O P. Vianney olhou fixamente os olhos do oficial e depois deu a resposta breve e incisiva: “Ah! meu amigo, você já sabe algo sobre isto... Sem o que fez não o teria podido descobrir”. O Sr. Montluisant guardou silêncio, com grande admiração de seus companheiros.

No caminho, de regresso, teve que explicar-se. Ou o Cura d’ Ars tinha falado ao acaso ou... Mas que havia passado? O capitão foi obrigado a confessar que, estando em Paris cursando seus estudos, se tinha filiado a um grupo, na aparência filantrópico, mas que na realidade era uma associação de espíritas. “Certo dia, disse ele, ao entrar no meu quarto, tive a impressão de que não me achava só. Inquietado por uma sensação estranha, olho e busco por todos os cantos. Nada. No dia seguinte, o mesmo... Demais, parecia-me como se uma mão invisível me apertasse a garganta... Eu tinha fé. Fui buscar água benta em S. Germano l’ Auxerrois, minha paróquia. Aspergi o quarto por todos os cantos e recantos, e a partir daquele momento cessou toda impressão duma presença preternatural. Depois não pus mais os pés em casa dos espiritistas... Não duvido que o Cura d’ Ars aludisse a esse acontecimento já distante”.

Nenhum comentário se seguiu a esta explicação. Os oficiais mudaram de assunto.



À medida que o Cura d’ Ars envelhecia, as obsessões diabólicas iam diminuindo em número e intensidade. O espírito do mal, que não pode desalentar aquela alma heróica, acabou por desanimar-se a si mesmo. Pouco a pouco foi deixando a luta, ou melhor, Deus quis que uma existência tão bela e tão pura, aparentemente tão tranqüila, porém na realidade tão aflita, se extinguisse numa paz profunda.

Desde 1855 até à morte, o P. Vianney não foi mais importunado de noite pelo demônio. E não obstante, o sono se lhe tornara quase impossível. Na falta do diabo uma tosse persistente era o bastante para mantê-lo acordado. Apesar disso, continuava a passar horas intermináveis no confessionário. “Contanto que durante o dia durma uma ou meia hora, posso recomeçar o meu trabalho”. Essa hora ou meia hora, passava-a no seu quarto depois da refeição do meio-dia. Estendia-se sobre uma enxerga e procurava adormecer. Esse foi o tempo de que algumas vezes se aproveitou o demônio para ainda inquietá-lo. A senhorita Maria de Lamartine esperava certo dia, em companhia do Sr. Pagés, que o P. Vianney saísse de casa. Tinha passado mais ou menos 1 hora depois da refeição. “De repente ouvimos uns gritos e gemidos. É o diabo, disse-me o Sr. Pagés, que faz das suas e o bom do Sr. Cura está disposto a enviá-lo para o seu lugar”.

Finalmente, o maligno espírito não voltou mais e o Cura d’ Ars viu-se livre sem saudades de um *camarada* de tal jaez. Na agonia o demônio não o perturbou, como se tem visto com outros santos. Ainda antes de terminar a provação terrestre, o Cura d’ Ars tinha infligido a Satanás uma derrota definitiva.

## A Peregrinação de Ars:

### I. As origens de Santa Filomena

*Os humildes começos de uma fama mundial – Depois da Missão de Trevoux – O atrativo que arrasta as multidões para Ars – Os primeiros rumores de milagres – A sombra da querida Santa Filomena – A breve história de “Filomena” – A celeste amiga.*

Que um homem em vida seja visitado em peregrinação, que as multidões acudam a venerá-lo como a uma relíquia, é um fato muito raras vezes presenciado, é uma reprodução do ocorrido com os *Padres do deserto*, na distante Tebaida. Durante 30 anos, a humilde aldeia de Ars foi testemunha de uma tal maravilha: multidões, que sem cessar se renovavam, caíam de joelhos aos pés dum santo. De 1827 a 1859 a igreja não esteve um momento vazia.

Não obstante “foram pessoas humildes e devotas, e não outras as que começaram a divulgar-lhe a fama. Esses rumores encontraram eco, mais tarde, junto às pessoas mais graves, por seu caráter, idade e posição”. O P. Vianney deixara em Dardilly, seu povoado natal e em Ecully, onde fora coadjutor por espaço de três anos, “uma recordação de santidade”. Várias pessoas desses povoados começaram a ir a Ars desde 1818 e foram chegando outras de Noës, que caminhavam 100 quilômetros para ver novamente o Sr. *Jerônimo*, agora convertido em sacerdote e pároco. A maior parte fez sob sua direção os exercícios espirituais. Três ou quatro acabaram por se estabelecer definitivamente em Ars. Desde então a reputação do pároco Vianney não fez mais do que propagar.

– Em 1822, conta Mons. Mermod, estava eu como professor no Seminário Menor de Maximieux. O pároco Vianney veio um dia visitar o P. Loras, seu antigo discípulo e então superior da casa. Atravessou o nosso pátio de recreio e dirigiu-se imediatamente à capela para adorar o SS. Sacramento; depois, visitou o superior. Quando apareceu no pátio, um aluno que o conhecia, Antônio Raymond, seu futuro auxiliar, exclamou: “É o Sr. Cura d’Ars!” Logo cessaram os jogos e todos os olhares se fixaram nele.

Antonio Raymond, que era de Fareins, tinha então 16 anos. Ouvira falar do Cura d’Ars em sua aldeia natal. Os ataques pérfidos e violentos de certos moradores de Ars, e os elogios de outros, não puderam deixar de ecoar nos povoados vizinhos. Todos desejavam conhecer um cura de quem tão bem ou tão mal falavam os

paroquianos. Quem não estivesse corrompido até à medula facilmente adivinhava de que lado estava a verdade e a boa fé.

Trévoux, sede da comarca de Dombes, não tardou em formar sobre o Cura d'Ars o mais favorável conceito. Já temos visto, durante a missão geral de 1823, os três quartos dos penitentes assediarem o seu confessor. O mesmo ocorreu em 1826, por ocasião do jubileu universal concedido pelo papa Leão XII. Os sacerdotes de Savigneux, Montmerle, de Saint-Trivier, de Chaleins, de Saint-Bernard e outros a quem o Cura d'Ars ajudara no ministério das confissões e pregação, surpreendidos com o êxito, não podiam deixar de proclamar a sua grande virtude. Não calcularam, porém, que nas vésperas das grandes festas, e ainda com mais freqüência, pessoas de suas paróquias e das mais notáveis, fariam viagens a Ars para pedir ao pároco Vianney que continuasse a dirigí-las.

Chegou a época em que começou a afluir gente de longe em busca das luzes do santo varão. "Neste ano, diz Mons. Mermod, fui nomeado Cura de Chaleins. Por toda parte falava-se da santidade do P. Vianney. Muitas pessoas da minha paróquia iam confessar-se com o servo de Deus. Devo dizer que edificavam a todos". Em 1827, conforme refere João Pertinand, Ars via chegar todos os dias uns 20 forasteiros. Durante a oitava do Corpo de Deus, a jovem condessa Laura de Garets passava sua primeira temporada naquele velho castelo que haveria de habitar definitivamente em 1834. Cada tarde, assistia à "bênção". A pequena igreja de Ars, escrevia ao Sr. de Colombier, seu pai, está "cheia de fiéis, entre os quais se acham muitos forasteiros... As paredes cobertas de cortinados e bandeiras; no tabernáculo resplandecem decorações douradas; a custódia é radiante de pedraria; há uma multidão de velas, e um sacerdote macerado pelos jejuns e vigílias que pronuncia com voz apagada uma oração na qual externa o seu amor. Tal é o interessante quadro, concluía a piedosa dama, que se nos oferece todas as tardes".

Sabemos, por testemunho dos antigos, que "a peregrinação em 1828 já era muito numerosa". No ano seguinte o Cura d'Ars já era o prisioneiro das almas; só a morte o livraria de tão santa escravidão.

P. Viermod, Cura de Chaleins, ia visitá-lo de vez em quando. "O seu anjo, disse um dia o P. Vianney, lhe inspirou o bom pensamento de vir me visitar". O outro lhe respondeu: "Parece que o seu anjo jamais lhe inspira a me pagar as visitas. – Não posso, estou todo o dia preso".

Nem todos iam a Ars para confessar-se; a curiosidade teve naquele movimento alguma parte. Porventura não se dizia que o Cura d'Ars lia nos corações e fazia milagres? Assim, pois, num rincão da França havia um verdadeiro santo. Para contemplá-lo movimentavam-se as turbas. Tem-se dito que mesmo os "homens incrédulos" sentem uma necessidade tal de santidade que correm para ela desde que a percebam. Mas a graça de Deus tem mais de um caminho para insinuar-se nos corações. Muitos foram os curiosos nos primeiros tempos, porém não poucos voltaram confessados e convertidos. Além disso, se havia pecadores que se sentiam arrastados

para Ars por um atrativo que eles mesmos não sabiam explicar, havia outros que acorriam com a esperança de encontrar aos pés do Santo a coragem para confessar suas misérias e o remédio para curá-las.

"Sr. Cura, lhe disse ingenuamente Catarina Lassagne, os outros missionários correm atrás dos pecadores mesmo por terras longínquas, mas aqui os pecadores correm atrás de V. Revma". E ele, sobrenaturalmente deliciado com essa constatação, respondeu no mesmo tom: "Quase é verdade". Muito cedo teve disso provas evidentes, principalmente numa noite de 1828 ou 1829.

Acabada a oração da noite na igreja, o Cura d'Ars subiu para seu quarto. De repente um baque vigoroso sacode a porta do pátio. Depois de duas ou três sacudidas, cada qual mais violenta, o Cura se decide a descer e abrir a porta. Um carroceiro esperava-o. Deixara os cavalos diante da escadaria da igreja. "Vinde, lhe diz, é um assunto delicado; quero confessar-me e já".



Em que época se começou a atribuir poder milagroso ao pároco Vianney? Sem dúvida alguma, foi com os primeiros prodígios de Ars – a multiplicação do trigo e da farinha, – que tiveram lugar pelo ano de 1830 e foram logo conhecidos pelos moradores e depois pelos peregrinos que acudiam já em grande número. O ruído que despertaram esses fatos miraculosos e extraordinários molestou o jovem pároco: temia que a ele atribuissem a glória.

Logo apareceram entre a multidão pessoas débeis e enfermas. Muitos, depois de se terem encomendado às orações do Cura d'Ars, obtiveram algum alívio para suas dores, ou até mesmo à cura. Naturalmente, falava-se disso. "Mas, conforme disse o Prof. Pertinand, o P. Vianney recomendava o silêncio e a gente temia desgostá-lo, publicando as graças alcançadas. Não foi assim, porém, depois que se introduziu na paróquia o culto de S. Filomena. O servo de Deus começou a atribuir à Santa toda a glória das maravilhas que ali se realizavam e gostava ainda de proclamá-las... Atribuíra a ela todos os prodígios que fizeram célebre a peregrinação de Ars. Graças a ele, o culto da jovem Santa se estendeu rapidamente não só pelas comarcas vizinhas mas por todo o resto da França".

É de fato muito provável que se o Cura d'Ars não tivesse proclamado por espaço de 30 anos seus louvores, S. Filomena não teria alcançado o imenso renome que alcançou entre nós no século XIX. Antes de 1830 bem pouco se falava nela. Somente em 1802, a 24 de maio, um operário ocupado em tirar os escombros de uma galeria, na catacumba romana de Santa Priscila, descobriu-lhe a sepultura: um *lugarzinho* escavado na parede de terra e fechado com três tijolos, em que se lia a seguinte inscrição, pintada com minio:

PAX TECUM FILÚMENA

Os ossos eram os de uma menina de 14 anos. Junto à cabeça encontrou-se quebrado em vários pedaços um frasquinho de barro que, sem dúvida, conteve algumas

gotas de sangue, o que a Igreja considera como uma das provas do martírio. Os restos de *Filúmena* foram trasladados para a *Custódia das santas relíquias*. Ali haveriam de permanecer como esquecidos até o mês de junho de 1805, data em que os recebeu um missionário de Mugnano, Francisco de Luca. Em Mugnano, pequena aldeia do reino de Nápoles, *Filúmena*, cuja chegada fora objeto de grandes festejos por parte de todo o povo, deu em seguida provas de sua valia por meio de estupendos prodígios.

Foi, portanto, pelo ano de 1815 que em França começaram a espalhar-se essas maravilhas. Os *Ben fratelli* ou Irmãos de São João de Deus, expulsos pela tormenta revolucionária, percorreram de cidade em cidade o território francês. Para atender às necessidades de suas obras se haviam convertido em verdadeiros mendigos e, enquanto pediam esmolas, cantavam os *louvores de S. Filúmena*. O superior deles, P. Mongallon, passou por Lião, onde recebeu hospitalidade em casa da rica família Jaricot.

O ilustre religioso, cedendo aos desejos de Paulina, que então contava 17 anos, deu-lhe uma relíquia que trouxera de Mugnano. Desta relíquia o P. Vianney obteve uma partícula. Assim foi que a jovem *Filúmena* entrou humildemente em Ars.

Ali havia de desempenhar duplo papel: Um público e outro privado. Não somente seria ela aos olhares da multidão a celeste taumaturga, cuja intercessão conseguiria qualquer milagre, mas entre ela e o Santo se estabeleceria um casto e misterioso amor: Ela seria "sua Beatriz, seu ideal, sua doce estrela, sua guia, sua consoladora, sua pura luz". Essa mística intimidade chegaria a ser tão viva e tão profunda que poderia ser descrita com estas linhas admiráveis:

– Desde o começo a querida santa correspondeu à afeição de seu servidor e os seus corações foram unindo-se cada vez mais até o ponto de criar-se entre eles, nos últimos anos, não já uma relação distanciada, mas um trato imediato e direto. Desde então aquele santo teve em vida com a bem-aventurada santinha uma familiaridade mais doce e mais íntima. Dum lado, consistia numa contínua invocação, e do outro no socorro sensível e numa espécie de presença real.

Este "amor ardente e quase cavaleiresco" não podia ficar oculto no fundo do coração. A turba de peregrinos, valendo-se disso, aproveitou os benefícios. Muitas vezes ao dia, do púlpito e do confessionário, na praça e na igreja, o P. Vianney aconselhava que se invocasse a *querida santinha*, "*seu cônsul, seu testa-de-ferro, sua encarregada dos negócios junto a Deus*".

Enquanto o afligiam a incompreensão e as contradições dos homens, enquanto o atormentavam as obsessões do inferno, vemos o Cura d'Ars, visitado e confortado por sua imortal amiga, conservar, até sob o peso da idade avançada, aquela alegria, aquele vigor moral, aquela juventude de coração que é o apanágio da eterna juventude dos eleitos.

## A Peregrinação a Ars:

### II. As contradições do Clero

*Traje descuidado e críticas – Consultas a um "ignorante" – Era "ignorante" o Cura d'Ars? – A ciência do sacerdote – "Vespas" entre os peregrinos – "Não sou eu quem lhes diz que venham" – Adversários transformados em admiradores – Uma carta malcriada e a resposta do Santo – As denúncias ao bispado – A investigação do vigário geral e as conclusões do prelado Os sentimentos unânimes do clero para com o Cura d'Ars.*

No grande movimento que arrastava as multidões para Ars, bem pouco fez o clero. Aos sacerdotes, ainda mesmo aos mais zelosos, parecia coisa estranha que se fosse consultar o cura de uma paróquia de 200 almas! "Não é homem como os outros", repetia a voz popular. Ah! sabiam eles. Seu porte externo bem revelava o que na realidade ele era: Um excêntrico que seria melhor portar-se convenientemente como os outros.

Sem dúvida, nos primeiros tempos, os colegas julgaram com severidade sua conduta e não viam em certas maneiras de agir mais do que o fruto duma originalidade afetada e sustentada por vaidade. Qualificavam de extravagante o que na realidade, tendo em conta a intenção, não era mais do que perfeição e santidade.

"O Sr. Cura, diz Joana Maria Chanay, a lavadeira do orfanato e da casa paroquial, gostava naturalmente da ordem e do asseio". A prova disso está em que "mudava frequentemente a roupa branca". Somente que esta verdade era ignorada pelo público. E "se o P. Vianney amava a limpeza, seu desalinho exterior o prejudicava um pouco". Voluntariamente, por espírito de mortificação e de humildade, trajava uma batina usada, um chapéu velho e uns sapatos remendados., que jamais haviam conhecido o uso da graxa.

"Mesmo nas conferências de eclesiásticos – as únicas reuniões a que assistia – se apresentava pobre e desprezível".

Entende-se facilmente que um exterior tão desleixado, cuja causa verdadeira ainda não era conhecida, desagradasse a todos os membros do clero. Os sacerdotes de Lião se tem distinguido sempre pela dignidade do porte. Os contemporâneos do Cura d'Ars julgaram repreensível o descuido que qualificavam de inconveniente.

Alguns o taxavam de avaro. Porventura não poderia, ainda que fossem poucos

seus rendimentos, procurar um traje mais decente! Outros acreditaram descobrir nele falta de senso comum. Outros ainda acusaram-no de hipócrita possuído dum secreto desejo de chamar a atenção.

Dai o menosprezo e as antipatias contra ele que se manifestaram em mais de uma ocasião por palavras e até por atos. Na conferência mensal, um pároco vizinho não se quis assentar ao lado dele por causa de não trazer chapéu mais conveniente. Também lhe diziam gracejos mais ou menos bem intencionados que ele aceitava com a maior jovialidade deste mundo. “Isso assenta bem para o Cura d’Ars, replicava... Quando se diz Cura d’Ars, se diz tudo”. A estes chistes que aceitava de bom grado, misturava-se algo de azedo. S. Excia. Mons. Devie em pessoa teve ocasião, ao menos uma vez, de notá-lo claramente. O bispo de Belley presidia um jantar de encerramento de missão na casa paroquial de Trévoux. Quis que o Pároco Vianney se assentasse a seu lado. Sem dúvida que naquela reunião tinha pretendido manifestar sua estima pelo humilde sacerdote em quem já começava a cevar-se a calúnia. Descobriera naquele pobre e humilde cura rural um atrativo que nada tinha de humano e que era resultado do exercício heróico das virtudes. Desde o princípio da refeição, um dos convidados permitiu-se murmurar em voz alta, a fim de ser ouvido: “O Cura d’Ars, que está ao lado do Sr. Bispo nem sequer tem uma faixa” (É de crer que por tolerância a faixa não era considerada naquela época como parte essencial do hábito eclesiástico). O prelado era considerada naquela época como parte essencial do hábito eclesiástico). O prelado escutava sem dizer nada e o Cura d’Ars calava. A resposta veio dum ancião do clero que interrompeu bruscamente a conversação. “O Cura d’Ars sem faixa vale mais do que outros com faixa”. “Muito bem dito”, exclamou o Bispo. E deixaram o Santo em paz.

O P. Vianney pareceu sempre insensível às recriminações que não atingiam mais do que a parte exterior: Desposara a pobreza e como S. Francisco de Assis e S. Bento Labre, trazia as insígnias dessa virtude. Mas outros ataques, que foram para ele pesada cruz, teve de sofrer da parte dos irmãos no sacerdócio. Passara horas amargas quando em Ars e nos povoados vizinhos a maledicência se enfurecia contra a sua reputação de ministro do Senhor, ministro austero e casto. Agora tentavam impedir as almas que se dirigiam para ele.

Seria desculpado na sua negligência (no vestir) se fosse um sacerdote sábio, desterrado por amor ao estudo, naquele rincão desconhecido do mundo. Mas seus colegas tinham boa memória: O Cura d’Ars era homem excelente, serviçal, zeloso, porém cursara teologia? Cinco meses, a muito custo, em Santo Irineu de Lião: um conhecimento quase nulo da língua latina; uma despedida na metade do curso; umas lições sem importância na casa paroquial de Ecully e como fecho, a última paróquia da diocese. Pobre Cura d’Ars! E iam consultá-lo tantos ingênuos! Que haveria de extraordinário na sua direção? Os mesmos conselhos – e inspirados por uma experiência mais longa no governo das almas – não os tinham ao seu alcance nas respectivas paróquias? “Não é mais perfeito do que nós”, assim se permitia dizer um dia na presença da senhora Cibeiins um eclesiástico, falando do P. Vianney. O contínuo movimento para Ars, que já tomava aparência de uma

ininterrupta peregrinação, convertia-se verdadeiramente em pedra de escândalo. Já era tempo de esclarecer aqueles simples de espírito. Era mister pois recorrer à autoridade superior.

Assim aconteceu. Muitos sacerdotes proibiram a seus paroquianos, sob pena de ser-lhes negada a absolvição, de irem a Ars. Outros fulminaram esta proibição do alto do púlpito. Alguns tomaram da pena para fazer ver ao prelado, o novo perigo que ameaçava tantas almas. E os acusadores, como disse Catarina Lassagne, “criam, sem dúvida, terem razões fundadas para isso”.

Todas “essas razões”, afinal de contas, ficavam reduzidas a uma só: a incapacidade do P. Vianney. Parece-nos indispensável, no ponto em que chegamos desta história, fazer luz de uma vez por todas sobre a pretendida ignorância do Cura d’Ars. Aqui, com efeito, há uma lenda a destruir. Concedemos de antemão que nosso Santo jamais se sentiu inclinado ao que se costuma chamar simples *curiosidade literária*. Durante sua vida sacerdotal nunca leu nada por mero passatempo, nem mesmo jornais. Os *Anais da propagação da fé* foi o único periódico que leu. A maneira como cursou os estudos na infância e na juventude, agitados, interrompidos, turbados tantas vezes, reiniciados com tão heróica constância, teve repercussão em toda a sua vida. Foi vítima de tão adversas circunstâncias. É impossível permanecer sem prejuízo num estado de estancamento intelectual até os 20 anos. Conheceu de nome, não resta dúvida, os grandes poetas, os grandes dramaturgos e oradores. Se em Ecully, na casa do P. Balley, percorreu algumas de suas obras, não lhe ficou, ao menos, na aparência, nenhuma recordação apreciável. Em todos os seus sermões não se encontra uma só citação profana.

Concedido isso, afirmamos que a insuficiência intelectual do Cura d’Ars foi bem exagerada. Neste ponto, levado por uma humildade que nos parece excessiva, forneceu por sua vez armas contra si mesmo. “Considerava-se muito ignorante”, escreve Catarina Lassagne. “Que quereis que vos diga, costumava repetir, eu não tenho estudos. O P. Balley tentou durante cinco ou seis anos ensinar-me alguma coisa. Perdeu o seu latim e não logrou meter-me nada na cabeça dura”. E exagerando mais encantadoramente acrescentava: “Quando me acho entre os outros sacerdotes sou como o *Bordin* (este era um idiota daquela comarca). Em todas as famílias há um filho mais rude que os irmãos. Pois bem, entre nós eu sou este filho”.

Na velhice, ao ver certo dia um retrato seu, mais ou menos parecido e que fora desenhado com pouca felicidade, dizia sorrindo: “Sou eu mesmo. Vejam como tenho um ar de idiota”.

Essa excessiva desconfiança em suas próprias luzes talvez teria paralisado, ou anulado de todo, o amor de Deus e do próximo, se não lhe tivesse exigido a sua ação mostrar-se tal qual era. E ainda algumas vezes, em seu ministério exterior, buscou modos de aparentar o contrário, temeroso de que se fizesse de sua pessoa uma opinião favorável. “No confessionário, diz a baronesa de Belvey, falava corretamente o francês (tive ocasião de experimentá-lo), ao passo que nas

explicações do catecismo deixava escapar alguns erros, sobretudo quando no auditório havia pessoas mais instruídas”.

Realmente, se consideramos sua tenacidade no trabalho, seu espírito observador, a frescura da imaginação, o fino e o atilado das observações, o P. Vianney posto em circunstâncias normais teria feito bom curso de humanidades. Essa dama da alta sociedade que acabamos de mencionar, pessoa grandemente espiritual e que conhecia bem o Cura d' Ars, dele ainda dizia: “Não possuía o que na linguagem comum se chama gênio; tinha porém em sua inteligência muita distinção e clareza. Ouvi-o dizer coisas, refere Catarina Lassagne, que jamais tenho ouvido em outra parte, nem lido em livro algum”.

A preparação tão árdua, mas tão pessoal dos sermões produzia os seus frutos: todo mundo admirava-lhe no púlpito a exatidão da doutrina. Exigia a mesma exatidão dos sacerdotes que convidava para pregar. Em certa ocasião, não teve receio de advertir diretamente a um pregador por ter feito uma descrição muito fantasiada do purgatório.

Até o fim da vida, considerou um dever rigoroso repassar os seus autores. Sem dúvida, quando a afluência de peregrinos o aprisionava no confessionário, deixava os livros, mas quando a má estação lhe permitia ter uns momentos livres, entregava-se ao estudo todas as noites. “O P. Raymond, seu primeiro coadjutor, diz: “Eu mesmo lhe arranji os *Exames de Valentim* e a *Teologia moral* de Gousset. Repassava-os todos os invernos”.

Lentamente e com o suor de seu rosto, foi assimilando a substância da Teologia. Sobre a Eucaristia, sobre a utilidade e a grandeza do sacerdócio católico, sobre a mediação da Virgem Santíssima tem idéias profundas, luminosas e dignas às vezes dum Padre da Igreja... Podemos exigir-lhe mais? Possuía a ciência própria dos sacerdotes., a exigida pelo dever profissional. E justamente, as almas iam procurar junto dele algo mais elevado e de uma outra ordem que a ciência humana.

Afora a ordem dos conhecimentos adquiridos com o estudo, a inteligência dos santos possui luzes que só se explicam pela intervenção do céu. “No Cura d' Ars há santidade, diziam diante de um doutor de filosofia. Há santidade e nada mais”. O outro respondeu: “Há nele grandes luzes. Das suas conversações jorra luz sobre todos os assuntos. Como bem se vê, tudo isso são prodígios do Espírito Santo. A que altura de senso e de discernimento nos eleva a fé...”

O mesmo pensamento expressa de modo muito feliz uma alma cândida que não fazia profissão de filosofia, Catarina Lassagne: “O Sr. Cura, escreveu ela, era tão pequeno, tão aniquilado a seus próprios olhos, que o Espírito Santo se comprazia em enchê-lo com abundância de luzes admiráveis”.

“Um sacerdote instruído, meu amigo, contava o P. Cirilo Faivre, missionário de S. Cláudio, assegurou-me que, tendo recorrido ao P. Vianney para resolver um caso de teologia dos mais complicados, não pode sair do pasmo ante a facilidade com que o servo de Deus lhe deu a solução exata”.

A chave deste enigma dá-nos o próprio Cura d' Ars quando diz em seu catecismo: “Os que são guiados pelo Espírito Santo tem idéias exatas. Eis por que há tantos ignorantes que veem mais longe do que os sábios”.

Esta é a verdade. Mas o espírito de Deus age no mais íntimo da alma sem brilho exterior, sem precipitação nem violência. Pois bem, o P. Vianney conservou por muito tempo, para muitos de seus colegas, a reputação de incapaz, devida aos seus notáveis fracassos do passado. Enquanto alguns sacerdotes mais inteligentes se compraziam em repetir o que a humildade do Santo só podia calar, outros, em troca, não quiseram ver mais do que um ignorante e duplamente audacioso. Decidia sobre certas vocações contra todas as aparências e resolvia com facilidade os casos mais escabrosos da casuística. A uns penitentes tratava com grande indulgência, a outros, pelo contrário, com excessiva severidade. Ninguém podia compreendê-lo... Todas essas coisas, que se murmuravam nas casas paroquiais não possuíam outro fundamento que o simples *diz-se*, pois é de crer que os críticos do P. Vianney não tinham a polidez de o consultar ou confessar-se com ele. Mas acontecia que pessoas pouco conscienciosas interpretassem mal suas respostas, fazendo-o dizer coisas em que nunca havia pensado.

Quem eram essas pessoas! “Cabeças exaltadas” ou simplesmente cabeças fracas, escrupulosas, penitentes sempre insatisfeitos com a direção que recebiam, porque não calhava com a fantasia de cada um. Essas mulheres deslizavam por entre os peregrinos de Ars como as vespas ao se misturarem com as abelhas. Jamais o Santo repeliu com dureza pessoa alguma; apesar disso, não pode contentar a todos. Com certas pessoas sempre foi breve e as despedia com as advertências apropriadas.

Todavia foi mais além sua prudência. Prevendo as importunações chocantes ou ridículas, chegou a negar audiência a algumas. “Livrai-me dessas pessoas, dizia com voz calma, àquela que cuidava, da ordem. Que a mandem retirar-se; é digna de compaixão”.

Qual não foi a dolorosa surpresa do santo diretor, quando chegou a seus ouvidos o eco das queixas e murmurações! “Pobre curazinho de Ars, gemia, quantas coisas lhe fazem dizer e fazer... É sobre ele que se prega atualmente e não mais sobre o Evangelho”. Começaram a chover cartas, na maioria anônimas, “nas, quais era reprimido o seu zelo intempestivo e o modo de atrair para sua igreja mulheres sem juízo que fariam melhor ficando nas respectivas paróquias”.

Esse também era o parecer do P. Vianney, “mas porventura sou eu, replicava ele, quem pede que elas venham!”

— Dizem que V. Revma. é um santo, lhe escrevia em nome de muitos de seus colegas um sacerdote que prudentemente se esquivou de por a assinatura: entretanto, nem todos que vão ter com V. Revma. voltam convertidos. Faria muito bem em moderar seu zelo mal entendido. Do contrário nos veremos obrigados, ainda que com pesar nosso, a chamar a atenção do Sr. Bispo.

O acusado respondeu diretamente ao autor da carta, traído pela própria letra:

– Sr. Cura, agradeço-lhe sinceramente os carinhosos avisos que se dignou dar-me. Reconheço minha ignorância e minha incapacidade. Se as pessoas das paróquias vizinhas não se converteram depois de terem recebido de mim os sacramentos, tenho por isso muitíssima lástima. Se lhe parece bem, pode escrever ao Sr. Bispo que, segundo espero, terá a bondade de repreender-me... Peça a Deus, Sr. Cura, que, se lhe aprouver, eu faça menos mal e maior bem.

Tal resposta teve o resultado que deveria ter. “O autor da carta anônima apressou-se em escrever ao P. Vianney para se desculpar e dessa vez não omitiu a assinatura.

Assim foram caindo pouco a pouco todas as prevenções suscitadas contra o Cura d’Ars. Bastava alguém tratar com ele ou simplesmente conhecê-lo para render-se em seguida. “Um religioso que chegara ao povoado, tratando de *fanático* aquele a quem outros já chamavam *Santo*, partiu cheio de admiração por suas luzes e virtudes”.

– Conheci, conta a Baronesa de Belvey, o P. Toumier, que morreu como pároco de Ceyzériat. Tratava freqüentemente do servo de Deus, porém nunca o vira. Um dia veio a Ars. Apenas ouviu o Santo pregar, se desfez em lágrimas. A partir daquele momento não mais se atreveu, nem tolerou que alguém em sua presença dissesse alguma palavra contra o P. Vianney... Aconselhou uma vez, prossegue a baronesa de Belvey, a um dos contraditores do Santo, que depois de 16 anos ainda lhe era desafeto, a que viesse julgá-lo pessoalmente. Como estivesse em Ars de passagem, assistiu ao catecismo. Ficou tão impressionado que não soube como expressar sua admiração, e não ficou menos maravilhado com a grande multidão de gente que afluía para este povoado.

– Uma hoteleira de Ars contou-me, diz Catarina Lassagne, que certo sacerdote hospedado em sua casa viera para sondar o P. Vianney e que o tinha interpelado na sacristia, decidido a apertá-lo com suas perguntas, mas que perturbado com sua presença não soubera dizer mais nada. “Preguei diante de bispos, porém nunca me senti tão intimidado”, confessou depois.

Realmente, os ataques vivos e diretos que o P. Vianney teve de sofrer foram fatos isolados, ocorridos de tempos em tempos, tornando-se cada vez mais raros entre os anos de 1827 a 1840.

Quanto ao último na data, cujo eco chegou até nós, teve um desfecho por demais feliz. Vale a pena ser contado. O culpado, falecido em 1872, não poderá tomar a mal que lhe declinemos o nome. Demais, ele arrependeu-se humildemente; obteve o perdão e a amizade do Santo, tornando-se até um de seus mais fervorosos admiradores.

O padre João Luís Borjon, nascido em 1809, conseqüentemente 23 anos mais moço do que o P. Vianney, fora nomeado, em 17 de maio de 1837, Cura de Ambérieux-en-Dombes. Com a inexperiência da idade, contou-nos um de seus vizinhos, o P. Nicolas, então pároco de Saint-Trivier, possuía “umas maneiras bruscas, desenvoltas e um excesso de franqueza”.

Quando chegou à sua paróquia as viagens para Ars tornavam-se assíduas.

– Ars distava de Ambérieux apenas oito quilômetros. Esse êxodo quase não

interrompido para junto de um santo a quem ele não conhecia desagradou ao jovem Cura. O P. Borjon, por sua vez, esqueceu-se do Evangelho para *pregar sobre o Cura d’Ars*... Neste ínterim sobreveio uma complicação que ateou fogo na pólvora. Dando-se crédito ao P. Nicolas, de Saint-Trivier, “algumas pessoas de Ambérieux pensavam em organizar uma confraria e em recolher certas quantias para esse fim, sem licença do próprio pároco, mas sobre os auspícios do Cura d’Ars. Além disso, ele se achava indisposto com algumas devotas, pois sem que lhe tivessem dito a intenção, mandaram-no celebrar uma missa, para alcançar que ele fosse removido de Ambérieux, e substituído pelo Cura d’Ars. Por isso, num domingo, trovejou contra elas do púlpito. As reprimendas foram amargas. Entraram no assunto outras personalidades... Naturalmente, todos entenderam contra quem as filípicas eram dirigidas.

O Sr. Cura d’Ars não tardou em ter notícia do ocorrido. O pobre P. Borjon, exagerando tudo, investiu contra o Cura, atrevendo-se a escrever-lhe uma carta tão dura quanto injusta. Na carta lia-se o seguinte:

– Sr. Cura, quando alguém sabe tão pouca teologia como V. Revma, não se deveria sentar num confessional.

Esta carta não a leram olhos insensíveis. O pobre Cura d’Ars, talvez para distrair-se um pouco, foi comunicar sua mágoa a um paroquiano de quem era muito amigo, o velho Sr. Mandy. “Esta carta, disse o velho burgomestre de Ars, sem dúvida, vem de uma pessoa grosseira. Não há pois que dar-lhe importância.

– Ah! não, é de uma pessoa instruída”. E acabou por confessar que vinha das mãos de um sacerdote. “Mas, acrescentava, não me causaria nenhuma mágoa se soubesse que Deus não tem sido ofendido”.

Depois foi para o quarto, tomou da pena, e ele que quase nunca escrevia, achou no coração esta singela e sublime resposta, para o jovem sacerdote:

– Meu querido e venerável colega, quantos motivos tenho eu para amar V. Revma. V. Revma. é o único que me conheceu bem. Visto que é tão bom e se dignou interessar-se por minha pobre alma, ajude-me a conseguir a graça que peço de há tempo, a fim de que seja removido do meu cargo do qual não sou digno por causa de minha ignorância, e possa retirar-me a um canto para ali chorar a minha pobre vida.

Quanta penitência a fazer, quantas coisas a expiar, quantas lágrimas a derramar!...

A falsa humildade não fala desta maneira. Uma virtude adulterada ou simplesmente comum não encontra tais acentos. Para expressar-se assim é preciso ter beijado o crucifixo longamente, apaixonadamente. Os mistérios dolorosos da vida de Cristo eram a meditação habitual do P. Vianney, o que acaba de provar o tom desta carta. O P. Borjon comoveu-se tão profundamente que foi, o mais breve possível, prostrar-se aos pés do ofendido. O Cura d’Ars, que já tudo esquecera, abriu-lhe os braços e apertou-o ao coração.

Dali em diante, o Cura de Ambérieux mostrou-se digno de tal perdão. Muitas vezes ia a Ars para se edificar com os exemplos do santo Cura e receber seus conselhos. “Vi-o depois trabalhar, declarou o P. Borjon a Mons. Mermod, e mudei de parecer”.

Todos os anos levava os meninos da primeira comunhão para que o Santo de Ars os abençoasse. Nomeado em junho de 1852 Cura de Saint-André-d'Huiriât, o P. Borjon honrou-se em levar a *Causa* do servo de Deus o seu testemunho e jurar solenemente "ter por ele grande amizade, grande estima e uma grande admiração".



O Cura d'Ars não ignorava as denúncias formuladas contra ele diante de seu prelado. Mais de uma vez, alguns colegas amigos pediram-lhe que se defendesse. Ele, porém, sempre preferia calar-se e para explicar o seu silêncio contava uma anedota extraída de seu livro predileto: a *Vida dos Santos*.

– Um santo disse um dia a um de seus religiosos: "Vai ao cemitério e injúria os mortos". O religioso obedeceu e, ao voltar, perguntou-lhe o santo: "Que responderam? – Nada. Pois bem, volta, e faz-lhes grandes elogios". O religioso obedeceu novamente: "Que disseram desta vez? – Nada também. Eis replicou o santo, se te injuriam ou se te louvam faz como os mortos".

"Hoje recebi duas cartas, contava numa explicação de catecismo: Numa me dizem que sou um santo, na outra que sou um charlatão; a primeira nada me acrescentou, a segunda nada me tirou". Era depois da leitura duma missiva deste gênero que ele dizia "todo contente": "Eis aqui um que me conhece bem! Se fosse tentado de orgulho, teria com que me curar". O Cura d'Ars porém fez algo mais do que receber tais injúrias com essa sobrenatural filosofia. As perseguições dos colegas deram-lhe ocasião de subir mais um novo degrau na humildade. Ele mesmo assinou e enviou ao bispado uma carta de denúncia que por engano lhe caíra nas mãos. "A presente, disse ele, tem minha firma. Não faltarão provas convincentes".

Mons. Devie, que na verdade foi "um grande e santo bispo", era também o "homem menos capaz de se deixar enganar por falsas informações".

Não querendo resolver nada sem perfeito conhecimento de causa enviou para aquela localidade o cônego Ruivet, seu vigário geral. "Este severo zelador da disciplina, enérgico, até parecer rústico, ocultava sob sua palavra e suas aparências austeras um coração bom e compassivo, que só desejava encontrar pretextos para ser indulgente". Com respeito ao P. Vianney bastou-lhe ser justo. O Cura d'Ars fez-lhe ver que o povo acorria sem que ele chamasse a ninguém; e uma vez diante dos penitentes, resolvia conforme os ditames da própria consciência; que o cargo de diretor de almas, por causa de sua ignorância e miséria, pesava duramente sobre seus ombros; que por isso já havia solicitado a Monsenhor: que o livrasse desse cargo.

Só um santo pode conceber tais esperanças. Acreditou sinceramente que as investigações feitas a propósito de sua pessoa determinariam o prelado a permitir-lhe que se retirasse. Foi porém "muito grande a decepção quando ouviu que o P. Ruivet, não se dando conta da sua presença, dizia a um dos entrevistados: "Se as denúncias fossem verdadeiras não se encontrariam aqui tantos peregrinos e entre eles religiosos

e sacerdotes". Depois disso, o vigário geral não pôde informar senão favoravelmente a Mons. Devie.

Mais tarde, para estar melhor informado, o prelado "ordenou ao Cura d'Ars submeter ao conselho do bispado os casos de consciência mais difíceis que se lhe oferecessem no exercício de seu apostolado e a solução que ele julgasse conveniente. O bom do Cura submeteu-se de boa vontade a esta prova, e durante alguns anos enviou mais de 200 casos de consciência. De um exame minucioso resultou para Mons. Devie que as decisões do Cura d'Ars "sempre eram exatas e seu modo de agir irrepreensível". "Um dia, refere a senhora de Garets, ousei dizer diante do Sr. Bispo de Belley que o Cura d'Ars era geralmente tido por homem pouco instruído. – "Eu não sei se ele é instruído, replicou o prelado. O que sei muito bem é que o Espírito Santo se encarrega de iluminá-lo". Tendo muitos eclesiásticos metido a ridículo o regime de vida pouco comum do pároco Vianney e tendo pronunciado a este respeito a palavra loucura, Mons. Devie se inteirou disto com lástima. "Senhores, disse aos sacerdotes reunidos por ocasião do retiro anual, eu desejaria para todo o meu clero um grãozinho dessa loucura".

Mons. Devie não precisou de dez anos para depositar sua confiança no Cura d'Ars. A 15 de setembro de 1832, de certo, durante o retiro pastoral, o Cura d'Ars pediu licença para poder confessar em Chaleins, onde havia de celebrar uma missão e também para absolver casos reservados. Não só o prudente bispo acedeu ao pedido do humilde sacerdote, mas acrescentou de próprio punho na folha do despacho: E também para toda a diocese.

A atitude tomada pelo prelado, referente ao Cura d'Ars, foi uma revelação e uma lição para os contraditores. Chegou o momento em que, deixando de lado algumas queixas sobre questões de teologia, o nome do nosso Santo provocou entre os colegas um concerto unânime de louvores. Todos os que se tinham impressionado com as falsas declarações viram desvanecerem-se os preconceitos desde que entraram em contacto com a aldeia d'Ars. "O clero das circunvizinhanças, bem conhecedor do Cura d'Ars, diz o conde de Garets, tinha-lhe grande afeto e estima". Os curas das paróquias mais afastadas, "que haviam duvidado da sua capacidade, terminaram mudando o próprio modo de pensar, e adquiriram grande confiança nas suas luzes".

Um só fato de caráter geral seria suficiente para demonstrar que os contrários ao Santo logo ficaram reduzidos a uma insignificante minoria.

A última vez que assistiu ao retiro do clero foi no ano de 1834, no Seminário Maior de Bourg. O Cura d'Ars foi inscrito por Mons. Devie na lista oficial dos confessores. Pois bem, foram tantos os sacerdotes que acorreram a ele que não encontrou um momento de descanso, nem para suas orações e meditações particulares, nem para seguir as instruções do pregador, "o que prova, conclui Catarina Lassagne, que já o consideravam como um homem de Deus".

## A peregrinação a Ars:

## III. O cura d'Ars confessor

*A caminho de Ars – Como se hospedavam ali – A porta da igreja – A espera interminável – Os turnos de favor – Os pecadores apanhados “no vôo” – Palavras que movem – Lágrimas que convertem – No confessionário dos homens – O grande milagre do Cura d'Ars: A conversão dos pecadores – O que o Santo exigia antes de absolver – Breves penitências medicinais – Relatório de algumas conversões.*

Durante 30 anos uma multidão de peregrinos, renovando-se sem cessar, desfilava pela igreja de Ars, cujos ladrilhos, sob os pés dos visitantes, se foram gastando e polindo como as pedras nas águas do mar que passam e repassam sem fim. E ninguém imagine que durante o inverno, quando o frio se faz sentir tão cruelmente na região de Dombes, houvesse na aldeia muito menos peregrinos que durante o tempo bom. De novembro a março o pároco Vianney não passava menos de 11 a 12 horas diárias no confessionário. Não saía da igreja, escreve Catarina Lassagne, porque a muito custo podia atender a todos. Os penitentes cercavam-no de tal maneira que ao sair levava consigo o roquete, pois se entrasse na sacristia para deixá-lo, teria que ficar ali”. E na margem do manuscrito de Catarina Lassagne o P. Renard acrescentou estas palavras: “A narração da diretora é conforme a verdade. Estive muitas vezes em Ars no verão, na primavera, no outono e mesmo no inverno. Fui testemunha de tudo isso”. A primeira vez que entrei na igreja de Ars, diz o P. Dufour, missionário de Pont-d’Ain, havia duas filas de penitentes que iam da capela da Virgem até a de S. João Batista. E essas duas filas nunca as vi interrompidas”. Era em 1851. – A concorrência de peregrinos, diz por sua vez J. Felix de Garets, irmão do burgomestre de Ars, foi sempre aumentando desde 1830 até 1845, data em que alcançou o seu apogeu. Naquela época chegavam diariamente a Ars de 300 a 400 peregrinos. Na estação de Perrache, a mais importante de Lião, abriu-se uma bilheteria especial, em caráter permanente para vender bilhetes com destino a Ars, sob a cláusula de serem validos por 8 dias. Era publicamente sabido que se necessitava desse lapso de tempo para se poder aproximar do P. Vianney, a fim de obter dele uma palavra ou a absolvição.

O incrédulo não sabendo que “a verdadeira história do mundo é a história da graça de Deus neste mesmo mundo”, talvez nada entenda dum tal empenho. Toda aquela multidão era de almas que caminhavam para o perdão, para uma região mais clara, para uma abnegação mais perfeita.

– A grande maioria dos visitantes, prossegue J. Félix de Garets, vinha movida pela fé, pela piedade ou pelo arrependimento. E se alguns curiosos se achavam entre eles, os indiferentes, várias vezes, também foram ganhos para Deus por um gesto, uma lágrima ou um olhar do venerável Cura. Essa multidão, formavam-na pessoas de todas as idades e condições: “Bispos, sacerdotes, religiosos, grande número de jesuítas e maristas, capuchinhos, recoletos, dominicanos”, nobres e plebeus, ignorantes e sábios, uns habituados a discutir os mais graves problemas, outros movidos unicamente pela simplicidade da fé. Entre os últimos, vi famílias inteiras de camponeses, que chegavam de carreta, vindas de províncias muito distantes e até mesmo das montanhas de Auvergne, para visitar o servo de Deus e fazer suas devoções na igreja de Ars. Das comarcas vizinhas tudo corria para ali a pé ou de carro, tanto pelas estradas reais como pelas vias navegáveis.

Conforme diz um morador do lugar, Francisco Pertinand, hoteleiro e cocheiro de Ars, em 1836, organizou-se um serviço trisemanal de carros entre Ars e Trévoux; outro diário, em 1840 entre Ars e Lião... Finalmente, conforme uma declaração do Sr. de Castellani, subprefeito de Trévoux, datada de 28 de junho de 1855, naquele ano “dois carro-ônibus faziam diariamente a viagem de Lião a Ars; outros dois combinavam duas vezes ao dia com a estrada de ferro de Paris a Lião, na estação de Villefranche; outro coche que ia de Vilars a Villefranche, estacionava no lugar das peregrinações”.

Durante o último ano que o Santo viveu (1858-1859), “o número de peregrinos, afirma Francisco Pertinand, chegou a 80.000, contando somente os que utilizavam os carros de serviço. Quanto ao número total creio que foi de cem a cento e vinte mil”. Naturalmente, não tendo a vila de Ars aumentado na proporção da sua fama, uma tal multidão se alojava como podia. Havia cinco casas decoradas com o pomposo nome de *Hotel!*, onde poderiam hospedar-se ao todo 150 pessoas. Os demais buscavam abrigo nas casas particulares, que não costumavam ser muito confortáveis. “Quando cheguei a Ars, em 8 de maio de 1855, conta Camilo Lenfant, todos os hotéis estavam superlotados. Cada um arranjou-se como pode. Quanto a mim? a Providência conduziu-me à casa da senhora Ricotier, pessoa cheia de fé e simplicidade. Mediante 2 1/2 francos por dia, deu-me casa e comida”.

Em maio de 1854, o bispo de Mirmingham ouviu contar “que os penitentes, em número de mais de 50, passavam toda a noite deitados na rua, e isto para poderem chegar antes ao confessionário ou por falta de lugar nas hospedagens”.

Jamais as multidões de Ars foram turbulentas ou desordeiras. Iam ali para ver um santo, para se confessar com ele, ou para cumprir alguma promessa feita a Santa Filomena. Um recolhimento, misto de esperança e confiança, parecia pairar por sobre aquela aldeia singular. Alguns entravam no humilde povoado como se entrassem num templo. Quando de longe avistavam o campanário de tijolos, muitos peregrinos se descobriam e se persignavam. A igreja, apesar de só estar fechada das 9 às 12 da noite, era inacessível: Em março de 1859, Jorge Seigneur, diretor do *O Cruzado*, precisou armar-se de paciência e só subir passo a passo a escadaria que vai dar à porta principal. “Os forasteiros permaneciam de pé no cemitério e nos becos vizinhos,

aguardando sua vez... Compravam medalhas e rosários para mandá-los benzer, e os, círios destinados a arder no altar de S. Filomena. Muitos, para se consolarem na sua espera, punham-se a contemplar os retratos do santo sacerdote e se entretinham com eles como as crianças com o retrato do pai”.

Os retratos do Cura d’Ars estavam expostos por toda parte: Nos mostradores das tendas, nos muros do cemitério e nos cestos dos vencedores ambulantes que circulavam entre os peregrinos.

Havia-os também de todos os tipos e tamanhos, desde a pequena gravura para ser colocada entre as folhas do devocionário até o quadro de Epinal, de vistosas cores, no qual apareciam pintadas, com mais ou menos imaginação, diversas cenas da vida do Santo. Como é de supor, a semelhança só era aproximada, pois o Cura d’Ars sempre negava a por-se diante duma máquina fotográfica. Pouco importa! Cada visitante de Ars queria levar o “retrato do Santo” como lembrança da peregrinação.



Por mais longa que fosse a espera, para encontrar lugar na igreja, os forasteiros, salvo raríssimas exceções, não desanimavam. Queriam a todo custo ouvir o Santo, e na maior parte o objetivo principal, senão único da viagem, era falar-lhe intimamente no confessionário.

Começava então uma nova espera. Devemos ter em conta que o “Cura d’Ars só empregava em cada confissão o tempo estritamente necessário”. Confessava durante 16 e às vezes 18 horas nos dias de festa e apesar disso a maioria dos peregrinos, sobretudo nos dez últimos anos, de sua vida, tinham que esperar durante trinta, cinqüenta, e mesmo setenta horas antes de poderem chegar ao feliz tribunal. “Acontecia,” às vezes que certas pessoas pagavam a algum pobre para reservar-lhes o lugar”. Nem todos porém tinham meios para isso, e permaneciam na igreja, que no verão era uma estufa e no inverno uma geladeira. As pessoas que desejavam sair sem perder o lugar arranjavam com os vizinhos ou com os zeladores da igreja para lhes guardar o lugar. Quando chegava a noite, era mister sair, pois se fechava a igreja. Então safam para fora e não querendo perder sua vez, passavam no vestibulo junto ao campanário as horas que mediavam entre o deitar e o levantar do Cura d’Ars. Sofia Gros, de Besançon, na velhice ainda se recordava de sua criada, Clementina Viney, que em julho de 1855 teve de esperar dois dias com o cesto das compras debaixo do braço para poder aproximar-se do confessionário. Em 1855 a senhora Luísa Dortan, do Hospital (Puy-de-Dome), que depois se tornou religiosa com o nome de Soror Maria de Jesus, tinha ido a Ars para consultar o Sr. Cura sobre a vocação. Esperou três dias consecutivos. Por fim, desesperada de não poder aproximar-se do confessionário, já se dispunha a voltar, com os olhos cheios de lágrimas, quando o Cura d’Ars, saindo da capela de S. João Batista, lhe disse: “Tens muito pouca paciência, minha filha; ainda não faz três dias que estás aqui e já queres partir? É preciso que esperes 15 dias. Vai rezar a S. Filomena para que ela te diga a tua vocação e depois vem ter comigo”. A jovem seguiu o conselho e ficou tranqüila.

Pela manhã, às nove horas, o Santo reservava algum tempo para os sacerdotes e religiosos. Ouvia-os ordinariamente num confessionário colocado atrás do altar-mor. “Viu-se ali um bispo, e era o diocesano, esperar a sua vez como os demais”.

Em algumas ocasiões, parecia que o Cura d’Ars chegava ao termo de seu trabalho; porém que chegasse ao ponto de poder descansar, não aconteceu um só dia. Esperança baldada! Uma tarde de maio de 1855, três religiosas e uma senhora, que acabava de perder o marido, desciam do carro de Francisco Pertinand e subiam apressadamente os degraus da igreja. O Cura d’Ars naquele momento saía do confessionário, depois de ter absolvido o último penitente. A nave estava vazia. A senhora enlutada apresentou-se ao Santo, o qual consentiu em ouvi-la. “Querem também as senhoras falar com o Sr. Cura enquanto está livre? perguntou alguém as três religiosas.

- Não; amanhã, responderam elas, pois agora temos que procurar acomodação.
- Oh! amanhã, lhe respondeu, amanhã talvez não se pareça com hoje.

“Realmente, conta uma das religiosas, a irmã Dorotéia da Providência de Vitteaux, houve no dia seguinte tal afluência de peregrinos que só a custo me aproximei do confessionário. Por fim pude falar com o Sr. Cura, pois vendo-me doente – ela “estava física e escarrava os pulmões” – fez-me passar antes da minha vez”.

Se na verdade o Cura d’Ars, quando sentado no seu tribunal de misericórdia, “não mostrava preferência por ninguém, fazia contudo exceções quando se tratava de seus paroquianos, de enfermos, dos delicados de saúde ou dos outros penitentes que não podiam esperar”. Neste ponto o dom de intuição, que Deus largamente lhe tinha concedido, guiava-lhe o olhar. “Ouvi dizer por um grande número de velhos peregrinos de Ars, refere o P. Cláudio Rougemont, coadjutor daquela paróquia em 1871, que o Cura d’Ars, os distinguia na multidão, e depois chamava-os ao confessionário ou à sacristia, porque, sem que os pudesse conhecer de outra maneira, vira com os olhos da alma que necessitavam de ir lá sem demora”. Era tal o ascendente do Santo, que estes privilégios raras vezes suscitavam murmurações.

Dizia ele ao Ir. Atanásio, quando este lhe transmitia as queixas: “Acusam-me de ser muito liberal para com certos peregrinos. Mas se deve tomar em conta o trabalho que se impõem para vir até aqui, e os gastos que a viagem lhes ocasiona. Há também alguns que vêm às escondidas e que apenas querem ser vistos. Esses, como é natural, têm pressa de regressar”. Uma mãe de 16 filhos conseguira encontrar um lugar no centro da nave. De repente o Santo saiu do confessionário e lhe disse: “A senhora tem pressa. Venha logo”.

Corria o ano de 1833. Margarida Humbert, de Ecully, casada com o Sr. Fayolle, depois de 15 anos de separação, visitou novamente o seu primo João Maria Vianney. Ele em pessoa recomendou as órfãs da *Providência* que a tratassem bem, pois ela lhe havia prodigalizado muitos cuidados durante os seus estudos”. “Antes de partir, conta Margarida, entrei na igreja e perguntei a mim mesma se devia ou não confessar-me com meu primo. Naquele momento alguém me veio dizer da parte dele que me estava esperando. Fiquei muito maravilhada, pois não era possível que me tivesse visto no lugar onde eu estava... Parti de Ars cheia de grande júbilo interior”.

“Certo dia, conta o Sr. Oriol, o servo de Deus confessava na sacristia. Subitamente aparece na porta e, dirigindo-se a mim, diz: “Meu amigo, chame uma senhora que está no canto da igreja. E me indicou como a encontraria. Não encontrei ninguém no lugar indicado. Volto para dizer ao P. Vianney. “Agora está diante de tal casa, apresse-se, replicou-me... Corro e alcanço a senhora que se afastava desolada por não ter podido esperar mais”.

Uma pobre senhora que, sem dúvida, por timidez, perdera duas ou três vezes a sua ocasião, permaneceu 8 dias em Ars sem se poder aproximar do P. Vianney. Finalmente o próprio Santo chamou-a, ou para melhor dizer, foi buscá-la conduzindo-a por entre a multidão até a capela de S. João Batista. Radiante de alegria, ela agarrava-lhe a batina ao passar por entre a ala que lhe iam abrindo”.

O servo de Deus sabia por experiência que a graça do céu tem os seus momentos, e que pode passar e não voltar mais. Assim, pois, quando chegava a ocasião, como vulgarmente se diz, colhia as almas “no vôo”.

Pelo ano de 1853, um alegre grupo de homens dirigia-se a Ars. Todos eram bons cristãos, exceto um: Um velho que se tinha posto a caminho “para contentar os moços”. Chegaram ao povoado às três da tarde. “Vão à igreja se quiserem, disse o nosso incrédulo ao descer do carro; eu vou tratar da refeição”. Afastou-se um pouco, parou... “Bem, diz ele, depois de refletir um pouco, irei com vocês. Será coisa de pouca demora”. Todos entraram na igreja. Naquele momento o Cura d’Ars saía da sacristia e passava pelo coro. Ajoelhou-se, levantou-se e voltando-se para trás, dirigiu o olhar para a pia de água benta como se procurasse alguém; fez um sinal com a mão. “E. a você a quem ele chama”, dizem ao incrédulo, atônito. Este, conta a religiosa a quem devemos esta narração, dirigiu-se para lá cheio de embaraço, e todos. nós ríamos interiormente, convencidos de que o pássaro caíra na esparrela. O Sr. Cura apertou-lhe a mão perguntando: “Faz muito tempo que o Sr. não se confessa?”

- Senhor Cura, faz uns trinta anos.
- Trinta anos, meu amigo. Pense bem... Faz trinta e três anos... Foi em tal lugar...
- Tem razão, Sr. Cura.
- Então confessemos-nos agora, não é verdade?”

Nosso velho companheiro disse que se sentia tão desconsertado ante este convite, que não ousava replicar; porém acrescentou: “Notei logo em mim um bem-estar indizível. A confissão durou vinte minutos e transformou-me”.

Muito curiosa foi a maneira como conquistou a outro pecador. Em 1840, um indivíduo chamado Rochette levou um filho enfermo ao taumaturgo de Ars. Acompanhava-o a mulher. Ela confessou-se e comungou, mas Rochette nada mais desejava do que a cura de seu filho. Fez várias visitas à Igreja, mas não passou além da pia d’água benta. Estava ali parado quando o Santo, aparecendo por detrás do altar, onde confessava os sacerdotes, se pôs a chamá-lo. Ele não se moveu... A mulher e o filho estavam juntos à mesa da comunhão. “É porventura tão incrédulo?” perguntou o Cura d’Ars à mãe. Finalmente, a um terceiro sinal, o homem decidiu-se a

se aproximar. “Antes de tudo, pensava ele, o Cura d’Ars não me comerá”; E foi com ele para trás do altar. O P. Vianney achou que não era ocasião de perder tempo. “Estamos aqui nós dois a sós, Sr. Rochette, e mostrando-lhe o confessorário, assentou-se. Ponha-se aí”.

– Oh! Sr. Cura, não tenho muita vontade...

– Vamos ver.

Impotente para resistir a um ataque tão inesperado, Rochette caiu de joelhos.

“Meu Pai, faz já bastante tempo que... uns 10 anos...

– Acrescente um pouco mais.

Doze anos...

– Ainda um pouco mais.

– Sim, desde o jubileu de 1826.

Isso, sim! Procurando se encontra”.

Rochette confessou-se como uma criança. No dia seguinte comungou ao lado da esposa. Quanto ao filho, diz um testemunho fiel, deixou na igreja de Ars as duas muletas já inúteis..

Deste modo, para muitas almas, o caminho de Ars foi o caminho de Damasco. O Santo, além das orações e penitências, valia-se de meios extraordinários para convertê-las. A princípio comovia com seus ardentes sermões, e depois quando Ihes falava de coração a coração no confessorário, bastavam poucas palavras para dar o golpe que aterra, mas que reergue. Finalmente, afora casos excepcionais, como por exemplo o de uma confissão geral, era muito expedito e fazia questão que o fossem. Em cinco minutos, dizia o Sr. Combalo, pus toda a minha alma dentro da sua”. Não andava com delongas complicadas. Colocado pela fé muito acima de todo o respeito humano, e esperando tudo de Deus, sabia quando convinha dizer aos homens fossem quais fossem as suas condições:”Isto não é permitido.

Quantas consciências melindradas com a espada de sua palavra deixaram escapar todo o vírus oculto que as envenenava!... “Conhecia o ponto onde devia dar o golpe, e raramente errava o alvo”.

“Se Deus não fosse tão bom, dizia ele entre suspiros... Ah. mas é. Pois bem: – Salva a tua alma!... Que desgraça perder-se uma alma que custou tanto a Nosso Senhor!... Que mal te fez Ele para que O trates assim desta maneira?”

“Ah. tem você um vício que o levará a condenação: o orgulho”, dizia o Santo confessor ao Sr. Valpinson, comerciante em Ferté-Macé O penitente o reconheceu e refletiu... Aquela palavra transformou-lhe a alma. Dali em diante levou vida de cristão humilde e dedicado.

Jamais recordava aqueles dias passados em Ars sem verter lágrimas. Para comover os grandes pecadores, o Cura d’Ars Ihes dizia à maneira de exortação esta simples frase, mas terrível nos lábios de um santo que lê o futuro: “Ah. meu amigo, você está condenado”. Frase curta, porém de grande alcance. Na verdade, o Santo

queria falar de um modo condicional. “Se você não evitar tal ocasião; se conservar tal costume; se não seguir tal conselho, condenar-se-á”.

Mas o efeito era o mesmo... “Eu, condenado?... Amaldiçoado por Deus... para sempre!... repetia ao sair do confessorário: Francisco Bourdin, de Villebois-en-Ain. Em 1856, por causa de uns maus negócios este pobre homem, de 35 anos, se acolhera desesperado em casa do sogro que morava em Ambutrix. Pregava-se providencialmente ali uma missão. Bourdin, apesar das instâncias da família, negava-se a assistir aos piedosos exercícios. Sua fé ainda não se tinha apagado de todo, mas pensamentos de desesperação o afastavam de Deus. “Quero confessar-me, disse ele, porém com um grande-confessor: com o Cura d’Ars”. E como encorajamento, depois de ter relatado sua miséria e pecados, ia receber a aterradora resposta: “Meu filho, estás condenado”. Essa ameaça foi para ele um brilhante raio de luz. Francisco Bourdin, convertido, mostrou-se até à morte fervoroso cristão.

Geralmente a direção de almas piedosas não custava muitas palavras ao P. Vianney. Mas ainda mesmo para com elas, usava de flechas, candentes que se cravavam nos corações para sempre, “Amai muito aos vossos padres”, disse, unicamente, ao Bispo de Langalerie ajoelhado a seus pés.

“Tive alguma negligência, quanto a isso, mas, em geral, tinha boa vontade, declarava-lhe o Ir. Atanásio ao se confessar. – “Oh! meu amigo, de boas vontades... o inferno está assoalhado”. E isso foi tudo.

O Dr. Amadeu, futuro superior geral dos Irmãos da Sagrada Família, acabava de se confessar com ele. “Oh! amai, amai muito a Deus”, exclamou juntando as mãos. E deu-lhe a bênção sem acrescentar mais palavra.

“Confessei-me com ele duas vezes, refere o P. Monnin. Cada uma das minhas acusações provocava nele um grito de fé, de compaixão e de horror pelas menores faltas: *Que desgraça* Sua palavra feria-me sobretudo pelo acento de ternura com que estava impregnada. Esta simples expressão: *Que desgraça!* revelava na sua brevidade a dor que sentia a sua alma”.

O P. Denis, sacerdote retirado em Neuville-sur-Saone, dirigia-se freqüentemente ao santo confessor. “Era muito breve, conta-nos esse padre, uma palavra de exortação e tudo estava terminado”.

Era a santidade do Cura d’Ars que comunicava força e eficácia às suas palavras, que em outros lábios podiam parecer banais; mas ele com que acento as pronunciava. Além disso, o Cura d’Ars tinha algo mais de irresistível do que as palavras: as lágrimas! Às vezes bastava para abrandar um coração endurecido, mostrar-lhe chorando um crucifixo colocado na parede. “Do confessorário partiam suspiros que escapavam sem querer e iam ferir os penitentes com sentimentos de arrependimento e de amor”. “Um dia, conta o P. Dubouis, cura de Fareins, que certos eclesiásticos duma diocese vizinha criticavam algumas normas diretivas do Cura d’Ars. Um juiz de paz, antigo penitente do servo de Deus, estava presente à conversa. “O que eu posso assegurar-vos, disse este, é que o Cura d’Ars chora; e a gente chora com ele; isso não acontece em toda parte”.

“Por que chora tanto, meu Pai? perguntava ao Santo um pecador ajoelhado a seus pés.

Ah, meu amigo, choro porque você não chora bastante”.

“Vários convertidos pelo Cura d’ Ars me tem manifestado, diz o P. Cirilo Faivre, também grande confessor, que ao ver o homem de Deus chorar sobre os pecados deles foi o que mais os impressionou”.

Não é pois de admirar, em vista disso, “que alguns penitentes se retirassem do confessionário com os olhos cheios de lágrimas e até soluçando e suspirando”.

Num canto da sacristia ainda hoje se venera uma rústica cadeira de braços altos, na qual o Santo ouvia as confissões dos homens. Aquele canto escuro foi testemunha de cenas muito emocionantes, pois foi ali onde mais almas se converteram, já que “o bom Cura tinha recebido de Deus, como afirma Mons; Devie, um dom especial para converter os homens”.

Estes, para obter audiência do Santo, punham-se o mais perto possível da sacristia e até no presbitério, onde lhes eram reservados alguns bancos. Não eram tão numerosos como as mulheres, pelo que não tinham de esperar tanto tempo até que chegasse a sua vez; tendo, apesar disso, que permanecer muitas horas na igreja. O Ir. Jerônimo, sacristão, diz o Ir. Atanásio, chegou até a contar 72, duma vez e eu mesmo vi um esperar seu turno desde às 5 da manhã até às 5 da tarde.

Várias guardiãs abnegadas foram estabelecidas entre as fileiras das mulheres. Do mesmo modo pôde-se organizar um serviço de ordem entre os homens, graças à boa vontade que nunca falta. Uns bons cristãos daquele tempo: – os Sr. Thebre, Oriol, Pagés Viret e outros – se iam revezando desde às 7 da manhã até à noite.

Um deles se colocava num dos genuflexórios postos ao lado da porta. Uma barra de ferro fechava a entrada. Cada vez que saía o penitente o guardião da hora introduzia o seguinte.

Sob as abóbadas da atual basílica um fresco de cores vivas evoca a lembrança daqueles dias já distantes, quando naquele canto escuro a graça operava tantas maravilhas. Ali estão homens de todas as categorias, procedentes de todas as partes da França, trazendo ainda nas vestes o pó de longas jornadas. Uns, movidos pela graça, acham-se dispostos a todas as confidências, a todas as reparações; outros encontram-se naquele lugar, impelidos pelos remorsos, a rogo duma esposa ou uma filha ternamente querida; alguns hesitam, retrocedem. Parecem dispostos a trilhar novamente o caminho do pecado... Ao número destes não pertence o libertino, que tendo ido a Ars, contra a sua vontade, deseja encontrar morto o venerável Cura... De repente na soleira da terrível porta debuxa-se uma branca figura: – Um ancião macilento, gasto pelas penitências, passeia sobre os que esperam um olhar em que parece concentrar-se toda a sua vida, vê a alma sobre a qual vai descer o perdão como a águia sobre a sua presa. O homem levanta-se. Atrás do Cura d’ Ars cerra-se a porta... Será o mesmo pecador que vai reaparecer? Não, mas um convertido, cujos

soluços lhe fazem arquejar o peito, e que, voltado para seus deveres, correrá a se lançar aos pés de Nossa Senhora de Ars que lhe estende os braços!



Diz-se que o grande milagre do Cura d’ Ars foi seu confessionário, assediado dia e noite. Com igual exatidão se poderia afirmar que seu milagre por excelência foi a conversão dos pecadores. “Eu mesmo fui testemunha de muitas e muito brilhantes conversões, assegura o P. Raymond. E eis aqui o melhor capítulo da vida do Cura d’ Ars: “Oh meu amigo, dizia-me freqüentemente, só no dia do juízo se saberá quantas almas encontraram aqui a salvação”. “No íntimo, refere Joana Maria Chanay, as curas milagrosas muito pouco o impressionavam. “O corpo é tão pouca coisa”, repetia ele. O que na verdade o enchia de alegria era a volta das almas para Deus.

E nesse ponto quantas ocasiões teve para se alegrar? “Perguntei-lhe certo dia, diz o Sr. Próspero de Garets, pelo número de pecadores que se tinham convertido durante o ano. “Mais de 700, respondeu-me”.

Assim se compreende a afirmação de um cura que tinha ido a Ars como peregrino: Meus paroquianos que vem confessar-se com o Cura d’ Ars voltam modelos. Quisera poder trazer-lhe toda minha paróquia”.

“O Cura d’ Ars, disse o P. Toccanier, tinha um dom particular para converter os pecadores”. Poderia dizer-se que os amava com todo o ódio que tinha contra o pecado. Detestava o mal e falava dele com horror e indignação; mas, tinha para com os culpados uma compaixão imensa e seus gemidos pela perda das almas partiam os corações: “Meu Deus, exclamava ele no seu quarto, num dia da quaresma de 1841, meu Deus, será possível que Vós sofrestes tantos tormentos para salvá-los e que eles se venham a condenar!... E nos catecismos dizia: “Que dor amarga eu sinto ao pensar que os homens que morrem sem amar a Deus!... Cada noite, durante a oração, apenas podia rezar, tal era o seu pranto ao pronunciar a frase: “Deus meu, não permitais que o pecador pereça... Ah! os pobres pecadores! Se eu pudesse confessar-me por eles!... Era preciso ouvir com que unção pronunciava estas palavras. Certo dia Marta de Garets ouviu-o, toda temerosa, conjurar do púlpito os ouvintes que se quisessem condenar, para que ao menos cometessem o menor número de pecados mortais, a fim de não aumentarem os eternos castigos... “Até o fim de minha vida recordarei aquele sermão sobre o juízo final, durante o qual repetiu muitas vezes: “Malditos de Deus!... Que desgraça!... Que desgraça!... Aquilo não eram palavras, eram gemidos que arrancavam lágrimas a quantos se achassem presentes”.

*Os pobres pecadores!...* Quando um deles se obstinava em não se render à graça, o Santo redobrava as suas orações e penitências. “Não me sinto bem, dizia ele humoristicamente, enquanto não estou rezando pelos pecadores”. Ao se aproximarem as grandes festas, e sobretudo durante o tempo pascal, impunha-se penitências extraordinárias. Foi o zelo pela salvação das almas pecadoras “que o levou a abraçar durante toda uma longa vida um ministério estafante, sem interrupção, sem

preocupação pessoal, sem descanso de nenhuma espécie, que o fazia levantar à meia-noite ou à uma da madrugada e sair da igreja muito tarde; que o condenou à privação de quase todo o sono e que apesar de tudo o manteve com uma paciência inalterável em meio das importunações, mais enervantes". Assim se expressa o Conde de Garets, burgomestre de Ars.

Entretanto, a doçura com que o Cura d'Ars acolhia os peregrinos nunca degenerava em fraqueza. Jamais lhes dava a absolvição sem estar bem seguro da sinceridade de seu arrependimento. É certo que até o ano de 1840 foi *rigorista*, como então o era a maior parte dos confessores da França. Ainda seguia os princípios que em 1815 se ensinavam no Seminário Maior de Lião. A partir de 1840, graças ao trato com o P. Tailhades, sacerdote piedoso e inclinado a indulgência, e aos conselhos do P. Camelet, superior dos missionários diocesanos que evangelizavam a província, tinha adquirido uma profunda experiência na direção das almas. Graças, sobretudo, ao estudo da teologia de Santo Afonso de Liguori que o Cardeal Gousset acabava de publicar em francês, o Cura d'Ars mostrou-se visivelmente menos severo. Salvo em casos muito excepcionais, não se viu mais, conforme testemunham os antigos, fazer que penitentes voltassem ao confessionário até 6 ou 7 vezes. Além disso, tantas confissões lhe fizeram conhecer "a miséria humana". Sentiu uma profunda compaixão e se convenceu de que com tal miséria é mister ser indulgente. "Quando se adianta no caminho da vida, dizia o santo Cardeal Richard, não se tem a mesma idéia da virtude do que quando se é mais jovem".

Não obstante, até o fim de seus dias, antes de absolver um pecador inveterado, o Cura d'Ars exigia os indícios suficientes de conversão. "Os que não queriam sair do estado de condenação, no dizer dum sacerdote, encontravam-no inflexível. Impunha rigorosamente os sacrifícios necessários. Foi assim que obrigou a uma senhora de Paris a queimar todos os livros maus da biblioteca antes de receber a absolvição".

Outra parisiense, que veraneava em Midi, passou por Ars de regresso à capital. Um sacerdote, que conhecia a vida de desordem daquela senhora, aconselhou-a a passar por Ars. "Verá ali algo de extraordinário, senhora: um cura de aldeia que está enchendo o mundo com sua fama... Não se arrependerá dessa pequena volta na sua viagem". Cumpriu-se a predição de um modo extraordinário. À tarde passeava aquela senhora na praça com uma desconhecida, encontrada casualmente. O Cura d'Ars passou por ela ao regressar da visita a um enfermo. "Senhora, disse ele à parisiense, acompanhe-me". E à outra: "Pode retirar-se; não tem necessidade de meu ministério". Falando à parte com a pecadora, foi tirando àquela Samaritana o véu de todas as suas iniquidades. Aterrada com tais revelações, guardava silêncio. Por fim disse: "Sr. Cura, quer ouvir-me de confissão? Sua confissão, replicou o Santo, seria inútil. Eu leio na sua alma e vejo dois demônios que a acorrentam: o demônio do orgulho e o demônio da impureza. Não a posso absolver; só no caso em que não volte à Paris, e, como conheço as suas disposições, sei que voltará".

Depois, com intuição profética, o homem de Deus deu-lhe a conhecer como haveria de descer até aos últimos degraus do mal.

"Mas, Sr. Cura, eu sou incapaz de cometer tais abominações!... Então, estou condenada?..."

– Não digo isso, porém mais adiante, quão difícil será poder salvar-se!

– Que hei de fazer?

– Venha amanhã cedinho e eu lho direi".

Durante a noite, para conjurar a perda de uma alma que Deus tinha criado para as alturas, e que se ia afundando no lamaçal do pecado, o Cura d'Ars orou longamente e se infligiu sangrenta disciplina. Pela manhã concedeu audiência especial àquela penitente pouco vulgar, e lhe deu a resposta: "Pois bem, deixará Paris e virá morar naquela casa ali em baixo, donde vem. Se quiser salvar a sua pobre alma fará tais e tais mortificações".

A senhora partiu de Ars sem ter ainda recebido a absolvição. Paris recolheu-a por pouco tempo, pois ela voltou aterrorizada como se o pecado lhe cavasse um abismo aos pés. Apoderou-se-lhe da alma um grande tédio. Invocou a Deus e fugiu da capital... Escondida numa vila de campo, apesar dos embates duma vida rompida pelas paixões, por muito tempo satisfeitas, resolveu reencetar o caminho do bem. Lembrou-se dos conselhos do Santo de Ars. Uma graça interior muito poderosa impeliu-a e ajudou-a a segui-los. "No caminho da abnegação, dizia o Cura d'Ars, só é custoso o primeiro passo. Quando se tem entrado nele, anda-se por si mesmo... A nossa penitente fez a ditosa experiência. "No prazo de três meses, escreve o cônego Ball, que recolheu as notas para esta história, sua conversão foi completa; suas disposições de espírito e de coração se achavam tão mudadas que ela mesma não compreendia como antes podia amar o que então lhe causava tanto horror".

Uma vez que o Cura d'Ars tinha conseguido de seus clientes sinais indispensáveis de emenda, mostrava-se muito benigno na aplicação da penitência sacramental. "Criticam-me por isso, dizia ele ao Ir. Atanásio, mas posso ser mais severo com gente que vem de tão longe e que se impõe tão grandes sacrifícios?" Desalentá-los-ia com penitências muito grandes, costumava acrescentar ainda. "Mas, nesta matéria, como se manter no justo limite? perguntava-lhe um de seus colegas. – Meu amigo, respondeu o Santo, eis aqui a minha receita: – Dou-lhes uma pequena penitência, e o que falta, faço eu por eles". Adivinha-se o que com isso queria dizer.

O Cura d'Ars, entretanto, não esquecia que a penitência sacramental há de ser medicinal. Daí a grande habilidade de nosso Santo em por o dedo na chaga. Devia-se expiar tal falta ou corrigir tal defeito. Pois bem, a penitência seria apropriada.

Para as pessoas jovens, capazes de elevadas virtudes, a vaidade e um orgulho inconscientes podem ser obstáculos na vida da perfeição. O santo diretor trabalhava para fazer que eles rompessem com as últimas afeições do amor-próprio. A senhorita Carolína Lioger, de Lião, alma de eleição, futura fundadora das Irmãs Vítimas do Sagrado Coração, cujo nome de profissão religiosa era Madre Maria Verônica, passava em Ars uma temporada durante vários anos consecutivos. Acompanhava-a sua mãe. Ora, o Cura d'Ars, que queria formar aquela jovem para o cumprimento dos grandes

desígnios a que estava destinada, comprazia-se em exercitá-la na humildade e o fazia sem consideração alguma. Em certa ocasião mandou que se pusesse de joelhos com os braços em cruz no umbral da porta, enquanto os fiéis saíam da missa.

Geralmente os homens pecam muito por respeito humano. O Cura d' Ars mandava-os rezar publicamente na igreja depois da confissão.

Quão comovedor, escreve o P. Raymond, era ver aqueles homens de cabelos brancos que, havia muito, tinham desertado da igreja e descuidado a oração e a devoção à SS. Virgem, agora apertarem afetuosamente entre as mãos o rosário e rezá-lo com devoção! Nenhum deles podia resistir à imposição do santo sacerdote de que todos levassem consigo o rosário e dele fizessem uso. Em vão lhe objetou alguém que não conhecia o uso, que antes de mais nada sábia ler...

"Meu amigo, respondeu o Cura d' Ars, um bom cristão anda sempre armado com o seu rosário. O meu jamais me deixa; adquira um também, e eu lhe aplicarei as indulgências de que o amigo tem mais necessidade para suprir uma penitência tão leve". Ademais, a maior parte das vezes, que confessava homens, dava-lhes rosários, e todos já os esperavam como uma preciosa recordação.

"Mora o Sr. na sua cidade natal? perguntou o Cura d' Ars ao Sr. Jorge L... jovem mundano de 27 anos, ao terminar a confissão.

- Sim, Padre.

- Qual é a população?

- 25.000 habitantes.

- O Sr. é conhecido na cidade?

- Perfeitamente, e por quase todos.

- Muito bem, meu filho. Por penitência rezará antes de sair desta igreja os atos de Fé, Esperança e Caridade. Mas não é tudo. No domingo da festa de *Corpus Christi*, assistirá, na sua cidade, a procissão, tendo o cuidado de se colocar logo depois do púlpito. Vá, meu filho". O jovem não ousou replicar. A surpresa e a emoção lhe fecharam a boca... O respeito humano atormentava-o. Mas era crente... e era sua penitência.

Do primeiro domingo a festa foi adiada para o segundo. Chegado este dia não choveu, como desejava. Cumpriu-a. "Se viver 100 anos jamais me esquecerei daquelas duas horas, passadas atrás do púlpito. Minha fronte banhava-se num suor frio. Minhas pernas tremiam como varas verdes. De quando em quando recorria à fé e experimentava rezar. Só maquinalmente pronunciava as palavras litúrgicas... Este ato de coragem chamou a atenção dos seus convidados. católicos. Dois anos mais tarde, já convertido em cristão destemido, achava-se à frente uma conferência de S. Vicente de Paulo, composta de 30 jovens que foram arrastados por seu exemplo".

Afirmar que todos os penitentes do Cura d' Ars perseveraram como aquele jovem seria dizer demais, em vista da fraqueza humana. É de presumir, porém, que na maior parte a impressão foi tão viva que permaneceram fiéis ao cumprimento do dever. O

certo é que o Santo triunfou em coisas muito difíceis e obteve a perseverança de muitas daquelas pessoas, com as quais era difícil qualquer tentativa.

- O diretor do Seminário Maior de Brou, P. Niermont, pediu-me um dia, diz o P. Toccanier, que perguntasse ao Cura d' Ars se tinha conseguido converter algum *beberrão*. Perguntei-lhe na sacristia, diante de muitas testemunhas. Eis a resposta que recebi: "Sim, meu amigo, ainda não faz muito que uma mulher veio agradecer-me dizendo: "Até pouco tempo era muito infeliz com meu marido. Dele recebia mais pauladas que pão. Pois bem, desde que conheceu V. Revma. ficou mais manso do que um cordeiro". Um coadjutor, que estava presente, disse por sua vez que conhecia um caso semelhante: um homem de sua paróquia, por muito tempo entregue a embriaguez, usava, depois de sua peregrinação a Ars, um remédio heróico para corrigir-se: ia à missa fazendo uma longa volta para não passar diante da taberna, cuja vista era para ele uma tentação.

"Um beberrão viciado, de Chaleins, minha antiga paróquia, declara no *Processo Mons. Mermod*, então pároco de Gex, foi convertido pelo Cura d' Ars. Durante os três anos que depois viveu, não provou mais um gole de vinho, e levou vida exemplar. Coisa notável, Aquele bom cristão foi um dia encontrar-me na casa paroquial. Estava com boa saúde e contudo queria confessar-se, porque, como dizia, em breve haveria de morrer. Movido por suas instâncias, dei-lhe a absolvição e a comunhão. Morreu uma hora depois".

Além disso, graças ao Cura d' Ars, famílias desunidas recobram a paz, céticos orgulhosos converteram-se em humildes crentes, e muitos libertinos morreram com sinais de predestinação ou buscaram a solidão dos claustros.

Um arquiteto de Lião recebia freqüentemente de sua esposa muito justas reprimendas... Certa manhã, depois de violenta discussão, o marido culpado grita: "Não me verás mais". Fecha a porta, sai para a rua e vê uma diligência com esta tabuleta: *Correspondência de Ars*. "Que lugar é esse?", perguntou a alguém que passava. - "Ars, lhe respondeu, é uma aldeia do Ain, onde vão visitar um cura extraordinário"... Por necessitar de uma mudança para acalmar os nervos e mais ainda por curiosidade, nosso lionês tomou assento no carro que logo partiu. A hora da partida estava marcada de maneira que pudessem chegar a Ars um pouco antes do *cctecismo* das 11 horas.

O arquiteto conseguiu chegar a aldeia de Ars. Viu o santo Cura, ouviu-o e saiu muito comovido com o que tinha visto e ouvido. "Senhor, disse ao P. Toccanier, a quem encontrou logo depois, este sacerdote está verdadeiramente abrasado no amor de Deus. Suas palavras são todas ardentes que se as ouvir outra vez, curvarei a cabeça como os demais". O missionário respondeu-lhe que não via nisso nenhum inconveniente. Pelo contrário... À tarde aquele homem ocupou seu lugar à frente dos penitentes do Cura d' Ars... Saiu da sacristia, transformado no mais feliz dos mortais, e voltou a Lião para se lançar nos braços daquela que nunca mais "o haveria de ver". Na verdade, ele não era mais, o mesmo.

Uns doze ou quinze anos mais tarde (era pois antes da chegada do P. Toccanier

a Ars), outra conversão causou grande sucesso na cidade. de Lião. O Sr. Maissiat, professor de pintura na escola de Artes e Ofícios, era também geólogo de fama, e gostava de se chamar *filósofo*, para dar a entender que acreditava na *Razão*. Depois de ter feito piedosamente a primeira comunhão, em pleno Terror deixara o catolicismo para sucessivamente ser maometano, judeu, protestante, espírita, simoniano... Sua vida era um verdadeiro romance.

Um belo dia (julho de 1841) deixou Lião para passear um mês pelos montes de Beaujolais. Encontrou-se no carro de Ville-franche-sur-Saone, com um velho amigo que ia a Ars. "Venha comigo, lhe disse este, e verá um sacerdote que faz milagres,

– Milagres! respondeu ironicamente o geólogo. Eu não acredito neles.

– Venha. Verá e acreditará.

– Pois bem, seja... Uma passagem para Ars.

Jogando com as palavras, acrescentava: "Ars é uma palavra que me agrada, pois eu sou *artista*".

No dia seguinte, pela manhã, o Sr. Maissiat assistia por curiosidade à missa do Cura d'Ars. O Santo fixou os olhos no céptico, ao passar da sacristia para o altar. Celebrada a missa, foi direito a ele; pôs-lhe a mão no ombro e mandou que o seguisse.

Ao entrar na sacristia o nosso *filósofo* viu o confessorário e mais o gesto convidativo a ajoelhar-se. "Ah! isso não", replicou... Entretanto o homem de Deus não lhe tirava os olhos de cima. Por fim ajoelhou-se o Sr. Maissiat... Que importava?... Encontrava-se a sós com o sacerdote. Contou-lhe friamente como frio narrador toda a miserável história de sua alma. O santo confessor escutava-o, porém sem se enganar sobre os sentimentos reais daquele singular penitente. "Meu amigo, venha falar-me amanhã. Vá entretanto ao altar de Santa Filomena e diga a ela que peça sua conversão a Nosso Senhor".

O Sr. Maissiat não se opôs e foi prostrar-se no lugar indicado. Mas que mistério! As lágrimas saltavam-lhe dos olhos. Por quê. Não sabia. Abrindo passagem por entre a multidão, saiu chorando da igreja. "Oh! diria mais tarde, quanta felicidade há em tais lágrimas".

De sua excursão pelos montes de Beaujolais, não se falava mais. No dia seguinte o geólogo estava aos pés do Cura d'Ars. "Meu Pai, dizia-lhe vencido pela graça, não creio em nada... Ajude-me!" O Santo ajudou-o tão bem que, passados nove dias junto dele, o Sr. Maissiat regressou a Lião cheio de fé. "Novamente entre os amigos que não partilhavam de sua crença, desprezou todo o respeito humano e, diz o P. Raymond, mostrou-se um dos mais fervorosos e zelosos católicos da cidade". "Morreu, conta outro de seus amigos, o P. Gaillard, cura de Montagnac, com os mais belos sentimentos de fé que pode inspirar a piedade cristã".

Pelos meados de novembro de 1855 hospedaram-se, no hotel de Francisco Pertinand, um jovem de Dermont-L'Hérault, chamado Dutheil, e sua mãe. "Tendo assentado praça no exército com a idade de 16 anos, contraíra, em consequência de seus excessos, uma enfermidade do peito que o obrigou a voltar para o seio da família".

Estranhos acontecimentos moveram-no a fazer uma viagem tão longa e penosa para poder entrevistar-se com o servo de Deus.

"Passando certo dia por uma rua de Montpellier, conta o Ir. Atanásio, viu um retrato do Cura d'Ars e zombou dele. A irmã que o acompanhava disse-lhe depois de o repreender: "Não poderias talvez, obter a tua cura se tivesses confiança nesse santo?" O jovem riu-se mais ainda... À noite o Sr. Cura apareceu-lhe em sonho, sustentando na mão uma maca com mais da metade podre. Movido por essa visão, Silvano deixou-se levar a Ars. "Acompanhou-o a mãe. Todos os dias o Cura d'Ars visitava-o no hotel. Pela manhã do sábado, dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, Silvano, já convertido e absolvido de seus pecados, foi conduzido aos degraus do altar. A temperatura era glacial. Depois de ter comungado, foi levado à sacristia, para junto da estufa. "Ah! que feliz sou eu, exclamava: nunca durante a minha vida gozei de maior felicidade!"

"De volta ao hotel, lançou-se aos braços da mãe e lhe disse chorando: A alegria desta comunhão me faz esquecer todos os sofrimentos... Não quero deixar esse santo varão; quero morrer aqui". "Com efeito, morreu na noite seguinte".

Em 1859, um velho bateleiro do Sãona, pecador, empedernido, foi chamado de surpresa à aldeia de Ars, Viu a igreja cheia de peregrinos e o confessorário assediado de penitentes. Adivinhou a traição, desandou a blasfemar e quis logo voltar. Objetaram-lhe que era demasiado tarde e que quer quisesse quer não, era mister passar a noite naquele povoado execrável. Entretanto, alguém informou o Cura d'Ars sobre a vinda daquele *peixe graúdo*,

Ao cair da noite, o Cura d'Ars apresentou-se na casa onde se hospedava o bateleiro. "Não vim aqui para fazer-me *beato*, gritou furioso. Deixe-me em paz. O tempo se me torna longo para partir.

– "Meu amigo, perguntou docemente o Cura d'Ars, tomando-lhe da mão, não tem compaixão de sua alma?" E deixou-o com estas simples palavras. Que sucedeu naquela noite? Não se sabe. Pela manhã o Santo encontrou o pecador banhado em lágrimas e com um crucifixo entre as mãos. "A conversão foi completa, estupenda".

O Cura d'Ars tinha predito, ao menos correu a fama, que confessor e penitente se seguiriam de perto na sepultura. Fosse como fosse, "pouco depois da morte do servo de Deus, encontraram o velho bateleiro exangue, ajoelhado sobre o leito".

Um dia de outono de 1852, Francisco Dorel, gesseiro em Ville-franche-sur-Saone, ia com seus amigos a caminho de Ars. Dorel tinha 32 anos; era de aspecto galhardo. Ninguém o teria tomado por um peregrino, aparelhado como ia, com polainas e fuzil a tiracolo, assobiava de vez em quando a um soberbo cachorro de caça. Era que o nosso homem não queria passar por um *beato* em busca de confessor. No dia anterior o amigo lhe havia perguntado ao passar:

– "Vais amanhã a Ars? Há ali um cura que faz milagres e que confessa dia e noite. Isso paga a pena ser visto... Então, tens intenção de ir?... – E por que não?"

– Faze o que bem entenderes. Eu irei contigo, mas levarei a minha espingarda e

o meu cachorro... E depois de ter visto o *maravilhoso* Cura, irei caçar patos nos banhados de Dombes. Tu, se quiseres, te poderás confessar”.

Os dois viajeiros entraram no povoado, no momento preciso ‘em que o Cura d’Ars atravessava a praça por entre as fileiras de peregrinos. Avançava lentamente, com o seu modo habitual de quem abençoa. Francisco Dorel, curioso diante daquele espetáculo, confundiu-se com a multidão. Oh! surpresa! Ao passar diante dele o santo ancião pára e olha alternativamente o cachorro e o caçador. “Senhor, diz gravemente ao desconhecido, seria para desejar que sua alma fosse tão bonita como seu cachorro”. O homem corou e baixou a cabeça... Seu cachorro era tal qual Deus o tinha feito, fiel, ágil; mas, ele, cristão, desfigurara na alma a obra divina...

Refletiu longo tempo aterrado com esta revelação inesperada. Finalmente, entregando a alguém da aldeia a arma e o cão, entrou na igreja e confessou-se com o Cura d’Ars. Estava tão contrito que se desfazia em lágrimas. Tinha sido esclarecido sobre o valor de sua alma, sobre a vaidade do mundo e a seriedade da vida: queria ser religioso.

“Vá para a Trapa”, disse-lhe com segurança o Cura d’Ars.

Francisco Dorel, com efeito, apresentou-se em N. Senhora de Aiguebelle a 18 de dezembro de 1852, onde vestiu o hábito no ano seguinte. Dezesseis anos mais tarde fez a profissão solene com o nome de Ir. Arsênio... Morreu santamente como religioso aos 18 de dezembro de 1888.

## A peregrinação a Ars:

### IV. O Cura d’Ars diretor de consciências

*À cada alma os minutos necessários – A sabedoria nas decisões – As almas que o Cura d’Ars impele para a frente e as que retém em seus ímpetos – As devoções que aconselha – A obrigação antes de tudo – Os deveres dos esposos – A direção dos sacerdotes – Com as consciências escrupulosas – A prática dos sacramentos – A preparação que o Cura d’Ars exige Comunhão freqüente e ciência suficiente – “Comungai com mais freqüência” – O influxo radiante de um santo.*

Poder-se-ia escrever páginas muito curiosas sobre o modo como o Cura d’Ars tratava as almas simplesmente piedosas e as já adiantadas na perfeição. Citam-se casos, é verdade, em que recusou atender a pessoas que sabia estarem na graça de Deus.

– Uma das minhas tias, religiosa marista, refere o P. Raymond, veio com a superiora para pedir conselhos a respeito dum assunto que interessava à comunidade. Antes de falarem, indicou-lhes o caminho a seguir. Depois, quando pediram que as ouvisse de confissão, respondeu: “Vocês não têm necessidade; deixem o tempo para outros. E retiraram-se muito consoladas.

A Clara Dechamps, que foi consultá-lo em janeiro de 1853, acompanhada por seu tio, o cardeal-arcebispo de Malines, o Cura d’Ars apenas deixou traçar o sinal da cruz.

“Sim, minha filha, disse-lhe em seguida, és apta para a comunidade do Sagrado Coração. Vai comungar sem absolvição”. E ela retirou-se muito feliz.

Fatos desse gênero foram exceções; e o Cura d’Ars tinha motivos para assim proceder. A todos os demais penitentes dispensava os minutos necessários, ainda mesmo aos meninos, com quem se mostrava indulgente e paternal.

Os dois sacerdotes Léman, convertidos do judaísmo, confessaram-se com ele na meninice. “Então, contam eles, deixava que repousássemos nossas cabeças em seus longos cabelos brancos e nós nos deliciávamos com o prazer de nos impregnarmos de um santo”.

Apesar de viver assediado, “jamais encontrava um ignorante sem o instruir, nem uma alma justa sem lhe dar alento impulsionando-a para a perfeição”. A santidade de sua vida e sua prudência sobrenatural nas decisões inspiravam às almas justas uma confiança sem limites. “Encontrei no meu ministério como coadjutor de Ars, declara o P. Raymond, numerosas pessoas que consideravam o Cura d’Ars um diretor incomparável e divinamente inspirado”.

“Tanto no confessionário como no púlpito, diz Cristina de Cibeins, ele representava para mim a lei e os profetas”.

Em geral, suas respostas eram claras e decisivas: “Levantava os olhos para o céu e depois respondia sem vacilar, com grande segurança. Interrogavam-no, porém, sobre tantos assuntos que às vezes pedia tempo para refletir ou para consultar algum colega. “Posto que eu fosse um jovem, conta o P. Dufour, missionário de Pont d’Ain, certo dia teve a humildade de me consultar sobre um caso de restituição”. Mais de um penitente do Cura d’Ars ficou decepcionado pensando que ouviria dele coisas extraordinárias. Suas decisões não eram exaltadas, nem exageradas; mas eram circunspectas e justas. Sabia distinguir os motivos secretos, conscientes ou não de certos desejos e de certos sonhos, pondo as almas no verdadeiro caminho: Tal jovem suspirava pelo clastro e ele a aconselhava que procurasse uma colocação no mundo, Outra que se julgava chamada ao matrimônio, descobria-lhe horizontes mais elevados e mais puros. Conforme o caso, impulsionava para a frente ou retinha.

— Do contrário abstinha-se de aconselhar quando lhe parecia que outros poderiam fazê-lo com mais autoridade que ele. Assim mandou ao respectivo cura uma senhora de Grenoble que lhe veio perguntar se devia abrir um bar para ajudar melhor a educação dos filhos.

A senhorita Luísa Martin de Saint-Rambert-en-Ain, de natural alegre e travessa, mas dotada de muito bom coração, com dezoito anos, sentia-se chamada para a vida religiosa. Certo dia foi visitar uma prima, pensionista na Visitação de Montluel. Ao entrar no locutório, viu a grade da clausura e exclamou: “Não serei eu quem querará viver ali dentro”. Pouco tempo depois daquela viagem, inquieta, perguntou a si mesma: e se apesar de tudo Deus me chamasse para um mosteiro de contemplativas?... Sem os pais saberem, foi a Ars em companhia da avó, a quem comunicara confidencialmente suas lutas interiores. Depois de uma longa espera na igreja, chegou sua vez de se ajoelhar no confessionário; mas justamente naquele momento saiu o P. Vianney e foi para a sacristia a fim de presidir a uma procissão. Era a manhã do dia de São Marcos, 25 de abril de 1843. Luísa Martin foi-lhe ao encontro: “Mas, Sr. Cura, eu queria comungar em sua missa e não me confessei”. Naquele momento a multidão que enchia a igreja se derramava para a sacristia, motivo pelo qual se tornava difícil fechar a porta.

“Tem muita vergonha?”, perguntou o Cura, sorrindo, a jovem.

— Não, Padre.

— Pois bem, ajoelhe-se e se confesse.

Confessou-se. Expôs suas angústias e o Santo respondeu: “Sua vocação vem do céu, minha filha. Entre sem demora para a Visitação”. Os pais de Luísa não puseram resistência e Maria Anastácia entregou-se ao Senhor com toda sua natureza ardente.

No ano de 1836 o casal Millet, de Maçon, resolveu passar alguns dias em Ars para poderem tratar a gosto, como criam, com o santo Cura d’Ars. Com efeito, puderam falar-lhe. Mas a filha Luísa Colomba, que fora com eles, não queria de modo algum entrevistar-se com o servo de Deus. Não obstante era boa e piedosa. Os peregrinos estavam prestes a sair de Ars, após uma semana de permanência naquele povoado. Foram pela última vez à igreja, quando o P. Vianney passava para a sacristia. Guiado por uma intuição sobrenatural, lançou à multidão um olhar penetrante e fez sinal com o breviário a Luísa Millet. Ela compreendeu logo. Tinha que se render. A multidão abriu-lhe passagem e com um gesto o Santo apontou-lhe o confessionário.

A jovem ajoelhou-se. Depois de uma breve conferência, ouviu a palavra que lhe iria orientar toda a vida. “Minha filha, serás religiosa visitandina. Deus o quer... Deus o quer”. A penitente resistiu. Mas o Cura d’Ars repetiu pela terceira vez: “Minha filha, Deus o quer”. As dificuldades que tinha a vencer pareciam insuperáveis. Todas se aplainaram por si mesmas. E Luísa Colomba, livre de todos os liames, levantou o vóo para a arca santa.

Uma jovem que viria a ser Irmã Maria Matilde, das Ursulinas de Avinhão, era pensionista em Troye, quando em julho de 1856 uma parenta foi buscá-la para ir em Ars.

— No momento de partirem, contava ela mesma em 1916, encontrei uma amiga que me fez esta confidência: “Estou muito contente com tua ida a Ars. O santo Cura dir-te-á tua vocação, como me disse a minha”... “Meu Pai, trago-lhe esta sábia pequenina”. Assim fui eu apresentada em Ars. Ele respondeu: “Tanto pior; tudo isso não vale um ato de amor a Deus”. “Mas, Padre, replicou a parenta, que será desta menina?” Então o Santo fixou em mim o seu olhar, parecendo ver a minha alma toda inteira nos meus olhos e disse finalmente: “Uma religiosa”.

Vendo que teria de deixar minha mãe, meus irmãos e meus queridos estudos, dizia com viveza: “Não. Jamais... Não... não... não!... E ele sorrindo a cada um desses “não” repetidos, exclamava por sua vez: “Sim, sim, sim”. Então segui-o ao confessionário. Eu pensava apenas em conseguir diplomas. Ele mudou meu espírito e meu coração.

Três anos depois, em 1859, ano de sua feliz morte, fiz minha profissão. E eis que há 58 anos sou religiosa.

Era assim que o Cura d’Ars dirigia para o alto as almas boas, débeis ou perturbadas, que sem ele não teriam pertencido inteiramente a Deus. Por outro lado, hábil em discernir os desígnios da Providência, dissipava em certas almas generosas o sonho de uma perfeição ilusória.

— Conheci um coronel, conta o P. Dufour, missionário de Pont d’Ain, que, fardado,

lhe ajudava à missa, e que o acompanhava com o círio na mão enquanto distribuía a comunhão. Este oficial, de graduação superior, perguntou-lhe se livre como estava dos laços matrimoniais devia ficar religioso: “Esqueça-se disso, replicou o servo de Deus: o exército tem demasiada necessidade de bons exemplos como os seus”.

“Meu Padre, perguntava-lhe um sacerdote ajoelhado a seus pés, devo alimentar em mim os desejos de vida religiosa, que sinto tão vivamente desde o segundo ano que estive no seminário maior, ou seja já aos 20 anos?” Respondeu-lhe sem medos: “Sim, meu amigo, este pensamento vem de Deus; é mister cultivá-lo. – Nesse caso, meu Padre, permitir-me-á deixar o cargo que ocupo (esse sacerdote era professor num seminário menor) e entrar para uma ordem religiosa? Que acha melhor? – Devagar, meu amigo. Fique onde está.

Saiba que Deus manda, às vezes, bons desejos, cuja realização nunca exigirá neste mundo”. Com essas palavras deu a entender ao sacerdote que suas aspirações à vida monástica eram daquelas que, fomentadas cuidadosamente no coração, seriam para ele um preservativo contra os perigos do mundo e mesmo um estímulo para a prática das virtudes sacerdotais. Três anos mais tarde, o mesmo eclesiástico, inquieto, apesar de tudo, com a persistência de seus desejos, voltava ao assunto. Fora removido do seminário menor para um colégio católico. “Agora que estou lá, que me aconselha?” O Santo respondeu sorrindo: “A mesma coisa!” E mais grave acrescentou: “Nunca seja cura. A mais bela obra que se pode fazer no século, em que vivemos, é educar cristãmente a juventude”.



Muitas pessoas iam ao Cura d’Ars, para que as guiasse na escolha das devoções. Inimigo das *devoçãozinhas* que embaraçam certas almas e as tornam estereis, descobria nelas um egoísmo disfarçado. A recitação do rosário, do angelus, as jaculatórias e sobretudo a assistência ao santo sacrifício da missa e aos divinos officios, práticas recomendadas e aprovadas pela Igreja, eis as devoções que aconselhava. Preferia a prece pública às orações particulares. “A oração particular, dizia ele, assemelha-se às palhas esparsas pelo campo; caso se lhes prenda fogo, ardem com pouca chama, mas quando reunidas num montão a chama é grande e se eleva até ao céu: tal é a oração em comum”. Esforçava-se também em inculcar nas almas desejosas de perfeição o costume da oração mental cotidiana e explicava-lhes o modo de fazê-las: Aos que não podiam aplicar-se a meditações metódicas, recomendava simplesmente que pensassem muitas vezes em Deus. “Fazia-me ver, conta a humilde tendeira Marta Miard, que eu tinha tantas imagens da Virgem na minha casa que bastava olhá-las para saber o que dizer em minhas preces”.

Se lhe perguntavam que leituras eram úteis para progredir na virtude, aconselhava o *Evangelho*, a *Imitação de Cristo* e a *Vida dos Santos*. É muito digno de nota que o reto e prudente diretor sempre prescrevia a todas as almas, fossem quais fossem, o cumprimento da obrigação. “É impossível dizer, refere a senhorita de Belvey, com que admirável tacto sabia discernir para cada um o que era dever ou simplesmente conselho,

e recusar o que provinha do amor-próprio ou era inspiração dum zelo indiscreto”. O que ensinava na explicação do catecismo repetia no confessional.

– Entende-se mal a religião, dizia ele. Suponhamos, meus filhos, por exemplo, que uma pessoa tenha de ir para o seu trabalho quotidiano. Sente, porém, desejos de fazer grandes penitências e de passar a metade da noite em oração. Se está bem instruída dirá: “Não, não posso fazer tal, porque amanhã não poderei cumprir com os meus deveres. Terei sono, e a menor coisa me impacientará; estarei todo o dia de mau humor; não farei a metade do trabalho que faria se tivesse descansado toda a noite... Uma pessoa instruída tem sempre dois guias: o conselho e a obediência.

“O Sr. Cura, diz Catarina Lassagne, não queria que uma mãe abandonasse os trabalhos caseiros para ir à igreja, quando não era de obrigação... Certo dia, ao começar a quaresma, disse-me que não jejuasse. “Mas, Sr. Cura, repliquei, como é então que V. Revma. jejuava? É verdade, respondeu, mas eu, apesar dos jejuos, posso cumprir os meus deveres, você, pelo contrário, não poderá”.

Às pessoas casadas fazia-lhes ver a grandeza de sua vocação, exortando-as a cumprirem santamente as obrigações de estado. A Sra. Ruet, de Couroux, no Ródano, que já tivera muitos filhos, ia ficar mãe novamente. Foi “buscar coragem junto do Cura d’Ars. Não precisou esperar muito, pois o Santo chamou-a de entre a multidão. “Está tão triste, minha filha, lhe observou quando se ajoelhou no confessional. – Ah! sim, já estou tão velha, meu Pai – Console-se, minha filha, se soubesse quantas mulheres estão no inferno por não terem dado ao mundo os filhos que deveriam dar...

“Ânimo, dizia com paternal afeto, a uma senhora que lhe confiava suas inquietações por causa da numerosa prole. Não se assuste com seu fardo, N. Senhor carrega-o com a Sra. O que Deus faz é bem feito. Quando concede a uma mãe muitos filhos, é sinal de que a julga digna de educá-los. É da parte dele prova de confiança”.

Aos colegas de sacerdócio conjurava-os a que procurassem sem reticência alguma a perfeição contida nos conselhos evangélicos. Às vezes exigia dos que achava capazes sacrifícios pequenos na aparência, porém muito grandes aos olhos de Deus e de seu servo. Um sacerdote que mais tarde se tornou religioso do Sagrado Coração, de Issodun, fez os exercícios espirituais sob a direção do Cura d’Ars. Quando terminou a confissão perguntou a si mesmo, referindo-se aos momentos de lazer que passava jogando cartas com os colegas: “Acusar-me-ei disso?” Para ficar tranquilo disse-o ao confessor.

- Não deve fazer isso, respondeu-lhe o santo Cura.
- Mas, Padre, o jogo é quiçá um mal menor. Às vezes, nas reuniões...
- Oh! então não há necessidade de se reunir.
- É que às vezes se é chamado para ajudar um colega e depois...
- Depois, acabado o serviço, vai-se embora”.

As respostas do Santo eram breves, claras e sem comentários. Do outro lado da grade o penitente duvidava em prosseguir ante aquela austeridade tão fora do comum

e tão acima de suas forças, quando ao levantar a cabeça viu um crucifixo. Compreendeu tudo.

“Bem, meu Padre, prometo não jogar mais, mas ajudar-me-á com suas orações.

– Basta, replicou o Cura d’ Ars. e deu-lhe a absolvição. Ao sair do confessional, o penitente dirigiu-se à capela de S. Filomena e ali escreveu seu propósito apoiando o papel sobre o altar. Quando mais tarde os amigos instaram com ele para jogar cartas, disse-lhes: “Apreciarei por um momento a vossa partida, mas não tomarei parte. Venho de Ars, e prometi ao Cura não jogar mais”. Ninguém se atreveu a replicar.

É fácil supor que em outras circunstâncias recomendasse aos sacerdotes sacrifícios mais heróicos. A um pároco que se lamentava em sua presença da frieza dos paroquianos e da ineficácia de seu zelo, respondeu com estas frases que parecem fortes, mas que foram bem recebidas por aquele a quem eram dirigidas: “V. Revma. tem pregado, orado!... Tem jejuado?... Tem-se disciplinado?... Tem dormido sobre leito duro?... Enquanto não tiver feito isso, não tem direito de se queixar”.

As almas escrupulosas o Santo ensinava a confiança em Deus e a obediência ao confessor. Por outro lado “uma única palavra sua bastava para sossegar uma alma inquieta e perturbada”. Impelia à ação os pusilânimes e os tímidos. Uma jovem de Mormoyon, chamada Adélia Conil, foi convidada para madrinha. A responsabilidade, de tão modesto título espantou-a. É verdade que naquele tempo o tornavam mais a sério do que hoje, e tinham razão. – Não aceitou. Pouco depois ela peregrinou a Ars e confessou-se com o Santo Cura. “A senhora não procedeu bem quando se recusou a ser madrinha, lhe disse o P. Vianney, sem que lhe tivessem dito palavra sobre o batizado. Nunca se deve ter medo de fazer o bem, ainda que custe um pouco. Para outra vez seja mais generosa”.



Sobretudo, o que mais procurava o Cura d’ Ars era levar as almas piedosas à prática freqüente dos sacramentos. “Nem todos os que se aproximam dos Sacramentos são santos, mas os santos sairão sempre dentre aqueles que os recebem com freqüência. Dessa maneira, “quando na França, quase não existia a comunhão freqüente, foi ele um dos primeiros introdutores de tão saudável prática”. Nesse ponto também procedeu sempre com grande discrição. “Exigia uma preparação séria para que se tirasse da comunhão todo o fruto possível; e “porque não há absolvição, nem comunhão que possam suprir o esforço que precisamos fazer contra nós”, mostrou-se sempre “muito severo para com os *pecadores habituais*”. Não podia suportar numa alma cristã os sintomas da tibieza. “Então, minha filha, perguntava a uma senhora de Lião, não se quer converter! Comunga e não reforma sua vida! É sempre a mesma, violenta, impulsiva... “Minha pobre mãe, contava depois a filha daquela senhora, tremia dos pés a cabeça ao ver que o Cura d’ Ars lia tão claramente em sua alma e quando se atreveu a levantar os olhos marejados de lágrimas, parecia ver o rosto do Cura todo em fogo”.

Numa manhã de 1845 a jovem Estefânia Poignard, de Marcy, junto a Villefranche-sur-Saone, embarcou com outras alegres companheiras em um coche que partia para Ars. Conversaram durante todo o longo trajeto... Estefânia, que era piedosa, foi diretamente à igreja, onde o Cura d’ Ars começava a missa e, no momento da comunhão, aproximou-se da mesa sagrada. O celebrante distribuía a comunhão a todos os presentes, mas ao chegar diante da jovem viajante tomou uma partícula, ergueu-a acima do cibório, começou a recitar a fórmula *Corpo de N. Senhor...* e sem acabá-la ficou imóvel. É impossível descrever a angústia interior da pobre moça a quem o servo de Deus queria dar uma lição para toda a vida. Não sabendo o que pensar, pôs-se a rezar mentalmente os atos de fé, esperança e caridade. Quando acabou, o Cura colocou-lhe a hóstia nos lábios. “Minha filha, lhe disse depois, quando não temos feito as orações da manhã e passamos longa viagem em dissipação, não estamos lá muito bem preparados para comungar”.

A fim de admitir a comunhão freqüente, o Cura d’ Ars, além de certo grau de devoção, exigia ainda algum conhecimento. A Sra. Maduel, de Lurcy, pessoa piedosa, mas muito pouco instruída, pediu-lhe licença para comungar algumas vezes por semana. “Pois não, respondeu-lhe o Santo, mas por *penitência* irá procurar o seu pároco – e acentuou estas palavras – a fim de pedir que lhe ensine o que diz o catecismo sobre a comunhão e as disposições necessárias que se deve ter para ela”. Para não se fazer catequizar por seu próprio pároco, a pobre senhora desistiu da comunhão freqüente. Mas doutro lado era a sua *penitência!* Quer quisesse quer não, viu-se obrigada a ir falar com o cura de Lurcy, P. Bernard. Ele, para não ferir o amor-próprio da paroquiana, limitou-se a emprestar-lhe dois livros espirituais, indicando os capítulos que devia ler. Leu-os e estudou-os. “Como estou contente com esta penitência, dizia depois ao P. Bernard, quando foi devolver os livros. Aprendi muitas coisas que não sabia e que me serão úteis”.

O P. Bernard contava mais tarde esse fato aos colegas, como resposta aos que censuravam o Cura d’ Ars de não entender nada na direção das almas, e favorecer todas as fantasias das falsas devotas. Pelo contrário, quando via verdadeira devoção, multiplicava os encorajamentos. Comprazia-se em excitar o fervor sobrenatural nas almas bem dispostas. Seus *catecismos sobre a comunhão freqüente* estão cheios de ardorosos apelos e exclamações sublimes.

– Meus filhos, todos os seres da criação tem necessidade de se nutrirem para viver; foi para isso que Deus fez crescer as árvores, e as plantas; é uma mesa bem servida onde todos os animais vêm cada um tomar o alimento que lhe convém. Mas é necessário que a alma também se nutra. Onde está pois o seu alimento?... Meus filhos, quando Deus quis dar alimento à nossa alma para sustentá-la em sua peregrinação neste mundo, olhou para todas as coisas criadas e não encontrou nada digno dela. Então concentrou-se em si mesmo e resolveu dar-se a si próprio...

Oh! minha alma, como és grande! Só Deus te pode contentar!... O alimento da alma é o corpo e o sangue de Deus!... Oh! formoso alimento! A alma não se pode

alimentar senão de Deus. Só Deus pode bastar-lhe. Só Deus pode saciá-la. Fora de Deus não há nada que possa saciar-lhe a fome. Necessita absolutamente de Deus... Que ditosas são as almas puras unidas a Deus pela comunhão. No céu resplandecerão como formosos diamantes porque Deus se refletia nelas... Oh! vida ditosa! Alimentar-se de Deus! Oh! homem, como és grande. Nutrido, abeberado com o corpo e sangue de um Deus! Ide, pois, comungar, meus filhos!...

No confessorário não falava doutro modo. Certa manhã de 1846, chamou dentre a multidão de penitentes a Madre Elisabeth Giraud, fundadora das irmãs do S. Rosário em Pont-de-Beauvoisin d'Isere. Disse-lhe algumas palavras sobre o pesado encargo que haveria de assumir e depois acrescentou: Não comunga bastante; faça-o com mais freqüência. Agora vou celebrar à missa; quero que tenha a felicidade de receber hoje a Nosso Senhor".

"Fui muito descuidada, dizia confidencialmente à suas amigas a humilde Madre Elisabeth. Naquele tempo comungava cada 8 dias e me parecia demais".

Uma pessoa piedosa de Beaujolais só comungava muito raramente. "Depois de algumas entrevistas", o pároco Vianney convenceu-a de que recebesse a sagrada Eucaristia cada 15 dias. Fez várias viagens a Ars e cada vez recebia ordens de comungar mais amiúde. Essa pessoa, apesar de obediente, objetava que as práticas de devoção não eram tidas em estima na paróquia a que ela pertencia, e que estava aborrecida de ver-se sozinha na igreja. "A Sra. sem dúvida tem amigas, replicou o santo Cura. Escolha as mais virtuosas e leve-as consigo. Dessa maneira não se achará só". Voltou com duas companheiras. "Voltem dentro de 6 meses, disse-lhes o homem de Deus, mas não sozinhas e sim acompanhadas; é necessário que cada uma conquiste mais duas ou três.

Ao cabo de seis meses, doze beaujolesas juntas empreendiam o caminho de Ars. A todas o Santo ensinou o segredo da comunhão freqüente... O próprio pároco, admirado com a feliz transformação na paróquia, quis saber a causa. Contaram-lhe o ocorrido e ele apressou-se a fazer uma viagem a Ars, a fim de agradecer ao zeloso e ardiloso colega.

Quantas outras almas e quantas outras paróquias tiveram que agradecer ao Sr. Cura a sua transformação! O que se sabe de sua influência como confessor e diretor de almas se reduz em suma a bem pouca coisa; o resto é ignorado por nós; Deus se reserva para revelá-lo. "E o P. Vianney, diz a condessa de Garets, viu-se forçado a confessar que somente no dia do juízo final se verá o bem que foi feito por meio de seu ministério". É fácil de entender que o demônio, empenhado na perdição das almas, gritasse por boca de uma pessoa: "Quanto me fazes sofrer... Se houvesse três como tu sobre a terra, meu reino seria destruído".

## A Peregrinação a Ars:

### V. O Diário do Cura d'Ars e sua Vida Interior

*As confissões depois dos sermões – A missa do Cura d'Ars – A ação de graças – A audiência aos peregrinos na sacristia – A recitação, o das "horas menores" do breviário – A famosa catequese das 11 horas – A passagem da sacristia à casa paroquial – Depois do catecismo – Uma rápida refeição – A visita aos enfermos – A visita à casa da "Providência" – Recomeçaram as confissões e as orações da noite – A vida interior de um pároco no correr de um dia – A oração da simplicidade – As alegrias da presença de Deus.*

Salvo os cinco dias de exercícios que anualmente até o ano de 1855 passava em Maximieux ou em Bourg-en-Bresse, e mais uma semana de férias muito relativas que passou no seio da família em 1843, a partir de 1830 o Cura d'Ars não abandonou mais a sua aldeia adotiva. Afora alguns fatos mais salientes, cuja recordação foi conservada por testemunhas fiéis, a sua existência tornou-se uma monotonia sublime. Passava de pé 20 horas ou mais por dia, em qualquer estação do ano, consagrando ao confessorário onze a treze horas no rigor do inverno e 15 a 16 durante o resto do ano. Quando era coadjutor de Ecully, contraíra o hábito de ir à igreja às 4 horas da madrugada. Uma vez em Ars ia ainda mais cedo e unicamente por devoção, pois o sacrário atraía-o de uma maneira irresistível. Mais tarde, melhorando a paróquia, os fiéis não tinham escrúpulos de irem procurá-lo antes da alva. O costume dos sermões não havia desaparecido, mas então todos se comportavam bem, Começavam e terminavam com uma oração. "Ao voltarem para suas casas, à meia-noite ou à uma da madrugada, as mulheres iam encontrar o Sr. Cura no tribunal da penitência. Gostavam muito dessas confissões noturnas. O Sr. Cura não estava ainda fatigado, nem assediado pelas multidões. Recebia-as com uma bondade comovedora, dedicando-lhes o tempo que desejassem e despedindo-as com algumas palavras impregnadas da mais ardente caridade. "Ande, minha filha, vá descansar, pois tem muito sono"... Aquelas boas senhoras conservavam grata recordação de tais confissões e cheias de gratidão, vinte anos depois da morte do Santo, ainda exclamavam: "Oh! como era bom confessar-se naquelas horas".

Mais tarde os peregrinos começaram a chegar a Ars. Então o P. Vianney tocava

pessoalmente o "angelus" para dar a entender que a igreja estava aberta e o sacerdote à disposição dos penitentes. Enquanto os esperava punha-se em oração, de joelhos diante do altar ou recitava o officio divino. "Que belo e edificante, escreveu Catarina Lassagne, era ver, à débil luz de um candieiro, aquela figura enfraquecida pela penitência! Orava com tanto recolhimento, dirigindo de quando em quando um olhar para o sacrário, com um sorriso tão doce que parecia ver a N. Senhor".

Quando a afluência de peregrinos chegou a ser tal que o P. Vianney não teria bastado, mesmo que confessasse noite e dia, levantava-se, às vezes, antes das doze e isso nos dias mais frios de inverno. Uma das diretoras da *Providência*, Joana Maria Chanay, lhe dizia rindo: "Sr. Cura, hoje não rezou a oração da manhã". A mesma testemunha nos conta, que em tais ocasiões "ele animava o corpo prometendo-lhe alguns instantes de repouso" no fim do dia, mas depois não o cumpria. O pobre *cadáver* tinha que esperar a noite seguinte para se estender um pouco. "Eu o logro", dizia o incorrigível asceta, que tratava aquele magro invólucro como se tratasse não só de um forasteiro mas de um inimigo.

Apesar de ser o Cura d'Ars tão madrugador os penitentes ganhavam-lhe a dianteira. Durante muito tempo não houve abrigo para os peregrinos. Tinha que esperar no pequeno cemitério ou na praça, o que já constituía uma boa penitência. Finalmente, em 1845, foi construído ao lado esquerdo junto ao campanário uma espécie de vestibulo. Nele se abrigaram as mulheres; com efeito, somente as mulheres foram admitidas à confissão durante as horas noturnas.

O Cura d'Ars chegava alumando o caminho com uma lanterna de vidro quebrado. Revestido de sobrepeliz e estola, atravessava o vestibulo. Em seguida os penitentes se precipitavam para o confessionário. Durante alguns minutos havia certa confusão; mas umas dez senhoras de boa vontade que se revezavam cada noite, encarregavam-se da ordem. Acendiam as lâmpadas, tocavam o "angelus", com o que o P. Vianney ficava livre daquela tarefa, e indicavam os lugares aos que iam chegando. Entretanto, o Cura d'Ars permanecia ajoelhado nos degraus do altar. Em rápido vôo elevava a alma a Deus, oferecendo-lhe todas as penas daquele dia ainda tão longe da aurora.

Pedia-lhe que tivesse misericórdia dos pobres pecadores... Depois entrava para o confessionário.

Às seis horas, no verão, e às sete no inverno, saía para celebrar a santa missa. Ele, tão irregular quando se tratava da sua comida ou do sono, não permitia que o entretivessem naquele momento, o mais santo de todo o dia... "Uma das pessoas mais distintas da sua paróquia" mandou pedir-lhe que no dia seguinte retardasse um pouco a celebração da missa. "Responda-lhe, disse o Santo, que é impossível. Que se levante! Não posso em benefício dela fazer algum de meus paroquianos perder a missa".

Naqueles momentos parecia esquecer-se da terra. Nenhuma sombra de tristeza se lhe via no rosto. Disse numa ocasião: "Não queria ser pároco, mas estou muito contente de ser sacerdote para poder celebrar a missa". Conforme faz notar o seu confessor, "tudo o que fazia depois de se levantar podia ser considerado como uma excelente preparação". Não obstante, recolhia-se por espaço de alguns minutos antes

do santo sacrificio. "Então, de joelhos sobre os ladrilhos do coro, ficava imóvel com as mãos juntas e os olhos fixos no sacrário. Nada era capaz de distraí-lo". Uma vez na sacristia, deixava apenas que lhe dissessem as palavras absolutamente necessárias. Os peregrinos que desejavam recomendar-se às suas orações procuravam falar-lhe enquanto se paramentava; ele porém apenas respondia com movimento de cabeça, e com um gesto sabia afastar os mais indiscretos. O sacristão permanecia a seu lado para evitar que o rodeassem. Às vezes suscitavam-se ali mesmo discussões entre seculares e até entre sacerdotes porque todos queriam ajudar-lhe a missa.

Nunca os paramentos lhe pareciam bastante bons. Desejava possuir um cálice de ouro maciço, pois, "o melhor que tinha não achava ainda bastante digno de conter o sangue de Jesus Cristo". Era-lhe muito agradável o altar-mor com o seu pedestal de mármore, onde estão esculpidos o Cordeiro, S. João Batista, seu patrono, e S. Sisto, padroeiro de Ars; com o sacrário de cobre cinzelado e dourado e mais o alto dossel adornado de brancos penachos... Mas para ele o principal adorno da igreja era a perfeita ordem dos fiéis.

Conforme a regra geral, o Cura d'Ars não empregava mais tempo do que os outros sacerdotes, na celebração da missa não costumava passar de meia hora. Durante toda a vida seguiu o rito especial da Igreja de Lião. Conforme esse rito, depois da elevação o celebrante permanece alguns momentos com os braços estendidos. O Cura d'Ars prolongava essa cerimônia. Causava grande impressão vê-lo desse modo. Em 1827 um pequeno escolar, que mais tarde chegou ao sacerdotício, ajudava-o como coroinha. "Estava admirado de vê-lo permanecer cinco minutos depois da consagração com as mãos e os olhos levantados, numa espécie de êxtase. Nós, dizíamos, meus companheiros e eu, que ele via a Deus". Antes da comunhão, parava alguns momentos, parecia conversar com Deus. Depois consumia as sagradas espécies". "Que belo era vê-lo quando celebrava exclama o Ir. Atanásio. Parecia-me ver outro S. Francisco de Sales". "Vi o servo de Deus enquanto celebrava a missa, refere o P. Luís de Beau, seu confessor; cada vez parecia-me ver um anjo no altar". Muitos iam à igreja especialmente para contemplá-lo e se edificarem. Os moradores do castelo de Ars, ainda que tivessem intenção de assistir a missa paroquial, iam contudo "para terem ocasião de admirá-lo". "Uma pessoa da paróquia, conta a baronesa de Belvey, disse-me certo dia: "Se quer aprender a ouvir bem a missa e oloque-se de maneira que possa ver o nosso Cura no altar". Coloquei-me num canto donde podia observá-lo sem dificuldade. Notei-lhe, na expressão do rosto, algo de celestial. Chorava durante quase toda a missa Sempre o mesmo me sucedeu cada vez que estive em Ars". Um artista declarou indescritível a expressão de seu rosto.

De distração, nem aparência. O exterior refletia o que se passava no mais íntimo da alma. "Inimigo de toda afetação", não fazia gestos exagerados ou inúteis; seus olhos, oravam ou contemplavam, ora elevados, ora baixos; suas mãos suplicavam postas ou estendidas. Era uma pregação muda de uma eloquência sublime. "Só o porte do Cura d'Ars, enquanto celebrava a missa converteu mais de um pecador". Um maçom que consentiu entrar na igreja, "apenas o viu no altar, sentiu-se mudado".

Tudo nele respirava adoração. Sentia-se de uma maneira palpável que não estava só no altar; que estava ali Jesus Cristo e seu sacerdote. Os seus gestos, olhares e atitude iam expressando sucessivamente o aniquilamento de si próprio, o desejo, a esperança e o amor. Enquanto celebrava, tais sentimentos comoviam-lhe a alma; e, coisa estranha, iam misturados às vezes de temores e tentações de desespero. Certa manhã, atormentava-o de tal modo o pensamento do inferno, e o medo de perder a Deus para sempre que gemia interiormente “Ao menos deixai-me a Virgem Santíssima”. “Durante uma missa de Natal, à meia-noite, cantou-se depois da elevação um hino bastante comprido. Conforme o rito lionês, o celebrante devia, a partir de certo momento, sustentar a sagrada hóstia sobre o cálice até o *Pater Noster*. Então, diz o Ir. Atanásio, “vi como olhava aquela hóstia, ora com lágrimas, ora com um sorriso. Parecia falar-lhe; depois vinham as lágrimas e em seguida os sorrisos”. Após a missa lhe pedimos desculpas na sacristia por tê-lo feito esperar tanto tempo. “O tempo passou sem que desse conta”, foi a resposta.

Mas, Sr. Cura, que fazia quando tinha a sagrada hóstia nas mãos? Parecia estar muito comovido. – Com efeito, ocorreu-me uma idéia feliz. Dizia a N. Senhor: Se soubesse que hei de ter a desgraça de não ver-vos na Eternidade, posto que agora vos tenha nas mãos, não vos largaria mais”.

Depois da missa, revestiu-se de sobrepeliz e estola, e foi ajoelhar-se novamente diante do altar para fazer a ação de graças Acontecia freqüentemente que os peregrinos não se acanhavam de se aproximarem dele, observá-lo com curiosidade e mesmo de fazerem algum comentário sobre sua pessoa. Parecia não ver nem ouvir nada deste mundo, tão abismado estava na conversa com seu Deus. “Quando se recebe a sagrada comunhão, dizia num de seus *catecismos*, a alma inebria-se como bálsamo do amor como a abelha nas flores”.

Finda a ação de graças, se é que naquele coração de fogo alguma vez se findava, o Cura d’Ars voltava à sacristia. O sacristão já havia disposto sobre a cômoda dos paramentos os objetos para serem bentos e as imagens para ele gravar as iniciais. As letras J. M. B. V. eram logo traçadas e a bênção não exigia muito tempo. Estavam ali todos os dias algumas almas, aflitas em busca de consolação. O Santo nunca se negava a recebê-las, mas pelo contrário curava-as ou aliviava-lhes as penas com poucas palavras, pois os homens para os quais chegava a vez, cada dia mais numerosos, já estavam colocados, na nave da igreja ou ao redor do coro. A partir de 1827 o Cura d’Ars, por obediências ao médico e ao Sr. Bispo, tomava um pouco de leite às 8 horas, abstando-se mesmo disso nos dias de jejum. Empregava apenas o tempo necessário para ir à *Providência* e voltar, sentando-se novamente no confessionário, mas, dessa vez, no da sacristia.



Pelas 10 horas, espreitava o momento favorável para rezar a parte das *matinas* do breviário, desde *prima* até *nona*. Acontecendo chegar um novo penitente, o Santo

indicava-lhe o genuflexório e pedia que continuasse a preparação. Então de joelhos, sobre o pavimento rezava o officio.

“Que felicidade, exclamava, poder assim descansar um pouco”. Doutro lado apreciava muito a beleza dos salmos e, ainda que não entendesse bem o latim, por uma graça especial, penetrava-lhes o profundo sentido “Quando penso nestas belas orações, costumava repetir, sinto-me tentado a exclamar: *Ditosa culpa!* pois se David não tivesse tido pecados para chorar, não as possuiríamos”. Amava tanto o breviário que sempre o levava debaixo do braço. Como lhe perguntasse a razão, respondeu-me: “O *breviário* é o meu fiel companheiro; não poderia ir a parte alguma sem ele”. Certa vez um advogado de Lião o esteve observando por longo tempo durante a recitação das horas canônicas. “Sua fisionomia, escreve, refletia os grandes sentimentos da alma; a boca parecia saborear o de que se ocupava o espírito; os olhos estavam iluminados e resplandeciam. Dir-se-ia que respirava um ar mais puro do que o da terra, e que, livre do bulício do mundo, não compreendia outras palavras do que as do Espírito Santo”. “Permanecia ali imóvel como uma estátua” sem aparência alguma de distração, da qual também estava livre no interior da alma. Falando das pessoas que se distraem na oração dizia, num de seus catecismos: “As moscas afastam-se da água fervendo, só caem na água fria ou morna”.

Terminado o breviário, o Cura d’Ars voltava às confissões, até às 11 horas. Então saía da sacristia e dirigia-se à *cadeira do catecismo*. Assim se chamava uma espécie de cátedra composta dum assento de tábua, de um espaldar e de um apoio para os pés. Rodeava-a uma pequena balaustrada. Ali durante 15 anos, de 1845 a 1859, todos os dias da semana, o Cura d’Ars se assentava para explicar singelamente o catecismo aos peregrinos.

Suas absorventes ocupações não lhe permitiam preparar a *instrução das onze*, melhor do que as homílias dominicais. Diz o professor Pertinand: Desde o dia em que afluência dos peregrinos não lhe deixou o tempo necessário, fez uma novena ao Espírito Santo para conseguir a graça de saber falar sem estudo. No fim da novena foi diretamente ao púlpito; entregou-se à inspiração e assim continuou a fazer dali por diante. Ia à igreja toda sorte de pessoas, bons, e fervorosos cristãos, como também espíritos fortes que sabem tudo, menos a religião..

Entre os fiéis misturavam-se sacerdotes e, às vezes, bispos. O Cura d’Ars preocupava-se somente com as almas. Ainda que estivessem o Papa e os Cardeais, não teria mudado de método e dirigia-se a elas com singeleza encantadora. Não o escutavam como a um pregador qualquer, mas como a um enviado de Deus, como a um novo S. João Batista, iniciado nos segredos do alto Começava lendo no livro do catecismo uma ou duas perguntas com as correspondentes respostas, depois punha o livro de lado. Quantas vezes o pequeno volume desapareceu, apanhado por uma mão piedosamente indiscreta e foi levado como relíquia. Então começava a explicação do texto que bem depressa era esquecido. Passava em seguida às “idéias mães”, como dizia um sacerdote, nas quais vivia sua alma e que meditara longamente na presença de Deus. A sua palavra estava cheia de eternidade, e o olhar de fogo fixava-se ora

num ora noutra dos ouvintes, como se quisesse enterrar-lhes no coração a espada do verbo: Flagelava o vício, amaldiçoava o pecado, e o que era mais freqüente, cantava as belezas e as delícias do amor de Deus.

A voz débil não chegava a todos, porém as exclamações, os suspiros eram bastante para comover até as profundezas da alma. Em setembro de 1858 uma religiosa da congregação de S. José, irmã Maria Gonzaga, acabava de chegar a Ars, um tanto a contragosto, pois “sentia aversão pelo P. Vianney, e estava longe de crer tudo o que se dizia a respeito dele”.

— Quando apeamos do carro, conta ela mesma, o sino chamava para o catecismo. Minha superiora quis ir em seguida e tive que acompanhá-la. Ao chegar à igreja o Sr. Cura subia à pequena cátedra. Meus olhos encontraram-se com os dele. Presa não sei por que vertigem, caí de joelhos, toda perturbada. Um momento depois uma mulher tomou-me pela mão que, conforme creio, era Catarina Lassagne e disse que me aproximasse, pois não ouviria nada do lugar onde me achava. Obrigou-me a sentar diante do púlpito. Ouvi algumas palavras sobre a conformidade com a vontade de Deus e o valor do sofrimento. Chorei durante todo o tempo; meus sentimentos para com o *Santo* estavam mudados.

Na mesma época, um médico de Lião foi à aldeia de Ars numa caravana com vários de seus parentes e amigos. “Não era um homem incrédulo, pois tinha recebido bons princípios, mas não possuía a menor idéia do que fosse um santo nem do espetáculo que o esperava”. Começou a explicação do catecismo e às primeiras palavras, o nosso ouvinte foi acometido de um forte acesso de riso. Que fazer? Todos o olhavam e se escandalizavam; ele escondeu a cabeça entre as mãos. Entretanto, o Cura d’Ars continuava falando. O riso foi se extinguindo e dali a cinco minutos, lágrimas abundantes, que não procurava dissimular como o riso, encheram-lhe os olhos e começaram a regar as faces do doutor.

Pedro Oriol, proprietário abastado de Pelussin, em Loire, que com o tempo fixaria residência em Ars e seria um dos “guardas” do P. Vianney, conheceu-o numa explicação do catecismo. “A primeira palavra que ouvi, conta este excelente cristão, foi direta ao meu coração e foi uma censura de toda a minha vida”.

O auditório comovia-se, porém menos ainda que o orador. Certo dia em que lamentava a desgraça dos pecadores, pôs-se a chorar como de costume. Uma senhora que se achava entre a massa do povo deixou escapar involuntariamente esta exclamação: “Oh! meu Deus, dai-me estas lágrimas.

A dizer verdade, nem todos se sentiam comovidos tão fortemente. As impressões sempre variam conforme as disposições de cada um. “Devo confessar que não entendia muita coisa daquele catecismo com que antes tanto me deleitava. A cada momento surpreendia a mim mesmo, interrogando-me ansiosamente: “Que me vai ensinar?... Desta forma se expressava o P. Teodoro Vibaux, de Roubaix, que chegou a ser superior do Seminário Maior de Saignon e protonotário apostólico. Mas essa disposição de ânimo se explica quando se sabe que o P. Vibaux, visitando Ars em 1857, padecia

dúvidas torturantes sobre seu futuro. Enquanto o Santo falava, ele estava preocupado com o que lhe haveria de dizer numa entrevista marcada para depois do catecismo.

Pelo contrário, havia peregrinos, e não de pouca importância, que não podiam deixar de ouvir a instrução familiar do Santo. Mons. Allou, bispo de Meaux, que passou 8 dias no castelo de Ars, não perdeu um só de seus catecismos, “saindo maravilhado”. Os missionários que iam ajudar o Cura d’Ars no auge do concurso de peregrinos, habitualmente se misturavam com a multidão dos ouvintes, a não ser nos casos de absoluto impedimento. E ainda que às vezes o P. Vianney repetisse o mesmo, sempre lhes parecia novo.

O momento em que o Cura d’Ars saía da igreja para ir tomar alguma refeição era talvez o mais extraordinário, o mais patético do dia. Ao meio-dia rezava o *angelus* de joelhos diante do altar. Depois dirigia-se à casa paroquial, para o que bastava atravessar o espaço de apenas 10 metros. Nele empregava cada dia, no mínimo, um quarto de hora. Os peregrinos formavam alas no vestíbulo debaixo do campanário e na estreita passagem até à porta do presbitério. As pessoas que tinham ido a Ars não para se confessar, mas para dizer-lhe alguma palavra, ou fazer-lhe um pedido, apinhavam-se ali para serem as primeiras a vê-lo.

Os enfermos ou aleijados, trazidos por parentes ou amigos, e que não haviam conseguido ser levados à igreja, esperavam apoiados em suas muletas ou deitados em padiolas. Ali também se achavam as crianças que pela tenra idade não eram capazes de ficar muito tempo na Igreja. O Santo aparecia abrangendo com um só e doce olhar a todos os forasteiros, cuja maioria ainda não o tinha visto. Espontaneamente caíam de joelhos. Depois de alguns segundos de pasmo e de silêncio começavam as exclamações a custo reprimidas: “Bom Pai!... Santo Pai!... abençoi-me!... Reze pelo meu enfermo!... Cure o meu pobre filho!... Converta o meu pai!... o meu marido”. Não podia responder a muitas dessas súplicas senão com um olhar, um sorriso ou com as lágrimas. Enquanto ia passando, dizia-lhes algumas palavras ou mostrava-lhes o céu, Acariciava as crianças, pondo-lhes as mãos veneráveis sobre os louros cabelos. Aos 75 anos, o P. Monnet, sacerdote retirado em Ars, recordava-se com prazer daquelas mãos trêmulas do santo ancião, postas sobre seus cabelos de menino e da bênção que lhe dera, à qual atribuía a vocação sacerdotal...

Várias vezes, para poder alcançar a porta da casa e nela penetrar sozinho, — pois naquele momento do dia não permitia que ninguém o acompanhasse, — usou de um inocente stratagem, muito agradável aos peregrinos: Tirava do bolso um punhado de medalhas, lançando-as à multidão. Enquanto as ajuntavam do chão, entrava no pátio, fechando a porta com o ferrolho.

No quarto, encontrava a comida, vinda da *Providência*. Já demos uma idéia de seu regime de vida e a ele voltaremos mais demoradamente. O Cura d’Ars comia de pé enquanto se ia inteirando da correspondência, posta previamente junto à tigela, onde lhe serviam a sopa e os legumes. “Essa refeição era tão rápida, diz o Ir. Atanásio, que um dia o Sr. Cura nos disse: “Tenho conseguido algumas vezes, das 12 à uma, comer, varrer o quarto, barbear-me, dormir e visitar os enfermos”.

A visita aos enfermos era especialmente querida do Cura d'Ars. Desde 1845, deixara ao coadjutor todos os atos externos do ministério paroquial, menos esse. E por *enfermos* não se deve entender somente os de Ars, mas também os forasteiros que, acamados nas hospedarias ou em casas particulares, desejavam ver e ouvir o Santo. Entre eles, às vezes, havia uns em estado grave, que se fizeram conduzir para ali a fim de morrerem assistidos e consolados pelo Santo". Às doze e meia, quando o P. Vianney saía da casa paroquial era novamente rodeado pela multidão que o esperava. Não podia descer a escadaria da igreja, nem atravessar a praça e nem andar pelas ruas senão muito devagar e protegido por dois ou três senhores de boa vontade, os seus "guarda-corpos". "Iam adiante com os braços estendidos para evitar que o Santo fosse vítima de veneração indiscreta". Apesar disso, enquanto lhe beijavam a roupa, cortavam-lhe pedacinhos da batina ou da sobrepeliz, e fios de cabelo, chegando a audácia a ponto de lhe arrebatarem o breviário, se bem que para devolvê-lo logo depois de terem tirado algum "santinho". Uma ou outra vez, porém, não o devolveram intacto. O P. Vianney suportava esses latrocínios da multidão sem se queixar. Já estava habituado a tais indiscrições. Não raro aconteciam engraçados equívocos.

– O empenho dos fiéis para se apoderarem dos objetos pertencentes ao servo de Deus – conta o P. Dufour, encarregado várias vezes de manter a ordem – deu lugar duas vezes a que, julgando tratarem com o Sr. Cura, me despojassem a mim mesmo. Certo dia arrebataram-me o breviário, o qual me enviaram depois pelo correio de Saint-Etienne. Queixei-me disso ao P. Vianney. Respondeu-me sorrindo: "O mesmo já me sucedeu muitas vezes". Outra vez cortaram um pedaço de minha batina. Era de noite e a escuridão favoreceu o honroso engano".

Pelo que fica dito, vê-se que era impossível ao Cura d'Ars aparecer em público sem ser rodeado e comprimido pela multidão. "Ninguém saía da igreja ou dos arredores do lugar santo senão para seguir-lhe os passos, diz o Ir. Atanásio, e acompanhá-lo até às casas dos enfermos".

Os sacerdotes pediam que lhes fosse permitido acompanhá-lo até à cabeceira dos moribundos a fim de se edificarem e se instruírem. "Duas vezes, diz o P. Tailhades, tive a dita de ver como administrava os últimos sacramentos. Nunca ouvi falar da outra vida com tanta fé e tanta convicção. Dir-se-ia que via com os próprios olhos as coisas de que falava. O P. Vianney consolava os pobres enfermos e reanimava-lhes a confiança. Todos teriam querido morrer em seus braços".

Quando acabava as visitas, a multidão ainda o estava esperando. Acaso não sabiam que levava os bolsos cheios de rosários, de cruzes e de medalhas? Que felicidade obter de suas mãos uma lembrança! Assim, os mais espertos ajoelhavam-se várias vezes à sua passagem, sem dúvida, não só para serem novamente abençoados, mas também para terem parte nas sucessivas distribuições. Graças a este estratagemas, que o Santo não deixava de perceber, uma menina de Lião pode reunir um tesouro de lembranças. Esteve em Ars uns três dias e não perdeu oportunidade de estender a mão à passagem do Sr. Cura. "No terceiro dia, conforme ela mesma conta, já religiosa, deu-me uma cruz e depois umas medalhas, dizendo ao mesmo tempo: "Menina, já são 17". Fiz a conta e vi que em 3 dias me havia dado 17 medalhas".

As provisões do Santo, conforme se vê, depressa se esgotavam. Não se preocupava, porém, com isso. Generosos peregrinos cuidavam de provê-lo. Os dois irmãos Léman, jovens judeus convertidos, os quais, como já vimos, foram acolhidos pelo P. Vianney tão ternamente, iam partir de Ars.

– Ao sairmos da vila, contam eles mesmos, vimos uma multidão que caminhava em sentido inverso: era o Sr. Cura que voltava da visita a um enfermo e como no tempo de Nosso Senhor, a gente o rodeava e se comprimia em torno dele. Ao passar reconheceu-nos. Quando a gente é jovem atreve-se a tudo. "Sr. Cura, lhe dissemos, já nos deu medalhas, mas ainda queremos mais". Sorriu e chamando uma vendedora que estava no portal de sua pequena tenda, disse: "Dê-me, por favor, uma grossa de medalhas". Ela trouxe-as e ele benzeu-as, dando-nos em seguida um punhado delas, e voltando-se novamente para a tendeira acrescentou: "Cobre-as a quem lhe aprouver". Ditosa de ter por freguês o seu pároco, fez um sinal de assentimento, dando a entender que estava segura de não perder nada e que havia feito outras vendas como aquela.

Muitas vezes, a não ser que se tratasse de caso urgente, a visita aos enfermos, era precedida por outra visita que gostava de fazer todos os dias: As meninas da *Providência* ansiavam também por vê-lo. Já temos visto que para ambas as partes era uma grande felicidade. Quando, depois do mês de setembro de 1853, a parte da casa que fica junto à capela alojou o P. Toccanier seus colegas que estavam ali de passagem, o Cura d'Ars procurou não esquecer os seus queridos missionários, os seus *camaradas*, como os chamava familiarmente. Chegava quando acabavam o almoço, e, enquanto os via saborear frutas que tanto lhe agradavam, mas que nunca comia por espírito de penitência, permanecia de pé, encostado na porta e falava todo o tempo para evitar entre os outros, qualquer palavra de lisonja. Mostrava-se sempre amável, jovial e às vezes suavemente irônico. A única coisa que aceitava de tempos em tempos era um pouco de café; tomava-o sem açúcar e achava-o particularmente amargo.

À tarde, voltava para a igreja logo que podia. De joelhos sobre o pavimento, diante do altar-mor, rezava como um anjo as vésperas e as completas. Imediatamente depois, punha-se à disposição dos *pobres pecadores*.

– Confessava as mulheres até às 15 horas, voltando depois para a canônica, onde permanecia por espaço de uns 5 minutos, conforme afirma Pedro Oriol. Encerrava-se em seguida na sacristia e ali ouvia as confissões dos homens até às 19. Então subia ao púlpito para recitar o rosário da Imaculada Conceição e a oração da noite. Terminada esta, entrava novamente na casa paroquial, onde recebia algumas pessoas, missionários, religiosos, sacerdotes ou leigos e forasteiros, com os quais conversava amavelmente. Feito isso encerrava-se no quarto. Que fazia nele durante a noite? Não sei, creio que em grande parte passava-o em oração.

Foi nesses termos que um dos familiares de nosso Santo, admitido muitas vezes às íntimas conversações noturnas, nos descreve a segunda parte de cada um de seus dias. Nada porém nos diz sobre o modo como o P. Vianney rezava a oração da noite. Outra testemunha se encarregará disso.

– Nunca pude vê-lo, mas apenas ouvi-lo, escreve o Sr. Brac de la Perriere. A nave estava tenuemente iluminada. A voz fraca do santo sacerdote chegava dificilmente aos fiéis colocados a alguma distância. Não obstante pouco a pouco, devido aquele silêncio, o ouvido se ia acostumando ao débil rumor da oração, como a vista à mística penumbra do recinto sagrado, onde se ouvia um doce murmúrio, ora interrompido ora continuado em períodos de igual duração. Não se levava muito tempo a sentir-se enlevado por aquele colóquio indefinível, e sem notar, chegava-se a um grau de profundo recolhimento que dilatava a alma, impelindo-a a orar com a ajuda de todos.

O Sr. Oriol conta em que se ocupava o P. Vianney ao achar-se sozinho no quarto. Apesar de sentir-se esgotado, rezava as *matinas e laudes* do dia seguinte. Depois lia algumas páginas da *Vida dos Santos*, seu livro de cabeceira. De que heroísmo precisava todas as noites para terminar a leitura! “Às vezes, refere o Ir. Atanásio, estava tão fatigado ao chegar em casa que lhe custava muito subir as escadas.

Vi-o algumas vezes cair contra a parede. Ele zombava da própria fraqueza e dizia, aludindo a umas palavras ditas com má intenção a seu respeito: “Olhem o velho feiticeiro, hoje fez um bom trabalho”.

Supõe-se que não passava mais de três horas na cama. “Quando dorme? interrogava-se a si mesmo uns moradores de Ars, é visto sempre de pé”. “Quase constantemente via-se luz pelas frestas de sua janela”, dizia outro. É que durante as rudes flagelações mesmo quando deitado, não podendo dormir, com o diabo molestado-o, deixava a vela acesa a fim de poder contemplar as imagens dos santos que cobriam uma das paredes do quarto. “Quando não durmo, dizia ele, fico a olhar os meus quadros”.

E se adormecia, quando abria os olhos olhava-os novamente. “Estou em companhia dos Santos, dizia à sra. de Garets. Durante a noite, quando acordo, parece que me olham e dizem: Que preguiçoso és tu; dormes enquanto nós passamos a velar e a rogar a Deus”.

Nunca falava nos sofrimentos noturnos, na excitação nervosa causada pelo estafante trabalho diurno, na “febre que o agitava sobre a pobre enxerga, na tosse que o obrigava a levantar-se muitas vezes numa hora”. Apesar disso, quando chegava o momento marcado para ir à igreja, deixava o duro leito e recomeçava onde havia interrompido o seu interminável e santo trabalho.

Uma das maravilhas daquela existência completamente sacrificada ao serviço dos outros é que se tenha passado, ao mesmo tempo, entre o movimento contínuo das multidões e um profundo recolhimento.

“De mil maneiras importunavam o santo Cura, e nada lhe perturbava a paz interior. Donde, pois, tirava aquela calma e aquele inteiro domínio de si mesmo? Uma testemunha autorizada no-lo dirá.

– O pároco Vianney, diz o piedoso cônego Gardette, capelão do Carmelo de Chalon-sur-Saone, expressava-se desta maneira diante de mim: “Ah! quanto quisera abismar-me em Deus e jamais achar-me a não ser n’Ele!” Pois bem, ao vê-lo agir, via-se realizado o seu desejo. Sabia, com efeito, entregar-se de tal maneira a Deus

que em seus múltiplos e trabalhosos ministérios, se mostrava tão recolhido como nos exercícios de piedade., Dir-se-ia que só fazia uma coisa: a do momento recente. Sempre o ardor do zelo, mas nunca a atividade da natureza. Pela manhã, ao meio-dia e à noite, deixava ver na sua pessoa a mesma liberdade de espírito, a mesma doçura de caráter, o mesmo reflexo da paz interior. Aquilo era, ao meu ver, a prática ideal da união com Deus, a manifestação mais completa possível do perfeito amor.

Uma alma que não está unida com Deus, como ao seu centro, poderá mover-se num círculo de ações mais ou menos santas, sem ela mesma ser santa? Para fugir desse perigo o Cura d’Ars levantava sem cessar o seu coração, no púlpito, no confessionário, no meio das conversações e ocupações mais variadas. “Tinha adquirido o hábito dos santos, de sair de Deus para a ação, quando era necessário e voltar a Deus pela oração, logo que era possível”. A oração era de fato o grande consolo de sua alma e o seu refúgio habitual. “Ela é um roseiral perfumado... dizia ele. Quanto mais se ora mais desejo se tem de orar... O tempo não é longo na oração”. Se durante toda a vida desejou a solidão, foi precisamente para se poder entregar de todo à oração e à contemplação das coisas de Deus. Mas, infelizmente, nem sequer tinha o prazer de se entregar, como todos os seus colegas de sacerdócio, aos suaves exercícios de um retiro espiritual. A última vez que nele quis retemperar a sua alma foi em 1835, no Seminário de Brou. Mons. Devie mandou-o voltar para a paróquia antes do primeiro exercício. “V. Revma. não tem necessidade de retiro, disse-lhe o prelado, ao passo que os pecadores têm necessidade de V. Revma.. E o pobre Cura d’Ars partiu sem nada objetar.

Entretanto, algumas vezes foi ouvido lamentar-se ante a lembrança de tempos idos, em que vivia na solidão dos campos: “Como era feliz! Não tinha a cabeça zonha como hoje; orava à minha vontade... E acrescentava sorrindo: “creio que a minha vocação era ser..., pastor toda a vida”.

Pastor, porém, de almas, tinha podido satisfazer nos primeiros anos a ânsia de orar. Naquela época chegara certamente ao grau supremo da oração, chamada *oração de simplicidade*, “na qual a intuição substitui em grande parte os raciocínios e, os afetos as resoluções são menos variadas e se traduzem em poucas palavras”. “Antes de começar o rude trabalho das peregrinações, diz o P. Cláudio Rougemont, coadjutor de Ars, de acordo com os testemunhos de velhos paroquianos, via-se constantemente o nosso pároco de joelhos, orando sem se servir de livro algum”. De fato “sua oração, como nota a baronesa de Belvey, era afetiva antes que reflexiva ou intelectual”. Olhava fixamente para o sacrário, reafirmando sem fim o seu amor a Cristo. Seguiu o método do bom Chaf fangeon: “*Eu ollo para Deus e Deus olha para mim?*”. “Quando a afluência de peregrinos, diz o Ir. Jerônimo, não lhe permitia mais entregar-se a longas orações, o Sr. Cura contraiu o costume de escolher pela manhã um tema para meditar e pautar por ele todas as ações do dia”.

“Certa vez, conta o P. Dufour, pedi-lhe conselho sobre a maneira de orar. “Não tenho tempo de fazer uma oração bem regular, foi a resposta, porém desde o começo do dia esforço-me por unir-me a Deus muito estreitamente e depois vou fazendo os

meus trabalhos, pensando nesta união". Donde concluo, acrescenta o P. Dufour, que a vida do pároco Vianney era uma contínua oração".

Seguia durante todo o dia, com um olhar do coração, algum dos atos da vida de Cristo, da Virgem ou de seus santos prediletos. Preferia os mistérios dolorosos e quase sempre acompanhava a Cristo em seus diversos passos, para o Calvário. A fim de lembrar-se melhor pediu a Catarina Lassagne que os escrevesse na margem de seu breviário. Deste modo, conforme ia rezando as horas, meditava uma a uma as cenas da Redenção, com uma piedade misturada de lágrimas.

Freqüentemente, ao passar por entre a multidão, "parecia estar só, de tal modo andava absorto em piedosos pensamentos". Em plena ação continuava sendo o contemplativo que sempre houvera desejado ser. "A fé, dizia ele, existe de verdade quando a gente fala com Deus, da mesma maneira que falaria com um homem". Realizava plenamente esse pensamento tão profundo. Pouco a pouco os anos e mais ainda as heróicas fadigas encurvaram-lhe as espaldas e enrugaram-lhe o rosto; o coração porém, não envelheceu. Para este só existia uma perpétua primavera. O Cura d' Ars disse-o numa frase poética e cadenciosa como um belo verso: "A primavera sempre floresce na alma unida a Deus".

O sentimento da presença divina provocava algumas vezes no seu espírito verdadeiros transportes de júbilo. "Quando o via com aquele ar de felicidade extraordinária, conta ingenuamente Catarina Lassagne, dizia ao Ir. Jerônimo. "O Sr. Cura hoje tem muito amor a Deus". Tais suavidades não as desejava por si mesmas. "Quando não se sente consolação, dizia ele, serve-se a Deus por Deus mesmo; quando se sente, há perigo de servi-lo por amor-próprio". Apesar disso, essas íntimas doçuras ajudavam-no a viver. Eram para ele penhor da amizade de seu Deus e das suas adoráveis condescendências. Sentia que, uma vez admitido à familiaridade do Mestre, poderia conseguir mais d'Ele. "Deus, dizia, está tão unido aos santos que parece fazer mais a vontade deles do que a própria". E quando lhe faziam notar que S. Filomena lhe alcançava tudo e parecia obedecer-lhe retrucava: "Que há de admirável, se o próprio, Deus me obedece na missa!"

Não se pense que durante essas horas de santa alegria o Cura d' Ars perdesse algo de sua deliciosa singeleza. Nada de atitudes afetadas, nada de exclamações, nada de suspiros, nem ímpetos de espécie alguma, mas um sorriso inexprimível, celestial, que jamais esqueceram os que o viram desabrochar em seus lábios.

## Ânsias de Solidão. Grave Enfermidade e a "fuga" de 1843

*A apreensão de morrer pároco – Demissão sempre solicitada e sempre negada – Tentação sutil – Solidão e apostolado, dois atrativos numa só alma – Primeira tentativa de fuga – Absolutamente só com um trabalho acabrrnhador – A grave doença de maio de 1843 – Desolação na paróquia – Entre a vida e a morte – Cura atribuída a S. Filomena – Necessidade de repouso e maiores desejos de solidão – A fuga de 12 de setembro – Ars sem peregrinos – O êxodo para Dardilly – A mensagem do P. Raymond – A viagem a N. Senhora de Beaumont – Regresso triunfal.*

Ao ver o Cura d' Ars, sorridente e solícito, entre a turba de peregrinos, ninguém, afora seus familiares, teria suspeitado que "o perseguia sem cessar o desejo de solidão". À primeira vista, parece de todo inverossímil esta afirmação de Catarina Lassagne: "Esteve na paróquia de Ars por espaço de 41 anos, sempre contra vontade". "Desde a idade de 11 anos, dizia ele mesmo, em 1843, confidencialmente ao conde de Garets., burgomestre de Ars, tenho pedido a Deus a graça de viver na solidão, porém minhas súplicas nunca foram ouvidas". Esse desejo foi-lhe inspirado desde a infância pelo gosto da oração. Compreendera, muito jovem, que o silêncio e o recolhimento favorecem os impulsos da alma para Deus. Quando chegou ao sacerdócio, um novo motivo ajuntou-se ao primeiro: "Ignorante e incapaz como se achava, não seria tentar a Deus aceitar a cura das almas?" Ah! dizia entre gemidos, não é o trabalho que custa; o que assusta é a conta que se deve dar da vida de pároco". E realmente, essa perspectiva inquietou-o até os últimos anos. Em 1858 (contava então 72 anos) durante uma missão que o P. Descotes pregava em sua paróquia, aproximou-se do pregador com certo ar de regozijo, quando este saía da sacristia para subir ao púlpito e lhe disse: "Desta vez sim, nos converterá. – Quanto a V. Revma., Sr. Cura, tornou o missionário, não há nada que temer. Eu respondo por V. Revma. – Meu amigo, suspirou o Santo, tomando repentinamente uma expressão grave, quase angustiada, V. Revma. não sabe o que é passar de uma paróquia para o tribunal de Deus".

O desejo de retiro num pequeno recanto "onde pudesse chorar sua pobre vida" atormentava-o desde os primeiros anos de vida paroquial. Catarina Lassagne recordava-se de o ter ouvido falar disso "dois anos apenas, depois de ter chegado a Ars". Em 1827 já o vimos fazer diligências junto ao prelado para pedir transferência.

Sem dúvida, teve desgostos e sofreu muito por causa das calúnias propaladas contra sua pessoa. Mas no fundo era outro o pensamento que o atormentava. Pode ser que tivesse revelado ao bispo o segredo torturante. S. Excia. ofereceu-lhe a paróquia de Fareins; ele hesitou. O desejo oculto não fora atendido e por isso preferiu ficar na sua humilde aldeia. Permanecendo ali, quem sabe, não teria maior facilidade em conseguir entrar para a Trapa ou para a Cartuxa! Em 1830, quando as multidões já o assediavam, tais sentimentos conservaram-se os mesmos, mas os desejos eram mais intensos ainda. O vizinho de Chaleins, P. Mermod, recorreu a ele para receber conselhos sobre a vida perfeita, ao que respondeu o P. Vianney: “Convém não ser pároco até o fim da vida; devemos reservar algum tempo a fim de preparar-nos para a morte”.

Vinte e cinco anos depois, o cônego Camelet, superior dos missionários, de Pont-d’Ain, recebeu semelhantes confidências: “Eu não quisera morrer pároco, porque não conheço nenhum santo que tenha morrido neste cargo. Desejaria dispor de dois anos para chorar a minha pobre vida!... Oh! parece-me que então amaria melhor a Deus”.

Os ecos desses desejos e desses gemidos chegaram algumas vezes ao bispo de Belley. Mons. Devie fazia-se de surdo. Mas a pertinácia do Cura d’Ars em solicitar o seu *exeat* demonstrava que não perdera a esperança de ser atendido. “Essa esperança era para ele uma necessidade”, dizia a Sra. de Garets. Raramente se dirigia ao bispo para expor-lhe um caso de consciência sem falar ao mesmo tempo de seu grande desejo. É notável a seguinte passagem de uma carta escrita em 1851. Nessa época Mons. Devie, a quem Roma acabava de dar por auxiliar Mons. Chalandon, pensava também em buscar um *retiro*.

– Mons., já que V. Excia. é tão feliz, pois esforça-se para retirar-se e não pensar senão no céu, peço-lhe me conceda o favor de procurar para mim a mesma felicidade... Se partir sem me ouvir, morrerei de tristeza.

Que o seu coração, Mons., perdoe-me todos os aborrecimentos que lhe tenho causado. Confio muito que V. Excia. me concederá a graça pedida. Bem sabe que não sou senão um pobre ignorante. Esse é o parecer de todos...

E assina humildemente: *João Maria Vianney, pobre Cura d’Ars*. A carta não logrou êxito algum. Mons. Chalandon, bispo de Belley, recebeu, alguns, anos mais tarde, esta premente petição:

– Mons., cada vez estou mais doente. Tenho que passar parte da noite numa cadeira e levantar-me três ou quatro vezes numa hora. No confessionário fico tonto, chegando a perder os sentidos por espaço de três ou quatro minutos...

Em vista de meus achaques e de meus anos, quero dizer adeus a Ars para sempre, Mons....

Desta vez, assina *Vianney, pobre e desventurado secerdote*. As rnesmas instâncias foram renovadas de viva voz em cada visita pastoral. Nos dias que as precediam, redobrava as mortificações. Orava, “chorava, gemia e jejuava antes de formular a sua petição”. E quando aparecia o prelado, avivava-se-lhe a esperança tantas vezes decepcionada. Um dia o Sr. Oriol viu-o entrar na sacristia transbordando

de júbilo. “Mons. vai vir, disse-me ao ouvido. Mons. vai vir, e eu vou pedir-lhe... Você bem sabe o que...”

Monsenhor veio, de fato, a Ars, e, além disso, visitava freqüentemente o seu santo amigo, mas o P. Vianney continuava Cura d’Ars. Mons. Devie bem como Mons. Chalandon, seu sucessor, sempre se opusera energicamente a que o P. Vianney se retirasse”. Mons. Langalerie, elevado à sede episcopal de Belley em 1857, recebeu mais de uma vez as mesmas súplicas. Nunca, e é coisa que não deixa de surpreender, o Cura d’Ars nunca se resignou de todo a morrer no seu posto. Durante o último mês de vida ainda falava em retirar-se. Ouçamos a esse respeito Mons. de Langalerie na oração fúnebre do P. Vianney, pronunciada no mesmo dia das exéquias:

– Ah!, Mons., nos dizia ele, faz 15 dias apenas, eu lhe pedirei em qualquer tempo de me deixar partir para chorar os pecados de minha vida. – Mas, meu bom Cura, lhe respondíamos, as lágrimas dos pecadores que Deus lhe envia valem bem as suas. Não me fale mais desse modo, aliás não virei mais vê-lo. E todas as nossas palavras de afeto e de encorajamento não pareciam convencê-lo.

Um desejo assim tão veemente de solidão não é de admirar num homem como o P. Vianney que, voluntariamente, teria passado a vida inteira ajoelhado diante do tabernáculo. Entretanto, examinando bem o caso, uma tentação sutil, e que o Santo terminou por descobri-la, escondia-se sob esse atrativo, na aparência tão legítimo.

Assim atestaram muitos dentre os seus familiares e não os de menos importância.

– O Cura d’Ars, declarou o P. Monnin, reconhecia haver exagero nesse desejo, do qual o demônio se servia para tentá-lo. Mortificava-o, resisitia-lhe, mas durante toda a vida teve que lutar contra ele...

O testemunho do Sr. de Garets, *maire* de Ars, é mais nítido e mais, explícito ainda.

– Sempre vi o P. Vianney desejoso de se retirar para uma solidão. Descobri nesse pensamento três motivos: Queria primeiramente declinar a responsabilidade de uma paróquia; segundo, proporcionar-se o meio de chorar aquilo que ele chamava sua *pobre vida*; terceiro, fugir das contínuas ocupações e procurar lazeres para entregar-se, conforme seu atrativo, à prece e à contemplação. Tais são os motivos que tinha para consigo mesmo o bom Cura.

Mas ainda é minha íntima convicção que, além de tudo isso, havia urna verdadeira tentação do demônio, da qual, apesar de esclarecido como era nos caminhos de Deus, não tinha consciência. O demônio sabia todo o bem que o Cura d’Ars fazia entre os peregrinos e o que poderia fazer dali por diante. Tinha pois grande interesse em afastar o servo de Deus, sob plausíveis pretextos.

O P. Vianney, declara por sua vez o Ir. Atanásio, um dos principais confidentes, padeceu muitas tribulações interiores. Atormentava-o o grande desejo de retiro. Nisto falava muitas vezes. Era como uma tentação que o assediava durante o dia e mais ainda durante a noite. Costumava dizer: “Quando não posso dormir, o meu espírito

viaja. Estou na Trapa, na Cartuxa, buscando um canto onde chorar a *minha pobre vida* e fazer penitência de meus pecados”.

Do mesmo modo, gemia Catarina de Sena, a semeadora de milagres, aclamada pelas multidões. “Por que, Senhor, perguntava entre suspiros, me converteis num brinquete de todo o mundo? Exceto eu, todos os vossos servos vivem em paz entre os homens”. Melhor não acontecia ao pobre Cura d’ Ars. Deus negava-se a escutá-lo nesse particular e ele deu-se conta disso.

– Ovi-o dizer confidencialmente, conta Catarina Lassagne, estas palavras: “Deus me concede logo o que peço, exceto quando é para mim. – Eu lhe respondi: É que V. Revma. pede para Deus tirá-lo de Ars e isso Deus não quer”. Nada respondeu.

Essa fome de solidão e recolhimento, jamais saciada, não era tão somente tentação do demônio: era também provação de Deus. Muito bem a compreendeu o P. Monnin quando disse: Parece-me que houve um secreto desígnio da Providência: sacrificando o gosto à obediência e o prazer ao dever, o Cura d’ Ars teve ocasião de se vencer continuamente e de calcar aos pés a vontade própria.

Demais, o desejo de solidão era freqüentemente combatido pelo desejo de apostolado. Por uma permissão especial de Deus, o seu coração andava sempre agitado por esses atrativos. É certo que a responsabilidade da cura das almas o aterrorizava. Um dia, quando um seminarista de Lião se confessava com ele, perguntou-lhe se já havia recebido as ordens sagradas. “Sim, já sou diácono e só tenho que esperar três meses para ser sacerdote. – Oh! meu filho, exclamou o Santo, sempre se torna padre muito cedo”. E não obstante estava convencido ser o sacerdócio necessário às almas e que “apascentar o rebanho de Cristo é obra de amor por excelência. Suspirava pela solidão tranqüila e doutro lado nunca estava tão contente como quando o cercavam as multidões, vindas de todas as partes. A senhora de Garets diz: “Ele se deveria ter persuadido uma vez para sempre que fora feito para aquele ministério. Quando não havia muita afluência, parecia estar triste, e fazia novenas para que viessem as multidões”. Quando chegavam, se lhe pediam que repousasse um pouco, respondia: “Que mal seria fazer esperar a essa pobre gente, que vem de tão longe e passa a noite esperando a sua vez para se confessar! Seria preciso que Deus me desse o privilégio de me bilocar, como deu a muitos santos...”

“Se já estivesse com um pé no céu e me dissessem que voltasse à terra para trabalhar na conversão de um pecador, voltaria com muito gosto. E se para isso fosse preciso ficar aqui até ao fim do mundo, levantar-me à meia-noite e sofrer o que agora sofro, aceitaria de todo o coração”.

Um dia, quando explicava o catecismo na igreja, exclamou: “Ah! se eu tivesse sabido o que significa ser sacerdote, muito cedo me teria refugiado na Trapa”. Ao que respondeu uma voz saída da multidão: “Meu Deus, que desgraça teria sido isso”. Esse grito saído de um coração foi para o nosso Santo um encorajamento e uma lição.



O que fica dito não impediu que por três vezes o Cura d’ Ars tentasse deixar a paróquia. A tal ponto o pungia a fome da solidão. Cria ver nisso, ainda que muito obscuramente, a vontade imperativa de Deus oposta à do prelado cujo consentimento, apesar de tudo, sempre esperava conseguir. Foi no ano de 1840 uma primeira fuga que passou inadvertida e sobre a qual o Cura d’ Ars fez mais tarde algumas revelações confidenciais. Saiu da casa paroquial numa noite muito escura – seriam talvez duas horas da madrugada – e empreendeu sozinho o caminho de Villefranche. Aonde ia e que pensava afinal? Nada disse. Caminhou pouco tempo. Chegando à cruz de Dombes, não longe da aldeia de Ars, pôs-se a refletir: “Será a vontade de Deus que estou cumprindo neste momento? A conversão de uma alma não vale mais do que todas as orações que poderei fazer na solidão?” E voltou. As almas que o esperavam recuperaram-no em seguida. “A tentação de fugir, acrescenta o P. Toccanier, de quem é este relato, acometera-o repentinamente”. O tentador que, de fato, se pode descobrir neste episódio, não se deu por vencido. As indisposições e as doenças do santo homem lhe apareceram como uma preciosa ocasião de tirar desforra.

Em 1835 o Cura d’ Ars ressentia-se ainda de suas “imprudências de moço”; nevralgias faciais, atrozes dores de dente e violentas cólicas lhe recordavam que não se passa impunemente as noites sobre o chão úmido dum quarto de andar térreo. As cartas enviadas pelo Cura d’ Ars ao médico atestaram-no de sobra. Indubitavelmente, necessitava dum coadjutor. Dessa maneira poderia descansar de tempos em tempos. Mas, além do P. Aleixo Tailhades, de Montpellier, que teve como hóspede e discípulo desde o inverno de 1839 até 1843, não lhe foi concedido nenhum sacerdote. Mons. Devie, por carecer de pessoal disponível, não podia fazer outra coisa que exortar os curas vizinhos a auxiliarem o colega sobrecarregado de trabalhos. Assim foi que, benevolmente, o P. Derognat, cura de Rance, e o P. Raymond, cura de Savigneux, ajudaram-no nas diferentes funções do ministério. Em 1853, o Cura d’ Ars julgou chegado seu fim. Já muito fatigado, escrevera, fazia quando muito dois anos, o primeiro testamento, pelo qual “dava o seu corpo de pecados à terra e a pobre alma às três pessoas da SS. Trindade”. Começava o *mês de Maria*. Havia seis anos que o Santo pregava sozinho os exercícios. Fazia de ordinário uma leitura que em seguida comentava, e, “uma vez *em movimento*, como diz Catarina Lassagne, falava longo tempo”. À noite do dia três de maio, começa a leitura. Uma sufocação o impede de continuar... Ajoelha-se para rezar e apenas pode articular as primeiras palavras. Uma febre violenta apodera-se dele. Acodem todas e levam-no para um quarto vizinho ao seu, onde ficava mais fácil atendê-lo. A armação da cama em que morrera o P. Balley estava guardada ali como uma relíquia. Arranjaram-na com o colchão do P. Vianney e deitaram nela o enfermo, que acabava de desmaiar.

O Dr. Saunier, chamado à toda pressa, diagnosticou uma pneumonia. O conde de Garets, por sua vez, correu à canônica e ao ver seu pobre Cura estendido sobre aquela enxerga, dura como um pau, ofereceu-lhe um bom colchão. Depois de muitas instâncias o Santo permitiu-lhe a troca. Era tempo de estar alerta. No dia 6 de maio – o P. Vianney completava 58 anos de idade – O Dr. achou o seu estado desesperador. Tal era a simpatia de que gozava o Cura d’ Ars que outros três médicos atenderam ao

chamado do Dr. Saunier. Foi decidido que se evitasse fazer o venerável enfermo falar. Urgia, antes de tudo, poupar-lhe toda a emoção, porque o coração pulsava com muita dificuldade. Entretanto, o Cura d' Ars não perdera a presença de espírito. Disso deu provas naquelas horas. "Ao ver toda a Faculdade junto da cama, disse sorrindo: "Sustento neste momento um grande combate. - Contra quem, Sr. Cura? - Contra quatro médicos. Se chegar um quinto estou morto". Essa ocorrência chistosa não nos há de fazer esquecer que o Cura d' Ars, durante toda a doença, tremeu ao pensar nos juízos de Deus. "Quisera viver mais, dizia ele ao conde de Garets que, enquanto o Cura esteve em perigo, não saiu da canônica, chegando mesmo a dormir ali, quisera viver ainda para chorar os meus pecados e fazer algum bem", Teve noites agitadas e horríveis pesadelos. "Parecia-me ouvir os gritos de triunfo dados pelos demônios", dizia ele numa manhã: "Nós o temos; nós o possuímos; ele é nosso".

Entretanto, a tentação não o molestava a ponto de fazê-lo perder a paciência e a confiança em Deus. "Nunca se queixava, diz João Pertinand, o mestre-escola que se arvorara em enfermeiro, e aceitava por obediência todos os medicamentos. Suportou as dores com a mais completa submissão à vontade de Deus, que via em toda parte".

Durante aquele tempo, "dir-se-ia que em Ars havia um morto em cada casa". Os peregrinos andavam errantes pelos arredores da igreja como um rebanho sem pastor. Estavam ali duzentos ou trezentos que não tinham terminado a confissão e se recusavam a se confessar com o P. Lacote, cura de Saint-Jean-le-Vieux, encarregado interinamente da paróquia de Ars. "É necessário, lhes diziam, que se confessem com o sacerdote que veio substituir o Sr. Cura". "Não tenho coragem para recomeçar, respondia uma senhora a quem o P. Renard dava esse conselho. Permita-me V. Revma. que vá ajoelhar-me na porta do seu quarto para que me veja e me dê a bênção; isso trará um pouco de paz à minha alma". Já que não conseguiam mais, mandavam levar à cabeceira do moribundo - todos estavam persuadidos do seu fim próximo - cestos cheios de medalhas, rosários, cruzes e estampas. O Cura d' Ars erguia a mão abençoando todas aquelas queridas recordações. "Duvido, escrevia a condessa de Garets, que todos os bispos juntos da França tenham abençoado tanto como ele".

Não restava outro recurso senão uma intervenção extraordinária do céu; por isso a multidão que havia desaparecido do confessionário prostrava-se ante o altar de S. Filomena, onde ardiam numerosas velas. Os sacerdotes começaram uma novena de missas... Apesar de tudo, "a igreja sem ele parecia deserta".

No dia 11 de maio, pela tarde, a agonia pareceu iminente. Sete padres achavam-se reunidos no quarto do enfermo. Não havia lugar para dúvidas; resolveu-se administrar ao P. Vianney os últimos sacramentos. Somente seu confessor o P. Valentim, cura de Jassans, achou melhor deixar os paroquianos na ignorância da cerimônia que se preparava. "Sim, sim, que toquem, diz o moribundo, um cura tem muita necessidade que orem por ele". O sino soou e imediatamente a escadaria e o pequeno corredor da casa paroquial ficaram inundados...

"Crê em todas as verdades que a igreja nos ensina?" perguntou-lhe com voz trêmula o cura de Jassans. "Jamais duvidei", foi a resposta do Santo. E recebeu os

últimos sacramentos com uma expressão de fé que impressionou a quantos assistiam. Saídos os assistentes e a sós com o P. Dubouís, cura de Fareins, "consagrou-se a S. Filomena, prometeu mandar celebrar uma missa em sua honra e acender um grande círio diante da imagem".

Depois, quase repentinamente, pareceu entrar em estado de coma. Todos se ajoelharam ao redor da cama. O Dr. Saunier estava de pé junto a ele, convencido de que não escaparia. Apesar de já estar com os olhos fechados, ouviu a sentença do médico. "Minha pobre prima, dizia alguns meses mais tarde a Margarida Humbert, de Dardilly, quando eu estava nas últimas e acabavam de ministrar-me a extrema-unção, o médico dizia, tomando-me o pulso: "Não tem mais do que 30 ou 40 minutos de vida". E eu pensava: "Meu Deus, será, preciso que me apresente diante de vós com as mãos vazias!... "Dirigi-me à Virgem Santíssima e à S. Filomena, dizendo: Se ainda posso ser útil para a salvação de algumas almas... Minha boa prima, acrescentava, quando te achares ao lado dum moribundo, lê em voz alta, pois os enfermos entendem, mesmo quando parecem ter perdido os sentidos". Apenas o cura pronunciara no íntimo do coração o nome de sua "querida santinha", sentiu-se melhor. Abriu os olhos e recobrou a fala. "Desfrutou então de sossego por espaço de três horas, durante as quais permaneceu imóvel de mãos postas e orando com angelical fervor. Infelizmente, a febre tornou a acometê-lo com violência". O médico não se atreveu a pronunciar-se em sentido favorável, crendo que duraria somente algumas horas mais. Combinou-se em todo caso que, se o moribundo passasse a noite, o P. Dubouís celebraria no altar de S. Filomena a primeira das missas prometidas pelo Cura d' Ars. Ao raiar do dia 12 de maio o entermo ainda respirava. Ante esta notícia, a igreja encheu-se até transbordar, e começou a missa prometida. Nunca se elevaram para o céu de Ars orações mais fervorosas. Durante aquela hora, o mestre-escola velava à cabeceira do enfermo. O Cura d' Ars, agitado por uma febre terrível, parecia presa uma grande ansiedade. Pertinand dispunha-se a receber o seu último suspiro quando, de súbito, serenou, conforme se diz, com uma visão encantadora que contemplava. Apenas terminara a missa, exclamou: "Meu amigo, em mim acaba de produzir-se uma grande mudança... Estou curado! Durante o tempo em que parecia estar em êxtase, pronunciava muitas vezes o nome de S. Filomena... Foi crença comum que sua "querida santinha" lhe apareceu". Ao menos atribuiu-se à ela a cura inesperada. De fato, recuperou as forças "com uma prontidão" que os médicos qualificaram de *maravilhosa*. "Dizei miraculosa, corrigiu o Santo".

Enfim, após 16 dias, intermináveis para seu coração, voltou a rever a igreja e o sacrário. Apoiado no braço do fiel Pertinand, no sábado, 20 de maio, celebrou a missa novamente. Foi preciso fazê-lo às duas da madrugada, pois estava muito fraco, para passar algum tempo sem tomar nada. "Apesar de ser tão cedo, diz a Sra. de Garets, toda a paróquia se reuniu na igreja. Escolheu, para celebrar, o altar da Santíssima Virgem, conforme costumava todos os sábados. Eu desejaria ver naquela capela a todos que me são caros!... O rosto do Cura d' Ars tomou uma expressão extraordinária... Que inolvidáveis recordações! Parecia-me assistir a uma missa das catacumbas". O

P. Vianney achava sua convalescença muito adiantada. Apesar disso, o médico proibiu-lhe reiniciar os trabalhos antes de estar completamente restabelecido. Obedeceu, mas à custa de que sacrifícios! “Cada vez que ia à igreja lançava um olhar saudoso para o confessorário... e o seu mais vivo desejo era recobrar as forças quanto antes”.



Entretanto, certa ansiedade começava a se fazer sentir em Ars. Com data de 17 de maio, a condessa de Garets escreve à sua mãe: – Que irá, porém, fazer desta vida cuja prolongação tanto implorou e dessas forças que tão ardentemente desejou recuperar? É isso o que nos perguntamos uns aos outros... Tememos perder pelo afastamento aquele que o céu conservou na terra, e com tão dolorosas apreensões sentimos perturbada a alegria causada pelo seu restabelecimento. Dez dias mais tarde, já não havia lugar para dúvidas. O conde de Garets foi visitar o Santo convalescente. Encontrou-o no quarto, debruçado sobre a cama e desfeito em pranto. “Mas que tem?” perguntou-lhe o burgomestre. – Ah! respondeu o Santo, ninguém calcula as lágrimas que tenho derramado sobre este leito, depois que ando em busca de retiro”. E acabou dizendo entre soluços: “Sempre me foi negado”.

Tememos muito, muitíssimo, escrevia a castelã, depois da narração desta visita, que o Sr. Cura nos deixe e que teremos que chorá-lo vivo depois de termos saudado com tanto júbilo sua ressurreição. Não nos podemos enganar. O santo varão julga ter chegado o termo de seu trabalho. Havia dito: “Irei adiante até que sucumba”. E sucumbiu... Se pediu mais vida foi a fim de preparar-se para a morte, no silêncio e no retiro. A vida foi-lhe restituída; e ele acha que com a cura o céu lhe deu a liberdade; eis o que pensa; eis a que aspira. Diziam-nos que estávamos demasiado envaidecidos com o nosso cura e que Deus castigaria a nossa arrogância. Na verdade tinham razão...

Escoaram-se as semanas. A ameaça permanecia suspensa, pois o cura não fazia nenhum preparativo de partida. Decidido a ir-se em qualquer dia, procurou recolher-se e recuperar as forças. Naturalmente tirou da cama o colchão que dali para diante julgou supérfluo; logo que o médico lhe permitiu, voltou ao confessorário à uma da madrugada. O bom do Pertinand achou necessário sair-lhe ao encontro. “Amigo João, replicou, quando eu estava doente fazia a vontade de Deus e obedecia; agora é você quem há de obedecer; vá deitar-se”.

O médico achou melhor fechar os olhos diante de tais imprudências, mas os penitentes do Santo agradeceram-lhe infinitamente. Apesar disso, o Dr. Saunier mostrou-se inexorável num ponto: na questão do regime de vida. Até ao completo restabelecimento, o Cura d' Ars foi obrigado a tomar duas refeições por dia; comer um pouco de carne e tomar – oh! escândalo – a quarta parte dum copo de vinho de Bordéus”. O Santo sentia remorsos, mas à autoridade do médico ajuntou-se a de Mons. Devie, e quer quisesse quer não, só teve que submeter-se. Lamuriava-se de forma que os circunstantes não podiam deixar de sorrir. “Converti-me num glutão”.

“Alcanço menos graças do que antes... “Já não me acho tão tranqüilo quando vou me confessar!... O pobre Santo não estava menos macilento nem menos fraco do que antes. Contava 54 anos e seu aspecto era de um verdadeiro ancião. Em 27 de agosto do mesmo ano, o P. Faivre, da diocese de Saint-Claude, teve ocasião de visitar o nosso asceta. “Sua vida mortificada e penitente pareceu-me tal, diz ele, que, sabendo, como missionário que sou, o que é passar os dias confessando, pregando e explicando o catecismo, não lhe dei, humanamente falando, três meses de vida”.

Os médicos não eram menos pessimistas. Acharam necessário que o Cura mudasse de ares;” e – coisa que não se atreviam a dizer-lhe – que deixasse o confessorário. Mons. Devie, por sua vez, escreveu autorizando-o a tomar algum descanso. De mais a mais, tinha licença para ausentar-se 15 dias, cada ano, sem necessidade de permissão especial do bispo, contanto que procurasse um substituto. O P. Raymond, seu colega de Savigneux, passava então mais tempo em Ars que na própria paróquia; era pois o substituto mais à mão... O Cura d' Ars sempre tão flutuante e indeciso sobre esse ponto, apesar de ser tão decidido e resoluto nos demais, desejava vivamente subtrair-se durante algumas semanas às multidões de peregrinos que o assediavam. Mas sob esse desejo, em si tão legítimo, ocultava-se a tentação: uma vez fora, iria para um retiro, para nunca mais voltar. Pelas dúvidas, o Cura d' Ars escreveu ao irmão Francisco que lhe preparasse um quarto na sua querida casa paterna de Dardilly.

Finalmente, em 11 de setembro, confiou seus projetos, ao P. Raymond. O cura de Savigneux não opôs grandes dificuldades. Não aspiraria, no íntimo, a ser cura d' Ars,? Prometeu levar ao Sr. Bispo, quando fosse possível, uma carta escrita pelo P. Vianney. Nela pedia ao prelado que concedesse “ao pobre Cura d' Ars” um cargo que “lhe conviesse”: O cuidado da capela dos *Minimos*, em Montmerle, onde somente teria que rezar a missa. E à noite de 11 para 12 de setembro o P. Vianney partiu. Somente não pode deixar de despedir-se de sua querida e saudosa *Providência* Foi o que pôs tudo a perder. Antes das 10 da noite – note-se bem que Catarina e as outras prometeram guardar segredo – toda a paróquia, prevenida do que ia acontecer, estava alerta e até havia gente postada junto à casa paroquial. Pouco depois da uma hora ouve-se ruído de alguém que se cola à cerca do jardim. É o Sr. Cura. Leva o breviário debaixo do braço e um pequeno embrulho na mão. Algumas pessoas procuram detê-lo, apresentando-lhe objetos para benzer. Tudo inútil. O Cura d' Ars acelera o passo. Desce para a ponte de Fontblin e desaparece na escuridão da noite. Chamam então o mestre-escola João Pertinand para que vá acompanhá-lo, o qual consegue alcançá-lo a certa distância do povoado “onde se perdera no campo”.

“Sr. Cura, lhe pergunta, por que nos deixa dessa maneira?”

– “Vamos, não percamos tempo, replicou o fugitivo. Escrevi ao Sr. Bispo pedindo-lhe licença para retirar-me; esperarei a resposta em Dardilly. Irei celebrar missa em Fourviere, para melhor conhecer a vontade de Deus. Se Mons. consentir, verei meus desejos cumpridos; se quiser que volte, voltarei... Demais, a paróquia não sofre dano algum, pois a tudo providenciei”.

O Cura d'Ars e João Pertinand partiram em direção a Dardilly. De repente o fugitivo pára. Durante a longa prisão, no confessionário, os caminhos haviam sido alterados e já não os reconhecia mais. "Amigo João, disse com certa viveza, você me engana". O jovem facilmente pôde convencê-lo que não era verdade. Os dois viajantes seguiram seu caminho, orando e conversando. "Durante as 7 horas que durou a viagem, rezamos dez vezes o rosário", contava depois João Pertinand. Chegando a Trévoux, ainda muito de madrugada, o Cura d'Ars, por caridade, não quis despertar o guarda da ponte, que dormia. Em Neuville, onde os nossos viajantes já fatigados atravessaram o Sãona, o Santo, que partira sem dinheiro, quis pagar o almoço ao camarada tão bem provisionado como ele. Para isso falou em empenhar o relógio; o hoteleiro negou-se redondamente a aceitar. Fez igual proposta ao pontoneiro de Neuville, que lhe respondeu: "Deixe, pagará outra vez". Finalmente o Cura d'Ars transpôs o umbral paterno. Estava tão cansado que, chegando, foi preciso deitar-se. Quando João Pertinand tinha descansado lhe disse: "Volte e venha buscar-me na sexta-feira da próxima semana. No sábado subiremos, juntos a Fourviere, - Depois veremos". As previsões do santo varão não se realizaram... Na manhã do dia 12 de setembro, só se viam em Ars rostos consternados. Dava-se como certo que o Sr. Cura havia entrado para a Cartuxa e para sempre... E com ele toda a alegria, toda a vida, todo o alento desapareceria da paróquia. Dois dias depois da sua partida, a Sra. de Garets podia escrever:

Na escola das meninas da *Providência* só se ouvem suspiros e soluços. A metade pelo menos se dispersou. A igreja está quase deserta. De momento a momento as pobres meninas vão rezar diante de uma vela, Não posso expressar a tristeza que oprime o coração, ante uma mudança tão completa. É uma verdadeira passagem da vida para a morte. Tínhamos um capítulo vivo da vida dos santos para cada dia; agora a página está virada.

O P. Raymond permanecia em Ars, apesar de conservar o título de pároco de Savigneux. Ele, que sonhara dirigir as peregrinações, devia ter compreendido bem a lição: a presença do P. Vianney era a única razão de ser daquele movimento. Com efeito, desde que os peregrinos tiveram notícia do lugar para onde se retirara o Santo, "Ars não foi mais Ars". Quinta-feira, dia 14, João Pertinand estava de volta e o conde de Garets, informado por ele de tudo quando havia acontecido, apressou-se a partir para Dardilly. Francisco Vianney, recorrendo a um subterfúgio, deu a entender que seu irmão tinha saído sem dizer para onde. O *maire* de Ars foi obrigado a contentar-se com escrever algumas linhas ao seu cura.

— Não decida nada por enquanto. V. Revma. tem necessidade de repouso; eu o sei melhor do que ninguém. Fique em casa de seu irmão todo o tempo que for necessário. Não se esqueça, porém, de sua pobre paróquia de Ars. Pense em todas as almas santas que V. Revma. conduz no caminho do céu, nas que estão afastadas e que V. Revma. reconduzirá. Pense na *Providência*, da qual é alma e sustentáculo e que sem V. Revma. não poderá viver. Pense enfim no bem da religião que Deus chamou V. Revma. para sustentar e glorificar...

Enquanto o conde de Garets traçava estas. linhas emocionantes, o Cura d'Ars,

não sabendo de sua chegada, estava orando num quarto sobre a sala, onde o conde escrevia. Avisado, após a partida do *maire*, leu e releu a carta dele, ficando muito impressionado. Entretanto iam chegando outras missivas: uma de Catarina Lassagne, portadora de más notícias: só restavam na *Providência* quinze meninas. O P. Raymond falara com o Sr. Bispo e ele assegurou que jamais permitiria a saída do Cura d'Ars da diocese de Belley. Outra era dum taberneiro estabelecido em Ars, contra a vontade do P. Vianney.

Sr. Cura, escrevia vivamente atingido nos seus interesses pessoais, pois os negócios já não lhe iam tão bem, apressou-me a pedir-lhe que não nos abandone. V. Revma. bem sabe que sempre tenho dito e agora repito do fundo do meu coração: se há alguma coisa na minha casa que não seja conveniente, submeto-me inteiramente à vontade de V. Revma.

Mas qual não foi o espanto e embaraço do P. Vianney quando na sexta-feira viu chegarem a Dardilly os peregrinos de Ars! O carteiro de formiga encontrara o caminho. Que fazer? Despedi-los? Nem por um momento pensou em tal; tendo recebido faculdades do arcebispo de Lião, meteu-se no confessionário de sua igreja natal. A sopa esperava-o em vão num canto da lareira. A cada momento os forasteiros batiam a porta de Francisco Vianney. "Se ele ficar aqui, exclamava Francisco, ver-me-ei obrigado a pedir socorro. Não sou mais dono de minha casa".

Pela tarde do sábado de 16 de setembro, o hoteleiro de Ars, Francisco Pertinand, irmão do professor, levou consigo 23 jovens da paróquia. Apresentou-se de manhã cedo diante da casa dos Vianney, mas os parentes do Santo não quiseram abrir-lhes a porta. Logo, porém, ouviram uma doce voz que muito bem conheciam. O querido pastor assomou à janela e chamou-os. Já estava de pé desde as duas horas; fê-los entrar no quarto, rezou com eles o rosário, levando-os depois consigo à igreja, onde ouviram a sua missa. O P. Vianney instou muito a que tomassem com ele o café, mas não aceitaram por discrição. Na noite de domingo para segunda-feira, empreenderam a viagem de regresso.

"Terça-feira assistireis a missa em vossa igreja, aconselhou-lhes o Cura d'Ars; naquela manhã eu celebrarei a missa em Fourviere para conhecer finalmente a vontade de Deus: rezareis por mim". Ora, a vontade de Deus manifestou-se doutro modo. Pela tarde do mesmo sábado, Dardilly recebeu um viajante, encarregado de missão oficial da parte do bispo de Belley. Era o P. Raymond, que, para não despertar suspeita alguma, apresentou-se às 8 horas ao P. Peyrard, cura da paróquia. Foi recebido com muita frieza. Não restava dúvida, aquele sacerdote, dizendo-se enviado do bispo, não tinha outra missão do que levar o P. Vianney. Depois de feitas algumas perguntas, o P. Raymond, na esperança de sossegar o pároco, ofereceu-se para officiar na missa solene do dia seguinte. O cura de Dardilly não viu nisso inconveniente algum e combinou-se que o mensageiro do prelado falaria com o P. Vianney depois da missa.

Assim, com efeito, as coisas aconteceram. O Santo assistiu a missa paroquial e depois levou o P. Raymond para a casa do irmão Francisco, que ficava muito perto da igreja. A resposta de Mons. Devie... Estava impaciente para conhecê-la. Leu a carta

trazida pelo P. Raymond e a decepção pintou-se-lhe no rosto por alguns momentos; não fez, porém, nenhum comentário pró ou contra. Logo que saiu o P. Raymond, desceu de seu quarto para acalmar o irmão Francisco.

Este, assediado e importunado pelos paroquianos de Ars, que chegavam sem cessar, “lamentava-se amargamente das importunações que faziam ao Cura”.

O P. Raymond almoçou no presbitério. “Peço-lhe, disse o P. Peyrard, que saia de Dardilly quanto antes. Já se sabe o motivo de sua vinda. Deixe tranqüilo o P. Vianney. Do contrário jogará uma má partida”. O legado episcopal, porém, manteve-se firme. Estava resolvido a reconduzir o P. Vianney até o lugar de suas ovelhas, pois o conde de Garets lhe dera a entender de sobra, numa conversa antes da partida, que em vão ambicionava a sucessão de Ars. O P. Raymond assistiu as vésperas presididas pelo Santo. Após a benção com o Santíssimo Sacramento, o cura de Dardilly interpelou novamente o cura de Savigneux. “Muitas pessoas de minha paróquia, disse ao Cura d’Ars, olham-no com maus olhos”. O Santo respondeu: “Não se inquiete com o P. Raymond: é um bom cavalo de batalhas; não teme arruaças!”

Entretanto, a decisão do Cura d’Ars já estava tomada. O prelado lhe oferecia a capela de N. Senhora de Beaumont, rogando-lhe, porém, que continuasse refletindo... Iria pois a Beaumont e a Virgem que ali se venera lhe inspiraria a resolução definitiva. Mas como burlar a vigilância do povo de Dardilly, que já havia montado guarda ao redor da casa dos Vianney.

Precisamente pela tarde daquele domingo, quando o P. Vianney se dispunha a descansar pela última vez sob o teto da casa paterna, uma comissão de notáveis do lugar, se apresentou no pátio. Foi preciso o Santo descer para lhes ouvir os pedidos. “Descanse aqui, lhe disse aquela boa gente; nós encarregar-nos-emos de obter as necessárias autorizações”. O ilustre conterrâneo contentou-se com responder graciosamente: “Oh! meus amigos, se puderdes consegui-lo... eu não desejo coisa melhor”. E voltaram tranqüilos.

Bons paroquianos de Dardilly! Tivessem eles permanecido até a madrugada e teriam sabido o que se preparava! Fora combinado um plano de fuga entre o Cura d’Ars e o P. Raymond. Antes de anoitecer, o P. Raymond deixou o presbitério de Dardilly com o pretexto de levar ao bispo a resposta do Cura d’Ars, mas na realidade ia era esperá-lo em Albigny, cujo pároco foi um de seus mais íntimos amigos. O Cura d’Ars iria em breve juntar-se a ele. Francisco Vianney estava a par do segredo. Eram tantas as visitas a importuná-lo desde dois ou três dias, que consentiu, voluntariamente, em favorecer aquela “evasão”.

Segunda-feira, dia 18 de setembro, os dois irmãos levantaram-se muito cedo e tomaram em plena escuridão o caminho de Albigny. O Santo montava o cavalo da casa, que Francisco puxava pelas rédeas. Ao aproximarem-se de Albigny, disse João Maria: “Agora continuarei a viagem a pé”. Apeou do cavalo; despediu-se do irmão e entrou sozinho no povoado. A primeira impressão foi muito desfavorável. No dia anterior, tinha havido uma festa e ao raiar do dia seguinte ainda bailavam... O Cura

d’Ars encontrou o P. Raymond, celebrou a missa e mostrou grande desejo de continuar a viagem.

Beaumont, perdido entre os paus de Dombes, a uns 50 quilômetros de Dardilly, não era de fácil acesso. O padre Raymond esperava que depois de haver atravessado o Saona em Neuville, encontrariam um carro. Mas não o encontrou e os nossos viajores tiveram que caniinhar a pé 5 léguas, até S. Marcelo, cujo *maire* reconheceu o Cura d’Ars à primeira vista. Quer quisesse quer não, foi preciso parar um pouco para descansar. Ao saberem da chegada do Santo, a pequena igreja de S. Marcelo encheu-se de fiéis. O P. Vianney foi obrigado a subir ao púlpito. “Pregou sobre o desprendimento das coisas deste mundo, sobre a brevidade da vida e a felicidade do céu”... Enfim, apresentou-se um cocheiro, e ao cair da tarde chegaram a Mailieux, paróquia da qual dependia a capela de Beaumont.

Nossa Senhora de Beaumont, rústico santuário, cujos horizontes dilatados se estendem sobre charcos imensos, atraía no verão bom número de peregrinos. Conforme as tradições locais, a Virgem que ali se venera, ao ser invocada pelos pais desolados, tinha ressuscitado muitas crianças mortas antes do batismo, conservando-lhes a vida, o tempo necessário para poderem receber o sacramento que abre o paraíso.

Pela manhã, o Cura de Marlieux conduziu até à velha capela os hóspedes da noite. “O Cura d’Ars, conta o P. Raymond, foi o primeiro a celebrar a missa a fim de implorar, conforme dizia, as luzes do Espírito Santo. Que lhe disse? perguntei quando havia terminado. – Ainda nada. Continuarei a minha prece enquanto ajudo a missa de V. Revma”. Quando voltei à sacristia, antes que tirasse os paramentos, me disse: “Deus não me quer aqui. – Para onde pois quer ir? – Voltemos para Ars!” A palavra definitiva acabava de ser pronunciada.

Sem demora, o P. Raymond organizou o regresso. Um carro transportou os passageiros através da melancólica região dos pântanos, até Ambérieux-en-Dombes. O Cura d’Ars chorava cada vez mais e não cessava de orar. “O carro me cansa muito, disse ao chegar em Ambérieux; farei o resto do caminho a pé”. Apenas 7 quilômetros o separavam de sua pequena aldeia, sempre tão amada, da qual fugira para melhor encontrar a Deus e para a qual Deus o obrigava a voltar de um modo irresistível. Em Savigneux, por conselho do companheiro de viagem, entrou na igreja para adorar o S. Sacramento e descansar um pouco. Em seguida, foi despachado um mensageiro para Ars com este recado do P. Raymond: “O Sr. Cura dentro de uma hora estará entre vós”.

Apenas foi sabida a alegre nova, os sinos repicaram festivamente. “A alegria foi geral, conta Catarina Lassagne. Todos foram ao encontro daquele que haviam perdido, fazia quatro dias; até mesmo os que estavam trilhando o trigo apareceram nos seus trajes de trabalho”.

Finalmente, pelas 5 horas, aos repiques festivos dos sinos, apareceu o Cura d’Ars. Apoiado no seu bordão, subiu até a praça onde o esperava o povo reunido. “Tudo estava perdido? perguntou ele; pois bem, tudo foi encontrado. Eu não vos deixarei mais!” Não pode articular outras palavras, de tal modo a emoção lhe prendia a garganta;

os olhos, porém, levantados ao céu e os gestos trêmulos dos braços exprimiam sua felicidade. "Apoiado no P. Raymond, fez várias vezes a volta da praça, abençoando os paroquianos que não podiam fazer nada senão chorar, balbuciar algumas palavras e cair de joelhos".

O Santo entrou um momento na *Providência*, onde a alegria não teve limites. Haviam encontrado o pai. Cafá, porém, de cansaço. Chegou a hora da oração da noite e o Santo rezou-a com toda a paróquia reunida...

– Eis aqui, diz Catarina Lassagne, no seu *Petit mémoire*, eis aqui o nosso santo Cura subjugado aos nossos desejos! Pode desfrutar alguns dias de repouso, pois os peregrinos se haviam dispersado durante a sua ausência. Reassumi entre nós os ministérios ordinários. Quando se teve notícia disso, a gente tornou a afluir de todas as partes, recomeçando a vida costumeira.

"Que teria sido de tantos pobres pecadores?" perguntava ele mesmo ingenuamente. E conclue o conde de Garets: "Desde então compreendeu melhor que Deus o queria entre nós".

## Alguns acontecimentos dos últimos anos:

### I. Supressão do orfanato. Fundação da escola e do pensionato dos irmãos – As missões decenais

*Uma conspiração que não é a única – Apreensões e gemidos por causa do orfanato das meninas – As negociações do P. Vianney com a Madre de Saint-Claude – Uma "liquidação" prévia – Mágoa e resignação do Santo Cura – As irmãs de S. José e as antigas diretoras da "Providência" – A atitude do Cura d'Ars – A escola municipal de meninos confiada aos irmãos da Sagrada Família – Zelo do Cura d'Ars pela educação da infância – A obra das missões decenais – Onde vêm os recursos – Um "avaro" de nova espécie – As fundações perpétuas de missas.*

As esperanças que o Cura d'Ars fundara na "casa da *Providência*" ficaram em parte fracassadas. Nela tomava as refeições desde 1827, e planejava retirar-se para ela, deixando a outros os encargos da paróquia... O homem põe e Deus dispõe, muitas vezes, contra a vontade do próprio homem, embora seja ele um santo.

Alguns acontecimentos imprevistos impediram ao P. Vianney de realizar o seu sonho dourado. Nem sequer teve o consolo de ver subsistir a sua obra de caridade, tal qual a havia concebido.

A *Providência* era ao mesmo tempo escola paroquial e orfanato: como orfanato ia desaparecer.

A *Providência*, tal como o P. Vianney a havia ideado e organizado, era uma obra de caráter singular que parecia não lhe poder sobreviver. ' Ora, depois do duplo alarme de 1843 – a grave enfermidade e a "fuga" do Cura d'Ars, – perguntavam-se todos em torno dele, se Ars o possuiria ainda por muito tempo. Seria preciso deixar cair uma obra que fora até ali um imenso benefício para a comarca? O P. Vianney sabia muito bem que nem Catarina Lassagne, nem Maria Filliat, nem Joana Maria Chanay, as abnegadas diretoras, eram imortais, e. pusera portanto ao lado delas três jovens de Ars, destinadas a ajudá-las a princípio e a substituí-las depois... O Santo, na sua humildade, não suspeitava que seria de todo inútil formar novas diretoras para depois

de sua morte, se ao mesmo tempo não houvesse um homem de sua tempera para dar vida a *Providência*. O mais prudente e mais simples, ao que parece, era confiar a obra à uma comunidade religiosa que lhe assegurasse a perpetuidade: tal era o parecer de muitos que rodeavam o Cura d' Ars. "Eu, disse o P. Raymond, seu primeiro auxiliar, pertência ao número dos que instavam com ele para que mandasse chamar as irmãs".

Por outro lado, sem querer negar os méritos de Catarina Lassagne e de suas companheiras, certas mães de família, que mandavam suas filhas para a escola, não se pejavam de dizer que, dirigida por religiosas, teria aquela casa um caráter mais apropriado e as meninas seriam melhor instruídas. Algumas iam ainda mais longe. Queixavam-se de verem as filhas misturadas com aquelas pobres infelizes, vindas de todas as partes...

Tais murmúrios chegaram aos ouvidos do P. Vianney e não deixaram de impressioná-lo. Aborreceu-se muito com isso: Já que a obra atingia o fim para que fora criada não compreendia como se pudesse desejar outra coisa. Se a Academia exigia nas suas escolas professoras diplomadas, cumpria com a sua obrigação. A boa gente de Ars necessitava porventura de filhas assim tão instruídas para colocá-las aos 12 anos nos trabalhos do campo ou domésticos? Mais. Se preferiam religiosas, ali estavam Catarina Lassagne e Joana Maria. "Só lhes faltava o hábito". O governo diocesano, que tinha para com o P. Vianney uma profunda veneração, não ignorava os acontecimentos de Ars. O próprio Mons. Devie inquietava-se com o futuro da *Providência*. Encarregou ao superior do Seminário Maior, o cônego Perrodin, de sondar o ânimo do Cura d' Ars. "O cônego Perrodin fundara em Bourg, com o auxílio das irmãs de S. José, uma espécie de *Providência* que deu muito bons resultados. Manifestou ao servo de Deus, em repetidas visitas, que seria grandemente vantajoso confiar às ditas irmãs o estabelecimento de Ars. O P. Vianney cedeu, mas só a custa de reiteradas instâncias".

Em maio de 1847, a Madre S. Cláudio visitava uma escola de sua congregação em Villeneuve, paróquia limítrofe de Ars. Mandou dizer ao Santo que passaria em Ars com intenção de pedir-lhe uma entrevista. Essa entrevista, que parecia casual, fora combinada de antemão, entre o bispo e a casa matriz das irmãs de Bourg. Enquanto a superiora estava em Villeneuve, o P. Guillemin, vigário geral de Mons. Devie e "velho amigo do P. Vianney", pusera-se por sua vez a caminho para encontrar-se em Ars juntamente com a Madre S. Cláudio.

O Cura d' Ars, que não fora prevenido da visita do vigário geral, mostrou-se surpreendido: compreendeu que em último termo queriam precipitar as coisas. Teve a primeira troça de impressões com o P. Guillemin e a Madre Geral, aceitando em princípio uma possível transformação do seu orfanato.

Mas qual não foi a amargura para Catarina Lassagne e as suas colaboradoras, ao saberem disso! Elas não acabariam, pois, os seus dias entre as filhas adotivas, numa casa tão querida!... Ainda eram relativamente jovens. Catarina contava 41 anos, Joana Maria Chanav 48 e Maria Filliat 39. Que futuro as esperava fora de uma obra que era a sua vida e pela qual haviam sacrificado tudo: tempo, trabalhos, saúde e

futuro?... O pobre fundador viu as suas lágrimas, ouviu as suas lamentações e, tocado de uma tristeza tão profunda e tão grande, que talvez nunca sentira igual; ele, que em tudo se mostrava homem sobrenatural, procurou consolar as suas excelentes filhas com pensamentos inspirados na fé.

As negociações entre o nosso Santo e a casa-matriz de Bourg ainda continuaram por seis meses. Finalmente, a 5 de novembro de 1847 assinou-se uma ata privada "entre o P. Vianney e a Sra. Luísa Monnet, em religião Ir. S. Cláudio, superiora geral da Congregação de S. José, cujo noviciado ficava em Bourg". Por essa escritura o P. Vianney fazia uma doação global de 53.000 francos à Congregação de S. José, e esta, por sua vez, tomava a seu cargo a direção pura e simples da obra completa da *Providência*, a saber, da escola paroquial e do orfanato, ambas as obras gratuitamente.

A 13 de dezembro de 1847 o Conselho administrativo de S. José confirmava essa ata em nome e com a aprovação do bispo de Belley. A 5 de novembro de 1848, exatamente no mesmo dia em que foi assinado o contrato, as irmãs tomavam conta do estabelecimento de Ars.

Ora, quando elas chegaram, o orfanato não era mais do que uma sombra de si mesmo: somente restavam duas meninas que não tardaram a sair. Que havia acontecido ali? Tocamos agora um ponto obscuro dessa história, e não existe nenhum documento preciso que o possa esclarecer. O orfanato começou a esvaziar-se em setembro de 1843, durante o pânico que se apoderou dos peregrinos e paroquianos de Ars, ao "fugir" o P. Vianney para Dardilly. Foi uma prova evidente de que não se acreditava ser aquela obra possível sem o P. Vianney. Catarina Lassagne escreveu-lhe informando que não havia mais de 15 *pequenas* na casa. Das grandes, ao contrário, não parece ter saído nenhuma. Naturalmente, passado o alarme, as meninas que tinham sido retiradas pelos pais ou tutores voltaram para a *Providência*. Quantas eram, quando se preparava a mudança total da direção? Acerca do particular não existe nenhuma notícia exata, mas as *memórias* de Catarina Lassagne dão-nos vagamente o número de 60, e já temos visto que não se preocupava muito em sabê-lo exatamente. Não diz em parte alguma que as órfãs foram diminuindo, quando em 1848, escreve de repente: "Foram colocadas as *grandes* e mandadas para casa as *pequenas* que restavam, exceto uma ou duas". Já a maior parte daquelas pobrezinhas haviam sido restituídas ao seio de suas famílias ou colocadas em casas de pessoas caritativas.

Desde fins de 1847, até o próprio pessoal da *Providência* foi reduzido. As três jovens que o P. Vianney destinara para continuar a obra entraram, a pedido dele, para o noviciado de S. José de Bourg. Duas delas algumas semanas mais tarde tiveram que voltar para casa: Os acontecimentos de fevereiro de 1848 repercutiram também na capital da região de Ain. Houve algumas desordens; a maior parte das noviças saíram da casa matriz; uma vez restabelecida a ordem, as duas postulantes de Ars não voltaram mais.

Despedidas as órfãs e reduzido o pessoal escolhido pelo Cura d' Ars, conforme a expressão consagrada, visivelmente liquidou-se tudo.

Como conciliar estes fatos com o compromisso contraído pelas irmãs, de continuar

pura e simplesmente a obra da *Providência*. O pesado encargo que assumiam deveria atarrá-las. Certamente, não queriam a extinção do orfanato, mas desejavam antes de tudo o bom andamento da escola de meninas, à qual, como pensavam, poderia acrescentar um modesto pensionato. É muito provável que expusessem verbalmente ao P. Vianney – pois não resta nenhum documento escrito – que seria bom deixar em repouso por algum tempo a obra propriamente dita da *Providência*, com o propósito de empreendê-la novamente, sobre novas bases e em melhores condições.

Sem dúvida, foi sugerido que tal era também o parecer do bispo de Belley.

Desejoso tão somente de procurar o bem das almas, o Cura d’Ars não sabia que partido tomar. Orava sem interrupção e lhe parecia que uma voz interior lhe aconselhava que não cedesse nesse ponto. Supresso o orfanato, sua obra parecia-lhe reduzida a nada. “O Sr. Bispo, dizia o Cura d’Ars entre gemidos, vê nisso a vontade de Deus, mas eu não a vejo”. Por fim, consentiu em tudo. Resignou-se completamente, alegremente. No dia 24 de outubro, doze dias antes de chegarem as religiosas, escrevia a Mons. Devie: “Acarício constantemente a esperança de que terá a bondade de benzer a nossa capela e de dar posse às nossas boas irmãs, as quais toda a paróquia e eu esperamos com impaciência”.

Mais ainda. Ele em pessoa comunicou sua resignação às abnegadas colaboradoras. No mesmo dia, 24 de outubro, Catarina Lassagne formulava este desejo a respeito das futuras diretoras: “Quiséríamos que elas tivessem tanto desejo de vir quanto temos de recebê-las”. Durante essa espera o Cura d’Ars apressou a conclusão da capela. A manhã do domingo de 5 de novembro encontrou-a adornada com suas imagens, quadros e relicários. Apesar de seus 80 anos completos, Mons. Devie, ainda muito forte, quis pessoalmente dar posse à nova superiora da escola Ir. Maria Serápia e às suas companheiras.

O bispo benzeu a nova capela, que foi posta sob a invocação da Sagrada Família e nela erigiu uma Via-Sacra. Foi uma verdadeira festa paroquial. O Sr. Próspero de Garets estava sentado no coro junto ao P. Vianney e os moradores de Ars enchiam a pequena nave. Como se vê, o acolhimento dispensado às religiosas foi muito simpático.

Começava uma nova época para a *Providência*. Era muito difícil que, privada de suas órfãs, essa casa recuperasse a vida exuberante de outrora. Fora estipulado no contrato de cessão, de 5 de novembro de 1847, que Catarina Lassagne e as outras poderiam viver com as irmãs até a morte e prestar-lhes o apoio de seu devotamento, mas como já era de prever, as coisas não sucederam dessa maneira. Nenhum incidente digno de nota assinala a chegada das religiosas.

Quando elas se apresentaram na *Providência*, na tarde de sábado, em 4 de novembro de 1848, Catarina, que as esperava de pé na soleira da porta, resignou o seu cargo com estas palavras. “Estão em sua casa”. E... entregou as chaves à superiora. Mas com isso não deixou o seu lugar. Ela e as companheiras ficaram muitos meses ainda. A 25 de dezembro, a irmã Maria Serápia escrevia à superiora geral: “Estas senhoritas confraternizam conosco. Joana Maria Chanay nos diz de tempos em tempos algumas palavras amargas, mas conforme penso, é efeito do caráter e não má vontade.

Tudo irá bem”. Entretanto, o fim do ano de 1848 e “os primeiros meses de 1849, meses de transição e de provas, foram penosos para todos”. O imóvel da *Providência* fora descuidado, sendo mister lançar mão da escova e da brocha; as paredes, pela ação da humidade, iam desmoronando. Os pedreiros tiveram que intervir...

Como já era de esperar, as antigas diretoras do orfanato separaram-se das religiosas, mas amigavelmente. Joana Maria Chanay retirou-se para a casa de sua irmã, que morava na aldeia. Catarina Lassagne e Maria Filliat foram habitar duas pequenas vivendas contíguas à casa paroquial. Dali em diante cuidaram dos ornamentos sagrados, da limpeza dos altares e de preparar a comida do pároco. Além disso, ainda se dedicaram a tecer linho e a visitar os enfermos. Catarina Lassagne, longe de se mostrar aborrecida com as irmãs de S. José, ia visitá-las muitas vezes “, e depois dum primeiro movimento de mau humor logo reprimido, iniciava as religiosas nos seus afazeres e continuava dando-lhes conselhos. Cada mês presidia na capela das Irmãs a reunião das associadas do *Rosário vivo*.

Durante os quinze dias que se seguiram à instalação das irmãs, o P. Vianney guardou uma atitude reservada e manteve-se na expectativa. Deixou de tomar suas refeições na *Providência*. Dali em diante, até o fim da vida, foram-lhe servidas no quarto. Contava então 62 anos. É duro para todos, mesmo para um homem santo, consumado na virtude, abandonar antigos costumes. Apesar disso, nunca se queixou; mas via-se contudo que sofria. Só manifestava um aborrecimento: Era o de não ter mais junto de si as suas queridas órfãs. Associava-as por meio da oração a todas as suas obras. Quantas graças atribuía à intercessão delas! Esse apoio moral ia faltarlhe. “Tem-se criticado muitas coisas na nossa *Providência*, dizia confidencialmente ao conde de Garets; as crianças, conforme alguns, eram mal-educadas e, no entanto, Deus operava milagres em seu favor”.

Ao cabo de 15 dias, apareceu o Santo no meio das meninas durante o recreio das 13 horas. Falou-lhes com sua costumada jovialidade e tanto elas como as novas mestras sentiram grande alegria em vê-lo. Repetia de vez em quando as visitas, mas já não era coisa de sua incumbência comunicar vida a uma obra cuja responsabilidade as irmãs haviam assumido.

Outras obras de zelo, muito notáveis também, lhe atraíram a atenção e desfrutaram sua generosidade.

O Cura d’Ars deixou às religiosas toda a liberdade de ação. Elas tinham suas superiores, seu regulamento, seus costumes particulares; isso lhes devia bastar. Somente se reservou a direção espiritual das escolares. Quando, porém, os missionários se instalaram nas dependências contíguas à escola, o Cura d’Ars voltou ao antigo costume de visitar todos os dias as alunas das irmãs. Quando elas entravam na sala, à uma e meia hora da tarde, gostava de abençoá-las, ora uma, ora outra, com o sinal da cruz sobre a fronte.

Para mostrar a sua respeitosa simpatia às novas diretoras, que logo começaram a receber internas, confiou-lhes a educação duma sobrinha de Dardilly. A menina era de um natural travesso. Queixavam-se um dia de suas contínuas travessuras. “Que

quereis, respondeu sorrindo, em nossa família, não há nada que preste". Entretanto, conforme conta a Ir. S. Lázaro, à essa aluna dissipada, coube a honra de oferecer-lhe o ramallete no dia de S. João Batista. "Minha filha, disse o Santo, recebendo as flores, uma *Ave-Maria* vale mais do que tudo isto".

"Quando abri o meu botequim em Ars, refere Marta Miard, no ano de 1850, o cuidado das irmãs pelo asseio e embelezamento da *Providência* iam tirando-lhe o caráter da primitiva pobreza. Não há dúvida que o Sr. Cura sofreu muito; entretanto, nunca mostrou a menor amargura. Em tempos idos, é verdade, havia organizado a existência daquela casa, a imagem de sua própria vida; os prodígios lhe tinham ensinado que o céu se comprazia nas orações que se elevavam de uma tal pobreza, de um tal abandono. Os santos, uns mais, outros menos, costumam ter originalidades sublimes, concebendo as coisas a seu modo. As religiosas, ao procurarem a limpeza e o bom aspecto, não faziam mais do que o seu dever.

Outro fato demonstra ainda a estima que o Santo Cura d'Ars sentia pela congregação de S. José. Em 1857, uma de suas sobrinhas entrou para ela como postulante, graças às sugestões pessoais do P. Vianney.

Todos os anos, no dia dois de julho, festa da Visitação de Nossa Senhora, aceitava prazenteiro a presidência da cerimônia da renovação dos votos que se celebravam na capela da *Providência*. "A festa de hoje, escreve em seu diário privado o P. Toccanier, na tarde de 2 de julho de 1855, merece muito especial menção. O Sr. Cura rezou a missa revestido com a esplendida casula da Imaculada Conceição. Vinte e duas religiosas de S. José renovaram seus votos nas mãos do homem de Deus. Foi tão grande o número de paroquianos e peregrinos a comungarem que se esvaziou uma âmbula inteira". Naquela manhã, o Santo ao sair da capela não podia conter as lágrimas. "Que bela é a religião, exclamava o P. Vianney. Parecia-me que entre Nosso Senhor e suas místicas esposas, se estava travando um combate de generosidade. Mas por mais que elas façam é sempre Nosso Senhor quem vence... As irmãs diziam: "Renovo os meus votos de pobreza" castidade e obediência". Elas, porém, recebiam mais, pois eu por minha vez dizia: "O corpo de Nosso Senhor guarde tua alma para a vida eterna".



Durante sua longa vida de pároco, o Cura d'Ars não se interessou menos pela educação dos meninos do que pela das meninas. No ano de 1835, insistiu junto ao *maire*, Miguel Seve, para que escolhesse como professor um jovem de Ars, João Pertinand, sobrinho do P. Renard. Em 1838, com 20 anos de idade, provido da respectiva nomeação, esse bravo moço tornou-se mestre-escola na própria terra natal. Ia desempenhar tal cargo por espaço de 11 anos. "O Sr. Cura, diz ele, visitava seguidamente a aula, e cada uma de suas visitas produzia excelente efeito nos meninos. Uma única palavra saída de seus lábios tornava-os ajuizados e dóceis por muitos dias. Pagava a pensão dos que sabia estarem em apuros".

Mas a sua aspiração era ver a escola dirigida por religiosos e absolutamente gratuita. A 10 de março de 1840, esse desejo tornou-se uma realidade. Encarregando-se o P. Vianney da manutenção dos futuros professores, três irmãos da Sagrada Família, de Belley, substituíram a João Pertinand.

O diretor era um religioso de 24 anos, chamado Irmão Atanásio. Este religioso desempenhou papel muito saliente na história do nosso Santo. Bem depressa este zeloso diretor pensou em ajuntar à humilde escola, que não comportava mais de 15 alunos da paróquia, um pensionato do qual se pudessem aproveitar os meninos das famílias remediadas da vizinhança. Finalmente, comunicou o seu projeto ao Sr. Cura. "Sim, meu filho, sim, lhe respondeu sem titubear, funde um pensionato e terá muito bom êxito; verá quantas almas jovens vai arrebatar ao demônio". Com efeito, os pensionistas acudiram em grande número, e foi preciso pensar em novas construções. Em 28 de março de 1856 o Cura d'Ars, feliz e transbordando de alegria, benzeu a primeira pedra do futuro pensionato.

O P. Vianney, antigo mestre-escola durante o tempo que viveu oculto na longínqua aldeia de Robins, desejava espalhar por toda parte os benefícios da instrução e ninguém poderá taxar de *obscurantista* aquele ignorante das ciências humanas. Podendo dispor, graças às esmolas quotidianas que recebia para as suas obras, de recursos consideráveis, "contribuiu para a fundação de muitas escolas em outras paróquias, tais como: Jassans, Beauregard, terra natal do P. Raymond, e S. Eufêmia, na diocese de Valence". Alentou e ajudou a fundação de S. Sorlin (Ródano) para meninos abandonados" e deu mil francos para a escola de Dardilly, seu povoado natal. "Florescerão e farão muito bem", havia assegurado ao cura de sua paróquia, pouco tranqüilo com o futuro... "E essa predição, disse o P. Vignon, cura de Dardilly, verificou-se de uma maneira providencial, em 1880, quando tudo parecia prestes a transformar em penitenciários a escola e o pensionato".

O Cura d'Ars estava convencido de que uma boa educação merece todos os sacrifícios. Certa mãe de família lhe dizia: "Já gastei todos os haveres para dar uma boa educação a meus filhos; não me resta mais nada senão a casa. — Venda-a, replicou o servo de Deus, e conclua a sua obra". A casa foi vendida, mas, por uma viravolta inesperada, o comprador fez testamento em favor daquela mãe de família, e morreu em seguida, deixando-a herdeira de tudo quanto ela tinha sacrificado com tanta generosidade.



Além das escolas para meninos, no mesmo ano de 1849, o Cura d'Ars interessou-se por outra obra de um caráter mais geral, e que ainda ia produzir mais frutos. Sabia muito bem, por tê-lo experimentado, quão úteis são para as paróquias mais pobres os exercícios de uma missão. Ele mesmo mandara pregar uma em 1819 para os seus paroquianos, por dois padres da Cartuxa de Lião.

Mas, presentemente, Belley tinha os seus missionários diocesanos. Em 1833, por iniciativa de Mons. Devie, os P.P. Mury e Convert haviam estabelecido em Bourg

uma pequena sociedade de pregadores. Consumidos, pelo trabalho, os dois fundadores morreram sete anos mais tarde, com seis meses de intervalo um do outro. O cônego Camelet, posto então à frente da obra, mudou a sede da mesma para Pont-d'Ain... Quando o Cura d'Ars, depois de ter entregue a direção da *Providência* às irmãs de S. José, não teve de ocupar-se mais com o provimento daquela casa. Mons. Devie pediu-lhe que pensasse nos missionários. "Consultarei o bom Deus", respondeu o Santo, e alguns dias depois, enviou ao P. Raymond seis mil francos, cujos juros deveriam ser empregados para custear cada 10 anos uma missão em 10 paróquias diferentes. "Isso alegrava-o muito: Acaso não se tratava da salvação dos pecadores? Quando morreu, deixou fundadas mais de 100 missões decenais. Desse modo "uma vez fora do mundo, continuou levando as almas para Deus".

"Ah, quanto sinto, dizia às vezes, ter pensado tão tarde em tão bela obra". Apaixonou-se por ela: "falava incessantemente na mesma e recolhia, centavo por centavo, as quantias necessárias para ir fundando outras missões." "Sou avarento para Deus!" dizia sorrindo. E, "quando tinha reunido o bastante para uma nova missão, sentia o prazer de um proprietário que acaba de arredondar a sua fortuna... "Amo tanto as missões, dizia ele do púlpito, que se pudesse vender o meu corpo para fundar uma só, vendê-lo-ia!"

Num meio-dia de julho de 1855, entrou muito alegre na sala, onde estavam reunidos os missionários de Pont-d'Ain. "Sr. Cura, observou-lhe o P. Alfredo Monnin, como V. Revma. está radiante!

– Eu o creio! Esta manhã descobri que possuo duzentos mil francos... E esse capital está colocado no banco mais seguro do mundo: Confiei-o às três pessoas mais ricas que pude encontrar...

– E quem são essas três pessoas?

– As três pessoas da SS. Trindade".

Desde o ano de 1849, o Cura d'Ars tinha economizado 200 mil francos para a obra das missões decenais... Donde tirava recursos tão consideráveis? Em primeiro lugar da caridade de outras pessoas.

– Uma manhã, conta o Irmão Atanásio, ele me perguntou na sacristia: "Amigo, levantou-se hoje muito cedo?"

– Como de costume, lhe respondi.

– Pior para você, replicou prontamente; se me tivesse imitado, teria feito um excelente negócio. Deram-me dinheiro para a fundação de uma missão e só faltava um pouco... Ao sair esta noite da casa paroquial, encontrei um jovem que me esperava e me entregou mil francos para essa obra; depois outra pessoa deu-me outro tanto, na capela de S. João Batista, e finalmente chegou outra que completou a soma com sobra".

E ainda não eram 7 da manhã quando o Sr. Cura me contou essa história.

Certo dia, conta o P. Raymond, apresentou-se-lhe na sacristia uma senhora piedosa.

"Padre, perguntou ela, recebeu a carta na qual lhe comunicava a remessa de 50 francos para ajudá-lo a fazer o bem?"

– "Sim, senhora: recebi, mas naquele momento veio-me ao encontro um homem caridoso que me ofereceu 5.000 francos para uma obra que me é muito querida, pois pode contribuir para a salvação das almas. Essa avultada quantia fez-me esquecer um pouco a sua; e foi por isso que não lhe respondi:

– Mas, Padre, qual é a obra que acha de tanta importância?

– Ah! boa senhora, é a obra das missões. – E não poderia eu tomar nela alguma parte? Quanto custa uma missão?

– Três mil francos, senhora.

E o Cura d'Ars obteve daquela pessoa, viúva de Lião, que recebia 10.000 francos de renda, que fundasse não só uma missão, mas duas.

Na verdade, aquela obra predileta tornou avarento ao P. Vianney. Temos visto como era sua alegria enriquecer com ornamentos sacerdotais, vasos sagrados, imagens e estandartes muitas paróquias menos privilegiadas do que a sua: Beauregard, Sainte-Euphémie de Thurigneux, Toussieux, Frans, Ambérieux-en-Dombes, Saint-Didier-de-Formans, Sainte-Euphémie-de-Dombes e outras ainda. O pároco de Dardilly, sua terra natal, recebeu dele um cálice e um cibório de grande valor. A partir de 1849 o Santo de Ars começou a economizar.

– O Cura de uma paróquia necessitada, conta o P. Estevão Dubouis, encarregou-me de pedir ao Cura d'Ars 80 francos para comprar uma imagem e uma bandeira: "Ah! não, respondeu-me; não posso; emprego todos os recursos nas obras das missões".

Em 14 de junho de 1855 enviou a Bourg, por meio do P. Toccanier, a quantia necessária para três fundações; foi preciso porém pedir emprestado para completar a última. "Recorri ao empréstimo, dizia a noite daquele mesmo dia, aos Irmãos Atanásio e Jerônimo, porque não queria deixar pela metade esta fundação. Se ninguém me ajudar a pagar, venderei os meus trastes, e se não bastar, mandar-me-ão para a cadeia de Toulon". Bem se vê, que estava brincando.

"Um belo dia, conta Maria Ricotier, o Sr. Cura veio encontrar-me com um pacote na mão, dizendo: "Preciso enviar a soma de uma fundação e me faltam 200 francos. Quereria a Sra. comprar-me esta alva, que me pertence, por esse preço?" Negócio feito. Desse modo tenho em meu poder uma multidão de objetos que comprei para ajudá-lo nas suas boas obras". Além de muitas missões, o Cura d'Ars fundou grande número de missas perpétuas, cujos estipêndios estavam assegurados por dinheiro colocado em valores do Estado. No ano de 1855 já havia conseguido para esse fim uns quarenta mil francos, e só a igreja de Ars estava provida com duzentas missas anuais. Como trazia no coração a obra da *Propagação da Fé*, sua pequena paróquia contava 100 associados. Destinou setenta dessas missas para colocar os missionários sob a proteção da Virgem Santíssima. A maior parte das restantes seriam celebradas pela conversão dos pecadores.

## Alguns acontecimentos dos últimos anos:

### II. O incidente de la Salette.

*A vinda de Maximino Giraud – A primeira fê do Cura d'Ars na aparição de la Salette – Os companheiros de Maximino e o verdadeiro fim de sua viagem – A recepção e os propósitos do P. Raymond – Entrevista de Maximino com o Cura d'Ars – Nova atitude do P. Vianney com respeito a la Salette – As angústias de uma alma santa – O fim da prova – O ato de fé que restitui a paz.*

Na noite de terça-feira de 24 de setembro de 1850, o cocheiro de Ars, Francisco Pertinand, desembarcou os seus passageiros na escadaria da igreja. Um grupo de 5 pessoas desceu da diligência. Três homens, os Srs. Brayer, Verrier e Thibaut; uma jovem, Angélica Giraud, e um rapaz de 15 anos, que era Maximino, irmão de Angélica. Exceto o Sr. Thibaut, um tanto indisposto, que seguiu Pertinand até ao hotel, os recém-chegados entraram imediatamente na igreja, em busca do P. Vianney.

“Terno, delicado, de rosto redondo e de aspecto sadio, olhos grandes, formosos e cheios de expressão”, Maximino Giraud representava menos idade. Este menino era um dos *videntes* de la Salette. Quatro anos antes, a 19 de setembro de 1846, sobre o cimo dos alpes do Delfinado, em companhia de Melania Mathieu, pastorinha de 14 anos, ele guardava as vacas de uma granja na qual se empregara na véspera. Pelas três da tarde, uma *formosa senhora*, conforme contaram os jovens pastores, apareceu-lhes no meio dum clarão maravilhoso. Sentada sobre uma rocha, ao pé da torrente de Sézia, chorava com o rosto entre as mãos. Não obstante, uma doce voz dizia aos meninos que se aproximassem sem temor. A visão levantou-se e falou-lhes. A cólera de Deus contra os blasfemadores e profanadores. do domingo, ameaças de castigos, a necessidade da oração e da penitência: tal foi o tema de sua conversação. Finalmente, passada meia hora, a *formosa senhora* se elevou e sua figura foi-se desvanecendo no azul do céu.

Durante 4 anos, mil e mil vezes foram assediados com perguntas por pessoas prudentes e indiscretas, nunca, nem Melania, nem Maximino Giraud, variavam na narração ou entravam em contradições. Todos dois respiravam aquela inteira boa fé, própria dos corações humildes, enquanto suas afirmações sobre a aparição encontravam

alguns incrédulos. Por outro lado, o bispo de Grenoble ordenara um escrupuloso exame das suas afirmações. Apesar disso, em setembro de 1850, quando Maximino se dirigia a Ars, o *mandamento doutrinal* de Mons. Bruillard sobre o *fato de la Salette* estava apenas em preparação. Apareceu somente um ano mais tarde, a 19 de setembro de 1852. Temos presente esta particularidade. Portanto, em 1850, nenhuma voz autorizada se havia pronunciado ainda sobre a autenticidade da Aparição.

Quando a neve começou a se derreter, na primavera de 1847, Salette já era visitada pelos peregrinos. Muitos dentre eles passavam, de regresso, pela aldeia de Ars. Por meio deles, o P. Vianney inteirou-se muito cedo daquela maravilha. “Desde o princípio, assegura o conde de Garets, ele acreditou na aparição da SS. Virgem com certa reserva, pois nesses assuntos deixava tudo à autoridade dos bispos”. Seu próprio bispo, Mons. Devie, a quem certamente consultou sobre um fato dessa importância, até 1851 mostrou-se “partidário de certa expectativa”. O Cura d’Ars regulou sua atitude pela do prelado.

Nas práticas aconselhava a peregrinação às pessoas que desejavam ir a la Salette; em seus catecismos falava na Aparição, assinava as medalhas e benzia as imagens. Tinha uma gravura na parede do seu quarto. Possuía água da fonte milagrosa, que distribuía entre os amigos. E tudo isso, apesar das observações que lhe fazia o coadjutor. Na verdade, o P. Raymond não acreditava em la Salette. Subira aquela montanha num dia em que Maximino subiu também. O menino negou-se a lhe responder as perguntas e o P. Raymond, de temperamento belicoso, guardou contra ele certa animosidade. Esse simples fato bastou para indispor-lo contra todo o resto.

Com que direito e para que fim os Srs. Brayer e Verrier, na noite de 24 de setembro de 1850, conduziram ao Cura d’Ars o jovem Maximino Giraud? O prudente Mons. Bruillard, bispo de Grenoble, havia recomendado ao P. Mélin, cura de Corps, paróquia natal de Maximino, que retivesse a todo custo o menino dentro da paróquia. O inquérito sobre o episódio de la Salette ainda não estava concluído e a presença das testemunhas da Aparição era necessária sob todo ponto de vista. Além disso, não convinha de modo algum que Maximino e Melania fossem tidos como objeto de curiosidade. Por mais célebres que se tivessem tornado, ambos deviam permanecer na obscuridade. Isso, porém, Brayer, Verrier e Thibaut não compreenderam. “Pessoas muito distintas, mas pouco prudentes naquela circunstância”, esses senhores tiraram Maximino de sua aldeia “apesar da oposição do P. Mélin e da proibição de Mons. Bruillard”. O menino iria consultar sobre sua vocação um sacerdote que era um santo e que lia nos corações. Mas, na realidade, a viagem tinha uma finalidade muito diferente. O Sr. Brayer e seus amigos iam “mais com escopos políticos que com intentos religiosos”.

Logo que chegaram, foram em busca do P. Vianney. Como ele se encontrasse no confessionário, apresentou-se o coadjutor, que estava menos ocupado. “Convidei-os a passar alguns momentos na *Providência*, diz o P. Raymond, e perguntei-lhes pelo objetivo da viagem. Responderam que Maximino desejava consultar o P. Vianney sobre a sua vocação.

“Muito melhor, respondi, poderia esclarecê-lo sobre esse assunto o Sr. Cura de Corps, que o conhece bem e foi quem o instruiu”. “Aqueles senhores insistiram, acrescentando, em presença de Maximino, que se tratava de um menino muito volúvel, que o Sr. Cura de Corps estava desanimado e que precisamente por esse motivo desejavam saber a opinião do P. Vianney”. “Pois bem, respondi-lhes, amanhã terão essa oportunidade”.

“Dito isso, um dos viajantes perguntou-me: “V. Revma. e o Sr. Cura que pensam de la Salette?” Respondi que não tinha um juízo formado sobre o assunto e fiz notar que em alguns pontos não se havia guardado a reserva, nem toda a prudência que a Igreja exige. Como não crer, me replicaram, nesses meninos que não podiam inventar o que narram?”.

A conversa sobre este assunto tomou um tom de acritude. O P. Raymond respondeu com um fato ocorrido 40 anos antes e que há poucos dias, viera a saber: Três meninas se combinaram para impingir às suas famílias e ao povo a crença numa aparição da Virgem Santíssima. E só com a idade de 50 anos que uma das pretensas videntes confessou sua mentira. “E por sua vez, acrescentou o coadjutor do P. Vianney, encarando o pequeno Maximino, eu te recebo aqui e tu lá não quiseste falar... Mas aqui te vais haver com um santo e aos santos não se engana”.

Maximino, já fatigado com a viagem e importunado com os propósitos daquele desconhecido, deu ao P. Raymond a resposta que lhe era habitual, quando alguém falava com ar de por em dúvida a sua veracidade. “No ano seguinte, contava a uma pessoa de Nantes, a Srta. de Brulais, o coadjutor de Ars dizia que eu inventara uma história e que não tinha visto a Santíssima Virgem; então, eu que não estava de bom humor, repliquei-lhe: “Diga que eu minto, que eu não vi nada. E depois fui-me embora”.

“Da minha parte, diz o P. Raymond, preveni o P. Vianney do que acabava de se passar. Ele me agradeceu com benevolência. Às 8 horas da manhã seguinte, falou a sós com Maximino na sacristia. Que tal foi essa entrevista? O Sr. Cura não disse palavra. Somente observamos, o Ir. Jerônimo e eu, que dali em diante não quis mais por as suas iniciais atrás das estampas de la Salette, nem benzer as medalhas”.

Qual era a causa dessa mudança? O mais simples é ouvir o próprio Maximino. O que ele diz não está em contraste com as declarações de outras testemunhas menos autorizadas que ele, e sua narração tem todos os característicos da sinceridade. Em 27 de setembro de 1851, aquela pessoa de Nantes, da qual já temos falado, encontrou-se com ele no cume do monte de la Salette. Falou-lhe como “na outra vez, expansivo e afetuoso, contando com simplicidade suas pequenas traquinices sem subterfúgios e sem desculpas. Assim foi, como me confessou, que sua cabeça o tinha arrastado, no ano anterior, a acompanhar três senhores, que, conforme se acreditou depois, quiseram explorar o seu segredo em proveito de uma opinião política.

Eis aqui a nossa conversa:

- Por quê, meu filho, te entregaste nas mãos deles, desse modo?
- Por quê? Para viajar.

– Em que confusão te meteste, imprudente! Em que pensavas então?  
 – Ah! fiz uma tolice, é verdade...  
 – E que te sucedeu com o Cura d’Ars? Queres dizer-me algo!  
 – Aqueles três senhores me levaram ao Cura d’Ars para que eu o consultasse, como eles diziam, sobre a minha vocação. O Sr. Cura aconselhou-me que voltasse à minha diocese. Aqueles senhores zangaram-se. Disseram que eu tinha entendido mal e novamente me levaram ao P. Vianney.

Maximino, nessa primeira entrevista, que foi muito curta, falou com o Cura d’Ars atrás do altar, junto ao confessionário, onde de ordinário se apresentavam os eclesiásticos.

Dessa vez, continua o menino, fui ao confessionário da sacristia. Não se entende bem o Cura d’Ars por causa dos dentes que lhe faltam. Perguntou-me se tinha visto a SS. Virgem. Respondi-lhe: Eu não sei se era a SS. Virgem. Vi qualquer coisa... uma *senhora*. Mas, Sr. Cura, se sabe que é a SS. Virgem, diga-o a todos os peregrinos para que eles acreditem em la Salette.

Afirma-se, meu caro menino, que te acusaste ao P. Vianney de teres dito mentiras... É verdade?

– Eu disse que alguma vez tenho mentido ao Sr. Cura de Corps. É preciso que te retrates, me disse o P. Vianney.

– Mas eu não posso retratar-me disso: não vale a pena. – Insistiu que devia fazê-lo e eu lhe respondi: Já que isso aconteceu há muito tempo, não posso mais: é muito tarde.

– A que mentiras te referes?

– Às pequenas mentiras que dizia ao Sr. Cura de Corps quando não queria estudar a lição.

– Então vejo ter o Cura d’Ars entendido que essas mentiras se referiam à Aparição?

– Nem mais, nem menos, assim ele entendeu; assim se escreveu nos jornais.

– Tu, porém, não te confessaste?

Não. Eu estava no confessionário; mas não tinha dito o *confiteor* e nem havia ido a Ars para me confessar.

A conversação durou cerca de 20 minutos. Os 5 viajantes partiram no mesmo dia, sem despertar as atenções e não parece que a sua breve estada na aldeia fosse percebida pelos peregrinos. Se dali em diante o P. Raymond tivesse sido tão circunspeto como o Sr. Cura, é de crer que o chamado *incidente de la Selette* jamais teria existido.

Pela manhã do dia 26 de setembro, o P. Raymond notou que o Cura d’Ars se negava a benzer as medalhas de N. S. de la Salette; encontrou sobre a cômoda da sacristia um envelope com o endereço de Mons. Bruillard, escrito pelo P. Vianney. “Que é isto? pergunta o coadjutor com a sua habitual indelicadeza. – Queria dar uma

carta a Maximino, respondeu o Santo, para que a entregasse ao bispo de Grenoble. O menino negou-se a isso”, e acrescentou amuado: “Eu fiquei descontente com ele e ele comigo”.

– Depois disso, refere o P. Raymond, foi inútil toda a tentativa para obter alguns pormenores sobre a entrevista com Maximino. Em vão o Cura de Voiron, primeiro, depois o P. Gérin, cura da catedral de Grenoble, sacerdote dos mais respeitáveis e ligado por amizade muito íntima ao servo de Deus, foram a Ars para obter algum esclarecimento. O P. Vianney somente explicou alguma coisa sobre o *incidente de la Salette*, quando chegaram a Ars o P. Rousselot, vigário geral, e o cura de Corps, enviados pelo bispo de Grenoble e portadores de uma carta de Maximino, na qual este o autorizava a falar abertamente sobre tudo quanto lhe havia dito.

E tudo quanto disse então se resume nestas palavras, ditadas pela atitude ambígua de Maximino: “Se o que o menino me disse é verdade, não viu a SS. Virgem”. Conhecemos a resposta que Maximino deu ao P. Raymond: “Diga que minto e que não vi nada”. Seria temerário crer que essas palavras foram repetidas ao Cura d’Ars e tomadas no sentido menos favorável. Por outro lado, o P. Vianney recordava-se que o menino, depois de falar-lhe na *formosa senhora*, sem nomear precisamente a SS. Virgem, tinha pronunciado a palavra *mentira*. “O Cura d’Ars, a quem nem sempre assistia o dom da intuição, pensou que o menino se retratava de suas afirmações à Aparição. E uma dúvida angustiosa penetrou-lhe no espírito... Sofreu durante 8 anos uma dupla prova: duvidara, e os peregrinos, que nada deveriam saber, não ignoravam essas dúvidas.

“A sensação foi grande em torno dele. Os fatos, como acontece em tais ocasiões, foram ampliados e desnaturalizados”. “Os, inimigos de la Salette abusaram do nome e da autoridade do Cura d’Ars”. As almas piedosas sentiram-se muito perturbadas quando ouviram dizer que a Aparição não era realidade, pois um santo como o Cura d’Ars não acreditava nela.

O P. Raymond, com o seu zelo indiscreto, recomendou às religiosas de Pont-d’Ain, por onde tinha passado, que retirassem de sua casa o quadro de la Salette. E como as religiosas se admirassem, lhes disse: “O Cura d’Ars falou com Maximino e depois disso não acredita mais em la Salette”. O P. Vianney “ficou muito aborrecido com a publicidade que por causa das indiscrições do P. Raymond se deu a esse assunto”. Sem dúvida, como todo o mundo, ele tinha direito de julgar conforme o seu critério um acontecimento recente e sobre o qual se haviam suscitado ruidosas polémicas. A Igreja não tinha convertido em dogma de fé a visão com que se diziam favorecidos os dois meninos... Mas o Cura d’Ars, a quem os próprios bispos consultavam, não podia desconhecer sua influência pessoal sobre as almas. E se na verdade, como alguns diziam, houvesse ali um mal-entendido! Que dano não se seguiria da divulgação de uma injusta desconfiança acerca de um fato real que tanto interessava à glória de Deus!... “Tenho remorsos, dizia o Cura d’Ars, as ex-diretoras da *Providência*; receio ter feito algo contra a SS. Virgem. Oxalá Deus me iluminasse sobre esse ponto. Orei muito para

consegui-lo... Se o fato fosse verdadeiro, então falaria nela e se não fosse estaria tudo acabado”.

Enquanto o bispo de Grenoble não se pronunciou afirmativamente, o Cura d’Ars, ao ser perguntado sobre la Salette, disfarçava facilmente a resposta, pedindo aos indiscretos que esperassem a decisão da autoridade eclesiástica. Urna vez, porém, aparecido em setembro de 1851, o *mandamento doutrinal* de Mons. Bruillard, o Cura d’Ars sentiu maiores angústias. O prelado, de cuja jurisdição dependia la Salette e a quem cabia a obrigação de resolver a questão, acabava de afirmar. que os dois pastores não tinham sido enganados nem se tinham enganado. O P. Vianney queria inclinar-se sem reservas ante esse juízo... Mas ainda lhe ressoavam obstinadamente aos ouvidos certas palavras de Maximino. O P. Vianney não negava nada, mas não conseguia recobrar a fé primitiva na Aparição.

Além disso, cada dia com maior freqüência, depois que o bispo se havia pronunciado, o Santo ao atravessar as multidões de peregrinos via-se rodeado de cavalheiros, senhoras e até sacerdotes, que lhe perguntavam se se devia crer: ou não em la Salette. Ele respondia com evasivas “a não ser que a posição das pessoas o obrigasse a expor integralmente seu parecer. Fora desses casos, deixava os outros nas suas crenças sem revelar a ninguém as próprias impressões”. “Um dia, em minha presença, conta o P. Dubouis, cura de Fareihs, o primeiro coadjutor de S. Sulpício, de Paris, quis saber sua opinião sobre la Salette. O P. Vianney limitou-se a dizer-lhe que era preciso amar muito a SS. Virgem. Por três vezes insistiu o coadjutor e sempre recebeu a mesma resposta”.

Finalmente cessou a provação. Em outubro de 1858, uns dez meses antes de morrer, o Cura d’Ars voltou ao seu primitivo sentir, i. é, a crer em la Salette. Eis aqui, diz o P. Toccanier, como ele me contou a história desse retorno:

– Fazia uns quinze dias que padecia uma grande inquietação interior. Minha alma andava como que arrastada sobre a areia. Fiz então um ato de fé na aparição, em seguida restabeleceu-se a calma no meu espírito... Desejei então ver um sacerdote de Grenoble para manifestar-lhe o que eu tinha padecido. No dia seguinte chegou daquela cidade um distinto eclesiástico. Entrando na sacristia, perguntou-me o que pensar sobre la Salette. Eu lhe respondi: “Pode crer”.

Faltava-me, continua o Sr. Cura, a quantia necessária para completar a fundação de uma missão, Encomendei-me à Virgem de la Salette e encontrei justamente o dinheiro de que necessitava. Considero esse fato como milagroso.

Desde então o P. Vianney, “observando uma grande reserva” nas discussões que ainda se suscitavam, favoreceu as peregrinações a la Salette e encorajou os penitentes que lhe manifestavam o desejo de subir a *santa Montanha*. Novamente benzeu e distribuiu estampas da *Virgem Chorosa*.

Não se sabe se tornou a falar disso nos catecismos. Nessa época dificilmente se podia ouvir bem o Cura d’Ars e doutra parte a sua pregação já não era mais do que um hino de amor a Deus e a presença real de Jesus Cristo. Seja como for, sempre que

se lhe ofereceu ocasião, não deixou de se pronunciar a favor da Aparição. O cônego Oronte Seignemartin, pároco da Catedral de Belley e antigo cura de Saint-Trivier-sur-Moignans, contava em 1876 o seguinte:

– Achava-me numa reunião de sacerdotes, quando chegou o Cura d’Ars. Perguntei-lhe o que pensava sobre a Aparição e ele respondeu-me em tom um tanto grave: “Creio nela firmemente”.

Nos fins de 1858, conta Madalena Mandy Scipiot, minha mãe estava enferma. Pedi licença ao Sr. Cura para fazer uma promessa à Virgem de la Salette. Respondeu-me que não era necessário; que fizesse à N. Senhora de Fourviere. “Mas, quanto a la Salette, pode crer; eu creio de todo coração”.

## Alguns acontecimentos dos últimos anos:

### III. O Cura d'Ars, Cônego de Belley e Cavaleiro da Legião de Honra – a festa de 8 de dezembro de 1854

*Um canonicato imposto de surpresa – A venda da murça O Cura d'Ars proposto para a Legião de Honra – Comentários do novo cavaleiro – A remessa da cruz – O Cura d'Ars e a SS. Virgem – O dia 8 de dezembro de 1854 na aldeia de Ars.*

Pode afirmar-se, sem perigo de erro, que no ano de 1850 o P. João M. Vianney, Cura d'Ars, era o sacerdote mais célebre de toda a França. Fazia, quando muito, dez anos que em Paris a elite da sociedade se agrupava em torno do púlpito de Notre-Dame. Já então o humilde padre, cuja igreja nunca se esvaziava, era mais conhecido que o eloqüente Lacordaire. Apesar disso, uma celebridade de tão bom cunho não lhe tinha valido nenhuma distinção. “Eis o *Santo*”, exclamava a multidão à sua passagem. Toda a outra glória parecia perder-se nessa. Por essa razão Mons. Devie, que o tinha em grande estima, julgou ocioso nomeá-lo cônego da Catedral. Demais., o costume se opunha a que um simples cura recebesse tal honra.

Mons. Chaladon, sucessor de Mons. Devie (25 de julho de 1852), não foi do mesmo parecer que o seu venerável antecessor. Bispo auxiliar, fazia dois anos, tivera ocasião de conhecer o P. Vianney. Uma de suas principais resoluções foi dar a murça, contra toda a tradição, ao sacerdote mais digno da diocese.

Três meses depois, no mesmo dia de sua elevação à sede de Belley – segunda-feira, 25 de outubro – o jovem bispo, acompanhado do vigário geral Mons. Poncet e pelo conde Próspero de Garets, apresentou-se no umbral da igreja de Ars. O P. Raymond, informado da visita, esperava-os. O Cura d'Ars ouvia confissões na sacristia.

Anunciam-lhe a presença de S. Excia. Revestido com a sobrepeliz, de mangas estreitas, apressa-se através da multidão de penitentes, para oferecer água benta ao prelado, conforme preceitua o ritual. Além disso, era a primeira vez que o saudava como bispo de Belley, achando de seu dever dirigir-lhe um breve discurso. O Sr.

Bispo, porém, ocultava alguma coisa sob a murça. Com um movimento rápido o prelado tirou o objeto misterioso. As dobras de seda preta e roxa, enfeitadas com arminho branco, mostravam seus reflexos de tornassol. O Cura d'Ars compreendeu. "Não, Mons., diz recusando, dê isso ao meu coadjutor, assentará melhor nele do que em mim". Reclamação inútil. Ajudado pelos padres Poncet e Raymond, o bispo impôs ao Cura d'Ars a murça de cônego honorário. A murça ficou atravessada, e como o interessado se esforçasse por livrar-se dela, a muito custo pôde o prelado abotoá-la até a altura dos ombros. Entretanto, já haviam entoado o *Veni Creator*. As últimas palavras de protesto do cônego Vianney foram abafadas, pelas vozes dos cantores e o prelado entrou na igreja.

– O pobre cura, diz a castelã do lugar, parecia um condenado com a corda ao pescoço, caminhando para o cadafalso. Refugiou-se na sacristia. O conde de Garets foi atrás dele e encontrou-o quando arrancava a desditosa murça.

O *maire* apenas pode conseguir que a guardasse, fazendo-lhe ver que, do contrário, faria uma desfeita ao Monsenhor! Então, diz o Irmão Atanásio, em vez de se por no lugar de costume, retirou-se atrás da porta da sacristia todo encabulado como querendo esconder-se. Disse-lhe ao ouvido: "Sr. Cura, não fique aqui, está numa correnteza de ar. – Estou muito bem aqui, deixe-me" – foi a resposta".

Celebrou-se na igreja uma breve cerimônia, durante a qual o bispo de Belley dirigiu a palavra ao povo. Naturalmente o tema foi a promoção do Cura ao canonicato honorário. O novo cônego estava tão desconcertado que nem cuidava de arrumar a murça, cada vez mais atravessada. "Dir-se-ia, conta João Batista Mandy, filho do antigo *maire*, que o Sr. Cura tinha espinhos nos ombros". Quando se dirigiu daquela maneira para a casa paroquial ao lado de Mons., uma de suas penitentes, que sem dúvida não estava ao corrente do que se passava, Madalena M. Scipiot, "não o reconheceu". Conforme ela, "tinha ele a aparência dum condenado". "Aquilo foi, diz a condessa de Garets, a cena mais divertida que se pode imaginar".

Monsenhor partiu, e uma vez passada a emoção, o cônego Vianney achou que S. Excia. lhe havia feito um belo presente. Pouco depois procurou fazer dinheiro para as suas obras e foi em busca dum comprador.

– Eu voltava de Villefranche, narra Maria Ricotier, e fui dar conta ao Cura de uma encomenda que me fizera. Chega em boa ocasião, me disse ele; quero vender-lhe a minha murça. Ofereci ao Sr. Cura de Ambérieux e ele negou-se a dar-me por ela 12 francos. Você me dará pelo menos 15...

– Mas cla vale mais, do que isso.

– 20 então?

– Pus-lhe 25 francos nas mãos acrescentando: "Não é ainda o verdadeiro valor. Mas eu lhe informarei". Soube que a murça tinha sido feita no noviciado das irmãs de S. José de Bourg e que custara 50 francos. Dei-lhe 25 francos mais e lhe disse: "Sua murça de cônego é minha; o usufruto porém é seu". Ficou o Sr. Cura tão contente que exclamou: "Oh! que o Sr. Bispo me dê outra e eu farei dinheiro".

Quis no entanto que eu a levasse. "Se em alguma ocasião o Sr. Bispo exigir que ponha a minha murça, bem, me disse ele, sempre a encontrarei em sua casa".

E com a consciência tranqüila, escrevia 10 dias depois ao prelado para fazê-lo participante de sua alegria.

– Mons., a murça que teve a caridade de me dar causou-me um grande prazer, pois não tinha bastante dinheiro para completar uma fundação e vendi-a por 50 francos. Com esse dinheiro fiquei muito contente.

Dali por diante, nunca mais apareceu revestido de cônego, apesar de muitas instâncias, nem mesmo na presença do prelado. O P. Toccanier perguntou-lhe um dia: "Mas, Sr. Cura, por que não usa a murça?" – "Meu amigo, respondeu sorrindo, veja V. Revma., sou mais fino do que imaginam. Quiseram zombar de mim, ao vê-la sobre meus ombros, e eu logrei a todos".

– Ao menos por atenção ao Sr. Bispo, devia usá-la. V. Revma. é o único a quem o novo bispo quis honrar; depois de V. Revma., não nomeou mais cônegos.

– "Ah! replicou o humilde sacerdote, o Sr. Bispo foi tão infeliz na primeira vez que não quis mais saber de outra".



O atrativo que sem cessar arrastava as multidões para Ars chegou a interessar os próprios poderes públicos.

O governo civil de Ars considerava o P. Vianney um homem tão popular quanto benfazejo. A 30 de junho de 1855 o Marquês de Castellane, subprefeito de Trévoux, escrevia ao bispo de Belley:

– Monsenhor:

Tenho a honra de lhe remeter uma cópia do ofício que acabo de enviar ao Sr. Prefeito, com o intento de que conceda ao Cura d'Ars uma distinção honorífica.

Não duvido que o Governo do Imperador, desejoso de recompensar o verdadeiro mérito, tomará em conta os eminentes serviços que o P. Vianney vem prestando dia por dia.

O ofício do Marquês de Castellane estava assim redigido:

– Sr. Prefeito:

Existe numa pequena comuna de minha jurisdição com 510 habitantes um cura, cuja santidade evangélica e eminente piedade conquistaram celebridade européia. O nome do P. Vianney, Cura de Ars, se adivinha, nas linhas precedentes, por geral que sejam.

A comuna de Ars, que era antes a mais ignorada entre todas as de minha jurisdição, vê hoje afluir uma admirável multidão de peregrinos.

Foi mister organizar serviços de transporte que desde muito tempo funcionam com regularidade.

Este concurso de povo, que dura longos anos e que se deve atribuir unicamente à reputação de santidade de um modesto sacerdote, constitui fato verdadeiramente prodigioso num século que herdou doutrinas irreligiosas e hostis à fé cristã.

A confiança do povo no Cura d'Ars é ilimitada; é aquela fé evangélica que transporta as montanhas. Mencionam-se infinidades de fatos que seria difícil explicar como coisas puramente naturais.

O pouco espaço desta relação não me permite consigná-los. Basta constar que não há nada de charlatanismo na maneira de proceder do venerável Cura d'Ars.

O pároco Vianney é um segundo S. Vicente de Paulo, cuja caridade opera milagres...

Finalmente, o subprefeito de Trévoux, depois de enumerar as obras devidas a iniciativa do Santo, conclui com estas palavras:

– Já sob o ponto de vista material é um homem eminentemente útil. Por conseguinte, tenho a honra, Sr. Prefeito, de pedir a V. S. queira propor, pela ocasião da próxima festa de sua Majestade, que o P. Vianney, Cura d'Ars, seja nomeado cavaleiro da Ordem Imperial da Legião de Honra.

Ao receber essa exposição, o prefeito de Ars, conde de Coëtlogon, fez as diligências necessárias junto ao Sr. Fortoul, ministro da instrução pública e de cultos. A 11 de agosto seguinte o Sr. Ministro tinha o prazer de anunciar a Mons. Chalandon que, por decreto com data do mesmo dia, a cruz de cavaleiro era conferida ao Cura d'Ars.

A promoção do dia 15 de outubro apareceu nos jornais e o nome do P. Vianney obteve um sucesso de piedosa e simpática curiosidade. O Conde de Garets comunicou-lhe a notícia.

“Tem alguma renda inerente à essa cruz!... Proporcionar-me-á dinheiro para os meus pobres!, perguntou o Santo, sem manifestar contentamento nem surpresa.

– Não, é somente uma distinção honorífica.

– Pois bem, se com isso os pobres nada ganham, diga ao imperador que não a quero.

Naturalmente o conde de Garets não se encarregou de uma comissão tão original. Mas eis que um pintor, julgando ser bem sucedido, ofereceu os seus serviços ao Sr. Cônego Vianney, Cavaleiro da Legião de Honra. O pobre artista ficou bem decepcionado.

“Querem a todo custo, escrevia a 8 de agosto à condessa de Garets, pintar o retrato do Sr. Cura. Ele se nega e diz rindo: “Aconselho-vos que me pinteis com a murça e a cruz da Legião de Honra e que escrevam debaixo: *“nada, orgulho!”*”.

Um sacerdote, aludindo a essas insígnias, lhe dizia troçando: “Sr. Cura, todas as potências da terra o condecoram. Deus não deixará de o condecorar no céu.

– É isso mesmo que me causa medo, replicou o Santo com um ar grave, e se quando vier a morte e eu tiver que me apresentar diante de Deus com estas bagatelas, Ele me disser: Vai-te, já recebeste a tua recompensa?”

Mons. Chalandon, na sua qualidade de oficial da Legião de Honra, recebeu o encargo de impor a cruz ao Cura d'Ars. Não sabemos por que motivos foi adiada a cerimônia até novembro. Nesse intervalo, o P. Vianney recebeu da Grande Chancelaria um aviso no qual lhe pediam 12 francos para a remessa do título e da cruz. Doze francos!... Ficou sobressaltado. “Não quero, absolutamente não! Antes prefiro empregar esse dinheiro em matar a fome de 12 pobres”.

A pequena nota foi entregue ao P. Toccanier, que, sem o P. Vianney saber, enviou o dinheiro. Dizia mais tarde: “Não mandei o dinheiro e apesar disso eles me mandaram a cruz”.

Em outubro, o prefeito, católico praticante, foi em pessoa felicitar o novo legionário. O encontro deu-se na praça da aldeia. Depois dos primeiros cumprimentos, disse o Santo: “Peço-lhe, senhor Prefeito, que dê a sua cruz a outro mais digno. Prefiro à ela qualquer coisa para os meus pobres.

– Mas, replicou o Sr. de Coëtlogon, Sr. Cura, se o Imperador lhe concedeu a cruz, foi mais, para honrar a Legião do que a V. Revma...

La continuar quando o P. Vianney o interrompeu com estas palavras pronunciadas com amável sorriso: “Sr. Prefeito, peço a Deus que o conserve por muito tempo no departamento de Ain para que possa fazer muito bem com os seus conselhos e sobretudo com os seus bons exemplos”. E dito isso, entregou ao Conde Coëtlogon uma medalha da Santíssima Virgem. Despediu-se e entrou para o confessorário.

Chegou o mês de novembro. Mons. Chaladon, delegado oficial para a entrega da Cruz, lembrou-se da sorte que há três anos antes tivera a nova e valiosa murça do cônego Vianney. Pensou, sem julgar temerariamente, que a cruz da Legião de Honra iria parar também “nas mãos dos pobres,”. E valeria a pena que o primeiro pastor da diocese saísse dos seus cômodos para ir entregar ao incorrigível Cura d'Ars uma condecoração que talvez na noite do mesmo dia fosse convertida em dinheiro? O prelado, para tal fim, subdelegou o sucessor do P. Raymond, o excelente P. Toccanier.

O P. Toccanier recebeu do bispo de Belley o pequeno estojo selado com um grande sinete roxo, contendo a estrela de prata dourada.

Ao meio-dia o P. Toccanier aproveitou um momento em que o P. Vianney estava só no quarto para lhe apresentar o cofrezinho com o selo imperial. O Irmão sacristão, os Irmãos professores, Catarina Lassagne e Joana Maria Chanay, que estavam advertidos, se ocultaram por trás da escada. Quando o P. Toccanier começou a falar, os curiosos se apresentaram.

“Senhor Cura, disse-lhe o jovem missionário, talvez sejam relíquias que lhe enviam”. O servo de Deus não compreendeu que aquelas palavras eram um gracejo. Desejoso de venerar as relíquias, rompeu o selo de cera.

“É isso mesmo, disse ao ver a preciosa jóia.

– Note bem, Sr. Cura, que esta condecoração está encimada por uma verdadeira cruz. Queira benzê-la. – E quando, com um largo gesto, a benzeu, disse o P. Toccanier: Agora permita-me que a coloque por uns momentos no seu peito.

— Oh! meu amigo, Deus me livre disso. Poderiam dizer-me o que S. Bento disse ao escudeiro do Rei Tótila, que lhe saiu ao encontro com a púrpura real: “Deixa estas insígnias duma dignidade que não te pertence”.

E colocando a cruz da Legião de Honra na mão do “subdelegado” episcopal, disse-lhe: “Tomê, amigo. Seja tão grande o seu prazer em recebê-la quanto é o meu em lha oferecer”.

Assim foi condecorado o “pobre Cura d’Ars”. Não tendo permitido que lhe pregassem o distintivo na batina, só uma vez haveria de ostentar a cruz de cavaleiro: sobre o seu ataúde!



Como explicar em nosso Santo um tal desprezo das honras e interesses terrenos? Dele se tem dito: “Tudo quanto se referia à ordem sobrenatural e ao reino de Deus lhe cativava o coração”. Não podia, portanto, ter alegria e descanso a não ser nos pensamentos e coisas religiosas. Gostava unicamente das festas da Igreja.

Até o fim da vida, os antigos de Ars, conservaram a recordação de uma festa única, em que o P. Vianney manifestou uma alegria extraordinária, entusiástica, transbordante. Em novembro de 1854, quando Roma se preparava para celebrar magnificamente a definição do dogma da Imaculada Conceição, o Cura d’Ars também preparava sua humilde paróquia para tão salene acontecimento. “Alguns dias antes da proclamação dessa verdade de fé, conta a baronesa de Belvey, ouvi como o servo de Deus pregava um sermão de circunstância, no qual relembra com transportes de alegria tudo quanto havia feito para Maria Imaculada... Passou um frêmito por todo o auditório quando, ao terminar, exclamou: “Se para oferecer alguma coisa à Santíssima Virgem pudesse vender-me, vender-me-ia!”

A grandiosa solenidade que se enunciava não era para o nosso Santo uma ocasião excepcional para testemunhar à Nossa Senhora um afeto de mais de 60 anos? Desde o berço ele amava a Maria. E uma vez sacerdote trabalhava com todas as forças na propaganda de seu culto. Para os peregrinos se convencerem disso, bastava-lhes ver as estátuas da Virgem em todas as fachadas da vila. Em cada casa havia uma imagem colorida da mãe de Deus doada pelo Sr. Cura d’Ars. Ao pé de cada imagem pusera a sua assinatura.

Em 1844 o P. Vianney colocou uma grande estátua da Imaculada no frontispício da igreja. Oito anos antes, a 1º de maio de 1836, “havia consagrado a paróquia a Maria concebida sem pecado”. O quadro destinado a perpetuar esta consagração, diz Catarina Lassagne, foi posto na entrada da Capela da Santíssima Virgem. Pouco tempo depois mandou fazer um coração de prata dourada, que ainda hoje pende do pescoço da *Virgem Milagrosa*. Os nomes de todos os paroquianos de Ars, escritos numa fita de seda branca, estão encerrados neste coração. Nas festas de Maria Santíssima “as comunhões eram cada vez mais numerosas, e a igreja não ficava um só momento vazia”. Na noite dessas festividades, a nave e as capelas laterais apenas

podiam conter o povo. É que ninguém queria perder a honra do P. Vianney em honra da Santíssima Virgem. “Era verdadeiramente emocionante o entusiasmo com que falava de sua santidade, de seu poder e de seu amor”.

Atingiu o auge no dia inolvidável de 8 de dezembro de 1854, quando o Papa Pio IX definiu “em virtude da autoridade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e da sua própria” que “a Bem-aventurada Virgem Maria foi preservada de toda mancha do pecado original desde o primeiro instante de sua concepção”. Apesar do cansaço, quis ele mesmo cantar a missa solene, quando usou pela primeira vez e com grande alegria a magnífica casula de veludo azul, bordada a ouro, cujas imagens e finos labores foram desenhados pelo arquiteto Bossan. O coro e a nave estavam ornados com os mais belos enfeites.

À tarde, depois das vésperas, “toda a paróquia foi em procissão à escola dos Irmãos, onde o Sr. Cura benzeu uma estátua da Imaculada, oferta sua, levantada no jardim”. À noite, na aldeia, foram iluminados o campanário, as paredes da igreja e as fachadas das casas. Encerrou-se a festa com uma função religiosa, na qual o P. Vianney fez uso da palavra: “Que felicidade!... Que felicidade!... exclamava, ao começar a prédica. Sempre achei que em meio dos esplendores das verdades católicas faltava esta luz. Era uma lacuna na religião que não podia continuar”.

Uma iluminação! Constitua novidade para os paroquianos e também para o Cura. Antes de sair para contemplar aquela maravilha, o Santo, em pessoa, repicou os sinos. O repique durou tanto tempo, diz Catarina, “que vieram das paróquias vizinhas, julgando que se tratava dum incêndio”. “O Sr. Cura passeava satisfeito à luz dos brandões, por entre os sacerdotes presentes e os Irmãos”. Foi aquela festa um dos dias mais felizes de sua vida. Quase septuagenário, parecia ter rejuvenescido. Jamais um filho se mostrou tão feliz ao presenciar o triunfo de sua Mãe. E fôra ele quem, havia inspirado e organizado “aquela imensa manifestação de alegria”.

## Alguns acontecimentos dos últimos anos.

### IV. Para a “Trapa” de Neylière

*O P. Vianney, Terceiro Franciscano – O P. Vianney e o P. Colin – A “Trapa” de Nossa Senhora de Neylière – Novo bispo em Belley – O P. Toccanier, Missionário de Pont-d’Ain, nomeado auxiliar do P. Vianney – Projeto de Retiro – Segredo bem guardado! – As margens do Fontblin – Volta à casa paroquial – A imprevidência de um santo – Plano mal combinado – Prova e tentação – As tentativas dos habitantes de Dardilly – Enfermidade e morte de Francisco, “o mais velho”.*

Os habitantes de Ars, apesar das promessas que Ihes havia feito o Cura de nunca os deixar, não se esqueciam dos transe em que os deixara em setembro de 1843. Cinco anos depois, um venerável capuchinho, o P. Leonardo, do convento de Brotteaux de Lião, recebeu o P. Vianney na Ordem Terceira de S. Francisco. E os paroquianos manifestaram com isso grande inquietação. “Julgava-se, dizia a condessa de Garets, que ele ia tornar-se capuchinho”. O boato não carecia de fundamento. Sem rodeios, o P. Vianney havia manifestado ao P. Leonardo, com quem se confessava muitas vezes, o desejo de ser recebido na sua Ordem. Mas o bom religioso, a quem nunca cegou a ilusão de uma tão magnífica conquista, “Ihe fez ver que podia fazer muito mais na sua paróquia do que entrando para o claustro. Como insistisse novamente, o P. Leonardo explicou-lhe em que consistia a Ordem Terceira, e qual era sua regra. Pouco depois o P. Vianney pediu o hábito de Terceiro... E os melhores dentre os seus paroquianos se apressaram em Ihe seguir o exemplo”.

Dois anos mais tarde, a 8 de dezembro de 1846, o P. Eymard, religioso Marista e futuro fundador da Congregação do Santíssimo Sacramento, agregou o P. Vianney à Ordem Terceira de Maria. Era uma recente instituição do P. Cláudio Colin, antigo discípulo do Cura d’Ars em Verrieres e em Santo Irineu de Lião. Os que temiam ao pensar que o Santo ainda poderia deixá-los não supunham que precisamente a se ocultasse o perigo.

João Cláudio Colin, escolhido por Deus para estabelecer na França e depois, em todo o mundo a Sociedade de Maria, sempre simpatizara com João Maria Vianney. Ambos sentiam um gosto inato pela obscuridade e pelo silêncio. Ambos tinham uma

terna devoção à Maria Santíssima. Suas relações de amizade se haviam conservado fiéis. O P. Colin freqüentemente mandava seus religiosos consultar o amigo de Ars. E o santo Cura aplaudia de todo coração as iniciativas do fundador dos Maristas. Quando os primeiros missionários partiram para a Oceania, o P. Vianney ajudou-os com as suas orações e trabalhou para lhes enviar recursos...

Entretanto, em meio de seus ministérios apostólicos, o pensamento da solidão e do deserto, onde poderia tratar intimamente com Deus, – sua única alegria, – pungia-o e o fazia sofrer. Mas aonde iria para encontrar esse desterro Não dissera Mons. Devie que, enquanto vivesse, jamais o P. Vianney sairia de sua diocese?... Um raio de luz brilhou no horizonte. Desde 1842, o venerável P. Colín havia pensado numa nova fundação: uma casa de Adoração perpétua, cujos membros se haveriam de dedicar à oração e à penitência. Não obtendo resultado num primeiro ensaio, feito em Marcellange, no Allier, a Sociedade de Maria adquiriu em 1850 uma propriedade chamada *Neylière*, situada perto de Saint-Symphorien-sur-Coise, a 45 quilômetros de Lião. Localizada entre graciosas colinas, longe de todo o bulfício, era um retiro ideal para os contemplativos. Ajudados por muitos prelados e especialmente por Mons. Devie, bispo de Belley, o P. Colin fez os preparativos necessários para instalar sobre aquele *Tabor* uma dezena de religiosos aos quais se iriam juntar “muitos eclesiásticos da França e até da Inglaterra, e que, estranhos, à Sociedade de Maria, poderiam tomar parte na nova Obra”. No domingo de 16 de maio de 1852, 7 sacerdotes e 5 Irmãos coadjutores se enclausuraram em *Notre Dame de la Neyliere*, e começaram a guardar perfeito silêncio, um dos pontos básicos da sua regra. Todas essas, coisas foram explicadas ao P. Vianney, que logo começou a sonhar com elas.

Um acontecimento, não de todo inesperado, veio alentar-lhe as esperanças. Em 1850, Mons. Devie, consumido pelos anos, – pois já contava 84 anos de idade e trinta de um laborioso episcopado – pediu à Santa Sé um auxiliar. Foi-lhe concedido na pessoa de um sacerdote lionês, Mons. Jorge Chalandon, vigário geral de Metz, cuja sagração se efetuou na mesma cidade de Belley, a 12 de janeiro de 1851. “Ante essa notícia, diz a baronesa de Belvey, o Cura d’Ars manifestou grande alegria”. “Confio, dizia ele, que este novo bispo consentirá que eu me retire”. A 25 de julho de 1852, dois meses depois da inauguração da *Trapa mitigada de Neyliere*, Mons. Devie era chamado por Deus e Mons. Chalandon, até então bispo de Thaumacum, foi elevado ao sólio episcopal de Belley.

O Cura d’Ars, crendo já terem desaparecido todos os obstáculos, pensou logo em nova “fuga”: Refugiar-se-ia na casa de Neyliere, para ali chorar a sua “pobre vida” e terminar os seus dias na oração e na penitência. O P. Colín, inteirado das suas intenções, aconselhou-lhe que não se precipitasse. Ambos aguardavam ocasião favorável.



Em setembro de 1853, essa ocasião apresentou-se. O P. Vianney, após alguns meses, pressentiu que o seu auxiliar não lhe seria deixado por muito tempo. O povo de Ars desejava a saída daquele sacerdote, de caráter pouco agradável. E o P. Raymond, convencido, por si mesmo, que nunca chegaria a ficar com a paróquia de Ars, pediu a sua transferência. Mons. Chalandon, a fim de o substituir, voltou-se para a jovem Sociedade dos Missionários, estabelecidos em Pont-d’Ain, cujo Superior era o Cônego Camelet. O Cura d’Ars estimava muito ao P. Camelet, cujos talentos e zelo tivera ocasião de apreciar no jubileu de 1847. O bispo de Belley julgou com razão que o Cura d’Ars, para quem as multidões afluam dia e noite, precisava de um ajudante apto para aquele ministério, e que, quando o excessivo concurso o exigisse, fosse capaz de chamar em seu auxílio colegas sempre prontos a socorrê-lo. Mons. Chalandon escolheu o P. Toccanier, indigitado pelo P. Camelet como o de melhores dotes para cargo tão delicado... Com 31 anos de idade, o P. Toccanier era de aspecto robusto e sua boa aparência contrastava com a extenuação física do santo Cura. Mas sua eloquência viva, penetrante, pessoal, oportuna e sensível imitava a do Cura d’Ars. Além disso, era muito piedoso, bom e amável. Parecia ser o mais digno de estar junto ao nosso amável Santo.

Naquele ano abriu-se o retiro espiritual no Seminário Maior de Brou, segunda-feira, 29 de agosto. O P. Toccanier e o P. Raymond encontraram-se ali. O P. Poncet, vigário geral, comunicou ao P. Raymond que ele havia sido nomeado Cura de Polliat. O P. Camelet também por sua vez certificou ao P. Toccanier que fora nomeado auxiliar-residente do Cura d’Ars.

A crer no que diz Catarina Lassagne, o P. Vianney ainda ignorava “estas combinações”, na sexta-feira, 1º de setembro, quando ela lhe levou ao quarto a refeição do meio-dia: “Julgo que desta vez devo sair, lhe disse ele. Meu cunhado Melin, que reside na paróquia de Santo Irineu (Lião), me espera. Partirei segunda-feira à noite. Guarde segredo.

– Oh! Senhor Cura, V. Revma. não nos há de deixar, replicou a pobre Catarina. E então lembrou-lhe a velha história de 10 anos atrás: sua estada em Dardilly; as multidões que iam em sua procura; seu emocionante regresso a Ars... Nada conseguiu. Não adianta. O que está decidido decidido está. “O Sr. Bispo não precisa mais de mim. Tem bastante sacerdotes...

À tarde do sábado chegou o P. Poncet, vigário geral, acompanhado do P. Raymond e do P. Toccanier. “O bom do Sr. Cura, conta este último, recebeu-nos muito amavelmente, mas tinha a fisionomia inquieta”. À noite o vigário geral manifestou-lhe os desejos do prelado, relativos ao futuro. O Cura teria dali em diante tantos coadjutores quantos fossem necessários. A isto o Santo nada objetou. Falou-lhes depois o P. Raymond para lhe dizer em que termos apresentaria o P. Toccanier como seu sucessor, no dia seguinte, durante a missa solene.

No domingo de manhã, o P. Toccanier celebrou a santa missa e o P. Raymond proferiu o sermão combinado. Depois do almoço, o vigário geral Poncet foi a Trévoux,

onde presidiu ao encerramento dum retiro espiritual de religiosas e o ex-coadjutor do Santo partiu para Beauregard, sua terra natal, que fica bem perto de Ars. “Naquele dia, escreve Catarina Lassagne no diário, sentiram grande alegria ao saber que viera um missionário para ajudar o santo Cura. Mas eu estava triste!”... Como há 10 anos antes, o segredo se tornava pesado para a boa moça... Assim que, pelas 8 horas da noite, ela pediu licença ao P. Vianney para confiá-lo à discreta Maria Filliat. “Como quiser”, lhe respondeu. E dentro em pouco voltaram as duas amigas desfeitas em pranto. “Não, replicavam elas, não vá!... O Santo limitou-se a lhes responder que a sua resolução era definitiva. E entregou à Catarina uma carta endereçada a Monsenhor Chalandon. Até mesmo com o novo bispo o Cura d’Ars pensou que devia precipitar as coisas. Mas desfizeram-se as suas primeiras ilusões: Sim, Mons. Chalandon era tão intransigente como Mons. Desvie. O jovem prelado respondeu ao Santo que iria visitá-lo: “Eu deixar-vos partir, Sr. Cura!... Seria isso um pecado tão grande de que ninguém me quereria absolver!”

Depois da inútil tentativa, Maria e Catarina permaneceram conversando, junto à porta que dava para o jardim da casa paroquial. “Que fará, perguntava uma delas, fraco como está e nessa idade (O P. Vianney tinha 67 anos de idade, completos). Não poderá chegar até Lião. Tu, Maria, levarás o cesto das provisões. Mas, se ele vier a sentir-se mal pelo caminho? Será necessário um carro para o levar.

– Mas não há homem aqui que nos possa ajudar neste momento. Nisto passou o sacristão, Ir. Jerônimo. Parou estupefato por ver Catarina e Maria... Uns minutos depois, sabia tudo. Correu para dizer ao Ir. Atanásio e ambos foram bater à porta do P. Toccanier, que estava alojado num quarto da *Providência*. O jovem coadjutor pensou que o chamassem para um doente em perigo.

– Imaginem a minha surpresa, dizia ele, ao ouvir a narração dos bons Irmãos. Não podia acreditar. “Montai guarda diante do presbitério, disse-lhes eu, e se realmente tentar uma fuga, vinde chamar-me. À meia-noite, três pancadas nervosas ressoaram na minha porta. Estava deitado completamente vestido. Achei-me logo na praça com os dois Irmãos, espiando os movimentos do nosso santo Cura, a quem podíamos enxergar no seu quarto, graças a luz da lamparina. Agarrou o breviário, o chapéu e o guarda chuva. “Deixemo-lo descer, disse eu aos Irmãos”. Com efeito, desceu e foi à casa de Maria Filliat e de Catarina Lassagne, que deviam acompanhá-lo. Aguçamos os ouvidos: “Estão prontas? perguntou ao entrar... Pois bem, partamos!”

Partiu, seguido de Maria, que levava as provisões, e de Catarina, que alumia o caminho com uma lanterna. De repente nos postamos diante dele. Olhá severamente para Catarina, que começa a chorar. “Vendeste-me!” lhe disse. O Ir. Atanásio tomou logo a palavra: “Para onde vai, Sr. Cura?... Quer nos deixar? Pois bem, daremos sinal de alarme.

– E nós, continuou o Ir. Jerônimo, o seguiremos em procissão.

– Fazei o que vos agradar, respondeu, seca e resolutamente, o P. Vianney, mas deixai-me passar!”

“Preparemo-nos para segui-lo”, disse tristemente o P. Toccanier aos seus acólitos. Nisto o Ir. Jerônimo tomou a lanterna das mãos de Catarina, e, fingindo querer guiar o P. Vianney por entre as trevas, conduziu-o para a ponte do Fontblin, mas pelo caminho de Villeneuve.

O P. Toccanier calculou que o Santo, rodeando o povoado, voltaria ao ponto de partida. Apesar da grande escuridão, o Cura d’Ars percebeu logo que o enganavam. Atrás dele já se havia formado uma comitiva. Os peregrinos que, segundo o costume, passavam a noite no vestibulo do campanário, começaram a afluir. Uns chamavam pelo seu confessor, outros pelo seu pároco. Em meio dum verdadeiro tumulto, o P. Toccanier esforçava-se para convencer o fugitivo do contrário. Seguindo-lhe as pegadas, chegaram com ele à frágil ponte de tábuas atravessada sobre o riacho.

O P. Toccanier pensou que uma vez passado o Fontblin e estando o P. Vianney na estrada de Lião, seria mais difícil detê-lo. O missionário pôs-se resolutamente diante dele quando ia passar a ponte. “Deixe-me passar!... Deixe-me passar!... dizia o Santo em tom de súplica, e com voz angustiada. Levava o breviário debaixo do braço. O P. Toccanier lho arrebatou com violência, entregando-o à pessoa que estava mais próxima, isto é, a Catarina Lassagne, dizendo-lhe baixinho: “Fuja e não volte mais”. “Dê-me o breviário”, insistiu o Cura. Depois, voltando-se, fez sinal à Maria Filliat que o seguisse: “Vamos adiante!”... Rezá-lo-ei em Lião.

– Muito bem, Sr. Cura!... Deixar passar um dia sem rezar o breviário!... Belo exemplo!...

Um escríptulo germina na alma do santo. Houve um momento de silêncio. “Tenho outro breviário em meu quarto, – o de Monsenhor Devie”, disse afinal.

– Vamos buscá-lo, sugeriu o P. Toccanier, que, ainda sem se dar conta, acabava de ganhar a partida. O P. Vianney volta-se e seguido duma multidão que se ia engrossando, dirigiu-se à casa paroquial.

Não tinha caminhado 30 metros quando na igreja tocaram a reunir. Que lúgubre era aquele toque naquela noite!...

“Sr. Cura, o Angelus!” E o bom do Santo, sempre ingênuo e confiante, caiu de joelhos e rezou a *Ave-Maria* com angelical fervor. “Sr. Cura, acrescentou o astuto coadjutor, e se rezássemos uma dezena do rosário para sua feliz viagem?” Pensava com isso ganhar tempo. Mas desta vez o P. Vianney compreendeu a cilada. “Não, replicou, rezarei o meu rosário pelo caminho”.

– Levantando-se o Cura d’Ars, prossegue o P. Toccanier, começou a andar a largos passos. Entrou precipitadamente no pátio e subiu ao seu quarto, onde entrei só com ele. Pelo caminho disse-me o Ir. Atanásio em duas palavras que o *mairie* fora avisado e não demorava a chegar. Para dar tempo ao conde de Garets, espalhei em desordem sobre a estante dos livros os oito tomos do grande breviário preciosa lembrança

do bispo, recentemente falecido. O P. Vianney, ao pegar no tomo correspondente à estação, seus olhos se foram fixar num retrato de Mons. Devie, colocado na parede. Lembrei-me que aquele prelado lhe havia impedido outras fugas. Veio-me uma inspiração. “Sr. Cura, disse-lhe em tom decidido, veja como Mons. Devie, lá do céu, o olha aborrecido. Devemos respeitar a vontade do próprio bispo, durante a sua vida e, com mais razão, depois da morte... Lembre-se do que ele lhe disse há dez anos!”

Comovido por esta apóstrofe, o P. Vianney respondeu-me com a ingenuidade de uma criança ameaçada com o castigo do pai: “Não. Ele não me censura. Ele bem sabe a necessidade que tenho de chorar a minha pobre vida!” E sem me querer mais ouvir, tomou o breviário encadernado em marroquim verde-escuro e dirigiu-se para a escada. Aí então, encontrou-se com o conde de Garets. “Encontrei-o, disse o *maire*, mal arranjado, triste e sombrio”. Na verdade, o nosso Cura, de ordinário tão amável para com aquele velho e fiel amigo, apenas o escutou, e de tal modo que o conde, vindo ao meu encontro, me disse: “Sem dúvida, pressente um fim próximo!”

“Enquanto as mulheres rezavam na igreja” para que Deus, como diz Catarina Lassagne, “mudasse as intenções de seu servo”, os homens se achavam reunidos no pátio da casa paroquial. Despertados pelo toque de reunir, pensaram alguns que se tratasse de um incêndio ou de algum assalto de ladrões. Por isso traziam nas mãos baldes, e paus. Todos se agitavam, alumiados escassamente pela tênue luz das lanternas.

Quando o P. Vianney apareceu, embargaram-lhe o passo suplicando que não partisse. Mas ele, com a idéia fixa de encontrar saída para se escapular, ia duma porta para outra, repetindo: “Deixem-me passar!... Deixem-me passar!... “Que cena mais emocionante! acentua a piedosa Catarina. Parecia a prisão de Nosso Senhor no Horto das Oliveiras”. “Estava eu postado numa das saídas, conta Miguel Tournassoud, o sapateiro do povoado. O Sr. Cura tomou-me por um braço e, meio rindo, meio chorando, empurrou-me para um lado. Mas não pôde abrir a porta”.

À força de súplicas, conseguiu transpor o umbral. Ao passar por entre a igreja e a casa paroquial, parecia medir o caminho com o olhar. “Sem dúvida, faz notar o P. Toccanier, estava ainda disposto a tentar uma fuga definitiva”. Mas uma nova complicação mudou o curso dos acontecimentos.

As mulheres saíram da igreja e, se misturando com os homens, ajoelharam-se aos pés do Santo. Na maioria eram peregrinos vindos de longe para se confessar. Todos clamavam derramando lágrimas: “Meu Pai, antes de partir, lembre-se de mim!... Acabe de me atender!... Oh! bom Pai, não nos deixe!...”

– Foi então que, escreve o P. Toccanier, fazendo um supremo esforço, dirigiu-lhe estas palavras que não me ocorreriam a sangue frio: “Como!... V. Revma., Sr. Cura, que sabe de cor a *Vida dos Santos*, se esquece daquela passagem de S. Martinho, que, tendo em suas mãos a coroa, exclamava: *Não recuso os trabalhos...* E quererá V. Revma. deixar o campo de batalha!... E o exemplo de S. Filipe Nery?... Dizia este santo que, se já estivesse no paraíso e um pecador reclamasse o seu ministério, deixaria de boa vontade a corte celestial para o

atender... E V. Revma., Sr. Cura, terá a coragem de deixar incompletas tantas confissões de homens e de mulheres vindos de tão longe?”... Quando terminei estas palavras os peregrinos redobram as súplicas.

O P. Vianney convenceu-se de que a vontade de Deus se manifestava por tão ardentes desejos. “Vá imediatamente para a sacristia, disse-lhe ao ouvido o conde de Garets, tenho que lhe dizer uma coisa. – “Já vou”, respondeu-lhe, e, dirigindo-se à multidão, disse: “Vamos para a igreja!”

Foi ele o primeiro a entrar. Orou por longo tempo, indo depois para a sacristia. Ali o conde de Garets, a sós com ele, quis repetir-lhe os argumentos do P. Toccanier, mas não houve tempo. “Sem responder-me e voltando-me bruscamente as costas, diz o conde, o P. Vianney tomou a sobrepeliz e se dirigiu ao confessionário”. Segundo costumava, todas as manhãs, ao chegar à igreja, ajoelhou-se sobre os degraus do altar, rezou cinco *Pai-Nossos* e cinco *Ave-Merias* com a multidão e se pôs a ouvir confissões.

Celebrou a primeira missa às sete horas da manhã de segunda-feira. “Está aqui o P. Poncet?, perguntou ao P. Toccanier quando voltou para a sacristia. – Sim. Ele quer ver novamente a V. Revma. – Ah! Está bem”. E depois da ação de graças, tranqüilo como se nada de anormal houvesse acontecido poucas horas antes, foi saudar o vigário geral. Este, que à noite um cocheiro fora buscar na casa paroquial de Trévoux, cientificou-lhe novamente da vontade do prelado, que era a de o conservar em sua diocese, Chegaram também, a chamado, o P. Beau, Cura de Jassans e confessor do P. Vianney, e o P. Raymond. Ambos se entrevistaram ao mesmo tempo com o servo de Deus.

– Já nos haviam explicado, escreve o P. Raymond, os acontecimentos da noite passada. Vendo-se como que sitiado no meio da praça, mostrou-se tomado de impaciência, mas era tal a sua superexcitação que bem se pode escusá-lo de toda falta. Certamente, não era senhor de si mesmo. Foi essa uma das mais duras provas de sua vida: a Providência a enviara para acrisolar-lhe ainda mais a virtude. Quando o vimos naquela manhã de 5 de setembro, já havia recobrado a calma e a perfeita resignação à vontade de Deus, que ele via manifestada na vontade de seu prelado. Nós lhe recordamos os incidentes da noite passada, ao que nos respondeu com estas únicas palavras: “fiz uma criança”.

## 203

O mais curioso em todo esse episódio foi a indecisão e imprevisão do Cura d' Ars. Durante aquela noite trágica de 4 a 5 de setembro de 1853, não hesitou em comunicar o seu segredo à duas pessoas que já o haviam traído 10 anos antes e agora só poderiam comprometê-lo novamente. Que fácil lhe seria se tivesse pedido a Francisco Pertinand que o levasse num coche até Lião! Parece que nem sequer lhe ocorreu esta idéia.

Se se tivesse saído bem com o seu projeto de fuga, que teria sido dele naquela segunda-feira de 5 de setembro? Eis o que logicamente se depreende dos documentos

que possuímos. O P. Vianney, confiando mais em sua energia de caráter que em suas forças físicas, pensava chegar a Lião até às 9 ou 10 da manhã. Pouco depois um coche iria buscá-lo na casa de seu cunhado Melin e conduzi-lo-ia a Nossa Senhora de Neyliere.

Uma coisa parece certa. É que ali o P. Colin havia preparado um lugar para o Cura d'Ars e que o esperava pessoalmente. À hora marcada para sua chegada, o venerável fundador esperou muito tempo, parado na porta, manifestando a um de seus religiosos, o P. Jobert, sua estranheza pela demora. Já sabemos por que o P. Vianney não chegou até Neyliere.

Segundo sérias testemunhas, o "prudente e ajuizado P. Colin antes aconselhara ao P. Vianney que ficasse onde estava porque ali fazia maior bem".

Por essa mesma razão, o P. Leonardo o havia dissuadido de entrar para a Ordem dos Capuchinhos em Lião... Assim essa terceira "fuga" do Cura d'Ars foi uma coisa triste, misteriosa e desconcertante. Diz Catarina Lassagne que ele "fugindo crera fazer a vontade de Deus". Tendo porém recebido uma carta de um eclesiástico na qual lhe demonstrava que os seus desejos pela solidão eram tentação do demônio, impressionou-se vivamente.

"A última tentativa de fuga, afirma o conde Próspero de Garets, foi para ele um verdadeiro raio de luz. Desde então, não pensou mais em semelhante coisa. Ao menos não falou mais nisso. Entregou-se todo e sem reservas ao seu habitual ministério. Frequentou mais a igreja e passou mais tempo no confessionário".



Mas, se ele não pensou mais em deixar a paróquia de Ars, outros procuraram tirá-lo dela. Certa noite de 1854, às onze horas e meia, um coche puxado por dois cavalos parou na praça da igreja. Dele desceram uns homens e se postaram à entrada da casa paroquial. Quando à meia-noite apareceu o P. Vianney, um deles, tomando-o pelo braço, lhe disse: "Se V. Revma. quiser partir, aqui está um carro preparado, às suas ordens.

– Não tenho licença do meu bispo, respondeu-lhes o Santo retraindo o braço, e entrou precipitadamente na igreja.

Pelo Natal do mesmo ano, notícias, alarmantes começaram a chegar de Dardilly: Francisco, o seu irmão mais velho, estava doente. O Santo sempre amara ternamente o seu velho companheiro de trabalho, o qual, desde a morte do pai em 1819, ocupava a casa paterna. Demais, Francisco era muito bom cristão. Nunca, nem mesmo no tempo de colheita, trabalhava no domingo.

"Aquele que permitiu a chuva molhar a terra, saberá também secá-la". Provavelmente aprendera essas palavras da boca de João Maria. Muito entristecido ao saber da doença de seu irmão, assim lhe escreveu:

– Soube notícias tuas. Ocultaram-mas, o que muito me atingiu. Peço-te

encarecidamente que me mandes dizer como vais. Já teria partido se não fosse a oitava (do Natal).

Peço-te que me respondas em seguida para livrar-me dessa angústia... Adeus, meu querido irmão. Espero ir ver-te muito breve. Lembranças à minha irmã, que deve estar muito aflita...

Enquanto os dias se iam escoando, Francisco esperava sempre a João Maria. A 25 de janeiro pediu ao filho Antônio que fosse a Ars para trazer o seu tão esperado irmão. Desse modo souberam os habitantes de Dardilly que o P. Vianney estava para chegar. "Se pudéssemos segurá-lo desta vez?"... assim diziam uns aos outros.. Mas deixemos falar a testemunha melhor informada. Três dias depois da aventura de 29 de janeiro o P. Toccanier escrevia de Ars ao bispo de Helley:

– Monsenhor.

Tenho a honra de informar a V. Excia. que, de agora em diante, o encargo de guardar o meu santo Cura não me inspira mais inquietação. A Providência vela sobre ele de um modo admirável, para conservá-lo entre nós.

Eis aqui a prova: A 26 deste mês, o P. Vianney, à instâncias de seu sobrinho, que o apressava para que fosse a Dardilly, ver o irmão enfermo, avisou-me ele mesmo, acrescentando: "É pena que não tenha tomado as minhas medidas. Não voltarei mais".

Não me podendo opor a esse ato de fraternal caridade, ofereci-me para companheiro de viagem. Embarcamos. Com ele ia o sobrinho, o cocheiro e o irmão sacristão (Ir. Jerônimo), a quem o P. Vianney a princípio quis deixar. Alguns habitantes de Ars e os peregrinos apressaram-se a ajoelhar ante nós para receber a benção do santo Cura e depois entraram na igreja para rezar a fim de que fizéssemos uma boa viagem e regressássemos dentro em breve. Quanto ao último ponto, as suas orações foram ouvidas, além de toda expectativa!

Pouco habituado a andar de carro, e, debilitado pela indisposição que V. Excia. conhece e que os periódicos tanto tem exagerado, não pôde suportar por muito tempo os solavancos da carruagem. Ao chegar em Parcieux, muito antes da ponte do Saona, disse: "Não posso seguir adiante. Sinto-me desfalecer". Os caminhos estavam cobertos de neve e de gelo. Desde a subida dos *Grandes Balmes*, começou a sentir uma dor no coração. Baixou do coche e a pé subiu a encosta. Depois começou a tremer. Quisemos cortar um bastão na cerca, mas ele se opôs porque "isso era um roubo". Passou um senhor que levava umas varas; comprou-lhe uma por 40 centavos. Deste modo andou 3 ou 4 quilômetros, mas muito devagar, ora no coche, ora a pé.

Enfim, chegados a Parcieux, empreendeu o regresso a Ars, com o cocheiro e o bom do sacristão. Quanto a mim, sabendo que lhe era agradável e adivinhando-lhe os desejos do coração, continuei a viagem com o seu sobrinho até Neuville, onde encontramos um outro carro. Os caminhos estavam tão resvaladiços que

chegamos a Dardilly ao cair da noite. Mas qual não foi a decepção de seu pobre irmão não vendo chegar o único por quem esperava! Entretanto, a minha presença lhe foi agradável. Eram 10 horas da noite. O Sr. Cura de Dardilly, que lhe tinha levado o Santo Viático, julgou oportuno administrar-lhe a Extrema-Unção.

Ansiava por ver novamente o meu santo Cura. Assim que, no dia seguinte, pela manhã, regressei a Ars. Perguntei ao Ir. Jerônimo se durante o regresso nada lhe havia acontecido de mal. Oh!, prodígio! Sabe, Excia., quão abatido se achava o P. Vianney. Pois ao regressar para Ars, não parecia o mesmo. Recobrou todo o seu vigor e só apeou do coche à porta da casa paroquial. Ao chegar sentou-se no confessionário, e à noite rezou a oração como de costume.

Um episódio interessante dessa viagem: na subida de Trévoux, o cocheiro que conduzia o P. Vianney encontrou-se com o da diligência, que fazia o serviço de Lião a Ars. Ia cheia de peregrinos que, não tendo encontrado a quem buscavam, voltavam muito tristes. Por sorte, reconheceram o santo sacerdote. Logo desceram do carro, deixando que este fosse vazio e acompanharam o P. Vianney até Ars, onde com ele entraram na igreja. – “Entre aqueles peregrinos, perguntei-lhe, havia sem dúvida grandes pecadores? – Oh sim, meu amigo. Alguns havia que há quarenta anos não se confessavam. – Veja, V. Revma., Sr. Cura, disse-lhe eu, como o mesmo Deus lhe impediu que continuasse a viagem e que voltasse sem demora para a obra que a Ele é sobremaneira agradável”. Não disse nada.

De minha parte, Excia., prevendo que os habitantes de Dardilly se aproveitariam da enfermidade do irmão para outra vez fazerem novas instâncias com o Cura d’Ars, perguntei com muita prudência ao enfermo se tinha alguma coisa de particular para lhe declarar. “Não, respondeu Francisco Vianney. Tão somente desejava vê-lo”. Quando voltei referi estas palavras ao meu santo Cura. Foram muito a propósito, pois duas horas mais tarde chegava o coadjutor de Dardilly dizendo: “Seu irmão deseja instantemente ver a V. Revma. Se V. Revma. não pode ir em coche, poderá viajar de trem. – Não é possível transportar-me a Dardilly, pois já tive que deixar o caminho. – Entretanto, Sr. Cura, o seu irmão lhe quer dizer uma coisa muito importante. Do contrário eu não teria vindo... – Não, meu amigo, já sei por que ele me quer. O Pe. Missionário acaba de me repetir as palavras de meu irmão”.

A enfermidade de Francisco era mortal. Viveu ainda muitos dias sem ter o consolo tão legítimo de se ver assistido nos últimos momentos por seu querido João Maria. Oito dias antes de morrer, dizia à sua filha que chorava à cabeceira do leito: “Consola-te. Viverei até Sexta-feira Santa”. De fato, na Sexta-feira Santa (6 de abril de 1855) morreu Francisco Vianney. No Sábado Santo, o irmão não pensou em ir às suas exéquias. Chorava em silêncio na penumbra do confessionário, onde, por ser o dia seguinte dia de Páscoa, teve que permanecer 18 horas, apesar de estar doente.

“Até a isso se resignou, escreve gravemente no seu precioso diário Catarina

Lassagne. Ele reconheceu que, desta vez ainda, os habitantes de Dardilly tinham feito uma nova tentativa para conservá-lo entre eles. Recordo-me que em janeiro Deus lhe havia permitido aquele cansaço exaustivo para evitar que caísse no laço... Assim é que Deus faz o que bem lhe apraz, mau grado as combinações dos homens”.

## Retrato físico e moral

*Ao primeiro encontro – A fisionomia, o olhar – Sob o peso da idade – Feitos dignos de São Francisco de Sales – Doçura e energia – Um coração naturalmente bom, – O atrativo das almas puras – Coração afetuoso – Todas as delicadezas do reconhecimento – O Cura d’Ars e os aflitos – Algumas das pessoas que consolou – As mães aflitas – O correio das almas – Algumas cartas – Um tino prático e uma prudência delicadíssima – Nem sombra de amor-próprio – O horror aos pecados da língua.*

“O Cura d’Ars, diz uma testemunha de sua vida, no exterior não aparentava nada de extraordinário, excetuando o exercício de seu ministério”. Os que o viam ao se encontrarem casualmente com ele, sobretudo na praça da aldeia, quando voltava do Orfanato com a tigela de leite tal como um pobre que acabasse de buscar sua comida, sentiam-se às vezes decepcionados. “É isso o Cura d’Ars”. – exclamou uma parisiense ao vê-lo tão pouco semelhante à figura que ela havia imaginado.

– Sim, senhora, replicou-lhe o humilde sacerdote com o mais gracioso dos sorrisos. Não lhe acontece como aconteceu à rainha de Sabá quando foi visitar a Salomão: Ela se extasiou com o excesso e a Sra. com a deficiência. Os forasteiros, porém, que eram levados pela fé e pelo desejo de ver um santo, isto é, os verdadeiros peregrinos, não se deixavam enganar pelas aparências. A sua primeira impressão causava uma admiração de pasmo. A beleza da alma lhe transformava o exterior de tal modo que sem ela seria bastante vulgar.

O cura d’Ars era de estatura abaixo de mediana. Já no fim da vida, como andasse com a cabeça inclinada sobre o peito e o dorso encurvado, parecia menor ainda. “Seu rosto era magro e, por assim dizer, destruído”. “As faces, achatadas até ao queixo, tinham a forma de um coração, escreveu um jornalista da época”. Sua tez, ligeiramente pálida, tornara-se morena ao sol e ao ar livre, ficando mais tarde descorada por causa das intermináveis horas passadas no confessionário. Muito cedo, rugas profundas – sagradas cicatrizes de vigílias e heróicas fadigas – sulcavam-lhe a face. Os cabelos, espessos e rígidos, trazia-os raspados na parte superior da cabeça e caídos para a nuca. Nunca chegaram a ficar completamente brancos. Testa alta, larga e aberta; sobrancelhas cerradas, órbitas profundas, em cujo centro brilhavam dois olhos azuis, de uma vivacidade estranha e sobrenatural, e donde saíam olhares cândidos, mas profundos, intensos e perscrutadores. “Parecia ler em meu interior, diz o P. Dionísio Chaland; quando os seus olhos se encontravam com os meus, penetravam até o mais fundo de minha alma. Conheci uma pessoa que afirmava se ter assustado”. “Às vezes os seus olhos resplandeciam como um diamante”. “Até na conversação o seu

olhar impressionava, pois parecia ver coisas do outro mundo”. Mas quando repousava, os olhos pareciam como que velados por uma melancolia doce e resignada. Era sem dúvida quando o seu pensamento ia de Deus ofendido aos homens ofensores. Daí talvez a grande mobilidade de sua fisionomia. Não é que fosse inquieta ou tivesse movimentos desordenados e ridículos, mas a sua expressão num minuto passava da alegria à tristeza, conforme ia pensando no amor e bondade de Deus ou nas misérias dos “pobres pecadores”. Por isso foram frustradas todas as tentativas para delinear seus traços fisionômicos. É de notar que o interessado jamais de bom grado se prestou para isso. “Sei que alguém queria tirar a minha “*careta*”, dizia rindo, mas, de propósito mexi a cabeça para impedir que sásse bem”. Para se obter um retrato conveniente, foi preciso o olhar rápido, o talento e a pertinácia de Emílio Cabuchet.

O Cura tivera na juventude aspecto vigoroso, mas, pelos jejuns, seus membros se foram adelgaçando e de tal modo, que, no fim da vida, apenas sua energia parecia sustê-lo sobre as pernas. As mãos descarnadas com as veias salientes por si só davam uma idéia da languidez daquele pobre corpo extenuado pelas privações e trabalhos. Entretanto, “natureza eminentemente nervosa, a idade e as fadigas não lhe puderam privar os membros de sua flexibilidade e elasticidade... Por um raro privilégio, conservou até ao último momento o pleno exercício dos órgãos e as faculdades de que carecia para o cumprimento de sua missão. Assim que os seus ouvidos conservaram toda a agudez, a vista toda a clareza e a memória toda a frescura...”. O andar, ainda que pausado, era rápido como o do homem que conta as horas, e que, embora extenuado, se apressa em recomeçar o serviço de Deus”.

É de crer que o céu o ajudava mesmo fisicamente, e de uma maneira extraordinária. “Tinha bastante força para tirar da igreja o grande estandarte, que era muito pesado, e que outros a muito custo podiam levantar”.



No cura d'Ars, através da envoltura de um corpo enfraquecido e como que transparente, adivinhava-se, via-se-lhe a alma. Ela resplandecia-lhe no rosto e nos olhos. A síntese desta alma era a simplicidade, a delicadeza e a bondade.

Em suas maneiras não havia nada de afetação, nem de convencional. Nada daquela afabilidade unicamente mundana, da qual muitas pessoas se vestem como dum vestido de festa. Tratava os altos personagens cortesmente e com perfeito desembaraço. Quando o Cardeal Bonald, arcebispo de Lião, foi visitá-lo, o P. Vianney adiantou-se para recebê-lo, sendo o primeiro a lhe estender a mão. “Não me senti mais embaraçado do que ante um simples sacerdote”, dizia o bom ancião, falando daquela memorável entrevista.

Um prelado inglês, Mons. Ullathorne, bispo de Birmingham, escrevia a 14 de maio de 1854, depois de uma conversação com o Cura d'Ars: – “Dispensou-me um acolhimento encantador pela singeleza humilde e caritativa, sem aquelas etiquetas

que são o reflexo duma falsa humildade. A sua era a humildade pura, de uma naturalidade perfeita, unida à delicadeza cordial de um santo”.

Chegara de Marselha um jovem de nobre estirpe, para se confessar com o Cura d'Ars. Encontrou-se logo depois com o Ir. Atanásio, diretor da escola, a quem fez várias perguntas: – “Irmão, queira dizer-me a que família pertence o P. Vianney..., onde fez os seus estudos e em que meio social viveu e que cargo desempenhou antes de vir para Ars”. O Irmão lhe explicou que o Sr. Cura era filho de camponeses; que quase não tivera estudos; etc... A cada uma dessas respostas, o jovem cavalheiro se admirava.

“Por que o senhor me pergunta isso? – interrogou finalmente o Irmão.

– É que me admirei da delicadeza apurada com que o P. Vianney me recebeu, Ao entrar na sacristia, saudou-me muito gentilmente; colocou-me no genuflexório e só depois se assentou. Terminada a confissão, foi o primeiro a se levantar. Abriu a porta, saudou-me, e, sempre com aquela finíssima cortesia, introduziu o novo penitente que me seguia”.

O Ir. Atanásio replicou que o P. Vianney tratava igualmente a todos. “Já entendo, disse o jovem. É um santo. Possui a caridade que é a fonte da verdadeira polidez”.

Quer recebesse visita em seu quarto quer na *Providência*, nunca se assentava; mas exigia-o dos visitantes. A sua saudação costumeira era esta: “Apresento-lhe meus cumprimentos”. Contudo, sabia variar esta fórmula, segundo a posição ou o grau de amizade das pessoas.

Ainda que com sua batina remendada fosse mal comparado com S. Francisco de Sales, contudo, quanto ao exterior, algumas pessoas forneceram pormenores sobre ele, dignos de ilustrar uma vida do suave bispo de Genebra.

A 23 de junho de 1855, uma pessoa de Ars ofereceu-lhe, por ocasião de sua festa onomástica, um bolo enfeitado com figurinhas que representavam um boi, um leão, uma girafa e umas pombinhas. Ao receber o bolo, com o qual haveria de alegrar a outros, fez uma breve alocução. “O boi, disse ele, representa a força; o leão, o valor; a girafa, a alma que corre a largos passos para Deus, e as pombinhas, o espírito que se eleva acima das coisas terrenas...”

“Todos se esforçavam, diz Marta de Garets, para vê-lo mais de perto e lhe poder falar. Era um espetáculo delicioso e sem igual quando, ao passar para a sacristia, se voltava para aquela multidão a fim de dizer algumas palavras piedosas”. A jovem Maria de Garets, bem como seus irmãos e irmãs, gostavam de vê-lo passar. Acariciava-os paternalmente. Quanto às meninas, tinham que se contentar com um sorriso. Ao passar dizia-lhes: “Meus filhos, oh! meus filhos, amai muito a Deus”.

Um rico lavrador, natural de Ars, André Benito Treve, que muito observou o seu Cura, descrevia-o assim: “Apesar da viveza do seu caráter, que se manifestava no olhar penetrante, causava a mais agradável impressão”. “Não tivéssemos de venerá-lo como a um santo e teríamos de amá-lo como o mais amável dos homens”.

Contudo a sua doçura não era mesclada de fraqueza. Se dispensava especiais

deferências às pessoas a quem devia atenções nunca as entretinha mais do que o necessário. Considerava o tempo como coisa preciosa, e, quando julgava concluído um assunto, era inimigo de prosseguir, não receando dizer aos importunos: “Estou muito ocupado... Tenho pressa!” Se um pobre ou um aflito necessitava de um quarto de hora ou mais de audiência, concedia-o sem dificuldade. Pessoas de elevada categoria apenas desejavam saudá-lo. E ele por sua vez não as detinha mais do que o tempo necessário. A senhora Mandy Scipiot viu chegar à aldeia “um coche puxado por quatro cavalos em que vinha uma família nobre e que, por especial privilégio, foi recebida no pequeno locutório que o Santo mandara construir na entrada do pátio. A visita durou cinco minutos, ao fim dos quais, a família muito satisfeita a princípio, pela honra que lhe dispensava o servo de Deus, ficou consternada ao vê-lo desaparecer”.

Em ocasião oportuna sabia colocar cada um em seu lugar. Certo dia um homem ousou interpelá-lo do meio da multidão com palavras pouco polidas. “Quem é o senhor, meu amigo?” perguntou-lhe o Santo. Ele respondeu que era protestante. “Oh! meu pobre amigo, replicou-lhe o Cura d’Ars, acentuando as palavras... Sim, o senhor é pobre e muito pobre: Os protestantes nem sequer possuem santos cujos nomes possam dar aos filhos. Vêm-se obrigados a pedir nomes emprestados à Igreja Católica”. E dito isso foi adiante. ““Em nenhuma parte, nem mesmo no Vaticano, me fazem esperar tanto, dizia uma nobre senhora que, pensando deslumbrá-lo com seus títulos verdadeiros ou falsos, esforçava-se por se aproximar do confessorário antes que chegasse sua vez. – Oh! respondeu com malícia o servo de Deus, mas no tribunal do pobre Cura d’Ars é preciso que a senhora espere”.

Em agosto de 1854 foi a Ars um jovem petulante. Sr. Cura, disse ele ao santo varão, que passava da igreja para o presbitério, por entre o grupo de peregrinos, desejava discutir com V. Revma. sobre assuntos de religião.

“O senhor, discutir religião? Mas o senhor sabe menos do que um menino de catecismo! O senhor é um ignorante, meu amigo, um ignorante!”

“Minha filha, qual o mês do ano em que você fala menos?” assim perguntou a certa pessoa que se fazia importuna com sua insípida tagarelice. E como a gralha respondesse que não sabia: “Deve ser fevereiro, respondeu o Santo, esboçando um amável sorriso para amenizar o que a malícia poderia ter de ofensivo, pois é o mês que tem três dias menos do que os outros”.



“O Cura d’Ars tinha coração naturalmente bom”, diz P. Toccanier, dotado também de um coração magnânimo. Bastava o encontro de um enfermo, de uma criança órfã, de alguma mãe ou esposa de luto para sua emoção manifestar-se espontaneamente com lágrimas que, de nenhum modo, procurava esconder. Conforme diz a condessa de Garets, “ele possuía uma grande sensibilidade, ou melhor, uma efusão de sensibilidade”.

Mas essa não era uma sensibilidade doentia. Se outros se achassem

sobrecarregados, fatigados e importunados como ele, haveriam de chegar a um estado inqualificável de nervosismo.

O feliz equilíbrio do seu temperamento e sobretudo sua admirável virtude davam-lhe a cada instante a moderação necessária. Assim o temos visto “sempre coerente consigo mesmo, sempre correto, fosse qual fosse o proceder dos outros para com ele”. “Jamais aninhou no coração o menor sentimento de vingança”, escreve o P. Raymond, seu primeiro coadjutor, que o conhecia tal como era. Somente sabia amar, perdoar e agradecer.

Sentia uma inclinação instintiva para com as almas puras. Daí o afeto que demonstrava às crianças por causa de sua inocência. Detinha-se no caminho para lhes dizer uma palavra e nelas fixar um olhar de extraordinária doçura. Sentia-se feliz no meio delas; e uma das suas grandes alegrias era estar com as órfãs da *Providência* e velas jogar durante o recreio. Tinha para com elas uma condescendência admirável. Aquelas pequenas que não se arreavam de nada, com ele podiam atrever-se a tudo.

Certo dia de 1852, ao terminar o catecismo das 11 horas., uma menina, erguendo-se sobre as pontas dos pés, conseguiu tirar-lhe um fio de cabelo mais comprido que os outros. Ele contentou-se com dizer-lhe sorrindo: “menina, ama muito a Deus”.

Em 1858, uma senhora de Lião levou a Ars seus dois filhos. O maior, que tinha 11 anos, desejava conhecer sua vocação. Assistiu a missa do Santo. De volta à sacristia, o P. Vianney, ainda mergulhado em seu recolhimento que antes parecia êxtase, lentamente tirava os paramentos sagrados. Vários sacerdotes e leigos achavam-se de pé mais atrás, todos dispostos a lhe falar sucessivamente. O nosso lionês se havia metido por entre eles. Foi quem recebeu o primeiro olhar e o primeiro sorriso do Cura d’Ars.

“Que queres, meu filho, perguntou-lhe com sua voz um tanto grossa, mas tão doce que uma vez ouvida jamais se podia esquecer.

– Senhor Cura, desejaria saber...

– Tu serás um bom sacerdote, respondeu o Cura d’Ars sem a mínima sombra de hesitação”.

O mais moço dos meninos, que apenas contava seis anos, presenciou o fato. Após algumas semanas, deram-lhe um silabário. Começou a sentir uma crescente antipatia para com aquele livro tão cheio de mistérios. “Vou perguntar ao Sr. Cura, disse a mãe, se devo aprender a ler ou não”. No dia seguinte, antes das doze, quando o P. Vianney passava da igreja para a casa paroquial, divisou entre a multidão aquele homenzinho que lhe desejava falar. “Sr. Cura, perguntou o estudante em projeto, devo aprender a ler ou brincar?”

– Brinca, meu filho, que é próprio da tua idade”. Jamais decisão de um santo foi acolhida com tanta alegria. “Mamãe, exclamou o menino em tom de triunfo, o Sr. Cura me disse que eu *brinque!*”

Muito sensível aos sentimentos de amizade, o P. Vianney “apreciava-lhes as

manifestações e as correspondia, muitas vezes com efusão”. É que a santidade, longe de dessecar e estreitar o coração, o dilata e *liquefaz*. Os santos possuem um coração *líquido*, dizia o Cura d’ Ars. “Quando o coração é puro, acrescentava ainda, não pode deixar de amar, pois encontrou a fonte do amor que é Deus”.

Por ocasião da cólera, em 1854, o querido P. Toccanier passou uma temporada de três semanas em Seyssel, seu povoado natal.

Ao regressar o jovem missionário, ansioso por ver o seu santo Cura, pôs-se de pé diante do confessionário, onde ele se achava encerrado desde a meia-noite. O Cura d’ Ars, levantando-se em seguida, abraçou-o ternamente. “O senhor aqui, meu bom amigo? Oh, tanto melhor. O tempo se me tornava muito longo. Lembrei-me que os condenados no inferno devem ser muito infelizes, separados, eternamente de Deus: Se aqui na terra já se sofre tanto longe das pessoas queridas!”...

“Possuía todas as delicadezas do reconhecimento. Com que emoção falava sempre dos que lhe haviam feito algum bem: Sua Mãe, o P. Balley de Ecully, em quem não podia falar sem chorar, a castelã d’ Ars, a família de Garets... Em quase todas as suas cartas ao conde Próspero de Garets, leem-se estas palavras: “*Meu muito respeitável benfeitor*”.

“A senhora tenha a bondade de dizer a quantos tive a dita de conhecer em Nois, que eu lhes envio lembranças e os sentimentos de minha amizade, que toda a bondade deles para comigo jamais se apagará da minha memória”. Assim escrevia a 7 de setembro de 1823 à senhora Fayot, de Robins.

Na verdade, não sabia como demonstrar o seu reconhecimento para com “aquela sua querida benfeitora” de Robins. Quando mais tarde uma das filhas da dita senhora foi visitá-lo em Ars, ofereceu-lhe uma sombrinha de seda como lembrança dos bons cuidados que recebera de sua mãe.

O P. Camelet, superior dos Missionários de Pont-d’ Ain, enviou para ajudar o P. Toccanier um jovem pregador, ainda em seus começos oratórios.. “Onde está o jovem missionário? perguntou o Cura. d’ Ars, pois eu lhe quero dar um bonito rosário”.

Em 1849 os Irmãos da Sagrada Família de Belley ocuparam o lugar de João Pertinand, que durante 11 anos dirigira a escola dos meninos. Mas o Cura d’ Ars não consentiu na troca enquanto não esteve ciente de que não seria para tão bom amigo “ocasião de pena ou sacrifício”, e enquanto não conseguiu para ele uma colocação honrosa.

Em qualquer tempo o Cura d’ Ars sabia manifestar sua gratidão: uma estampinha, uma simples medalha que lhe oferecessem estimava-as como coisa de grande valor.



O P. Alfredo Monnin tem falado do “poder de consolação que emanava do Cura d’ Ars”. O termo é de uma exatidão admirável. Todas as misérias possíveis vieram a ele: – pais, mães e esposas enlutadas; aflitos de alma e de corpo; Mônicas cheias de

angústias, buscando seus Agostinhos; náufragos da vida; corações lanceados, desalentados, desesperados... Pensava somente nas dores alheias sem fazer caso das próprias. – Escutava-lhes as confidências e os lamentos com gemidos de compaixão, erguendo para o céu as suas mãos trêmulas e cansadas. “Consolava-os, como já vimos, com uma ternura toda sacerdotal. Era para ele um prazer enxugar-lhes as lágrimas”. Depois de se haverem desafogado no seu coração, voltavam mais resignados, mais tranquilos, mais fortes ante o dever, as provações e o futuro.

“Jamais, declarou o P. Borjon, para quem o Santo tivera tão afetuosos perdões, jamais me separei dele sem trazer confortado o coração”.

“Posso dizer, afirma o P. Dubouis, o desolado cura de Fareins cuja paróquia ainda estava dizimada pela heresia jansenista, que todos saíam de perto dele com os pensamentos mais serenos, e mais alentados para as lutas da vida”.

Um policial, muito provado quanto à saúde, numa carta dava ao P. Vianney este sugestivo título sublinhado ainda com grosso traço de pena: “*Grande consolador dos aflitos*”.

Na verdade, “que prodigioso obreiro de felicidade divina e humana! Que prodígio de consolação e ressurreição não passou por aquela aldeia!” Para cada sofrimento o Cura d’ Ars tinha uma frase adequada, e “o que outros não podiam conseguir com longos discursos, ele o fazia com uma só palavra”. Mas, prescindindo das consolações humanas, que sempre julgava ineficazes, somente se inspirava nos pensamentos da fé e não temia levantar acima de si mesmas as almas aflitas. “Que se faça a vontade de Deus, dizia ele... É preciso querer o que Deus quer... É preciso nos consolarmos com o que Deus nos. envia...”

À humilde negociante de Ars, Marta Miard, que tivera prejuízo num negócio, dizia-lhe: “Antes isto do que o pecado”.

“O Cura de minha paróquia natal (S. João de Bourgneuf no Isere), conta a mesma, no começo não cria nas maravilhas que eu lhe contava. Entretanto, como sofresse uma grande angústia, foi a Ars. Depois de ter visto o P. Vianney parecia de todo mudado. Aceitou a sua cruz com plena resignação. O Sr. Cura disse-lhe simplesmente: “Meu amigo, aprofunde-se na paciência de Nosso Senhor”.

Em maio de 1855 foi a Ars uma senhora vinda de muito longe, com a esperança de conseguir algum. alívio para uma enfermidade que muito a fazia sofrer. Ao ver que não se curava depois de uma fervorosa novena, pediu ao sacerdote coadjutor que perguntasse ao varão de Deus se ela ficaria curada. Eis a resposta que foi comunicada à enferma: – “Esta pessoa é piedosa. A cruz encontrou nela o seu lugar. A cruz será para esta senhora a escada que a conduzirá ao céu!” Sua prima, Margarida Humbert, foi de Ecully para vê-lo e lhe recomendar uma de suas filhas, gravemente enferma. “É um fruto maduro para o céu, respondeu-lhe o Santo sem vacilar. Quanto a ti, minha prima, precisas de algumas cruzes para pensares em Deus”.

Claudina Fayot, a quem João Maria Vianney conhecera ainda muito criança quando

se achava foragido em Robins, estava às portas da morte por causa de uma anemia. A mãe de Claudina informou sua tristeza e temores ao sacerdote, a quem havia querido como filho. “A terra nada é”, foi a resposta do Cura d’Ars. E Claudina pouco depois morreu santamente.

A senhora Chamonard, de Saint-Roman-les-Iles (Saone et Loire), era uma excelente cristã, casada com o mais incrédulo dos homens. Pelo inverno de 1851 sugeriu ao esposo doente, e que sofria muito, a lembrança de ir consultar o Cura d’Ars. A princípio resistiu a tal proposta tão esquisita. Ele, espírito forte, dar essa honra a um sacerdote! Mas desejava tanto a saúde!... Decidiu-se afinal. Era justo. Entretanto, só a custo de muitas instâncias consentiu em transpor a porta da igreja de Ars. O pároco, que estava explicando o catecismo, fixou nele um olhar perscrutador. O Sr. Chamonard saiu bruscamente da igreja, jurando que não voltaria e que estava decidido a regressar em seguida. Quando sua esposa pode falar com o Santo, limitou-se a lhe pedir a cura do marido. “O pior não são as dores, disse-lhe o Cura d’Ars: é preciso curar-lhe a alma. A senhora empreendeu uma missão que apenas está no começo”. A senhora Chamonard deixou Ars “cheia de admiração, e singularmente fortalecida”. Levava a “mais inquebrantável esperança”. “Quatro anos mais tarde seu marido morria com sinais de predestinação”.

Francisca Lebeau, uma desventurada jovem de Saint-Martin-de-Comune (Saone et Loire), tornara-se completamente cega. Empreendeu uma viagem a Ars, juntamente com sua mãe. Durante a viagem mendigaram o pão de cada dia e dormiram nos estâbulos. O P. Vianney, cujo olhar inspirado havia sondado aquela valorosa alma, não temendo descobrir-lhe algo dos mistérios divinos que se escondem no sofrimento, lhe disse: “Minha filha, poderia curar-te, mas se Deus te restituísse a vista, a tua salvação estaria menos segura. Se, pelo contrário, te conformares com a tua enfermidade, irás para o céu e te garanto que lá terás um belo lugar”.

O Cura d’Ars não sabia compadecer-se das mães cujos filhos morriam ainda pequenos. “Tive a desgraça, diz a senhora de Garets, de perder um filho de 5 anos. Eis o que o P. Vianney respondeu a meu cunhado, que lhe comunicou a triste notícia: “Ditosa mãe. Ditoso filho! Que graça para ambos! Como poderá ter merecido este menino que se lhe abreviasse o tempo da luta, indo gozar tão cedo da felicidade eterna?”

Contudo em outras circunstâncias não pode deixar de chorar com aquela nobre cristã. Conseguiu de um modo admirável que ela aceitasse a morte do primogênito dos Garets, Eugênio, de 24 anos, ocorrida a 1º de fevereiro de 1855. A sua morte tão edificante foi um consolo para a mãe. E o P. Vianney desta vez não teve necessidade de a encorajar. Mas quando 5 meses depois perdia o segundo filho, o Joãozinho, o seu predileto, ferido mortalmente no primeiro assalto de Sebastopol, foi um desespero.

O Santo correu ao castelo. “Tenha coragem! Seja forte, exclamava chorando, diante daquela mãe aflita, prostrada sob o peso da cruz. Não se deixe abater. Saiba aceitar a prova!... E com infinita compaixão chamava-a “a mãe das dores”. Evocando a lembrança dessa hora cruel, durante a qual ele a consolara no seu calvário, a.

senhora de Garets dizia: – “Ao sair da sua presença sentia-me renascer e capaz de aceitar e levar a cruz”.



Os aflitos que não podiam falar com o Cura d’Ars lhe escreviam ou mandavam escrever. Daí a volumosa correspondência que cada meio dia o Cura encontrava em seu aposento sobre a pequena mesa de carvalho. A maior parte das cartas, continham pedidos de conselhos ou de orações, confidências dolorosas, gemidos de angústia. Cansado como estava pelo ministério das confissões, não podia responder pessoalmente, a não ser uma ou outra vez. Encarregou desta tarefa a pessoas que o serviam, tais como Catarina Lassagne, e depois sucessivamente o P. Raymond, P. Toccanier e o Ir. Atanásio. A estes seus secretários de ocasião indicava-lhes o sentido em que deviam escrever a resposta, e depois assinava algumas vezes de próprio punho.

Restam duas cartas de consolação, que o Santo mesmo pode escrever, dirigidas a um de seus primos, o Ir. Chalovet, religioso em obediência no Hospital de Lião, o qual então sofria grandes tentações.

– Meu bom amigo, traço estas linhas ao correr da pena para dizer-te que não te vás, apesar de todas as tentações que Deus te permite padecer. Tem coragem! O céu é muito rico para te recompensar.

Considera bem que todos os males deste mundo constituem a herança dos bons cristãos. Tu sofres uma espécie de martírio. Mas que dita ser mártir da caridade! Não percas tão mimosa coroa!

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por meu amor”, diz-nos Jesus Cristo, o nosso modelo. Adeus, meu querido amigo. Persevera nesse caminho que começaste com tanta felicidade, e nos tornaremos a ver no céu... (Corta do dia 25 de julho de...).

... Ânimo! Meu querido primo! Em breve veremos o formoso céu, onde para nós não haverá mais cruces. Que divina felicidade! Ver o bom Jesus que tanto nos tem amado e que nos fará felizes!... (17 de maio).

Muitas das cartas recebidas pelo Cura d’Ars são emocionantes. Com um santo que tinha fama de ler nos corações, todos os corações se atreviam a se expandir e expor, sem falsa vergonha, nem respeitos humanos, suas grandes ou pequenas misérias.

Eis aqui alguns fragmentos dessa “correspondência das almas” da qual, infelizmente, tão pouca coisa se pode salvar.

O cura duma paróquia pouco cristã envia estas linhas dolorosas a seu santo colega, que havia passado pela mesma prova:

Mallery, em Givry (diocese de Autun), 3 de dezembro de 1858.

Meu querido Padre:

Sou seu penitente, Sou seu filho. Escrevo-lhe para implorar de *um modo especial*

o socorro de suas orações, para me proteger contra uma calamidade que me ameaça.

Um grande escândalo se prepara em minha paróquia. E recorro a V. Revma. para, se possível, impedi-lo ou neutralizá-lo. Um grupo de bebedores e mais outros, por ocasião da festa de S. Nicolau, que será segunda-feira próxima, querem entregar-se a diversões, as mais profanas (bailes e desordens de toda classe), durante dois ou três dias e arrastar ao mal muitas pessoas e até as crianças, das quais tenho muita pena. E isto no Advento, e mais ainda, estando próxima à festa da Imaculada Conceição de Maria, nossa boa e terna Mãe. Farei uma novena à Santíssima Virgem para que nos livre deste escândalo. Rogo-lhe que una as suas, às minhas orações...

P. Ferret.

As cartas que se referem às vocações religiosas, cartas muitas vezes cheias de angústia e banhadas de lágrimas, são seguramente as mais numerosas de quantas recebeu o Cura d'Ars. Uma jovem de Bourgoin lhe escreveu a 2 de fevereiro de 1859:

...Quando será pois que Deus quebrará as cadeias com que me tem atada a este mundo corruptor? Oh, quantas paixões! quantos maus exemplos!...

Quisera pertencer a Deus e eis aqui o que impede os impulsos de meu coração: A Superiora Geral das Irmãs do Santíssimo Sacramento não me quer receber. Ao morrer a mamãe, meu pobre pai nos abandonou. Partiu para muito longe em busca de refúgio e de trabalho. E a Superiora me disse que isto é uma nódoa sobre nossa família e que na Congregação não se pode admitir alguém que venha de pais...

Oh, meu Pai, se tiver que ficar no século, de quantas graças necessitarei para me santificar! Ah! eu sou muito leviana. V. Revma. já me disse no confessionário que eu sou muito superficial. Isto é verdade. Sempre parece que me olham. Tenho portanto boa vontade.

Oh!, meu Pai, rogue por mim e estou certa de que me hei de corrigir.

Outra jovem lhe escreveu de Paris:

– Meu bom Pai, tenho ouvido falar em V. Revma. e em seus milagres. Se Deus quisesse que eu conhecesse a sua vontade pela voz do Cura d'Ars, digo-me a mim mesma, seria mais simples do que alcançar esta graça a custa de prolongadas orações...

Apesar de minha idade, sou muito criança. Mas Nosso Senhor não afasta de si as crianças. Somente que estou muito longe de possuir aquela simplicidade que as tornaram amáveis aos olhos do bom Jesus. Tenho 16 anos e ainda não pensei seriamente na minha vocação. Mas quero salvar-me... Já que Deus lhe tem comunicado o dom de penetrar os espíritos, veja o que se passa em minha alma.

Estou indecisa e tenho necessidade de ser esclarecida, dizia-lhe uma menina da mesma idade que a anterior. Muitos obstáculos se opõem à minha vocação. Minha mãe é muito piedosa, mas meu pai é militar e, estou certa, será muito difícil obter seu consentimento.

Agora um pai de família, que cheio de tristeza e revoltado no seu interior contra

os desejos da filha, que quer entrar numa ordem religiosa muito austera, pede ao Cura d'Ars para combater essa vocação.

Não sabemos, o que o Santo pode responder a esse grito da natureza.

– Nimes, 25 de junho de 1855.

Sr. Cura.

A fama de suas virtudes e dos maravilhosos dons que Deus se tem comprazido em lhe conceder chegou até nós, e uma de minhas filhas, jovem de 20 anos, resolveu ir, dentro de poucos dias, pedir-lhe conselhos sobre um assunto de alta transcendência, pois se trata de tomar uma determinação da qual depende todo o seu futuro.

Embora dotada de todas as qualidades que lhe dariam acesso fácil a vida do mundo, faz alguns anos que manifesta acentuada inclinação para à vida religiosa. Nesta disposição de ânimo não vemos outra coisa que o resultado passageiro duma piedade momentânea e da inexperiência própria da idade. Contudo ela persiste na vocação. Nossa ternura para com essa filha tão querida nada tem de egoísmo: é que, acima de tudo, desejamos sua felicidade. Se for demonstrado que ela não a encontrará neste mundo, a não ser no hábito religioso, saberemos fazer este sacrifício, ainda que nos seja penoso. Mas é muito triste para nós vê-la escolher uma ordem tão austera como a do Carmelo, aonde quer entrar; ordem em que nada há para suavizar o rigor da clausura, do regime de vida e da solidão. É um extremo do qual jamais nos esqueceremos. Por isso suplicamos a V. Revma. que afaste a nossa filha de tal pensamento. Essa nossa querida filha, ainda que não tenha a felicidade de conhecer a V. Revma., tem contudo uma confiança ilimitada em suas luzes e em suas santas inspirações. Parece que V. Revma., por cuja boca Deus lhe irá falar, apontar-lhe-á o caminho a seguir. É para esse fim que ela vai com a mãe visitar V. Revma.

Senhor Cura, em circunstância tão solene, já que se trata de adotar uma resolução decisiva, e até certo ponto irrevogável, é de grande importância preveni-la contra um entusiasmo irrefletido. Se ela quiser sinceramente ser religiosa, e, se como ela nos assegura, Deus a chama, por que não entra para o Sagrado Coração por exemplo, que ela conhece e onde é bem conhecida, por ter cursado todos seus estudos no internato de Montpellier, onde seria recebida com grande contentamento Por que há de sepultar-se viva no Carmelo?...

Dentro de dois ou três dias minha filha irá apresentar-se a V. Revma. É sem ela saber que tomo a liberdade de escrever para inteirar V. Revma. das disposições desta menina, e para lhe pedir que afaste de uma disposição tão extrema que nos deixará na consternação e fará nossa infelicidade. Estou certo de que, se V. Revma. aconselhar para o Sagrado Coração, onde, como no Carmelo, poderá servir a Deus e assegurar sua salvação, não resistirá a este conselho. Está resolvida a ouvir e a fazer o que V. Revma. disser. E V. Revma. neste momento é o único árbitro de sua sorte...

Podemos estar certos de que, se o Cura d'Ars viu neste desejo o chamamento de Deus, a jovem Bossy, este era o nome da moça, entrou para o Carmelo.

Os corações aflitos, os corações vulnerados pela morte de pessoas queridas, achavam amável acolhida no seio do “bom Pai”.

– Senhor Cura, lhe escrevia de Paris a baronesa de Bréda a 3 de dezembro de 1858, repetidas vezes os soluços das mães desoladas chegam até V. Revma., em demanda dos socorros de suas santas orações. Venho eu aumentar o número...

E ela suplica que salve sua filha, jovem viúva, a quem uma enfermidade misteriosa convertera “numa verdadeira mártir”.

– É uma alma desolada que lhe vai implorar socorro, dizem-lhe de Grenoble a 12 de janeiro de 1853. Um esposo, um pai subitamente arrebatado à ternura da família deixa crianças abandonadas inexperiência da mãe aflita... Que motivo de imensa compaixão!... Essa pobre mulher queria ir a Ars buscar, não consolo, – pois não há para tais sofrimentos, – mas algum alívio para seus cruéis pesares, resignação para sua horrível desdita, submissão à vontade de Deus.

Em meio dos sofrimentos duma longa enfermidade, escreve-lhe do leito de dores uma pessoa de Lião: eu quisera receber o consolo que sabe dar aos que tem a felicidade de se aproximarem de V. Revma. Parece-me que teria mais paciência para sofrer, se ao menos me ajudasse com as suas orações. É para lhe pedir este favor, ao qual dou o maior apreço que tomei a liberdade de lhe escrever, meu bom e respeitável Cura.

Jamais o P. Vianney desprezou alguma dessas recomendações. Incapaz de apresentar uma por uma, diante de Deus, formava cada dia de todas elas um ramallete que oferecia a Nosso Senhor no *memento* da missa. Doutra parte, muitas vezes as lágrimas de compaixão roladadas de seus olhos haviam intercedido ante o céu por motivos bem semelhantes.



Depois de haver dito o que era o seu coração, temos de falar do espírito do Cura d’Ars, de sua perspicácia e de seu extraordinário discernimento.

“Uma alegria doce e franca, uma amável confiança regulavam todas as suas relações de amizade”. Entretanto, mostrava-se muito reservado com as pessoas que o serviam. Conhecia-lhes o devotamento e a comprovada virtude, mas uma sobrenatural prudência lhe ditava este proceder. A sutil e discreta Catarina Lassagne muito bem observou:

– Aqueles (*Aqueles*, aqui ela põe em lugar de *aquelas*) que o cercavam com mais assiduidade para lhe prestar algum serviço, em sua presença sentiam-se como que apoderados de um santo respeito, e, às vezes, temiam falar-lhe até em coisas muito necessárias e urgentes. Deus assim o permitia para que, quem procurasse servir ao seu bom e fiel servidor, o fizesse unicamente pensando na sua glória.

“Mas gostava muito de se expandir com os colegas, coadjutores e outros, principalmente à noite, depois das estafantes horas de confessorário. Isso até era uma necessidade para o seu coração delicado e sensível. Um dos Irmãos acompanhava-

o ao quarto e muitas vezes com o Irmão iam os missionários, o devotado conde de Garets e outras pessoas. Os peregrinos, sacerdotes ou leigos, pediam o favor de passarem com ele os últimos momentos do dia. O P. Vianney acolhia a todos prazentemente.

Deixava que lhes narrassem os acontecimentos do dia que fossem de interesse para a França e para a Igreja. A política, entretanto, não o interessava enquanto não dizia respeito à questão religiosa. Demais, “quando lhe falavam de coisas deste mundo, não parecia achar-se, em seu elemento”. Sentia-se ansioso para voltar aos seus assuntos favoritos.

“Todo seu prazer, conta o P. Luís Beau, confessor do Cura d’Ars, era falar em assuntos espirituais. Se a educação o obrigava a ouvir quando se tratava de assuntos temporais, via-se que não mostrava outro interesse que o exigido pela benevolência... Fui testemunha da alegria que sentia quando lhe davam notícias referentes à Igreja ou à salvação das almas; por exemplo, quando sabia do êxito de alguma missão. Pelo contrário, qual não era seu pesar ao saber de algum escândalo...”

“Seu coração, diz o conde de Garets, estava tão cheio do amor de Deus, que d’Ele falava em todas as suas conversações, interrompendo-as com estas frases que pronunciava juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu: – “Deus meu, como sois bom!”

Esse era o seu contínuo pensamento. “Um dia, refere o P. Toccanier, disse-lhe ao passar por ele: – “O tempo hoje está mau, Sr. Cura. – Para os justos sempre faz bom tempo. Só para os pobres pecadores é que faz mau tempo, respondeu-me”.

O Cura d’Ars desconhecia os sutis rodeios do amor-próprio. Ordinariamente “não falava de si, nem de bem, nem de mal”. Quando seus mais íntimos amigos queriam certificar-se de alguns fatos referentes à sua pessoa, e que redundavam em seu elogio, valiam-se de certos estratagemas para insensivelmente levá-lo à confidências. Mas, quando se dava conta do laço, interrompia-os bruscamente. E, se insistiam, respondia: “Basta, já disse muito!” Apesar disso, entregava-se com prazer às suas recordações...

Somente, como explica o Irmão Atanásio, “era então manifesto que ele contava aquilo e mesmo as coisas que lhe podiam ser favoráveis, como se elas se referissem absolutamente a outras pessoas”. Uma das indústrias dos missionários, no dizer do P. Dufour, que foi um deles, consistia em pronunciar, como quem não quer nada, o nome do P. Balley, a respeito do qual era inesgotável... E isto faziam para poderem gozar por mais tempo de sua conversação. Contudo, era preciso terminar. Diz o conde de Garets: Depois de haver conversado com uma familiaridade cheia de confiança, de pé e apoiado em sua pobre mesa, subitamente nos despedia, dizendo: “Tenho a honra de desejar a todos muito boa noite”. Nós nos retirávamos encantados”.

Era ingênuo, mas perspicaz. “O Cura d’Ars não me parecia assim tão desprovido de inteligência, como se tem dito, escrevia a respeito dele um eminente religioso que o examinara à vontade. Tinha o olhar muito vivo e uma fisionomia toda espiritualizada”.

E certo acadêmico dele pode dizer: “Que espírito tinha aquele homem! e que grande espírito!” Era fino observador, podendo lançar dardos agudos e por vezes vingativos. Contudo, por virtude, abstinha-se de o fazer. No decorrer da conversação contentava-se com atirar “palavras duma jovialidade simpática e mesmo picante”, e fazer “observações que não careciam duma certa malícia”. Suas réplicas não feriam as pessoas porque a deliciosa malícia que as envolvia era temperada pelo tom cheio de amabilidade e pela agradável expressão de seu semblante. “

“Uma de minhas irmãs, diz a senhora de Garets, pediu-lhe uma relíquia. “Converta-se a senhora mesma em tal”, respondeu o Cura d’Ars, querendo dizer com isso que ela se tornasse uma santa”.

“Uma religiosa atreveu-se a dizer-lhe com ingênua simplicidade: “Geralmente, meu Padre, consideram V. Revma. um ignorante.

– E não se enganam, minha filha. É isto mesmo. Eu ainda lhe poderia dizer algo mais do que sabe!”

Um de seus colegas de diocese, o P. Blandon, pároco de Bublanne, que era muito corpulento, certo dia conversava familiarmente com ele. “Senhor Cura, disse-lhe brincando, conto com V. Revma. para alcançar o céu... Quando for para lá, agarrar-me-ei à sua batina”. A resposta, acompanhada de um amável e irônico sorriso, não se fez esperar: – “Guarde-se bem disso, meu amigo. A entrada do céu é estreita, e nós dois ficaríamos na porta!”

“Que hei de fazer, Padre, para ir ao céu perguntou-lhe certa pessoa também de regulares proporções.

– Minha filha, três quaresmas!”

“O Imperador tem feito muita coisa boa, dizia certa ocasião o P. Vianney durante a explicação do catecismo das onze, enquanto umas senhoras entravam com dificuldade na igreja, trajando a moda daquele tempo, mas esqueceu-se de uma: – deveria ter mandado alargar as portas para que pudessem passar as saias rodadas.

Durante uma chuva muito forte, o santo Cura passava perto da casa dos Irmãos sem levar guarda-chuva, nem chapéu. Ia às pressas visitar um doente. O Ir. Atanásio saiu precipitadamente, e a custo pode alcançá-lo. “Para onde vai, meu amigo? perguntou-lhe o P. Vianney. – Venho trazer-lhe este guarda-chuva. – Ora, ora, eu não sou feito de açúcar”. E rindo-se, continuou a viagem.

Ao voltar duma viagem, o mesmo Irmão Atanásio parecia estar um pouco cansado. “É que, explicou ele, o meu cavalo, tropeçando, atirou-me a um buraco.

– Meu amigo, continuou o Santo, depois de lhe ter apresentado seus sentimentos, é preciso fazer como Santo Antônio.

– Como fazia então Santo Antônio?

– Viajava sempre a pé.

Era muito perspicaz em apreciar os pregadores. O P. Collei, que morreu como cura de Trévoux, gostava de pregar sobre as verdades eternas. Havia-o precedido no

púlpito de Ars o Pe. Alfredo Monnin que escolhia, de preferência, assuntos consoladores e sobre eles discorria com sua imaginação poética e sentimental.

“Estes bons senhores, dizia depois o P. Vianney, nos levam ao céu por diferentes caminhos: o primeiro por uma ponte de pedra; o segundo, por uma ponte de flores”.

Nunca se ouviu que o Cura d’Ars, falando, faltasse com a caridade. Uma vez, a este respeito, pensou o Ir. Atanásio tê-lo apanhado em falta; mas é que o Irmão, como se disse, “levado pelo escrúpulo tanto para consigo como para com os outros”, não entendera logo que o Cura d’Ars protestava contra as intrigas de um cavalheiro muito conhecido na comarca. “O Sr. Cura, acrescenta o Irmão, pedia continuamente a Deus que aquele personagem não chegasse nunca ao sacerdócio, ao qual aspirava”.

Quanto ao emprego da língua, o nosso Santo sempre se mostrou extraordinariamente reservado... Temos a prova disso numa de suas cartas escritas em 1828. Foi dirigida ao conde de Cibeiens, parecendo não ter outra finalidade que reparar uma levíssima falta. Depois de um preâmbulo, o P. Vianney passa a tratar com manifesto embaraço de uma falta que lhe causou grande pesar:

– Uma coisa que me causa muita pena “quando fui à sua casa cá, ainda que sem pensar, numa murmuração, dizendo-lhe que me enganavam um pouco. Se no momento me tivesse lembrado que fazia mal, antes teria preferido perder tudo que possuo. Peço ao senhor que nunca fale nisso. Tenho grande pesar por causa disso, pois pelos bens da terra nunca se deve perder os do céu. Uma contrição tão perfeita por uma causa tão leve demonstra a que altura chegara o Cura d’Ars em delicadeza e caridade.

## No cume da santidade:

### I. Testemunhos

*Subida à perfeição – A fama de santidade em torno do Cura d'Ars – Testemunhos do seu confessor, de Catarina Lassagne, de Mons. Devie e de vários sacerdotes, amigos do Cura d'Ars – Juízo das pessoas do século: Doutor, Samier, peregrinos e habitantes de Ars – Juízos das multidões – Unanimidade nos elogios – O que quase todos viam no santo Cura.*

A santidade, isto é, o desaparego completo de si mesmo e das coisas transitórias, o desejo contínuo de Deus e das realidades do Alto; a santidade como tal, como a admiramos no Cura d'Ars, a santidade que a Igreja canoniza, segundo muitos autores, não é a vocação comum de todos os cristãos. A santidade supõe dons gratuitos da parte de Deus; mas por sua vez exige da criatura privilegiada um esforço constante, árduo e heróico. Pelo que em certo sentido a santidade poderia ser chamada como o gênio, “uma longa paciência”. É alguma coisa dada, mas que se há de ganhar; é o efeito de uma benevolência divina e o resultado de uma vida humana; é a conclusão feliz de uma obra de subido valor.

O Cura d'Ars sentiu-se inclinado desde a infância para Deus, mas nem por isso pode subtrair-se à lei do esforço e à constância neste mesmo esforço. Nem sempre navegou a velas desfaldadas; também viu-se obrigado a lançar mão dos remos. Teve necessidade, como todo homem vindo a este mundo, de reformar um caráter imperfeito, de por freio a certas inclinações humanas e de vencer amargas repugnâncias. Experimentou as excitações nervosas, as securas e os desgostos do espírito, chegando às vezes a um estado de abatimento próximo ao desespero. “Ah!, é muito belo ser santo, dizia uma de suas penitentes, mas, quanto tem custado ao Cura d'Ars”. Gastou nessa tarefa muitos anos e grandes esforços, pois “renunciar-se perfeitamente a si mesmo não é nenhum brinquedo de criança”.

Chegou à santidade porque, se os sentidos e o coração se revoltavam, jamais sua vontade disse: não posso, mas, pelo contrário, sempre dizia: Tudo posso naquele que me conforta. Aí está o segredo da sua alcandorada santidade: um heróico querer, uma coragem indomável.

João Maria foi primeiramente um menino piedoso, um jovem, um seminarista, um sacerdote exemplar. Finalmente chegou um dia, só por Deus conhecido, em que se

tornou “um santo, um grande santo”. Se nos fosse permitido sondar com todo o respeito este mistério, haveríamos de por esse dia na época em que conseguiu aquela “inefável doçura” que encantava os peregrinos; época em que renunciou a todos os desejos por menos egoístas que lhe parecessem; época em que recusou o prazer, ainda que muito legítimo, de descansar uns dias entre os seus na sua terra natal; época em que guiado pelas luzes do Alto, luzes cada vez mais freqüentes e mais vivas, abriu os braços aos pecadores com uma compaixão e mansidão imensas. Foi pelo ano de 1844 ou 1845 que o Cura d’Ars se alcançou ao cume da santidade. Parecia ter-se então tornado um ente sobrenaturalizado, e “não ter nada mais de humano a não ser o sofrimento”. “Alcançou aquele grau heróico, que é o supremo esforço da natureza sustentada pela graça... A virtude era nele uma “segunda natureza”. Sua vontade ativa, perseverante, inclinada unicamente para o Bem, sempre aspirou, ou melhor, ia da perfeição adquirida na véspera à perfeição mais elevada que lhe trazia o novo dia ao despontar da aurora. Nele não havia nada de letargo, nada de rotineiro, mas uma atenção contínua de espírito e de coração para cada um dos seus grandes deveres.

Várias testemunhas de sua vida, cada uma na sua linguagem própria, expressaram o estado da santidade adquirida e muitas de suas palavras atestam sua profunda simpatia, vibrante de emoção.

“Foram as pessoas simples e devotadas, diz o seu fiel amigo Pedro Oriol, que começaram a difundir-lhe a fama de santidade. Mas as pessoas de caráter mais grave, idade e posição, mais tarde fizeram eco com aqueles rumores saídos de Ars e das paróquias vizinhas. Muitas vezes fui testemunha da emoção causada pelo espetáculo das virtudes do Cura d’Ars. E esta reputação foi sempre crescendo”.

Ninguém parece grande homem perante o seu criado de quarto. O P. Vianney viveu como que numa casa de cristal, deixando-se vigiar, observar e discutir como bem o quisessem. Os que privavam com ele mais de perto, nas fileiras dos mais íntimos, foram os primeiros a lhe proclamarem a santidade, como acabamos de ver. Conforme escreve um sacerdote de Ars, não pode “observar no seu proceder nem um só pecado venial deliberado”.

São muitos os testemunhos contemporâneos. Raras vezes se tem visto mais belo e mais unânime concerto de elogios. Jamais os eloqüentes sermões que cada ano ressoam na basílica e na praça de Ars terão um cunho de verdade mais convincente e penetrante.

Ouçamos em primeiro lugar o P. Beau, pároco de Jassans, o confidente por excelência, pois foi o confessor do Santo durante os últimos treze anos de sua vida:

- Que eu saiba, não afrouxou um só momento... Lembro-me muitas vezes de como ele fazia o sinal da cruz, rezava o *benedicite* antes da comida e a *Ave-Maria* ao bater das horas. A lembrança do que vi naqueles momentos ainda me impressiona! Com que angélica piedade rezava o breviário!... Faltam-me palavras para o exprimir. Creio que não é possível ir mais longe na prática de virtudes

heróicas. Leio as vidas dos santos e não encontro nada que supere em prodígio o Cura d’Ars. Vivía envolto numa auréola de santidade. Não sei me expressar: ele me inspirava veneração e respeito. Segundo me parece, ele conservou a graça batismal, e esta graça foi constantemente aumentada pela santidade eminente de sua vida.

Depois de seu confessor, citemos uma pessoa que foi o seu braço direito em todas as suas obras e a testemunha melhor informada de sua vida, a quem Mons. Langalerie, antigo bispo de Belley, chamava “reliquia viva do Cura d’Ars”. Catarina Lassagne no primeiro capítulo do seu *Memórias sobre o P. Vianney*, onde enumera “seus benefícios à paróquia”, sai repentinamente da sua costumeira reserva para exclamar:

- Como Deus é bom em nos haver dado este santo que tivemos a felicidade de possuir por espaço de quarenta anos para maior ventura nossa! Pode dizer-se que passou todo esse tempo fazendo o bem. Somente no dia do Juízo Final poderemos apreciar os méritos com que deve estar enriquecido!

Ouçamos agora aquele que foi seu prelado durante 29 anos. Em 1838 o P. Tailhades, de Montpellier, depois de uma estada de 2 meses com o Cura d’Ars, encontrou-se com Mons. Devie. O P. Tailhades tomara alguns apontamentos sobre o Cura d’Ars com o intuito de imprimir um opúsculo. Para isso precisava da aquiescência do bispo de Belley. Então, conta o referido sacerdote, “S. Excia., aproveitando a oportunidade para conhecer minha opinião sobre o P. Vianney, perguntou-me: - “Que pensa V. Revma do Cura d’Ars! - Creio que é um santo”, respondi. O Sr. Bispo acrescentou: “Eu também penso como V. Revma..

“Mas, conforme adverte o P. Raymond, quem pode fazer melhor juízo senão os sacerdotes que conhecem as obrigações do sacerdócio e a virtude que devem possuir os que se acham revestidos desta dignidade! Quem senão eles sabem as penas, as fadigas, as solitudes inerentes ao cargo de pároco e confessor? Quem senão eles podem medir pela própria experiência o grau de heroísmo, de virtude, de imolação de si mesmo e o sacrifício a que chegou o Cura d’Ars?”

O P. Toccanier, seu coadjutor durante seis anos, assim fala do nosso Santo:

- Aproximavam-se dele como de uma reliquia. Jamais vi tanta energia e tanta força de vontade. Nada o abatia; nem as contradições, nem as enfermidades, nem as tentações. Mostrou constantemente a mesma coragem na prática da virtude e no devotamento ao próximo. Era tão surpreendente a sua virtude que causava admiração a quantos o viam. Era uma força tranqüila vinda de Deus; uma força invencível. Os peregrinos, até mesmo os religiosos, pertencentes às ordens mais austeras, diziam não haver necessidade de outros milagres do que aquela força, para se convencerem de sua santidade.

Mons. Luís Mermod, capelão da Visitação de Gex, sacerdote profundamente virtuoso, que na sua mocidade fora um penitente assíduo do Cura d’Ars, afirma:

- Depois que saí de Chaleins, passei 25 anos sem ver o servo de Deus. Quando

tive esta dita, o seu rosto irradiava tal esplendor de santidade que tive vergonha de me apresentar diante dele.

O P. João Luís -Borjon, antigo cura de Ambérieux-en-Dombes, que muito fez sofrer ao Santo e a quem este perdoou de todo o coração, diz:

– Encontrei nele as virtudes que fazem os grandes santos.

De outros sacerdotes que também tiveram ocasião de o conhecer, são as palavras seguintes:

- O P. Vianney era a imagem viva da vida sobrenatural... A perfeição que pregava aos outros era a regra austera de sua conduta. O móvel de todas as suas ações, de toda a sua vida foi a fé... Sempre notei nele a perfeição das virtudes... Nunca vi cópia mais verdadeira do Divino Mestre... A felicidade que tive de conhecê-lo foi uma graça especial de Deus.

O ilustre sacerdote P. Combalot, que na sua juventude fora discípulo de Lamennais e era um dos seus maiores admiradores, foi um dia, muito cedinho, confessar-se com o Cura d'Ars.. Ao sair, lançou-se, desfeito em pranto, nos braços do P. Toccanier. "Meu Deus, que homem tem V. Revma. aqui! É possível que eu tenha deixado embranquecer os cabelos sem vê-lo!"

– Dois eclesiásticos, conta o P. Raymond, um deles postulador da causa do venerável De la Salle – Mons. Estrade – e o outro religioso, ambos pertencentes ao clero de Roma, foram a Ars quando eu estava ali. Ao ouvir-lhes dizer que em Roma havia dois sacerdotes que gozavam de grande fama de santidade perguntei aos visitantes se os conheciam.

– Sim, responderam.

– Que diferença de vida notam entre eles e o meu bom Cura?

– O P. Vianney, responderam, nos causa uma impressão mais viva; sua fisionomia respira maior santidade.

Os leigos não foram menos entusiastas nem menos categóricos na admiração e nos seus elogios.

Deixemos falar alguns deles, pertencentes a todas as classes sociais.

O doutor João Batista Saunier, que visitou como médico o Cura d'Ars, durante os 17 últimos anos de sua vida, se expressa nestes termos:

– Minhas relações com o servo de Deus foram as mais íntimas, pois sempre vi nele um modelo acabado de todas as virtudes.

Eis aqui outras opiniões dadas, na maior parte pelos habitantes de Ars, camponeses, operários ou nobres:

– Foi sempre em tudo e por tudo, no mais amplo sentido da palavra, o sacerdote perfeito, o pároco modelo, o homem de Deus...

Eclesiásticos distintos, homens do mundo e artistas, nos asseguram que jamais

viram coisa alguma que se assemelhasse ao espetáculo deste coração que arde, que adora e que geme... Não foi herói em uma só virtude, mas em todas e não só por algum tempo, mas por toda a vida... A leitura da Vida dos Santos não me fez conceber uma idéia tão elevada de santidade como o conjunto de sua conduta... Considero-o como um dos maiores santos que Deus deu à Igreja... Se este não é um santo, não existe santo...

A multidão anônima, a grande testemunha cuja voz, como se diz, é a voz de Deus, não se enganou no seu juízo sobre o Cura d'Ars. "Onde está o Santo? perguntavam os recém-chegados".

"O Santo! Eis o Santo que passa!" bradavam nas fileiras de forasteiros quando aparecia o humilde sacerdote. E, dirigindo-se aos paroquianos depois, de verem como o aclamavam desta maneira, alguns diziam: "Não temos necessidade de outra maravilha para crer que o vosso Cura é um santo". Na verdade, segundo palavras de Mons. Luçon, antigo bispo de Belley, depois cardeal-arcebispo de Reims: "se jamais houve um homem canonizado pela voz do povo, este é o nosso Cura. A sentença da Igreja nada mais fará que confirmar o juízo do povo".

Perguntaram a um camponês de Maconnais o que tinha visto na aldeia de Ars. "Vi a Deus num homem", respondeu. Um jovem peregrino dizia: "Quando se tem a felicidade de ver a este sacerdote, não sei quem será mais capaz de ofender a Deus". Um senhor de Marselha tinha uma idéia tão elevada da santidade do Cura d'Ars que não se atrevia a apresentar-se diante dele sem antes haver purificado a consciência e ter recebido a comunhão na capela de Fourvière.

Chegando a Lião, em 1851, a notícia de que o Cura d'Ars havia predito o "assassinio do Príncipe-Presidente por ocasião de uma revista que haveria de passar", um desconhecido de aspecto não muito tranquilizador foi ao encontro do conde de Garets. Era um comissário de polícia encarregado de investigar acerca da pretendida profecia. O conde de Garets, alarmado, foi avisar o P. Vianney, que se achava no confessionário. Respondeu-lhe este: "Esteja o senhor tranqüilo; não há nada que temer". Mandou o comissário entrar na sacristia e cerrou a porta. A conversa durou 10 minutos. Abriu-se novamente a porta, diz o conde, e vi sair o Sr. Cura com aquele homem que derramava lágrimas abundantes. Aproximei-me dele e ao deixar a igreja disse-me com profunda emoção: "Mas o vosso pároco é admirável! É um santo!"

Este comissário de polícia fora enviado para uma diligência muito desagradável junto a um homem a quem de boa vontade houvera tomado por um iluminado e perturbador. Dele se afastava "cheio de admiração por causa de sua virtude". Muitos eram os que iam a Ars sem crer no Cura. Um santo... que coisa mais antiquada e mais pré-histórica!

– Pelo verão de 1841, conta certo jovem lionês, um dos meus amigos, gravemente enfermo, ouviu falar num cura de aldeia, eminente por sua santidade. As pessoas que o haviam informado a esse respeito não duvidavam nem dos milagres que o Cura

d'Ars já fizera, nem dos que poderia fazer para o futuro. Meu amigo quis vê-lo e pediu-me que o acompanhasse a Ars.

A princípio senti-me, confesso-o, pouco disposto para acompanhá-lo. Minha fé na santidade cristã era completa. Tinha um grande respeito para com essas admiráveis figuras de santidade que surgem de quando em quando e que parecem ser aparições concedidas ao mundo para o consolar e ensinar. Mas, na minha época materialista, e por causa da influência dos meus estudos clássicos, não me podia ver livre de certo orgulho intelectual... Perguntava-me a mim mesmo como era possível reconhecer por santo a uma pessoa que não se achava distanciada de mim, nem pelos séculos, nem pelas gerações, e cujos méritos não teriam outro apreciador senão minha pobre inteligência de 25 anos. Por essas razões neguei-me a empreender a viagem. Meu amigo insistiu, mas sem êxito.

Em fins de agosto declarou-me que partiria sozinho. Então o terror de vê-lo afastar-se assim da família, e numa ocasião em que a sua saúde estava muito combalida, decidiu-me a acompanhá-lo.

Pois bem, o jovem viajante partiu cético, como demonstra no decorrer de sua longa narração, e regressou a Lião entusiasmado por tudo quanto vira e ouvira. Concluiu fazendo alusão as suas tribulações e as de seu amigo:

– Doravante temos que nos refugiar em nossas recordações de Ars e reavivar em nossa alma a santa figura do P. Vianney para nos sentir alentados, e novamente consolados.

Em resumo, durante 20 anos um concerto unânime de elogios sem uma só nota discordante. “Não me recordo, diz Marta de Garets, que jamais se haja dito coisa alguma contra sua reputação de santidade. Admirava-me sobremaneira o silêncio que os jornais ímpios guardavam sobre o nosso Santo, apesar de os seus repórteres não deixarem de vir a Ars bisbilhotar o que aqui se passava”.

Se, apesar de tudo, aqui ou acolá houve um ou outro zombeteiro, sem o saber honravam o Santo. Era o vício e a irreligião combatendo a virtude. Certo morador de Villefranche, um desses espíritos fortes, cuja espécie nunca se acaba de todo, certo dia vomitou este comentário, digno de Homais: “É triste que o Cura d'Ars tenha vindo perturbar o século XIX!”

Prouvera a Deus que houvessem outros perturbadores deste gênero!

Vemos facilmente que todas estas testemunhas tão diversas quanto à sua origem, educação e fortuna, mas dotadas todas, de uma feliz clarividência, não confundem a santidade com o que lhe é acessório. Por instinto penetram até ao âmago das coisas. Conforme a sua maneira de ver, o Cura d'Ars era santo por havê-los edificado com suas virtudes heróicas e não por fazer milagres, gozar de êxtase, ler nos corações e anunciar o futuro – coisas estas que não fazem parte essencial da verdadeira santidade.

Estes dons gratuitos de Deus, São João Batista Vianney nem os desejou nem os

pediu. O que unicamente buscou foi a Deus, Deus amado e adorado por si mesmo, Deus servido por suas criaturas. O que chegou a possuir em grau eminente foi o mais: perfeito dos dons sobrenaturais: a caridade. Ora, como já foi dito, “a santidade é o amor”.

## No cume da santidade

### II. As virtudes heróicas: humildade, amor à pobreza e aos pobres

*Virtudes heróicas em que se distinguiu o Cura d'Ars – A HUMILDADE – Entre as ovações da multidão – O porque de tanta humildade – Fugindo das aclamações – Uma “devoção mal entendida” – O Cura d'Ars e o seu “carnaval” – A história dum busto de cera – O Cura d'Ars e Lacordaire – O AMOR À POBREZA E AOS POBRES – O vestuário do Cura d'Ars – A casa paroquial – Desprezo dos bens terrenos – O Cura d'Ars e os infelizes – Ars, refúgio da miséria – A estima do Santo pelos pobres.*

Quando a Igreja Católica prevê como possível a beatificação de uma pessoa falecida em odor de santidade, estuda longa e minuciosamente os seus feitos e suas obras para ver se nelas encontra ou não a perfeição das virtudes cristãs. Foi precisamente este exame que levou o Cura d'Ars à honra dos altares. O historiador de sua vida nada mais fez do que refazer seu *processo*. Basta dizer em que virtude se *especializou* o personagem que ele evoca. Por que pois entre os heróis que a Igreja honra São João Batista Vianney é *ele mesmo* e não outro? Parece-nos que praticou com heroísmo particular as quatro virtudes: a humildade, o amor à pobreza e aos pobres, a paciência e a mortificação – quatro flores raras cujo perfume viemos respirando quase em cada página deste livro. É chegado o momento de saboreá-lo mais longamente.

Note-se bem que falamos de *virtudes heróicas*, isto é, *hábitos* quase sobre-humanos nos quais o heroísmo se converteu em *disposição ordinária* da alma e não de *atos heróicos* espontâneos e transitórios que circunstâncias imprevistas fazem nascer.

Observe-se, além disso, que de tão altas virtudes só podemos admirar-lhes o brilho exterior, pois que se nos oculta quase de todo a ação contínua da graça divina que elevou o Cura d'Ars, a um grau tão sublime de santidade.



A humildade, a rainha das virtudes cristãs na ordem prática, sem a qual toda outra virtude não é mais do que uma aparência, verdadeiramente foi para o Cura

d'Ars uma norma de vida e de perfeição. Irradiava-a de toda a sua pessoa. Mons. Ségur, que foi visitá-lo em 1858, estava convencido de que esta única virtude bastaria para o fazer canonizar. O prelado, regressando ao castelo, onde estava hospedado, não se cansava de falar na humildade do Cura. Parecia-lhe, diz o conde, um verdadeiro prodígio no meio daquela extraordinária afluência de gente que devia ser para o bom do Cura uma contínua tentação de amor-próprio.

O P. Raymond, que foi uma das testemunhas de sua vida e uma das testemunhas mais severas, teve de se curvar ante essa maravilha. "Uma das coisas que mais me impressionou no Cura d'Ars, diz ele, foi resistir de um modo tão admirável àquela verdadeira embriaguez de contínuas aclamações. Compreendia muito bem; via claramente que era a ele que buscavam em Ars. Mas jamais descobri um sentimento de orgulho em seu coração, nem uma leve palavra de vaidade nos seus lábios".

Um petulante ou um presunçoso, por mais hábil que fosse, teria perdido a cabeça, atordoado com uma tal glória. Uma virtude comum não teria resistido tanto tempo. Só um santo poderia conservar-se humilde no meio de tais triunfos.

Certo penitente do Cura d'Ars, pessoa ajuizada e perspicaz, dizia que seu confessor não chegou a sentir os assaltos do orgulho. "Parecia indiferente à toda honra, afirma a baronesa de Belvey, e em nada mais pensava senão em cumprir com as diferentes funções próprias do seu ministério". Passava por entre a população que o ovacionava como uma criança, cuja graciosa candidez nós admiramos, sem que ela se dê conta. O Cura d'Ars trilhou aquele caminho de infância que uma Santa Teresinha do Menino Jesus haveria de ensinar e praticar de um modo tão perfeito. "Certo dia, conta Mons. Dufour, missionário de Pont-d'Ain, um sacerdote dirigiu-lhe em minha presença algumas palavras de elogio. Olhou-o com ar de admiração e perguntando-lhe: "Mas meu Deus! que está a dizer V. Revma.?"

Existe uma humildade ordinária, obrigatória ao comum dos mortais, a qual consiste em alguém não se estimar mais do que vale. Para possuir esta humildade basta ter senso comum. Este grau elementar foi superado consideravelmente pelo Cura d'Ars; mas para isso foi preciso um auxílio especial do Alto: a humildade chegou no Cura d'Ars "a um grau heróico que é nos santos um fruto de graças especiais"; foi mais um dom gratuito de Deus do que o resultado de esforços humanos.

De outro lado ele mesmo o explicava em momentos de intimidade: "Minha filha, dizia a uma de suas penitentes, não peça a Deus o conhecimento total de suas misérias.

Eu o pedi uma só vez e alcancei, Se Deus não me tivesse sustentado, no mesmo instante teria caído no desespero". Semelhante confidência fez ao Ir. Atanásio. "Fiquei tão aterrorizado ao conhecer a minha miséria, dizia ele, que em seguida pedi a graça de esquecer-me dela. Deus me ouviu, mas deixou-me a suficiente luz sobre o meu nada, para que eu conheça que não sou capaz de coisa alguma".

O Cura d'Ars não ignorava o bem que fazia com o seu ministério, mas considerando-se como simples instrumento, atribuía toda a glória a quem pertencia por direito. "Sou como um cinzel nas mãos de Deus, disse um dia ao Ir. Atanásio...

Oh! meu amigo, se Deus, tivesse encontrado um sacerdote mais indigno do que eu, tê-lo-ia colocado no meu lugar a fim de dar a conhecer a grandeza de sua misericórdia para com os pecadores".

Conhecendo-se perfeitamente, o Cura d'Ars não tinha dificuldade em reconhecer que o que possuía de bom ou fazia de bem, vinha de mais alto do que ele. Sabia também em que abismo teria caído se Deus não o tivesse libertado do perigo. — "Sou o último dos homens, dizia entre suspiros. Se Deus não me protegesse com a sua misericórdia, que seria de mim?"

Pessoas há que se fazem de humildes para serem louvadas. "Ninguém estava mais longe que o P. Vianney do que ele mesmo costuma chamar: *humildade de anzol*. Se falava da sua ignorância, das suas misérias, da sua indignidade, era sem afetação alguma".

Ele era, se assim nos é permitido dizer, a humildade em pessoa. O P. Martin, antigo cura de Saint-Trivier-sur-Moignans, que tivera ocasião de conhecê-lo muito bem, assim reproduzia as suas recordações: "A vida, a linguagem e os exemplos do venerável Cura d'Ars fizeram-me conhecer melhor a humildade do que todos os livros. Falava de si mesmo como de um pobre pecador que tinha necessidade de chorar a sua pobre vida, e fazia-o com tanta simplicidade e em termos tão sinceros que não dava lugar a nenhuma dúvida sobre os seus verdadeiros sentimentos".

Não lhe foi possível abafar o concerto unânime das aclamações que cada vez mais cresciam em torno dele. Pelo contrário, "sua fama de santidade nasceu espontaneamente e aumentou apesar dos esforços perseverantes de sua profunda humildade". Entretanto, não buscava a humilhação pela humilhação... Era humilde com critério e discrição. "Faziam-lhe elogios; não os repelia diretamente. Contentava-se em desviá-los com uma réplica oportuna". O poeta Jasmin, autor da *Papillotes*, quis conhecer o Cura d'Ars: "Sr. Cura, disse-lhe ao despedir-se, nunca vi a Deus assim tão de perto. — É verdade, respondeu o Santo, Deus não está longe, e apontou para o tabernáculo".

Não pensemos que para melhor encontrar a humildade o Cura d'Ars buscasse o ridículo. "A humildade, conforme a condessa de Garets, tinha nele um certo ar de unção e de gravidade". Somente na intimidade troçava acerca de sua pessoa, e se lhe aconteceu aparecer em público um tanto engraçado foi contra a sua intenção. Os peregrinos que o viam muitas vezes atravessar a praça com sua tigela de leite na mão talvez se rissem, mas quanto se edificavam ao saber que o herói da caridade fazia aquilo para ganhar tempo e poder recomeçar o seu sublime trabalho o mais breve possível!

O Cura d'Ars, ao ser louvado, sofria visivelmente. Algumas vezes os pregadores de fora, ao falar diante dele, achavam necessário dirigir algumas palavras de elogio ao pároco do lugar. Passava-lhe então pela fisionomia uma contração de desgosto, e, segundo a condessa de Garets, "mostrava-se tão sem jeito na sua cadeira, e com tal mostra de aflição, que todos tinham pena dele... Num último sermão de quaresma, certo pregador fez-lhe uma peroração de elogios. — "Oh! meu amigo, disse-lhe o P.

Vianney ao se encontrar com ele na sacristia, V. Revma. pregou muito bem durante toda a quaresma, mas ao terminar, infelizmente, pôs tudo a perder!”

Certa vez Mons. Devie, por inadvertência, disse em voz alta diante dele: “*Meu santo Cura!*”... Causou-lhe isto uma verdadeira desolação. “Até V. Excia. se engana a meu respeito, exclamou! É preciso que eu seja um hipócrita!”

O Irmão Gabriel, superior dos Irmãos da Sagrada Família, compôs um folheto intitulado: “*O anjo condutor de peregrinos a Ars*” e ofereceu-lhe seis exemplares. O santo Cura aceitou-os com alegria, ajuntando que aquele trabalho seria de grande proveito.

– No prólogo, refere o mesmo autor, tive a infelicidade de apresentá-lo como modelo de virtude e santidade. No dia seguinte, pela manhã, viu-me na igreja e fez-me sinal para que o acompanhasse. Sua fisionomia revelava uma aflição e uma severidade extraordinárias. Entrei com ele na sacristia. Fechou a porta e, desfeito em pranto, disse-me resolutamente: – “Meu amigo, não o julgava capaz de escrever um mau livro.

– Oh! Senhor Cura...

– É um livro mau... Um livro mau! Quanto custou ao Irmão?... Quero pagar-lhe toda a edição e depois iremos queimá-lo.

Estupefato perguntei onde estava a maldade do livro.

– Sim, sim... É um livro mau... é um livro mau...

– Por que? diga-me por favor, por que?... – Pois bem, uma vez que é preciso dizer-lhe: neste livro o Irmão fala de mim como de um homem virtuoso, como de um santo, quando sou o último dos sacerdotes.

– Entretanto, Sr. Cura, mostrei o livro a homens ilustrados. S. Excia. o Sr. Bispo revisou as provas e o aprovou. De modo nenhum pode ser mau.

As lágrimas do Cura d’Ars redobraram. “Tire, disse-me ele, o que se refere a mim e será um bom livro”.

Ao regressar a Helley contei este fato a Monsenhor Devie. “Que lição de humildade nos dá aquele santo sacerdote!, respondeu-me S. Excia. Não, não tire nada deste opúsculo: Eu lho profbo”. Tomei seu conselho, mas o Cura d’Ars jamais, pôs a sua assinatura em algum dos meus livros, sendo que punha facilmente nas obras e objetos de piedade que lhe apresentavam”.

Em 1845, o novo pároco, P. Luís Beau, fora nomeado para Jassans. Quis, enquanto lhe era possível, entrar em relações com o colega d’Ars. Foi recebido pelo coadjutor que o convidou a tomar alguma coisa. Chegando o Cura d’Ars quando já terminavam a merenda, manifestou grande alegria por encontrar-se com ele ali. Deu-lhe um abraço e apertou-lhe afetuosamente a mão. Depois conduzindo-o ao quarto: – “Meu colega, lhe disse com doce familiaridade, seu predecessor tinha a caridade de me ouvir em confissão. V. Revma. me prestará o mesmo serviço, não é verdade?” O Cura d’Ars contava 59 anos, o P. Beau 37 incompletos, e repentinamente via-se convertido em

diretor espiritual de um santo!... Negou-se. Mas o Cura d’Ars cortou toda a resistência com um gesto sem réplica, indicando ao jovem sacerdote a cadeira destinada ao confessor. Ajoelhou-se no pavimento do quarto e começou a confessar-se.

Em 24 de junho de 1848, o P. Negre, diretor de um patronato em Lião, acompanhou em peregrinação a Ars um certo número de jovens.

Sabendo que era a festa do P. Vianney, o pequeno grupo aprendeu alguns cânticos de ocasião. A capela da *Providência* estava em construção. Aproveitaram o momento em que o Santo visitava as obras para dirigir-lhe a poética saudação! Apenas o P. Negre lhe apresentou os jovens, começou o canto. Foi o bastante; sem esperar pela segunda estrofe, o P. Vianney “desceu do andaime e desapareceu”.

O interesse da multidão pela sua pessoa sempre lhe foi desagradável. “Sentia verdadeira tristeza, diz a condessa de Garets, ao ver que buscavam os objetos de seu uso para convertê-los em relíquias”. Um dia, ao notar que lhe cortavam um pedaço da batina, disse entre gemidos: “Que devoção mais malentendida”. Cada vez que cortava os cabelos tinha o cuidado de os recolher e queimar na estufa do seu quarto. Os barbeiros, porém, não eram lá muito escrupulosos e facilmente se deixavam subornar. João Pertinand conquistou muitos amigos graças ao piedoso latrocínio que se permitia cometer sempre que achava ocasião propícia.

O Cura d’Ars, que era o menos desconfiado dos homens, não adivinhava a causa desses furtos, de que freqüentemente era vítima. Ao terminar uma missão desapareceu-lhe o candeeiro. “É curioso, disse ele, eu julgava que todos se houvessem convertido... e eis que me roubam!”

Quando nos últimos anos o Dr. Saunier sangrava-o uma ou outra vez para lhe descongestionar a cabeça, o P. Vianney mandava enterrar o sangue no cemitério, “porque era sangue de cristão”, mas exigia que o enterrassem na sua presença. Mesmo assim, isso não impediu aos bons Irmãos de Ars de subtraírem um pouco e distribuí-lo como preciosa relíquia.

Uma das grandes provações por que passou o humilde sacerdote foi quando viu que o seu retrato estava exposto por todos os recantos da aldeia. Em 1845 começaram a ser reproduzidas as imagens de Epinal, representando vários episódios de sua vida. “Muito aflito” com essas exibições, a princípio quis fazê-las desaparecer. “Os vendedores suplicaram-lhe que não o fizesse, pois era um meio de ganharem a vida. O bom Cura deixou-se convencer. “Quanto custa esta estampa perguntou-lhes. – Dois soldos, Sr. Cura. – Dois soldos, ah! é muito por esse miserável *carnaval*”. “Vendam pois”.

Um dia, ao passar em frente de uma vitrina em que se achava o seu retrato, perguntou o preço. “Cinco francos, lhe responderam.

– Cinco francos! Oh! o senhor não o venderá nunca! O Cura d’Ars não vale tanto”.

“Enfim, dizia algumas vezes, se este pobre *carnaval* serve para lembrar os conselhos que tenho dado, não será de todo inútil”. Para demonstrar o desprezo que

sentia por aquilo, sempre se escusou a gravar neles o seu nome ou a benzê-los. Se entre as estampas que lhe apresentavam encontrava algum, separava-o com um gesto brusco. Fazia comentários como este: – “Isso só tem valor três dias no ano”, referindo-se aos três dias consagrados aos mascarados do carnaval.

Como se vê, terminou por levar tudo na troça. “Um dia em que falava com o meu marido junto à igreja, refere a senhora de Garets, levou-o para as vitrinas a fim de lhe mostrar o que ele chamava seu *carnaval*.”

A este respeito teve as saídas mais cômicas que imaginar se possam. “Ora veja, você me enforca e me vende”, dizia rindo a um jovem vendedor que armara a sua tenda junto ao cemitério. “Tiraram-me um novo retrato, dizia a Catarina Lassagne. Desta vez sou eu mesmo; tenho um ar de maluco; pareço-me com um ganso!” Ao ver uma das caricaturas, mais grosseiras e mais coloridas que as outras, dizia com muita graça: – “Vejam só. Vão dizer que estou saindo da taberna?”

Apesar disso, num ponto permaneceu inexorável: – jamais consentiu em ser fotografado. – Somente no leito de morte o puderam fazer. Em 1858, o P. Toccanier, de combinação com o escultor Emiliano Cabuchet, resolveu obter a todo custo uma imagem mais fiel de seu santo Cura. Até então os retratos que saíam não eram verdadeiros, pois eram feitos às furtadelas e debuchados de memória. Tratava-se portanto de tirar uma cópia natural e modelar um busto em cera.

Mons. de Langalerie, que a 1º de maio sucedeu a Mons. Chalandon, nomeado bispo de Ain, enviou a Cabuchet uma carta de recomendação. Este escolheu o confessionário como lugar mais propício para se apresentar ao Cura d’Ars. Ajoelhou-se e entregou ao P. Vianney, cuja mão já se erguia para o abençoar, a carta do prelado, que haveria de vencer todos os obstáculos. Recebeu-a o Santo. Levantou-se; abriu a porta e despediu o fingido penitente com esta decisiva resposta: – “Não! Não!... Nem para o senhor, nem para o Sr. Bispo!”

Teve pois que lançar mão de astúcias.. O P. Toccanier reservou para o artista um lugar na igreja, de onde pudesse observar o seu modelo. Cabuchet assistiu ao catecismo do Santo. Ocultou a provisão de cera num grande chapéu, e pensava trabalhar sem ser visto... Tudo ia muito bem quando, passados oito dias do começo daquela manobra, o Cura d’Ars apostrofou-o: – “O senhor aí? Quando deixará de nos distrair, a mim e aos outros?” Mas Cabuchet já havia modelado a cera, e foi o bastante para possuímos aquela fisionomia tão expressiva e tão viva em que ao mesmo tempo se refletem todas as emoções duma alma profundamente sensível.. Quando o busto estava terminado, levou-o para o refeitório dos Missionários. O Cura d’Ars topou-se com a sua própria imagem. Olhou-a... e meio confuso, meio sorrindo, exclamou: – “Ah, isto agora não é um mascarado!” “Quem fez isto” perguntou. Emiliano Cabuchet se apresentou. “O senhor não me obedeceu, disse-lhe em tom mais severo. Posso perdoar-lhe!” O P. Toccanier e os Irmãos que estavam presentes imploraram perdão para o artista... e para a obra de arte. O P. Vianney consentiu em não ser destruído o busto que tão bem o representava, “mas exigiu de Cabuchet a promessa de não o entregar ao público antes de sua morte”.

Desse modo o Cura d’Ars foi humilde até o fim da vida. Jamais quis valer-se mesmo do seu trabalho sobre-humano para receber privilégios. Se foi dispensado de rezar o breviário nos últimos anos de vida, foi devido a uma gestão do seu coadjutor. Parece que sua fama de santidade e experiência das almas haviam de fazê-lo crer que estava isento da obrigação de renovar cada ano, conforme o exigiam as regras do antigo *Ritual de Lião*, as licenças para ouvir confissões. Pois bem, todos os anos até 1858, fez apostilar as *cartas de poderes*, quer fosse pelo bispo, quer pelo vigário geral.

Temos visto com que humildade se deixava repreender por colegas muito mais jovens e menos conceituados do que ele. Até depois de ter conquistado a veneração de todos os sacerdotes, não deixou de considerar-se inferior; “e os recebia sempre com a maior admiração, testemunhando-lhes profundo respeito e se recomendando às suas orações”.

Viu aproximarem-se de seu púlpito e ajoelharem-se a seus pés no confessionário bispos, pregadores de fama e leigos eminentes. “Prefiro, dizia ele, às visitas de grandes pessoas a de um pobre que me pede esmola”. “Bérenger de la Drome foi consultá-lo, em 1850, sobre dificuldades que lhe pareciam insolúveis”. O Santo imediatamente lhe deu a solução. O magistrado saiu maravilhado. O P. Vianney nem se preocupou de perguntar quem era. Depois de uma entrevista que teve em 1855 com o prefeito de Ain e o comandante geral das tropas do departamento, que o foram felicitar por ocasião de sua promoção a Legião de Honra, disse-lhe o conde Próspero de Garets,: “Senhor Cura, eis nossa Ars recebendo os poderosos da terra. – Eles também são de corpo e alma”, respondeu simplesmente o humilde sacerdote.

O P. Pététot, superior do Oratório, e o P. Combalot, missionário apostólico, de palavra ardente, foram a Ars para ouvir lições de zelo e eloquência. Regressaram admirados. Viram a Mons. Allou, bispo de Meaux, assistir ao Catecismo por oito dias consecutivos, no meio dos demais fiéis. Mons. Dupanloup e o Cardeal de Bonald fizeram uma viagem a Ars para receber os conselhos do Cura d’Ars. “Ao começo ele não parecia dar-se conta de que era objeto de tão piedosa veneração. Recebia-a como se fosse inteiramente para um outro”.

À noite do sábado, dia 3 de maio de 1845, o P. Lacordaire, que desde muitos anos desejava conhecer o Cura d’Ars, chegou incógnito de Lião à santa aldeia. Foi recebido no castelo. Às cinco da manhã dirigiu-se à igreja.

O Cura d’Ars mostrou-se muito alegre ao vê-lo. “Abraçou-o com efusão, apertando-lhe várias vezes a mão e dando-lhe as boas vindas com um sorriso de satisfação”. “Depois, preparou-lhe para a missa o cálice mais precioso e os paramentos mais ricos. Às dez, o ilustre dominicano, sentado na tribuna reservada aos Garets, assistia a missa do P. Vianney. O celebrante fez a prática sobre a *recepção do Espírito Santo*. Lacordaire também assistiu ao Catecismo, que era dado cada domingo, à uma hora da tarde. O pároco pediu-lhe que cantasse as vésperas e pregasse. Isso foi uma decepção para uns peregrinos recém-chegados, que preferiam ouvir o Santo. É que “sua humildade fez descorar o brilho da palavra de Lacordaire”. Enquanto o pregador

falava, diz uma das testemunhas desta cena, o Cura d'Ars "escutava-o com uma atenção que poderíamos chamar devoradora e comovente". Na segunda-feira os sacerdotes dos arredores, reunidos para a conferência eclesíastica, almoçaram no castelo. O P. Lacordaire presidiu a refeição. "O Cura d'Ars lhe pareceu pouco eloqüente, disse um dos convidados ao P. Lacordaire. Respondeu friamente o orador: – Pregou como deve fazer um bom pároco".

Na véspera, o grande pregador dissera em presença do mestre Pertinand: – "Este santo sacerdote exprimiu de uma maneira admirável, ao falar do Espírito Santo, um pensamento que há muito tempo eu procurava".

O Cura d'Ars aproveitou tão honrosa visita para mais se humilhar. "No dia seguinte, refere o P. Raymond, disse-me: "V, Revma. conhece o ditado: *os dois extremos se toquem*. Pois bem, hoje se cumpriu no púlpito de Ars, onde subiram a extrema ciência e a extrema ignorância". "A humildade foi a virtude predileta do nosso Santo. Tinha-a em tão grande estima, diz o Irmão Atanásio, que dela falava constantemente, sobretudo nas instruções... "Sede humildes, sede simples, não cessava de repetir aos Irmãos da Sagrada Família; quanto mais o fordes, tanto maior será o bem que fareis".

Gostava muito de repetir esta história:

– Um dia apareceu o diabo a São Macário. "Tudo o que fazes eu também faço, disse Satanás ao cenobita da Tebaida. Tu jejuas, e eu não como nunca. Tu passas em vigília, e eu jamais durmo. Uma coisa, porém, há que tu fazes e eu não posso fazer.

– Qual é?

- Humilhar-me.

Segundo conta o P. Toccanier, costumava dizer freqüentemente: – "A humildade é entre as virtudes o que a corrente é para as contas do rosário: rebenta-se a corrente e todas as contas caem. Tire-se a humildade e todas as virtudes desaparecem".



Uma alma humilde ama a pobreza e os pobres. "Do Cura d'Ars pode-se dizer com verdade o que de si mesmo dizia S. Francisco de Assis: – que havia desposado a Senhora D. Pobreza. A habitação do P. Vianney era pobre". "Se alguém quisesse pintar a pobreza, não precisaria dum modelo mais perfeito". Já temos visto como foi objeto de murmuração da parte dos colegas por causa de seu porte exterior. Isso aconteceu durante os primeiros anos de vida paroquial. Enquanto o tempo lhe permitiu, isto é, até 1827 ou 1828, ele mesmo cuidou de remendar a sua roupa. E, manejando muito mal a agulha, é fácil avaliar como saíam tais remendos.

"Em suas meias, diz Joana Chanay, havia tantos cerzidos que, sem a menor dúvida, calejar-lhe-iam os pés". Um dia Catarina Lassagne o surpreendeu remendendo as calças. A boa moça ficou parada no portal. "Catarina, disse o Santo em tom de gracejo, pensavas encontrar o teu Cura e encontraste um alfaiate". Antes de começar a concorrência de peregrinos, possuía somente uma batina cujos remendos e cerzidos

não se podiam contar. Esta pobreza voluntária um dia o pôs em grande aperto. Era inverno. Regressava duma paróquia vizinha, situada na região dos brejos. Estava molhado até à medula dos ossos. e muitas vezes caíra na lama do caminho. Sabia muito bem que ir para casa daquela maneira, onde não tinha roupa para mudar, era uma imprudência mortal. Chegou em casa de um seu paroquiano a quem confessou o aperto em que se achava. Este, comovido até às lágrimas, apressou-se em ajudá-lo. Emprestou-lhe uma veste e pôs a batina a secar junto ao fogo. Quando se multiplicaram as visitas dos peregrinos, convenceram-no de que não era conveniente trajar mais um vestuário tão miserável. Então aceitou o presente que lhe fizeram de duas batinas. Guardou a melhor para usar nas grandes festividades, mas a mais pobre era a sua preferida. Usou-a por muito tempo e não se envergonhava de vesti-la para as cerimônias: "Uma batina velha, dizia ele, fica muito bem. debaixo duma casula bonita". Por ocasião duma visita pastoral, esqueceu-se de por a melhor batina. "Não me dei conta, disse depois ao Ir. Atanásio. Fiquei muito arrependido".

Nunca consentiu em possuir mais de duas batinas. Algumas pessoas lhe ofereciam uma nova em troca da velha (era uma maneira de adquirirem uma preciosa relíquia), mas viam recusados seus presentes. Outras vezes deixavam-nas no seu quarto sem lhe dizer nada, Ele as distribuía entre os Irmãos. Foi assim que o Ir. Atanásio recebeu três batinas.

Durante os três últimos anos de vida, conforme testemunha o P. Beau, seu confessor, via-o "sempre simples, mas com as vestes eclesíásticas completas". Nunca usou capa. "Em Trévoux, por ocasião do jubileu de 1823, compraram-lhe uma, mas ele deu-a a um pobre. Usava a mesma batina tanto em dezembro como em junho. No inverno procurou-se meio de forrá-la sem que ele percebesse.

A casa paroquial estava em relação com o morador. O pequeno pátio que lhe ficava em frente achava-se coberto de relva como os prados. Nasceram ali três sabugueiros. O Cura d'Ars chamava-os com graça, o seu *Bosque de Boulogne*. Mas pode-se perguntar se lhe desfrutou alguma vez a sombra ou respirou o perfume de suas flores. As paredes começaram a perder a cor branca e a se esburacarem. A força de pedidos o conde de Garets conseguiu rebocá-las e caiá-las. "Estou muito bem aqui, dizia ele. Quando vier um novo cura, que cuide da casa e faça o que mais lhe agradar".

Seu quarto estava, em parte, esburacado.

Foi necessário que o *maire*, aproveitando uma saída, mandasse reparar o mais urgente. Como não houvesse mais móveis, as outras peças da canônica ficaram abandonadas. As persianas das janelas estavam desconjuntadas e os vidros quebrados. Uns espinheiros invadiram a parte baixa da cozinha e um rebento lançou raízes e se emaranhou pela chaminé acima. Em redor da casa do Santo "reinava completa decadência".

Os objetos de seu uso foram reduzidos ao estritamente necessário. Para as refeições bastava-lhe uma tigela e uma colher. "Ofereceram-lhe, diz Catarina Lassagne, três ou quatro xícaras muito bonitas. Um dia andei procurando-as no seu quarto e não

as podia encontrar. Da minha parte culpava os ladrões ou as pessoas piedosas que vinham em busca de relíquias, quando vi num canto alguns pedaços delas. Joana Maria Chanay, que me acompanhava, disse ao servo de Deus: – “Senhor Cura, olhe como quebrou as xícaras!” Riu-se ligeiramente, mas depois em tom mais grave acrescentou: “Então, nunca poderei ter a pobreza em minha casa”

Jamais deu um vintém as diretoras da *Providência* para que lhe comprassem coisas especiais. As pessoas caritativas lhe forneciam a alimentação. Nem uma só vez pareceu estar solícito pelo dia de amanhã. Quanto dinheiro não lhe passou pelas mãos! “Recebeu somas consideráveis, mas converteu-as todas em boas obras”. “O dinheiro parecia queimar-lhe os dedos”. Destinou grande parte do mesmo para socorrer os pobres. Ria-se e se compadecia ao mesmo tempo dos que acumulavam dinheiro. “Bem se poderiam comparar com quem quisesse encher um saco de neblina ou melhor, com quem amontoasse abóboras para ajuntar um tesouro e, ao chegar o inverno, as encontrasse podres”.

“Sr. Cura, dizia-lhe Catarina Lassagne, V. Revma. tem um cheque sobre a mesa. Cuide de não lançá-lo ao fogo. – Muito pouco perderíamos, respondeu-lhe friamente”. Na noite antecedente havia acendido uma vela com uma carta cujo conteúdo era um cheque de 500 francos.” Encontrando o P. Dubouis, cura de Fareins, disse-lhe: “Meu amigo, hoje fiz cinzas de grande valor... E referindo o acontecimento, acrescentou: “Seria pior se tivesse cometido um pecado venial”.

“Seu coração, diz o conde de Garets, se compadecia de todos os miseráveis... Amava ternamente os desventurados. Por eles se despojava de tudo: dava e dava sem cessar. Para poder dar esmolas vendia quanto lhe era possível: seus móveis, sua roupa e os mais insignificantes objetos do uso próprio”.

Sua caridade era inesgotável. Diz o Ir. Atanásio: – “Confesso que muitas vezes antes mesmo do dia raiar, já havia distribuído mais de 100 francos em esmolas. O bolsinho de sua batina, onde punha o dinheiro para os pobres, chamava-o rindo: o *bolsinho da naveta*, porque as moedas entravam e saíam continuamente. A noite contava o que ele chamava seus *benefícios*, ou seja algum dinheiro que lhe restava. Se nada tinha, pedia emprestado, pois não queria deixar sair um pobre sem esmola. Contudo, não dava dinheiro à toa. Se consentia deixar-se explorar – pois isso é patrimônio de quantos praticam o bem – ao dar esmolas não agia sem discernimento. Para isso também lhe servia o dom da intuição, pois, de ordinário, mostrava-se mais generoso para com os que eram vítimas de necessidades mais imperiosas. Nos últimos anos de vida pagava o aluguel ao menos para umas trinta famílias, quer em Ars, quer nos arredores. Todos os anos, ao se aproximar a festa de S. Martinho, procurava economizar, tornando-se quase “avaro”. “É mister que eu pague os meus *arrendamentos*”, dizia ele. Algumas famílias mais necessitadas recebiam dele lenha e farinha. Por muito tempo uma senhora de Villefranche vinha cada semana pedir-lhe pão para os filhos.

Com uma grande delicadeza sabia amenizar as suscetibilidades dos pobres. Adiantava a soma necessária às pessoas que vinham estabelecer em Ars pequenas

casas de negócio, e quando falavam em Iha restituir, dizia: “Eu não empresto, eu dou. Acaso Deus não deu antes a mim?” Em seu guarda-roupa punham poucas camisas de cada vez. Sem esta precaução as teria dado todas de uma só vez. “Ponha mais, dizia ele inexorável a Catarina Lassagne. Isso dava lugar a que os pobres esmolambados subissem ao seu quarto, onde mudavam de camisa. No inverno acendia-lhes um bom fogo. “E, enquanto aqueciam o corpo, diz deliciosamente Catarina Lassagne, ele tratava de aquecer-lhes as almas com o fogo do amor divino”. Alguns dos íntimos se lhe ofereciam para distribuir as esmolas em seu nome; mas os indigentes desejavam que fosse ele próprio. “Chamava-os *meus amigos* com uma voz tão doce que se retiravam muito consolados”. “Que felizes somos, dizia ele, em virem os pobres a nós; se não viessem teríamos que ir buscá-los. E nem sempre haveria tempo para isso”.

Aproveitava toda a ocasião para consolar os atribulados. Um dia, quando se encaminhava para o orfanato onde ia explicar o catecismo encontrou um pobre com os sapatos muito rotos. Deu-lhe o seu próprio calçado e foi para a *Providência* procurando ocultar as meias sob a batina. “Uma manhã, conta Joana Chanay, mandei-lhe um par de sapatos forrados e completamente novos. Qual não foi a minha admiração ao vê-lo à tarde com uns sapatos velhos, de todo imprestáveis. Esquecera-me de tirá-los de seu quarto. Perguntei-lhe gracejando: – V. Revma. já deu os outros? – Talvez que sim, respondeu-me tranquilamente”.

Em janeiro de 1823, por ocasião da grande missão de Trévoux, em que o P. Vianney confessou dia e noite, seus colegas vizinhos juntaram dinheiro para lhe comprar umas calças! Esta peça de roupa era de veludo muito bom e muito lhe teria durado. Um sábado à noite, voltando para casa a pé como sempre, ao lado dos *Bruyeres*, encontrou-se com um pobre quase nu que tremia de frio. “Espera, amigo”, disse-lhe o P. Vianney. Escondeu-se então atrás de uma cerca., reaparecendo logo depois com as calças novas na mão. O pobre apressou-se em vesti-las. Poucos dias depois, na casa paroquial de Trévoux, perguntaram ao Cura d’Ars se estava satisfeito com o presente. “Ah! Sim, respondeu em tom de troça, fiz delas um bom presente: um pobre pediu-mas emprestadas”.

Tinha muita compaixão da pobre Bichet, infeliz cega de Ars que vivia ao lado da igreja. Preferia-a aos demais pobres “porque podia dar-lhe esmolas sem que ela soubesse quem era o benfeitor”. Aproximava-se dela devagarinho, depositava comida ou dinheiro em seu avental e se retirava sem dizer nada. A pobre cega, pensando que fosse alguma vizinha, dizia cada vez: “Obrigada, minha amiga, muito obrigada”. O Sr. Cura saía rindo gostosamente.

A caridade do Cura d’Ars transpôs as fronteiras e para isso teve mensageiros. “Fui uma vez a Lião, diz Maria Filliat, a fim de entregar 100 francos à uma família necessitada... Um dia, aborrecido consigo mesmo porque lhe parecia não ter dado o necessário à uma pobre de Saint-Didier, encarregou-me de levar-lhe 15 francos. Mais de uma vez enviou-me às paróquias vizinhas com semelhante encargo”.

Os pobres que estavam de passagem, quase sempre exigentes e incivis,

encontravam nele benévolo acolhimento. “Há pobres fingidos, dizia-lhe o P. Toccanier. V. Revma. forçosamente se há de enganar dando a qualquer um que se apresente. – Dando a Deus, respondeu-lhe o Santo, ninguém se engana”. Uma ex-pensionista da *Providência* furtou algumas roupas do orfanato e certa quantia de dinheiro da sacristia. Foi presa e metida no cárcere. O P. Vianney deu em vão muitos passos para livrá-la desta pena vergonhosa. Ao ser posta em liberdade foi pedir esmola ao Cura d’Ars. Compadecido de sua situação, despediu-a provida de vestidos e dinheiro.

Depois de tudo isso compreende-se a fama do P. Vianney no mundo da miséria. “Não podia sair à rua sem se ver escoltado por uma multidão de pobres”. Ars se havia convertido em ponto de reunião geral para os indigentes. Alguns paroquianos, incomodados por terem que albergar a tantos infelizes e nem todos igualmente recomendáveis, queixaram-se ao *maire*. “É o defeito do Cura d’Ars”, diziam eles. O conde de Garets transmitiu-lhe estas queixas. “Acaso não disse Nosso Senhor, respondeu o Santo: “Sempre tereis pobres entre vós” E insistiu para que nenhum deles fosse afastado da aldeia.

É que ele dedicava aos pobres uma estima completamente sobrenatural, inspirada no Evangelho. Via neles a imagem de Nosso Senhor, o divino Pobre que santificou a pobreza. Por estas razões gostava de contar nas explicações do catecismo alguns casos, em que Jesus apareceu em forma de pobre. A história da vida de S. João de Deus percebendo as chagas de um pobre a quem socorria e exclamando: “Sois vós, Senhor!” fazia-o chorar cada vez que a contava. Eis um último fato que demonstra a veneração com que o Cura d’Ars tratava a pobreza.

Certo dia de verão, um pouco antes das 12 horas, o Cura d’Ars, sentado em sua pequena cadeira, catequizava uma multidão de peregrinos. O povo se apinhava até à porta da igreja, quando chegou um pobre carregando alforjes e apoiado em muletas. Queria entrar, mas era impossível!... O Sr. Cura viu-lhe as inúteis tentativas. De repente se levanta, atravessa a multidão e por entre as apertadas fileiras conduz o mendigo pela mão. Em toda a igreja não havia lugar desocupado. Onde poderiam descansar os membros fatigados daquele pobre de Jesus Cristo? Um santo não se embarça com tão pouco: o Cura d’Ars fez o pobre subir ao seu estrado, de onde se dominava todo o auditório, dizendo alegremente: “Eia!” e continuou falando de pé.

Esta cena não parece copiada do *Poverello* de Assis?

## No cume da santidade

### III. As virtudes heróicas: paciência e mortificação

*PACIÊNCIA – A virtude “mais admirável” do Cura d’Ars Sob o insulto – No meio das importunações da turba – O Cura d’Ars e o P. Raymond – A paciência e as enfermidades corporais – MORTIFICAÇÃO – “Mais admirável que imitável” – O mais duro instrumento de penitência: o confessional do Santo – A imolação de todo o homem, – As disciplinas, o cinto de ferro, o cilício – Os jejuos do Cura d’Ars – O modo como tratava os Hóspedes – A homenagem de um caruxo.*

O amor à pobreza e aos pobres tinha raízes no próprio temperamento do Cura d’Ars, pois ele era naturalmente bom. Mas há outra virtude – a paciência – com a qual parece não ter nascido. Se não houvesse adquirido esta virtude à força de heróicos e perseverantes esforços, teria sido rude e violento. E sem dúvida chegou nesse ponto a tal grau de domínio, “que a doçura do seu caráter fazia crer que ele carecia de paixões, sendo incapaz de se irritar”. “As pessoas, porém, que tratavam com ele mais de perto notavam logo que tinha a imaginação viva e o caráter violento”.

Dizia do púlpito: “Meus filhos, queixai-vos de não poderdes praticar a paciência. Ah! meu Deus, de impaciência todos nós temos um pouco”.

“Sr. Cura, perguntou-lhe o P. Raymond, como pode ficar tão calmo com a impetuosidade de seu caráter?

– Ah! meu amigo, a virtude requer esforços, contínuas violências e sobretudo o auxílio de Deus.

Na verdade, teve que trabalhar longo tempo e sofrer muito para adquirir a paciência que nele admiramos. “Por isso, diz o conde de Garets, esta foi a virtude que nele mais admirei e mais me impressionou. Não creio que seja possível praticá-la em grau mais elevado... Via-o sempre o mesmo, amável, fossem quais fossem as maneiras usadas para com ele”.

– Creio, acrescenta o Ir. Atanásio, que se a virtude não o tivesse dominado por completo, facilmente se encolerizaria. Via-se obrigado a se conter e violentar com energia. Em algumas ocasiões, quando o importunavam pessoas fastidiosas, torcia o

lenço que costumava trazer na mão, e eu me afligia em ver o esforço que ele se impunha para dominar a impaciência. Para conhecer tais esforços era necessário que alguém fosse seu íntimo familiar.

“Era muito sensível”. Experimentava antipatias involuntárias, mas cobriu-as com o véu da caridade. “Estamos convencidos, diz Marta Miard, de que ele tinha de se fazer violência em presença de certas pessoas, mas nunca o deixou transparecer”. A única coisa que nele se notava quando alguma tempestade lhe agitava a alma “era certa alteração do rosto; uma espécie de relâmpago que lhe fuzilava nos olhos”. Neste estado ficou por uns momentos no dia em que foi nomeado cônego, quando o Ir. Atanásio lhe pediu que se assentasse na cadeira com a sua murça.

O Cura d’Ars deu provas estupendas de paciência.

– Um dia, conta João Pertinand, surpreendemos, sem o P. Vianney saber, um menino da paróquia, quando tentava apoderar-se das esmolas da missa. O *mair*e e eu fomos avisar os pais da criança. A mãe do ladrãozinho, julgando ser o Cura d’Ars que havia denunciado o menino, foi no dia seguinte à sacristia, onde lhe fez as mais amargas reprimendas. Estava eu na igreja, de pé, junto à porta ouvindo aquela chuva de impropérios. “A senhora tem razão, contentava-se em responder o bom do Sr. Cura. Reze por minha conversão”.

Ouvi dizer, refere Catarina Lassagne em seu *Petit mémoire*, que nos primeiros tempos que estive na paróquia, um homem foi à sua casa e o insultou. Ele o ouviu sem dizer palavra. Depois, por deferência, quis acompanhá-lo e abraçou-o ao se despedir... O sacrifício causou-lhe tanto esforço que a custo pode subir ao quarto, tendo que se deitar na cama. Durante alguns momentos apareceu coberto de manchas...

Vimo-lo várias vezes, quando alguém o tratava com aspereza, conservar a calma, mas em seguida o seu corpo era tomado de um certo tremor. “Quando vencemos uma paixão, dizia ele, temos que deixar os membros tremer”.

Uma vez, conta Joana Maria Chanay, aconteceu alguma novidade na *Providência* que o contrariou fortemente. “Se eu não me quisesse converter, disse-nos, deveras me incomodaria”. E ao pronunciar essas palavras conservava toda a serenidade.

Lembro-me, conta André Treve, mas não posso precisar a época, nem o lugar, em que um dia lhe deram uma bofetada ao que respondeu: “Meu amigo, a outra face está com inveja!”

Essa admirável paciência manifestou-se de modo especial entre a multidão. Na verdade, era ali onde encontrava ocasião, sempre nova, de perpétua renúncia. Os que se queriam aproximar dele ansiavam por vê-lo e os que já tinham visto queriam vê-lo outra vez. “Em torno de sua pessoa, diz o cônego Gardette, formavam-se como que correntes opostas que se agitavam em todos os sentidos... Mas, coisa admirável! comprimido e quase sufocado, parecia um anjo de caridade e doçura. Em sua fisionomia estampava-se o cansaço físico, mas nunca as impressões da baixa natureza. E no entanto, o seu temperamento tão enérgico e sensível devia sentir vivamente as contrariedades. Conhecia a brevidade do tempo e as misérias reais de tantas almas e

tal pessoa o entretinha com as suas eternas repetições; outra lhe contava as coisas mais insignificantes... Mas tinha para com todos uma caridade tão suave e tão paciente que cada um se retirava satisfeito”.

Aconteceu mais de uma vez que o chamássemos à sacristia quando cinqüenta ou mais pessoas cercavam o seu confessionário. O Santo dirigia-se para lá e “escutava a todos sem sinal de impaciência, apesar de o haverem tirado de suas ocupações para lhe dizerem coisas de pouca importância”. No momento em que tinha mais penitentes para atender, vimo-lo sair do confessionário três vezes para dar comunhão a três pessoas diversas que muito bem se poderiam ter apresentado ao mesmo tempo; e isso sem queixa da sua parte, sem murmuração e sem observação de espécie alguma. Pareceu isso tão duro a uma testemunha desta cena que saiu zangada da igreja, dizendo a quantos lhe queriam ouvir: “Estou zangado porque o Cura d’Ars nunca se zanga! “O P. Toccanier, vendo-o tão calmo, disse-lhe: “Mas, Sr. Cura, se os anjos estivessem em seu lugar, aposto que se incomodariam!... Vejo-me obrigado a fazê-lo por V. Revma.”.

Um dia, foi em 1854, ao sair do catecismo, enquanto passava da igreja para a casa paroquial, teve de suportar tais importunações, – uns queriam cortar-lhe um pedaço da sobrepeliz, outros o cabelo – que algumas pessoas cheias de indignação lhe disseram: “Senhor Cura, V. Revma. deve mandar esta gente embora... Se eu estivesse no seu lugar, ficaria doido...”

– Ah! meu Deus, respondeu o Santo, faz trinta e seis anos que estou em Ars, e ainda não me zanguei; agora, estou muito velho para começar”. Foram vistos sacerdotes maravilharem-se com o espetáculo desta paciência. O P. Gérin, cura da catedral de Grenoble, a quem o P. Vianney chamava “seu primo”, ficou horas inteiras a contemplá-lo, todo bondade e paciência, comprimido pela multidão que o cercava. “

– Observei-o bem de perto, refere o cônego Tailhades; para ver se podia descobrir nele algum movimento de impaciência, porém jamais o consegui. Em meio das maiores importunações, sempre o encontrei calmo, sempre risonho, sempre inalterável. Ao fazer-lhe notar sua calma e paciência, respondeu-me: “Que ganharia com enfurecer-me? Oh! faz muito bem um sacerdote que se oferece a Deus em sacrifício todas as manhãs!”

O mais difícil para uma virtude, como a paciência, é manter-se igual e perfeito, quer no meio das multidões, quer entre as pessoas cujo contacto quotidiano é irritante e molesto. Aí está a pedra de toque da paciência e os mais belos triunfos. Pois bem, nosso Santo teve que sofrer durante 8 anos (de 1845 a 1853) os caprichos de um sacerdote a quem a ingénua e sutil Catarina Lassagne considerava como “enviado de Deus para exercitar a paciência de seu fiel servo”. Nomeado coadjutor do P. Vianney, “considerava-se sobretudo como seu tutor”. Apesar disso, “era um bom sacerdote, muito correto no cumprimento de seus deveres”.

Tinha vinte anos menos que o P. Vianney e este lhe havia pago a pensão no seminário. Mas o P. Raymond “carecia de certo juízo prático”. Desde sua chegada

achou-se bem, junto ao P. Vianney. Instalou-se sem nenhuma cerimônia no quarto do Cura, ao passo que o santo varão “se conformou com um quarto úmido e escuro no andar térreo”.

Como, porém, os paroquianos começassem a falar, dizendo “que era um escândalo o Sr. Cura ser tirado de seus cômodos” “, o P. Vianney recuperou seu quarto e o P. Raymond foi morar numa casa da aldeia.

O recém-chegado, que o P. Vianney pedira como auxiliar, só pensava em suplantá-lo, tomar a direção da peregrinação e chegar um dia a ser *Cura d’Ars*. “Não via que na ausência do Santo a aldeia voltaria à obscuridade de antes de 1818. Brusco, irrefletido nas suas decisões, jactando-se de sábio e eloqüente, tratou aquele que lhe fora benfeitor e que lhe era então superior jerárquico “com dureza, sem nenhuma atenção e sem o respeito devido aos seus anos e à sua santidade”. O que se pode dizer para desculpar o P. Raymond é que “ele não se dava conta de que o fazia sofrer”. Algumas vezes tomou a liberdade de se queixar ao servo de Deus, reprovando-o por não consultá-lo em tudo ou por não dirigir a peregrinação conforme seus caprichos, “chegando ao ponto de contradizê-lo publicamente do púlpito”.

Admite-se facilmente que tal proceder havia de ser muito penoso para a alma sensível e delicada do Cura d’Ars. “Nos primeiros dias, refere Catarina Lassagne, ao ver o coadjutor tão jovem e para cuja instrução tanto havia contribuído, experimentou mostrar-se um pouco severo com tal temperamento tão oposto ao seu. Mas viu que com isso o irritava ainda mais, e se resignou a prevenir seus ímpetos, consultando-o em muitas ocasiões e se acomodando no possível à sua vontade”.

Mais ainda – um milagre da graça e da virtude – o Cura d’Ars terminou amando sinceramente a seu coadjutor. “Sinto não me ter aproveitado bastante de seus exemplos; mas, apesar disso, conto com o paternal e terno afeto que me manifestou”. Assim falava anos depois o P. Raymond.

O Cura d’Ars não podia tolerar que censurassem o seu auxiliar. Defendia-o em todas as ocasiões. “Os peregrinos viam, às vezes, o proceder do P. Raymond e tomavam a defesa do Cura. O Cura d’Ars, pelo contrário, sempre falando bem dele, acrescentava: “Se o molestais, nós ambos iremos embora”. E ao P. Dubouis, cura de Fareins, enviado por Mons. Devie para investigar o comportamento do P. Raymond, o Cura d’Ars dizia: “Oh! deixe-o comigo; ele me diz as verdades”. “Quanto tenho de lhe agradecer, dizia confidencialmente aos seus íntimos. Sem ele me teria ‘custado saber que amo um pouco a Deus!’ V. Revma. não me diz nada, disse mais tarde ao bom e conciliador P. Camelet, superior dos missionários; V. Revma. não me repreende... Não me acho tão bem como antes”. A 24 de outubro de 1848 escreveu a Mons. Convert convidando-o para benzer a capela da *Providência*. Aproveitou a ocasião para fazer a apologia do seu coadjutor:

– Nada tenho que dizer a V. Excia. a respeito do P. Raymond, a não ser que é um bom sacerdote e que merece um lugar no seu coração em troca de toda bondade que ele tem tido para comigo. Não vá acreditar nas más línguas. Tudo é *refinada maldícia*.

Mas não era bastante que um membro do clero fornecesse matéria para críticas

fundadas Várias pessoas piedosas fizeram ver ao Cura d’Ars que aquele estado de coisas já durava demais. O Santo pediu ao Ir. Atanásio que escrevesse em seu nome a Mons. Devie. “Ele mesmo ditou, por assim dizer, o teor da carta, diz o abnegado secretário, e insistiu sobretudo que eu fizesse valer os títulos do P. Raymond para que este obtivesse um bom cargo. Estávamos na Semana Santa. Apresentei o rascunho da carta ao servo de Deus, quando ele passava por detrás do altar. Leu-o; meditou um instante e rasgou-o em quatro pedaços. “Tenho pensado, disse-me, que Nosso Senhor levou a sua cruz durante estes dias e que eu posso muito bem imitá-lo”.

Mais tarde consentiu que o conde de Garets falasse do coadjutor a Mons. Devie. A entrevista teve lugar em Bourg. Mas nesse meio tempo o Cura d’Ars mudou de parecer. Quando o burgomestre falou do assunto com o bispo, este lhe mostrou uma carta que acabava de receber, em que o Santo pedia que lhe deixasse ainda um pouco “o seu querido P. Raymond”.

Graças a Deus, o insuportável coadjutor tomou a iniciativa de solicitar por si mesmo outro cargo. Convencera-se afinal de que jamais chegaria a suplantar aquele sacerdote aclamado pelas multidões. Mons. Chalandon, como temos visto, nomeou-o cura, de Polliat em 1853. Até à morte o Cura d’Ars tratou-o com uma delicadeza excepcional. “Depois de minha partida, diz o próprio P. Raymond, ele me escreveu: – “V. Revma. foi para mim tão útil, prestou-me tantos serviços que me cativou o coração”. “Tive a dita de vê-lo oito dias antes de morrer... Jamais olvidarei a bondade com que me recebeu e com que generosidade me ofereceu uma capa... Logo que me inteirei da gravidade de sua doença, corri a Ars, onde tive o consolo de abraçá-lo pela última vez”. No mesmo dia das exéquias, os missionários pediram ao P. Raymond que compilasse as suas próprias recordações. Com efeito, começou a escrever uma *Vida do Cura d’Ars*, mas não a terminou. Os fragmentos deste manuscrito que ainda se conservam assim como suas declarações no Processo da canonização só respiram admiração e simpatia.

Os sofrimentos do corpo não encontraram no Cura d’Ars menos paciência que os do espírito. Foi provado pelas doenças e por alguns achaques. Não será permitido enumerar, de conformidade com os testemunhos de seus conhecidos, algumas dessas doenças?

Debaixo do braço esquerdo tinha uma ferida. “Algumas vezes os peregrinos., rodeando-o, apertavam-no de modo que o faziam sofrer horrivelmente. Chegou mesmo a dizer: “Mais cuidado... Assim me machucam!”... Mas sem manifestar nenhum descontentamento.

– Por espaço de uns quinze anos, diz o P. Raymond, sofreu de um reumatismo, que contraiu dormindo num quarto frio e úmido da casa paroquial, e isso lhe ocasionava violentas dores de cabeça.

“Oh! quanto soffro!” dizia freqüentemente, levando as mãos a cabeça... A falta de exercícios provocava-lhe entorpecimento na circulação, obrigando-o à sangria todos os anos. Por causa da pregação, contraiu uma hérnia dupla, da qual cuidou muito

tarde. Não se sabia por que, ao sair do confessionário, caminhava encurvado. O médico teve que intervir, e só então soube-se a causa de seu sofrimento.

Se ele nunca se sentava com as visitas, diz o conde Camilo Monnin, era sem dúvida por deferência às pessoas que recebia, mas também por causa das feridas que o atormentavam, feridas que contraira ao permanecer tantas horas sentado no confessionário.

Padeceu horríveis dores de dente. “Pedi-me, diz João Pertinand, que lhe arrancasse alguns com a torquês...”

Ora, até mesmo no tempo em que seu pobre *cadáver*, como chamava o corpo, sentia as mais vivas dores, o espírito permanecia sempre livre. Nada na sua conversação, nem no semblante refletia o sofrimento. “Um dia, afirma o conde de Garets, em que foi à nossa casa para benzer umas construções, sofria horrivelmente. Perguntei-lhe se queria tomar alguma coisa. – “Ah! senhor, respondeu sorrindo, seria coisa muito maçante, se cada vez que um sofre tivesse que tomar alguma coisa!” Mais de uma vez, depois da oração da noite, vimo-lo como que vencido pela dor ocultar-se e desaparecer no púlpito. Mas em seguida se levantava com energia e pregava com o mesmo ardor como se nada sentisse.



A paciência em São João Maria Vianney se nos apresenta como um maravilhoso exemplo.

Mas quanto à sua mortificação não havemos de reconhecer que foi mais admirável do que imitável? Realmente, o atleta do Senhor chegou “até os últimos limites das forças humanas, se é que não os transpôs”.

“O P. Vianney, diz o conde de Garets, é um homem que matou completamente em si mesmo o velho Adão, e que jamais concedeu satisfação alguma à natureza”. E a condessa acrescenta: – “Sua mortificação foi extrema”, constante e universal; abrangeu-lhe toda a vida... A vida de um trapista não é nada em comparação com a sua. Não creio que a penitência cristã possa elevar-se mais alto. O Cura d’Ars fez-nos crer as coisas mais extraordinárias que se narram dos Padres do deserto”. “A prudência humana, diz o P. Dufour, missionário de Pont-d’Ain, talvez se possa admirar de tais macerações e as achar excessivas. Mas o homem que se ofereceu voluntariamente a Deus sentia a inspiração e a assistência divinas”. “No caminho da penitência só custam os primeiros passos”, diz o mesmo santo. Mas no caminho que conduz à ascensão de uma virtude tão difícil é necessário o heroísmo ajudado pela graça.

Na antiga casa paroquial de Ars se conservam como troféu de vitória as disciplinas e os cilícios do P. Vianney. Mas, o seu principal instrumento de penitência não está ali; deixaram-no na igreja: é o *confessionário*.

Pode-se dizer que o servo de Deus ali se crucificou livremente. Foi “um mártir da confissão”, conforme as palavras de uma testemunha de sua vida. Bem poderia ter

fugido dos pecadores, se retirado a um claustro ou ao deserto, mas por amor às almas permaneceu no seu posto. Ele, que passara a juventude no meio dos campos, respirando o ar puro das montanhas da terra natal, nos dias em que o tempo aprazível convida a passear, permanecia naquela caixa, prisioneiro dos pecadores! Coração delicado e sensível, amigo das belezas naturais, percorrera em tempos idos o risonho vale de Fontblin, onde farfalhavam as faias.

Estava separado disso tudo apenas por algumas casas e pelos muros da sua igreja. Entretanto, por trinta anos, privou-se voluntariamente de gozar da frescura, do encanto e das tranqüilas alamedas!

“Algumas horas de confessionário bastam para alquebrar o sacerdote mais robusto. Sai-se dele com os membros entumecidos, a cabeça congestionada e incapaz de fixar um pensamento. Perde-se o sono e o apetite, e a quem quiser passar, todos os dias, longas horas assentado, faltar-lhe-ão às forças”. Pois bem, conforme escreveu a condessa de Garets, o Cura d’Ars se impôs um trabalho que extenuaria seis confessores. “Eis, diz o P. Raymond, que o viu exercer este ministério, eis o que sempre me pareceu milagroso e superior as forças humanas: – Que um sacerdote tão achacado e dum regime tão austero pudesse, de qualquer maneira, passar a vida no confessionário!... A minha saúde, graças a Deus, é excelente, contudo, confesso que me seria impossível suportar tal gênero de vida, durante uma semana, e o mesmo ouvi dizer por outros sacerdotes acostumados a confessar em peregrinações”.

Sim; foi ali entre aquelas tábuas, naquele ataúde antecipado, onde o Cura d’Ars mais teve que sofrer. No verão, “a igreja era como um forno”. “O calor no confessionário, como ele mesmo dizia, dava-lhe uma idéia do inferno”. Algumas vezes tinha que ouvir confissões com compressas na frente, a tal ponto o torturava a enxaqueca. Era por esse motivo que trazia o cabelo muito curto na parte anterior da cabeça. Nos dias de tempestade ou de forte calor, o ar estava tão viciado na estreita nave do templo que o heróico confessor sentia náuseas e não as podia evitar, a não ser aspirando um vidro de vinagre ou de água de Colônia. No inverno, pelo contrário, naquela região de Dombes, sobretudo quando sopra o vento dos Alpes, até as pedras se fendem. Muitas vezes, refere o P. Dubouis, desmaiou no confessionário, ora por causa do frio, ora por causa de suas enfermidades. Perguntei-lhe uma ocasião: “Como pode V. Revma, estar tantas horas assim num tempo tão cruel, sem nada para lhe aquecer os pés?”

– Ah! meu amigo, é por uma razão muito simples: Desde Todos os Santos até a Páscoa, não sinto que tenho pés”.

O cônego Aleixo Tailhades, de Montpellier, que passou com ele parte do inferno de 1838, conta que “os pés do pobre Cura se achavam tão lastimados que a pele dos calcanhares saía nas meias quando à noite se descalçava”. Para atenuar a dureza da tábua em que se assentava, experimentaram colocar sobre ela umas almofadas de palha. Ele as rejeitou.

No fim de sua vida, durante o inverno de 1857 e 1858, foi necessário lançar mão

de certas astúcias para evitar as inclemências do frio: Escondiam todas as noites debaixo do confessional um fogareiro de brasas, as quais iam sendo renovadas durante o dia. “Passou muito tempo sem que ele descobrisse isso; mas quando deu por tal, deixou que assim continuassem porque estava vendo que a sua saúde ia mingando dia a dia”. Na sacristia, onde confessava os homens, às vezes teve que queimar papel para esquentar as mãos. O P. Toccanier só pôde conseguir licença para acender uma estufa, fazendo ver que os ornamentos emboloravam naquele lugar tão frio e úmido. Por muito tempo viveu sem aquecimento no quarto. Nos últimos 15 anos de vida, cada noite de inverno, Pertinand ou algum dos Irmãos procuravam adiantar-se e acendiam-lhe um bom fogo na estufa. “

”Infelizmente, conta Pertinand, uma vez chegado a seu quarto, não podia mais reaquecer-se e seu sono devia ser muito perturbado, Assim, ao chegar a primavera, deduzia-se de algumas das suas expressões que era para ele como para toda a natureza uma época de nova vida e de alívio”.

A assiduidade do P. Vianney no confessional e os sofrimentos que nele suportava teriam bastado para fazê-lo alcançar um grau de alta santidade. Mas buscando as mortificações com o mesmo ardor com que outros buscam os prazeres, jamais estava saciado de penitência. Impôs-se o sacrifício de nunca olhar para uma flor, de não comer frutas e de não tomar uma gota de água em dias de grande calor. Jamais espantava as moscas que lhe pousavam na frente. Permanecia ajoelhado sem apoio algum. Impusera-se a lei de nunca manifestar os desgostos e de ocultar todas as repugnâncias da natureza. Dominava a curiosidade ainda a mais legítima: nem sequer manifestou o desejo de ver a estrada de ferro que passava a poucos quilômetros de Ars, e que cada dia trazia para ele tão grande número de peregrinos.

Seu coração estava sem pecado, e contudo, por espaço de quarenta anos jejuou e se flagelou pelos pecadores. Vimo-lo no princípio do seu apostolado como tomava sangrentas disciplinas para obter de Deus a conversão de seus paroquianos. Quando estes se converteram, não deixou, apesar disso, que seus instrumentos de penitência se enferrujassem. Sem dúvida, a diminuição das forças obrigou-o a servir-se menos deles e a tratar com menos crueldade o seu *cadáver*. Algumas vezes teve que fazer intervalos entre as flagelações e deixar que as feridas cicatrizassem para poder novamente se flagelar. Em 1859, graças à cumplicidade de Catarina Lassagne, o P. Tailhades “revistou-lhe escrupulosamente o quarto”. “Terminei, diz ele, descobrindo uma disciplina de arame muito forte que se achava escondida na cabeceira da cama, debaixo da cortina”. O Ir. Atanásio, que mais tarde fez descoberta semelhante, declarou que “a dita disciplina demonstrava visivelmente ter sido usada. Alguém retirou-a de lá, mas o P. Vianney não sossegou até arranjar outra”. E acrescenta o Irmão: “Tive ocasião de ver uma que ele mesmo fez. Era feita de correntes muito grosseiras. A cada golpe necessariamente deveria entalhar-se-lhe na carne”.

Pedira sucessivamente a várias pessoas que lhe comprassem umas correntes., sem dizer para que fim, mas que logo adivinharam. Maria Filliat, professora da *Providência*, ao sair um dia para Trévoux, negou-se a aceitar semelhante encomenda.

O P. Vianney teve que recorrer a um pobre rapaz bastante ingênuo que lhe dizia de vez em quando: “Oh! Sr. Cura, na verdade, isto é exagero”.

Julgando talvez que João Picard, o ferreiro de Ars, nada suspeitasse, encarregou-o de fazer uma corrente de ferro de quatro a cinco centímetros de grossura, e bastante comprida, que desse para cingir o corpo... “Nunca teria imaginado, diz o referido operário, que essa corrente se destinasse a tal uso. Pensei que se tratasse do relógio da torre, então em conserto. Mas um dia de Páscoa o Sr. Cura sentiu-se mal na igreja e ajudei a levá-lo para casa. Ao lhe tirar a batina para colocá-lo no leito, vi a minha corrente ao redor de sua cintura.

Trazia em cada braço um bracelete de ferro eriçado de pontas agudas. “Pela rigidez de seus movimentos e pela maneira como se movia, no púlpito e no altar, era fácil ver, diz a senhora de Garets, que estava coberto de cilícios e de outros instrumentos de penitência”. Uma vez o cilício produziu-lhe uma ferida que causou inquietação pelo perigo da gangrena.

Tais mortificações só faziam debilitá-lo ainda mais. Como poderia este sacerdote manter-se em pé “quando vivia daquilo que a outros faria morrer”? Depois das “suas loucuras da juventude”, daqueles jejuns completos de dois ou três dias, que a princípio se impunha, resignar-se-ia, em vista de sua debilidade e de seu trabalho, a tomar o alimento necessário? Assim esperavam Catarina Lassagne e suas companheiras, quando no ano de 1827 lhes disse que, dali em diante, passaria a tomar as refeições na *Providência*. Pura ilusão! Se consentiu em comer todos os dias era contudo muito pouca coisa. O jejum, até então nunca interrompido, continuou da mesma maneira. De ordinário, ao meio-dia, entrava na cozinha do orfanato, e ali num canto do fogão esperava-o uma tigela de leite ou sopa. Quase sempre nem chegava a saborear a comida. Às vezes, além da sopa, comia alguns gramas de pão torrado. Durante muito tempo não tomava nada pela manhã. Em 1834, estando muito fraco, foi obrigado por Mons. Devie a tomar um quebra-jejum. Desde então, depois da missa, sorvia um pouco de leite, mas nos dias de jejum nem disso se servia.

”Nas quaresmas de 1849, 1850 e 1851, diz o Irmão Atanásio que ele comia só uma vez por dia”. Foi visto aceitar algumas vezes um pouco de sobremesa, ou seja, um pouco de doce; mas nos últimos anos também disso se absteve. Até à sua grave doença de 1843, nunca tomava nada à noite.

De 1854 a 1859, por determinação do médico Saunier, teve de se submeter a certas mitigações, julgadas absolutamente necessárias. “Agora que me obrigam a comer, dizia ele, não me acho tão bem quando me confesso”. Acusava-se de glotonaria! Quais eram então suas comidas mais suculentas Seu próprio confessor nos vai dizer,

– Assisti a algumas de suas refeições, conta o P. Beau. Eram-lhe servidas no quarto, depois que as Irmãs tomaram conta da *Providência*. Nunca se assentava. Sobre uma mesa sem toalha, estava um prato de barro contendo legumes, uma vez ou outra dois ovos, quando estava muito cansado, um pouco de carne (não comia carne sem primeiro pedir-me licença). Uma bilha com água; uma garrafa de vinho e um pedaço de pão. Em menos de dez minutos a refeição estava terminada. O P. Vianney

comia de maneira a não sentir o gosto, e sempre deixava no prato a metade do que se havia servido. Durante a comida tomava um pouco de água tinta com vinho, e do pão só tirava uns bocados... Fiquei admirado ao ver tão excessiva sobriedade.

Quinhentas gramas de pão lhe duravam mais de uma semana. “Vi um dia em seu aposento, refere o Sr. Camilo Monnin, um pãozinho com aparentes sinais de ter sido roído por um rato; de fato, era um pedaço de pão que o servo de Deus havia tomado para alimentar-se durante uma grande parte do dia”.

Chegou um tempo em que ele, por fraqueza de estômago, viu-se obrigado a comer mais do que de costume. Durante os primeiros anos, nos jantares das conferências sacerdotais, dos quais se encarregavam com muito gosto os castelões, “tomava, diz a condessa de Garets, regular alimentação”. Mas em breve conseguiu que o dispensassem de assistir ao banquete, o que considerou como “um grande favor”. Escusou-se dizendo que o esperavam no confessionário e que queria contentar a *sua gente*.

A condessa – viúva de Garets – contava que num jantar oferecido a Mons. Devie pelos castelões de Ars o prelado quis ter ao lado o seu “querido Cura”, obrigando-o a comer com os demais convidados. Submeteu-se o Cura d’Ars, mas depois teve uma terrível indigestão da qual quase morreu: “Seu estômago, diz João Batista Mandy, só estava acostumado com a abstinência”. Depois daquele jantar, Mons. Devie permitiu-lhe seguisse livremente o seu regime ordinário.

Esse regime o P. Vianney nunca o impunha às pessoas que recebia em casa. Certamente, a princípio, as comidas que lhes serviam na casa paroquial eram mais modestas; por isso convinha que os visitantes antes de se assentarem à mesa procurassem algumas provisões. Depois da fundação da *Providência*, confiou às jovens diretoras o cuidado dos hóspedes. “Quando minha neta estava para se casar, diz Margarida Vianney, que já era avó, fui visitar meu irmão, alguns dias antes do casamento. Encarregou então a Catarina de preparar um modesto jantar. Ele mesmo sentou-se à mesa com seus parentes, e naquele dia, saindo da habitual austeridade, comeu um pouco de cada prato”.

– Quando levávamos trigo, lenha ou outras provisões para a *Providência*, refere Guilherme Villier, nos recebia e tratava muito bem; servia-nos à mesa e lavava os pratos; insistia muito em nos fazer aceitar seus obséquios. Brindava alegremente conosco, mas nunca bebia. Jamais podemos convencê-lo a beber.

A partir de 1854 a comida que se fazia nos dias de conferência eclesiástica para os sacerdotes era servida na casa dos missionários e não mais no castelo.

– Na última reunião, efetuada em vida do Cura d’Ars, refere o Irmão Atanásio, muitos sacerdotes me disseram: “Recebemos a melhor comida do cantão”. À tarde o P. Toccanier contou ao Cura d’Ars que ele pessoalmente havia dirigido a preparação da comida para deste modo satisfazer os Revmos. Padres. “Tanto melhor, respondeu o servo de Deus; é assim que sempre deverá proceder; quando recebemos colegas, havemos de obsequiá-los. Em Ecully, quando estávamos os dois sozinhos vivíamos do

que havia; tudo nos sabia bem; mas se chegasse algum hóspede, podia estar certo de um excelente acolhimento... Ah! o P. Balley era tão bom...

Entretanto, durante aquela refeição de que falava com tanto agrado o Cura d’Ars, terminou em cinco minutos, a sua, sobre a mesinha do quarto.

“Para chegar à essa sobriedade excessiva ter-lhe-ia custado horrivelmente”. Assim se expressou o conde de Garets, testemunha emocionante de uma existência totalmente mortificada.

E se para apreciar o Cura d’Ars penitente é mister ouvir um especialista em matéria de penitência, eis aqui um padre da Grande- Cartuxa: “Vemo-nos obrigados a confessar, nós os solitários eremitas, monges e penitentes de toda classe, que não nos atrevemos a seguir o Cura d’Ars senão com o olhar de nossa afetuosa admiração, e que não somos dignos de beijar os seus pés, nem a poeira de seus sapatos”.

## As intuições e as predições do Cura D'Ars

*Os olhos de um "vidente" – O dom sobrenatural da intuição – Como o Cura d'Ars "via" e "sabia" – Intuições e predições diversas sobre vocações ao matrimonio ou à vida religiosa; sobre os acontecimentos futuros felizes ou infelizes – Fatos de visão a distância – Penetração das consciências – O Cura d'Ars e os destinos das comunidades e obras religiosas – Profetizou o Cura d'Ars grandes acontecimentos – Anunciou as peregrinações – A guerra – Suas predições sobre Pio IX, Napoleão III e o príncipe imperial – O futuro da Companhia de Jesus e a conversão da Inglaterra – Existe alguma profecia sobre o futuro de Ars?*

A 3 de setembro de 1856, o conde de Tourdonnet, que tinha o seu castelo em Correze, foi a Ars, com uma de suas criadas, a qual era surda. Ainda que não tivesse fé, como muitos homens de sua geração, quis o viajor solicitar do "pretensso" taumaturgo a cura da pobre moça. Entrou na igreja, mas desejando falar a sós com o Cura d'Ars, fez sinal à Maria – era este o nome da criada – para que ficasse junto à porta principal. Depois de muito esperar, conseguiu ver o servo de Deus que naquela hora confessava na sacristia. "Senhor Cura, perguntou ele, poderia V. Revma. curar minha criada! – Ah! sim, replicou o Cura, a Maria que está no coro? – Desculpe, Sr. Cura, mas ela está junto à porta da igreja!...

Qual dos dois se enganava o humilde Cura de aldeia, que via aquela moça no coro ou o cavalheiro, seu senhor, que sabia estar ela no fundo da nave?...

É verdade que o Cura d'Ars havia designado pelo nome a pobre surda sem que o Sr. Tourdonnet lho houvesse dito. Mas isso podia ser uma casualidade; há tantas criadas que se chamam Maria!...

Sem demora o conde quer esclarecer o equívoco. Dirige-se à pia de água benta. Maria ali não está. Sai, e Maria não é encontrada entre os peregrinos que vão e vem. O Sr. Tourdonnet procura-a novamente no fundo e no meio da nave... Onde estará então? Resolve entrar no coro, onde meia hora antes vira-a o Cura d'Ars. Com efeito encontrou-a em oração atrás do altar-mor, junto de um confessorário e num lugar onde o P. Vianney não a podia enxergar, "nem mesmo se estivesse na porta da sacristia". O cavalheiro incrédulo fica estupefato. Conta o ocorrido a muitas pessoas de Ars, especialmente ao P. Toccanier que, enquanto ele fala, toma nota de suas palavras.

"Diga-me, senhor conde, pergunta o jovem missionário, consentiria em assinar estas linhas?

– Por que não, se o que digo é verdade

– F como o senhor explica isso?

– Não entendo nada... Em todo caso vê-se claramente que o *Cura d'Ars tem olhos diferentes das outras pessoas*. ' Já temos ouvido dizer por um bom paroquiano de Ars: "Creio absolutamente que *aquele homem via qualquer coisa*".

O P. Vianney não supunha nem adivinhava o que estava oculto ao comum dos, homens. Ele viu e isso por uma graça especial de Deus. Em algumas pessoas, singularmente bem dotadas, tem-se podido observar fenômenos de lucidez extraordinária, de dupla visão, de visão à distância. A estes fenômenos considerados naturais, os sábios tem dado explicações de ordem natural.

Aqui temos de subir mais alto e falar de uma clarividência sobrenatural. ' O Cura d'Ars possuía aquele dom chamado na teologia mística *intuição*. A multidão que o rodeava continuamente julgou muito acertado quando supôs ver neste fato assombroso algo de sobrenatural e um sinal de santidade.

– Ouvi muitas pessoas dizerem, narra o P. Faivre, o qual visitava Ars freqüentemente, que haviam consultado o Cura d'Ars sobre a vocação, processos, dificuldades de família, doenças, resoluções que haviam de tomar, e que sempre respondera com um acerto admirável. Predisse muitos acontecimentos que mais tarde se realizaram. Conhecia de tal forma as consciências e as disposições de grande número de pessoas que lhes causava grande admiração. A opinião pública, que lhe atribuía dons sobrenaturais, era tão firme que todos sem hesitação acreditavam nas suas palavras.

Deve-se reconhecer que a intuição nele não foi contínua e que nem todos os corações eram livros abertos para ele. As mais das vezes aconselhava os meios ditados pela prudência humana. Mas outras vezes, também, "antes que alguém dissesse palavras, revelava o que lhe queriam dizer e o que queriam ocultar". ' Houve pessoas vindas a Ars para consultá-lo, que, ao se inteirarem de seu poder de intuição, não se atreveram a se apresentar a ele com medo de que lhes arrancasse o véu da alma".

Não raro, os que tratavam com ele mais de perto queriam conhecer o segredo de sua ciência sobrenatural. Para desviar os curiosos, e sobretudo por humildade, respondia: "É uma idéia que me passa pela cabeça. Ou melhor, faço como os almanaques, quando acerto, acerto".

Um dia, certa jovem saboiana aproximou-se do confessor. Sem que houvesse dito coisa alguma, o P. Vianney "falou-lhe de suas irmãs e de sua vocação para a vida religiosa". A penitente não voltou mais. Encontrando-se com o P. Toccanier ao sair da igreja, manifestou-lhe sua admiração. "Como pode V, Revma., sem conhecer esta pessoa, revelar-lhe tais coisas?" perguntou o missionário ao Santo. – Ah! é que fiz como Caifás: profetizei sem saber". Mas nem sempre podia levar tudo à troça. Às vezes um ataque brusco do interlocutor impedia-o de refletir a tempo e então se traía sem querer. "Em certa ocasião, diz o P. Toccanier, fiz-lhe, a queima-roupa, esta pergunta: "Senhor Cura, quando se vê alguma coisa sobrenatural, deve ser como uma recordação?"

– "Sim, meu amigo, respondeu-me. Assim, por exemplo, uma vez eu perguntei à uma mulher: "Foi a senhora aquela que abandonou o marido no hospital e não quer reconciliar-se com ele? – "Como sabe V. Revma., replicou, pois eu não disse isso a ninguém" Senti-me mais surpreendido que ela: pensava que antes ela me tivesse narrado tudo".

O mesmo aconteceu algumas vezes no confessor, onde o Cura d'Ars não só fez uso de suas luzes sobrenaturais, mas ainda deu provas delas.

Uma criadinha empregada em Ars, na casa da família Cinier, que morava defronte à igreja, ia começar a confissão. Tinha já nos lábios uma grave acusação, mas calouse, deixando-a para o fim. "E aquilo? perguntou-lhe o Santo – e disse o que ela queria ocultar. – Não dizes e o cometeste". Estupefata ante tal revelação, pensou a penitente: como ele sabe isso! e enquanto respondia a esse pensamento, que aliás não chegou a exprimir, o P. Vianney acrescentou: "Teu anjo da guarda mo disse".

Mais de uma vez as intuições proféticas do Cura d'Ars pareciam ir de encontro às mais elementares regras da prudência humana e contradizer o parecer de outras pessoas reputadas como judiciosas. "Creio que o bom do Cura se enganou, dizia rindo à sua mãe uma jovem de Lião, a quem ele acabava de asseverar que seria superiora de uma casa de beneficência. Os fatos demonstraram que o homem de Deus tinha visto claramente o seu futuro"... " No fim de contas., foi-se obrigado a render homenagem à sua visão segura e exclaimar: "Sim, nele está um Deus escondido que o ilumina!"



Para narrar todos os casos de intuição atribuídos ao Cura d'Ars, seria preciso um livro volumoso. Será forçoso, pois, escolher algumas espigas de tão farta messe.

A questão do futuro é principalmente para a juventude uma preocupação, e, quase sempre, um verdadeiro tormento. Assim foi que, quando o P. Vianney adquiriu fama de homem que lia nos corações e que desvendava o futuro, viu inúmeras almas aflúrem a Ars, ansiosas por conhecer o próprio destino.

A jovem Rosália Berlioux, de Saint-Etienne, que mais tarde foi assistente geral das Religiosas Maristas de Belley, com o nome de Madre Maria S. Atanásio, tinha uma irmã menor "muito inclinada para o mundo" e que não sabia o que ia ser. Entrara no noviciado de Belley, e saiu, segundo lhe asseveraram, por falta de vocação suficiente. Resolveu então casar-se. Entretanto, quis saber antes o parecer do Santo de Ars. "Quer a senhorita casar-se! perguntou-lhe o servo de Deus. Pensa talvez que só encontrará rosas; mas só encontrará espinhos". Voltou decepcionada. Nova viagem a Ars, e desta vez ouve esta decisão inesperada: "Entre para a Ordem das Irmãs de Santa Clara". "Ele afirmou que tu serás recebida?" objetou a mãe ao regressar a filha. Terceira viagem a Ars e saiu de lá com esta animadora resposta: "Sim, minha filha, serás recebida no convento de Santa Clara; lá perseverarás, morrerás e irás para o céu". A jovem Berlioux entrou para o convento que o Santo lhe indicara. Viveu

austeramente 24 anos e terminou a vida “sendo a edificação da comunidade”. “Que morte mais invejável!” exclamou a madre superiora.

Um dia de 1855, a jovem Rosa Bossan, irmã do arquiteto de Fourviere, dizia confidencialmente ao Cura d’Ars: “Meu Pai, vou me casar em breve; tenha a bondade de dar-me sua benção”. E, em lugar de abençoá-la, o Santo começou a chorar. “Oh! filha, quão infeliz serás. – Mas, então, que fazer, meu Pai? – Entra para a Visitação... Entra, minha filha, apressa-te; não chegarás aos 50 anos para tecer a tua coroa”. A senhorita Bossan morreu com o nome de Soror Maria Amada, aos 13 de agosto de 1888, sendo então mestra de noviças na Visitação de Fourviere. Tinha completado 49 anos no dia 8 de julho.

A jovem Eduíges Moizin, de Lião, parecia ter assinalada vocação para a vida do claustro. Mas a família se opunha tenazmente. Ao começar o ano a pobre jovem foi confiar a sua tristeza ao Cura d’Ars. “Console-se, disse-lhe o Santo, pois todas as suas penas desaparecerão dentro de um ano”. Com efeito, antes de terminar o ano ela morreu. “

A jovem Bernard, de Fareins, desejava fazer-se religiosa. “Não; a senhorita não o será, declarou-lhe sem hesitar o P. Vianney, mas sim sua irmã casada... De fato, aquela senhora enviuvou pouco de pois, desgostou-se do mundo e tomou o hábito das Ursulinas de Ville- franche, onde morreu como religiosa, Quanto a Bernard, permaneceu com os seus pais. Adoecendo gravemente, pediu que chamassem o Cura d’Ars. Ele veio. Perguntou-lhe: “Você morrer? (era o mês de junho). – Agora não, filha, chegarás até ao dia da Assunção”. E naquele dia ela faleceu.

Augusto Faure, professor num colégio em Saint-Etienne, desejava ser jesuíta. “Não, meu caro amigo, respondeu-lhe o Cura d’Ars; fique onde está: a vida é tão curta!” Pouco antes de um ano Faure contraiu uma infecção nos pulmões enquanto preparava abnegadamente os soldados para o preceito pascal. Morreu aos 27 anos, com o *Magnificat* nos lábios. Em Saint-Etienne é venerado como santo. “

Luísa Lebon, uma lionêsa do bairro de Fourviere, saiu em 1848 do pensionato das Damas Beneditinas de Pradines. Deixava o convento como aluna e desejava voltar a ele como religiosa. Contava apenas 17 anos. A Abadessa negou-se a recebê-la no noviciado. Entretanto, as amigas a levaram a Ars. Aflita por não poder falar com o santo Cura no confessorário, Luísa escreveu-lhe uma carta de quatro páginas, na qual expunha o seu desejo tal como quisera fazer de viva voz. Teve a sorte de entregar a carta pessoalmente quando o P. Vianney voltava, ao meio-dia, para a casa paroquia l.

À tarde a jovem se achava na igreja perdida no meio da grande multidão. O Cura d’Ars. esforçava-se por atravessar a nave para ir ao confessorário da sacristia. De súbito se detém, volta-se, fixa seu olhar penetrante em Luísa Lebon e lhe faz sinal para que o acompanhe. Um minuto depois, ajoelhava-se toda trêmula aos pés do homem de Deus. “Minha filha, foste tu que me escreveste!” – Sim, Padre. – Pois bem, não te aflijas; em breve irás para o teu convento. Dentro de alguns dias a Madre te escreverá dizendo que te admite”.

Convém notar que a jovem Lebon acabava de receber uma nova e categórica negativa da Abadessa. Dez dias depois de sua entrevista com o Cura d’Ars, teve a alegre surpresa de ler este simples cartão, vindo do convento de Pradines: “Minha querida Luísa, é a perseverança em teus desejos que me obriga a te dizer um *grande sim*. Vem quando quiseres”. Aos 2 de julho de 1849 a entrada da jovem Lebon para a ordem beneditina era coisa realizada.

Uma jovem noviça, Soror Maria de Jesus, a quem por causa de pouca idade adiaram os votos por três anos, estava desolada. Permitiram-lhe ir a Ars, onde fez confissão geral, “Oh! minha filha, como és feliz, disse-lhe o Santo, quando ela terminou a confissão. – É verdade, Padre, apesar de tudo sou feliz, mas muito ofendi a Deus antes de entrar para a religião. – Minha filha, no mundo terias cometido tantos pecados que te perderias. Sê fiel à tua vocação”. Antes que regressasse quis vê-la novamente. “Oh! minha irmãzinha, disse-lhe, tua alma está branca, muito branca... vai agora fazer a profissão. – Meu Padre, já sabe V. Revma. que me acham muito jovem... – Toda dificuldade está removida; tua cruz já está. preparada. Vai!”

No momento em que soror Maria de Jesus entrava no Hospício de Lião, onde por encargo de sua superiora fora fazer uma visita, o porteiro lhe entregou um pacote: “É para a senhora, irmã. – Posso abri-lo? – Sem dúvida”. E soror Maria de Jesus descobriu com profunda emoção uma cruz em cujo verso se viam gravados o seu nome e uma data: era o crucifixo de sua profissão! A superiora, movida não sei por que razão, repentinamente resolveu admitir aos primeiros votos a noviça, condenada antes a esperar três anos. Era a jovem, a quem o Cura acabava de dizer: *A tua cruz está preparada. Vai!*

”Sim, filha, serás Irmãzinha dos Pobres, disse duma feita o P. Vianney a jovem Ernestina Durand, Lionêsa de dezoito anos; sim, serás:... Mas, uma vez entrada na comunidade, terás que sair. – Oh! então, Padre, preferiria... – Não, nada disso, vai! Três dias depois de teres saído, tua própria mãe te levará novamente ao convento”. Ernestina obedeceu cegamente ao Santo de Ars. Tendo conseguido, ainda que a muito custo, o consentimento dos pais, pode entrar para a ordem das Irmãs dos Pobres, em Lião, para ali fazer seu postulado. Entregou-se de todo o coração à nova vida... Mas eis que começam a chegar cartas de desgosto, depois de ameaças. provindas da família: a jovem não era de maioridade; havia forçado a vontade da mãe; recorria à justiça se fosse necessário... E de fato apresentou-se o irmão de Ernestina no convento com um agente de polícia. A postulante teve que voltar ao lar paterno. Mas com a tristeza perdeu o apetite, não podia dormir... Passados três dias a senhora Burand disse à filha: “Não quero ser a causa de tua morte... Vou levar-te às tuas companheiras!” E conformada, ainda que não de todo, a mãe levou a filha, segundo predissera o Cura d’Ars, às Irmãs dos Pobres!

A senhora Sermet-Décroze, de Arbigneux, no Ain, tinha três filhas. Desejava muito que uma delas se tornasse religiosa, e Josefina, a mais moça, piedosa e modesta, parecia-lhe a destinada para o claustro. A mais velha, Antelmita, passava aos olhos da mãe como uma pequena mundana: gostava muito de aparecer bem. Casar-se-ia

pois, e, naturalmente, antes das outras. Em 1856 a senhora de Sermet-Décroze teve ocasião de passar por Ars, e comunicou ao P. Vianney seus desejos de mãe. “Minha filha, disse-lhe o Santo, sua Josefina não será religiosa, mas outra de sua casa o será mais cedo do que pensa”.

A boa senhora não quis acreditar nos próprios ouvidos. Regressou a Arbigneux e, de passagem por Lião, comprou um magnífico vestido para a filha mais velha. “Ah! mamãe, exclamou Antelmita, ao ver o presente tentador, não me servirá para nada: quero ser religiosa”. Pouco tempo depois entrou no noviciado das Irmãs Maristas de Belley. Josefina, porém, que na realidade nunca pensara no convento, casou-se a 16 de fevereiro de 1857, com a idade de dezessete anos.

Ainda um belo fato, que muito bem revela o “estilo” do Cura d’Ars. É a heroína desta história, em pessoa, a baronesa de Lacombe, quem nos vai contá-lo:

– Eu enchiuvei, ficando com dois filhos. Um dia vim a saber que o menor se havia enamorado de uma mocinha de quinze anos, quando ele apenas contava dezoito! Em seguida recebi dele uma carta em que delicadamente me pedia o consentimento e em que me dizia estar resolvido a levar a termo essa sua idéia. Trocamos cartas, mas nada o fazia desistir de sua decisão.

Eu estava só e não sabia a quem pedir conselhos.

Era quando se falava muito na santidade do P. Vianney. Depois de fervorosas orações, resolvi tomar o caminho de Ars.

Mas era tão longe! tão longe ficava aquela pobre e pequenina paróquia! Ah! certamente não seria uma viagem de recreio... Nada me desanimou.

Depois de três dias de viagem, cheguei ao termo. Infelizmente, não me podia demorar ali muitas horas, e soube que para falar com o Cura d’Ars teria que esperar indefinidamente, até que chegasse a minha vez!

Entrei na igreja... Da porta ao confessionário não havia um só lugar desocupado. Sentada na última fileira, um pouco ao lado da pia da água benta, estava eu desolada e já pensava em regressar.

Apesar de tudo, tinha os olhos fixos no altar de S. João Batista, onde o Cura d’Ars confessava. E com que fervor eu rezava! Qual não foi porém a minha emoção quando vi de repente um padre de cabelos brancos sair da capela e dirigir-se para mim... Avançava sem se deter em parte alguma. Olhou-me... Não havia dúvidas, era para mim que se dirigia. Estava mais morta do que viva. Detém-se; inclina-se e cochicha ao meu ouvido: “*Case-os; serão muito felizes!*”

E voltou ao confessionário.

Todos ignoravam a minha viagem. Ninguém poderia ter anunciado a minha visita ao P. Vianney e ele nunca me vira.

Mais uma vez Deus lhe havia concedido e em meu favor, mãe aflita e atribulada, aquele dom maravilhoso da intuição com que lia nas consciências para poder iluminá-las ou confortá-las em suas dúvidas e desfalecimentos.

Quantos acontecimentos felizes ou infelizes não viu e previu o Cura d’Ars!

Em março de 1856, ao visitá-lo pela primeira vez o P. Babey, superior do colégio de Lons-le-Saunier, perguntou com familiaridade cordial: “V. Revma. vem por causa do jovem X que está enfermo – E nomeou sem hesitar o nome do aluno que estava atacado de febre tifóide e por quem o superior ia a Ars. Pois bem, escreva V. Revma. por mim aos pais dele dizendo que não morrerá desta enfermidade... De fato, o colegial em breve recobrou a saúde.

Sebastião Germain, nascido em Misérieux, era sobrinho de Maria Filliat, professora na *Providência* de Ars. Por isso, na infância ajudou várias vezes a missa do Cura d’Ars. Casou-se e foi pai de três filhos, mas estava triste por não ter nenhuma filha. Foi visitar o Cura d’Ars – era no mês de junho de 1859 – e encontrou-o na praça com uns rosários na mão. Sem esperar que lhe explicasse o motivo de sua visita, disse-lhe o Santo, dando-lhe quatro rosários: “Toma, são para teus filhos.

– Mas, Sr. Cura, eu só tenho três *meninos*.

– Meu Sebastião, o quarto rosário será para a tua *filha*”. No ano seguinte a pequena Maria veio encher de alegria o lar dos esposos Germain. Mais tarde, já senhora Jallat – e é a ela a quem devemos tão encantadora narração – dizia: “Meu pai deu-me o pequeno rosário de contas de madeira com corrente de ferro, que ainda conservo como preciosa relíquia”.

Quando, em março de 1869, o Cardeal Bonald expôs ao arcebispo de Lião os planos que, por indicação sua, traçara o arquiteto Bossan para a basílica de Fourviere, levantou-se uma polémica tão viva entre os admiradores de tal estilo original e os partidários das antigas formas românicas ou góticas, que o plano foi retirado. Ao Cardeal pareceu perdida toda a esperança de angariar o dinheiro necessário para tal empresa. Não se falou mais na construção de Fourviere.

Pelo inverno de 1869 o P. Bonnardet, futuro vigário geral de Lião, encontrou-se com o Sr. Hossan no carro que fazia o trajeto de Ars a Villefranche. Falou-lhe do caso de Fourviere e o sacerdote expressou ao artista o profundo pesar de ver totalmente abandonado um projeto que julgava maravilhoso. “Oh! respondeu o arquiteto com a maior calma, estou muito tranqüilo neste ponto: quando o Cura d’Ars ainda vivia assegurou-me que a minha igreja seria construída um dia e que isso seria em ação de graças”.

Dois anos depois, Mons. Ginouliac fazia com profunda dor por todos os desastres a promessa, em conseqüência da qual surgiu a basílica de Fourviere. O Cura d’Ars não se havia enganado.

Cada ano, o dia de S. João Batista era festejado muito solenemente na paróquia de Ars, e o P. Vianney se alegrava santamente em cantar no altar-mor a missa solene do santo patrono. Pela manhã de 24 de junho de 1859, quando se travava a batalha de Solferino, o Cura d’Ars, contra o seu costume, quis celebrar a missa no altar da Santíssima Virgem. Todos estranharam muito, mas a surpresa cessou quando se propagou a notícia do combate. “Meu filho ainda está vivo? perguntou-lhe uma mãe angustiada, – Sim, respondeu o Santo, mas morreram muitos outros”.

Em 1855, um dos filhos do conde de Ars, Joanny de Garets, jovem oficial tão distinguido como valente e por quem o P. Vianney manifestava uma verdadeira predileção, dispunha-se a partir para a guerra da Criméia.

Pediram ao Santo que fosse ao castelo para benzer a espada de Joanny. A família reunida esperava-o no salão. Ao transpor o umbral do castelo, o servo de Deus viu o oficial e por ele não foi percebido. “Pobre filho, murmurou juntando as mãos com ar de infinita compaixão. Uma bala. Uma bala!” “Nem minha mãe, nem meu irmão, diz Marta de Garets, ouviram estas palavras, porque do contrário teriam demonstrado ali mesmo. Mas minha irmã, a senhora de Montbriant e outras pessoas ouviram-nas muito bem... De fato, o nosso pobre Joanny foi ferido por uma bala, a 18 de junho, no assalto de Malakoff, morrendo três dias depois”.

A 10 de junho de 1859 a senhora Prat, de Marselha, encontrou-se em Ars com o P. Vianney. Deteve-se diante dela, apesar de nunca a ter visto, e lhe disse em tom de particular compaixão: “Minha filha, acontecer-lhe-á uma desgraça *fulminante*. Faça uma novena à Santa Filomena”. Seis meses mais tarde, a dez de dezembro, a senhora Prat perdia o esposo, atacado de uma apoplexia *fulminante* no Banco de Marselha.

Uma jovem religiosa, Soror Maria Francisca, da Ordem III franciscana, de Saint-Sorlin, tinha ido a Ars com a superiora, passando ali 4 dias. Quando estavam para regressar encontraram-se com o P. Vianney. “Tome isso, disse o Santo à superiora, entregando-lhe três moedas de um franco. Receba-os porque lhe farão falta. – Mas, Sr. Cura, tenho bastante dinheiro para a passagem. – Aceite-os apesar de tudo, minha filha”. Ela aceitou-os afinal. E ao chegar a Villefranche, qual não foi a surpresa da religiosa no momento de pagar as passagens. Felizmente o Cura d’Ars lhe havia provido do dinheiro necessário.

Noutra viagem, a Ir. Maria Francisca chegou a Ars muito cedinho! Desta vez vinha acompanhada da mãe e da superiora. À esta última viu-a o P. Vianney quando se dirigia à sacristia a fim de se preparar para a missa. “Volte imediatamente, disse em voz baixa à religiosa. – Mas, Padre, e a missa? Não, minha filha, não espere. Uma das senhoras adoecerá, e se ficarem aqui não poderão partir tão cedo”. Assustada, a superiora obrigou as suas companheiras a regressarem. “Pois bem, conta a Ir. Maria Francisca, duas estações antes de chegar em casa senti-me desfalecer e não pude continuar a viagem. Minha superiora e minha mãe se viram obrigadas a me carregar. Foi isso o começo de uma enfermidade que me reteve na cama por espaço de 15 dias”.

Em 1857, às 11 horas de uma manhã de verão, duas jovens, vindas a Ars mais por curiosidade que por devoção, assistiram ao catecismo do P. Vianney. Uma delas, a mais espletada, descontente com o que via, atreveu-se a dizer à amiga, indigitando-lhe aquele sacerdote de linguagem e porte tão simples: “Que *caricatura!* Nem vale a pena a gente vir de tão longe”. O pregador colheu-lhe as palavras no ar. Sorridente e até em tom um tanto chistoso, disse o Cura d’Ars àquela descarada: “Não é verdade, senhorita, que é coisa inútil vir de tão longe para ver uma *caricatura?*” E continuou o seu catecismo. Facilmente se adivinha e confusão da jovem forasteira. Deixou-se

ficar ainda na igreja, e, depois de terminada a explicação, foi com lágrimas nos olhos pedir desculpas ao Santo. Este recebeu-a com a habitual bondade. “Por penitência, se confessará amanhã e receberá a comunhão”. Depois, tomando a parte a amiga da culpada, lhe advertiu: “Ao regressar à casa, tenha cuidado com sua companheira. Vai lhe acontecer uma desgraça... Mas como amanhã comungará *em viático*, a salvação dela não correrá perigo”.

As duas jovens receberam os santos sacramentos com grande fervor. Alegres por se ter a viagem convertido em peregrinação, empreenderam com passo ágil o regresso à terra natal. A que devia estar alerta já não pensava na recomendação do Santo, quando de repente a outra dá um grito. Uma cobra acabava de mordê-la na perna. A intoxicação foi instantânea. A pobre jovem morreu ali mesmo no caminho, sem que se pudesse procurar um remédio.

Depois de um fato de tal natureza, alguém dirá: O Cura d’Ars deveria não só anunciar, mas também prevenir aquela desgraça! Estamos em pleno mistério; talvez o Santo só tivesse a intuição de uma *desgraça* inevitável, sem conhecer as causas. nem os pormenores... Noutras ocasiões, por uma permissão especial de Deus, não só predisso o perigo, mas até que escapariam dele.

– Em 1873, conta a senhora E..., viúva de um comandante de cavalaria, fui com meu marido e um amigo íntimo pagar uma visita ao P. Rousset, cura de certa aldeia de Bresse, cujo nome não recordo. Aquele bom sacerdote, que havia conhecido o P. Vianney, nos convidou para almoçar e depois levou os seus hóspedes para pesca. Eu não fui com eles porque me sentia indisposta e fiquei com a criada, moça de elevada estatura, que me fez tomar chá. Durante a conversação me referiu este fato extraordinário:

“Tinha dezenove anos e estava no orfanato das Irmãs. de Autun. Ansiosa por ganhar a vida, pedi que me deixassem ir para Lião a fim de me empregar. A Madre Superiora me recomendou à uma senhora que se dirigia para aquela cidade, mas que haveria de passar por Ars para consultar o Santo Cura.

Quando entramos na igreja, o P. Vianney estava dando a aula de catecismo, e explicava o sinal da cruz. Avistando-me, deixou de falar por um momento e disse: – “Lá em baixo... aquela mais alta, que venha ter comigo na sacristia; tenho algo a lhe dizer”.

“Acabado o catecismo, fui-lhe ao encontro. “Vais partir para Lião, assim me falou, sem que eu tivesse dito coisa alguma. Sabe, filha, que um grande perigo lá te espera. Quando lá te achares empregada pensa em mim e recomenda-te a Deus”.

Chegamos a Lião, onde durante três dias não encontrei emprego. Então entrei numa agência de colocações. Atendiam ali dois homens. Expus-lhes minha situação, e um deles me disse: “Procuras emprego? Pois bem, eu necessito de uma criada. Chegados a acordo, acrescentou: “Também é mister que a minha esposa a veja; venha encontrar-me em tal parte, às três horas da tarde”. Aquele homem morava em Mulatiere.

Fui à hora marcada. Meu Deus! quão longo me parecia o caminho! Cheguei enfim na confluência do Saona com o Ródano. Ali estavam muitos bateleiros e trabalhadores. Ao voltar-me achei-me num deserto onde só havia uma casa, em cuja porta avistei um homem que fazia sinais para que me aproximasse. Repentinamente fui presa de um medo terrível. Lembrei-me das palavras do Cura d'Ars; clamei a Deus e pus-me a correr em disparada. Por sua vez, aquele infeliz lançou-se no meu encaço e procurava atirar-me um laço ao pescoço... Não pode conseguir, e por fim parou porque já me aproximava dos marinheiros.

Soube depois que eu fora cair nas mãos do famoso Dumollard, apelidado de *assassino de criadas*. Quando o prenderam, depus contra ele perante o tribunal... Mas veja se não fosse o Cura d'Ars...



Como se vê, o P. Vianney penetrava no mistério espontaneamente, sem esforço, sem nenhum aparato. No confessionário lia os corações; fora dele e em todos os lugares na sacristia, no púlpito, na rua, nas conversações mais simples, ali mesmo no altar, manifestava muitas vezes a sua força extraordinária. Suas intuições nem sempre se referiam a assuntos de grande importância; manifestavam-se também sobre os mínimos acontecimentos e de modo inesperado. "Ah! afinal a senhorita por aqui", disse ao ver ajoelhada a seus pés a jovem Catarina Bray, de Lião, que lhe havia escrito, fazia muito tempo, a respeito da própria vocação e a quem ele via pela primeira vez.

A João Batista Methol, camareiro de Mons. de Ségur, a quem o prelado só chamava pelo nome de família, o Cura d'Ars lhe ofereceu uma estatuazinha de S. João Batista, dizendo: "Toma, meu filho, leva como lembrança de mim; esta é a imagem do teu patrono".

De pé na porta do confessionário e, conseqüentemente, separado da nave do templo por uma grossa parede, dizia a uma pessoa encarregada da ordem na igreja: "Queira chamar-me aquela senhora que está ajoelhada debaixo do púlpito e que tem um lenço branco na mão. Tenho uma comunicação a lhe fazer".

Em julho de 1859, a senhorita Maria Regipas, de Lião, foi a primeira a descer do carro que acabava de chegar na frente da igreja de Ars. "Senhorita, disse-lhe sem mais preâmbulos um cavaleiro que parecia esperá-la, o Cura lhe deseja falar. – A mim? – Sim, senhorita. Neste momento estou de guarda e o P. Vianney deu-me esta ordem: "Espere o ônibus que está para chegar e diga a uma moça que será a primeira a desembarcar, que venha em seguida ao confessionário". A senhorita Regipas estava muito fraca e não podia passar muito tempo no povoado.

Certa manhã, durante a missa do Cura d'Ars, apresentou-se uma senhora com os demais fiéis à sagrada mesa. Duas vezes passou o Santo Cura diante dela sem lhe dar a comunhão. Na terceira vez disse-lhe ela em voz baixa: "Meu Padre, ainda não me deu a comunhão". – Não, minha filha, porque você comeu alguma coisa esta ma-

nhã". Então a senhora lembrou-se de que, ao levantar-se, havia comido um pouco de pão.

Em maio de 1854, a senhorita Henry, que possuía uma casa de negócio em Chalon-sur-Saone, foi a Ars para pedir ao P. Vianney a cura de uma sua tia que morava em Lião. "Faça uma novena à Santa Filomena e sua tia será curada em seguida. – Nesse caso, Padre, eu vou a Lião; ficará tão contente!... – Não, filha, depois de minha missa você tomará o bote que vai a Chalon. Aprese-se em voltar, pois enquanto está aqui desfalcam a sua casa". A senhorita Henry entendeu logo o significado destas palavras. A pessoa a quem havia confiado a tenda durante sua ausência não tinha escrúpulos em desbaratá-la. Quanto à enferma, curou-se de fato em pouco tempo.

Uma vez na sacristia, certa pessoa de Lião, acompanhada de sua filhinha de 10 anos, apresentou vários objetos de piedade para benzer. Antes de traçar sobre a frente o sinal da cruz, o P. Vianney pôs de lado uma medalha. "Não a posso benzer", disse ele. Na verdade, aquela medalha fora tirada pela menina quando passaram em frente de uma loja.

Chegando tarde ao catecismo das 11 horas, João Cláudio Viret, de Cousance no Jura, só encontrou lugar atrás do pequeno púlpito, junto à porta da sacristia. O P. Vianney não o vira entrar e portanto ignorava-lhe a presença, e com maior razão, o lugar onde estava oculto. A voz do Santo apenas chegava até ele. E o nosso Cláudio, cansado de aguçar o ouvido, puxou o rosário e se pôs a rezar maquinalmente. Mas, eis que, levado por não sei que distração, o bom juraciano, agricultor remediado, começou a servir-se dos dedos para contar suas rendas... De repente o catequista levanta a voz e o distraído pode ouvir estas palavras: "Oh! meus filhos! Vem-se à igreja e, aqui diante de Nosso Senhor, não se respeita a sua presença, como aquela pessoa que está na porta da sacristia, e que parece estar rezando o rosário, quando está contando nos dedos os seus lucros. Oh! meus filhos, causa tremor ver que não se tem respeito diante de Nosso Senhor!" O pobre Viret, vendo-se descoberto, curvou a cabeça em sinal de *minha-culpa*.

Uma piedosa pessoa de Bagé-la-Ville, no Ain, a senhora Mercier, tinha o costume de passar em Ars, todos os anos, três ou quatro dias. Ao chegar ia logo postar-se junto ao confessionário. O Cura d'Ars já o sabia. Numa dessas ocasiões, depois de a ouvir em confissão, perguntou-lhe: "Quanto tempo pretende a senhora passar aqui? – Até amanhã, Padre. – Não; não, parta hoje mesmo. Há uma serpente em sua casa". A boa senhora, não duvidando da clara visão do Cura d'Ars, apressou-se em voltar para casa. Na sua ausência, sem que nada soubesse, o marido tinha posto ao sol o colchão da cama, feito de palha de milho; quando chegou, a senhora Mercier encontrou tudo no lugar: a casa bem aseada e limpa como a tinha deixado... Toda desconcertada e temendo ser objeto de remoques, não disse palavra sobre a singular advertência do Cura d'Ars. Será que ele entedera bem de que serpente teria falado o servo de Deus?... Estava abismada neste pensamento quando removia a cama. Então uma cobra venenosa caiu no chão e disparou para o pátio. Foi morta pelas pessoas da granja, que acudiram aos gritos da senhora Mercier.

Em 1845, a viúva Berthier, de Fouillouse (Loire), viu-se obrigada a colocar seu filho, de onze anos de idade, na granja de um senhor de Saint-Bonnet-les-Oules. Um dia, enquanto o jovem pastor cuidava o rebanho, o lobo arrebatou-lhe uma ovelha. Espancado pelo patrão, o pobre menino fugiu da granja, mas não se atreveu a voltar para a casa materna; começou a caminhar à toa sem saber para onde ir. Andou errando por algumas horas até que topou com um carro. O condutor, por compaixão, deixou-o subir. Extenuado pelo cansaço adormeceu profundamente. Ao chegar em Montceau-les-Mines, despertou-o o cocheiro, a quem não quis dar a conhecer a sua procedência. Como o pequeno pastor tivesse boa aparência, um honrado mineiro consentiu que ele ficasse em sua casa para empregá-lo na seleção do mineral.

Quando a pobre mãe soube do ocorrido em Saint-Bonnet, deu largas a sua dor; depois procurava o filho sem que dele se descobrisse o paradeiro. Passados quatro anos de inúteis pesquisas, julgou-o afogado ou devorado pelos lobos. Contudo, não se podia conformar... Ouvia então falar do Cura d'Ars. Enviou-lhe sua filha, para perguntar-lhe o que havia sucedido ao pequeno fugitivo.

Apenas o homem de Deus ouviu as primeiras palavras da mensageira, disse sem hesitação: "Minha filha, diga a sua mãe que o menino está bem; trabalha *debaixo da terra*, com pessoas honradas, longe daqui e de sua casa. Mas consolem-se: voltará num dia de festa...

Cumpriu-se à risca essa extraordinária revelação. Cinco ou seis anos depois, um crescido rapaz chegava a Fouillouse na tarde do dia da Assunção e foi bater à porta da senhora Berthier. Bepois das primeiras exclamações e efusões de ternura, a mãe quis saber se o seu querido filho era bom cristão. "Sim, mamãe, sempre cumpri os meus deveres em Montceau-les-Mines". Então a alegria da mãe foi tão grande que, dando graças a Deus por tão assinalada graça, pediu a Deus que a deixasse morrer. Morreu pouco depois.



Mais profundo e mais misterioso do que a criação material é o mundo das almas. Ao estudar sua ação no confessionário, temos visto o Cura d'Ars distinguir várias vezes, com seu olhar penetrante, entre os peregrinos, pessoas que tinham pressa de partir ou pecadores surdos ao chamamento da graça, prestes a fugirem do divino perdão. Agora é tempo de vê-lo adivinhando os pensamentos e penetrando as consciências. Quando se começou a divulgar a fama de que o Cura d'Ars lia os corações, certo ceticismo manifestou-se a esse respeito entre as pessoas instruídas. "Durante os primeiros anos, nos diz a senhorita de Helvey, apesar do que me haviam dito, não me atrevia a lhe falar de uma coisa que me causava grande inquietação; temia que me entendesse mal e que por isso seus conselhos me fizessem cair em maiores perturbações, das quais ninguém me poderia tirar, pois nenhum outro sacerdote me inspirava maior confiança. Como não se tratava de confessar pecados, tomei a resolução de me calar, e, com esta resolução, entrei no confessionário. Qual não foi minha admiração quando o Sr. Cura respondeu aos meus pensamentos como não o

teria feito melhor outra pessoa a quem de antemão houvesse exposto o assunto com todos os pormenores. Na primeira vez que me dirigi a ele, proibiu-me expressamente de fazer confissão geral. Pois bem, constatei depois, em muitas ocasiões, que estava ao corrente de tudo quanto se referia ao meu interior, e de todas as graças que eu havia recebido durante toda a minha vida...

"A princípio, recusava ajudar-me nas minhas acusações; mas eis que, de repente, se pôs a fazer-me perguntas sobre este ou aquele ponto, sempre sobre faltas ocultas e por mim esquecidas. Fazia-o tão bem que, mesmo quando não me recordava, não me atrevia a negar, pois estava certa de que não se enganava... Muitas pessoas também me asseguraram que lhes havia lido as consciências".

"Faça-se religiosa, minha filha", disse um dia o Cura d'Ars à certa jovem modista de Lagnieu (Ain), Josefina Ballefin. E correu a cortina do confessionário. Aterrada por tal conselho, Josefina, que gostava do mundo, desfazia-se em lágrimas. Aconselhada por uma amiga, foi outra vez em busca do santo servo de Deus. "Padre, disse-lhe, suas palavras me deixaram desesperada. Posso fiar-me em V. Revma.? V. Revma. não me conhece. – Eu não a conheço. Pois saiba que leio no seu íntimo como se a tivesse confessado toda a vida. Sim, é mister que seja religiosa". E novamente, sem mais palavra, correu a cortina.

Certo dia de 1857, um arquiteto de Beaucaire, Hipólito Pages, de quarenta e cinco anos de idade, dispunha-se a se confessar com o Cura d'Ars, – a quem já havia visto mais vezes, – quando se sentia atormentado pelos remorsos de não se ter tornado sacerdote, – remorsos que por outra parte nunca tinha manifestado a ninguém. "Meu filho, disse-lhe o Cura d'Ars, depois da acusação de suas faltas, conheço os motivos, humanos que impulsionaram um de seus parentes a lhe falar no sacerdócio. Se ao vê-lo pela primeira vez tivesse julgado melhor para. você ser padre, já lho teria dito". Na verdade, um parente do Sr. Pages desejara vê-lo no seminário, por um sentimento de pura vaidade.

Outra vez disse o Cura d'Ars ao mesmo penitente: "Muito obrigado, meu filho, pela piedade que tem para comigo". Numa das suas orações cotidianas o fervoroso arquiteto, pensando no Cura d'Ars, rezava esta fórmula: "Senhor, tende dele misericórdia assim como dos meus parentes e benfeitores". E tinha o costume de enumerar todos aqueles por quem queria rezar. "O senhor faz muito bem, prosseguiu o P. Vianney, em nomear diante de Deus seus parentes e benfeitores; somente que nomeia alguns que tem menos necessidade de orações do que outros de quem se esquece". E acrescentou: "Feliz o amigo de um pai que possui um filho piedoso". De fato, o Sr. Pages cada dia rezava pelo Sr. Claparede, amigo de seu pai.

Um dos professores do Santo Irineu de Lião, o P. Denavit, foi a Ars, não para admirar o homem de Deus, a quem aclamavam as multidões, mas para ver se o apanhava em alguma falta. Ignoramos por que razão este sacerdote tinha pouca confiança nas decisões do Cura d'Ars. O professor colocou-se na passagem entre a igreja e a casa paroquial.

"Senhor Cura, disse-lhe o P. Denavit, sou diretor do Seminário Maior de Lião;

muito lhe agradecerá se me desse algum conselho sobre a maneira de cumprir bem com o meu dever”.

O Cura d’ Ars sorriu misteriosamente, fixou os olhos, no seu interlocutor com um olhar profundo e, falando em latim para que não o entendessem os presentes, respondeu: “*Declina a malo et fac bonum*”. “ E ocupou-se com outras pessoas.

Era pelo ano de 1845, o P. Dewatine, cura de Montagne (Nord), estando de viagem, se deteve em Ars. Pouca confiança tinha no que se dizia do Cura d’ Ars e por esta razão, quando este se dirigia da igreja à canônica, separou-se da multidão que esperava a passagem do que chamavam *Santo*. Imagine-se a emoção do P. Dewatine quando o servo de Deus, desviando-se do seu caminho, deu-lhe uma pancadinha no ombro, murmurando-lhe ao ouvido estas palavras: “Tenha confiança, meu amigo”.

Um sapateiro de Lião, Antônio Saubin, sem ter perdido de todo a fé que na sua juventude fora muito firme, entregou-se de corpo e alma ao espiritismo. Mas logo atormentado dia e noite por terríveis alucinações – isso foi em fevereiro de 1859 – resolveu entrevistar-se com o Cura d’ Ars. Ao chegar à igreja, conseguiu colocar-se num lugar donde via o Santo rezando o breviário, mas de costas para Antonio Saubin que desejava ver-lhe as feições. O tempo corria e o nosso penitente não era o mais paciente dos homens, ainda mais que só dispunha de poucos momentos. “Se este sacerdote, disse consigo mesmo, tivesse o espírito de Deus, como dizem, saberia que eu lhe desejo falar, e que tenho pressa”. Apenas formulava este pensamento quando o Sr. Cura se voltou para ele e disse: “Paciência, meu amigo, estarei às suas ordens em seguida”. A estupefação de Saubin foi imensa. Teve duas entrevistas com o Cura d’ Ars; seus terrores desapareceram; recuperou a fé que perdera e pouco mais tarde, com o nome de Ir. Joaquim, vestiu o hábito dos Trapistas de Nossa Senhora das Neves.

O Sr. Monnin, notário de Villefranche, tinha entre seus amigos um concidadão a quem o tirânico respeito humano afastava de todas as práticas religiosas. Este pobre cristão misturou-se certo dia com a multidão que rodeava o P. Vianney. Subitamente, ao vê-lo pela primeira vez na vida, o Cura d’ Ars atravessou as apertadas fileiras de peregrinos e fitando-o disse afetuosamente: “Oh! meu amigo, essa cabeça é que precisa ser curada”.

– Durante uma missão que eu pregava, conta o P. Camelet, chamou-me a atenção a piedosa atitude de um empregado da estrada de ferro. “Foi o Cura d’ Ars quem me converteu, disse-me ele. Depois que cheguei a esta região ouvi dizer tantas coisas daquele sacerdote que quis saber o que havia nisso de verdadeiro.

Não era para me confessar mas sim por curiosidade. Pois bem impressionou-me tanto o aspecto daquele homem, que me veio a idéia de falar-lhe. Entrei na sacristia e fiz que me ajoelhava no seu confessionário.

”Amigo, perguntou-me, quanto tempo faz que não se confessa?”

– Faz tanto tempo, Padre, que já não me lembro bem...

– Examine-se bem. Faz vinte e oito anos. – Vinte e oito anos?... Vinte e oito anos?... Sim, é isto.

– E ainda não comungou. Somente recebeu a absolvição”.

Também era verdade. Ao ouvir estas palavras senti que revivia a minha fé e tão fortemente que fiz uma séria confissão, e prometi a Deus não deixar nunca mais as práticas da religião.

Um dia, sob o pretexto de encargo a fazer, a baronesa de Belvey enviou ao Cura d’ Ars um pecador empedernido que só punha os pés na igreja pela Páscoa e pelo Natal. Suspeitava-se que desde o dia da sua primeira comunhão não se havia mais confessado. “Quanto tempo faz que não se confessa perguntou-lhe o Cura d’ Ars.

– Quarenta anos.

– Quarenta e quatro, lhe replicou o Santo.

O homem tirou um lápis e fez a conta na parede. “É verdade”, confessou todo embaraçado. Este pecador converteu-se e morreu como bom cristão.

Em 1851 a jovem Estefânia Vermorel, de Arcinges (Loire), foi a Ars para fazer uns exercícios espirituais e quis iniciá-los com uma confissão geral de toda a sua vida.

”Padre, disse ao começar, examinei-me cuidadosamente”. O Santo deixou que ela se confessasse à vontade. “Não se lembra a senhorita de mais nada? Pois bem, minha filha, já que deseja sair do confessionário tão pura como depois do batismo, vá pedir a Virgem das Dores que lhe dê a conhecer o que falta para confessar e volte depois”.

A jovem se dirigiu à capela do *Ecce Homo*, onde está a imagem da Virgem Dolorosa. Lembrou-se então de três faltas, as quais se apressou a confessar. “Já disse tudo desta vez” perguntou-lhe o homem de Deus. – Creio que sim, Padre. – Mas aquela falta que a senhorita tem esquecido e que nunca declarou em confissão” O Cura d’ Ars revelou à sua penitente o pecado com todas as circunstâncias de tempo e lugar. “Vejo que a senhorita não se lembra mais”, acrescentou. Na verdade, a jovem Vermorel em vão forçava a memória. “Quando passar pelo lugar em que lhe falei, então se lembrará”. O Santo absolveu-a, assegurando-lhe que a sua vocação era a virgindade no mundo, com o que ela se despediu cheia de alegria. Ao regressar, passou pelo lugar onde em tempos idos ofendera a Deus, e então se lembrou de tudo. Mas nem por isso se extinguiu a sua alegria, pois sabia que estava perdoada.

– Um jovem de Lião, cuja sinceridade me fora demonstrada por sua vida e por suas boas obras, contou-me, diz o P. Toccanier, que aos 15 anos de idade se havia confessado com o Cura d’ Ars. De repente o Santo o interrompe: “Amigo, não disseste tudo”. – Ajude-me, pois, meu Padre; não me posso lembrar de outras faltas. – E aquelas velas que tiraste da sacristia de S. Vicente para adornar tua capelinha. Era exato.

Um senhor do departamento de Drome, cuja mulher se achava, enferma, foi consultar o grande curador de Ars, como se se tratasse de um médico. “O Sr. poderá

vê-lo no confissão, disseram-lhe”. Ali apresentou-se, mas sem vontade. Esse peregrino, um tanto singular, era ligeiramente disforme: envolvido num caso de assassinio, fora ferido num caminho solitário, e preso preventivamente... Com grande espanto de sua parte, o servo de Deus lhe trouxera à memória os golpes, o caminho solitário e a prisão preventiva. O pobre homem convenceu-se de que não estava tratando com um médico qualquer. Movido por tais revelações, mudou de vida e não se envergonhava, dali por diante, de contar este curioso episódio a quantos quisessem ouvi-lo.



A muitas pessoas o Cura d’Ars aconselhou a vida religiosa e a outras que ficassem no mundo sem que, em todos os casos, fosse evidente a intuição sobrenatural. Assim foi que disse a muitos jovens poderiam contar-se uns 60: “Faça-se Irmão das escolas cristãs, e por seu intermédio será feito muito bem”. Tinha grande interesse por nossa congregação da Sagrada Família, afirma o Irmão Gabriel, fundador e primeiro superior da mesma. Ele nos encaminhou cerca de quarenta postulantes”. Mandou uns vinte para a Trapa, assegurando-lhes que era esta a sua vocação. A um jovem que vacilava ante a perspectiva de tamanho sacrifício, fez-lhe esta pergunta: “Os outros que se acham no mosteiro não são também de carne e osso?” E deixou que o penitente tirasse a conclusão. Nas diferentes circunstâncias a prudência natural do Cura d’Ars e seu tino perspicaz de diretor poderiam bastar para o iluminar. Entretanto, já vimos que teve sobre algumas almas pressentimentos de verdadeiro profeta.

A vida do Cura d’Ars coincide com um período de desenvolvimento das obras católicas. Foi interrogado sobre a oportunidade e o futuro da maior parte delas e, além disso, foi o homem de conselhos e mesmo o *vidente* cujas predições os tempos vêm confirmando.

O P. Muard, antes de fundar o mosteiro beneditino da Pierre-qui-Vire, foi, em 1848, consultar o Cura d’Ars. “Sua empresa é obra de Deus, lhe respondeu o Santo, e certamente terá bom êxito. Não se deixe vencer pelos obstáculos”.

Pouco tempo depois da festa do Natal de 1856, que ele chamou “o dia de sua conversão”, o admirável padre Chevrier hesitava ainda em entregar-se de corpo e alma à infância abandonada. Dirigiu-se a Ars. “Meu filho, lhe disse o Santo Cura, suas inspirações vêm do céu. Encontrará numerosas dificuldades, mas se tiver coragem e persistência fará abundante colheita de almas”. O P. Chevrier compreendeu tudo, perseverou em seus propósitos e fundou em Lião, Deus sabe a preço de que sacrifícios, a *Providência do Prado, que fazem bem imenso*.

O Cura d’Ars nunca tivera ocasião de ver a jovem Eugênia Smet que, com o nome de Madre Maria da Providência, haveria de fundar o Instituto das *Auxiliadoras das almas do Purgatório* e, apesar disso, sempre que falavam nela, gostava de dizer: “Eu a conheço!”

Em 1850, aquela jovem, que ainda não contava 25 anos, pensou em organizar uma associação de orações e boas obras, cujos méritos seriam aplicados às almas do

purgatório. Convenceu-se logo de que somente corações consagrados a Deus e imolados para si mesmos poderiam levar a termo tal empresa. Conviria, pois, fundar uma nova ordem e ser ela a primeira religiosa? Eugênia Smet, que era a sensibilidade e timidez personificadas, receava não ter coragem para tal. Consultou Mons. Chalandon, bispo de Belley, o qual a aconselhou recorresse às inspirações do Cura d’Ars. O Santo ditou a resposta ao P. Toccanier: “Uma ordem para as almas do purgatório, há muito tempo que estou esperando... Fundá-la-á quando quiser... Sim, que seja religiosa, e que funde esta nova ordem, que se estenderá rapidamente por toda a Igreja”.

Mas faltam-lhe os recursos absolutamente necessários... E a separação dos pais tão queridos que se obstinam em negar-lhe o consentimento “Siga em frente, lhe respondeu o Cura d’Ars: tudo irá bem; logo se enxugarão as lágrimas que um afeto demasiadamente natural fará derramar”. A 21 de novembro de 1855, Eugênia Smet conseguiu a licença de sua mãe. Depois de algumas provas e vacilações, as *Auxiliadoras das almas do Purgatório*, ainda em vida do Cura d’Ars, se estabeleceram solidamente em Paris, donde se espalharam pela França, Bélgica, Inglaterra, Áustria, Extremo Oriente e América... Foi esta família religiosa, segundo parece, a predileta do Cura d’Ars, e, depois de Deus, é a ele a quem as *Auxiliadoras* atribuem sua existência e prosperidade.

Os arquivos do Santuário de Ars nos revelam que umas vinte obras – congregações, missões, confrarias, peregrinações, orfanatos, etc. – devem às luzes do Cura d’Ars a sua criação ou conservação. “Tende pureza de intenção”, recomendava aos fundadores e superiores. Sede humildes... Não sereis ricos senão quando confiardes na Providência... “Fazei menos barulho nos jornais e um pouco mais à porta do tabernáculo... Não receava desencorajar as iniciativas cujo fracasso ou infecundidade ele previa. “Se todo projeto benfazejo, diz o P. Toccanier, podia estar seguro de sua adesão, rejeitava todo projeto sem finalidade e sem real utilidade”.



Antes de terminar este capítulo sobre as intuições do Cura d’Ars, impõe-se uma pergunta: Profetizou nosso Santo grandes acontecimentos referentes à Igreja, à nação e à sociedade, como sejam perseguições ou guerras? À esta pergunta muitas respostas judiciosas se tem dado e somente precisamos reproduzir aqui uma delas, pois, estudados a fundo os documentos, vemos ser a que com mais exatidão traduz, acerca desta questão, o nosso pensamento.

José Vianney escreveu em 1904, quando se codificava a *Lei de separação*:

– Se, durante a sua vida, nada deu lugar a tantos falatórios e de tão diversas maneiras, como as lutas do Cura d’Ars com o demônio, nada depois de sua morte tem causado tanto alvoroço como suas profecias. Assim como não se empresta, senão a ricos, da mesma maneira se lhe atribui mais de uma profecia que nunca fez. Ainda hoje não ocorre na vida da Igreja na França um acontecimento de importância, sem

dizer-se que o Cura d'Ars já o havia profetizado, apesar de se comprometer sua memória com tais imprudências, aduzindo levemente, como se fossem seus, ditos cuja autenticidade é muito contestável.

Durante a guerra de 1914-1918, como a luta se prolongasse além de toda expectativa, novamente começaram a circular sob o nome do Cura d'Ars umas "profecias que pareciam ter sido inventadas em todos os seus pormenores, tal era a precisão e tão bem correspondiam às circunstâncias presentes". Uma delas, em particular, que parecia ser o anúncio de certa reação vitoriosa, teve particularmente grande ressonância. Tal predição, interpretada, amplificada, esclarecida e modificada de mil maneiras, atribuída ao Cura d'Ars por um religioso lazarista, o Irmão Gaben, não tem as notas requeridas de autenticidade. Demais, não foi o próprio Cura d'Ars quem nos aconselhou a prudência em matéria do que se chama *profecias*? "Solicitado constantemente pelos peregrinos para dar seu parecer sobre acontecimentos políticos, nunca, diz a condessa de Garets, quis responder e, apesar disso, punham em sua boca predições totalmente falsas. O Santo lamentava isso: "Pobre Cura d'Ars! Como o fazem falar, ele que não diz nada!" As coisas chegaram a tal extremo que um agente da polícia imperial foi a Ars para se inteirar com o burgomestre a respeito de uma profecia atribuída ao Cura d'Ars, a qual produzira grande alarme". Sabemos por uma narração do burgomestre como acabou a investigação. Provavelmente entre o Santo e o comissário se falou de tudo, menos de política. É de crer que o agente de polícia se confessou; pelo menos se pode deduzir das lágrimas que derramava ao sair de tão singular audiência.

Algumas vezes, porém, o *vidente de Ars* revelou sua visão interior sobre os grandes deste mundo.

Júlio de Maubon refere que, encontrando-se em Ars em 1849, travou conversação com Sánchez, antigo oficial carlista, desterrado. O espanhol começou a recriminar violentamente a Pio IX, então refugiado em Gaeta. Chamava-o de *Papa liberal* e censurava-o por ter recebido, quando subiu ao pontificado, as aclamações dos demagogos: segundo ele, o novo papa não era digno de ocupar a cadeira de S. Pedro. "Eu não participava de suas idéias, disse o sr. Maubon, e depois de quase uma hora de passeio nos separamos". Durante este tempo, o Cura d'Ars havia explicado o catecismo. Quando saía da casa paroquial, depois de comer, deu-se conta da presença daquele cavaleiro. "Ah! amigo, disse-lhe de passagem, quão diferente dos de Deus são os caminhos dos homens. Afirmaram-lhe esta manhã, que o Santo Padre, de regresso a Roma, teria que abdicar o poder pontifício. Pois bem, o senhor não o verá; Pio IX será um dos maiores papas que governaram a Igreja".

No mesmo ano, o sr. de Maubon fez uma visita ao Cura d'Ars para lhe pedir conselhos. Fora solicitado a ocupar um cargo de certa importância nos negócios públicos. O Príncipe-Presidente acabava de restituir o Panteon ao culto; nomeara uma comissão para elaborar a lei sobre a liberdade do ensino; numa palavra, Luís Napoleão – o futuro Napoleão III – parecia inclinado a governar de um modo favorável para os católicos. "Perguntei ao Cura d'Ars qual o seu parecer sobre a proposta que acabava

de receber. Depois de me ouvir com singular benevolência, deteve-se um instante, baixou os olhos para refletir ou para rezar. De repente voltou-se para mim e disse em tom grave:

– "Não, não, amigo, não aceite nenhum cargo do novo governo. Luís Napoleão será um dia inimigo da Igreja".

"Certa vez, conta Catarina Lassagne em seu *Diário*, em 1856, na presença do Irmão Jerônimo e minha o Sr. Cura falou não sei sob que pretexto na família imperial. Disse do pequeno príncipe Napoleão: "Será muito bom este príncipezinho; tem uma bela cabeça". Nosso Santo Cura não lia, portanto, os jornais e nem tinha visto o retrato daquele menino".

Se buscarmos, contudo, nos documentos autênticos, acharemos duas profecias a longo prazo, cujo cumprimento se refere a tempos mais ou menos remotos.

Uma delas nos leva, segundo parece, ao fim do mundo. "Depois de sua enfermidade de 1843, afirma a condessa de Garets, o Cura d'Ars disse que gostava muito dos Jesuítas e que tinha grande confiança na duração da Companhia".

Outra profecia diz respeito à conversão daquela nação protestante, que em outros tempos mereceu o nome de *Ilha dos Santos*. Em 14 de maio de 1854, o Cura d'Ars recebeu a visita de Mons. Ullathome, bispo de Birmingham. "Falei-lhe da conveniência de rezar pela Inglaterra, escreveu o prelado, e lhe expliquei em poucas palavras as provações e os sofrimentos que os nossos pobres católicos têm de sofrer pela fé. Interrompeu-me subitamente, abrindo aqueles olhos que a mesma profundeza em que se acham submerge na sombra enquanto ele escuta ou reflete. Sua luz esclareceu-me com todo seu esplendor e num tom tão firme e tão cheio de convicção, como se fosse um ato de fé, me disse: "Mas, Mons., creio que a Igreja da Inglaterra voltará ao seu antigo esplendor". Não pude duvidar de que o cria firmemente, mas não sei donde lhe vinha tal convicção".

Quanto à sua própria paróquia, aquela "Ars, que não era mais a mesma", transformada pela graça de Deus, será certo que o Santo Cura lhe profetizou um triste e sombrio futuro? Lemos no *Três cidades santas*, de Emílio Baumanns: "O Cura d'Ars não predissera que antes de meio século depois de sua morte Ars voltaria a ser o que fora antes de sua chegada?"

Em nenhuma correspondência, em nenhuma memória ou relação contemporânea, em nenhum testemunho do *Processo de canonização*, aparece este oráculo tão pessimista. Em todo caso, poderia ver-se esta profecia, mas em termos bem diferentes, numa passagem muito obscura do *Petit mémoire* de Catarina Lassagne:

– Era (1845), escreve ela, o dia em que o Cura d'Ars anunciou que teria por auxiliar o P. Raymond, cura de Savigneux, disse em sua instrução: "Ars é como uma grande árvore. Cortai-lhe as raízes. e ela tombará; ou se quiserdes, como uma massa bem levedada que logo se achata, reduzindo-se a pouca coisa... Não se entende nada.

Aqui, tendo em vista a ocasião e as circunstâncias do fato, só cabe uma interpretação. Nestas palavras o Santo não se refere aos seus paroquianos nem ao

futuro religioso de sua paróquia, mas sim ao fato de que a multidão de penitentes, renovada incessantemente, desapareceria de Ars quando ele deixasse de existir. Seguramente que se o P. Raymond, cuja avidez para sucedê-lo é bem conhecida, a tivesse obtido em 1845, ou mais tarde, Ars ficaria “reduzida a bem pouca coisa”, e muito perderia de sua importância. Na verdade, o concurso de peregrinos teria seguido o Cura d’Ars para sua nova residência. Prova disto é o que ocorreu em 1843, quando “fugiu” para Dardilly. Mas o Santo ficou no seu lugar, apesar do desejo que tinha de solidão; a “raiz” não foi cortada e a árvore não tombou.

Em Ars aquela “grande árvore” continua em pé. A peregrinação ainda que sob outro aspecto sobreviveu ao Cura d’Ars. A paróquia guarda até hoje os ensinamentos do P. Vianney como herança de um antepassado respeitável.

## Os Milagres do Cura d’Ars

*Na sombra de Santa Filomena – Os milagres “de dois” – Onde o santo Cura d’Ars se esqueceu de fazer milagres sozinho – O sofrimento cristão é melhor que a saúde – A fé, condição primária do milagre – A vida do Cura d’Ars, continuo milagre e prova palpável da existência do sobrenatural.*

Um dia – provavelmente em setembro de 1843 – Margarida Humbert, de Ecully, visitou seu primo, o P. Vianney. Na conversa que tiveram, o Cura d’Ars disse-lhe entre outras coisas: “Deus é sempre todo poderoso; sempre pode fazer milagres, e o faria como em outros tempos, mas o que falta é a fé”.

”Sabia o servo de Deus que em sua paróquia aconteciam coisas extraordinárias, e ele mesmo reconheceu algumas vezes que nela se fazia muito bem, mas atribuía tudo a Deus ou aos Santos, especialmente à S. Filomena”. Estudando a origem da peregrinação, vemos como o Cura d’Ars, desconcertado com seu poder sobrenatural e surpreendido pela veneração da multidão, deu-se por feliz em poder atribuir tudo à virgenzinha mártir e de se ocultar inteiramente sob seu nome. Mas nem sempre assim aconteceu. Sem dúvida, o povo tinha confiança na proteção de Santa Filomena e proclamava seus prodígios, mas parecia a muitos que seus rogos não eram atendidos se não fossem acompanhados com as orações do Cura d’Ars. Ele protestava: “Eu não faço milagres, não sou mais que um pobre ignorante que guardou ovelhas...” Dirigi-vos à Santa Filomena: nunca recorri à ela sem ser ouvido”. E justamente parecia não se dar conta que o fato de alguém ser sempre atendido pelo céu é sinal de muito elevada santidade; e nem parecia perceber que muitas vezes se realizava tal ou tal prodígio depois de sua benção ou da simples imposição de suas mãos.

Só procurava uma coisa: glorificar a Deus pela salvação das almas. Esta era a sua verdadeira missão e ele o confessava abertamente. Considerava, portanto, como coisa muito secundária as curas milagrosas. Estimava sobretudo o milagre de conversões. “Tenho muita vontade de proibir a Santa Filomena, dizia certo dia, de fazer milagres para os corpos. É preciso que ela cure principalmente as almas. Este pobre cadáver que há de apodrecer não vale lá muita coisa”.

Se, apesar de tudo, a Santa se obstinava em curar compassivamente os enfermos, que fosse manifestar a sua bondade em outra parte! Tais prodígios visíveis e materiais atraíam muita gente a Ars. A humildade do Santo não tinha limites. “Sr. Cura, disse-lhe um dia o P. Toccanier, corre um boato contra V. Revma.

– Qual é, amigo?

– Parece que V. Revma. proibiu a Santa Filomena de fazer milagres aqui.

– É verdade, respondeu. Isso dava muito que falar. Pedi a Santa Filomena que cure aqui quantas almas quiser, mas quanto aos corpos, que os cure mais tarde! Desta vez me ouviu: muitas pessoas enfermas vêm aqui começar sua novena e vão terminá-la em suas casas, onde têm sido ouvidas pela Santa”.

Não se dirá depois disso que o Cura d’Ars havia feito um contrato com sua Santa predileta? Pois bem, muitas vezes o milagre se operou no princípio da novena. Então ouviam-se divertidas censuras como esta, depois da cura de um menino aleijado: “Santa Filomena faltou a palavra. Deveria ter curado esta criatura em outro lugar”.

Depois, mudava subitamente de parecer. Receava, coração assim tão delicado, causar desgosto à sua querida santinha. “Por que V. Revma. proíbe que Santa Filomena cure os doentes?, perguntou-lhe um dia Catarina Lassagne. Pensa V. Revma. que ela está contente? – Ah! é por isso que já por três noites sinto falta de alguma coisa: sinto um vácuo. Santa Filomena parece repreender-me porque não penso muito nela. Prometi-lhe rezar um pouco mais”.

Ao verem que o Cura d’Ars se “enfadava” com Santa Filomena, os peregrinos por sua vez a invocavam menos. Então entre o Santo vidente e a Santa do Paraíso ocorriam certas “cenas” que tinham os anjos por testemunhas. Uma pessoa ficou curada enquanto o P. Vianney rezava a missa no altar de Santa Filomena. Ele voltou à sacristia sem perceber o prodígio. Enquanto assinava as estampas sobre a cômoda dos paramentos, aproximou-se dele o P. Raymond: “Sr. Cura, disse-lhe depois de lhe narrar o acontecido, vejo que Santa Filomena descansou muito tempo.

– Ah! foi por isso que eu a adverti durante a missa com estas palavras: “Grande Santa, se não fizerdes mais milagres perdereis a vossa reputação”.



Dos numerosos testemunhos recolhidos, quer seja no *Processo de canonização*, quer pelos inquisidores do santuário de Ars, conclui-se claramente que os prodígios que já em vida circundavam a frente do nosso Santo com uma auréola antecipada na verdade eram milagres *de dois*. Quando lhe parecia conveniente alguma cura, o P. Vianney pedia-a de viva voz ou, no íntimo do coração, mas depois encarregava a Santa Filomena de obter de Deus, a feliz realização. Não era justamente por esse motivo que a chamava a *encarregada dos seus negócios, sua representante, sua consuleza junto de Deus*. A maior parte dos milagres realizados em Ars na aparência não tiveram outra fonte. Contudo, podemos citar outros casos em que Deus, dir-se-ia, não deu tempo à intercessão da Santa e seu grande amigo sofreu a confusão de se ver... apanhado em flagrante delito de milagre.

Já falamos na jovem Irmã Dorotéia, religiosa da Providência de Vitteaux. Achava-se doente do peito e o médico havia dito: “Morrerá na entrada do inverno”. O Cura d’Ars, ao vê-la entre a multidão, concedeu-lhe por obséquio acesso franco ao confessor. “Minha Irmã, para que deseja ser curada” Expôs ela as suas razões e

o Santo replicou: “Bem, vá ao altar de Santa Filomena pedir a sua cura: entretanto eu rezarei por você”. Soror Dorotéia foi rezar à virgenzinha mártir e, de repente, sentiu-se curada. Deu-se isso em maio de 1853. A religiosa tinha então 24 anos. Morreu na Providência de Vitteaux a 11 de fevereiro de 1914, com a idade de 89 anos.

Durante a grave enfermidade que em maio de 1843 quase levou o P. Vianney, uma pessoa de Chalon-sur-Saone, a senhora Claudina Raymond-Corvevey, foi a Ars em busca de cura. Doente da laringe e dos brônquios, não podia falar sem sentir na garganta uma dor semelhante à queimadura produzida por um ferro em brasa; só se comunicava com os seus, escrevendo sobre uma ardósia. Neste estado se dirigiu ao Cura d’Ars, naquela manhã em que, convalescente, baixou à igreja pela primeira vez. “Minha filha, disse ele, os remédios da terra são inúteis, e a senhora já os tomou em demasia. Mas Nosso Senhor pode curá-la. Recorra à Santa Filomena. Deixe a ardósia sobre o altar. Faça-lhe violência. Diga-lhe que se ela não puder restituir a sua voz que lhe dê a dela”.

”Em seguida, conta a Sra. Raymond-Corvevey, lancei-me aos pés da Santa e ao terminar a minha oração estava curada. Fazia dois anos que não podia falar e seis que padecia horrivelmente. Ao encontrar-me com a Sra. Favier, em cuja casa me hospedava, li em voz alta diante de muitas pessoas algumas páginas sobre a confiança na Santíssima Virgem. Estava de todo curada”. No dia 11 de agosto, festa de Santa Filomena, a Sra. Raymond fez-se ouvir na igreja de Ars, com sua bela voz recuperada.

– Minha neta, que, como eu, se chama Margarida, contava em 1863 a senhora Gérin, irmã do Cura d’Ars, sofria dum pólipio na laringe. Os médicos não puderam curá-la. Resolveu-se afinal conduzi-la a seu tio, o P. Vianney. Meu irmão nos mandou fazer uma novena a Santa Filomena. Nenhuma melhora obtivemos. Disse-nos então que fizéssemos outra, durante a qual, ele rezaria conosco. Pela noite do mesmo dia, minha pequena Margarida sentiu-se como que fatigada, escarrou em abundância e ficou curada. O mal nunca mais reapareceu.

Uma jovem dos arredores de Charlieu (Loire), parálitica de um lado, ainda podia caminhar, mas não tinha nenhuma ação no braço direito. Começou a contar ao Cura a longa história de suas misérias. Interrompeu-a o Santo confessor: “Vá dizer isso à Santa Filomena”. Ela dirige-se a custo por entre aquela multidão apinhada, para o altar da Santa. “Restitui-me o meu braço, assim lhe suplica, ou, então dai-me o vosso”. Curada ali mesmo a moça que foi parálitica corre ao orfanato para fazer ciente de sua felicidade à Catarina Lassagne, sua amiga. “Um jovem de Feurs (Loire), chamado Baron, em consequência de ter caído dum cavalo, se havia encurvado de tal maneira que com a cabeça tocava os joelhos. Padecia um verdadeiro martírio. Neste miserável estado foi conduzido a Ars. “Peça-o à Santa Filomena, disse-lhe o Cura d’Ars. Todos os dias dois zeladores da igreja levavam o doente do hotel ao altar. Durante dois meses, o pobre moço foi-se descurvando pouco a pouco, sem intervenção de médico algum, até ficar perfeitamente curado”.

Carlos Blazy, de Cébazat (Puy-de-Dome), tinha as pernas paralisadas e não podia andar sem muletas. Foi visitar o P. Vianney, o qual lhe aconselhou que fizesse uma

novena à Santa Filomena, novena, de que não obteve resultado. Faltou-lhe a fé. Começou outra com as mesmas disposições. – “Padre, crê V. Revma. que poderei deixar aqui as muletas! – Ah! meu amigo, ainda necessitará delas”. Entretanto a graça toca cada vez mais o coração de Carlos Blazy. Termina a segunda novena como a primeira. Mas eis que a festa da Assunção (15 de agosto de 1858) coincide exatamente com o fim da novena. O pobre doente, depois da missa do Santo, entra na sacristia. “Mas, Padre, pergunta com insistência, é desta vez ou não que hei de levar as muletas à Santa Filomena? – Vá, meu amigo!” O inválido se levanta. Já curado, ergue ao ar as suas muletas, agora inúteis, e vai alegre por entre a multidão admirada depositá-las aos pés da celeste curadora. “Ao regressar, escreve no dia 8 de setembro o F. Bazin, cura de Cébazat: Carlos Blazy pode andar 18 quilômetros a pé sem se cansar: e ainda hoje goza de excelente saúde”. O feliz agraciado fez-se Irmão da Sagrada Família de Belley.

Quarta-feira de cinzas (25 de fevereiro de 1857), chegou a Ars uma pobre mulher, de Saint-Romain, da região do Saone-et-Loire. Ana Thorin Dévoluet levava num tosco carrinho de mão o filhinho, graciosa criança de 8 anos, enfermo de uma coxalgia. Confiou o seu João Maria à família Vernu e, para lhe ser mais fácil ver o Cura d’Ars, a corajosa mãe, fatigada como estava, passou as primeiras horas da noite no vestíbulo da igreja. Percebeu-a o Santo Cura, que sem conhecê-la lhe disse: “Venha antes dos outros; a senhora é quem tem maior pressa”. Coisa estranha! Confessa-se, e sem dúvida, por falta de tempo, não diz uma palavra sobre o pequeno aleijado.

Cheia de mágoa, ela torna a voltar, mas desta vez traz o menino para ouvir a missa do Santo Cura, e vai colocar-se junto à porta da sacristia. Entra o Cura d’Ars. Querem fechar a porta. A mulher põe o pé no umbral e enquanto discute com o Ir. Jerônimo, diz o Santo: “Que entre”. Ela prostra-se-lhe aos pés apresentando o filho para que o abençoe. “Este menino, diz o Cura d’Ars, é muito grande para ser carregado assim. Levante-se, boa senhora, e ponha-o no chão. Mas ele não pode. – Já poderá. Tenha confiança em Santa Filomena”. O Cura d’Ars beija a fronte do inocente e diz: “Vá, boa mãe, vá rezar à Santa Filomena. Ela o há de curar”. E como Ana Dévoluet quisesse tomar novamente o enfermo nos braços, o Cura d’Ars se opôs dizendo: “Não, não; deixe-o andar”. O menino, com grande esforço é conduzido pela mão, pode chegar ao altar da Santinha. Ajoelhou-se por si mesmo, permanecendo cerca de três quartos de hora sem demonstrar cansaço, olhando ora para a imagem da Santa deitada em seu leito mortuário, ora para um livrinho de orações que a mãe lhe dera. Esta, com os olhos rasos de lágrimas, não podia rezar e nem mesmo sabia onde estava.

Finalmente o menino levantou-se sozinho e disse: “Estou com fome”. Começa a andar; a mãe toma-o pela mão e se dirige para a porta. Quer sair, mas infelizmente está chovendo. “Não vê, mamãe, se tivesse trazido os meus sapatinhos... – João Maria já os havia pedido no caminho. – Ana Dévoluet, tomando o seu filho nos braços, entra numa sapataria; pede que o calcem e logo o menino se alegra em poder saltar pelas ruas, onde, tendo estiado a chuva, se pôs a jogar com os meninos de sua idade.

Ainda que em Ars estivessem acostumados a ver milagres, contudo, este causou tanta admiração no povoado, que o eco chegou aos ouvidos do P. Vianney. E foi então quando o Santo acusou a Santa Filomena de haver faltado à palavra!”

Aconteceu também ao Cura d’Ars fazer vários milagres sem que, ao menos exteriormente invocasse a Santa Filomena. Eis alguns exemplos.

Conta a Irmã São Lázaro que uma mulher doente, não se sabe de que paróquia, chegara a Ars numa diligência. Apoiada em suas muletas, esperava a passagem do P. Vianney. “Eia, ande, senhora”, lhe disse o servo de Deus. Ela duvidava. “Mas caminhe, senhora, uma vez que ele lhe ordena”, acrescentou o P. Toccanier, que acompanhava o Cura d’Ars. Então, logo ela deixou as muletas. “Leve-as consigo”, disse-lhe o Cura d’Ars, ao perceber o movimento que se produzia na multidão. “

– Eu vos direi, escreve em uma de suas *Memórias* João Cláudio Viret, de Cousance, que, encontrando-me certo dia em Ars (Ain), fui confessar-me com o Santo Cura lá pelas cinco da tarde. Vi-o entrar na sacristia, levando pela mão uma menina de uns 13 ou 14 anos. A menina tinha os olhos cobertos com um pano branco. Entrou na sacristia com o Santo e sua mãe.

Examinei muito bem aquilo tudo. Pouco depois, mãe e filha saíram de lá. A menina não trazia mais a venda. Ao sair da igreja aproximei-me delas e lhes perguntei: “Que faziam as senhoras na sacristia com o Santo Cura? – Oh! senhor, minha filha estava cega há dois anos. Apenas enxergava um pouco a luz do sol... Mas desde que falou com o Cura d’Ars vê bem a cruz que tem nas mãos!”

Então apresentei-lhe um livro de orações para ver se ela podia ler o título. A menina me respondeu: “Vejo bem as letras, mas faz dois anos que não leio”.

Contei o fato ao conde de Garets, burgomestre de Ars, que se achava na porta da igreja. Não mostrou estranheza e limitou-se a me dizer: “Nosso Santo Cura tem feito muitos outros!”

Em 1854, vivia em Grenoble uma menina de cinco anos, chamada Matilde Besançon. Uma companheira de doze a treze anos, brincando, levantou-a pelas orelhas, mas com tal violência, que se lhe romperam os músculos do pescoço. A menina não podia andar com a cabeça erguida sem apoio. Depois de muitos meses, ao ver que o mal era incurável, os pais de Matilde levaram-na a Ars, com intenção de orar à Santa Filomena. Pareciam inúteis suas orações. Aqueles bons cristãos ouviram a missa do Cura d’Ars, a quem haviam encomendado a pequena doente. De repente, em meio do grande silêncio da elevação, a menina se levantou dando um forte grito: “Mamãe, estou curada!... Veja!” Realmente, podia mover a cabeça em todos os sentidos com facilidade e sem apoio.

Um dia de 1855, a senhora Raymond-Corcevay, que um ano antes tinha sido curada em Ars de uma laringite, estava ajoelhada no confessionário do P. Vianney. “Posso ter confiança, perguntou-lhe, que Santa Filomena cumprirá sua palavra até o fim? – Escute, minha filha, respondeu o servo de Deus., faz apenas alguns dias que

uma pobre camponesa veio aqui com sua filha de sete anos, muda de nascimento. Aquela pobre mãe estava fazendo sua confissão quando *de* repente parou. “Minha filha, disse-lhe eu, continue. – Ah! meu Padre, é impossível. Imagine que jamais ouvira a minha filha falar! Escute. Está ali, junto ao confessor. Que graça, que graça!... A menina, na verdade, já não era muda; falava distintamente. Aquela mulher, prosseguiu o Cura d’Ars, estava muito emocionada, e não podia continuar a confissão. Só sabia repetir entre soluços: “Que graça, meu Deus! Que graça!”

A 1º de fevereiro de 1850, uma pessoa de Virégneux, pequena aldeia do cantão de Saint-Galmier, no Loire, chamada Claudina Venet, foi levada a Ars. Em consequência de um derrame cerebral havia ficado completamente surda e cega. O P. Vianney nunca vira aquela desventurada e ninguém lhe falara a seu respeito, Pois bem, enquanto ela estava diante da porta da igreja, passou o Santo. Sem dizer palavra tomou a cega pela mão, levou-a até ao confessor, onde mandou que se ajoelhasse. Apenas a abençoara, os olhos de Venet se abriram a luz e seus ouvidos ouviram... Parecia ter despertado de um letargo. Mas, acabada a confissão, o servo de Deus fez-lhe esta estranha advertência: “Sua vista está curada, mas ficará surda ainda por espaço de doze anos... É vontade de Deus que assim seja. Claudina Venet saiu só da sacristia. Ao separar-se do santo sacerdote notou que seus ouvidos novamente se cerravam. De fato, nada mais ouviu dali em diante. Esta enfermidade, segundo a predição de 1º de fevereiro de 1850, persistiu por espaço de 12 anos, Tranqüila e resignada, desfrutando da vista recobrada milagrosamente, a doente aguardava o dia de seu total restabelecimento. Qual não foi a santa alegria quando no dia 18 de fevereiro de 1862 se achou completamente curada!”

Em 1855 esteve em Ars a senhorita Farnier, de Montchanin (Saone-et-Loire). Esta jovem era coxa. Implorou do servo de Deus a cura de sua perna. “Minha filha, respondeu o Santo d’Ars, a senhorita desobedece muito à sua mãe; responde-lhe muito mal. Se portanto quiser que Deus a cure, corrija-se deste defeito tão feio. Quanto trabalho lhe custará! Lembre-se de uma coisa: ficará boa, é verdade, mas pouco a pouco, conforme for o esforço empregado para se corrigir”. Em voltando para Montchanin, a jovem Farnier esforçou-se por ser mais obediente para com a mãe. A perna, dez centímetros mais curta que a outra, foi-se encurtando visivelmente, de modo que em poucos anos sua doença desapareceu de todo.

– Em 1856, conta o Sr. Hipólito Pages, fui testemunha da cura de uma mocinha que havia três anos estava muda por causa de uma paralisia. Depois de se ter confessado por escrito com o servo de Deus e de haver recebido a comunhão de suas mãos, teve a felicidade de, durante a ação de graças, recobrar a fala perfeitamente. Conversei em seguida com ela, e me convenci por mim mesmo da cura. “Veja o senhor, disse-me ela, como aconteceu isto. Durante a ação de graças, notei que podia falar ao perceber os movimentos que fazia minha língua para seguir o que rezava com o coração”.

Uma senhora de Lião quis apresentar ao Cura d’Ars um menino que tinha um abscesso abaixo do globo ocular. O menino ia ser operado, mas quiseram que antes

fosse abençoado pelo servo de Deus. Quando o Santo levantou a mão sobre a fronte da pobre criança, a senhora tomou aquela mão venerável e a fez pousar sobre o mal que repentinamente desapareceu. Este acontecimento divulgou-se logo por todo o povoado, mas o Cura d’Ars imediatamente cuidou de se defender. No mesmo dia, à noite, quando o P. Toccanier e o Ir. Atanásio o acompanharam ao quarto, dirigindo-se a eles, lhes disse:

“Meus amigos, aconteceu hoje uma *bela farsa*. Quanto me envergonhei!... Se tivesse encontrado um buraco, ter-me-ia escondido dentro dele.

– Que foi que aconteceu? perguntou o missionário.

– Digam o que quiser, Nosso Senhor ainda faz milagres... Vejam: Uma senhora trouxe-me um menino que tinha um tumor ao lado de um dos olhos. Fez com que eu o tocasse; e tudo desapareceu!...

– Desta vez, disse-lhe o P. Toccanier, não dirá V. Revma. que foi Santa Filomena”.

Ficou um pouco embaraçado, mas por fim respondeu: “Ah! ela também poderia ter alguma parte nisso”.

Destas últimas palavras podemos concluir que o Cura d’Ars, em todos os casos de cura, invocava primeiramente do íntimo de seu coração à sua santa predileta. Ou ainda, que tinha como uma visão misteriosa do papel que ela desempenhava em tais circunstâncias! Talvez sim. Mas seja como for, sempre teve grande cuidado de atribuir à Santa Filomena todas as curas e à Santíssima Virgem todas as conversões.

As partes do *Processo* relatam um bom número de milagres. Mais tarde falaram ainda outras testemunhas,... Sabemos, além disso, que milhares de doentes pediram ao Cura d’Ars que curasse os seus incômodos. Em que proporção foram ouvidos? Não o sabemos. Provavelmente, na sua maioria, não foram curados. O Santo implorava para eles outros dons muito melhores: tinha em grande estima o sobrenatural benefício da paciência cristã. “A maior cruz é não ter cruz”, dizia ele. “Tanto melhor, meu amigo! tanto melhor, respondia ao Irmão Atanásio, que lhe confiava suas penas”. “Um dia, diz o P. Dufour, em que o acompanhei na visita a um enfermo, ouvi-o dizer: “Amigo, não sei se devo pedir sua cura. Não se deve tirar a cruz dos ombros daqueles que a sabem levar tão bem”.



Antes de tudo, quando lhe pediam para curar alguma pessoa, o P. Vianney exigia a fé como condição indispensável. “Mulher, a tua fé é grande”, disse o Divino Mestre antes de curar a filha da cananéia. “ Não exigia menos o Cura d’Ars quando lhe pediam para obter um milagre. “Não é assim que se deve proceder quando alguém deseja ser curado”, respondia a um jovem de Marselha, indivíduo atacado por um mal crônico, e cuja fé corria parelha com os costumes. “Bem, faça a senhora uma novena de orações, mandava a uma mulher de Montflueur (Jura), que fora a Ars a fim de pedir por um parente enfermo. Somente acrescentou hesitando: “Não sei se Deus a escutará, pois naquela casa não há

mais religião do que numa estrebaria de cavalos". Era a pura verdade. O doente morreu ao findar a novena.

Um morador de Nantes sofria de gota. Enquanto projetava ir a Paris para se submeter a um tratamento médico muito dispendioso, um de seus amigos, o Sr. Sionnet, tesoureiro da fábrica de São Nicolau, procurou persuadi-lo "que as orações do Cura d'Ars valiam mais que todas as consultas dos mais hábeis doutores...

Mas o doente de gota zombava e punha condições... Escreveu-se de Nantes, ao Irmão Atanásio pedindo-lhe que expusesse o caso ao P. Vianney. Eis a resposta de Ars: "O Sr. Cura, que não quer saber de *se* nem de *mas* para com Deus, acaba de dizer-me que é melhor deixarem esse homem ir a Paris, pois quando se pede uma graça pondo condições, é certo que não se alcança nada".



O milagre é o sinal do divino; é a prova de Deus neste mundo. A santidade, entretanto, pode existir sem ele. Ainda que o Cura d'Ars não tivesse feito nenhum prodígio, nem por isso seria menos santo. Demais, acaso a sua vida não foi um *contínuo milagre*? Este é o pensamento de Ribadeneira ao falar de S. Bernardo naquele volume da *Vida dos Santos*, tão lido e relido pelo Cura d'Ars: "Ele mesmo foi o primeiro e o maior de todos os milagres". Este pensamento do velho autor, expressou-o com muita felicidade um contemporâneo do P. Vianney, João Pertinand, que foi seu amigo, seu enfermeiro de ocasião e o professor da aldeia.

"A obra mais difícil, a mais extraordinária e a mais prodigiosa que realizou foi sua própria vida".

"Creio, dizia o P. Dubouis, seu vizinho em Fareins, que o Sr. Cura d'Ars não poderia dar conta de seu esmagador trabalho sem uma assistência sobrenatural". "É humanamente incompreensível, afirma o cônego Gardette, que por trinta anos tenha podido suportar um ministério sob cujo peso qualquer outro sacerdote, por mais forte que fosse, muito cedo teria sucumbido". Finalmente, eis o parecer de um dos médicos que assistiram ao Cura d'Ars: "Em vista da sua maneira de viver, tal como a conheci, considero-lhe a existência como extraordinária e naturalmente inexplicável". Assim falava o médico Michel, de Coligny.

Depois de tudo isso, podemos concluir com Paulo Bourget: "Não, a era dos milagres não terminou, mas faltam santos – e eles, são muito raros!"

## Os Grandes Feitos Místicos na Vida do Cura d'Ars

*Silêncio de humildade ou de preocupação – Durante a celebração da missa – Os êxtases corporais e as visões – O Cura d'Ars e a sua visão do outro mundo: o purgatório, o inferno e o céu – O dom das lágrimas, levitação, auréola, anel místico.*

"Passarei agora, diz São Paulo, às visões e revelações do Senhor... as provas do meu apostolado, que são os sinais sobrenaturais, os prodígios, os milagres" (2ª Cor, 12, 1, e 12).

Ao chegar a este ponto da vida do Cura d'Ars, vamos referir, embora apoiado em documentos escassos, mas tão seguros quanto é possível, alguns dos favores mais extraordinários que ele recebeu de Deus.

São Paulo, antes de abordar os extraordinários feitos de sua vida mística, se escusa ante seus fiéis amigos de Corinto: sim, não resta dúvida que é coisa perigosa glorificar-se a si mesmo; mas se o apóstolo fala é somente coagido pela necessidade. Seus adversários negam que sua missão venha de Deus; pois Paulo vai confundir-lhes, dizendo que Deus lhe dá provas...

O Cura d'Ars não tinha "o encargo de todas as igrejas", assim que, oculto naquela aldeia obscura, não opôs aos ataques dos inimigos, que unicamente tinham por objeto sua pessoa, mais do que um silêncio resignado. Narrava de boa vontade e em todas as ocasiões como já o temos visto, suas lutas com o inferno; mas deixava obstinadamente no esquecimento as recompensas tão legítimas que recebia do céu. O P. Alfredo Monnin, depois de ter passado longas temporadas em companhia do Cura d'Ars, foi o primeiro a constatar essa particularidade:

– O servo de Deus nunca falava nos favores divinos de que era objeto. As perguntas que a este respeito lhe faziam o molestavam e cansavam visivelmente. Para as evitar costumava expandir-se em transportes de amor a Deus ou contar interessantes pormenores da vida dos santos, de quem falava como se os houvesse conhecido. É pois dos lábios de reduzido número de testemunhas e não dos seus próprios lábios que podemos descobrir alguns segredos de sua vida mística.

Acontecia, entretanto, ao Cura d'Ars, trair-se involuntariamente, ora impellido pelas vivas emoções que sentia, ora por cair nas redes armadas à sua humildade. Assim, por exemplo, um dia chegou à casa da *Providência* com o rosto todo afogueado.

“Que graça, que felicidade, que coisa extraordinária! exclamava ele em presença de Catarina Lassagne, que se achava sentada.

– Mas onde? perguntou ela depois de alguns momentos.

– Na igreja... Na igreja!...

Ele não pode dizer mais nada. “As maravilhas que Deus opera no íntimo de suas criaturas produzem naturalmente o silêncio, o pasmo e não sei que de divino que impede toda expressão”.

Que viu o Cura d’Ars naquele dia? Talvez aquela procissão dos Santos, da qual falou uma ou outra vez a Irmã Catarina Lacand, e de que conservava uma lembrança que ainda o impressionava.



Os que tiveram a dita de assistir a missa do Cura d’Ars notavam a transfiguração que então se produzia em toda a sua pessoa. Ele mesmo o sabia, de maneira que costumava recomendar às órfãs da *Providência* que não olhassem para ele quando estivesse no altar. Anjo pela fé e serafim pelo amor, tinha ao celebrar os “olhos como chamas que lhe iluminavam o rosto”. Notei muitas vezes, ao lhe ajudar a missa, diz André Treve, que sua atitude recolhida tinha todas as aparências do êxtase. Instintivamente olhavam-lhe os pés para ver se ainda tocavam o solo.

Ele mesmo confessou algumas vezes que as espécies eucarísticas lhe bastavam para alimentar-se, como se conta de outros santos. “Que fome tinha eu durante a missa! dizia uma manhã à Catarina Lassagne. Quando chegou o momento de comungar, disse ao Senhor: Meu Deus, alimentai meu corpo e minha alma. E a fome desapareceu completamente”. “Há de vir um tempo, segundo creio, opinava um sacerdote, em que o Cura d’Ars só viverá da Eucaristia”.

Teve o nosso Santo visões durante a missa? Contemplou Jesus sob a forma da sua humanidade? Segundo o P. Tocanier, “a opinião geral em Ars era de que ele gozava da presença visível do Salvador na Eucaristia”. “Depois da consagração, quando tenho Nosso Senhor em minhas mãos me esqueço de mim”. Mas estas palavras para nós são ainda muito vagas; eis aqui outras mais precisas: “Quando Nosso Senhor está sobre o altar durante a missa, logo que lhe pedem pelos pecadores, lança raios de luz para lhes descobrir as misérias e os converter”. “Espere para logo depois da missa”, respondia algumas vezes o Cura d’Ars às pessoas que iam consultá-lo de manhã, cedo, como se durante o santo sacrifício houvesse de receber diretamente os divinos conselhos. Deste modo predisse a uma jovem de Rive-de-Gier, a futura Ir. Maria Gabriela, da Visitação de Montluel, que, embora contra todas as aparências, seria chamada ao estado religioso. “Minha filha, disse com o rosto radiante, ao encontrá-la quando saía da igreja, como és feliz! Nosso Senhor te escolheu para sua esposa”.

Certo dia, depois do catecismo, enquanto de pé tomava a ligeira refeição sobre pequeno armário que lhe servia de mesa, pensando talvez estar só – não tinha visto que Joana Maria Chanay se achava na cozinha, – começou a dizer entre suspiros:

“Na verdade, não tenho visto a Deus desde domingo”. Assustou-se quando Joana Maria, que tudo ouvira, lhe perguntou: “Antes de domingo V. Revma. O tinha visto?” O bom do Santo, todo confusão, ao se ver traído pelas suas próprias palavras, não respondeu.

Em 1850, dizia numa instrução das 11 horas: “Eis que somos todos terrenos e nossa fé nos apresenta os objetos a trezentas léguas de distância, como se Deus estivesse no outro lado dos mares. Se tivéssemos uma fé viva, eu vos asseguro que O veríamos ali, no Santíssimo Sacramento. *Há sacerdotes que O vêem todos os dias no Santo sacrifício da missa*”.

Mas se o Cura d’Ars “via a Deus”, de que maneira o via! Não cremos que se tratasse de aparições externas; era somente em seu espírito onde contemplava o inefável e o invisível. Demais, o Cura d’Ars o manifestou bem claro num momento de cordial intimidade com seu querido amigo, o P. Tailhades. Recordava diante dele os seus primeiros anos de vida apostólica, o “tempo das graças extraordinárias”, como ele dizia: “No santo altar eu gozava de insígnias consolações: via o bom Deus.

– Via-o V. Revma.?

– Não digo que fosse de uma maneira sensível... Mas que graça!... que graça!” “Estas palavras revelam que no Cura d’Ars havia alguma coisa mais que aquele alto grau de contemplação para onde o levaram graças especiais, alguma coisa mais que a união mística pela qual “Deus associa a alma à sua vida, enquanto a alma se funde no mesmo Deus, e goza do delicioso sentimento de sua íntima presença”. Na verdade, não era ainda o *êxtase* em que, como diz Santo Tomás de Aquino, a contemplação arranca a alma às operações dos sentidos”.

Nenhum testemunho contemporâneo permite afirmar que o Cura d’Ars tenha tido êxtases durante a missa. Segundo parece, nunca prolongou a celebração além do tempo necessário. Mas em outras circunstâncias, gozou certamente deste favor sublime.

Soror Maria Francisca, da Ordem Terceira Franciscana de Saint- Sorlin, foi confessar-se com ele na semana santa de 1849 ou 1850. Terminada a acusação, perguntou ao Santo: “Padre, que quer Deus de mim?” – “Ah! minha filha... murmurou atrás das grades do confessionário uma voz fraca e doce.

Não acrescentou mais nada. Depois, diz à religiosa, o P. Vianney “falou consigo mesmo por espaço de 5 minutos, não sei em que língua; não a pude entender. Cheia de admiração, olhava-lhe o rosto. Parecia estar fora de si. Creio que via a Deus. Julguei-me indigna de permanecer na presença de um tão grande santo e retirei-me tomada de espanto”.

Em março de 1852, à uma e meia da madrugada, o Cura d’Ars dava preferência no seu confessionário à uma jovem religiosa da Congregação do Menino Jesus, chamada Soror Clotilde. Apenas uma vela iluminava aquele recanto da capela de São João Batista. Ora, o Cura d’Ars, correndo a cortina do confessionário, apareceu à sua

penitente revestido de claridade. Uma luz sutil, sobrenatural, envolvia-o completamente. Toda admirada, a religiosa acusou-se de seus pecados. E quando terminou:

"Meu Pai...

– Confesse-se", murmurou o Santo, ainda resplandecente.

Dócil, a boa Irmã continuou:

"Meu Pai, atreveu-se ainda a dizer.

– Confesse-se.

– Mas não tenho mais nada a dizer...

Fez-se um profundo silêncio. Por fim o Cura d' Ars, saindo da sua imobilidade, lhe perguntou: "Minha filha, tem cumprido sempre bem suas penitências?" Ao ouvir isto a boa religiosa descobriu no seu passado algumas negligências de que se esquecera. Acusou-se delas com toda a humildade; recebeu a absolvição e se afastou. Estivera no confessionário quase uma hora. Quando saiu, o Cura d' Ars já havia recobrado o seu aspecto ordinário.

Em 1849, a jovem Maria Roch, de Paris-Montrouge, recorreu às luzes do Cura d' Ars; estava atormentada por penas interiores muito vivas e cria que só o homem de Deus a poderia livrar delas. Depois de muito esperar, Maria Roch pode aproximar-se do confessionário, pois chegara a sua vez. Olhou para o lugar escuro, onde estava o servo de Deus. Que viu ali? Dois raios de luz que pareciam sair do rosto do Santo, cujo semblante estava como que eclipsado por aqueles intensos resplendores. Esta peregrina não teria sido vítima de alguma alucinação? Não; não havia ilusão possível. A senhorita Roch estava em perfeito estado de saúde, e a luz do sol não podia penetrar naquele canto escuro em tais horas. Nossa parisiense, como que fascinada por aqueles olhares de luz, olhou-os longamente por espaço de uns oito minutos, e viu que não se extinguíam. Não teve coragem de se aproximar do confessionário, e deixou a capela de São João Batista. Mas o Santo já havia lido no seu coração. No dia seguinte, ao sair do catecismo, sem que ela lhe tivesse explicado coisa alguma, passou-lhe ao lado e detendo-se, disse: "Minha filha, fique tranqüila; tudo irá bem".

Que via o Cura d' Ars? Que sentia naqueles minutos em que não estava neste mundo? Só ele poderia dizê-lo, mas não o fez. Por felicidade nossa, duas ou três vezes, houve pessoas que foram favorecidas com as mesmas visões que o servo de Deus. Foi assim que nós obtivemos, ao menos por meio duma dessas aparições, os mais nítidos e mais circunstanciados pormenores.

A narradora, Estefânia Durié, nascida em Allier, pessoa inteligente, reservada e digna de toda confiança, a qual costumava fazer coletas para as obras do P. Vianney, chegou a Ars pela manhã do dia 8 de maio de 1840. Desta vez trazia uma soma bem considerável, destinada a fundações de missões. Passou primeiramente pela *Providência*, onde tomou a refeição e depois quis entregar o dinheiro a quem era destinado. Eis o que aconteceu:

– Acabava de dar uma hora da tarde. O Cura estava só no seu quarto. Catarina Lassagne abriu-me a porta da casa paroquial. Comecei a subir a escada quando ouvi o Cura d' Ars falar com alguém. Subi sem fazer ruído e escutei. Uma doce voz lhe dizia: "Que quereis pedir?"

– Ah! minha boa mãe, eu peço a conversão dos pecadores, o consolo dos aflitos, o alívio dos enfermos, e em particular, de uma pessoa que há muito tempo padece e que deseja morrer ou curar-se". A voz respondeu: "Curar-se-á, mas só mais tarde".

Ao ouvir estas palavras, entrei subitamente no quarto cuja porta estava ligeiramente entreaberta. Como eu padecesse de um câncer, estava convencida de que tudo aquilo era para mim. Qual não foi a minha surpresa ao ver de pé junto a estufa uma senhora de estatura regular, vestida com uma roupa de radiante alvura, sobre a qual se viam espargidas umas rosas de ouro! Seu calçado me parecia branco como a neve. Em suas mãos brilhavam os mais ricos diamantes e a frente estava circundada por um diadema de estrelas luzentes como o sol. Parei deslumbrada.

Quando pude dirigir os meus olhos para ela, vi que sorria docemente. "Minha boa mãe, disse-lhe imediatamente, levai-me para o céu.

– Mais tarde.

– Ah! minha mãe, já é tempo.

– Tu serás sempre minha filha e eu serei sempre tua mãe".

Depois de ter pronunciado estas palavras, desapareceu. Fiquei por uns momentos como que fora de mim, estupefata pela graça que me fora concedida. É possível ver coisas, tão formosas e ser tão ingrata! dizia comigo mesma. Ao tornar a mim, contemplei o Santo Cura, de pé diante de sua mesa, com as mãos juntas sobre o peito, o rosto resplandecente e o olhar imóvel. Temi que estivesse morto; aproximei-me dele e lhe puxei pela batina. "Meu Deus, começou a falar, sois vós?"

– Não, meu Pai, sou eu (E como eu pronunciasse estas palavras, tornou a si e perturbou-se). Onde estava, meu Pai Que estava vendo?

– Vi uma senhora.

– Eu também, repliquei. Quem era pois esta senhora?

– Não fale disto a ninguém, replicou-me o P. Vianney em tom severo ou nunca mais porá os pés aqui.

– Posso dizer-lhe o que penso? Parece-me que era a Santíssima Virgem.

– E não se enganou... Então, também a viu?

– Sim, vi-a e lhe falei... Agora explique-me o que se passou quando eu pensava que V. Revma. estava morto.

– Oh, não!... É que estava muito contente por ver minha mãe.

– Meu Pai, devo a V. Revma. o tê-la visto... Quando voltar consagre-me à ela para que ela me consagre ao seu Divino Filho".

O servo de Deus mo prometeu, e depois me disse: “A senhora ficará curada.

– Mas quando, meu Pai!

– Um pouco mais tarde. Não pergunte mais”.

Com um tom mais amável acrescentou:

”A Santíssima Virgem, Santa Filomena e eu nos conhecemos muito bem”.

Era talvez aludindo a esta cena prodigiosa que o Cura d’Ars dizia a um visitante de destaque: “Ninguém ousaria por os pés sobre este pavimento se soubesse quem andou por aqui”.

Da narrativa desta visão duas particularidades, sobretudo, merecem ser notadas; O Cura d’Ars fala na Santíssima Virgem e em Santa Filomena como alguém acostumado às suas visitas; aceita de boa vontade a incumbência de consagrar Estefânia Durié à Santíssima Virgem por estar certo de novas aparições... Estefânia, entretanto, queria saber mais. O varão de Deus corta-lhe as perguntas indiscretas. Não se mostrou mais tão loquaz durante os 8 anos que o P. Toccanier viveu com ele. “Eu disse-lhe um dia, conta este último: Afirmam que V. Revma. tem visões”. Não pude tirar-lhe mais que esta simples confissão: “Sim, uma vez à cabeceira de minha cama vi alguém vestido de branco que me falava docemente como um confessor”.

Se dermos crédito à Mariana Renard, que morava com sua mãe junto à casa paroquial, o Cura d’Ars teve aparições desde o começo de sua vida de pároco. “Quando os peregrinos começaram a afluir – em 1828 – chegou a Ars uma mulher para se confessar com o servo de Deus. Foi à igreja logo de manhã. E que viu na sacristia, cuja porta estava entreaberta? Viu que o Sr. Cura conversava com uma formosa senhora vestida de branco. Não se atrevendo a entrar, esperou. “Por que, perguntou-lhe o Santo, a senhora não se aproximou logo? – Porque V. Revma. estava falando com “uma senhora”. O servo de Deus nada respondeu. Quando a peregrina entrou na sacristia, a senhora já havia desaparecido. E não vendo ninguém sair pela porta supôs que o Sr. Cura falava com a Santíssima Virgem”.

Francisco Bourdin, de quem já temos falado como de um convertido pelo Cura d’Ars, deveria estar com a consciência purificada depois de sete confissões consecutivas. Apesar disso, pela manhã do oitavo dia, quando ia comungar na missa de um dos missionários, foi assaltado por um pensamento inquietador: teria na verdade recebido a absolvição?... Não se lembrava bem. E se não a tivesse recebido poderia considerar-se na graça de Deus?... Em lugar de comungar, Bourdin colocou-se na última fileira dos que se iam confessar. Acostumado à paciência pela longa espera daqueles oito dias, permaneceu ali até à tarde. Chegou finalmente diante da desejada porta. Logo após ter o homem que o precedia deixado o confessionário da sacristia, Francisco Bourdin ajoelhou-se no seu lugar. Ninguém, fora ele, havia entrado.

Naquele momento, porém, o P. Vianney não estava mais no confessionário. Voltado

para a porta, falava com uma senhora um pouco mais alta do que ele, que também permanecia de pé. Trazia um manto azul e era de uma formosura maravilhosa. O Cura d’Ars não tinha visto o penitente que acabava de entrar. Somente a senhora lhe havia dirigido um olhar. O misterioso colóquio durou perto de uma hora, mas sem ruído de palavras. Durante aquele tempo o bom homem permaneceu de joelhos no genuflexório, com a cabeça entre as mãos. “Senti um pesadelo imenso levantar-se de seu peito e a impressão sensível da graça no coração”.

Imediatamente o Sr. Cura tomou o penitente pelo braço. Bourdin já estava de pé. Procurou a visão, mas ela havia desaparecido sem que a porta se tivesse aberto outra vez. Em lugar de se assentar diante dele para a confissão, o Cura d’Ars, despediu-o amavelmente. “Vá, meu amigo, vá em paz. É certo que está na graça de Deus”.

Como é natural, tais narrativas corriam pela paróquia entre os peregrinos. “Todos estavam persuadidos, testifica Catarina de Cibeins, que o Sr. Cura tinha visões e que, em particular, gozava da presença da Santíssima Virgem”. Ouvimos como ele próprio fazia alusões a outras aparições que não eram da Santíssima Virgem: mencionava também Santa Filomena. Disso voltou a falar ainda no fim da vida, em maio de 1859, Conversava na salinha de visita que havia a entrada da canônica, com a baronesa Alix de Belvey. A conversa tomava certo tom de intimidade e o santo ancião se deixava arrastar pela corrente de suas recordações. “Estava ansioso, dizia aquela senhora, cuja discrição lhe era bem conhecida, por conhecer qual fosse a vontade de Deus sobre a nova igreja: teria que gastar todos os recursos na construção e sacrificar a obra das missões paroquiais?... E enquanto orava apareceu-me Santa Filomena: tinha descido do céu, bela, radiante de luz, envolta numa nuvem branca. Disse-me duas vezes: “Nada vale mais do que a salvação das almas”. Referia-se à obra das missões”. Durante a conversa, prossegue a baronesa de Belvey, o Cura d’Ars estava de pé com os olhos levantados e o rosto resplandecente ante aquela lembrança que ainda o encantava.

Os que o rodeavam estavam convencidos de que ele dormia. Por suas próprias palavras sabemos que o demônio o importunava freqüentemente. Mas estas repugnantes visitas não teriam suas compensações? Como saber o segredo? O P. Toccanier habilmente pode descobrir alguma coisa. “V. Revma. também reza à noite? perguntou-lhe o jovem coadjutor, sem manifestar interesse. – Sim, meu amigo, quando desperto... Eu sou muito velho; resta-me pouco tempo de vida e é necessário que aproveite todos os momentos... – V. Revma. deita-se no chão, e dorme muito? – Oh! não; nem sempre me tenho deitado no chão... Segue-se um pequeno silêncio. O Cura d’Ars compreendeu que tinha falado demais. Apesar disso, descuidou-se ainda. “Na verdade, Sr. Cura, continuou o missionário, por meio de todas essas missões que V. Revma. tem fundado, Deus dá a entender claramente que o quer aqui. – Oh! meu amigo, há outra coisa muito diversa”. Desta vez acabaram-se as confidências. O P. Vianney mudou logo de conversa. Aconteceu isso no dia 22 de novembro de 1856. Poder-se-ia tomar como um

reflexo das consoladoras visões da noite aquele resplendor misterioso que um seminarista, falecido mais tarde em Nossa Senhora de Aiguebelle, vira sobre o céu de Ars? Talvez que sim. Mas seja como for, o “jovem sacerdote Tissot – futuro P. Maria Bartolomeu – que passava as férias na casa de João Pertinand, debruçando-se, certa noite, sobre a janela do primeiro andar, viu uma grande claridade na casa paroquial, concluindo daí que deveria haver nela qualquer coisa de extraordinário”.

Alguns fatos revelando algo mais que simples intuições – revelações verdadeiras – indicam que o Santo Cura, por um privilégio especial de Deus, pode contemplar mais de uma vez com seus próprios olhos coisas do outro mundo.

– Minha convicção pessoal, diz a condessa de Garets, é de que o P. Vianney estava em relação direta com os mortos e que sabia o que se passava no Purgatório. Um dos meus filhos morreu na guerra da Criméia. Quando recebemos a triste e gloriosa notícia, nosso Santo nos assegurou que o Johanny se tinha salvado. Alguns dias depois, na explicação do catecismo, escapou-lhe dizer, aludindo ao nosso querido defunto: “É como este pobre jovem... Está no purgatório, mas por pouco tempo”. Estávamos contudo inquietos: nosso filho teria tido na hora da morte um sacerdote ao seu lado? Passados seis meses recebemos carta de um oficial, na qual nos certificava que, depois de ter sido ferido, se havia confessado e morrerá de modo muito edificante. Meu marido apressou-se em levar a notícia, ao Sr. Cura, que se limitou a responder: “Oh! me alegro muito por causa de sua mãe, porém, quanto a mim, isso não muda nada do que já sabia”.

Uma jovem religiosa do Saone-et-Loire, depois de haver consultado o Cura d’Ars sobre sua vocação, quis saber se seu pai, morto num acidente, se tinha salvado. “Sim, minha filha, mas está bem em baixo. Reze muito por ele”.

No ano de 1849, a senhora Meunier, de Perreux, povoado perto de Roanne, foi confessar-se com o Cura d’Ars. “Minha filha, disse-lhe, antes que começasse a falar, seu marido trabalha no domingo. Diga-lhe da minha parte que deixe esse mau costume. Tempo virá em que se alegrará por me ter ouvido”. E acrescentou: “Não convém que um prometa ao outro voltar depois da morte para dizer o que se passa no outro mundo, pois Deus não o concede senão a poucas pessoas”. Na verdade, a senhora Meunier e seu marido haviam feito semelhante contrato. Fiel ao desejo do Cura d’Ars, aquele homem nunca mais trabalhou nos dias de preceito. No ano seguinte, dia da Santíssima Trindade, regressando das vésperas num coche, o cavalo, espantando-se subitamente, disparou, atirando na estrada o Sr. Meunier, que morreu sem ter recobrado os sentidos e sem receber os últimos sacramentos.

Sete semanas depois de tamanha desgraça, a senhora Meunier, aflita pela sorte eterna de seu marido, foi expor suas dúvidas ao Cura d’Ars. Reconhecendo-a através das grades, disse: Minha filha, a senhora julga estar condenada alguma pessoa de sua família, e eu creio que não. – Padre, a pessoa que mais me interessa deverá ficar muito tempo no purgatório? – Espere. E depois de haver pronunciado estas palavras,

recolheu-se no confessionário. A penitente ouviu que falava sozinho, por espaço de cinco minutos, como se conversasse com algum ser invisível. Apenas terminara de falar, aproximou-se da grade e disse suspirando: “Pobre pai, que desgraça!” A senhora Meunier não havia dito ao Cura d’Ars que era mãe de cinco filhos, e que ao morrer seu marido ficara sem recursos. “É preciso algumas missas para chegar ao céu. Dentro de três anos lá estará”.

Três anos mais tarde, um dos filhos, ainda jovem, morreu longe de Perreux, em casa de uma tia. Na mesma noite de seu falecimento, a mãe teve um sonho em que viu o menino subindo ao céu juntamente com o pai. A senhora Meunier, que sabia estar o seu filho gozando perfeita saúde, não fez caso disso; mas quando se inteirou da morte daquele anjo, lembrou-se da predição do Cura d’Ars.

Muitas vezes, ajoelharam-se aos pés do Santo pessoas cheias de desespero: um ser querido, cuja salvação lhes inspirava inquietação, fora-lhes arrebatado e julgavam-no perdido para sempre. O Cura d’Ars, porém, com o seu olhar misterioso, via mais longe do que elas.

– Uma piedosa senhora, conta a baronesa de Belvey, sem a designar por outro nome, tinha o marido que não praticava a religião. Pedia-lhe muito que se convertesse, pois era cardíaco e podia morrer de repente. Aquela senhora gostava de ornar uma imagem da Virgem que tinha em casa. Seu marido gostava de colher flores e lhe oferecer, não ignorando a quem eram destinadas. Morreu quase repentinamente, sem recobrar, segundo creio, os sentidos e sem receber os últimos sacramentos. A aflição da esposa foi muito atroz; adoeceu e chegou-se a temer por sua vida. Enfim, ainda que de uma região longínqua, conseguiu viajar a Ars. “A senhora não se lembra das flores que oferecia à Virgem?”, perguntou-lhe o Cura d’Ars, quando a viu no primeiro encontro. Estas palavras, que de repente a encheram de admiração, a tranquilizaram e consolaram, restituindo-lhe a saúde do corpo e a paz do espírito.

Certo dia, dirigiu-se a Ars o P. Guillaumet, que por muitos anos foi superior da Imaculada Conceição de Saint-Dizier (Alto Marne). Foi no ano de 1855 ou 1856. Nos vagões do trem o assunto era unicamente as maravilhas da santa aldeia. O nome do Cura d’Ars corria de boca em boca. Sentada ao lado do sacerdote, uma senhora de luto fechado escutava em silêncio. Como o P. Guillaumet se aprestasse para descer na estação de Villefranche, disse-lhe a senhora: “Sr. Padre, permita-me acompanhá-lo a Ars... Tanto faz ir lá como a outra parte, não acha? Viajo para me distrair”.

O sacerdote ofereceu-se para guiá-la quando estivessem no povoado. O carro que tomaram em Villefranche deixou-os diante da igreja. Estando para terminar o catecismo das onze, o P. Guillaumet conduziu a senhora para o espaço entre a igreja e a canônica. O Cura d’Ars apareceu, estando revestido ainda de sobrepeliz. Deteve-se diante da senhora enlutada, que, para imitar os outros, se havia posto de joelhos. Inclinou-se-lhe ao ouvido e disse: “Salvou-se”. A forasteira teve um

sobressalto. O Cura d' Ars repetiu. "Salvou-se". Um gesto de incredulidade foi a resposta daquela senhora. Então o Santo, acentuando todas as palavras, lhe replicou: "Digo-lhe que está salvo. Está no purgatório e é preciso rezar por ele... Éntre o parapeito da ponte e a água teve tempo de fazer um ato de contrição. A Santíssima Virgem lhe alcançou esta graça. Lembre-se a senhora do mês de Maria feito em sua casa. Algumas vezes seu marido, ainda que irreligioso, acompanhou as suas orações. Isso mereceu-lhe a graça do arrependimento e o supremo perdão".

O P. Guillaumet não entendeu nada destas palavras, apesar de as ouvir perfeitamente, pois se achava perto da viúva. Até o dia seguinte não chegou a saber que luzes maravilhosas de Deus haviam iluminado o seu servo. A viúva passou em silêncio e na oração as horas que se seguiram depois da entrevista com o Cura d' Ars. Sua fisionomia não era mais a mesma: havia recobrado a paz.

Pouco antes de partir foi agradecer ao P. Guillaumet e disse: "Os médicos me obrigaram a viajar, por causa de minha saúde; mas o que na realidade eu sofria era uma aflição atroz, ao pensar no fim trágico de meu marido. Ele era um incrédulo e eu só vivia para reconduzi-lo ao bom caminho. Não tive o tempo necessário. Suicidou-se... Só o podia julgar condenado. Oh! não o ver nunca mais!... E V. Revma. ouviu o que me disse o Cura d' Ars: "Salvou-se!" Vê-lo-ia, pois, no céu!... Senhor Padre, estou curada".

Só um caso se pode citar em que o P. Vianney pareceu temer pela sorte eterna dum defunto. — É verdade que se fez outras confidências do mesmo gênero, guardou-se a esse respeito doloroso silêncio. "Uma pessoa, recém-chegada de Paris ou de seus arredores, conta Hipólito Pages, perguntou-lhe onde estava a alma de um seu parente que falecera havia pouco. Sem comentário algum recebeu esta resposta: "Não se quis confessar na hora da morte". Infelizmente era verdade: o moribundo tinha recusado o sacerdote. O Cura d' Ars não o poderia ter sabido de antemão".

Pelo contrário, em muitas ocasiões o P. Vianney consolou grande número de pessoas, assegurando-lhes que a alma do ente querido tinha voado para o céu. "Oh! que felicidade ter os pais na bem-aventurança, dizia a um jovem, cuja mãe acabava de morrer. Foi muito paciente durante a sua longa enfermidade, Deus a recebeu e ela reza por você".

— A senhorita de Bar, conta a condessa de Garets, parenta nossa, acabava de perder a sua mãe, cuja vida tinha sido cheia de privações. Veio a Ars e ao entrar na sacristia, o santo Cura lhe saiu ao encontro perguntando: "Senhorita, perdeu sua mãe! Está no céu... — Assim espero, Sr. Cura. — Sim, está no céu". E como a jovem lhe apresentasse o chapéu da mãe para benzer, o P. Vianney agarrou-o e o beijou, respeitosa e como se fosse uma relíquia,

A senhorita Murinais, depois de haver consagrado a vida à prática de boas obras, morreu após longa e penosa enfermidade. Recomendou-a às orações do Cura d' Ars.

"É supérfluo, minha filha, rezar por ela, respondeu-me". E quando a cunhada da defunta lhe pediu que celebrasse missas pelo descanso de sua alma, negou-se, dizendo: "Não tem necessidade".



Outros dons sobrenaturais, daqueles que ilustram a vida dos grandes místicos, foram também patrimônios do Cura d' Ars.

Recebeu com abundância o *dom das lágrimas*. Estas lágrimas provem, diz Santa Teresa, de um sentimento de inefável ternura para com Deus" ou "do martírio interior que padece a alma ao ver a Deus tão ofendido". "Estas lágrimas, escreve Lacordaire, é Deus quem as causa e o êxtase que as derrama". " Pois bem, o Cura d' Ars "nunca falava do pecado e dos pecadores sem chorar". Durante todo o tempo da Via-Sacra, os soluços arquejavam-lhe o peito. Não raro, ao distribuir a sagrada comunhão, as lágrimas caíam-lhe sobre a casula. Mormente no fim de sua vida, não podia pregar sobre a Eucaristia, a bondade e o amor de Deus, e sobre as delícias do céu — eram os seus temas prediletos — sem ser interrompido pelas lágrimas... Chorava ao ver o espetáculo mais humilde da natureza, se lhe recordava o amor de Deus ou o endurecimento dos pecadores. "Outro dia, contava numa prática de seus primeiros anos, eu voltava de Savigneux. Os passarinhos cantavam no bosque, e eu me pus a chorar. Pobres animaizinhos, pensava eu, Deus vos criou para cantar e vós cantais... O homem que foi feito para amar a Deus não o ama!"

Lê-se na história de muitos santos que foram levantados acima do solo por uma força misteriosa, e suspensos no ar sem nenhum apoio natural — é isso o que se chama *êxtase ascensional* ou *levitação*. " Ao menos duas vezes Ars viu este prodígio. Na segunda-feira de Pentecostes, a 28 de maio de 1849, uma jovem que veio a ser mais tarde religiosa da Congregação de S. José, Anita Chretien, de Bassenay, no Ródano, tinha vindo consultar o P. Vianney sobre a sua vocação. Conseguiu falar com ele na sacristia. A uma pergunta que ela fez, viu-o juntar as mãos, levantar os olhos para o céu e depois de repente "se elevar a pouco mais de um pé de altura". Permaneceu nessa posição por uns quinze minutos. Quando tocou novamente no pavimento fez a futura religiosa uma clarividente e maravilhosa predição que se realizou ponto por ponto. O cônego João Gardette, capelão do Carmelo de Chalo-sur-Saone, deu no processo de canonização, sob juramento de fé, o seguinte testemunho:

— Meu irmão, cura de Saint-Vicent de Chalon-sur-Saone, achava-se comigo em Ars. À noite, enquanto o servo de Deus rezava a oração, nos colocamos diante do púlpito. No meio do piedoso exercício, quando o Cura d' Ars, rezava o *ato de caridade*, meu irmão, que tinha muito boa vista, observou que se elevava pouco a pouco até que seus pés subiram acima da borda do púlpito. Sua pessoa estava transfigurada e envolta numa auréola. Meu irmão olhou em redor de si e não viu nenhuma comoção da parte dos assistentes, mas quando saiu da igreja,

não pode guardar secreto o prodígio, que lhe fora dado presenciar: contava-o em alta voz e com entusiasmo. “

Assim como o P. Gardette, não só viu o Cura d’Ars levantar-se por uma força misteriosa, mas contemplou-lhe na frente a auréola, reflexo antecipado da bem-aventurança, que pode circundar – mas quão raras vezes – os santos.

Ousaremos agora aprofundar-nos, mais nos mistérios de Deus e buscar na existência do Cura d’Ars a prova que chegou, de degrau em degrau e por uma série de múltiplas purificações, àquela união tranqüila e perdurável que se chama *união transformadora* e que parece ser o último termo da união mística, a preparação imediata da visão beatífica? O êxtase é apenas a união transitória da alma com Deus, – simples *esponsais espirituais*. – Acima do êxtase está aquela união transformadora, tão íntima, tão serena, tão indissolúvel que, na linguagem mística, foi chamada *matrimônio* espiritual. Graças a essa união tão profunda, “a alma se transforma de tal maneira que se esquece de si mesma para só pensar em Deus e na sua glória”. Deus se apossa inteiramente da alma. Já vimos, ao estudar a vida interior do Cura d’Ars, que era uma oração contínua, e uma comunicação ininterrupta com o céu. “Oh! ditosa vida, exclamava, num de seus catecismos, ditosa união da alma com Nosso Senhor!... A vida interior é como um banho de amor em que a alma se submerge. Quando a alma chega a esse estado, Deus a toma como uma mãe que abraça a cabeça de seu filho para a cobrir de beijos e carícias, Nosso Senhor tem fome dessas almas”. Estas palavras que lhe escapavam espontaneamente demonstram bem às claras o segredo de sua vida interior. Não nos fazem vê-lo entregue aquelas operações divinas da união transformadora? “Quisera perder-me ainda, dizia ele, e nunca mais encontrar-me senão em Deus”. Seu desejo realizou-se. A sabedoria eterna esposou-lhe a alma.

Deus ter-lhe-ia dado algum penhor visível desse *matrimônio místico*? Um feito muito singular parece indicá-lo. É verdade que não passa duma simples carta dirigida por uma boa cristã de Vil-lefranche-sur-Saone a um dos sucessores do Cura d’Ars; o tom da mesma, porém, é sincero e demonstra boa fé.

– Creio ser meu dever manifestar-lhe que, encontrando-me em Ars no dia 2 de julho de 1856 e não tendo podido falar com o Santo em confissão, ao ver a multidão de forasteiros que rodeavam seu confessionário, resolvi prostrar-me a seus pés e receber sua bênção. Ao me aproximar daquela admirável criatura, tentei pegar-lhe a sagrada mão para beijá-la respeitosamente, quando ele a retirou dizendo-me com gravidade, mas amavelmente: “Oh! não tire o meu anel”.

Naquele instante, vi uma coisa que nunca tinha visto até então: no quarto dedo de sua mão esquerda trazia um anel de ouro muito brilhante.

Havia pois recebido, porque era digno, o insigne favor com que foram agraciados outros santos.

A autora da carta faz notar claramente que aquele anel invisível para muitos, ele

o trazia colocado no quarto dedo. O mesmo Cura d’Ars falou nele. A ilusão neste ponto parece impossível. Portanto, o Cura d’Ars, honrado com os desponsórios espirituais, de que trazia a misteriosa insígnia, pertence ao grupo dos grandes místicos que se chamam João, o Esmoler, S. Lourenço Justiniano, o beato Henrique Suso, Santa Catarina de Alexandria, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa, etc. Não seria pois nestas inefáveis delícias, gozadas intimamente com Deus, que ele pensava, quando, instado pelas perguntas do P. Toccanier sobre o trato com Deus e as consolações, que experimentava, deixou escapar esta muito vaga confidência: “Oh! meu amigo, há outra coisa bem diversa?”

## O último ano de um Santo (1858-1859)

*Mais peregrinos do que nunca – A fadiga crescente do Cura d’Ars – Ainda as disciplinas – Noites de insônia – Sublime diálogo – “Ah! certamente é coisa para rir” – Projeto de nova igreja – A paz da noite – Visita de Paulina Maria Jaricot.*

No último ano de sua vida o Cura d’Ars viu passar por sua igreja, pelo menos, uns cem mil peregrinos. Todos se apressavam em se chegar a ele, pois pressentiam o fim próximo do homem de Deus. Todo mundo queria vê-lo, ouvi-lo, e, se possível, confessar-se com ele. Mas era impossível. Os missionários recebiam os penitentes em outras capelas. Às vezes era tal a afluência que os que a todo custo queriam confessar-se com o Cura d’Ars, tinham que esperar até seis dias para poder falar-lhe alguns minutos. A fim de adiantar no trabalho entrava pela noite adentro confessando e, apesar disso, sempre se levantava à uma hora da madrugada, e até antes, à maneira do piloto que, temendo o naufrágio, rema com todas as forças, saudando de longe o porto desejado.

Todas essas pessoas, ávidas de perdão ou de paz, não duvidavam dele que com seu fervor desapiedado acabavam com o velho sacerdote, já esgotado por uma vida de imolação e de trabalho incessante”.

Em março de 1859, cinco meses antes de sua morte, o jornalista Jorge Seigneur entrou na igreja pelas quatro horas da tarde.

– O Cura d’Ars, escreve ele, estava no confessionário. Apenas me ajoelhei, ouvi um soluço que não posso reproduzir; vinha do confessionário. Era um gemido de sofrimento? Era um grito de amor? Cada dez minutos o soluço se repetia. A fadiga arrancava do peito oprimido do Cura d’Ars aquele gemido plangente; mas o gemido de sofrimento se convertia num gemido de amor e era como o esforço sensível de alma sufocada pelas coisas da terra abrindo caminho em demanda do céu.

Seus *catecismos* já não passavam duma série de exclamações que acabavam em lágrimas. A custo se podia ouvi-lo. Sua voz estava extremamente enfraquecida e articulava as palavras com visível esforço. De quando em quando “uma tosse, que se assemelhava a um gemido, revelava-lhe os sofrimentos, mas o amor de Deus e o zelo pela salvação das almas arrastavam-no a um tal esgotamento”.

Aquela tosse seca e dilacerante entristecia a todos. Lastimavam-no; quanto a ele, só lamentava uma coisa: o tempo que esse mal lhe fazia perder. Chegou a ficar tão

fraco que se viu obrigado a tomar um pouco de leite antes de se deitar. Foi esta a única mudança introduzida no seu habitual regime de vida. Em alguns dias, é verdade, não tomava nada nessa hora tardia. Em certa ocasião entrou na casa de Catarina Lassagne, que ficava junto à sua.

“Ah! Catarina, dizia-lhe, não posso mais.

– Sente-se um momento, Sr. Cura, que vou aquecer um pouco de leite.

– Não, não faça nada, eu preciso é de descansar”.

E saia para subir ao quarto. Em seguida, Catarina, sem fazer caso da proibição, preparou uma xícara de leite. Mas quem estava na escada da casa paroquial? O P. Vianney que, renunciando ao repouso, voltava para a igreja. Era demais! Catarina se opôs:

“Senhor Cura, tome isto. Não agüentará até à noite.

– Não, não; não quero nada.

– Senhor Cura, é necessário que tome este leite!”

O P. Vianney levou um dedo a fronte, como para dar-lhe a entender que lhe quebrava a cabeça.

“Vá, deixe-me passar, replicou o Santo.

– Senhor Cura, eu não sairei daqui!”

Então o P. Vianney abriu passagem com um gesto imperativo e pode chegar ao pátio. Com a xícara na mão, Catarina o foi seguindo. “Os peregrinos vão ver”, observou o Sr. Cura. Quis protestar novamente, mas teve de ceder. À noite, disse a inexorável enfermeira: “É verdade, Catarina, creio que sem a sua xícara de leite não teria podido chegar ao fim deste dia”.

Desde 1855, ao ver que a fadiga ia aumentando dia a dia, costumava dizer: – “Minha cabeça parece abrir-se”. O P. Toccanier, sem que ele soubesse, conseguiu que fosse dispensado da recitação quotidiana do breviário.

Rezava-o todos os dias, tendo, porém, que deixar de fazê-lo ajoelhado, costume que lhe era muito caro, e que tinha adquirido desde a ordenação de subdiácono.

Em 1858, ao sair da sala onde se reuniam as alunas da *Providência* caiu ao descer da escada e feriu uma perna. Esta chaga, de que ele descuidou quase por completo, degenerou em úlcera que custou muito a sarar.

Ainda queria disciplinar-se, mas pouco lhe faltava para desmaiar. Entristecia-se por não poder açoitar-se como em outros tempos. Pouco antes de falecer, narra o Sr. Pagis, enviou-me a Lião e me encarregou de lhe trazer uma corrente de dois pés de comprimento e pouco mais grossa que uma corrente de relógio. “Se o senhor não me trouxer, assegurou-me o servo de Deus, terei que me servir de outra que tenho aqui e que é muito mais rude”. Usava essa última disciplina para se despertar pela manhã.

Já havia passado o tempo em que dizia: “Tenho um bom cadáver: quando tomo um pouco de alimento e durmo umas duas horas, posso recomeçar o meu trabalho”.

Agora quando se sentia esgotado, contentava-se em dizer: “Descansaremos na outra vida”.

“Sr. Cura, é necessário que se trate, não cessava de repetir o conde de Garets.

– Basta, amigo, respondia sorrindo, Nosso Senhor arranjará tudo isso”.

Suas curtas noites, passava-as banhado em suor, a se virar e revirar sobre o pobre e duro leito. “Quem acreditaria se o Irmão Atanásio não o afirmasse “Todas as manhãs, era uma grande luta para se levantar antes do dia, e dirigia-se à igreja para começar seu penoso ministério com a mais viva repugnância: “Sempre se tem que recomeçar!” exclamava entre gemidos. Apesar dessa repugnância espontânea da natureza, nunca – e é uma das maiores maravilhas daquela existência incomparável, – nunca aquele ancião de setenta e três anos prolongou na cama “um descanso que não fosse um”. Tinha muita vontade de dormir esta manhã, dizia certa ocasião, mas não hesitei em levantar-me: é tão importante a salvação das almas!”

E já morto de fadiga, entrava no confessionário à hora de costume.

Contou-me, diz o P. Toccanier, que um dia caiu quatro vezes ao se dirigir para à igreja e que quatro vezes se levantou com grande esforço... Ao fazer-lhe notar que parecia achar-se cansado, me respondia sorrindo: “Os pecadores acabarão por matar este pobre pecador.

Às cinco da manhã e também às três ou às quatro da tarde, dava-lhe horrível soneira. Cochilava algumas vezes, apesar de lutar contra ela, percorrendo com os seus dedos descarnados as contas do rosário. “As pessoas compassivas, que se davam conta disso, interrompiam suas confissões para dar-lhe alguns instantes de repouso

Foi por essa época de contínuo heroísmo que deu ao P. Toccanier estas respostas maravilhosas, dignas de eterna admiração:

– “Meu Padre, perguntou-lhe um dia o jovem missionário, se Deus lhe desse a escolher entre subir ao céu imediatamente ou trabalhar ainda, como faz, na conversão dos pecadores, que escolheria!

– Ficaria aqui.

– Mas no céu os santos são tão felizes. Lá não há penas, nem tentações!

– Sim, replicou, os santos são muito felizes, mas só podem desfrutar de suas rendas. Trabalharam muito, pois Deus castiga a preguiça e só premia o trabalho; mas não podem como nós ganhar almas para Deus com trabalhos e sofrimentos...

– Se Deus o deixasse aqui até ao fim do mundo, teria V. Revma. muito tempo; diga-me, também se levantaria tão cedo de manhã?

– Ah! meu amigo, sempre me levantaria à meia-noite. Não é o cansaço que me espanta: seria o mais feliz dos sacerdotes, se não fosse o pensamento de que hei de comparecer como pároco ante o tribunal de Deus!”

E duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Entretanto padecia cada vez mais de suas enfermidades. Mas, assim como o sol que toca a orla do horizonte, sua alma irradiava mais vivos esplendores, conforme se ia aproximando do termo da luta. Apesar de o corpo estar cada vez mais combalido, “seu espírito conservava-se livre, e o rosto sereno e sorridente. Nada havia nele que revelasse aos peregrinos as suas dores tão atrozes”. Quando não podia mais procurava agüentar até ver-se rodeado de pessoas conhecidas e que estivessem ao corrente de seus achaques; então, deixando-se cair sobre uma cadeira, dizia graciosamente: “Ah! na verdade é para rir”.

Continuava ativo e empreendedor. Em fins de 1858, mandou pregar uma missão na paróquia. “Desta vez V. Revma. nos converterá”, disse ao pregador, o P. Descotes. Por esse mesmo tempo, estudava com Pedro Bossan os planos da “bela igreja” que queria dedicar à Santa Filomena. Ele mesmo ajustou o preço com o arquiteto, oferecendo-lhe também um magnífico rosário de coral com corrente de ouro. Mas a nova edificação havia de ser muito custosa. A 2 de abril de 1859, o P. Vianney abriu uma subscrição a qual encabeçou com mil francos. “Rogarei a Deus, escrevia (e estas são as últimas linhas que escreveu), pelos que me ajudarem a construir uma “bela igreja” à Santa Filomena”.

No fim do mesmo mês, reuniu ao seu lado os homens e jovens de Ars que receberam os sacramentos no dia da Páscoa (a páscoa naquele ano caiu em 14 de abril) e se comparou com Moisés quando antes de morrer reuniu o povo de Israel.

– Meus filhos, disse-lhes entre outras coisas, que lindo é o. que acabais de fazer. Ao cumprirdes com o preceito pascal preparastes no vosso coração uma morada para Deus. Mas havereis de preparar ainda outra, erigindo uma formosa igreja... Noutras ocasiões era eu que ia as vossas casas; nunca me recusastes nada! Eu vos agradeço... Hoje é o missionário que vos visita, mas é como se fosse eu mesmo: acompanho-o com o meu coração... Ah! ainda há pecadores na paróquia. É necessário que eu me vá para que outro os possa converter...

Era o seu humilde *Nunc dimittis*. Na verdade, “muitos viram nestas palavras do Cura d’Ars um discurso de despedida. E concluíram que sua morte estava próxima”.

Se às vezes o atemorizavam os juízos de Deus; “se temia morrer “como pároco”, já não se inquietava entretanto com a sua verdadeira vocação. “Acaso não havia agradado a Deus?” Sabia bem que somente Ele o poderia tirar do cargo de Cura d’Ars. O temor deste modo estava acalmado por uma amorosa confiança. “No último ano de vida, conta Marta de Garets, foi ao castelo, falou-nos do amor de Deus, e se pôs a chorar”. Começava às vezes, no púlpito, a tratar de diferentes matérias, mas sempre se voltava para Nosso Senhor, presente na Eucaristia. “Esse atrativo pela presença real aumentou de modo extraordinário no fim de sua vida... Interrompia a prédica e chorava. Seu rosto parecia resplandecer e só se ouviam exclamações de amor”.

À custa de combates chegou a um grau de paz inalterável, “Durante minha primeira doença, confessava ingenuamente, tinha ainda qualquer coisa que me embaraçava; agora não temo nada”. Por outro lado, haviam cessado as contradições dos homens;

passara o tempo em que se atreviam a faltar-lhe com o respeito; seu coadjutor o P. Toccanier tinha para com ele verdadeiro coração de filho. Somente a ele e aos seus companheiros de Pont-d’Ain se queixava o Santo de uma coisa: de darem demasiada atenção ao pobre Cura d’Ars! Um dia em que se lamentava disso diante do jovem missionário, respondeu-lhe este com feliz inspiração:

“A teu pai e a tua mãe honrarás e longos. anos viverás”.

O rosto do P. Vianney iluminou-se e deu a entender ao amigo quanto havia gostado da resposta.

O isolamento, os achaques, o cansaço de viver, acabam por irritar a muitos velhos; suportam com mais dificuldade as impertinências do próximo, pois estão fartos com a sua própria miséria. O Cura d’Ars, conservou até o fim sua incansável e compassiva bondade.

Cinco meses antes de morrer, recebeu a visita de duas pobres senhoras, uma das quais era Paulina Maria Filomena Jaricot, de Lião, arruinada, reduzida a estado lamentável. Chegaram com vento e neve, transidas de frio. A fim de lhes fazer um pouco de fogo, o P. Vianney recebeu-as em seu quarto e desceu para buscar palha e algumas achas de lenha. Mas a lenha estava úmida e o fogo se apagou. “Peço-lhe, disse Paulina Maria, que não intente mais aliviar-me do frio, já estou acostumada a ele. Aqueça minha pobre alma com algumas centelhas de fé e esperança”.

O Santo d’Ars consolou com o melhor pode aquela alma tão provada e por meio da qual Deus havia feito tão grandes coisas. A entrevista foi breve. Os peregrinos assediavam a casa paroquial e chamavam seu confessor. O Cura d’Ars entregou a Paulina Jaricot uma cruzinha de madeira – muda lição de conformidade com a vontade de Deus – e retirou-se, depois de haver dado a sua benção às duas visitantes que se haviam prostrado de joelhos.

## Última enfermidade e morte

*Pressentimentos de morte próxima – O dia em que caiu de cama – “É o meu pobre fim” – A extenuação suprema – O adeus dos paroquianos ao seu velho cura – As tentativas para o salvar – No sossego do êxtase – Viático e extrema-unção – O último testamento do Cura d’Ars – A visita de S. Excia. Mons. Langalerie. – A morte – Os dobres de finados de campanário em campanário.*

Incontestavelmente, o Cura d’Ars havia pressentido, muito tempo antes, não só a época aproximada, mas também o dia exato de sua morte. “Depois da última tentativa de fuga (1855), refere Catarina Lassagne, nosso Cura já não falava mais em partir senão da vida presente para a eternidade. Dizia freqüentemente: “Vou-me embora, em breve morrerei”.

Antes da festa do Corpo de Deus de 1859, ofereceram-lhe um véu umeral. “Poderá servir-lhe na procissão, disse eu, para sustentar a custódia. – Não o usarei mais, respondeu-me com amável sorriso!” E realmente, no dia do Corpo de Deus de 1859 (2 de junho) estava tão fraco que não teve forças para levar o Santíssimo Sacramento de um altar para outro. Segurou-o somente para dar a benção.

Na festa de Todos os Santos de 1858, mandou que Catarina fosse ao castelo de Cibains “para receber uma soma de 20 soldos diários que lhe deram de esmola”. “Esta será a última vez, disse como que duvidando; depois repetiu em tom mais firme: “Sim, será a última vez”.

Em junho de 1859 a senhora Pauze, fervorosa cristã de Saint- Etienne, apresentou-se no confessorário do P. Vianney. Tinha esta senhora o piedoso costume de ir todos os anos em peregrinação a pé, com seu marido, ao Santuário de Louvesc. O Cura d’Ars falou-lhe com entusiasmo de S. Francisco Regis., cujo sepulcro também visitara e a quem devia muitos favores. A Sra. Pauze, julgando que não o veria mais antes de partir, despediu-se dele. “Sim, minha filha, replicou prontamente o Santo, ver-nos-emos dentro de três semanas”. A peregrina voltou para casa muito pensativa. Acaso o Cura d’Ars teria a intenção de ir a S. Etienne?... A senhora Pauze repetiu aos seus aquelas palavras, cujo sentido não conseguia descobrir. Pois bem “três semanas depois, o Cura d’Ars e sua piedosa penitente podiam ver-se no céu, pois morreram quase ao mesmo tempo”.

A 18 de julho, ou seja, dezessete dias antes da morte do P; Vianney, Estefânia Durié, que vimos, assistir no quarto do Santo ao final de um de seus êxtases, voltou a

Ars depois de uns exercícios espirituais em Louvesc. Apresentou-se no confessionário do Santo. Ouçamos antes de mais nada este emocionante diálogo que dir-se-ia já do outro mundo:

– Acho, meu Pai, que não fiz muito bem os exercícios espirituais em Louvesc, pois me. preocupei com a sua saúde: Parecia-me vê-lo enfermo. – É verdade, respondeu o Cura d’Ars, neste momento não estou enfermo, mas minha carreira toca o seu fim. Este é o meu último ano. Já lhe tenho dito isso para satisfazer uma curiosidade inútil; mas, desta vez o digo como eu o sei: é o meu último ano. Mas não fale nisso, minha filha: durarei poucos dias e preciso desse tempo para me preparar. Se a Sra. o disser, todos se apressarão a se confessar e eu ficaria muito sobrecarregado.

– Então está tão próximo assim?

– Sou um grande pecador; este pensamento sempre me faz chorar.

– E então que será de mim

– Se eu tiver a felicidade de ir ao céu, pedirei a Deus que continue sendo sempre o seu guia.

– Oh! meu Pai, peça ao Senhor que o deixe ainda algum tempo entre nós.

– Não, não posso pedir isso; Deus Nosso Senhor não o permitiria... Hei de deixar em breve este mundo”.

E acrescentou, desfeito em pranto: “Não sei se tenho cumprido bem as funções de meu ministério.

– Se V. Revma. se queixa, que será de mim, que tenho de ficar sempre no mundo?

– O que faz não é de temer tanto como o meu ministério sacerdotal.

– Meu Pai, o seu trabalho é bem melhor do que o meu.

– Como temo a morte! Sou um grande pecador!

– V. Revma. mesmo disse que a bondade de Deus é maior que todas as nossas faltas... Quisera estar eu tão segura como V. Revma. de ir para o céu... Mas, meu Pai, quando então morrerá?

– Se não for no fim deste mês, será no princípio do outro.

– Como pois poderei saber o dia se V. Revma. não mo quer dizer?

– Alguém lho dirá; a senhora assistirá ao meu enterro, e passará a última noite junto ao meu leito de morte”.

Estefânia Durié não acreditou ainda em semelhante predição. Mas antes de a absolver, o Santo insistiu dizendo: “Receba, minha filha, a última absolvição do Pai de sua alma”.

Recebido o sacramento da penitência, Estefânia Durié voltou à carga.

– “Por favor, meu Pai, diga-me o dia em que há de morrer.

– Não, minha filha, não o saberá; ficaria aqui e teria demasiado incômodo; ao seu tempo o saberá”.

Estefânia saiu de Ars a 22 de julho, cheia de encomendas da parte do P. Vianney. Ao chegar a Roanne, doze dias mais tarde, encontrou-se com um religioso que lhe disse: “Acabo de saber que o Cura d’Ars está enfermo”. Lembrou-se das palavras do Santo, e logo regressou a Ars. Mas não viu mais com vida o seu pai espiritual. Quando, às cinco da tarde, entrou na velha casa paroquial, ouviu o rumor dos soluços. Morrera o Santo naquela noite.

O fim do mês de julho de 1859 foi verdadeiramente abrasador. Os dias e as noites eram dos mais insuportáveis pelo abafado da atmosfera. Fora das casas parecia respirar-se fogo. A gente se asfixiava na estreita nave da igreja, cheia como nunca e convertida numa estufa. Só o Santo permanecia no confessionário, mártir de sua heróica abnegação.

”Que sublime seria se um sacerdote morresse, dissera ele, por causa de padecimentos e de trabalhos sofridos pela glória de Deus e pela salvação das almas”.

Seu sonho ia realizar-se. Na sexta-feira, 20 de julho, sentiu-se indisposto ao se levantar; contudo desceu à uma da madrugada. Mas no confessionário sentiu-se sufocado; teve que sair da igreja, e descansar uns momentos no coro. A febre o abrasava.

Às onze horas, antes da explicação do catecismo, chamou à sacristia um dos voluntários que cuidavam da ordem na igreja, Pedro Oriol, e lhe pediu um pouco de vinho. Sorveu algumas gotas, derramadas na palma da mão, e com este refrigério, pode subir ao púlpito. Mas não conseguiu fazer-se ouvir. Adivinhava-se, contudo, que falava de seu tema predileto; pois se voltava de contínuo para o sacrário e fixava nele os olhos banhados de lágrimas.

Pela noite entrou na casa paroquial todo encurvado, apoiado no braço do Ir. Jerônimo. Parecia estar ferido de morte. A família dos Garets estava postada à sua espera.

Levantou a mão trêmula sobre os seus queridos amigos. “É a última vez que nos abençoa”, disseram chorando aqueles nobres cristãos.

Ao chegar à escada teve um pequeno desmaio. O Ir. Jerônimo lhe aconselhou que saísse para fora, pois o ar lhe faria bem... Sempre apoiado ao enfermeiro, dirigiu-se à casa dos Irmãos; mas regressou em seguida, porque não podia mais. Com muita dificuldade subiu para o seu aposento. O Ir. Jerônimo o ajudou a se deitar. Depois, a pedido do Santo, se retirou deixando-o só.

Daf à uma hora, sentindo frio, apesar da atmosfera sufocante, pois era uma noite sem aragem, deu umas pancadinhas para chamar alguém. Catarina Lassagne, que, sem o Cura d’Ars saber, estava de prontidão no quarto vizinho, foi a primeira a acudir. “É o meu fim, disse suspirando, chamem o cura de Jassans”. Avisado por Catarina, entrou também o Ir. Jerônimo. Estava na hora – uma e um quarto ou uma e meia – em que o Cura d’Ars., nessa estação do ano, costumava descer à igreja. O Ir. sacristão, porém, não lhe falou em levantar nem em celebrar a missa. Ele sentia-se prestes a expirar.

"É o meu fim, repetia; chamem o meu confessor.

– Vou também buscar o médico.

– É inútil, o médico não fará nada". O P. Toccanier veio chorando. "Sr. Cura, Santa Filomena, que há 16 anos o curou, curá-lo-á também agora.

– Santa Filomena não poderá fazer nada!"

O P. Luís Beau, cura de Jassans, e o Dr. Saunier, médico residente em S. Eufêmia, chegaram. quase juntos ao raiar do dia. O médico não soube dizer outra coisa senão que o enfermo tinha chegado a uma debilidade extrema. Não tinha força para reagir. "Se o calor diminuir ainda haverá alguma esperança, mas se ele continuar, vamos perdê-lo". ' Aumenta o calor e cai sobre Ars uma trovoada.

Foi indizível a desolação entre os peregrinos quando se soube que o Sr. Cura não desceria naquela manhã e que talvez não viria nunca mais a igreja... A maioria deles havia chegado naquela mesma noite. Começaram a cercar a porta do pequeno pátio. Alguns, com uma liberdade incompreensível, sem serem chamados pelo Santo, chegavam até junto do seu leito para acabar a confissão.



O Cura d' Ars, até ali tão difícil de se deixar cuidar, mostrou-se dócil como uma criança. Lembremos com que relutância durante sua enfermidade de 1843 aceitou que lhe pusessem um colchão na cama. Pois bem, na madrugada de sábado, estenderam um sobre o seu duro enxergão, o que ele agradeceu com um sorriso. Tomou todos os remédios que lhe deram. Só uma vez se queixou, quando uma Irmã de São José se pôs a espantar as moscas que pousavam sobre o seu rosto banhado de suor. Fez um gesto e alguns creram ouvir estas palavras: "Deixe-me com as minhas pobres moscas... Só o pecado causa tédio..."

"Estava em plena. lucidez de espírito, refere o seu confessor, que foi até o último momento a testemunha daquele fim sublime. Confessou-se com a piedade costumeira, sem perturbação e sem dizer uma palavra sobre o seu mal". Não manifestou desejo algum de recobrar a saúde. O demônio não teve permissão para atormentá-lo na hora derradeira.

"Sua maior apreensão sempre fora a de desesperar nos últimos momentos". O temor da morte, porém, que ele tantas vezes havia manifestado, desapareceu por completo.

Depois de haver sorvido todo o cálice das amarguras desta vida de desterro, saboreava as *delícias da morte* ", e realizava em si mesmo uma de suas expressões: "Que agradável é morrer quando se tem vivido sob a cruz!" A doença fez rápidos progressos.

O servo de Deus gozava de uma paz perfeita. Nenhuma queixa: dir-se-ia que não sofria. Sacerdotes, irmãos, piedosas senhoras, permaneciam junto dele, posto que preferisse estar só.

Os habitantes de Ars, seus paroquianos tão queridos, e os peregrinos, apareciam sem cessar na porta de seu quarto para que ele benzesse os objetos de piedade que lhe apresentavam e pedir-lhe para si mesmos uma benção. O Santo atendia benevolamente a todos, mas sem pronunciar palavra. No dia antes de falecer, quando o excesso de gente foi proibido no seu quarto, houve quem violasse a ordem. "Nós vamos assim mesmo, diziam chorando, ao Ir. Atanásio, que cuidava do portão do pátio; antes de ele ser seu pároco, foi nosso". O Irmão consentiu em deixá-los passar, recomendando, porém, que não fizessem barulho. Em silêncio, mas mal dominando os soluços, ajoelhavam-se no pavimento do quarto. O Santo os reconheceu: levantou o braço desfalecido e traçou sobre eles o sinal da cruz. "Vi-o em seu leito no último dia de vida, diz Guilherme Villier, que, sem dúvida, estava presente àquela cena; mostrava-se suave e tranqüilo Como um anjo".

O conde de Garets, que quase não saía da casa paroquial durante aqueles dias de angústia, mandou chamar a sua família. O Santo moribundo fixou os olhos nos seus filhos, a quem consagrava verdadeiro amor paternal. Lembrou-se de que até então não tinha dado nenhuma lembrança à jovem Marta Filomena. Fez sinal ao Irmão Jerônimo que lhe desse um rosário.

Entretanto, que faziam os peregrinos? Amontoavam-se entre a igreja e a casa paroquial, reclamando seu confessor. Os recém-chegados pediam que lhes deixassem vê-lo ao menos uma vez. Disseram-lhes que o Sr. Cura os abençoaria do próprio leito. Em determinados momentos, soava uma campainha e todos se ajoelhavam na rua, fazendo o sinal da cruz.

Na igreja, ante o altar de Santa Filomena, sucediam-se grupos de pessoas que pediam à querida santinha a saúde de seu amigo de Ars. Não faltou quem fosse em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Beaumont. "Se o calor diminuir, dissera o médico, Dr. Saunier, ainda poderemos ter esperança". Os habitantes de Ars, para de alguma maneira refrescar a casa, estenderam sobre o telhado grandes toalhas que Hipólito Pages e outros vizinhos, trepados em escadas, molhavam de quando em quando. Foi admirável o devotamento de todos.



O suave moribundo já não parecia desta terra. "Os seus lábios não se moviam, diz seu confessor, mas os olhos permaneciam voltados para o céu, dando-nos a crer que estava em contemplação. Penso que se passava algo de extraordinário. Às diferentes perguntas que lhe eram feitas, limitava-se a responder sim ou não.

Na verdade, pronunciou poucas palavras. Pela manhã de terça-feira, 2 de agosto, o Irmão Atanásio e o P. Toccanier foram-se revezando à sua cabeceira. Enquanto o Ir. Atanásio velava, anunciaram a visita do médico. "Restam-me 36 francos, consegui dizer o enfermo; diga a Catarina que os dê ao Dr. Saunier e que peça a ele que não volte mais; aliás não teria mais com que pagá-lo... O P. Toccanier manifestou ao Santo o seu temor pelo futuro. "Padre, tendo o governo negado licença para a loteria

e Deus levando V. Revma. deste mundo creio que... – Coragem, meu amigo; dentro de três anos já o terá”.

Neste mesmo dia, às três da tarde, o confessor julgou prudente administrar-lhe os últimos sacramentos. Ele mesmo os pediu sem querer esperar pelo dia seguinte, como lhe propuseram. “Como Deus é bom, murmurava, quando um não pode ir visitá-lo é Ele mesmo quem vem”.

Enquanto o cura de Jassans passava, levando a Hóstia, tocava o sino da igreja. Uns vinte sacerdotes, cada um com a sua tocha, acompanhavam o Santíssimo Sacramento. Ao ouvir o sino, brilharam lágrimas nos olhos do moribundo. “Padre, por que chora? perguntou-lhe o Irmão Elias, que estava ajoelhado junto dele. – É triste comungar pela última vez.

Ao ver entrar o cortejo no seu quarto, sentou-se com as suas próprias forças, juntou as mãos e as lágrimas lhe correram mais abundantes. O confessor deu-lhe o Viático e depois a extrema-unção. “Recebeu-os, diz o P. Beau, com a fé e a piedade habituais”. No quarto, por causa da fumaça, os sacerdotes tiveram que apagar as tochas.

Depois desta emocionante cerimônia, ficou cuidando dele o P. Estevão Dubouis, de Fareins.

”Senhor Cura, disse-lhe o velho colega, V. Revma. está com Nosso Senhor.

– Sim, meu amigo, respondeu o Santo com um celestial sorriso.

– Hoje, acrescentou o P. Dubouis, celebramos a festa da trasladação das relíquias de Santo Estevão. Este santo, estando ainda na terra, via o céu aberto”.

Então o Cura d’Ars., diz a mesma testemunha, levantou os olhos com uma expressão extraordinária de fé e de felicidade.

Um assunto importante inquietava o burgomestre e aos habitantes de Ars: depois da morte de seu Santo, quem possuiria os seus restos mortais? O último testamento escrito pelo Cura d’Ars “, a 10 de outubro de 1855, estava redigido nestes termos: *Depois de minha morte, deixo o meu corpo à disposição do Sr. Bispo de Belley.*

Qual seria, pois, a vontade de Mons. Larigalerie? Podíamos estar certos de que o prelado não cederia aos pedidos dos moradores de Dardilly, que já várias vezes haviam solicitado de seu santo conterrâneo um legado em seu favor. Acaso seria justo e razoável que aquele, cuja santidade dera a Ars todo seu encanto e sua glória, desaparecesse em corpo e alma?

Por isso, na quarta-feira, 3 de agosto, à uma da tarde, Gilberto Raffin, notário de Trévoux, entrava, com quatro testemunhas, no quarto do Cura d’Ars. “Onde quer V. Revma. ser sepultado?” perguntou-lhe o notário. Escutaram atentamente e o Santo respondeu: “Em Ars... mas meu corpo não vale lá grande coisa... Em seguida Gilberto Raffin redigiu um testamento que o Santo não pode assinar de próprio punho.

No mesmo dia, às três horas, diz o P. Beau, encomendei-lhe a alma em presença

de vários eclesiásticos. Sempre a mesma calma, o mesmo estado de contemplação”, Pouco antes haviam chegado apressadamente das paróquias, onde pregavam, o P. Alfredo Monnin e outro missionário.

A três de agosto, S. Excia. Monsenhor Langalerie, bispo de Belley, se achava em Maximieux; onde faziam os últimos preparativos para a distribuição dos prêmios marcada para o dia seguinte. Foi ali e nas referidas circunstâncias que o prelado soube ser desesperador o estado do Cura d’Ars. Sem hesitar, deixou aquele seminário menor e tomou o caminho d’Ars. “Chegou quase às sete horas da tarde, dirigindo-se logo à casa paroquial; “ofegante, comovido, rezando em voz alta, abriu passagem por entre a multidão ajoelhada”.

O enfermo reconheceu perfeitamente o seu bispo, sorrindo-lhe e se esforçando por lhe agradecer, mas não pode articular palavra. O prelado abraçou-o e lhe disse que ia à igreja pedir por ele. O Santo. tornou a sorrir. “Foi este o único momento daquele dia em que o vi sair da união com Deus”, observa o confessor, que se achava presente.

Às dez horas da noite o Cura d’Ars pareceu chegar ao fim. O P. Toccanier aplicou-lhe a indulgência plenária em artigo de morte. À meia-noite o P. Monnin deu-lhe para beijar o crucifixo de missionário e começou as orações dos agonizantes. Rezava-as lentamente, entrecortando-as com longas pausas... Na quinta-feira, 4 de agosto de 1859, às duas da madrugada, quando o jovem sacerdote acabava de ler com voz trêmula estas palavras: *que os santos anjos de Deus saiam ao teu encontro e te introduzam, na Jerusalém celeste*; enquanto no céu de Ars se desencadeava violenta tempestade, cheia de raios e trovões, São João Maria Batista Vianney, apoiado nos braços do Irmão Jerônimo, “sem agonia entregou sua alma a Deus”. Adormecera como o obreiro que terminara sua jornada. Pedro Oriol teve o consolo de cerrar-lhe os olhos. Contava setenta e três anos, dez meses e vinte e sete dias, e fazia quarenta e um anos, cinco meses e vinte e três dias que era Cura de Ars.

Às quatro da manhã o P. Beau foi à igreja para celebrar o santo sacrifício. O sacristão lhe havia preparado ornamentos pretos. O P. Beau, que durante treze anos fora o confidente íntimo daquela alma, duvidou a princípio se devia por os paramentos de luto, “porque, segundo dizia, a vida do P. Vianney fora a vida própria de um santo e não acreditava que tivesse cometido um pecado venial deliberado”.

Os sinos de Ars dobraram a finados. A paróquia, “que estava na maior desolação”, deu largas ao sofrimento que a oprimia. Todos choravam e diziam: “Morreu o nosso Santo Cura”. “As paróquias vizinhas participaram da nossa dor, diz Marta de Garets: o planger dos sinos lhes anunciou o grande luto. Em Savigneux, Mizérieux, Toussieux, e mesmo em Jassans, ouviu-se dobrar a finados. Antes de o fazer, o pároco de Savigneux julgou-se na obrigação de pedir licença ao *maire* de Bon-Repos. “E é preciso pedir quando se perdeu o Cura d’Ars?”, perguntou ele com vivacidade.

“A notícia da morte se propagou com a rapidez do raio; levou-a o telégrafo a todos os *recantos*”. Imediatamente as multidões se puseram em marcha. A quatro de

agosto pela manhã, Camilo Monnin, notário de Villefranche e irmão do missionário, acorreu à aldeia de Ars.

“O caminho, diz ele, estava apinhado de peregrinos que iam a pé e de carro. Na praça reuniu-se uma imensa multidão. Todos choravam. Igual emoção apoderou-se de mim; atirei-me nos braços de meu irmão, e nossas lágrimas se misturaram”. Naquela manhã, pela primeira vez, depois de muitos anos, ouviu-se o toque do angelus ao sair do sol.

## CAPÍTULO XXXI

### Na Glória

*O desfile diante do corpo do Cura d'Ars – O triunfo dos funerais – Os primeiros pedidos de relíquias – O túmulo glorioso – O Processo de Beatificação – Os dois milagres estudados por Roma – A alegre aprovação de Pio X – Os festejos da Beatificação na Basílica de São Pedro em Roma – Amor por amor – Na aldeia de Ars – As supremas honras: a Canonização.*

Assim que o Cura d'Ars exalou o último suspiro, todos rodearam o seu pobre cadáver.

Manifestara o Santo ser de sua vontade que não o despissem depois de morto. Temia que fossem descobrir os sinais de suas horríveis macerações. Prescindiram desse desejo, e com uma ternura indizível, os missionários e os Irmãos puderam contemplar aquela venerável relíquia, aqueles membros santificados, verdadeira “imagem da extenuação humana levada ao último grau”.

Às cinco da manhã, revestido de batina, roquete e estola pastoral, o corpo do Cura d'Ars foi exposto numa sala do andar térreo. “Seu rosto estava tranqüilo e sereno, como se estivesse vivo”. Começou então diante dos santos despojos um interminável desfile que durou, sem interrupção, quarenta e oito horas. Nos arredores da casa paroquial foi organizado um serviço de ordem pública. O conde de Garets teve de apelar para a polícia, a fim de conter a multidão. Todos queriam passar diante do servo de Deus, que dormia o sono da morte, para verem o semblante de um pai, de um amigo, de um consolador, de um pároco... Aos visitantes que entravam em pequenos grupos não lhes era permitido permanecer na sala mais que o tempo empregado para rezar um *Pai-Nosso* e uma *Ave-Maria*. Dois irmãos e dois alunos do pensionato, de pé junto ao cadáver, não cessaram durante dois dias de tocar a preciosa relíquia, com objetos de piedade. “Todos os estabelecimentos de Ars, diz Marta Miard, ficaram vazios; as mulheres, sem mesmo terem o tempo suficiente para pagar, levaram atropeladamente de minha casa estampas, cruzes, rosários e medalhas”.

Apesar de o Sr. Raffin, notário de Trévoux, cuidar da casa paroquial (e de todos os departamentos da mesma) cometeram-se contudo piedosos furtos. Alguns audazes peregrinos usaram de manha para conseguir preciosas recordações... Chegaram a se introduzir clandestinamente no primeiro andar e tentaram penetrar no quarto do Santo. Forçaram de tal modo a porta que teriam entrado se os guardas não tivessem impedido... Os três sabugueiros do pátio ficaram desfolhados.

O desfile dos visitantes não se interrompeu senão depois da meia hora da tarde, do dia 4 de agosto. Quando o sol estava mais quente, tiraram o corpo do seu leito de

honra, adornado de flores e folhagens, e pela primeira vez um fotógrafo conseguiu fotografar o Cura d'Ars. As exéquias foram marcadas para o sábado, dia 6 de agosto. Na véspera à tarde, foi tal a afluência de peregrinos, que chegaram a faltar os víveres; muitos não encontraram onde se alojar e passaram a noite ao relento. Às, oito horas, formou-se uma imensa comitiva de uns trezentos sacerdotes e religiosos e mais de seis mil fiéis. O ataúde não fora fechado e o Santo estava descoberto. "Ao tirar o corpo, conta Alfredo Monnin, produziu-se na multidão o mesmo movimento irresistível que a presença do servo de Deus excitava em vida... Todos queriam aproximar-se do féretro para contemplar pela última vez o rosto do Cura d'Ars. Finalmente a comitiva se pôs em marcha e São João Maria Batista Vianney percorreu em procissão sua querida aldeia.

Não era uma manifestação de luto, mas sim de triunfo. Atrás das meninas vestidas de branco, ia o pesado ataúde de chumbo e carvalho, levado alternadamente pelos sacerdotes, pelos irmãos da Sagrada Família e depois pelos jovens de Ars. À sua passagem as pessoas, que formavam fileiras de ambos os lados, caíam de joelhos como para receber a última benção. Lágrimas silenciosas brotavam dos olhos de todos. Entre a multidão havia alguns indiferentes. Um deles, conta o Irmão Jerônimo, sentiu-se tão comovido ante aquele espetáculo que não pôde deixar de exclamar. "Oh! sim, era um santo!" e sua alma ficou completamente mudada... Ao longe, de vez em quando, ouvia-se o badalar dos sinos das paróquias vizinhas.

O cortejo se deteve na praça; o corpo foi colocado ao pé da cruz que fica no meio da mesma. Mons. Larigalerie, que presidiu ao enterro, proferiu a oração fúnebre sobre o servo de Deus. Foi o primeiro panegírico pronunciado em sua honra, e nenhum depois desse foi mais comovente, nem talvez mais eloqüente. Foi a canonização antecipada:

– "*Vem! servo bom e fiel, começa o bispo, entra no gozo do teu Senhor*". E continua: "Silêncio, meus irmãos. Escutai bem, piedosos fiéis, a quem o respeito e a dor trouxeram em tão grande número para esta tão imponente cerimônia. Quero repetir estas palavras de Nosso Senhor, escritas no Evangelho. Dizei-me, há algum entre vós que não crê tê-las ouvido da boca do mesmo Deus, no momento em que a alma do nosso santo Cura se separou do corpo, consumido durante tanto tempo no serviço do Divino Mestre?... Meditemos, meus irmãos, por alguns instantes estas palavras tão doces e tão encantadoras. Elas hão de ser neste momento a nossa esperança. Além disso, encerram um saudoso aviso em nome daquele que já não nos falará mais, a não ser com os exemplos de sua vida e provavelmente com as maravilhas de sua sepultura".

Depois, comentando o texto do sermão, o bispo de Belley delineou em largos traços um quadro da vida sobre-humana do Cura d'Ars – "maravilha do poder de Deus".

– Quantos anos haverá, quantos séculos talvez, que não se tem visto uma vida sacerdotal semelhante a esta, tão frutuosa, tão santa, tão constantemente ocupada, consagrada e consumida no serviço de Deus!... Não é possível substituir o Cura d'Ars: o próprio Deus, por interesse de sua glória, não quer multiplicar estes prodígios.

de graça e santidade. A França toda perdeu um sacerdote que era sua honra e a quem vinham visitar e consultar de todas as províncias...

"Vem servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor; isto é: terminaste a tua jornada, muito trabalhaste; vem, eis aqui a tua recompensa e o prêmio de teus trabalhos... E sabe bem, querido e venerado Cura, que o dia mais feliz e mais desejado do nosso episcopado será aquele em que a voz infalível da Igreja nos permitir de te aclamar solenemente e de cantar em tua honra: *Vem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor*.

Terminado este discurso, o corpo foi conduzido à igreja, onde somente entraram as autoridades, o clero e a família do defunto. A polícia de Trévoux, de pé junto à porta, a custo continha a multidão. Sem dúvida, nenhum ruído se ouvia entre aquela gente apinhada na escadaria e na estreita rua. Durante a missa de *corpo presente*, celebrada pelo cônego Guillemin, vigário geral de Belley, um silêncio religioso envolvia a aldeia enlutada, convertida toda ela num templo. Ao ouvir os sinais da campainha o povo ora se levantava, ora se ajoelhava.

Depois do responsório, entoado por S. Excia. Monsenhor Langalerie, o caixão foi depositado na capela de S. João Batista, diante do confessionário, agora vazio, em que o servo de Deus absolvera e confortara tantas almas! Durante o tempo em que o esquife permaneceu ali, foi velado dia e noite pelos paroquianos. A 14 de agosto o corpo foi depositado numa sepultura aberta no centro da nave. Sobre ela colocou-se uma lápide de mármore preto, em que se gravaram em forma de cruz um cálice e esta simples inscrição: **AQUI JAZ JOÃO MARIA BATISTA VIANNEY, CURA D'ARS.**

Os restos mortais, do servo de Deus descansaram ali por espaço de cinquenta anos, ou seja, de 1859 a 1904.

Entretanto, os pedidos de relíquias já começaram a afluir. A 4 de agosto, graças ao telégrafo, Dardilly soube da morte do Cura d'Ars. No dia seguinte a superiora do pensionato de Nossa Senhora dos Anjos, fundado naquela paróquia pelas irmãs de S. José, escrevia ao bispo de Belley, pedindo-lhe o cálice do Santo. Poucos dias depois, Monsenhor Langalerie comunicava ao burgomestre de Ars uma petição dos habitantes de Dardilly, autorizada pela assinatura do cardeal-arcebispo de Lião. A terra natal do Cura d'Ars, já que não conseguira o corpo, queria possuir ao menos o seu coração, o que o conde de Garets negou redondamente. "No dia dos funerais, ele respondia ao bispo de Belley: já disse aos habitantes daquela paróquia que mais tarde, quando for possível a exumação do corpo, terão uma relíquia importante; eles deviam contentar-se com essa promessa e não repetir o pedido que, nas atuais circunstâncias, é inconveniente e não parece inspirado por uma verdadeira devoção. Como velho amigo do santo sacerdote, como burgomestre de Ars, sempre me oporei a semelhante violação de sua vontade e de sua sepultura".

Começava uma nova *peregrinação*. A voz do povo, que então era na verdade a voz de Deus, havia proclamado a santidade do Cura d'Ars. Desde então acudiram à igreja para honrá-lo e rezar junto à sua sepultura. Fôra esta cercada por uma grade de ferro, que logo foi coberta de flores e coroas, servindo também de suporte para os cí-

rios. Mas, sem tardança, os missionários, encarregados do serviço da igreja, fizeram desaparecer tais sinais de devoção e até a própria grade. Era necessário desviar daquele lugar toda a sombra de culto prematuro. No bispado de Belley já se dava a beatificação como certa e ninguém tinha direito a se adiantar à voz oficial da Igreja. Podia contudo cada um invocar particularmente o Cura d' Ars. Todos os dias chegavam numerosos peregrinos, os quais logo se iam prostrar sobre a lápide que cobria os veneráveis restos. Um deles foi o Cardeal Villecourt, que, com toda a majestade que lhe davam a púrpura e a branca cabeleira, inclinou-se até o chão para beijar aquela pedra venerável.



Durante esse tempo, a autoridade diocesana não permanecia inativa: A ela incumbia o grave e sublime dever de comprovar autenticamente a santidade do Cura d' Ars. A 21 de novembro de 1862, Mons. Langalerie, com grande alegria de todos os fiéis, instituiu um tribunal eclesiástico, cujo fim era inquirir sobre a vida e as virtudes, os milagres e os escritos do servo de Deus. Então começou o chamado *Processo Ordinário*, durante o qual se celebraram duzentas sessões e se recolheram as declarações de sessenta e seis testemunhas. Encerrou-se este processo no dia 6 de março de 1865.

Alguns dias mais tarde, Mons. Langalerie levou a Roma a cópia autêntica – 1674 páginas, in-fólio – e a entregou à Sagrada Congregação dos Ritos. Não tinha passado o mês de março, quando Sua Santidade Pio IX nomeou Relator da causa de Ars o Cardeal Villecourt, residente em Roma e autorizou o Cardeal Patrizi, Prefeito dos Ritos, a abrir os infólios franceses e mandá-los traduzir para o italiano. Ao mesmo tempo, eram designados os censores para examinar os escritos do Cura d' Ars.

Depois do *Processo Ordinário* – relação preparatória destinada a informar a S. Sé sobre esta pergunta: há motivos ou não para se introduzir a Causa de Ars? – seguiu-se o *Processo Apostólico*. É costume deixar que se passem dez anos entre ambos os processos. Por um decreto de 6 de fevereiro de 1866, Pio IX revogou tal disposição: o piedoso e grande pontífice, conhecedor da reputação do Cura d' Ars, desejava pessoalmente que a Igreja glorificasse o humilde sacerdote. O Concílio do Vaticano, a guerra franco-prussiana e a invasão de Roma pelas tropas piemontesas retardaram a introdução da Causa. Finalmente, a 3 de outubro de 1872, Sua Santidade assinou com alegria o “mandamento” que abria a data. das sessões decisivas. Por esse único fato, João Batista Vianney era declarado *Venerável*.

Os processos chamados *apostólicos*, confiados sucessivamente aos Monsenhores Richard, Marchal e Soubiranne, todos três bispos de Belley, duraram doze anos, – de 3 de agosto de 1874 a 12 de outubro de 1886. – Compareceram cento e quarenta e sete testemunhas e suas declarações, consignadas em 2886 páginas in-fólio, foram ouvidas em trezentas e onze sessões.

O *Processo Ordinário* e o *Processo Apostólico* foram aprovados pela

Congregação dos Ritos na reunião de 13 de maio de 1890 e, no dia seguinte, a dita sentença foi confirmada por Leão XIII. Este papa, igualmente como Pio IX, tinha em grande estima o Cura d' Ars. “É preciso levar a termo esta Causa, dizia ele em 1889 a Mons. Lugon, o futuro cardeal de Reims, então bispo de Belley. O Cura d' Ars é a glória religiosa de França”. Sua Santidade declarou ao prelado postulador: “Esta causa é uma das mais extraordinárias; é necessário que continue. Quisera ser eu quem beatificasse o P. Vianney”. Deus não lhe quis dar este consolo.

Ao antigo cura de Salzano e Tombolo, a Pio X, eleito papa a 4 de agosto de 1903, quarenta e quatro anos completos depois da morte do servo de Deus, é que estava reservada a dita de poder elevar às honras dos altares o Cura d' Ars. A 26 de janeiro de 1904, Pio X presidia à *Congregação geral* que devia examinar os milagres do venerável Vianney. O tribunal de Belley examinou os dezessete casos de curas, ocorridos depois de sua morte. O advogado da causa, P. Morani, escolheu dois que lhe pareceram suficientes: a cura de Adelaide Joly e de Léon Roussat.

Estas duas maravilhas vale a pena ser narradas. Ouviremos a narração da boca das testemunhas mais próximas. Eis em primeiro lugar a declaração feita a 10 de outubro por Leônidas Joly, irmão da agraciada:

– Nasci em Saint-Claude, a 8 de maio de 1848. Adelaide tem quatro anos menos do que eu. Faz cinco anos que ambos estamos no orfanato dirigido pelas Irmãs de Caridade, na paróquia de São João de Lião.

Todas as manhãs era eu quem vestia a minha irmãzinha. Um dia começou a se queixar de dores no braço esquerdo. Em setembro de 1861 a professora que visitava o nosso trabalho reparou que Adelaide tinha o braço esquerdo apoiado sobre o joelho e que não podia trabalhar. Chamou-a de menina preguiçosa e nós nos pusemos a chorar. Então levaram a menina ao Dr. Berne, primeiro cirurgião da Caridade. Disse que Adelaide tinha um tumor branco, que estava aleijada para toda a vida, e que teria de usar um aparelho. Este não foi necessário; nossas professoras quiseram experimentar outra coisa: fizeram uma novena ao Cura d' Ars e, como estivessem em seu poder uns sapatos velhos que tinham pertencido ao Santo “, tiraram deles uma correia e a puseram no braço de minha irmãzinha.

Passados sete dias, Adelaide me disse: “Leônidas, meu braço já não dói”. E descobrindo-o vi que podia movê-lo com facilidade. Em seguida subi ao quarto de nossa professora para anunciar tão agradável nova. Repreendeu-me por havê-lo feito sem licença. No último dia da novena, a irmã, tirou a atadura do braço e o achou perfeitamente curado. Mexia-o em todos os sentidos e tinha o mesmo aspecto que o outro, sem vestígio de raquitismo. O tumor tinha desaparecido completamente. O Dr. Berne ficou estupefato. Não teve dificuldade em exarar um certificado que foi remetido ao bispo de Belley. Fizemos todos, muito alegres, uma novena de ação de graças e desde então invocamos mais freqüentemente o Cura d' Ars, que curou minha irmãzinha.

Quanto à cura miraculosa de Léon Roussat, seu pai, padeiro de Saint-Laurent-les-Macon (Ain), a narra assim no *Processo de beatificação*:

– Certifico que a 1º de janeiro de 1862, meu filho Léon Roussat, de seis anos e dois meses de idade, foi atacado de crises nervosas, a princípio pouco perigosas, porém, depois cada dia mais graves e freqüentes. Recorremos ao Doutor Carteron, de Macon, que o submeteu sucessivamente a diversos tratamentos contra os vermes intestinais e terminou receitando contra epilepsia.

As prescrições do médico não produziram efeito algum e, como o mal se fosse agravando, minha esposa e eu levamo-lo a Lião para consultar o Doutor Berrier, médico-mor do grande hospital. Prescreveu o uso de águas ferruginosas, tratamento novo e de que muito se esperava.

Por resultado final, vimos com pesar que as crises aumentavam em número e intensidade, de uma maneira alarmante: Léon se debatia em média umas 15 vezes por dia. Voltamos ao Dr. Berrier; nesta segunda visita limitou-se a nos dar alguns conselhos por escrito, acrescentando: “O vosso filho é pequeno; alguns há que ficam curados e outros não. É inútil trazê-lo outra vez...”

Insatisfeitos com tal acolhida, tomamos o caminho de nosso povoado com o coração desolado. Ao passar por Villefranche, que fica perto de Ars, eu disse à minha esposa: “Será preciso levar o nosso Léon a Ars”. De regresso a nossa casa, começamos uma novena em honra do Santo Cura... Mas não fomos ouvidos: não havia chegado a hora da graça. As crises de nosso pequeno eram de uma intensidade e violência tais que se agitava a cada momento. Depois de um dos ataques passou duas horas como morto, inane e gelado. Desde então ficou completamente paralisado e sem poder falar.

Na segunda-feira de Páscoa, quisemos levá-lo a Ars; mas o pároco de Saint-Laurent nos fez desistir: temia o nosso piedoso cura, e com muita razão, que nosso filho morresse durante a viagem.

Finalmente até 10 de maio não tínhamos desistido. O mesmo Padre precisava ir a Ars, onde o bispo de Belley fora benzer a primeira pedra da nova igreja. Partimos com ele; se tivéssemos a infelicidade de perder o nosso filho, estaria ele ao nosso lado para nos auxiliar.

Chegamos quando a cerimônia terminava. Tivemos a felicidade de receber uma bênção de S. Excia. para o nosso querido enfermo. Depois na casa dos missionários o Sr. Cura e minha mulher apresentaram-lhe Léon, a quem se dignou abraçar e novamente abençoar. Recomendou-nos que fizéssemos uma novena ao 'Cura d' Ars, a qual consistia em rezar todos os dias uma dezena do rosário. Sua Excia. teve a bondade de nos prometer que rezaria conosco e nos afirmou que o menino seria curado.

Da casa dos missionários levamos nosso filho à sepultura do Santo. De regresso ao hotel tivemos o consolo de ver o pequeno, até então completamente paráltico, tomar com a mão direita o copo, beber e se entreter com uns fósforos; acendeu-os e atirou-os longe de si.

No trajeto de Ars a Saint-Laurent, onde chegamos muito antes de cair a noite, só

teve duas ligeiras crises. Dormiu tranqüilamente até a manhã. Para vesti-lo tivemos que nos valer das mesmas precauções que antes, pois seus membros ainda estavam paralisados. Minha esposa também foi testemunha dos dois breves ataques.

Por fim, às dez horas sentamo-nos à mesa. Pouco depois, oh! felicidade, Léon me fez sinal para que lhe arredasse a cadeira: de repente salta da mesma e põe-se a correr, completamente curado. Suas palavras, contudo, não eram bem articuladas, mas no fim da novena, graças sejam dadas a Deus, e a seu servo, o Cura d' Ars, foi-lhe restituída a fala.

Desde então sua saúde tem sido admirável; nunca mais, nem por um só momento, esteve indisposto. Testemunha de semelhante prodígio, não posso negar a Deus o meu coração. Sou e espero ser sempre um bom cristão.

No dia 21 de fevereiro de 1904 o Papa Pio X promulgou o decreto pelo qual reconhecia estes dois milagres como autênticos e válidos para a beatificação do venerável João Maria Batista Vianney. Finalmente a 17 de abril, domingo e festa do Bom Pastor, outro decreto pontifício declarava que com toda a seguridade se podia proceder a beatificação solene. “É um Santo”, diziam as multidões quando passava o Cura d' Ars. E na verdade, sua santidade já aparecia tão clara como a luz do sol. A igreja, prudente e judiciosa, não empregou menos de quarenta anos para confirmar tal julgamento. E sua sentença foi conforme com o sentir do povo cristão. A essa nova, a alegria foi muito grande em todo o orbe católico e especialmente para o coração dos bons sacerdotes.

– Nada mais agradável nem mais vantajoso, – dizia Pio X, a 2 de fevereiro, aos membros do clero de Paris – não somente a Nós que, durante tantos anos nos ocupamos de todo o coração no ministério paroquial, mas a todos os párocos do mundo católico, do que ver esse venerável cura circundado com as honras dos bem-aventurados, tanto mais quando a sua glória resplandecerá em todos aqueles que estão consagrados ao ministério das almas.



Enfim, no céu de Roma, despontou a aurora do grande dia. Luzia um sol esplendoroso pela manhã do domingo, 8 de janeiro de 1905, assinalado para a exaltação do humilde Cura d' Ars. Mons. Lucon, bispo de Belley, encarregado de distribuir os cartões de entrada na basílica vaticana, distribuiu uns trinta mil. Na fachada de São Pedro, um painel de Bottoni e de Francisi representava o Cura d' Ars na glória. No vestibulo, sobre a porta principal, um quadro de Capparoni reproduzia uma das cenas das peregrinações de Ars: o servo de Deus atravessando a multidão. No interior a basílica aparecia engalanada de festa. O pavimento e as colunas estavam cobertas de damasco vermelho com franjas de ouro. Na ábside, onde ia ser celebrada a cerimônia, flutuavam dois altos estandartes, dos quais o da direita relembra a cura de Adelaide Joly e o da esquerda representava o interior da igreja de Ars com o menino Léon estendido sobre a sepultura do nosso Beato. Entre o altar da Confissão e a Cátedra

de São Pedro resplandeciam milhares de lâmpadas elétricas, enquanto que através dos cristais da imensa cúpula brilhava o sol de Deus.

Às dez horas desfilou pela basílica a comitiva de cardeais, bispos e gerais de ordens religiosas. Depois vinham os alunos do Pio Seminário, os curas de Roma, que queriam assistir pessoalmente à glorificação de um cura da França, o Clero e o Cabido de São Pedro, precedendo todos ao bispo celebrante, que era Mons. Luçon. O Cardeal Rampola, arcepreste da basílica vaticana, com sua grande capa de púrpura, fechava o cortejo.

Quando, à leitura do Breve da Beatificação, se ouviram estas últimas palavras: *Nós permitimos que, de agora em diante se dê o título de Beato ao venerável servo de Deus, João Maria Vianney*, correu-se a cortina que encobria a *Glória* de Bernini e viu-se, levantada entre as nuvens de bronze que rodeiam, à guisa de auréola, a Cátedra de S. Pedro, o quadro da Apoteose: o Cura d'Ars subindo ao céu, levado pelos anjos.

Todos os sinos da basílica inundaram a Cidade Eterna de sons festivos. Num gesto de espontânea veneração, a multidão prostrou-se de joelhos e de muitos olhos rolaram lágrimas. Mons. Luçon entoou o *Te Deum*, que trinta mil vozes continuaram com religioso entusiasmo. Terminando o hino, o bispo de Belley que viu recompensados naquele momento glorioso tantos trabalhos e tantas fadigas, incensou solenemente as relíquias do beato Vianney, expostas pela primeira vez sobre o altar, e pela primeira vez cantou a oração dirigida pela Igreja a este novo e poderoso protetor. Enfim, começou a missa no altar da cátedra.

Às quatro da tarde, o Papa Pio X prostrou-se diante desse altar para venerar as relíquias do Cura d'Ars. Naquele dia inolvidável, Roma, a Roma papal, Roma, a cabeça e coração da Igreja, mãe das almas, que, adornada com a púrpura santa – o sangue dos mártires – “sobrepõe em beleza todas as belezas deste mundo”, pagava ao bem-aventurado Vianney amor com amor. Roma! Em vida ele não podia ouvir esta palavra sem chorar. Quanto desejara visitá-la e conhecê-la! Com que alegria se teria prostrado aos pés do Sumo Pontífice! “Dentro de alguns dias, dizia-lhe o secretário do Cardeal Pacca, que fez uma viagem a Ars, estarei junto ao Santo Padre. – Oh! se eu pudesse ir com V. Revma.! respondeu-lhe o: homem de Deus, “chorando de santa inveja”. Professava à Roma e as suas doutrinas fervorosa submissão. “Quando se suscitou na França a questão litúrgica, mostrou-se partidário da *liturgia romana*”. Com todas as veras desejava orar em união com o Pai comum dos fiéis, rezando as mesmas orações que ele. Muitas vezes manifestou o desejo de possuir um *breviário romano*... “Na verdade, a 8 de janeiro de 1905, Roma elevou às honras dos altares um dos melhores e mais extremos filhos.

As solenidades vaticanas tiveram eco na aldeia de Ars. Nos dias 2, 3 e 4 de agosto, celebrou-se grandioso tríduo em que tomaram parte três cardeais, quinze bispos e vinte e cinco mil fiéis. Além disso, naquele recanto de Dombes, haviam trabalhado durante 45 anos para a glorificação de seu querido pastor.

Já estava construída a “bela igreja” que o Cura d'Ars apenas entrevira em sonhos.

Para conseguir os recursos necessários, o abnegado P. Toccanier” fez-se esmoler e visitou todas as grandes povoações da França. Uma loteria, cujos prêmios maiores eram o genuflexório e o relógio do Cura d'Ars, rendeu 100.000 francos. No fundo da antiga igreja, Pedro Bossan, em 1862, começou a construção do templo que haveria de abrigar o altar de Santa Filomena. Já a 4 de agosto de 1865, Mons. Langalerie pode consagrar esse altar. Trinta anos mais tarde, sob o episcopado de Mons. Convert, a “bela igreja” estava terminada. Em vão o P. Vianney se esforçava em vida para ocultar a sua glória sob a sombra da “querida santinha”. Hoje a basílica de Ars é um hino de pedra em que se unem os nomes de João Maria Vianney e de Santa Filomena. Bossan, em seu plano primitivo, não previra o cruzeiro transversal. O Sr. Saint-Marie levantou-o em honra do Santo Cura d'Ars. Aí repousa agora o corpo do servo de Deus.

A urna de bronze dourada que o guarda é donativo do clero da França. Adornada de flores de lis e de rosas, é de peregrina beleza. Está encimada por uma imagem de Santa Filomena. Nos quatro ângulos, erguem-se as ascéticas figuras de S. João Batista, de S. Francisco Regis, de S. Francisco de Assis e de São Bento Labre. Através do cristal do relicário, vê-se o que ficou do Cura d'Ars aqui na terra.

Ao se aproximar a beatificação – 17 de junho de 1904 – foi tirado da tumba o corpo do venerável Vianney. Viu-se com agradável surpresa que os membros se conservavam intactos. A pele estava enegrecida e as carnes murchas, mas incorruptas. O rosto, entretanto, apesar de bem reconhecível, experimentara, contudo, um pouco a destruição da morte. Com grande alegria verificaram que o seu coração se achava intacto; e puderam conservar à parte tão preciosa relíquia.

Os sagrados despojos foram envoltos em faixas e depois revestidos com ricos ornamentos: uma túnica de seda branca, uma batina de seda preta, um roquete de ricos bordados e uma estola com flores de lis e rosas bordadas a ouro. Nos dedos enegrecidos foi entrelaçado um rosário de jaspe e o rosto coberto com uma máscara de cera, reproduzindo as feições do servo de Deus. A 2 de abril de 1905, ao ser apresentada aos anciãos de Ars que haviam conhecido o P. Vianney, a relíquia do seu corpo tal como hoje aparece aos olhos dos peregrinos, todos exclamaram com lágrimas: “Ah! É ele mesmo!”

O relicário descansa num altar de mármore, sob um baldaquim de pedra lavrada, sustentado por colunas de cipolina.

Também está enquadrado por dois grandes frescos, saídos do pincel de Paulo Boret.

❧

Um florão, o mais belo talvez, faltava aqui na terra a gloriosa coroa do Cura d'Ars. A Igreja, com beatificá-lo, havia-o elevado aos altares, mas ele somente tinha direito a um culto privado que quase não podia passar os limites da França. Por um decreto de 12 de abril de 1905, Pio X declarou-o “Patrono de todos os sacerdotes que

têm cura de almas na França e nos territórios de seu domínio”. Mas não seria necessário que este incomparável sacerdote fosse proclamado protetor e modelo de todos os sacerdotes do mundo?” Somente as honras da canonização poderiam conferir-lhe este magnífico privilégio.

Depois das grandes solenidades de Roma e de Ars, o bispo de Belley não permaneceu inativo. Nem mesmo a própria guerra pode deter os trabalhos. da *Causa*. Em 1916, sob o episcopado de Mons. Manier e o pontificado de Bento XV, foram examinados os dois milagres exigidos para a canonização do bem-aventurado Vianney. Como prova de sua santidade, admitiram-se as curas de Soror Eugênia e de Matilde Rougeol. Soror Eugênia, religiosa de Saint-Charles, desde o princípio de 1905 estava atacada de umas varizes que dentro em breve começaram a sangrar, produzindo uma úlcera de 6 centímetros de comprimento e 5 de largura, terminando por imobilizar completamente a pobre irmã.

Em agosto do mesmo ano, uns paroquianos de Ronno (Ródano), onde Soror Eugênia vivia em obediência, falaram-lhe em ir a Ars em peregrinação. A pobre enferma suplicou que a conduzissem à aldeia do Santo Cura... levada à igreja numa cadeira e posta sobre a tumba onde havia repousado o corpo do Cura d' Ars, esteve ali mais de uma hora. “Meu Pai, dizia ela na sua ingênua linguagem, estou encarregada da cozinha da comunidade. É preciso que amanhã, possa trabalhar!” De repente sentiu-se curada. Levantou-se e foi sozinha até ao hotel onde se hospedavam os peregrinos de Ronno... No dia seguinte Soror Eugênia recomeçou as suas funções de cozinheira.

Matilde Rougeol, nascida em Villers-la-Faye (Cote d'Or), a 23 de setembro de 1878, na idade de 28 anos, em consequência de uma gripe, foi atacada de uma laringite tuberculosa. Perdeu completamente a voz e, sabendo que o seu mal era incurável, tinha deixado de consultar os médicos, quando em julho de 1910 tomou parte numa peregrinação a Lourdes, presidida por Mons. Dadolle, bispo de Dijon. A Virgem de Massabielle não a quis curar. Os peregrinos, ao regressarem de Lourdes, haveriam de se demorar em Ars. A senhorita Rougeol pôs a sua confiança no bem-aventurado Vianney. Mons. Dadolle, ao pregar na igreja, pediu ao bem-aventurado Cura que fizesse os milagres exigidos para a sua canonização. Antes de os peregrinos partirem, reuniram-se novamente diante do altar para beijar a relíquia do coração. Matilde, ao beijá-la, disse interiormente: “Se vós quiserdes, podeis curar-me”. Voltando ao seu lugar, experimentou cantar. Oh! maravilha! Sua voz, perdida há quatro anos, ressoa clara como outrora, lançando às abóbadas da basílica o cântico tão popular:

É nosso Santo, nossa glória e nossa honra.

O Cura d' Ars que aqui se aclama.

A cura foi repentina e completa... Com voz clara e bem timbrada Matilde Rougeol fez sucessivamente os dois depoimentos, a 14 de outubro de 1916 um e o outro a 16 de setembro de 1920, perante o tribunal eclesiástico encarregado da *Causa* de Ars.

A 1º de novembro de 1924, no Vaticano, em presença de Sua Santidade Pio XI,

fez-se a leitura do decreto pelo qual se aprovavam os dois novos milagres atribuídos ao Cura d' Ars.

No domingo, 28 de setembro, foi lido diante do Papa o decreto *de tuto*, que permitia a canonização do bem-aventurado Vianney. E a 31 de maio de 1925, festa de Pentecostes, o humilde sacerdote, por “cujas virtudes e milagres a França tem brilhado aos olhos de outras nações. com incomparável esplendor”, recebia as honras supremas.

Foi uma festa mais do céu que da terra. Quinze dias antes, no domingo de 17 de maio, Roma havia exaltado Santa Teresinha do Menino Jesus. Para festejar a “Rainhazinha”, haviam ornamentado S. Pedro com uma suntuosidade inaudita.

A angélica virgem de Lisieux emprestou, por assim dizer, suas galas ao “pobre Cura d' Ars”: glórias do mesmo século e da mesma pátria; foram ambos envolvidos em igual triunfo. Em todas as colunas de mármore, imensas colgaduras de damasco vermelho com franjas douradas; no pedestal das estátuas, grinaldas de louro: a gigantesca cúpula, resplandecente de luz, de júbilo e de glória.

Enorme multidão de gente, de todos os países e de todas. as línguas – era um novo Pentecostes – mas em que predominava o idioma, da “doce França”, enchia, por completo, o edifício. Rodeavam o Soberano Pontífice trinta e cinco cardeais e duzentos bispos. Reboaram entusiásticas aclamações ao avançar a bandeira do bem-aventurado Vianney, sob as abóbadas cintilantes da basílica. E, cerca das dez horas e meia, quando Pio XI, como Chefe da Igreja e Doutor infalível, pronunciou, com a sua bela voz, grave e amplificada pelos alto-falantes, a fórmula do ritual: *Declaramos Santo e escrevemos no catálogo dos Santos o bem-aventurado João Maria Vianney*, de todos os lados irromperam aplausos delirantes; ressoaram as trombetas de prata; os sinos de São Pedro de Roma e em seguida todos os carrilhões da cidade repicaram festivamente.. Todos os corações, transbordavam de vibrante alegria.

À noite, houve na praça de S. Pedro uma nova apoteose. A cúpula gigantesca, erguida pelo gênio de Miguel Ângelo, a fachada da basílica, a colonata de Bernini e até o próprio obelisco, brilhavam maravilhosamente na noite semeada de estrelas. Uma multidão imensa desfilou diante do Vaticano para admirar aquele espetáculo único no mundo e que a Roma atual tão pouco havia visto. Seria isso bastante para agradecer a Deus por haver dado à Igreja um sacerdote que apareceu em terras de França como fogo ardente, como uma luz inextinguível?

## Notas Bibliográficas

Eis a primeira *Vida* do Cura d' Ars escrita conforme os documentos do *Processo de beatificação e de canonização*. Graças à gentileza do Mons. Manier, bispo de Belley, a quem nos sentimos felizes em apresentar mais uma vez, no começo deste livro, a nossa profunda gratidão, pudemos dispor, para o nosso trabalho, não somente do *Processo informativo* ou *Processo Ordinário* empreendido e dirigido pela Autoridade Diocesana, de 1862 a 1865, mas ainda dos três *Processos Apostólicos* sucessivos, instruídos de 1874 a 1886, por ordem e sob a vigilância da S. Sé.<sup>1</sup>

Os testemunhos da *Causa d' Ars* já então ofereciam ao historiador uma documentação de primeira ordem, que por si só teria bastado para dar a conhecer, no seu justo valor, a admirável e atraente figura de S. João Batista Maria Vianney. A *Causa d' Ars* é uma fonte riquíssima de fatos com as melhores garantias de autenticidade e veracidade. Esses fatos foram coligidos por juízes competentes, mediante depoimentos das pessoas que melhor conheceram o Cura d' Ars - sua irmã Margarida, os companheiros de infância, condiscípulos de seminário, paroquianos, colegas de sacerdócio, e os auxiliares de seus heróicos trabalhos... - Testemunhas sérias e dignas de fé, a quem não cegavam a paixão e o interesse; almas profundamente crentes e comprometidas por solene juramento prestado sobre os Evangelhos.<sup>2</sup> Tais testemunhas não tiveram que esperar 20 ou 30 anos para poderem falar. A grande vantagem da *Causa d' Ars* está justamente em ter começado logo após a morte do P. Vianney. A lenda, que mui freqüentemente costuma prejudicar a História, não teve tempo para transformar e disfigurar os fatos ainda bem nítidos nas memórias.

Além dos cinco volumes in-folio do *Processo* pudemos consultar, com toda a liberdade, graças à bondade de Mons. Hipólito Convert, 4º sucessor do santo na Paróquia de Ars<sup>3</sup>, numerosos manuscritos, conservados no arquivo paroquial.

1) Três redações sucessivas da *Pequena memória sobre o P. Vianney*, escrita pela senhorita Catarina Lassagne, de Ars, uma de 1839 a 1855, outra de 1860 e a última de 1862 a 1867.

2) As *Notas* (sem data) recolhidas pelo P. Renard, natural de Ars.

3) Um *Diário* redigido em 1855 pelo P. Toccanier, futuro sucessor do Cura d' Ars e então seu auxiliar.

4) Uma *Vida fragmentada do Cura d' Ars* (193 páginas in-folio) devida ao P. Raymond, que foi oficialmente seu coadjutor de 1845 a 1853.

5) A coleção de numerosos inquéritos organizados pelo Cônego Ball (2º sucessor do Santo no curato de Ars), versando sobre os *feitos de intuição* atribuídos ao P. Vianney.

6) Dois cadernos de *Notas*, onde Mons. Convert anotou de 1889 a 1924 as tradições orais de velhos moradores de Ars, que haviam sido paroquianos do P. Vianney.

7) Três *Memórias sobre o P. Vianney, Cura d'Ars* (Ain) 1848-1855, devidas à pena não muito culta, mas sincera, de um agricultor de Cousanse (Jura), João Cláudio Viret.

8) *Notícia sobre o P. Balley, cura de Ecully e primeiro professor de João M. Vianney*, escrita pelo P. Michy, então cura de Jol (Puy-de-Dôme) e depois diretor da *Croix de Clermont*.

9) *Notícia histórica sobre a Providência de Ars, obra do beato Vianney*, pelo Cônego Béréziat, capelão da casa matriz das Irmãs de S. José de Bourg.

10) *Notas sobre a permanência de J. M. Vianney em Noës* (Loire) coligidas conforme as informações dos antigos daquela paróquia por dois párocos sucessivos, P. P. Perret e Monnin-Veyret.

11) Numerosa *Correspondência* autógrafo (umas 60 cartas), assinadas pelo próprio Cura d'Ars, pelo visconde de Ars, pela senhorita Próspero de Garets, de Ars, pelo P. Toccanier, etc.

Procuramos documentação também nos *Arquivos Nacionais e Municipais* de Trévoux, e nos do arcebispado de Lião e bispado de Belley.

Consultamos, outrossim, uma série de *Memórias, Relações e Cartas*, referentes aos acontecimentos extraordinários, ocorridos com o Cura d'Ars; numerosos documentos de caráter material e administrativo, tais como os *registros paroquiais* e os *Registros municipais* de Ars; os *Livros de contas* da senhorita Ana Colomba de Garets; a coleção completa dos *orçamentos, contas e recibos* provenientes dos trabalhos da igreja d'Ars...

A nossa preocupação constante de remontar às fontes, ao escrever esta história, não nos fez negligenciar o estudo dos livros que poderiam ser úteis ao nosso trabalho.

Consultamos especialmente a coleção dos *Sermões* do P. Vianney, a coleção dos *Anais de Ars* e as biografias do santo Cura.

Os *anais de Ars* começaram a aparecer em junho de 1900. Esta modesta revista mensal - além de alguns documentos conservados nos arquivos paroquiais, de várias narrações relativas à vida de João Maria Vianney e dos panegíricos pronunciados todos os anos, no dia 4 de agosto, aniversário de sua morte e festa litúrgica - publicou, a princípio sob o anonimato, interessantes monografias, que, reunidas depois em volume, revelaram finalmente o nome do venerável autor - Mons. Convert. Merecem citação: *O bem-aventurado cura d'Ars e Meditações eucarísticas tiradas dos escritos do bem-aventurado Cura d'Ars* (1921), *Nossa Senhora de Ars, Meditações sobre a SS. Virgem tiradas dos escritos do bem-aventurado Cura d'Ars* (1922), *O bem-aventurado Cura d'Ars e a família; o bem-aventurado Cura d'Ars e os dons do Espírito Santo* (1923).<sup>4</sup>

Das diversas biografias do nosso santo, aparecidas até hoje, duas apenas merecem seriamente a nossa atenção:

1º *O Cura d'Ars, vida de João Batista Maria Vianney*, pelo P. Alfredo Monnin, missionário (2 V. in-8º, Paris, Douniol, 1861; é unicamente a essa primeira edição que

se referem as nossas citações).

2º *O bem-aventurado Cura d'Ars* (1786-1859), por José Vianney, Paris, Lecoffre, 1905.

As outras biografias, obras de vulgarização ou de pura edificação que podem ter o seu mérito, nada apresentam de verdadeiramente novo que não se encontre nos trabalhos já citados. As que saíram à luz em vida do Santo e que apesar dos seus reiterados protestos foram divulgadas são, em muitas de suas páginas, obras de grande fantasia.<sup>5</sup>

A biografia escrita pelo P. Monnin alcançou numerosas edições. Para os leitores católicos é tido como o livro mais completo que até hoje se publicou sobre Cura d'Ars. Impressiona com razão pelo fato de ter o P. Monnin conhecido pessoalmente o P. Vianney. Foi em 1855 que travou relações com o servo de Deus. "Antes daquele ano, disse ele mesmo, fui duas vezes a Ars por mera curiosidade. Vi o P. Vianney, mas sem lhe poder falar. Missionário da diocese (de Belley), tive ocasião, mais tarde, de viver na companhia dele dois ou três meses por ano. Isso aconteceu por espaço de cinco anos".

Assim é que o P. Monnin conheceu o P. Vianney, no tempo em que o ministério das confissões lhe absorvia todo o dia; entretanto, quase cada noite teve a grande dita, juntamente com outros sacerdotes, de acompanhá-lo à casa paroquial. Desse modo foi-lhe fácil recolher dados preciosos. Sabemos, por outro lado, que tomou e fez tomar anotações sobre aquele varão tão extraordinário.

Seja o que for da obra e da crítica que dela se possa fazer, o autor alcançou o fim edificativo que se propôs e com muita felicidade.

O grande mérito do P. Monnin consiste em ter tornado eminentemente conhecida a vida tão atraente do Cura d'Ars.

O sr. Vianney, com um método diferente, teve em vista o mesmo fim. A coleção chamada *Os Santos*, da qual faz parte o seu belo trabalho, é antes de tudo uma obra de vulgarização. O sr. Vianney não andou em busca do inédito. Por outro lado, em vista do espaço restrito a que se obrigou, teve que passar rapidamente por sobre acontecimentos de importância, mesmo sacrificar certos episódios da vida de seu herói.

A nossa documentação nos permitiu precisar nitidamente, conforme cremos, alguns pontos da história que até hoje permaneciam na obscuridade ou no esquecimento - Mormente a permanência de J. M. Vianney em Noës, de 1809 a 1811; a sua estada no seminário maior de Lião de 1813-1814; as calúnias de que foi vítima nos primeiros anos de apostolado; a transformação moral da paróquia, fundação e o malogro da *Providência de Ars*; as contradições que o jovem sacerdote teve que sofrer da parte de alguns colegas; o incidente de la Salette; a *fuga* para a "Trapa" de Neylière: os grandes feitos místicos; a última enfermidade e morte.

# Índice

Duas palavras .....	07
---------------------	----

## PARTE I

### OS ANOS DE PREPARAÇÃO (1786-1818)

<b>Capítulo I</b>	
Os primeiros anos (1786-1793) .....	11
<b>Capítulo II</b>	
Um pastorzinho durante o terror (1793-1794) .....	17
<b>Capítulo III</b>	
A escola, a primeira confissão, a primeira comunhão (1794-1799) .....	25
<b>Capítulo IV</b>	
Trabalhos do campo (1799-1805) .....	29
<b>Capítulo V</b>	
Uma vocação tardia (1805-1809) .....	37
<b>Capítulo VI</b>	
O refratário de Noës (1809-1811) .....	43
<b>Capítulo VII</b>	
O curso de filosofia em Verrières (1812-1813) .....	55
<b>Capítulo VIII</b>	
No Seminário de Lião (1813-1814) .....	61
<b>Capítulo IX</b>	
Do Subdiaconato ao Sacerdócio (1814-1815) .....	67
<b>Capítulo X</b>	
Coadjutor de Ecully (1815-1818) .....	73

## PARTE II

### O MINISTÉRIO SACERDOTAL EM ARS (1818-1859)

<b>Capítulo I</b>	
A chegada e as primeiras relações .....	83

<b>Capítulo II</b>	
Pela conversão de Ars: I. Orações e penitências .....	93
<b>Capítulo III</b>	
Pela conversão de Ars: II. A guerra contra a ignorância religiosa .....	99
<b>Capítulo IV</b>	
Pela conversão de Ars: III. A luta contra o trabalho nos Domingos, as tabernas e as blasfêmias .....	107
<b>Capítulo V</b>	
Pela conversão de Ars: IV. A luta contra as danças .....	113
<b>Capítulo VI</b>	
Restauração da antiga igreja de Ars .....	123
<b>Capítulo VII</b>	
As grandes provas dos primeiros anos: Calúnias e tentações .....	131
<b>Capítulo VIII</b>	
As conquistas do bem e as obras de Apostolado .....	141
<b>Capítulo IX</b>	
A "Providência" de Ars .....	151
<b>Capítulo X</b>	
"Ars não é mais a mesma!" .....	163
<b>Capítulo XI</b>	
O Cura d'Ars e o demônio .....	177
<b>Capítulo XII</b>	
A peregrinação a Ars: I. As origens de Santa Filomena .....	191
<b>Capítulo XIII</b>	
A peregrinação a Ars: II. As contradições do clero .....	195
<b>Capítulo XIV</b>	
A peregrinação a Ars: III. O Cura d'Ars confessor .....	205
<b>Capítulo XV</b>	
A peregrinação a Ars: IV. O Cura d'Ars diretor de consciências .....	221
<b>Capítulo XVI</b>	
A peregrinação a Ars: V. O diário do Cura d'Ars e sua Vida Interior .....	229
<b>Capítulo XVII</b>	
Ânsias de solidão. Grave enfermidade e a "fuga" de 1843 .....	241

<b>Capítulo XVIII</b>	
Alguns acontecimentos dos últimos anos: I. Supressão do Orfanato. Fundação da escola e do Pensionato dos Irmãos – As missões decenais .....	255
<b>Capítulo XIX</b>	
Alguns acontecimentos dos últimos anos: II. O incidente de la Salette .....	265
<b>Capítulo XX</b>	
Alguns acontecimentos dos últimos anos: III. O Cura d'Ars, cônego de Belley e Cavaleiro da Legião de Honra – A festa de 8 de dezembro de 1854 ...	273
<b>Capítulo XXI</b>	
Alguns acontecimentos dos últimos anos: IV. Para a "Trapa" de Neylière .....	281
<b>Capítulo XXII</b>	
Retrato físico e moral .....	293
<b>Capítulo XXIII</b>	
No cume da santidade: I. Testemunhos .....	309
<b>Capítulo XXIV</b>	
No cume da santidade: II. As virtudes heróicas: humildade, amor à pobreza e aos pobres .....	317
<b>Capítulo XXV</b>	
No cume da santidade: III. As virtudes heróicas: Paciência e mortificação .....	329
<b>Capítulo XXVI</b>	
As intuições e as predições do Cura d'Ars .....	341
<b>Capítulo XXVII</b>	
Os milagres do Cura d'Ars .....	361
<b>Capítulo XXVIII</b>	
Os grandes feitos místicos na vida do Cura d'Ars .....	369
<b>Capítulo XXIX</b>	
O último ano de um santo (1858-1859) .....	383
<b>Capítulo XXX</b>	
Última enfermidade e morte .....	389
<b>Capítulo XXXI</b>	
Na glória .....	397
Notas Bibliográficas .....	409